



A obra do Espírito Santo

Um clássico de
Abraham Kuyper

Com introdução de
Benjamin B. Warfield

*O Espírito Santo
em ação na igreja
e no indivíduo*





A Obra do Espírito Santo

por

Abraham Kuyper, D.D., LL. D.

Professor de Teologia Sistemática na Universidade de Amsterdam
Traduzido do Holandês para o Inglês com Notas Explanatórias pelo
Rev. Henri de Vries
Com uma Introdução

por

Professor Benjamim B. Warfield, D.D., LL. D.
do Seminário Teológico de Princeton

Conteúdo

- [Prefácio do Autor](#)
- [Notas Explicatórias à Edição Americana](#)
- [Nota Introdutória](#)

Volume Um: A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

- Primeiro Capítulo. Introdução.

- I. Tratamento Cuidadoso é Requerido
- II. Dois Pontos de Vista
- III. As Obras Internas e Externas de Deus
- IV. A Obra Distinta do Espírito Santo

- Segundo Capítulo. A Criação.

- V. O Princípio de Vida Na Criatura
- VI. O Pão do Céu e da Terra
- VII. O Homem Criatura
- VIII. Dons e Talentos

- Terceiro Capítulo. Re Criação.

- IX. Criação e Re Criação
- X. Orgânico e Individual
- XI. A Igreja Antes e Depois de Cristo

- Quarto Capítulo. A Sagrada Escritura do Antigo Testamento.

- XII. A Sagrada Escritura
- XIII. A Escritura, uma Necessidade

XIV. A Revelação à Qual a Escritura do Antigo Testamento Deve a Sua Existência

XV. A Revelação do Antigo Testamento por Escrito

XVI. Inspiração

- Quinto Capítulo. A Encarnação do Verbo.

XVII. Como Um de Nós

XVIII. Inocente e Sem Pecado

XIX. O Espírito Santo no Mistério da Encarnação

- Sexto Capítulo. O Mediador.

XX. O Espírito Santo no Mediador

XXI. Não igual para Conosco

XXII. O Espírito Santo na Paixão de Cristo

XXIII. O Espírito Santo no Cristo Glorificado

- Sétimo Capítulo. O Derramar do Espírito Santo

XXIV. O Derramar do Espírito Santo

XXV. O Espírito Santo no Novo Testamento, Diferente que no Antigo.

XXVI. Israel e as Nações

XXVII. Os Sinais do Pentecostes

XXVIII. O Milagre de Línguas

- Oitavo Capítulo. O Apostolado

XXIX. O Apostolado

XXX. As Escrituras Apostólicas

XXXI. Inspiração Apostólica

XXXII. Apóstolos Hoje?

- Nono Capítulo. As Sagradas Escrituras no Novo Testamento

XXXIII. As Sagradas Escrituras no Novo Testamento

XXXIV. A Necessidade da Escritura Néo Testamentária

XXXV. O Caráter da Escrituras Néo Testamentária

- Décimo Capítulo. A Igreja de Cristo

XXXVI. A Igreja de Cristo

XXXVII. Dons Espirituais

XXXVIII. O Ministério da Palavra

XXXIX. O Governo da Igreja

Volume Dois: A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

- Primeiro Capítulo. Introdução

- I. O Homem a ser Moldado
- II. O Operar da Graça no Indivíduo
- III. Análise Necessária
- IV. Imagem e Semelhança
- V. Justiça Original
- VI. Roma, Socino, Armínio, Calvino
- VII. Os Neo-Kohlbruggianos
- VIII. Após A Escritura
- IX. A Imagem de Deus no Homem
- X. Adão Não Inocente, Mas Santo

- Segundo Capítulo. O Pecador a Ser Moldado

- XI. O Pecado: Não Material
- XII. O Pecado: Não Uma Mera Negação
- XIII. O Pecado: Uma Ação Reversa
- XIV. A Nossa Culpa
- XV. A Nossa Justiça
- XVI. A Nossa Morte

- Terceiro Capítulo. Graça Preparatória

- XVII. O Que É?
- XVIII. O Que Não É.

- Quarto Capítulo. Regeneração

- XIX. Terminologia Antiga e Nova
- XX. Seu Curso
- XXI. Regeneração, a Obra de Deus
- XXII. A Obra da Regeneração
- XXIII. Regeneração e Fé
- XXIV. Plantado em Cristo
- XXV. Não Uma Natureza Divina-Humana
- XXVI. A União Mística com Emanuel

- Quinto Capítulo. Chamado e Arrependimento

- XXVII. O Chamado dos Regenerados
- XXVIII. A Vinda dos Chamados
- XXIX. Conversão de Todos Que Vierem

- Sexto Capítulo. Justificação

XXX. Justificação

XXXI. Nossa Condição

XXXII. Justificação desde a Eternidade

XXXIII. Certeza da Nossa Justificação

- Sétimo Capítulo. Fé

XXXIV. Fé em Geral

XXXV. Fé e Conhecimento

XXXVI. Brakel e Comrie

XXXVII. Fé Nas Sagradas Escrituras

XXXVIII. A Faculdade da Fé

XXXIX. Aprendizado Defeituoso

XL. Fé Existe Somente no Pecador Resgatado

XLI. Testemunhos

Volume Três. A Obra do Espírito Santo No Indivíduo (Continuação)

- Primeiro Capítulo. Santificação

I. Santificação

II. Santificação É Um Mistério

III. Santificação E Justificação

IV. Santificação E Justificação (Continuação)

V. Vestimenta Santa, de Tecelagem Própria

VI. Cristo Nossa Santificação

VII. Aplicação Da Santificação

VIII. Santificação em Companhia com Emanuel

IX. Disposições Implantadas

X. Perfeito em Partes, Imperfeito em Graus

XI. O Pietista e O Perfeccionista

XII. O Homem Antigo e O Novo

XIII. A Obra de Deus Na Nossa Obra

XIV. A Pessoa Santificada

XV. Boas Obras

XVI. Auto Negação

- Segundo Capítulo. Amor (*Não foi traduzido*)

XVII. Amor Natural

XVIII. Amor no Ser Triúno de Deus
XIX. A Manifestação de Amor Santo
XX. Deus, O Espírito Santo, O Amor que Mora No Coração
XXI. O Amor Do Espírito Santo Em Nós
XXII. O Amor e O Confortador
XXIII. A Maior Destas É O Amor
XXIV. O Amor Nos Abençoados
XXV. A Comunhão Dos Santos
XXVI. A Comunhão Dos Bens
XXVII. A Comunhão Dos Dons
XXVIII. O Amor Sofredor
XXIX. O Amor No Pacto Antigo
XXX. Organicamente Um
XXXI. A Operação Endurecedora Do Amor
XXXII. O Amor Que Fenece
XXXIII. O Endurecimento Nas Sagradas Escrituras
XXXIV. Endurecimento Temporário
XXXV. O Endurecimento Das Nações
XXXVI. O Amor Apostólico
XXXVII. O Pecado Contra O Espírito Santo
XXXVIII. Cristo Ou Satã
- [Terceiro Capítulo. Oração](#)
XXXIX. A Essência Da Oração
XL. A Oração E A Consciência
XLI. A Oração E Os Não Convertidos
XLII. A Oração Para E Uns Com Os Outros

PREFÁCIO DO AUTOR

São comparativamente poucos os tratados especiais sobre a Pessoa do Espírito Santo; e ainda mais raro é o tratamento sistemático de Suas Obras. Em dogmática, é verdade, este assunto é introduzido, desenvolvido e explicado, mas o tratamento especial é excepcional.

O muito que há escrito sobre Cristo, o pouco existe sobre o Espírito Santo. A obra de John Owen neste assunto é conhecida muito amplamente e ainda não ultrapassada. Na verdade, John Owen escreveu três obras sobre o Espírito Santo; publicadas em 1674, 1682 e 1693. Ele era naturalmente um prolífico teólogo e escritor. Nascido em 1616, morreu com a boa e avançada idade de setenta e cinco anos, em 1691. Desde 1642, quando publicou seu primeiro livro, ele não parou de escrever até a sua morte.

Em 1826 Richard Baynes re-publicou os trabalhos de John Owen, D.D., editados por Thomas Russel, A.M., com as memórias e as anotações da sua vida (vinte e um volumes). Esta edição ainda está no mercado, e oferece um tesouro de teologia sólida e completa.

Além dos trabalhos de Owen, eu menciono os seguintes:

- David Rungius, "Proof of the Eternity and Eternal Godhead of the Holy Spirit," Wittenberg, 1599.
- Seb. Nieman, "On the Holy Spirit," Jena, 1655.
- Joannes Ernest Gerhard, "On the Person of the Holy Spirit," Jena, 1660.
- Theod. Hackspann, "Dissertation on the Holy Spirit," Jena, 1655.
- J. G. Dorsche, "On the Person of the Holy Spirit," Königsberg, 1690.
- Fr. Deutsch, "On the Personality of the Holy Spirit," Leipsic, 1711.
- Gottfr. Olearius (John F. Burgius), "On the Adoration and Worship of the Holy Spirit," Jena, 1727.
- J. F. Buddeuss, "On the Godhead of the Holy Spirit," Jena, 1727.
- J. C. Pfeiffer, "On the Godhead of the Holy Spirit," Jena, 1740.
- G. F. Gude, "On the Martyrs as Witnesses for the Godhead or the Holy Spirit," Leipsic, 1741.

- J. C. Danhauer, "On the Procession of the Holy Spirit from the Father and the Son," Strasburg, 1663.
- J. Senstius, Rostock, 1718, and J. A. Butstett, Wolfenbüttel, 1749.
John Schmid, John Meisner, P. Havercorn, G. Wegner, and C. M. Pfaff.

A Obra do Espírito Santo foi discutida em separado pelos seguintes escritores: Anton ("The Holy Spirit Indispensable"); Carsov ("On the Holy Spirit in Conviction"); Wensdorf ("On the Holy Spirit as a Teacher"); Boerner ("The Anointing of the Holy Spirit"); Neuman ("The Anointing which Teaches All Things"); Fries ("The Office of the Holy Spirit in General"); Weiss ("The Holy Spirit Bringing into Remembrance"); Foertsch ("On the Holy Spirit's Leading of the Children of God"); Hoepfner ("On the Intercession of the Holy Spirit"); Belthelm, Arnold, Gunther, Wendler, e Dummerick ("On the Groaning of the Holy Spirit"); Meen ("On the Adoration of the Holy Spirit"), Henning e Crusius ("On the Earnest of the Holy Spirit").

Os seguintes teólogos Holandeses escreveram sobre o mesmo assunto: Gysbrecht Voetius no seu "Select-Disput" (I., página 466); Sam. Maresius ("Theological Treatise on the Personality and Godhead of the Holy Spirit") na sua "Sylloge-Disput" (I., página 364); Jac. Fruytier ("The Ancient Doctrine Concerning God the Holy Spirit, True, Proven, and Divine"); exposição de João 15:26, 27; Camp. Vitranga, Jr., ("Duæ Disputationes Academicæ de Natione Spiritus Sancti") na sua Opuscula.

Durante o presente século, obras sobre este mesmo assunto podem dificilmente serem comparadas com os estudos de John Owen. Notamos o seguinte: Herder ("Vom Paraclet"); Xachei ("Von der Lästerung wider den Heiligen Geist" - Nürnberg, 1875); E. Guers, ("Le Saint-Esprit, Étude doctrinale et pratique sur Sa Personne et Son Oeuvre" - Toulouse, 1865), A. J. Gordon ("Dispensation of the Spirit").

Esta magra biografia mostra que tratamento sistemático deficiente é dispensado à Pessoa do Espírito Santo. Estudos sobre a Obra do Espírito Santo são ainda mais escassos. É verdade que há várias dissertações sobre partes separadas da Obra do Espírito Santo,

mas ela nunca foi tratada em sua unidade orgânica. Nem mesmo por Guers, que reconhece que seu pequeno livro não merece lugar entre as obras dogmáticas.

Na verdade, Owen ainda não foi ultrapassado, e é portanto muito procurado por bons teólogos, sejam clérigos ou leigos. E todavia a obra prima de Owen não parece fazer um estudo mais aproximado deste tema excedente. Embora como um campeão imbatível contra os Arminianos e Semi-Arminianos da última metade do século dezessete, sua armadura é muito leve para enfrentar os erros doutrinários da atualidade. Por esta razão o autor compromete-se a oferecer ao público Cristão pensante uma exposição da segunda parte deste tema grandioso, numa forma adaptada aos clamores da época e aos erros do presente. Ele não tratou sobre a primeira parte, a Pessoa do Espírito Santo. Este não é um assunto controverso. A Natureza Eterna do Espírito Santo é de fato confessada ou negada, mas os princípios dos quais a confissão ou a negação são resultado necessário são tão divergentes que torna-se impossível um debate entre o que a confessa e o que a nega. Se jamais adentrassem numa arena eles cruzariam suas lanças no ponto referente aos princípios básicos, e debateriam sobre a Origem da Verdade. E somente após o consenso sobre este tema eles poderiam vir a discutir um assunto especial como o do Espírito Santo. Mas até então, discussão como esta, com eles que negam a Revelação, seria quase que um sacrilégio.

Mas é diferente, com a Obra do Espírito Santo. Pois embora Cristãos professos reconheçam esta Obra, e tudo o que ela abrange, e tudo o que dela procede, todavia os vários grupos nos quais eles se dividem representam-na de maneiras muito divergentes. Que diferenças neste ponto, entre Calvinistas e Éticos, Reformados, Kohlbruggianos e Perfeccionistas! As representações dos práticos Sobrenaturalistas, Místicos, e Antinomianos podem dificilmente serem reconhecidas.

Parece-me confuso e impraticável atacar estas opiniões divergentes sobre pontos subordinados. As diferenças nunca deveriam ser discutidas, exceto sistematicamente. Aquele que não tenha primeiro observado, conhecido por completo o campo no qual

o Espírito Santo opera, não pode medir com sucesso qualquer parte dele, para a conquista de um irmão seu e para a glória de Deus.

Daí que, deixando as polêmicas de lado quase que por completo, eu me esforcei para apresentar a Obra do Espírito Santo nas suas relações orgânicas, de modo que o leitor possa ser capaz de pesquisar o território inteiro. E ao pesquisar, quem não se surpreende com as dimensões sempre crescentes da Obra do Espírito Santo em todas as coisas que dizem respeito a Deus e ao homem?

Mesmo que honremos o Pai e creiamos no Filho, quão pouco nós vivemos no Espírito Santo! Algumas vezes até nos parece que para a nossa santificação, somente, o Espírito Santo foi acrescentado acidentalmente à grande obra redentora.

Esta é o motivo pelo qual nossos pensamentos são tão pouco ocupados com o Espírito Santo; por que no ministério da Palavra tão pouca honra Lhe é conferida; por que o povo de Deus, quando dobrado em súplicas perante o Trono de Graça, faz dEle tão pouco o objeto da sua adoração. Você sente, involuntariamente, que da nossa piedade, que já é pouca o bastante, Ele recebe uma porção por demais tímida.

E desde que este é o resultado de uma imperdoável falta de conhecimento e de apreciação da Sua Obra gloriosa em toda a criação, um entusiasmo santo compeliu-me, no poder de Deus, a oferecer aos meus camaradas campeões pela fé que uma vez foi entregue pelos pais, alguma assistência nesse aspecto.

Que o Espírito Santo, cuja Obra divina eu tenho expressado em palavras humanas com língua gaguejante, possa coroar esta empreitada com bênçãos tais que você sinta a Sua Presença invisível mais próxima, e que Ele possa trazer ao seu coração inquieto a mais abundante consolação.

Amsterdan, 10 de Abril de 1888.

Postscript para os leitores Americanos, eu acrescento mais uma observação.

Este trabalho, contém polêmicas ocasionais contra o Metodismo, as quais, para os muitos ministros e membros das igrejas chamadas "Metodistas" podem parecer injustas e desnecessárias. Seja, portanto, claramente declarado que a minha controvérsia com o

Metodismo não é nunca com estas igrejas em particular. O Metodismo com o que eu contendo, prevaleceu até recentemente em quase que todas as igrejas Protestantes como um fruto prejudicial da "Mudança"¹ no início deste século. Metodismo como aqui inferido é idêntico ao que Mr. Heath, no "The Contemporary Review" (Maio, 1898), criticou como totalmente inadequado para colocar o Protestantismo novamente na cabeça do movimento espiritual. (N.T.: o autor utiliza o termo 'réveil', que pode ser traduzido do Francês como 'despertar')

O Metodismo nasceu do declínio espiritual da Igreja Episcopal da Inglaterra e do País de Gales. Ele surgiu como a reação do subjetivo individual e espiritual contra o poder destrutivo do objetivo na comunidade como manifesto na Igreja da Inglaterra. Como tal reação era preciosa e indubitavelmente uma dádiva de Deus, no seu desdobramento teria continuado tão salutar como se tivesse retido sua característica de uma reação predominante.

Deveria (o Metodismo) haver considerado a Igreja como uma comunidade, como um poder objetivo, e neste território objetivo deveria ter vindicado o significado da vida espiritual individual e da confissão subjetiva.

Mas falhou ao fazê-lo. Da vindicação dos direitos subjetivos do indivíduo, passou logo ao antagonismo contra os direitos objetivos da comunidade. Isto resultou dogmaticamente na controvérsia sobre a obra objetiva de Deus, em outras palavras, no Seu decreto e na Sua eleição, e em termos eclesiásticos, em antagonismo contra a obra objetiva do ofício, através da confissão. Deu supremacia ao elemento subjetivo no livre arbítrio do homem e ao elemento individual na decisão 'não congregacional' de conflitos na Igreja. Então, não reteve nenhum outro gol senão a conversão de pecadores individuais; e por esta obra abandonou o orgânico; e somente reteve o método mecânico.

Como tal, (o Metodismo) celebrou no assim chamado "Reveil" (vide parágrafo acima) seu triunfo mais glorioso, e penetrou em praticamente todas igrejas Protestantes, e mesmo na Igreja Episcopal, sob o nome de Evangelicalismo ou "Igrejismo Baixo" (N.T.: "Low Churchism", em Inglês). Como uma segunda reação contra o segundo

declínio das igrejas Protestantes daquela época, este triunfo trouxe, sem dúvida, uma grande bênção.

Mas quando surgiu a necessidade de reduzir esta nova vida espiritual a um princípio definido, sobre o qual construir uma vida Cristã Protestante e em oposição global às filosofias não cristãs e à vida essencialmente mundial e panteísta, e professar estas posições e mantê-las; falhou então miseravelmente. Faltou-lhe princípios conscientes e bem definidos; com o seu individualismo e subjetividade ele não poderia alcançar as questões sociais, e devido à sua completa falta de unidade orgânica não poderia formular uma vida independente e global; sim, permaneceu em todos lugares, como um obstáculo a tais formações.

Por esta razão é absolutamente necessário ensinar claramente as igrejas Protestantes a enxergarem esta sombra escura do Metodismo, enquanto que ao mesmo tempo elas deveriam continuar a estudar o seu precioso significado como reação espiritual.

Daí a minha contenda com o Metodismo e o meu persistente apontar para a necessidade imperativa de vindicar sobre, contra e lado a lado da subjetividade puramente mecânica, os direitos do social orgânico em toda a vida humana; e de satisfazer a necessidade do poder de objetividade na presença de declarações extravagantes de subjetividade. Isto pressiona tudo o mais desde que na teologia Metodista da América a tendência moderna está avançando.

A Obra do Espírito Santo, não pode ser deslocada pela atividade do espírito humano.

Kuyper.

Amsterdã, 12 de Abril de 1899

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)
Belo Horizonte, Janeiro 2003

NOTAS EXPLICATIVAS À EDIÇÃO AMERICANA

O trabalho do Dr. Kuyper sobre o Espírito Santo apareceu primeiramente em prestações semanais, nas edições do "Heraut" (N.T. "The Herald"), sendo depois organizado e publicado na forma de livro, em Amsterdam, em 1888.

Isto explica o objetivo do autor ao escrever o livro; ou seja, a instrução do povo da Holanda. Escrito na linguagem ordinária do povo, ele vai ao encontro das necessidades de ambos, clérigos e leigos.

Contudo, a profundidade de pensamento não foi sacrificada pela simplicidade da oratória. Ao contrário, a última foi somente o instrumento para fazer a primeira lúcida e transparente.

O "Heraut" é um semanário religioso do qual o Dr. Kuyper foi o editor chefe por mais de vinte anos. Publicado às Sextas-feiras, constituía a leitura dominical de uma grande massa. Através das suas colunas, o Dr. Kuyper ensinou novamente o povo da Holanda, tanto na cidade como no campo, os princípios da fé Reformada, e como dar a estes princípios um novo desenvolvimento de conformidade com a moderna consciência da nossa época.

O Dr. Kuyper não é um apologista, mas um "reconstrucionista" consciente e dedicado. Ele fez com que o povo se familiarizasse com os símbolos da fé Reformada, e pela exposição das Escrituras a eles ele manteve e defendeu as posições daqueles símbolos. O seu sucesso nesse aspecto aparece notavelmente na reforma das Igrejas Reformadas em 1886, e no desenvolvimento subsequente de uma energia e atividade maravilhosas na Igreja e no Estado, os quais são produtos do Calvinismo revivido e reconstruído. Sem a labuta e o esforço exaustivo de quarto de século, aquela reforma nunca teria sido possível.

Nas suas reformas religiosa e política, o Dr. Kuyper progrediu desde a convicção pessoal que a salvação da Igreja e do Estado poderia somente ser encontrada num regresso às bases abandonadas da teologia Reformada nacional; mas não para reconstruí-la na sua

forma deteriorada. "Seu espírito corajoso, revigorado, é inteiramente livre de todo tradicionalismo." (Dr. W. Geesink). Ele é um homem da sua época, tanto quanto para a sua época. A nova super estrutura que ele está construindo sobre os alicerces cuidadosamente re-expostos da teologia Reformada, ele tenciona adaptar a todas as necessidades, demandas e problemas do presente. O quanto ele logrou alcançar, somente o tempo dirá.

Desde 1871 ele tem publicado nas colunas do "The Herald" e em seguida na forma de livro os seguinte: "Out of The Word" (Fora da Palavra), estudos Bíblicos em quatro volumes; "The Incarnate Word" (O Verbo Encarnado), "The Work of the Holy Spirit" (A Obra do Espírito Santo), três volumes; e "E Voto Dordraceno", uma explicação do Catecismo de Heidelberg em quatro volumes. Esta última obra é um rico tesouro de teologia firme e completa, dogmática e prática. Ele publicou vários outros tratados que ainda não apareceram na forma de livros. Entre estes podemos especialmente notar "On Common Grace" (Na Graça Comum), o qual, ainda em processo de publicação, é cheio do mais excelente material de leitura. A quantidade dos seus trabalhos totaliza já mais de cento e cinquenta, dos quais uma lista parcial é encontrada em seguida a esta introdução.

As seguintes obras foram traduzidas para o Inglês: "Enciclopédia de Teologia Sacra" (Charles Scribner's Sons, 1898); "Calvinismo e Arte"; "Calvinismo e Nossas Liberdades Constitucionais"; "Panteísmo e Destruição das Fronteiras"; "As Palestras de Rocha".

Para uma melhor compreensão do trabalho, o tradutor roga oferecer as seguintes explicações. "Ethical Irenical", ou simplesmente "Ethical" é o nome de um movimento nos Países Baixos que busca a mediação entre o Racionalismo moderno e a confissão ortodoxa da antiga Igreja Reformada: ele busca restaurar a paz e a tranqüilidade não pelo retorno à ordem original da igreja, nem pela manutenção da antiga Confissão e a remoção dos ministros desviados através de julgamento e deposição (Tratamento Judicial), mas pelo esforçar-se para encontrar um lugar comum para ambas partes. Ele procede da idéia de que aquilo que encontra-se enfermo na Igreja pode e se

restabelecerá: parcialmente por permitir que a enfermidade por si siga seu curso ("Doorzieken")-esquecendo-se que a corrupção na Igreja não é uma enfermidade, mas sim um pecado¹; parcialmente pela difusão liberal do conhecimento Bíblico entre as pessoas (Tratamento Médico).

O Dr. Chantepie de la Saussaye, um discípulo de Schleiermacher, foi o pai espiritual desta teologia Ética. Nascido em 1818, o Dr. De la Saussaye entrou para a Universidade de Leyden em 1836. Insatisfeito com o sobrenaturalismo racional de uma geração anterior, incapaz de adaptar-se à imprecisão e à ambigüidade da assim chamada escola "Groningen", ou de encontrar uma base para o desenvolvimento desta ciência teológica nos tesouros da teologia Calvinista, ele sentiu-se fortemente atraído pela escola de Schelling, e através dele ele veio a estar sob a influência do Panteísmo. Durante os anos do seu pastorado em Leeuwarden (1842 - 1848) e em Leyden até 1872, ele modificou e desenvolveu as idéias de Schleiermacher de uma forma independente. O resultado foi a teologia Ética. Seu pensamento básico pode ser compreendido da seguinte forma:

"Transcendente acima da natureza, Deus é também imanente em natureza. Esta imanência não é meramente física, mas também, no terreno deste, ética. Esta imanência ética manifesta-se na vida moral religiosa, a qual é a real e verdadeira vida do homem. Ela origina-se no mundo pagão, e através de Israel ascende até Cristo, no qual atinge consumação. Entre os pagãos ela manifesta-se especialmente na consciência com os seus dois elementos de temor e de esperança; entre Israel na Lei e na Profecia; e em Cristo na Sua perfeita união com Deus e com a humanidade. Por esta razão Ele é o Verbo por excelência, o Homem Central, no qual tudo o que é humano é realizado. Contudo, enquanto até Cristo ela (a imanência) procedia da circunferência para o centro, após Cristo ela procede em círculos sempre mais amplos, desde o centro para a circunferência. A vida flui de Cristo até na Igreja, a qual, tendo temporariamente se tornado uma instituição para a educação das nações, tornou-se através da Reforma e da Revolução Francesa o que deveria ser, uma Igreja confessional. O seu poder reside não mais na organização eclesiástica, nem em credo e confissão autoritários, mas numa

atividade e influência morais. O Verbo divino na consciência começa a operar e a governar; o Cristianismo está sendo transferido para o domínio moral.

"Contudo, a imanência ética perfeita de Deus é alcançada nesta dispensação; sendo sempre possível, ela pode ser realizada nas eternidades que se sucedem."²

Não é de surpreender que esta teologia, apagando com a sua corrente panteísta as linhas limite entre o Criador e a criatura, devesse estar em contato hostil com a teologia Reformada, a qual mui zelosamente guarda tais fronteiras. Na verdade, ao invés de unir as duas partes existentes num só terreno comum, o movimento Ético acrescentou uma nova parte, que no conflito subsequente era muito mais amarga, arbitrária e tirana que as modernas, e a qual já abandonou as Sagradas Escrituras na forma de Wellhausen e Kuenen.

Em 1872 o Dr. Chantepie de la Saussaye foi nomeado professor de teologia na Universidade de Groningen, substituindo Hofstede de Groot. Ele somente ocupou aquela posição durante treze meses. Adormeceu em 13 de Fevereiro de 1874.

Seu discípulo mais excelente é o altamente dotado Dr. J. H. Gunning, até 1899 professor de teologia na Universidade de Leyden.

O nome do Dr. Köhlbrugge é freqüentemente encontrado nas páginas seguintes. De berço Luterano, graduado do seminário de Amsterdam, um candidato para o ministério Luterano, o Dr. Köhlbrugge familiarizou-se com a teologia Reformada através do estudo dos seus expoentes antecessores. Conhecido e temido como um admirador ardente da doutrina da predestinação, as autoridades da Igreja Luterana e em seguida da Igreja Estatal recusaram a sua admissão ao ministério. Ele deixou a Holanda indo para a Alemanha, onde pela mesma razão foi barrado nos púlpitos das igrejas Reformadas Alemãs. Por fim ele foi chamado ao púlpito da igreja Reformada Livre em Elberfeld, ali estabelecendo-se.

Ele era um teólogo profundo, escritor prolífico, e um zelote pela honra do seu Mestre. Seus numerosos escritos, meio Luteranos, meio Reformados, foram espalhados pela Holanda, pelas províncias do Reno, os condados da Suíça, e mesmo entre as igrejas Reformadas da Boêmia.

Alguns dos seus discípulos caíram no Antinominianismo, e presentemente ocupam púlpitos na Igreja Estatal. Eles são chamados de "Novos Kohlbruggianos". O professor Böhl, de Viena, é o representante erudito dos "Velhos Kohlbruggianos". Ambas escolas, a velha e a nova, opõem-se fortemente ao Calvinismo.

A tradução de "A Obra do Espírito Santo" foi empreendida por indicação do autor, a quem as provas de quase todo o primeiro volume foram submetidas para correção. Estando "massacrado" com trabalho, e estando também inteiramente satisfeito com a tradução tanto quanto ele havia visto, o autor decidiu não atrasar a obra para a leitura dos volumes seguintes, mas sim deixar o trabalho à discrição do tradutor. Uma questão da omissão de material referente às condições locais e às discussões teológicas correntes também foi deixada para o julgamento do tradutor.

Agradecimentos são devidos ao Rev. Thomas Chalmers Straus, A.M., de Peekskill, N.Y., pela valiosa assistência na preparação desta obra para impressão.

O tradutor.

Peekskill, N. Y., 27 de Janeiro de 1900.

A seguir uma lista parcial das obras do Dr. Kuyper:

- "J. Calvini et J. a Lasco: De Ecclesia Sententiarum inter se Compositio Acad. Diss." 1862.
- "Joannis a Lasco: Opera tum Edita quam Inedita." Dois volumes, 1866.
- "Wat moeten wy doen, het stemrecht aan ons zelven houden of den Kerkeeraad machtigen?" (O Que Devemos Fazer: Reter o Direito do Voto ou Autorizar a Assembléia Clerical?) 1867.
- "De Menschwording Gods Hat Levensbeginsel der Kerk." Intreêrede to Utrecht. (A Encarnação de Deus, o Princípio vital da Igreja. Discurso Inaugural em Utrecht.) 1867.
- "Het Graf." Leerrede aan den avond van Goede-Vrydag. (O Sepulcro. Sermão na noite da Sexta Feira da Paixão.) 1869.
- "Zestal Leerredenen." (Seis Sermões.) 1869.
- "De Kerkelyke Goederen." (Propriedade da Igreja.) 1869.
- "Vrymaking der Kerk. (A Emancipação da Igreja.) 1869.

- "Hat Beroep op het Volksgeweten." (Um apelo à Consciência Nacional.) 1869.
- "Eenvormigheid de Vloek van het Moderne Leven." (Univormidade no Curso da Vida Moderna.) 1869.
- "De Schrift het Woord Gods." (Escritura da Palavra de Deus.) 1870.
- "Kerkeraadsprotocollen der Hollandsche Gemeente te London." 1569-1571. (As Minutas da Assembléia Clerical da Igreja Holandesa em Londres.) 1870.
- "De Hollandsche Gemeente te London," 1570-1571. (A igreja Holandesa em Londres.) 1870.
- "Conservatisme en Orthodoxie. Valsche en Ware Behoudzucht." (Conservadorismo e Ortodoxia, a Verdade e o Falso Instinto de Auto Preservação.) 1870.
- Geworteld en Gegronde, de Kerk als Organisme en Institute." (Sólida e Enraizada, a Igreja como Organismo e Instituti.) Inaugural em Amsterdam. 1870.
- "De Leer der Onsterfelykheid en de Staats School." (A Doutrina da Imortalidade e a Escola Estatal.) 1870.
- "Een Perel in cue Verkeerde Schelp." (Uma Pérola na Concha Errada.) 1871.
- "Het Modernisme een Fata Morgana op Christelyk Gebiede" (Modernismo, uma 'Fata Morgana' no Território Cristão.) 1871.
- "De Zending Naar de Schrift." (Missões de Acordo com as Escrituras.) 1871.
- "Tweede Zestal Leerredenen." (Outros Seis Sermões.) 1851.
- "O God Wees My Zondaar Genadig!" Leerrede op den Laatste Dag van Het Jaar; 1870. (Ó Deus Tenha Misericórdia de Mim, Pecador! Sermão na Noite de Ano Novo, 1870.) 1871.
- "De Bartholomeusnacht." (A Noite de Bartolomeu.) 1872.
- "De Sneeuw van den Libanon." (A Neve do Líbano.) 1872.
- "Bekeert a Want het Koningryk Gods is Naby." (Arrependa-se, Pois O Reino do Céu Está Próximo). Sermão no último dia do ano, 187) 1872.
- "Het Vergryp der Zeventien Ouderlingen." (O Erro dos Dezesete Anciãos. Memórias da Assembléia Clerical de Amsterdam.) 1872.
- "Uit het Woord." (Fora do Mundo.) Estudos Bíblicos Devocionais.

1873.

- "Het Calvinisme, Oorsprong en Waarborg onzer Constitutioneele Vryheden." (Calvinismo, a Origem e a Certeza das Nossas Liberdades Constitucionais.) 1874.
- "Uit het Woord." (Fora do Mundo.) Segundo volume, 1875.
- "De Schoolquestie." (A Questão da Escola.) Seis brochuras, 1875.
- "Liberalisten en Joden." (Liberalistas and Judeus.) 1879.
- "Uit het Wobrd." (Fora do Mundo.) Terceiro volume, 1879.
- "Ons Program." (Nosso Programa.) 1879.
- "De Leidsche Professoren en de Executeurs der Dordtsche Nalatenschap". (Os Mestres de Leyden e os Executores da Herança de Dordt.) 1879.
- "Revisi eder Revisielegende:" (Revisão da Revisão da Lenda.). 1879.
- "De Synods der Nederlandsche Revormde Kerk uit Haar Eigen Vermaanbrief Geoordeeld." (O Sínodo da Igreja Reformada na Holanda Julgado por Sua Própria Epístola de Exortação.) 1879.
- "Antirevolutionair ook in uw Gezin." (Anti-Revolutionário Mesmo na Família.) 1880.
- "Bede om een Dubbel Corrigendum." (Prece por um Duplo Corrigendum.) 1880.
- "Strikt Genomen." (Estritamente Tomado. O Direito de Fundar Uma Universidade, Testado Pela Lei Pública e Pela História.) 1880.
- "Souvereiniteit in Eigen Kring." (Soberania no Nosso Próprio Círculo.) 1880.
- "Honig nit den Rottsteen." (Mel da Rocha.) 1880.
- "De Hedendaagsche Schrifteritiek in Hare Bedenkelyke Strekking voor de Gemeente des Levenden Gods." (Crítica Moderna e Sua Perigosa Influência Sobre a Igreja do Deus Vivo.) Discurso. 1882.
- "D. Francisci Junii: Opuscula Theologica." 1882.
- "Alexander Comrie." Traduzido da Revisão Católica Presbiteriana. 1882.
- "Ex Ungue Leonem." Os Métodos de Interpretação do Dr. Doodes Method of Interpretation Testados em Um Ponto. 1882.
- "Welke zyn de Vooruitzichten voor de Studenten der vrye Universiteit?" (Quais São os Prospectos para os Estudantes da

Universidade Livre?) 1882.

- "Tractaat van de Reformatie der Kerken." (Tratado da Reforma das Igrejas.) 1883.

- "Honig uit den Rottsteen." (Mel da Rocha.) Segundo volume, 1883.

- "Uit het Woord." (Fora do Mundo.) Segunda série, primeiro volume: Que a Graça é Particular. 1884.

- "Yzer en Leem." (Ferro e Barro.) Discursos. 1885.

- "Uit het Woord." (Fora do Mundo.) Segundo volume: A Doutrina dos Pactos. 1885.

- "Uit het Woord." (Fora do Mundo.) Terceiro volume: A Prática da Santidade. 1886.

- "Het Dreigend Conflict." (O Conflito Ameaçador.) 1886.

- "Het Conflict Gekomen." (O Conflito Vem.) Três vols., 1886.

- "Dr. Kuyper voor de Synode." (Dr. Kuyper Perante o Sínodo.) 1886.

- "Laatste Woord tot de Conscientie van de Leden der Synode." (Última Palavra à Consciência dos Membros do Sínodo.)

Representando os membros perseguidos da Assembléia Clerical de Amsterdam. 1886.

- "Alzoo zal het onder u niet zyn." (Não Deve ser Assim Entre Vocês.) 1886.

- "Eene ziel die zich Nederbuigt." (Uma Alma Prostrada.) Discurso de abertura do Congresso da Igreja Reformada em Amsterdam. 1887.

- "De Verborgen Dingen zyn voor den Heere Onzen God." (As Coisas Secretas Pertencentes ao Senhor Nosso Deus.) 1887.

- "Sion Door Recht Verlost." (Sião Salvo através de Julgamento.) 1887.

- "De Vleeschwording des Woords." (A Encarnação do Verbo.) 1887.

- "Dagen van Goode Boodschap." (Dias de Boas Novas.) 1887.

- "Tweederlei Vaderland." (Duas Pátrias.) 1887.

- "Het Calvinisme en de Kunst." (Calvinismo e Arte.) 1888.

- "Dr. Gisberti Voetii Selectarum Disputationum Fasciculus." Na Biblioteca Reformada. 1888.

- "Het Work des Heiligen Geestes." (A Obra do Espírito Santo.) Três vols., 1889.

- "Homer voor den Sabbath." (Mensagens para o Sábado.)

Meditações no Sábado. 1889.

- "Niet de Vryheidsboom Maar het Kruis." (Não a Árvore da Liberdade, mas a Cruz.) Discurso de abertura na décima reunião anual de Deputados. 1889.

- "Eer is Teêr." (Honra é Suave.) 1889.

- "Handenarbeid." (Labuta Manual.) 1889.

- "Scolastica." (O Segredo do Verdadeiro Estudo.) 1889.

- "Tractaat van den Sabbath." (Tratado do Sábado.) Um estudo dogmático histórico. 1890.

- "Separatie en Doleantie." ("Seceção e Doleantie." "Doleantie" de 'doleo', sofrer dor, velar-é na Holanda o nome histórico adotado por um grupo de Cristãos para designar o fato de que eles são ou perseguidos pela igreja Estatal ou foram expulsos da comunhão por conta da sua adesão à confissão ortodoxa.) 1890.

- "Zion's Roem en Sterkte." (A Força e a Glória de Sião.) 1890.

- "De Twaalf Patriarchen." (Os Doze Patriarcas.) Um Estudo dos Caracteres Bíblicos. 1890.

- "Eenige Kameradviezen." (Avisos da Câmara.) Dos anos 1874, 1875 e 1890.

- "Is er Aan de Publieke Universiteit ten onzent Plaats voor eene Faculteit der Theologie?" (Há lugar nas Nossas Universidades Públicas Para uma Faculdade Teológica?) 1890.

- "Calvinism and Confessional Revision." (Revisão Confessional Calvinista) Na Revisão Presbiteriana e Reformada, Julho, 1891.

- "Voor een Distel een Mirt." (Ao invés de um Espinheiro, a Murta.) 1891.

- "Maranatha." Pronunciamentos Aberdos na Reunição de Deputados. 1891.

- "Gedrachtslyn by de Stembus." (Linha de Conduta nas Eleições.) 1891.

- "Het Sociale Vraagstukken de Christelyke Religie." (A Questão Social e a Religião Cristã.) Discurso de Abertura no Congresso Social. 1891.

- "De Verflauwing der Grenzen." (A Destruição das Fronteiras.) Pronunciamento na transferência de Reitorado da Universidade Livre. 1892.

- "In de Schaduwe des Doods." (Nas Sombras da Morte.) Meditações para a doentes e agonizantes. 1893.
- "Encyclopædie der Heilige Godgeleerdheid." (Enciclopédia de Teologia Sacra.) Três vols., 1894.
- "E Voto Dordraceno." Explicação do Catecismo de Heidelberg. Quatro volumes, 1894-95.
- Levinus W. C. Keuchenius, LL.D. Biografia. 1896.
- "De Christus en de Socials Nooden, en de Democratische Klippen." (Cristo e as Necessidades Sociais e os Perigos Democráticos.) 1895.
- "Uitgave van de Statenvertaling van den Bybel." (Edição da Versão Autorizada da Bíblia.) 1895.
- "De Zegen des Heeren over Onze Kerken." (As Bênçãos do Senhor sobre as Nossas Igrejas.) 1896.
- "Vrouwen uit de Heilige Schrift." (Mulheres da Bíblia.) 1897.
- "Le Parti Antirevolutionaire." (O Partido Anti Revolucionário.) Em Les Pay-Pas. Apresentado pela Sociedade Holandesa de Jornalistas aos jornalistas estrangeiros na inauguração do "Queen". 1898.
- "By de Gratie Gods." (Pela Graça de Deus.) Pronunciamento. 1898.
- "Calvinism." Seix palestras apresentadas em Princeton, N.J., Outubro 1898: "O Calvinismo na História", "O Calvinismo e a Religião", "O Calvinismo e a Política", "O Calvinismo e a Ciência", "O Calvinismo e a Arte", "O Calvinismo e o Futuro". Publicados em Holandês, Janeiro 1899.
- "Als gy in uw Huis Zit." (Quando Tu Te Assentas Na Tua Casa.) Meditações para a família. Julho, 1899.
- "Evolutie." (Evolução.) Discurso quando da transferência do reitorado da Universidade Livre, Outubro 1899.

¹ - Dr. W. Geesink.

² - Dr. Bavink.

Tradução livre: [Eli](#) [Daniel](#) [da](#) [Silva](#)
 Belo Horizonte, 17 de Janeiro 2003

NOTA INTRODUTÓRIA

Pelo Prof. Benjamin B. Warfield, D.D., LL. D.
Do Seminário Teológico de Princeton

Felizmente não é mais necessário apresentar formalmente o Dr. Kuyper ao público religioso Americano. Um grande número dos seus notáveis ensaios apareceram nos últimos anos em nossos periódicos. Estes têm tido títulos como "Calvinismo na Arte", "Calvinismo, a Fonte e a Promessa das Nossas Liberdades Constitucionais", "Calvinismo e Revisão Confessional", "A Destruição das Fronteiras", "A Antítese entre Simbolismo e Revelação"; e apareceram nas páginas de publicações tais como "Pensamento Cristão", "Biblioteca Sacra", "Revisão Presbiteriana e Reformada" - podemos estar seguros de que não sem encantar seus leitores com a grandeza do seu tratamento e com a qualidade alta e penetrante dos seus pensamento. As colunas do "The Christian Intelligencer" têm sido adornadas, de tempos em tempos durante o último ano, com exemplos das exposições práticas do Dr. Kuyper das verdades Bíblica; e aqui e ali uma discussão breve mas iluminadora sobre um tópico de interesse atual tem aparecido nas colunas do "The Independent". O apetite estimulado por este gosto de boas coisas, foi parcialmente satisfeito pela publicação em Inglês de dois extensos tratados de sua autoria - um discutindo de maneira singularmente profunda os princípios de "A Enciclopédia de Teologia Sacra" (Charles Scribner's Sons, 1898), e o outro expondo com o maior vigor e clareza os princípios fundamentais do "Calvinismo" (The Fleming H. Revell Company, 1899). O último volume consiste de palestras apresentadas na "Fundação L. P. Stone" (The L.P. Stone Foundation), no Seminário Teológico Princeton no outono de 1898, e a visita do Dr. Kuyper à América nesta ocasião o pôs em contato com muitos amantes de altas idéias na América, e deixou um senso de familiaridade com ele nas mentes das multidões que tiveram a sorte de encontrá-lo ou de ouvir a sua voz naquela oportunidade. É impossível para nós olharmos para o Dr. Kuyper como um estranho, que precise de ser apresentado para que o notemos, quando ele aparece diante de nós; ele agora mais parece ser um dos nossos próprios profetas, à mensagem de quem nós

temos um certo direito, e das mãos de quem nós aceitamos um novo livro como aceitaríamos um presente de um amigo chegado, carregado num sentido com cuidado pelo nosso bem estar. O livro que agora é oferecido ao público Americano não vem, na realidade, diretamente das mãos do Dr. Kuyper. Ele já tem estado ao alcance da sua audiência Holandesa por mais de uma década (já que foi publicado em 1888). No entanto, foi só recentemente que o Dr. Kuyper veio a nos pertencer também, e a publicação deste livro em Inglês, nós esperamos, é só mais um passo no processo que gradualmente fará com que toda a sua mensagem seja nossa também.

Ninguém certamente passará as páginas deste volume - nem tampouco, como diriam os nossos amigos Judeus, "se afogará no livro" - sem perceber que trata-se de um presente valioso que chega até nós da parte do nosso mestre recentemente encontrado. É, como será de imediato observado, um tratado compreensivo sobre a Obra do Espírito Santo - um tema que nenhum outro mais elevado poderia ocupar a atenção do homem Cristão, e todavia um tema sobre o qual tratados realmente compreensíveis são comparativamente raros. É fácil, com certeza, exagerar a importância do último fato. Nunca houve uma época, é claro, na qual os Cristãos não confessassem sua fé no Espírito Santo; e nunca houve uma época quando eles não comentassem entre si, não falassem uns para os outros sobre a obra do Espírito Abençoado, o Executor da Divindade não somente na criação e sustentação dos mundos e na inspiração dos profetas e apóstolos, mas também na regeneração e na santificação da alma. Nem jamais houve uma época quando, no desenvolver da sua tarefa de mentalmente entender os tesouros da verdade postos ao seu cuidado na revelação Escritural, a Igreja não tenha se ocupado também com a investigação dos mistérios da pessoa e da obra do Espírito; e especialmente, nunca houve uma época desde aquele tremendo reavivamento da religião o qual denominamos Reforma, quando toda a obra do Espírito na aplicação da redenção processado por Cristo não tenha sido um tópico do mais completo e amoroso estudo de homens Cristãos. Realmente, é em parte devido à mesma intensidade do estudo dado às atividades salvadoras do Espírito que tão poucos Tratados compreensíveis sobre a obra do Espírito têm

sido escritos. O assunto tem parecido ser tão vasto, as ramificações do qual parecem ser tão abrangentes, que poucos têm tido a coragem de encará-lo por inteiro. Estudiosos e escritores da Dogmática têm, certamente, sido compelidos a apresentar todo o escopo do assunto no seu lugar apropriado, nos seus sistemas completos. Mas quando monografias são escritas, eles têm tendido a confinarem-se num único segmento do grande círculo; e assim nós temos tido tratados mais sobre, digamos, Regeneração, ou Justificação, ou Santificação, ou a Unção do Espírito; ou a Intercessão do Espírito, ou o Selo do Espírito; do que sobre a obra do Espírito como um todo. Seria um grande erro pensar que a doutrina do Espírito Santo foi negligenciada simplesmente porque ela tem sido apresentada preferentemente sob suas várias rubricas ou partes, do que na sua totalidade. O quão facilmente alguém pode cair em tal erro é bem ilustrado por certos criticismos que têm sido recentemente dirigidos à Confissão de Fé de Westminster - que é (como um documento Puritano certamente o seria) muito mais um tratado sobre a obra do Espírito - como se ela fosse deficiente, não tendo um capítulo devotado especificamente a "O Espírito Santo e a Sua Obra". A única razão porque ela não dedica um capítulo a este assunto, contudo, é porque ela prefere dedicar nove capítulos; e quando uma tentativa foi feita para suprir a omissão imaginada, descobriu-se que tudo o que poderia ser feito era apresentar no novo capítulo proposto um magro resumo do conteúdo daqueles nove capítulos. Teria sido mais plausível, de fato, dizer que a Confissão de Fé de Westminster comparativamente negligenciou a obra de Cristo; ou mesmo a obra de Deus Pai. Similarmente, a falta na nossa literatura de uma grande quantidade de tratados compreensíveis sobre a obra do Espírito Santo é em parte devida à riqueza, da nossa literatura, em tratados sobre as porções separadas daquela mesma obra, individualmente. O significado do livro do Dr. Kuyper é, portanto, em parte devido somente ao fato de que ele teve a coragem de abordar e as graças de portanto realizar com sucesso uma tarefa que poucos possuíram tanto a grandeza de vislumbrar como poderes para empreender. E não é um ganho pequeno ser capaz de pesquisar em todo o campo da obra do Espírito Santo na sua unidade orgânica, sob a direção de uma mente tão prática, tão sistemática e

tão fértil. Se não podemos olhar para este livro como uma obra desbravadora, ou mesmo dizer que ele é a única obra deste tipo desde Owen, podemos ao menos dizer que ele reúne o material pertencente a este grande tópico com um gênio sistematizador que é muito raro, e apresenta tal material com uma apreciação penetrante do seu significado e uma riqueza de apreensão das suas relações que é excedentemente iluminadora.

Deve ser observado que não dissemos sem qualificação que a escassez comparativa de tais tratados compreensíveis sobre a obra do Espírito Santo da forma como é compreensível o trabalho do Dr. Kuyper é devido simplesmente à grandeza e à dificuldade da tarefa. Temos sido cuidadosos ao dizer que é somente em parte, devido a este motivo. É somente nos círculos aos quais esta tradução para o Inglês é apresentada, para dizer a verdade, que esta observação é aplicável. A felicidade dos Cristãos Reformados de fala Inglesa é que eles são herdeiros do que podemos com toda justiça referir-mo-nos como uma literatura imensa sobre este grande assunto; pode até ser dito com alguma justiça que a peculiaridade do seu labor teológico se volta, para a diligência e profundidade do seu estudo deste campo. Como será lembrado, o Dr. Kuyper aponta para a grande obra de John Owen, "Discourse Concerning the Holy Spirit" ("Discurso Relativo ao Espírito Santo") como até então o tratado normativo no assunto. Mas o livro de John Owen não prevalecia sozinho nos seus dias, na sua época; era mais um mero sintoma do que monopolizava o pensamento teológico do círculo do qual ele era grande ornamento na investigação deste assunto. O tratado de Thomas Goodwin sobre "A Obra do Espírito Santo na Nossa Salvação" bem merece um lugar ao seu lado; e é somente a verdade dizer que o pensamento Puritano foi quase que totalmente ocupado com estudo amoroso da obra do Espírito Santo, e teve a sua mais alta expressão em exposições prático-dogmáticas dos vários aspectos da mesma-do qual tratados como os de Charnock e Swinnerton sobre a Regeneração são somente os exemplos melhor conhecidos entre uma multidão que caiu no esquecimento no lapso dos anos. Por um século e meio depois, este assunto realmente continuou a formar o vínculo da teologia dos Ingleses Não Conformistas. Nem perdeu, este tema, sua posição

central mesmo todavia nas mentes daqueles que têm o maior direito de serem considerados como os sucessores dos Puritanos. É claro que alguma decadência tem havido em alguns cantos, na certeza de compreender e na precisão teológica na apresentação do assunto; mas é possível que continue a aparecer anualmente na imprensa Inglesa, um número maior de tratados práticos sobre algum ou outro elemento da doutrina do Espírito, mais do que sobre qualquer outro ramo da divindade. Entre estes, livros tais como o do Dr. A. J. Gordon: "The Ministry of the Spirit" ("O Ministério do Espírito"), o do Dr. J. E. Cumming "Through the Eternal Spirit" ("Através do Espírito Eterno"), do Diretor H. C. G. Moule "Veni Creator" ("Vem Criador"), do Dr. Bedford "Vox Dei" ("A Voz de Deus"), do Dr. Robson "The Holy Spirit, the Paraclete" ("O Espírito Santo, o Paraclete"), do Dr. Vaughan "The Gifts of the Holy Spirit" ("Os Dons do Espírito Santo") - para enumerar somente alguns dos mais recente livros-detêm um alto nível de clareza teológica e poder espiritual; enquanto, se nos for permitido voltar somente uns poucos anos, podemos encontrar na obra do Dr. James Buchanan "The Office and Work of the Holy Spirit" ("O Ofício e a Obra do Espírito Santo") e no do Dr. George Smeaton "The Doctrine of the Holy Spirit" ("A Doutrina do Espírito Santo"), dois tratados cobrindo todo o terreno, um em um espírito mais prático, o outro num mais didático, de maneira merecedora das melhores tradições dos nossos pais Puritanos. Portanto, entre as igrejas de fala Inglesa, sempre existiu uma corrente copiosa de literatura sobre a obra do Espírito Santo; e o livro do Dr. Kuyper chega até nós não como algo novelesco, mas como uma apresentação finamente concebida e executada de um tópico no qual estamos todos pensando.

Mas não é o mesmo caso em todas partes da Cristandade. Se elevarmos nossos olhos da nossa condição especial e visualizarmos a Igreja como um todo, um espetáculo diferente se descortinará. À medida em que os direcionamos para a história da Igreja, descobrimos que o tópico da obra do Espírito Santo foi tal que somente numa época posterior realmente emergiu como o estudo explícito de homens Cristãos. Quando direcionamos nossos olhos para a extensão completa da Igreja moderna, descobrimos ser a obra

do Espírito Santo um tópico apela, mesmo que com pouca força, a seções muito grandes da Igreja. A pobreza da teologia Continental neste campo é, realmente, depois de tudo o que foi feito e dito, depressiva. Notem um ou dois pequenos livros escritos pelos Franceses E. Guers e G. Tophel¹, e um par de estudos formais da doutrina Neo Testamentária do Espírito, pelos escritores Holandeses Stemler e Thoden Van Velzen, chamados pela sociedade de Hague (N.T.: cidade Holandesa, capital administrativa do país)-e temos diante de nós quase que a lista toda dos livros mais antigos do nosso século, os quais alegam, de qualquer forma, cobrir este assunto. Nem muito tem sido feito recentemente, para remediar a deficiência. A admirável atividade teológica na Alemanha atual não tem, com certeza, sido capaz de lidar com um tema tão frutiferamente e por completo; e os acadêmicos Alemães têm nos dado uns poucos estudos científicos de partes do material Bíblico. Destes, os dois mais significativos realmente apareceram no mesmo ano que o livro do Dr. Kuyper - "Der heilige Geist in des Heilsverkündigund des Paulus" por Gloel e "Die Wirkungen des heiligen Geistes hach d. populär. Anschauung der apostolischen Zeit and der lehre d. A. Paulus" por Gunkel (2ª edição; 1899); estes foram seguidos no mesmo espírito por Weienel, numa obra intitulada "Die Wirkungen des Geistes und der Geister im nachapostolischen Zeitalter" (1899); enquanto que um pouquinho antes o teólogo Holandês Beversluis publicou um estudo mais compreensível, "De Heilige Geest em zijne werkingen volgens de Schriften des Nieuwen Verbords" (1896). Sua investigação do material Bíblico, contudo, não somente é muito formal, mas também é dominada por tais pressuposições teológicas imperfeitas que dificilmente pode levar o aluno um passo adiante. Muito recentemente algo melhor apareceu nesse aspecto, em livros tais como o do teólogo Meinhold "Der heilige Geist and sein Wirken am einzelnen Menschen, mit besonderer Beziehung auf Luther" (1870, 12mo, pp. 278)* ; de 2 W. Kölling "Pneumatologie, oder die Lehre von der Person des heiligen Geistes" (1894, 8vo, pp. 368); de Karl von Lechler "Die biblische Lehre vom heiligen Geiste" (1899, 8vo, pp.307); e de K. F. Nosgen "Geschichte von der Lehre vom heiligen Geiste" (1899, 8vo, pp.376) - os quais é de se esperar sejam os

começos de uma série variada de trabalhos do lado Luterano, dos quais possa, depois de um certo tempo, surgir algum tratamento compreensivo e imparcial do tema como um todo, como aquele propiciado pelo Dr. Kuyper aos nossos irmãos Holandeses, e agora a nós, nessa tradução para o Inglês. Mas nenhum deles fornece o próprio tratado esperado, e é significativo que nenhum mesmo gabe-se de fazê-lo. Mesmo onde, como no caso dos livros de Meinhold e von Lechler, o tratamento é realmente tópico, o autor é cuidadoso ao declarar a intenção de fornecer uma visão sistemática e bem compacta do assunto, ao mencionar, na página título, um ponto de vista exegético ou histórico. [(*) O livro de Meinhold é principalmente uma polêmica Luterana na defesa de princípios fundamentais, contra o racionalismo Ritschliano sobre este assunto. Como tal, sua contrapartida é fornecida no recente tratado de Rudolf Otto, "Die Na.. schauung vom heiligen Geiste bei Luther" (1898).

Na verdade, somente numa situação única em toda a história da literatura teológica Alemã - ou, podemos dizer, anteriormente ao Dr. Kuyper, na história de toda a literatura teológica continental -alguém tenha tido a coragem ou encontrado o impulso de encarar a tarefa que o Dr. Kuyper tão admiravelmente executou. Referimo-nos, é claro, à grande obra sobre "Die Leher vom heiligem Geiste", a qual foi projetada por aquele gigante teológico, K. A. Kahnis, mas a primeira parte da qual foi publicada-num fino volume de trezentas e cinquenta páginas, em 1847. Foi sem dúvida sintomático do estado de espírito na Alemanha quanto ao assunto, que Khanis nunca encontrou tempo ou coragem, numa longa vida de busca teológica, para completar o seu livro. E, de fato, foi, à época, recebido nos círculos teológicos com algo como uma divertida surpresa, que alguém pudesse devotar tanto trabalho e tanto tempo a este tema, ou esperar que outros encontrassem tempo e energia, disposição para ler tal tratado. Nos é dito que um teólogo bem conhecido observou sarcasticamente quanto a isso, que se as coisas fossem levadas a efeito naquela escala, ninguém poderia esperar viver o bastante para ler a literatura disponível sobre tal assunto; e a observação similar feita por C. Hase no prefácio da quinta edição do seu "Dogmatic" ("Dogmático"), embora nenhum nome fosse mencionado, cria-se que se referisse ao

livro de Kahnis (3). A importância da singular e fracassada tentativa de Kahnis de prover para o Protestantismo Alemão algum tratamento válido da doutrina do Espírito Santo é tão grande que fará com que fixemos nas nossas mentes os fatos a ela relativos. E para este fim é que mencionamos o seguinte excerto referente a ela, da introdução da obra de von Lechler, que mencionamos anteriormente (p. 22 e seguintes).

"Nós temos de apontar, concluindo, uma outra circunstância na história da nossa doutrina, que é ao seu jeito tão significativa para a atitude da ciência moderna com relação ao tema, como foi o silêncio do primeiro Conselho Ecumênico referindo-se ao fim da primeira era teológica. É a extraordinária pobreza de monografia sobre o Espírito Santo. Embora existam, sim, alguns, e em determinadas instâncias importantes, estudos lidando com o assunto, todavia os seus número está fora de toda proporção com relação à grandeza e à extensão dos problemas. Sem dúvida que não deveríamos errar ao assumir que o interesse vital numa questão científica se expressará não meramente em brochuras compreensíveis e compêndios enciclopédicos, estes últimos que são especialmente forçados a abranger por completo a lista de assuntos tratados; mas por necessidade também naquelas investigações em separado, especialmente nas quais o vigor da juventude está acostumado a fazer prova da sua capacidade para estudos mais elevados. Que lacuna teríamos para lamentar em outros ramos da ciência teológica se um rico desenvolvimento de literatura monográfica não se oscilasse pela fé dos compêndios, desbravando novos caminhos aqui e ali, estabelecendo alicerces mais fundos, provendo material valioso para a conclusão da estrutura científica! Tudo isto, contudo, na presente realidade, dificilmente começou. O único tratado em separado, que foi projetado numa base de investigação realmente vasta e profunda - o "Lehre vom heiligen Geiste" de K. A. Kahnis (então em Breslau), em 1847-parou com a primeira parte. Este célebre teólogo, que certamente possuía em medida surpreendente as qualidades e aquisições que o capacitavam a avançar como um preparador do caminho neste assunto incerto e pouco adequadamente estudado, estabeleceu para si o propósito de investigar este, como ele próprio chamava, 'extraordinariamente

negligenciado' tópico, de uma vez, nos seus lados Bíblico, histórico, eclesiástico e dogmático. A história do seu livro é sumamente instrutiva e sugestiva com respeito ao tema em si. Ele achava o assunto, à medida em que o abordava mais de perto, difícil num grau muito especial, principalmente na multiplicidade da concepção. Primeiro, os seus resultados eram cada vez mais e mais negativos. Uma disputa com os 'amigos de luz' da época o ajudaram a avançar. *Testium nubes magis juvant, quam luciferorum virorum importuna lumina*. Mas Deus, diz ele, guiou-o a uma clareza maior: a doutrina da Igreja aprovou-se para ele. De qualquer forma, não era seu propósito estabelecer a doutrina Bíblica em todos os seus pontos, mas somente mostrar o lugar ocupado pelo Espírito Santo no desenvolvimento da Palavra de Deus no Antigo e no Novo Testamentos. Houve um sentimento que lhe sobreveio, que encontrávamo-nos na véspera de um novo derramamento do Espírito. Mas a aurora esperada, ele diz, não raiou. Sua ampla pesquisa, além deste tema em especial, do inteiro domínio da ciência na vida corporativa da Igreja, é característica não menos do tema, do que do homem. Não lhe foi dado, no entanto, enxergar a ansiada inundação derramada sobre os campos sedentos. Sua 'fundação' exegeta (capítulos i - iii) move-se nos trilhos antigos. Desde que ele essencialmente compartilhava o ponto de vista subjetivo de Schleiermacher e confiava a decisão final sobre concepções determinantes à filosofia, apesar de muitos flashes notáveis de discernimento nas Escrituras ele permanecia fixo no modo ético e intelectualista de imaginar o Espírito Santo, embora isto fosse acompanhado por muitas tentativas de sobrepujar Schleiermacher, mas sem a conquista de qualquer concepção 'unitariana' e sem qualquer esforço de trazer a questão flamejante da pessoalidade ou impessoalidade do Espírito à uma solução Bíblica. O quarto capítulo institui uma comparação entre o Espírito do Cristianismo e o do ateísmo. O segundo livro lida primeiro com a relação da Igreja para com o Espírito Santo de maneira geral, e então adentra à história da doutrina a qual é desenvolvida, no entanto, somente através dos primeiros pais, e descontinua a pesquisa na safra escassa que a idade

antiga proporcionou às épocas subsequentes, nas quais ocorreu o mais rico desenvolvimento da doutrina. Aqui o livro encerra. (4)

Assim é que a única tentativa válida feita pela teologia Alemã para produzir um tratado compreensível sobre a obra do Espírito Santo permanece como uma coisa inacabada e negligenciada até hoje.

Se formos juntar os fatos aos quais nós temos então de forma tanto quanto desordenada chamado a atenção em declaração sugestiva, seremos compelidos a reconhecer que a doutrina do Espírito Santo só foi vagarosamente trazida à consciência explícita da igreja, e ainda assim só firmou-se na mente e na consciência de somente uma pequena parte da Igreja. Para ser mais específico, precisaremos notar que a Igreja antiga se ocupava com a investigação dentro dos limites deste campo, de somente a doutrina da pessoa do Espírito Santo - Sua deidade e personalidade - e de sua função de inspirador dos profetas e apóstolos, enquanto que a outra doutrina da obra do Espírito no sentido mais amplo é uma dádiva da Reforma para a Igreja (5); e precisaremos notar ainda que desde a sua formulação pelos Reformadores esta doutrina tem formado raízes profundas e produzidos todos os seus frutos somente nas igrejas Reformadas, e entre elas, em proporção exata à lealdade da sua adesão aos, e à riqueza do seu desenvolvimento dos, princípios fundamentais da teologia Reformada. Apresentada na sua forma mais clara, equívale dizer que a doutrina desenvolvida da obra do Espírito Santo é uma doutrina exclusiva da Reforma; e mais particularmente, uma doutrina Reformada; e ainda mais particularmente, uma doutrina Puritana. Aonde quer que os princípios da Reforma tenham ido, ela também chegou; mas ela alcançou somente sua plenitude entre as igrejas Reformadas, e entre elas, somente onde o que nos acostumamos a chamar de "a Segunda Reforma" aprofundou a vida espiritual das igrejas e moldou de novo o Cristão com sentimento especialmente incisivo quanto à graça de Deus somente como a sua única dependência para a salvação e todos os bens desta vida e da vida porvir. Realmente, é possível ser ainda mais preciso. A doutrina da obra do Espírito Santo é um presente de João Calvino à Igreja de Cristo. É claro que ele não a inventou. A integridade dela encontra-se espalhada nas páginas da Bíblia com uma clareza e plenitude tais que

alguém pensaria seguramente que, mesmo correndo poderia ler; e sem dúvida, mesmo aquele que corria pôde ler, e a leitura alimentou a alma do verdadeiro crente em todas as épocas. Correspondentemente, pistas da sua apreensão são encontradas largamente disseminadas em toda literatura Cristã, e em particular os brotos da doutrina são abertamente anunciados nas páginas de Agostinho. Lutero não deixou de basear-se neles; Zuínglio mostra vez após vez que ele as tinha ricamente guardadas na mente; eles constituíam, na verdade, uma das bases do movimento da Reforma; ou melhor eles proveram o sopro vital do movimento. Mas foi Calvino quem primeiro lhes deu algo como uma expressão adequada ou sistemática; e é a partir dele e através dele que os brotos, o início da doutrina da Obra do Espírito Santo passaram a ser possessão assegurada da Igreja de Cristo. Não há nenhum fenômeno na história doutrinária mais assombroso que os comumente aceitos pontos de vista quanto à contribuição feita por João Calvino para o desenvolvimento da doutrina Cristã. Ele é atualmente considerado como o pai das doutrinas, tais como a da predestinação e da rejeição, das quais ele foi um mero herdeiro, - recebendo-as por inteiro das mãos do seu grande mestre Agostinho. Entretanto, suas reais contribuições pessoais para a doutrina Cristã são esquecidas por completo. São elas da mais rica espécie e não podem ser aqui enumeradas. Mas é relevante ao nosso tópico em pauta, notar que no topo delas encontram-se três dádivas de primeiro valor para o pensamento e para a vida da Igreja, os quais não deveríamos de modo algum deixar passar de nossa grata memória. É a João Calvino que devemos aquela concepção ampla da obra de Cristo, a qual é expressa na doutrina do Seu ofício triúno de Profeta, de Sacerdote e de Rei; Calvino foi o primeiro que apresentou a obra de Cristo sob este esquema, e a partir dele é que passou a ser lugar comum Cristão. É a João Calvino que devemos toda a concepção de uma ciência de "Ética Cristã"; ele foi o primeiro a estabelecer a idéia e desenvolver seus princípios e conteúdo e ela permaneceu como propriedade privada dos seus seguidores por um século. E é a João Calvino que devemos a primeira formulação da doutrina da obra do Espírito Santo; ele mesmo deu a ela uma declaração muito rica, desenvolvendo-a especialmente nos amplos segmentos da "Graça

Comum", da Regeneração e da "A Testemunha do Espírito"; e é, como temos visto, somente entre os seus descendentes espirituais que até hoje ela tem recebido atenção adequada nas igrejas. Devemos guardar-nos, é claro, de exageros quanto a tal assunto; os simples fatos, quando os relacionamos sem pausas para obscurecimentos sem importância, soam como exageros (6). Mas é simplesmente verdadeiro que estes grande tópicos receberam sua primeira formulação nas mãos de João Calvino; e é dele que a Igreja os obteve, e a é a ele que a Igreja deve agradecer pelos mesmos.

E se fizermos uma pausa para perguntar por que a formulação da doutrina da obra do Espírito Santo esperou pela Reforma e por Calvino, e por que o posterior trabalho dos detalhes desta doutrina e o seu enriquecimento através do estudo profundo das mentes Cristãs e da meditação de corações Cristãos evoluiu desde Calvino somente aos Puritanos; e dos Puritanos para os seus descendentes espirituais como os mestres da Igreja Livre da era da Divisão e dos Holandeses que disputaram os tesouros da religião Reformada na nossa própria era, as razões não estão longe de serem vistas. Há, em primeiro lugar, uma ordem regular na aquisição da verdade doutrinária, inerente na natureza do caso, a qual, portanto, a Igreja foi obrigada a seguir em sua realização gradual do depósito da verdade provido nas Escrituras Sagradas; e em virtude disso a Igreja não poderia empreender com sucesso a tarefa de assimilar e de formular a doutrina da obra do Espírito Santo até que as fundações tivessem sido firmemente estabelecidas, claramente agarrada a doutrinas ainda mais fundamentais. E em seguida, há certas formas de construção doutrinária que deixam nenhum ou quase que nenhum lugar no coração para a obra do Espírito Santo pessoal; e na presença destas construções esta doutrina, mesmo onde é em parte é reconhecida e compreendida, se enfraquece e perde o interesse dos homens. A operação da causa primeira adiou o desenvolvimento da doutrina da obra do Espírito até o caminho estivesse preparada para tal; e esta preparação completou-se somente quando da Reforma. A operação da causa segunda retardou, onde não asfixiou a assimilação apropriada da doutrina em muitas partes da Igreja, até hoje.

Para ser mais específico: O desenvolvimento do sistema doutrinário do Cristianismo na concepção da Igreja ocorreu realmente através-como devia teoricamente ter ocorrido através-de um curso lógico e regular. Primeiro, foi absorvida atenção na contemplação dos elementos objetivos do depósito Cristão, e somente depois foram os elementos objetivos considerados mais completamente. Primeiro de tudo havia a doutrina de que Deus havia Se forçado na atenção dos homens, e até que a doutrina da Trindade tivesse sido completamente assimilada, a atenção não foi atraída vigorosamente para a doutrina cristã do Deus-homem; e de novo, até que a doutrina da Pessoa de Cristo fosse completamente assimilada, a atenção não foi incisivamente atraída para a doutrina Cristã do pecado-a impotência e a necessidade do homem; e somente depois que ela tivesse sido inteiramente trabalhada, a atenção poderia voltar-se para a provisão objetiva para atender à necessidade do homem através da obra de Cristo; e de novo; somente depois disso é que a atenção poderia voltar-se para a provisão subjetiva para atender as necessidades através da obra do Espírito. Esta é a ordem lógica do desenvolvimento, e é a ordem real na qual a Igreja tem, vagarosamente e em meio às torturas e sofrimentos de toda sorte de conflitos com o mundo e com a sua própria lentidão em crer em tudo o que os profetas escreveram-trabalhado o seu caminho na plenitude da verdade revelada a ela pela Palavra de Deus. A ordem é, será observado, Teologia, Cristologia, Antropologia (Hamartiologia), Impetração da Redenção, Aplicação da redenção; e na natureza do caso os tópicos que caírem sob a rubrica da aplicação da redenção não poderiam ser solidamente investigados até que as bases tivessem sido estabelecidas para eles na assimilação dos tópicos precedentes. Nós conectamos os grandes nomes de Atanásio e seus dignos sucessores que lutaram as disputas Cristológicas; de Agostinho e de Anselmo, com os estágios precedentes deste desenvolvimento. Os líderes da Reforma é que foram chamados para acrescentarem o arremate, o último tijolo à estrutura, pelo trabalhar, pelo desenvolver dos fatos quanto à aplicação da redenção à alma do homem através do Espírito Santo. Alguns elementos da doutrina do Espírito são de fato implicados em discussões anteriores. Por exemplo, a deidade e a

personalidade do Espírito-toda a doutrina da Sua pessoa-foi uma parte da doutrina da Trindade; e isto tornou-se correspondentemente um tópico para debate anterior, e literatura patrística é rica em discussões quanto a isto. A autoridade das Sagradas Escrituras foi fundamental para toda a discussão doutrinária; e a doutrina da inspiração dos profetas e apóstolos pelo Espírito Santo foi portanto sustentada com grande ênfase desde o início. Na determinação da necessidade do homem na controvérsia Pelagiana, muito foi necessariamente determinado sobre a "Graça", - a necessidade dela, a sua antecedência (preveniência), a sua eficácia, a sua indefectibilidade, - e neste bastante, foi antecipado o que era para ser mais tarde desenvolvido de forma mais ordenada, na doutrina da obra interior do Espírito; e há muito em Agostinho que antecipadamente revela a determinação de tempos posteriores. Mas mesmo em Agostinho há uma certa ambigüidade e incerteza no tratamento desses tópicos, os quais nos sugerem que, enquanto os fatos relativamente ao homem e às suas necessidades e os métodos de Deus nele operar para a salvação estão firmemente agarrados, estes mesmos fatos relativamente às atividades pessoais do Espírito ainda aguardam a sua completa assimilação. Um outro passo ainda teve de ser tomado: a Igreja precisava esperar ainda por Anselmo, para estabelecer a determinação final da doutrina da expiação vicária; e somente quando havia sido dado tempo para a sua assimilação, finalmente as mentes dos homens foram capazes de dar o passo final. Então levantou-se Lutero, para proclamar a justificação pela fé; e Calvino para estabelecer com o seu maravilhoso equilíbrio toda a doutrina da obra do Espírito no aplicar da salvação à alma. Neste aspecto, também, era necessário esperar pela plenitude dos tempos; e quando veio a plenitude dos tempos, os homens estavam prontos para a sua tarefa e a Igreja estava pronta para a sua obra. E nesta colocação nós encontramos uma porção do segredo da imensa sublevação da Reforma.

Infelizmente, no entanto, a Igreja não estava pronta da mesma forma, em todas as suas partes, para o novo passo no desenvolvimento doutrinário. Isto foi, é claro, na natureza do caso: pois o desenvolvimento da doutrina naturalmente ocorre num

ambiente de concepções parciais e endurecidas, e pode somente desenvolver-se através de um conflito de opinião. Todos os Arianos não desapareceram imediatamente após o Concílio de Nice; ao contrário, por uma época parecia que eles estavam destinados a reger a Igreja. O decreto de Calcedônia não aquietou de imediato todo o debate Cristológico, ou acabou com todo erro Cristológico. Havia resquícios de Pelagianismo que perduraram após Agostinho; e na realidade mesmo depois que o Sínodo de Orange começou a fazer progresso contra a verdade. A construção de Anselmo, da expiação, só muito vagarosamente ganhou lugar nos corações dos homens. E então, quando Calvino formulou pela primeira vez a doutrina mais completa e precisa da obra do Espírito, havia no mundo forças antagônicas que assaltaram-na e minaram a sua influência e obstruíram o seu avanço na compreensão dos homens. No geral, pode-se dizer que são dois: a tendência sacerdotal por um lado; e a tendência libertária, por outro. A tendência sacerdotal estava entrincheirada na Igreja antiga; de onde os Reformadores foram realmente enxotados pela própria força do novo fermento do seu individualismo de vida espiritual. Aquela Igreja era portanto impenetrável para a doutrina recentemente formulada da obra do Espírito. Para ela, a Igreja era a depositária da graça, os sacramentos eram seu veículo indispensável, e a administração dos mesmos encontravam-se nas mãos de agentes humanos. Aonde quer que este 'sacramentarianismo' fosse, qualquer que fosse a medida, a tendência era distrair a atenção dos homens do Espírito de Deus; e focalizá-la na mídia do Seu operar; e aonde quer que ela (aquela tendência) tenha se entrincheirado, ali o estudo da obra do Espírito Santo tem, correspondentemente, mais ou menos esmaecido. É de fato muito fácil dizer que o Espírito encontra-se por detrás dos sacramentos e é operativo nos sacramentos; na verdade, os sacramentos tendem, em todos casos, a absorver a atenção e as explicações teóricas da sua eficácia como investidas na energia do Espírito tendem a morrer no interesse vívido dos homens. A tendência libertária, por outro lado, foi o nervo do antigo semi-Pelagianismo, o qual no Thomismo e no Tridentinismo tornou-se uma forma modificada da doutrina formal da Igreja de Roma; e em várias formas logo começou a se infiltrar e

causar problemas nas igrejas, da Reforma - primeiro a Luterana e depois dela, também a Reformada. Para a tendência libertária, a vontade do homem era, em medida maior ou menor, o fator decisivo na recepção subjetiva da salvação; e em proporção era mais ou menos desenvolvida ou mais ou menos aplicada completamente. O interesse na doutrina da obra subjetiva do Espírito esmoreceu, e também nestes círculos as mentes dos homens foram distraídas a tal ponto do estudo da doutrina da obra do Espírito, e tenderam a focalizar-se na autocracia da vontade humana e sua capacidade nativa ou renovada de obedecer a Deus e buscar encontrar comunhão com Ele. Não há dúvida que aqui, também é fácil apontar para a função a qual ainda é permitida o Espírito, pelo menos em muitas construções teológicas nesta base. Mas o efeito prático foi que em justa proporção como a autocracia da vontade humana na salvação foi enfatizada, o interesse na obra interna do Espírito declinou. Quando levamos em consideração a grande influência exercida por estas duas tendências antagônicas mesmo no mundo Protestante, não nos surpreendemos com a queda na qual caiu a doutrina da obra do Espírito. E quase que teremos findado nossa busca antes de nos conscientizarmos o quão inteiramente estes fatos são responsáveis pelo fenômeno perante nós: quão verdadeiro é, completamente, que o interesse na doutrina da obra do Espírito falhou justo naquelas regiões e justo naquelas épocas nas quais ou o 'sacramentarismo' ou o 'libertarianismo' imperaram; e quão verdadeiro também é que o engajamento nesta doutrina tem sido intenso somente nas margens daquele estreito riacho de vida e pensamento religiosos, a nota chave do qual tem sido o 'soli Deo gloria' em seu significado mais pleno. Com esta chave nas mãos, os mistérios da história desta doutrina na Igreja nos é solucionado de uma vez por todas.

Um dos principais apelos que o livro do Dr. Kuyper nos faz, portanto, tem suas raízes no fato de ser produto de um grande movimento religioso nas igrejas Holandesas. Esta não é a hora nem o local para darmos um panorama histórico daquele movimento. Todos nós temos observado com o interesse mais intenso, desde o surgimento das Igrejas livres até a união delas com o novo elemento dos Doleantie. Não nos furtamos de nenhuma prova de que aquele foi

um movimento de excepcional profundidade espiritual; mas tivesse-nos faltado qualquer prova, - esta nos seria provida pelo aparecimento deste livro, de dentro do próprio coração do movimento. Onde quer que os homens estejam se ocupando de santas e felizes meditações sobre o Espírito Santo e a sua obra, é seguro dizer que os fundamentos de uma vida espiritual verdadeira estão estabelecidos, e que a estrutura de uma vida espiritual rica está erguendo-se. O mero fato de um livro desta característica oferecer-se como um dos produtos deste movimento nos atrai a ele; e a própria natureza da obra - sua solidez de pensamento e sua profundidade de compreensão espiritual - acende nossas esperanças pelo futuro das igrejas nas quais deu-se o seu nascimento. Somente uma Igreja espiritualmente consciente pode fornecer o solo no qual uma literatura do Espírito possa crescer. Alguns notarão no livro a falta do que estão acostumados a chamar de característica "científica" (7); certamente que nele não há a falta de exatidão científica de concepção, e se a alguém parecer faltar formato "científico", o livro seguramente tem uma qualidade que é melhor do que qualquer coisa que mesmo um formato "científico" poderia proporcionar - trata-se de um livro religioso. É o produto de um coração religioso, e leva o leitor a uma contemplação religiosa dos grandes fatos do operar do Espírito Santo. Que ele possa trazer a todos em cujas mãos ele encontre seu caminho neste novo veículo de uma nova linguagem, um sentimento feliz e duradouro de descanso em e no Deus o Espírito Santo, o Autor e Senhor de toda a vida, a quem em nossos corações possamos orar:

"Veni, Creator Spiritus,
Spiritus recreator,
Tu deus, tu datus cœlitus,
Tu donum, tu donator."
Seminário Teológico de Princeton,
23 de Abril de 1900

(1) Guers, "Le Saint-Esprit: Étude Doctrinale et Practique" ("O Espírito Santo: Estudo Doutrinário e Prático") - 1865; G: Tophel, "The Work of the Holy Spirit in Man" ("A Obra do Espírito Santo no Homem") - E.T. 1882

(2) Livro de Meinhold é principalmente uma polêmica Luterana na defesa dos princípios fundamentais, contra o racionalismo Ritschliano neste assunto. Como tal, a contrapartida é fornecida no tratado recente de Rudolf Otto, "Die Anschauung vom heiligen Geiste bei Luther" - 1898.

(3) Veja Holtzmann no "Theolog. Literalurzeitung" de 1896, XXV, página 646

(4) Compare as observações do Dr. Smeaton, op. cit., 2ª edição, página 396

(5) Para o caráter relevante da Reforma na história desta doutrina, também conforme Nösgen, op. cit., página 2. "Pois o seu desenvolvimento, uma linha divisória é provida simplesmente e somente pela Reforma, e isto meramente porque naquela época a atenção foi intensamente dirigida para a maneira correta da aplicação da salvação. Assim os problemas da salvação especialmente operada pelo Espírito Santo, da maneira do Seu agir na congregação dos crentes foram jogados ao chão; e o tratamento teológico desta doutrina foi de importância crescente para a Igreja de Cristo," etc.

(6) Então, por exemplo, uma leitura cuidadosa das páginas 65 até 77 da obra de Pannier "Le Temoignage du Saint-Esprit" nos dá a impressão de exagero, enquanto trata-se simplesmente da supressão de todos temas menores, para enfatizar os fatos salientes que são responsáveis por este efeito.

(7) Assim, Beversluus, op. cit., fala disso como o grande livro do Dr. Kuyper, o qual "não tem valor científico", embora seja repleto de passagens finas, e trate o assunto numa forma multi lateral.

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)
Belo Horizonte, 25 de Janeiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Introdução

"...o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus." [Jo 3:36]; este deve ser o único ponto de vista verdadeiro.

Se subscrevermos esta terrível declaração; não havendo perdido nosso rumo no labirinto de uma tão chamada imortalidade condicional, a qual realmente aniquila o homem, então como podemos sonhar com um estado de felicidade perfeita para os eleitos, ao mesmo tempo em que os perdidos estão sendo atormentados pelos vermes que não morrem? Não há mais amor ou compaixão nos nossos corações? Podemos divertir-nos por um único momento, desfrutando da felicidade do céu, enquanto o fogo não é extinto e nenhuma tocha acesa é levada para iluminar a escuridão exterior?

Fazer da felicidade suprema dos eleitos o fim de todas as coisas, enquanto Satã ainda rosna no poço sem fim, é aniquilar o próprio pensamento de tal felicidade. O amor sofre não somente quando um ser humano sente dor, mas até mesmo quando um animal está sofrendo; quanto mais quando um anjo range seus dentes em tortura, e que anjo lindo e glorioso como Satã o era, antes da sua queda. E todavia a própria menção de Satã inconscientemente tira dos nossos corações o incômodo da identificação com a dor, com o sofrimento, e mesmo a compaixão; pois sentimos imediatamente que o conhecimento do sofrimento de Satã no inferno não faz o mínimo apelo para a nossa compaixão. Pelo contrário, acreditar que Satã existe não significaria, nem na mais absoluta desgraça, uma ferida no nosso profundo senso de justiça.

E este é o ponto: conceber a bem-aventurança de uma alma que não esteja em união absoluta com Cristo é loucura profana. Ninguém

a não ser Cristo é abençoado; e homem nenhum pode ser abençoado a não ser aquele que é um, vitalmente, com Cristo - Cristo nele e ele em Cristo. De igual forma é profanamente louco imaginar um homem ou um anjo perdido no inferno a menos que ele identifique-se com Satã, tendo tornado-se moralmente um com ele. A concepção de uma alma no inferno, alma esta que não seja uma com Satã é a crueldade mais horrível, da qual cada coração nobre recua-se horrorizado.

Cada filho de Deus é furioso com Satã; ele lhe é simplesmente intolerável. No seu íntimo ser (conquanto infiel possa ser a sua natureza) há uma inimizade amarga, ódio implacável contra Satã. Daí que satisfaz a nossa consciência saber que Satã encontra-se no poço sem fundo. Encorajar no coração um apelo por ele, seria traição contra Deus. Agonia profunda pode traspasar, sua alma como uma adaga pela indizível profundidade da sua queda; não obstante Satã, como o autor de tudo o que é demoníaco e malicioso, que feriu o calcanhar do Filho de Deus, ele nunca pode mover os nossos corações. . . ."

I. Tratamento Cuidadoso é Requerido.

"...que vos dá o Seu Espírito Santo." - I Tessalonicenses 4:8.

A necessidade de direção divina nunca é mais profundamente sentida do que quando alguém se propões a instruir quanto à obra do Espírito Santo - indizivelmente suave é o tema, tocando os mais íntimos segredos de Deus e os mais profundos mistérios da alma.

Nós protegemos instintivamente a intimidade de parentes e amigos de observação intrusa, e nada fere mais o coração sensível do que a exposição rude daquilo que não deveria ser revelado, do que é lindo somente no retiro do seio familiar. Maior delicadeza é apropriada para nossa abordagem do santo mistério da intimidade da nossa alma com o Deus vivo. De fato, dificilmente podemos encontrar palavras para expressar, pois toca um território muito abaixo da vida social onde a linguagem é formada e a utilização determina o significado das palavras.

Vislumbres desta vida têm sido revelados, mas a parte maior tem sido oculta. É como a vida Dele que não clamou, nem levantou nem fez com que a Sua voz fosse ouvida na rua. E que o que foi

ouvido de sua voz foi mais sussurrado que falado-um suspiro da alma, macio mas sem voz, ou antes uma irradiar do próprio calor abençoado da alma. Algumas vezes a quietude foi quebrada por um clamor ou mesmo um grito; mas houve principalmente um silencioso trabalhar, um firme ministrar de reprimenda ou um suave conforto por aquele Ser maravilhoso da Trindade Santa, a quem gaguejamos ao adorar como o Espírito Santo.

Experiência espiritual não provê base para instrução; pois tal experiência baseia-se no que ocorreu na nossa própria alma. Isto certamente tem valor, influência, no assunto. Mas o que garante a fidelidade e a exatidão na interpretação de tal experiência? E de novo, como podemos distinguir suas várias origens - de nós mesmos, do ambiente externo, ou do Espírito Santo? A dupla questão sempre existirá: A nossa experiência é compartilhada por outros, e não pode ser corrompida pelo que em nós é pecaminoso e espiritualmente anormal?

Embora não exista assunto no tratamento do qual a alma se incline mais a tirar conclusões baseadas na sua própria experiência, não há nenhum que demande mais que a nossa única fonte de conhecimento seja a Palavra dada a nós pelo Espírito Santo. Depois disso, a experiência humana pode ser ouvida, atestando o que os lábios confessaram; mesmo concedendo vislumbres dos mistérios gloriosos do Espírito, os quais são inenarráveis e acerca dos quais, portanto, não há narrativas nas Escrituras. Mas tal não pode constituir-se em base para instrução a outros.

A Igreja de Cristo, seguramente, apresenta abundante expressão espiritual em hinos e cânticos espirituais, em homilias de exortação e de consolação; em confissão sóbria de almas quase que perto de serem devastadas pelas inundações de perseguição e de martírio. Mas mesmo isto não pode ser o alicerce do conhecimento relativo à obra do Espírito Santo.

As razões a seguir o mostrarão:

Primeiro: A dificuldade de diferenciarmos entre homens e mulheres cuja experiência consideramos pura e saudável; e aqueles cujo testemunho colocamos de lado como forçados e corrompidos. Lutero falava freqüentemente da sua experiência, assim como Caspar

Schwenkfeld, o perigoso fanático. Mas o que é a nossa garantia para aprovar os pronunciamentos do grande Reformador e alertar contra os pronunciamentos do nobre Silesiano? Pois que evidentemente, os testemunhos dos dois homens não podem ser igualmente verdadeiros. Lutero condenava como uma mentira o que Schwenkfeld recomendava como realização altamente espiritual.

Segundo: O testemunho de crentes apresenta somente os contornos difusos da obra do Espírito Santo. As suas vozes são fracas como se oriundas de uma região desconhecida; e o seu discurso irregular é inteligível somente quando nós, iniciados pelo Santo Espírito, podemos interpretá-lo a partir da nossa própria experiência. Do contrário escutamos, mas não conseguimos compreender; ouvimos, mas recebemos informação alguma. Somente aquele que tem ouvidos pode ouvir o que o Espírito tem falado secretamente a estes filhos de Deus.

Terceiro: Entre aqueles heróis Cristãos cujo testemunho recebemos, alguns falam claramente, verdadeiramente, vigorosamente; outros confusamente como se estivessem tateando no escuro. E de onde vem a diferença? Uma análise mais próxima mostra que os primeiros tomaram emprestado o seu estímulo, a sua ligeireza, da Palavra de Deus, enquanto que os outros tentaram acrescentar à ela algo novo, que prometia ser grande, mas que tratava-se somente de bolhas, que se dissolveram rapidamente sem deixar nenhum traço.

Último: quando, por outro lado, neste tesouro de testemunhos Cristão encontramos algumas verdades melhor desenvolvidas, mais claramente expressas, mais talentosamente ilustradas do que nas Escrituras; ou, em outras palavras, quando o minério da Escritura Sagrada foi fundido no cadinho da angústia da Igreja de Deus, e moldado em formas mais permanentes, nós então sempre descobrimos em tais formas certos tipos estáveis. A vida espiritual expressa-se diferentemente entre esquimós de alma sincera do que entre Franceses de coração leve. O Escocês exterioriza os sentimentos do seu seu coração transbordante de uma forma diferente da que faz o emotivo Alemão.

Sim, ainda mais impressionante, um pregador obteve uma influência marcada sobre as almas dos homens numa certa localidade; um exortador conquistou os corações do povo; ou uma mãe em Israel proclamou sua palavra entre os seus vizinhos; e o que descobrimos? Que em toda aquela região não encontramos outras expressões de vida espiritual senão aquelas cunhadas por aquele pregador, por aquele exortador, por aquela mãe em Israel. Isto nos mostra que a linguagem, as próprias palavras e formas nas quais a alma se expressa, são em muito emprestadas, e raramente brotam a partir da consciência espiritual de cada um; e destarte não asseguram a exatidão da interpretação que fazem da experiência da alma.

E quando heróis tais como Agostinho, Tomás, Lutero, Calvino e outros nos apresentam algo impressionantemente original, encontramos então dificuldade para entender seu testemunho forte e vigoroso. Pois a individualidade desses vasos escolhidos é tão marcada que, a menos que detidamente examinados e testados, não podemos compreendê-los totalmente.

Tudo isto nos mostra que a fonte de conhecimento relativo à obra do Espírito Santo, que num julgamento superficial, deveria verter copiosamente desde os poços profundos da experiência Cristã, trata-se de não mais que poucas gotas.

Assim é que para o conhecimento do assunto nós devemos retornar à maravilhosa Palavra de Deus, a qual como um mistério dos mistérios permanece ainda incompreendida na Igreja, aparentemente morta como uma pedra, mas uma pedra que produz fogo. Quem não viu suas faíscas cintilantes? Onde está o filho de Deus cujo coração não foi inflamado pelo fogo da Palavra de Deus?

Mas a Bíblia direciona pouca luz para a obra do Espírito Santo. Como prova, veja o quanto é dito no Velho Testamento sobre o Messias e o quão comparativamente pouco sobre o Espírito Santo. O pequeno círculo de santos, Maria, Simeão, Ana, João, que, no vestibulo do Novo Testamento, puderam perscrutar o horizonte do Antigo Testamento com um vislumbre - quanto eles sabiam da Pessoa do Salvador Prometido, e quão pouco da obra do Espírito Santo! Mesmo incluindo todos os ensinamentos do Novo Testamento, quão

fraca e difusa é a luz jogada sobre a obra do Espírito Santo, comparada com aquela sobre a obra de Cristo!

E isto é muito natural; e não poderia ser diferente, pois Cristo é o Verbo feito Carne, tendo forma visível e bem definida, na qual reconhecemos a nossa própria, aquela de um homem, cujo perfil segue a direção do nosso próprio ser. Cristo pode ser visto e ouvido; uma vez as mãos dos homens puderam até mesmo tocar a Palavra da Vida. Mas o Espírito Santo é totalmente diferente. Dele nada aparece em forma visível; Ele nunca sai para fora do espaço intangível. Flutuando, indefinido, incompreensível, Ele permanece um mistério. Ele é como o vento! Ouvimos o seu som, mas não podemos dizer de onde vem nem para onde vai. O olho não pode vê-lo, o ouvido não pode ouvi-lo, muito menos a mão tocá-Lo. Há, na realidade, sinais simbólicos e aparições: uma pomba; línguas de fogo; o som de um vento forte, impetuoso; o respirar dos lábios santos de Jesus; afagar de mãos, um falar em língua estrangeira. Mas de tudo isto nada continua, nada perdura, nem mesmo o sinal de uma pegada. E depois de os sinais haverem desaparecido, o Seu ser permanece tão enigmático, misterioso e distante como nunca. Então quase toda a instrução divina relativa ao Espírito Santo é, da mesma forma, obscura, somente inteligível tanto quanto ele a faça clara aos olhos da alma favorecida.

Sabemos que o mesmo pode ser dito da obra de Cristo, cujo importe real é compreendido solenemente pelos espiritualmente iluminados, que percebem as maravilhas eternas da Cruz. E, ainda assim, que fascinação maravilhosa existe mesmo para uma criancinha, na estória da manjedoura em Belém, da Transfiguração, do Julgamento e do Gólgota. Quão facilmente podemos prender seu interesse falando-lhe do Pai celeste que enumera todos os fios de cabelo de sua cabeça, veste os lírios do campo, alimentas os pardais no telhado. Mas é possível prender a sua atenção na Pessoa do Espírito Santo? O mesmo é verdade quanto aos não regenerados: eles não se interessam muito para falar do Pai celeste; muitos falam sentimentalmente da Manjedoura e da Cruz. Mas falam eles alguma vez do Espírito Santo? Eles não podem; o assunto não tem nenhum

significado para eles. O Espírito de Deus é tão santamente sensível que Ele se retira do olhar irreverente dos não iniciados.

Cristo revelou-Se inteiramente. Foi o amor e a compaixão divina do Filho. Mas o Espírito Santo não o fez. A Sua fidelidade salvadora, é encontrar-nos somente nos lugares secretos do Seu amor.

Isto nos traz outra dificuldade. Por causa do seu caráter não revelado a Igreja tem ensinado e estudado a obra do Espírito muito menos que a de Cristo; e tem obtido muito menos clareza na sua discussão teológica. Nós podemos dizer, desde que Ele deu a Palavra e iluminou a Igreja, que Ele falou muito mais do Pai e do Filho do que de Si próprio; não como se fosse egoísmo falar mais de Si mesmo-pois egoísmo pecaminoso é algo inconcebível para Ele-mas que ele deve revelar o Pai e o Filho antes que Ele pudesse levar-nos a um discipulado mais íntimo consigo.

Esta é a razão por que há tão pouca pregação sobre o assunto, que livros em Teologia Sistemática raramente o tratem separadamente; que o apelo e a animação do Pentecostes (a festa do Espírito Santo) às igrejas seja muito menor que o do Natal ou da Páscoa, que infelizmente muitos ministros, de outra forma fiéis, adiantem muitos pontos de vista errados sobre o assunto-um fato do qual tanto eles como as igrejas parecem não ter consciência.

Assim é que uma discussão especial deste tema merece atenção.

Desnecessário dizer que requer grande cautela e tratamento delicado. É a nossa oração, que a discussão possa revelar tão grande cuidado e cautela como exigido; e que os nossos leitores Cristãos possam receber nossos débeis esforços com aquele amor que muito sofreu.

II. Dois Pontos de Vista.

"Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca." Sl 33:6

A obra do Espírito santo que mais nos diz respeito é a renovação dos eleitos à imagem de Deus. E isto não é tudo. Cheira mesmo a egoísmo e irreverência dar tanta proeminência a este ponto, como se fosse a Sua única obra.

Os redimidos não são santificados sem Cristo, que foi feito para a santificação deles; assim é que a obra do Espírito deve incluir também a Encarnação do Verbo e a obra do Messias. Mas a obra do Messias envolve trabalho preparatório nos Patriarcas e Profetas de Israel; e mais tarde a atividade nos Apóstolos, i.e., o anunciar da Palavra Eterna na Escritura. Do mesmo modo, esta revelação envolve as condições da natureza do homem e do desenvolvimento histórico da raça; assim é diz respeito ao Espírito Santo a formação da mente humana e o desdobrar do espírito de humanidade. Por último, a condição do homem depende da condição da terra; as influências exercidas pelo sol, a lua e as estrelas; pelos movimentos elementares; e não menos pelas ações de espíritos, sejam eles anjos ou demônios de outras esferas. Portanto, a obra do Espírito deve compreender inteiramente as multidões do céu e da terra.

Para evitar uma idéia mecânica da obra do Espírito Santo, como se começasse e terminasse ao acaso, como uma tarefa numa fábrica; ela não pode ser limitada nem determinada, até abranger a todas as influências que afetam a santificação da Igreja. O Espírito Santo é Deus, portanto soberano; portanto Ele não pode depender destas influências, mas as controla completamente. Por isso Ele deve ser capas de operá-las; então a sua obra deve ser honrada por todas as multidões do céu, no homem e na sua história, na preparação da Escritura, na Encarnação do Verbo, na salvação dos eleitos.

Mas não é tudo. A salvação final dos eleitos não é o último elo na cadeia de eventos. A hora que completa a sua redenção será a hora do acerto de contas para toda a criação. A revelação Bíblica do retorno de Cristo não é mera cerimônia encerrando a dispensação preliminar, mas o evento grande e notável, a consumação de tudo o anterior, a catástrofe na qual tudo o que existe recebe o merecido.

Naquele grande e notável dia, com comoção e terrível mudança, os elementos serão combinados em um novo céu e uma nova terra, i.e., a glória e a beleza real do propósito original de Deus emergirão das chamas daqueles elementos. Então toda doença, toda miséria, toda praga, tudo o que não for santo, cada demônio, cada espírito voltado contra Deus serão malditos verdadeiramente. Isto é, tudo o que é pecaminoso receberá sua paga, i.e. um mundo no qual o

pecado tem o controle absoluto. Pois o que é o inferno senão um território no qual a pecaminosidade opera sem qualquer restrição no corpo e na alma? Então a personalidade do homem recobrará a unidade destruída pela morte; e Deus proporcionará aos Seus redimidos a realização daquela santa esperança confessada na terra, em meio a conflitos e aflições, nas palavras: "Eu creio na ressurreição do corpo". Então Cristo triunfará sobre cada poder de Satã, do pecado e da morte; e receberá o que Lhe é devido como o Cristo. Então o joio será separado do trigo; a miscigenação acabará, e a enxada do povo de Deus será vista; o mártir estará arrebatado e o que o martirizou estará no inferno. Então, também, o véu será tirado da Jerusalém que está no alto. Desaparecerão as nuvens que impediam-nos de ver que Deus estava certo em todos os Seus julgamentos; então a sabedoria e a glória de todos os Seus conselhos serão justificadas em ambos, por Satã e nos seus, no poço; e por Cristo e pelos Seus redimidos na cidade do nosso Deus, e o Senhor será glorioso, em todas as Suas obras.

Assim, radiantes da santificação dos redimidos, nós veremos a obra do Espírito Santo envolvendo em eras passadas a Encarnação, a preparação das Escrituras, a formação do homem e do universo; e, estendendo-se eras adentro, o retorno do Senhor, o julgamento final e aquele último cataclisma que separará o céu do inferno para sempre.

Este ponto de vista nos impede visualizar a obra do Espírito Santo em separado da salvação dos redimidos. O nosso horizonte espiritual expande-se; pois a coisa mais importante não é que os eleitos sejam totalmente salvos, mas que Deus seja justificado em todas as Suas obras e glorificado através do julgamento. Para todos que reconhecem que "...o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus." [Jo 3:36], este deve ser o único ponto de vista verdadeiro.

Se subscrevermos esta terrível declaração; não havendo perdido nosso rumo no labirinto de uma tão chamada imortalidade condicional, a qual realmente aniquila o homem, então como podemos sonhar com um estado de felicidade perfeita para os eleitos, ao mesmo tempo em que os perdidos estão sendo atormentados pelos vermes que não morrem? Não há mais amor ou compaixão nos

nossos corações? Podemos divertirmo-nos por um único momento, desfrutando da felicidade do céu, enquanto o fogo não é extinto e nenhuma tocha acesa é levada para iluminar a escuridão exterior?

Fazer da felicidade suprema dos eleitos o fim de todas as coisas, enquanto Satã ainda rosna no poço sem fim, é aniquilar o próprio pensamento de tal felicidade. O amor sofre não somente quando um ser humano sente dor, mas até mesmo quando um animal está sofrendo; quanto mais quando um anjo range seus dentes em tortura, e que anjo lindo e glorioso como Satã o era, antes da sua queda. E todavia a própria menção de Satã inconscientemente tira dos nossos corações o incômodo da identificação com a dor, com o sofrimento, e mesmo a compaixão; pois sentimos imediatamente que o conhecimento do sofrimento de Satã no inferno não faz o mínimo apelo para a nossa compaixão. Pelo contrário, acreditar que Satã existe não significaria, nem na mais absoluta desgraça, uma ferida no nosso profundo senso de justiça.

E este é o ponto: conceber a bem-aventurança de uma alma que não esteja em união absoluta com Cristo é loucura profana. Ninguém a não ser Cristo é abençoado; e homem nenhum pode ser abençoado a não ser aquele que é um, vitalmente, com Cristo - Cristo nele e ele em Cristo. De igual forma é profanamente louco imaginar um homem ou um anjo perdido no inferno a menos que ele identifique-se com Satã, tendo tornado-se moralmente um com ele. A concepção de uma alma no inferno, alma esta que não seja uma com Satã é a crueldade mais horrível, da qual cada coração nobre recua-se horrorizado.

Cada filho de Deus é furioso com Satã; ele lhe é simplesmente intolerável. No seu íntimo ser (conquanto infiel possa ser a sua natureza) há uma inimizade amarga, ódio implacável contra Satã. Daí que satisfaz a nossa consciência saber que Satã encontra-se no poço sem fundo. Encorajar no coração um apelo por ele, seria traição contra Deus. Agonia profunda pode traspasar, sua alma como uma adaga pela indizível profundidade da sua queda; não obstante Satã, como o autor de tudo o que é demoníaco e malicioso, que feriu o calcanhar do Filho de Deus, ele nunca pode mover os nossos corações.

Por que? Qual é a única, profunda razão porque com relação a Satã compaixão é morta, ódio profundo é correto, e amor seria vituperável? Não é porque nós nunca podemos olhar para Satã sem nos lembrarmos que ele é o adversário do nosso Deus, o inimigo mortal do nosso Cristo? Não fosse por isso, nós poderíamos chorar por ele. Mas agora a nossa devoção, a nossa lealdade, a nossa fidelidade a Deus nos ensinam que tal soluçar seria traição contra o nosso Rei.

Somente podemos situarmo-nos corretamente quanto a este assunto, se medirmos o fim de todas as coisas pelo que pertence a Deus. Nós podemos identificar a questão dos redimidos e dos perdidos a partir do ponto de vista correto, somente quando subordinamos ambos ao que é mais alto, i.e. a glória de Deus. Avaliados por Ele, nós podemos imaginar os redimidos num estado de êxtase, entronados, todavia não em perigo de orgulho; uma vez que tal assim o foi, e o é, e o há de ser somente por Sua graça soberana. Mas também avaliados por ele, nós podemos pensar naqueles identificados com Satã, infelizes e miseráveis, sem uma vez sequer ferir o senso de justiça no coração do que se mantém ereto; pois inclinação piedosa para com Satã é impossível para aquele que ama a Deus com profundo e sempiterno amor. E tal é o amor dos redimidos.

Considerada a partir deste ponto de vista tão mais superior, a obra do Espírito Santo assume necessariamente um aspecto diferente. Agora não mais podemos dizer que a Sua obra é a santificação dos eleitos, com tudo o que precede e o que se segue; mas confessamos que é a justificação do conselho de Deus com tudo o que lhe diz respeito, desde a criação e através das eras, até a vinda do Senhor Jesus Cristo, e adiante por toda a eternidade, ambos, no céu e no inferno.

A diferença entre estes dois pontos de vista pode ser facilmente compreendida. De acordo com o primeiro, a obra do Espírito Santo é somente subordinada. Infelizmente o homem está caído; daí que ele está doente, infetado. Desde que ele é impuro e profano, sujeito mesmo à própria morte, o Espírito Santo deve purificá-lo e santificá-lo. Isto implica, primeiro, que não tivesse o homem pecado o Espírito

Santo não teria tido nenhuma obra. Segundo, que quando a obra da santificação está completa, Sua atividade cessará. De acordo com o ponto de vista correto, a obra do Espírito Santo é contínua e perpétua, iniciando-se com a criação, continuando por toda a eternidade, havendo começado mesmo antes que o primeiro pecado aparecesse.

Pode ser objetado que há algum tempo atrás o autor opôs-se de forma enfática à idéia que Cristo teria vindo ao mundo mesmo se o pecado não houvesse adentrado nele; e que agora ele afirma com igual ênfase que o Espírito Santo teria operado no mundo e no homem, mesmo se este último houvesse permanecido sem pecado.

A resposta é muito simples. Se Cristo não houvesse aparecido em Sua capacidade de Messias, Ele teria aparecido igualmente, como o Filho, como a Segunda Pessoa na Divindade, a Sua própria esfera divida de ação, vendo que todas as coisas consistem através dEle. Ao contrário, se a obra do Espírito Santo estivesse confinada à santificação dos redimidos, Ele seria absolutamente inativo se o pecado não houvesse adentrado no mundo. E desde que isto seria o mesmo que uma negação da Sua Divindade, não pode ser tolerado nem por um momento.

Por ocupar este ponto de vista superior, nós aplicamos à obra do Espírito Santo os princípios fundamentais das igrejas Reformadas: "Que todas as coisas devem ser medidas pela glória de Deus."

III. As Obras Interiores e Exteriores de Deus.

"...e todo o exército deles pelo sopro da sua boca." Salmo 33:6

Os teólogos mais completos esclarecidos dos períodos mais florescentes da Igreja costumavam distinguir entre as obras de Deus, interiores e exteriores.

A mesma distinção existe na natureza, até certo ponto. O leão vigiando sua presa difere em muito do leão descansando entre seus filhotes. Observe o olhar ardente, a cabeça erguida, os músculos retesados e a respiração acelerada. É possível notar que o leão, bote armado, está em atividade intensa. Ainda assim a ação agora é somente contemplação. O calor e a excitação, a tensão nervosa, estão todos dentro. Algo terrível está prestes ser feito, mas ainda encontra-se sob contenção, até que ele atire-se com rugido trovejante sobre sua

vítima inocente, enterrando suas garras profundamente na carne trêmula.

Vemos a mesma distinção numa forma mais fina, entre os homens. Quando uma tempestade furiosamente ataca o mar, e a sorte dos barcos de pesca que não estão na praia, ainda esperados voltarem com a maré é, incerta, a mulher de um pescador, aflita senta-se no topo de uma duna na praia, esperando e observando em suspense mudo. Enquanto espera, o seu coração e a sua alma lutam em prece; seus nervos estão tensos, seu sangue corre rápido, e sua respiração quase que presa. Todavia não há nenhuma ação exterior; somente a luta interna. Mas quando do regresso intacto dos barcos, quando ela vê o seu, seu coração incomodado encontra alívio num pranto de alegria.

Ou, tirando exemplos dos caminhos mais simples da vida, compare o estudante, o acadêmico, o inventor idealizando sua nova invenção, o arquiteto formando os seus planos, o general avaliando suas oportunidades, o marinheiro resolutos escalando o mastro do seu navio, ou o ferreiro erguendo a marreta para bater no aço flamejante sobre a bigorna com força muscular concentrada. Julgando superficialmente, alguém poderia dizer que o ferreiro e o marinheiro trabalham, mas os homens do aprendizado são preguiçosos. Todavia aquele que olha por sob a superfície sabe melhor que isso. Pois aqueles homens aparentemente não desenvolvem nenhum trabalho manual, sua labuta é com o cérebro, nervos e sangue; todavia tais órgãos são mais delicados que a mão ou o pé, seu trabalho interno, invisível é muito mais exaustivo. Com o seu esforço o ferreiro e o marinheiro são retratos de saúde, enquanto que os homens de força mental, aparentemente ociosos entre os seus papéis e documentos, empalidecem-se de exaustão, sua vitalidade sendo quase que totalmente consumida pelo seu esforço intenso.

Aplicando esta distinção sem as suas limitações humanas às obras do Senhor, vemos que as obras exteriores de Deus têm o seu começo quando Deus criou os céus e a terra; e que antes daquele momento que marca o nascimento do tempo, nada existia exceto Deus operando em Si mesmo. Daí esta operação de duas fases: A primeira, externamente manifesta, conhecida por nós nos atos da

criação, sustentação e direcionamento de todas as coisas-atos que, comparados com aqueles da eternidade, parecem ter começado somente ontem; pois o que são milhares de anos na presença das eras eternas? A segunda, mais profunda, mais rica, mais completa, ainda não manifestada, oculta nEle, a qual nós portanto designamos interiores.

Embora estas duas operações possam dificilmente serem separadas - pois nunca houve uma que fosse manifestada sem que primeiro não fosse completada interiormente - todavia a diferença é fortemente marcada e facilmente reconhecida. As obras interiores de Deus dizem respeito à eternidade; as obras exteriores de Deus dizem respeito ao tempo. A primeira precede, a última segue: A fundação do que torna-se visível encontra-se naquilo que permanece invisível. A luz em si mesma está oculta, é somente a radiação que aparece.

As Escrituras Sagradas, falando das obras interiores de Deus, dizem: "O conselho do Senhor permanece para sempre, e os intentos do seu coração por todas as gerações." [Salmo 33:11]. Desde que em Deus coração e pensamento (conselho, N.T.) não têm existência em separado, mas a Sua Essência única pensa, sente e determina; aprendemos desta significativa passagem que o Ser de Deus opera em Si mesmo desde toda a eternidade. Isto responde à pergunta tola e muitas vezes repetida, "O que fazia Deus antes que Ele criasse o universo?" a qual é tão irracional quanto perguntar o que o pensador fazia antes de expressar os seus pensamentos, ou o que fazia o arquiteto antes de construir a casa!

As obras interiores de Deus, as quais são de eternidade a eternidade, não são insignificantes, mas excedem as Suas obras exteriores em profundidade e força, como o pensamento do estudante e a angústia do sofredor excedem em intensidade as suas expressões, seus pronunciamentos. "Se pudesse ao menos chorar", diz o aflito, "quão mais facilmente poderia suportar minha amargura!" E o que são as lágrimas senão a expressão exterior da tristeza, aliviando a dor e a pressão do coração? Ou pense na mãe carregando seu filho no útero, antes do parto. É dito do decreto de que ele "produz efeito" (Sofonias 2:2), o que implica que o fenômeno é somente o resultado

da preparação oculta aos olhos, mas mais real que a produção, e sem a qual não haveria nenhum efeito.

Assim a expressão dos nossos teólogos antigos é justificada, e é patente a diferença entre as obras interiores e as exteriores.

Semelhantemente as obras interiores de Deus são as atividades do Seu Ser, sem a distinção de Pessoas; enquanto as Suas obras exteriores admitem e até determinado ponto demandam esta distinção: por exemplo, a comum e bem conhecida distinção da obra do Pai como Criador, da obra do Filho como Redentor e da obra do Espírito como Santificador relacionam-se somente com as obras exteriores de Deus. Enquanto que estas operações-criação, redenção e santificação-estão ocultas nos pensamentos do Seu coração, no Seu conselho e Seu Ser; é o Pai, Filho e Espírito Santo quem cria, é o Pai, o Filho e o Espírito Santo quem redime e é o Pai, o Filho e o Espírito Santo quem santifica, sem qualquer divisão ou distinção de atividades. Os raios de luz ocultos no sol são invisíveis e indistintos até que se irradiem; também no Ser de Deus o operar interior é um e indivisível; Suas glórias pessoais permanecem invisíveis até que sejam reveladas nas Suas obras exteriores. Um regato é um até que despenque no precipício e divida-se em muitas gotas. Assim a vida de Deus uma é inteira enquanto oculta em Si mesmo, mas quando é derramada nas coisas criadas por Ele a sua matiz de cor é revelada. Como, portanto, as obras interiores do Espírito Santo são comum às três Pessoas da Deidade, não as discutimos, mas tratamos somente daquelas operações que trazem consigo as marcas pessoais das Suas obras exteriores.

Mas não pretendemos ensinar que a distinção dos atributos pessoais do Pai, do Filho e do Espírito Santo não existiam no Ser divino, mas que originaram-se somente nas Suas atividades exteriores.

A distinção do Pai, do Filho e do Espírito Santo é a característica divina do Ser Eterno, o Seu modo de subsistência, sua base mais profunda; pensar nEle sem aquela distinção seria absurdo. De fato, na economia eterna e divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cada uma das Pessoas Divinas vive e ama e glorifica conforme as Suas próprias características pessoais, de forma que o Pai

permanece como Pai para com o Filho; e o Filho permanece como Filho para com o Pai; e o Espírito Santo procede de ambos.

É certo questionar como isto está de acordo com a declaração feita anteriormente, de que as obras interiores de Deus pertencem, sem distinção de Pessoas, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; e são portanto as obras do Ser Divino. Encontramos a resposta na distinção cuidadosa da natureza dupla das obras interiores de Deus.

Algumas operações no Ser Divino estão destinadas a serem reveladas com o tempo; outras permanecerão incógnitas para sempre. As primeiras dizem respeito à criação; as últimas, somente as relações do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tome, por exemplo, a eleição e a geração eterna. Ambas são operações interiores de Deus, mas com diferença marcada. A geração eterna do Filho pelo Pai não pode nunca ser revelada, mas deve permanecer para sempre um mistério da Divindade; e enquanto que a eleição pertença como decreto às obras interiores de Deus, todavia está destinada na plenitude dos tempos a tornar-se manifesta na chamada dos eleitos.

Referindo-se às obras de Deus permanentemente interiores, que não se relacionam com a criatura, mas fluem da relação mútua do Pai, do Filho e do Espírito Santo, as características distintivas das três Pessoas devem ser mantidas à vista. Mas com aquelas que virão a tornar-se manifestas, relacionadas com a criatura, esta distinção desaparece. Aqui a regra aplica-se que todas as obras interiores são atividades do Ser divino sem distinção de Pessoas. Ilustrando: No lar há dois tipos de atividades, um fluindo do relacionamento mútuo entre pais e filhos, outro dizendo respeito à vida social. No primeiro a distinção entre pais e filhos nunca é ignorada; no último, se a relação for normal, nem os pais nem os filhos agem sozinhos, mas a família como um todo. Assim também no santo, misterioso sistema do Ser Divino, cada operação do Pai para com o filho, e de ambos para com o Espírito Santo é distinta, mas em cada ato exterior é sempre do Ser Divino Uno, os pensamentos e as vontades do Seu coração para com todas as Suas criaturas. Nessa perspectiva o homem natural não sabe mais do que ele tem de saber, que tenha a ver com Deus.

Os Unitarianos, negando a Trindade Santa, nunca alcançaram nada mais elevado do que aquilo que pode ser visto através da luz do

entendimento humano obscurecido. Nós muitas vezes descobrimos que muitos batizados com água mas não com o Espírito Santo falam do Deus Triúno porque ouvem dizer. Pois por si mesmos eles somente sabem que Ele é Deus. É por isso que o conhecimento discriminativo do Deus Triúno não pode iluminar a alma até que o Astro-dia raie dentro do coração do homem e a luz da redenção brilhe dentro dele. Nossa Confissão expressa corretamente isto, ao dizer: "Sabemos tudo isso tanto do testemunho das Sagradas Escrituras como das suas operações, principalmente aquelas que sentimos em nós mesmos."(art ix) - [N.T. o autor cita a primeira frase do art ix à "A Prova do Artigo Anterior da Trindade de Pessoas em Um Deus" ("The Proof of the Foregoing Article of the Trinity of Persons in One God") = Confissão de Fé Belga ("Belgic Confession of Faith"), como consta na página http://www.rcus.org/standards/belgic_confession_of_faith.htm#art9]

IV. A Obra do Espírito Santo Distinguida.

"...o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas." Gênesis 1:2

O que, em geral, é a obra do Espírito Santo de maneira distinta da obra do Pai e da obra do Filho?

Não que cada crente precise conhecer estas distinções em todos os seus particulares. A existência da fé não depende de distinções intelectuais. A questão principal não é se podemos distinguir o obra do Pai da obra do Filho e da obra do Espírito Santo, mas se temos experimentado as suas operações de graça: A raiz da matéria, e não o nome, é o que decide.

Devemos então dar valor mais brando a um entendimento claro das coisas sagradas? Devemos considerá-las supérfluas e chamar seus grandes assuntos de questões evasivas? De modo algum. A mente humana pesquisa cada segmento da vida. Os cientistas consideram uma honra gastar suas vidas analisando os mais diminutos insetos e plantas, descrevendo cada particular, nomeando cada membro do organismo dissecado. Seu trabalho nunca é chamado de "evasivo", mas é honrado como "pesquisa científica". E muito certamente, pois aqui, sem diferenciação não pode haver descobertas, e sem

descobertas não pode haver um aprendizado completo do assunto. Então, por que chamar este mesmo desejo de inútil quando ele direciona a atenção não para a criatura, mas para o Senhor Deus nosso Criador?

Pode existir qualquer objeto que mereça mais aplicação mental que o Deus eterno? É certo e apropriado insistir numa discriminação correta em cada outra esfera do conhecimento, e ainda assim no que se refere ao conhecimento de Deus estar satisfeito com generalidades e pontos de vista confusos? Deus nos convidou para compartilhar do conhecimento intelectual do Seu Ser? Não nos deu Ele a Sua Palavra? E não ilumina, a Palavra, os mistérios do Seu Ser, os Seus atributos, as Suas perfeições, as Suas virtudes, e o modo da Sua subsistência? Se aspirássemos penetrar em coisas por demais elevadas para nós, ou descortinar o não revelado, a reverência exigiria que resistíssemos a tal audácia. Mas desde que pretendemos ouvir às Escrituras com reverente temor, e receber o conhecimento oferecido acerca das coisas profundas de Deus, não pode haver espaço para objeção. Àqueles que franzem as sombrancelhas em desdém ante tal esforço, diríamos: "Vocês podem discernir a face do céu, mas não podem discernir a face do seu Pai celeste."

Portanto a questão relativa à obra do Espírito Santo como distinta da obra do Pai e da obra do Filho é legítima e necessária.

É deplorável que muitos filhos de Deus tenham concepções confusas a esse respeito. Eles não podem distinguir entre as obras do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mesmo em oração eles usam os nomes divinos indiscriminadamente. Embora o Espírito Santo seja explicitamente chamado de Confortador, ainda assim eles buscam conforto muito mais do Pai ou do Filho, e são incapazes de dizer porque e em que sentido o Espírito Santo é especialmente chamado de Confortador.

A Igreja antiga já sentia a necessidade de distinções claras e precisas neste assunto; e os grandes pensadores e filósofos Cristãos que Deus deu à Igreja, especialmente os Pais Orientais, gastaram largamente os seus melhores poderes neste assunto. Eles viram muito claramente que a menos que a Igreja aprendesse a distinguir entre as obras do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a sua confissão da

Trindade Santa somente soaria como morta. Compelidos não pelo amor a sutilezas, mas pela necessidade da Igreja, eles comprometeram-se a estudar estas distinções. E Deus permitiu aos heréticos atormentar a Sua Igreja, de forma a estimular sua mente pelo conflito, e levá-la a buscar a Palavra de Deus.

Então, nós não somos pioneiros numa terra nova. A produção desses artigos pode muito impressionar somente aqueles que são ignorantes quanto aos tesouros históricos da Igreja. Nós propomos simplesmente fazer com que a luz, que por muitas eras projetou seus claros e confortadores raios sobre a Igreja, entre novamente pelas janelas e assim, através de um conhecimento mais profundo, aumente seu poder de iluminação.

Nós começamos com a distinção geral: Que em cada obra efetuada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo em comum, o poder para perpetrá-la provém do Pai; o poder para ordená-la provém do Filho; o poder para completá-la provém do Espírito Santo.

Na primeira carta aos Coríntios, no versículo sexto do oitavo capítulo, Paulo ensina que: "... há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual existem todas as coisas...". Mas no trigésimo sexto versículo do décimo primeiro capítulo, ele acrescenta: "Porque dEle, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas..."

A operação aqui descrita é de três partes: primeira, que através do qual todas as coisas são originadas (dEle); segunda, que através do qual consistem todas as coisas (por Ele); terceira, que através do qual todas as coisas alcançam o seu destino final (para Ele). Em conexão com esta clara, apostólica distinção, os grandes mestres da Igreja, após o século quinto, costumavam distinguir as operações das Pessoas da Trindade dizendo que a operação através da qual todas as coisas originaram-se procede do Pai, que a operação através da todas as coisas receberam consistência procede do Filho; e que a operação através da qual todas as coisas foram guiadas, foram levadas até o seu destino final procede do Espírito Santo.

Estes pensadores transparentes ensinaram que esta distinção estava em linha com aquela das Pessoas. Assim, o Pai é pai. Ele gera o Filho. E o Espírito Santo procede do Pai e do Filho: Portanto o

atributo peculiar da Primeira Pessoa é evidentemente que Ele é a Fonte e a Origem não somente da criação material, mas de sua própria concepção, de tudo o que já foi e de tudo o que é e de tudo o que será. A peculiaridade da Segunda Pessoa reside evidentemente não no fato da geração, mas no fato de ser gerada. Alguém é filho por haver sido gerado. Assim é que desde que todas as coisas procedem do Pai, nada pode proceder do Filho. A fonte de todas as coisas não está no Filho. Todavia ele acrescenta uma obra de criação àquilo o que está vindo à existência; pois o Espírito Santo procede também dEle; mas não somente dEle, e sim do Pai e do Filho, e isto de tal forma que a emanação do Filho é devida à igualdade da sua essência com o Pai.

A Bíblia concorda com isto ao ensinar que o Pai criou todas as coisas por intermédio do Filho, e que sem Ele nada do que foi feito se fez [João 1:3 - N.T.]. Para a diferença entre "criado por intermédio" e "criado a partir", referimo-nos a Colossenses 1:17: "...nele subsistem todas as coisas", i.e. todas as coisas sustentam-se juntas nEle. A passagem em Hebreus 1:3 é ainda mais clara, dizendo que o Filho sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder. Isto nos mostra que como as coisas essenciais da existência da criatura procedem do Pai como Fonte de tudo, assim o formar, o colocar junto e o arranjar dos elementos, dos ingredientes; são a própria obra do Filho.

Se comparássemos reverentemente a obra de Deus com a do homem, diríamos: Um rei propõe-se a construir um palácio. Tal tarefa requer não somente material, mão de obra e projetos, mas também a disposição e o ajuntamento dos materiais de acordo com as plantas. O rei fornece os projetos e os materiais; o construtor constrói o palácio. Quem, então, erigiu o palácio? Nem o rei nem o construtor sozinhos o fizeram; mas sim, o construtor erige-o a partir do tesouro real.

Isto expressa a relação entre o Pai e o Filho nesse respeito, tanto quanto relações humanas podem ilustrar as divinas. Na construção do universo aparecem duas operações: primeira, a causadora, que produz os materiais, as forças e os planos; segunda, a construtiva, a qual com estas forças forma e ordena os materiais, de conformidade com o plano. E como a primeira procede do Pai, assim

a segunda procede do Filho. O Pai é a Fonte Real dos poderes e dos materiais necessários; e o Filho como o Construtor constrói todas as coisas com tais poderes e materiais, de acordo com o conselho de Deus. Se o Pai e o Filho existissem independentemente, tal cooperação seria impossível. Mas desde que o Pai gera o Filho; e em virtude daquela geração o Filho contém o Ser Inteiro do Pai, não pode haver divisão de Seres, e somente permanece a distinção de Pessoas. Pois todo o poder e toda a sabedoria através dos quais o Filho dá consistência a tudo são gerados nEle pelo Pai; enquanto que o conselho o qual designou tudo é uma determinação pelo Pai daquela sabedoria divina a qual Ele, como Pai, gera no Filho. Pois o Filho é para sempre o esplendor da glória do Pai; e a imagem expressa da Sua Pessoa - Hebreus 1:3 = "sendo Ele o resplendor da Sua glória e a expressa imagem do Seu Ser..."

Isto não completa a obra da criação. A criatura é feita não somente para existir ou para adornar algum nicho no universo, como se fosse uma estátua. Antes, tudo foi criado com um propósito e um destino; e a nossa criação será completa somente quanto tivermos nos tornado no que Deus designou. Assim é que em Gênesis 2:3 diz: "Abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que criara e fizera" (N.T.: o autor cita a versão Holandesa: "Deus descansou de toda a sua obra que criara para fazela perfeita."). Assim, para guiar a criatura ao seu destino, fazela desenvolver-se de acordo com a sua natureza, fazela perfeita, é a própria obra do Espírito Santo.

Tradução livre: Eli Daniel da Silva
Belo Horizonte-MG, 01 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Segundo - A Criação

V. O Princípio de Vida Na Criatura

"Pelo seu sopro ornou o céu; a sua mão traspassou a serpente veloz."
Jó 26:13

Vimos que a obra do Espírito Santo consiste em guiar toda a criação ao seu destino, o propósito final do qual é a glória de Deus. Contudo, a glória de Deus na criação aparece em várias formas e graus. Um inseto e uma estrela, o mofo na parede e o cedro no Líbano, um trabalhador comum e um homem como Agostinho, são tudo criaturas de Deus; todavia quão dissimilares são eles entre si; e quão variados são as suas formas e os seus graus de adoração a Deus.

Ilustraremos, portanto, a declaração de que a glória de Deus é o fim definitivo de cada criatura. Comparando a glória de Deus com a de um rei terreal, é evidente de que nada pode ser indiferente àquela glória. O material da construção do seu palácio, a mobília, mesmo o pavimento defronte os portões, ou enaltece ou diminui o esplendor real. Muito mais, no entanto, é o rei honrado pelas pessoas que habitam no palácio, cada um no seu grau, desde o mestre de cerimônias até o primeiro ministro. Todavia a sua mais alta glória é a sua família, os seus filhos e filhas, crias do seu próprio sangue, educados através da sua sabedoria, incentivados pelos seus ideais, unidos a ele nos planos, propósitos; o espírito da sua vida. Aplicando este exemplo, com toda a reverência, à corte do Rei do céu, fica evidente de que cada flor e cada estrela enaltecem a Sua glória, as vidas dos anjos e dos homens são de muito maior significado para o Seu Reino; e novamente, enquanto aqueles últimos estão muito mais proximamente relacionados com a Sua glória, a quem Ele colocou em

posições de autoridade, situam-se mais próximos do que tudo o mais, são os filhos procriados pelo Seu Espírito, e admitidos no secreto do Seu pavilhão. Concluímos, então, que a glória de Deus está refletida na maioria dos Seus filhos; e desde que nenhum homem pode ser Seu filho a menos que seja cria Sua, nós confessamos que a Sua glória é mais aparente nos Seus eleitos, ou na Sua Igreja.

No entanto, a Sua glória não está confinada a estes; pois eles relacionam-se com toda a raça, e vivem entre todos povos e nações, com quem eles compartilham a vida comum. Não nos é permitido e nem somos capazes de separar a sua vida espiritual da sua vida nacional, social e doméstica. E desde que todas as diferenças de vida doméstica, social e nacional são causadas por clima e atmosfera, por comida e bebida, por chuvas e secas, por insetos e plantas - resumindo, por toda a economia deste mundo material, incluindo cometas e meteoros, fica evidente de que todo eles afetam o resultado das coisas e estão relacionados com a glória de Deus. Assim é que, conectado com a tarefa de guiar a criação até o seu destino, o universo inteiro confronta a mente como uma unidade poderosa organicamente relacionada com a Igreja, como a concha relacionada está com o núcleo.

Na realização desta tarefa, a questão aparece, de que maneira a mais justa, a mais nobre e mais santa parte da criação deve alcançar seu destino, pois para fazê-lo, todas as outras partes devem ser feitas subservientes.

Consequentemente, a resposta à questão "Como a multidão dos eleitos alcançará a sua perfeição final?" mostrará que é a ação do Espírito Santo sobre todas as demais criaturas.

A resposta não pode ser duvidosa. Os filhos de Deus nunca podem alcançar o seu fim glorioso a não ser que Deus habite neles como no Seu templo. É o amor de Deus que O leva a habitar nos Seus filhos, pelo seu amor para com Ele para amá-Lo; e ver o reflexo da Sua glória na consciência da obra da Sua própria mão. Este propósito glorioso será realizado somente quanto os eleitos conheçam como são conhecidos, estejam frente a frente com o seu Deus; e desfrutem da felicidade da comunhão mais íntima com o Senhor.

Desde que tudo isto pode ser operado neles somente mediante o Seu habitar nos seus corações; e desde que é a Terceira Pessoa na Trindade Santa quem adentra nos espíritos dos homens e dos anjos, é evidente que os mais altos propósitos de Deus são realizados quando o Espírito Santo faz do coração do homem o seu lugar de morada. Quem ou o que quer que sejamos através de educação ou de posição, não podemos alcançar o nosso destino a menos que o Espírito Santo faça morada em nós e opere no organismo mais interno, mais íntimo do nosso ser.

Se esta Sua mais alta obra não tivesse nenhuma influência sobre qualquer outra coisa que fosse, podemos ainda dizer que tal obra consiste simplesmente na terminação, no acabamento da perfeição da criatura. Mas não é assim. Cada crente sabe que há uma conexão muito íntima entre a sua vida antes e depois da conversão; não como se a vida antes da conversão determinasse a vida após a conversão, mas de maneira tal que a vida em pecado e a vida na beleza da santidade estão ambas condicionadas ao mesmo caráter e à mesma disposição, por influências e circunstâncias similares. Consequentemente, para fazer com que ocorra a nossa perfeição final, o Espírito Santo deve influenciar o desenvolvimento anterior, a formação do caráter e a disposição da pessoa por completo. E esta operação, embora menos marcada na vida natural, deve também ser analisada. No entanto, desde que a nossa vida pessoal é somente uma manifestação da vida humana em geral, segue-se que o Espírito Santo deve ter sido ativo também na criação do homem, embora num grau menos marcante. E, finalmente, como a disposição do homem em si está conectada com as multidões do céu e da terra, a Sua obra também deve inferir na formação destes, embora numa extensão muito menor. Assim é que a obra do Espírito vai tão longe quanto as influências que afetam o homem na obtenção, no alcançar do seu destino ou na falha em fazê-lo. E a medida das influências é o grau no qual elas afetam a sua perfeição. Na partida da alma redimida, cada um reconhece uma obra do Espírito Santo; mas quem pode identificar a Sua obra no movimento das estrelas? Todavia a Bíblia ensina não somente que nós nascemos de novo pelo poder do Espírito de Deus, mas que "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e

todo o exército deles pelo sopro (espírito) da Sua boca." [Salmos, 33:6]

Portanto a obra do Espírito no guiar a criatura ao seu destino, inclui a influência sobre toda a criação desde o início. E, se o pecado não tivesse entrado no mundo, poderíamos dizer que esta obra é conduzida em três estágios sucessivos: primeiro, impregnando a matéria inanimada; segundo, animando a alma racional; terceiro, fazendo Sua morada nos filhos eleitos de Deus.

Mas o pecado entrou no mundo, i.e. um poder apareceu para distanciar o homem e a natureza do seu destino. Assim é que o Espírito Santo deve antagonizar o pecado; o Seu chamado é para aniquilar o pecado; e apesar da oposição do pecado em evitar que os filhos eleitos de Deus bem como toda a criação alcancem o seu fim. A Redenção não é, portanto, uma nova obra acrescentada à obra do Espírito Santo, mas são sim idênticas. Ele tomou sobre si a responsabilidade de trazer todas as coisas até o seu destino, seja sem a interferência do pecado ou seja apesar dela; primeiro, por salvar os eleitos, e depois por restaurar todas as coisas no céu e na terra, quando do retorno do Senhor Jesus Cristo. Coisas incidentais a isto, tais como a inspiração das Sagradas Escrituras, a preparação do Corpo de Cristo, a ministração extraordinária da graça para a Igreja, são somente elos, conectando o começo com o seu fim predeterminado; e apesar do distúrbio do pecado, o destino do universo para glorificar a Deus pode ser assegurado.

Condensando tudo numa declaração só, podemos dizer: Havendo o pecado entrado no mundo uma vez, um fator o qual deve ser levado em consideração, a obra do Espírito Santo brilha mais gloriosamente, no arrebatar e no salvar os eleitos; antes do que as Suas operações estão na obra da redenção e na organização e condução dos recursos da vida natural. O mesmo Espírito que no início movia-se sobre as águas tem, na dispensação da graça nos dados as Sagradas Escrituras, a Pessoa de Cristo, e a Igreja Cristã; e é Ele quem, em conexão com a criação original e através desses meios de graça, agora nos regenera e nos santifica na condição de filhos de Deus.

Com relação a essas operações compreensíveis e poderosas, é de primeira importância ter em vista o fato de que em cada um, Ele efetua somente aquilo que é invisível e imperceptível. Isto marca todas as operações do Espírito Santo. Por detrás do mundo visível encontra-se um mundo espiritual e invisível, com cortes externas e recessos secretos; e sob estes últimos encontram-se as profundezas impenetráveis da alma, as quais o Espírito escolhe como o cenário do seu operar - o Seu templo, onde ele estabelece o Seu altar.

A obra redentora de Cristo também tem partes visíveis e invisíveis. A reconciliação no Seu sangue foi visível. A santificação do Seu corpo e o embelezar da Sua natureza humana com múltiplas graças foram invisíveis. Sempre quando esta obra, interna e oculta, é especificada, a Bíblia sempre a relaciona com o Espírito Santo. Gabriel diz a Maria: "...Virá sobre ti o Espírito Santo..."[Lucas 1:35]. E é dito que "Jesus, pois, cheio do Espírito Santo..."[Lucas 4:1]

Também observamos no exército do céu uma vida material, exterior, tangível, que em pensamento nunca associamos com o Espírito Santo. Mas, conquanto fraco e impalpável, o visível e tangível tem um segundo plano, um fundo invisível. Quão intangíveis são as forças da natureza, quão cheias de majestade as forças do magnetismo! Mas a vida dá sustentação a tudo. Mesmo num tronco aparentemente morto há um sopro imperceptível. Das profundezas impenetráveis de tudo, um princípio interno e oculto opera, trabalha em direção para fora e para o alto. Mostra-se na natureza, muito mais nos homens e nos anjos. E o que é este princípio que desperta e que anima, senão o Espírito Santo? "Escondes o teu rosto, e ficam perturbados; se lhes tiras a respiração, morrem, e voltam para o seu pó. Envias o teu fôlego, e são criados..."[Salmo 104:29, 30]

Este algo interior, invisível, é o toque direto de Deus. Existe em nós, e em toda criatura, um ponto onde o Deus vivo nos toca para sustentar-nos; pois nada existe sem que esteja sustentado pelo Deus Todo Poderoso, de momento a momento. Nos eleitos este ponto é a sua vida espiritual; a consciência racional na criatura racional; e em todas as criaturas, sejam racionais ou não, o seu princípio de vida. E como o Espírito Santo é a Pessoa na Trindade Santa cujo ofício é perpetrar este toque direto e a companhia com a criatura no mais

íntimo do seu ser, é Ele quem habita no coração dos eleitos; que anima cada ser racional; que sustenta o princípio da vida em cada criatura.

VI. O Pão do Céu e da Terra.

"O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida." Jó 33:4

Compreendendo de alguma forma a nota característica da obra do Espírito Santo, vejamos o que esta obra foi e o que é e o que ainda será.

O Pai estabelece, o Filho dispõe e arranja, o Espírito Santo completa. Há um Deus e Pai, a quem pertencem todas as coisas; e um Senhor Jesus Cristo, através do qual são todas as coisas; mas o que a Bíblia diz da obra especial que o Espírito Santo perpetrou na criação; e continua a fazê-lo? Pelo bem da ordem, examinemos primeiro a questão da criação. Deus diz que: "A terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas."[Gênesis 1:2]. Veja também em Jó 26:13: "Pelo seu sopro ornou o céu; a sua mão traspassou a serpente veloz [a constelação do Dragão, ou, de acordo com outros, a Via Láctea]." E ainda: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida."[Jó 33:4]. E novamente: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da Sua boca."[Salmo 33:6], assim como: "Envias o teu fôlego, e são criados; e assim renovas a face da terra."[Salmo 104:30]. E com importe diferente: "Quem guiou o Espírito do Senhor (na criação), ou, como seu conselheiro o ensinou?"[Isaías 40:13]

Estas declarações mostram que o Espírito Santo fez obra própria, na criação.

Elas mostram, também, que as Suas atividades são intimamente ligadas com aquelas do Pai e do Filho. O versículo 6 do Salmo 33 as apresenta como quase idênticas. Na primeira parte lemos: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus"; na segunda: "e todo o exército deles pelo sopro da Sua boca." É bem sabido que em Hebreu, sentenças poéticas paralelas expressam o mesmo pensamento de formas diferentes; pelo que desprende-se, a partir desta passagem,

então, que a obra da Palavra e a do Espírito são a mesma, sendo que esta última acrescenta somente aquilo que é peculiarmente Seu.

Deveria ser notado que dificilmente alguma dessas passagens referem-se ao Espírito Santo pelo Seu próprio nome. Não o chamam de Espírito Santo, mas de o "Espírito da Sua boca", "Seu Espírito", "o Espírito do Senhor". Por conta disso, muitos sustentam que estas passagens não se referem ao Espírito Santo como a Terceira Pessoa na Trindade Santa, mas falam de Deus com Um, sem distinção pessoal; e que a representação de Deus como criador de qualquer coisa por Sua mão, dedos, palavra, sopro, ou Espírito é meramente uma figura de linguagem humana, somente significando que Deus estava assim engajado.

A Igreja sempre se opôs a esta interpretação, e muito certamente, embasada em que mesmo o Antigo Testamento, não simplesmente em poucos lugares, mas de forma completa e inteiramente, apresenta testemunho indubitável das três Pessoas divinas, co-iguais todavia em uma essência. É verdade que isto também tem sido negado, mas por intermédio de uma interpretação errada. E para replicar que "Mas a nossa interpretação é tão boa quanto a sua", nós respondemos que Jesus e os apóstolos são as nossas autoridades; a Igreja recebeu sua confissão dos próprios lábios deles.

Em segundo lugar, negamos que o termo "Seu Espírito" não se refira ao Espírito Santo, pela razão de que no Novo Testamento existem expressões similares que sem sombra de dúvida referem-se a Ele, e.g. "...Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai."[Gálatas 4:6]; "...a quem o Senhor Jesus matará como o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda."[II Tessalonissenses 2:8] e etc.

Em terceiro lugar, a julgar pelas seguintes passagens - "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus"[Salmo 33:6]; "Disse Deus: haja luz. E houve luz."[Gênesis 1:3]; e "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez."[João 1:3]; - não pode haver dúvida de que o Salmo 33:6 refere-se à Segunda Pessoa da Trindade. Assim, também a segunda parte do

mesmo verso, "e todo o exército deles pelo Sopro da Sua boca." deve referir-se à Terceira Pessoa.

Finalmente, falar de um Espírito de Deus que não seja o Espírito Santo é transferir para a Sagrada Escritura uma idéia puramente humana e Ocidental. Nós como homens falamos de um espírito errado que controla uma ação, um exército, ou uma escola, significando uma certa tendência, uma inclinação ou uma persuasão - um espírito que procede de um homem, distinto da sua pessoa e do seu ser. Mas tal não pode e não deve ser aplicado a Deus. Falando de Cristo na Sua humilhação, alguém poderia corretamente dizer, "Ter a mente de Cristo", ou "ter o espírito de Jesus", o que indica a Sua disposição. Mas distinguir o Ser dividido de um espírito daquele Ser é o mesmo que conceber a Divindade de uma forma humana. A consciência divina difere integralmente da humana. Enquanto em nós existe uma diferença entre nossas pessoas e nossas consciências, com relação a Deus tais distinções desaparecem; e a distinção do Pai, do Filho e do Espírito Santo tomam seu lugar.

Mesmo naquelas passagens onde "o Sopro da Sua boca" é acrescentado para explicar "Seu Espírito", a mesma interpretação deve ser mantida. Pois todos idiomas mostram que o nosso respirar, que o nosso sopro, mesmo como o "sopro dos elementos" no vento que sopra perante a face de Deus, corresponde ao ser do espírito. Quase tudo expressa as idéias de espírito, sopro e vento, por termos cognatos. Soprar (o vento) e soprar (respiração) é em toda a Bíblia o símbolo da comunicação do espírito. Jesus assoprou sobre eles e disse: "...Recebei o Espírito Santo."[João 20:22]. Assim, o sopro da Sua boca deve significar o Espírito Santo.

As interpretações antigas das Escrituras não deveriam ser abandonadas apressadamente. Aceitar o dictum (N.T. o posicionamento oficial) da moderna teologia, de que a distinção das três Pessoas divinas não é encontrada no Antigo Testamento; e alusões à obra do Espírito Santo em Gênesis, Jó, Salmos ou Isaías, estão fora de cogitação. Consequentemente, nada é mais natural para os que sustentam esta teologia moderna do que negar completamente o Espírito Santo nas passagens que a ele se referem.

Mas se de uma convicção íntima nós ainda confessamos que a distinção do Pai, do Filho e do Espírito Santo é claramente vista no Antigo Testamento, examinemos então estas passagens referentes ao Espírito do Senhor com discriminação; mantendo com gratidão a interpretação tradicional, a qual encontra pelo menos em muitos destas declarações referências à obra do Espírito Santo.

Estas passagens nos mostram que a Sua obra peculiar na criação foi: primeiro, o flutuar, suspenso, sobre o caos; segundo, a criação dos exércitos do céu e da terra; terceiro, a ordem dos céus; quarto, a animação da criação bruta, e o chamar o homem à existência; e por último, a operação através da qual cada criatura foi feita existente, de acordo com o conselho de Deus relativo a ela.

Assim é que as forças materiais do universo não procedem do Espírito Santo, nem tampouco Ele depositou na matéria as sementes latentes e germes da vida. Sua tarefa especial começa somente depois da criação da matéria, já com os germes da vida nela.

O texto Hebreu nos mostra que a obra do Espírito Santo ao mover-se sobre a face das águas era similar àquela do pássaro que com as asas abertas de par em par como que a flutuar sobre suas crias, acariciando-as e protegendo-as. A figura implica em que não somente a terra existia, mas também que os germes de vida estavam dentro dela; e que o Espírito Santo, impregnando estes germes fez com que a vida viesse à tona, de forma a guiá-la até o seu destino.

Não pelo Espírito Santo, mas pela Palavra foram criados os céus. E quando os céus criados iam receber os seus exércitos, somente então foi o momento para o exercício das funções peculiares do Espírito Santo. O que "o exército do céu" quer dizer não é decidido facilmente. Pode referir-se ao sol, lua e estrelas, ou ao exército de anjos. Talvez a passagem signifique não a criação dos corpos celestes, mas a sua recepção da glória celestial e do fogo do céu. Mas o versículo Salmo 33:6 refere-se, certamente, não à criação da matéria da qual o exército celestial é composto, mas à produção da sua glória.

A passagem em Gênesis 1:2 revela primeiro a criação da matéria e seus germes, então o seu despertar, seus primeiros sinais de vida; a passagem em Salmo 33:6 ensina primeiro a preparação do ser

e a natureza dos céus, e então o nascimento dos seus exércitos, pelo Espírito Santo. A passagem em João 26:13 nos leva a uma conclusão similar. Aqui a mesma distinção entre os céus e a ordenação lógica deles, este último sendo apresentado como a obra especial do Espírito Santo. Este ordenar lógico é a mesma coisa do 'pairar' descrito em Gênesis 1:2 (N.T. veja acima, no penúltimo parágrafo), através do qual o que era sem forma foi formado, a vida oculta emergiu, e as coisas criadas foram guiadas ao seu destino. As passagens no Salmo 104:30 ("Envias o teu fôlego, e são criados; e assim renovas a face da terra.") e em Jó 33:4 ("O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.") ilustram a obra do Espírito Santo na criação de maneira ainda mais clara. Jó nos informa que o Espírito Santo teve uma parte especial na criação do homem; e o Salmo 104:30 que ele desempenhou obra similar na criação dos animais, das aves e dos peixes; pois os dois versos precedentes implicam que o verso 30 "Envias o teu fôlego, e são criados..." - refere-se não ao homem, mas aos monstros que vivem nas profundezas.

Concorde que a matéria da qual Deus fez o homem já estivesse presente no pó da terra, que o tipo do seu corpo estivesse largamente presente no reino animal, e que a idéia do homem e a imagem após a qual ele seria criado já existisse; todavia a partir de Jó 33:4 fica evidente de que ele não veio a existir sem um operar especial do Espírito Santo. Então o Salmo 104:30 prova, que, embora a matéria existisse, a partir da qual a baleia e o unicórnio seriam feitos, e o plano ou o modelo estava já no conselho divino, ainda assim era preciso um ato especial do Espírito Santo para fazer com que existissem. Isto é ainda mais claro à vista do fato de que nenhuma das passagens refere-se à primeira criação, mas a homens e animais formados posteriormente. Pois Jó fala não de Adão e Eva, mas dele próprio. Ele diz: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida." No Salmo 104, Davi refere-se não aos monstros das profundezas criados no início, mas àqueles que passeavam nas correntes do mar enquanto ele cantava este salmo. Se, portanto, os corpos do homem existente e dos mamíferos não são criações imediatas, mas são tomados da carne e do sangue, a natureza e o tipo dos seres existentes, então é mais que evidente que o pairar

do Espírito Santo sobre a matéria não formada é um ato presente; e que portanto a Sua obra criadora foi trazer à luz a vida já existente e oculta no caos, i.e., nos germes de vida.

Isto está de acordo com o que foi dito no início, quanto ao caráter geral da Sua obra. "Conduzir ao seu destino" é trazer à tona a vida oculta, fazer com que a beleza oculta revele-se, despertar para a atividade as energias latentes.

Somente não representemos tal como uma obra desenvolvida em estágios sucessivos-primeiro pelo Pai, cujo trabalho terminado foi assumido pelo filho, depois do qual o Espírito Santo completou a obra assim preparada. Tais representações são indignas de Deus. Há distribuição, não divisão, nas atividades divinas; pelo que Isaías declara que o Espírito do Senhor, i.e. o Espírito Santo, durante e através de toda a obra da criação, desde o início - sim, desde antes do início - direcionou tudo o que haveria de ser.

VII. O Homem Criatura.

"O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida." Jó 33:4

O Eterno e Sempre Bendito Deus veio a ter um contato vital com a criatura através de um ato precedente não do Pai nem do Filho, mas do Espírito Santo.

Trasladado pela soberana graça desde a morte para a vida, os filhos de Deus são cônscios desta irmandade divina; eles sabem que ela consiste não num acordo ou disposição ou inclinação sua própria, mas no toque misterioso de Deus sobre o seu ser espiritual. Mas eles também sabem que nem o Pai ou o filho, mas sim o Espírito Santo, é quem fez dos seus corações o Seu templo. É verdade que Cristo vem a nós através do Espírito Santo; e que através do Filho nós somos feitos co-herdeiros do Pai, de conformidade com a Sua palavra, "Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada." [João 14:23]; todavia qualquer estudante inteligente da Bíblia sabe que é mais especialmente o Espírito Santo que entra nesta pessoa e toca no mais íntimo do seu ser.

Que o Filho encarnado veio estar em contato mais próximo conosco não prova nada ao contrário. Cristo nunca entrou numa pessoa humana. Ele tomou sobre Si a nossa natureza humana, com a qual Ele uniu-Se muito mais proximamente do que o faz o Espírito Santo; mas Ele não tocou no homem interior ou na sua personalidade oculta. Ao contrário, Ele disse que era conveniente para os discípulos que Ele partisse; "...pois se eu não for, o Ajudador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei."[João 16:7]. Mais ainda, a Encarnação não foi completada sem o Espírito Santo, quem veio sobre Maria; e as bênçãos que Cristo impetrava em todos ao Seu redor eram largamente devidas ao dom do Espírito Santo, o qual Lhe havia sido dado sem medida.

Assim, o pensamento principal permanece intacto: Quando Deus vem em contato direto com a criatura, é o operar do Espírito Santo que efetiva tal contato. No mundo invisível, este ato consiste acender, no incendiar e no propagar a centelha da vida; portanto é bem natural e está em perfeita harmonia com o tom geral dos ensinamentos das Escrituras Sagradas que o Espírito de Deus se move sobre a face das águas, que Ele traz em alinhamento os exércitos do céu e da terra, ordenados, animados e resplandecentes.

Além da criação visível, há também uma invisível, a qual, tanto quanto refere-se ao nosso mundo, concentra-se no coração do homem; destarte, em segundo lugar, devemos ver o quão longe a obra do Espírito Santo pode ser identificada na criação do homem.

Não falamos do mundo animal. Não como se o Espírito Santo tivesse nada a ver com a sua criação. Do Salmo 104:30 já havemos provado o contrário. Ademais, ninguém pode negar os traços admiráveis de perspicácia, amor, fidelidade e gratidão em muitos dos animais. Não que fôssemos tolos ao ponto de chamar um cão de meio humano; pois estas propriedades animais mais elevadas são evidentemente nada mais que preformações instintivas⁽¹⁾; esboços do Espírito Santo, destinadas ao seu próprio destino somente no homem. E ainda assim, conquanto admiráveis possam ser esses traços, não é uma pessoa que encontramos no animal. O animal procede do mundo de matéria, e a ele retorna. É somente no homem que aparece aquilo que é novo, invisível e espiritual, justificando-nos na busca de uma

obra especial do Espírito Santo na Sua criação. (1) (N.T. o termo utilizado pelo autor é 'instinctive preformations', provavelmente referindo-se à 'Teoria da Preformação', uma teoria popular no século XVIII, cujo preceito era de que todas as partes de um organismo existem completamente formadas na célula germinativa; e que desenvolvem-se somente conforme o aumento do tamanho do corpo.)

Acerca de si mesmo, i.e. de um homem, Jó declara: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida." [33:4]. 'O Espírito de Deus me fez'. Aquilo que sou como uma personalidade humana é a obra do Espírito Santo. A Ele eu devo o pessoal e o humano que constituem-se no ser que eu sou. Ele acrescenta: 'O sopro do Todo-Poderoso me dá vida'; o que evidentemente faz eco às palavras "...e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente." [Gn 2:7].

Como Jó, nós devemos sentir e reconhecer que, em Adão, você e eu somos criados; quando Deus criou Adão Ele nos criou a nós; na natureza de Adão Ele chamou à vida a natureza na qual hoje vivemos. Os capítulos primeiro e segundo do livro de Gênesis não são um relato de aliens, mas o nosso próprio - com relação à carne e ao sangue os quais carregamos conosco, a natureza humana na qual nos sentamos e lemos a Palavra de Deus.

Aquele que lê a sua Bíblia sem esta aplicação pessoal o faz de forma errônea. Tal o deixa frio e indiferente. Pode encantar-lhe nos dias da sua infância, quando se é fã de contos e de histórias, mas não lhe é sustentação nos dias de conflito, quanto ele se vê frente a frente com os fatos duros e com as realidades da vida. Mas se nos acostumarmos a ver neste relato a história da nossa própria carne e do nosso próprio sangue, da nossa própria natureza e vida humanas, e reconhecer que por geração humana nós procedemos de Adão; e portanto estávamos em Adão quando ele foi criado - então nós também saberemos que quando Deus formou Adão do barro Ele também nos formou; que também nós nos encontrávamos no Paraíso; que a queda de Adão também foi a nossa. Numa palavra, a primeira página do livro de Gênesis relata a história não de um estranho, de um alien, mas dos nossos próprios "eus" reais. O sopro do Todo-

Poderoso nos deu vida, quando o Senhor formou o homem do barro, e soprou-lhe nas narinas e fez dele uma alma viva. A raiz da nossa vida encontra-se nos nossos pais; a fibra tênue daquela raiz vai além deles e antes deles, através da longa linha de gerações, e tem o seu verdadeiro início quando Adão pela primeira vez respirou o puro ar de Deus no Paraíso.

E todavia, embora no Paraíso nós recebêssemos o primeiro começo do nosso ser, também há um segundo começo da nossa vida, em outras palavras, quando da raça, pela concepção e nascimento, cada um de nós foi chamado à vida individualmente. E disto Jó testifica: "O Espírito do Senhor me deu vida."

E novamente, na vida do homem pecador acontece um terceiro começo, quando apraz a Deus converter o ímpio; e disto, também a alma testifica dentro de nós: "O Espírito do Senhor me deu vida."

Deixando de lado este novo testamento, o testemunho de Jó nos mostra que ele tinha consciência do fato de que devia a Deus a sua existência como homem, como pessoa, como ego, por conseguinte sua criação em Adão tanto quanto o seu ser pessoal.

E o que as Sagradas Escrituras nos ensinam com relação à criação do homem? Isto: que o barro do qual Adão foi formado foi tão trabalhado, nele operou-se tanto, que tornou-se uma alma vivente, a qual indica o ser humano. O resultado não foi meramente uma criatura que se movia, que rastejava, que comia, bebia e dormia; mas uma alma viva, que veio a existir no momento quanto o fôlego da vida foi soprado no barro. Não foi primeiro o barro, e depois a vida humana dentro do barro, e depois disso a alma com todas as suas faculdades mais elevadas naquela vida humana; não mesmo, tão logo a vida entrou em Adão, ele era um homem, e todos os seus preciosos dons eram habilidades naturais.

O homem pecador, nascendo do alto recebe dons que são acima da natureza. Por esta razão, o Espírito Santo simplesmente faz morada no pecador revivido. Mas no céu nada disso será assim; pois na morte a natureza humana é tão completamente modificada que o impulso para o pecado desaparece por completo. Consequentemente, no céu o Espírito Santo operar-se-á na natureza humana para sempre e sempre. No presente estado de humilhação, a natureza do

regenerado ainda é a natureza de Adão. O grande mistério da obra do Espírito Santo nele é este: que naquela e por aquela natureza corrupta Ele opera as obras santas de Deus. É como uma luz brilhando através dos painéis na janela, mas não de maneira idêntica como se fosse através do vidro.

No Paraíso, no entanto, a natureza do homem era completa, intacta, tudo a seu respeito era santo. Nós precisamos evitar o perigoso erro de que o homem recém criado tinha um grau inferior de santidade. Deus fez o homem correto, com nada de errado nele ou acerca dele. Todas as suas inclinações, e capacidades, e habilidades eram puras e santas. Deus satisfez-se com Adão, viu que ele era bom; certamente nada mais pode ser desejado. Nesse respeito, Adão diferia do filho de Deus pela graça em não ter a vida eterna; ele devia alcançá-la como a recompensa por obras santas. Por outro lado, Abraão, o pai da fé, começa com a vida eterna, da qual procederiam obras santas.

Assim um perfeito contraste. Adão deve alcançar a vida eterna pelas obras. Abraão tem a vida eterna através da qual ele obtém obras santas. Então para Adão não pode haver nenhum habitar do Espírito Santo. Não havia antagonismo entre ele e o Espírito. Então o Espírito podia preenche-lo, não meramente habitar nele. A natureza do homem pecador repele o Espírito Santo, mas a natureza de Adão O atraía, recebia-O livremente, e permitia que Ele inspirasse o seu ser.

As nossas faculdades e inclinações são ímpares, os nossos poderes desprovidos de vigor, as paixões dos nossos corações são corruptas; por conseguinte o Espírito Santo deve vir até nós de fora. Mas desde que as faculdades de Adão eram todas intactas, e a completa expressão da sua vida interior não perturbada; portando o Espírito Santo podia operar através dos poderes comuns e operações da sua natureza. Para Adão as coisas espirituais não eram um bem sobrenatural, mas natural - exceto a vida eterna, a qual ele devia merecer através do cumprimento da lei. A Escritura expressa essa unidade entre a vida natural de Adão e os poderes espirituais ao identificar as duas expressões-"Soprar o fôlego da vida", e "tornar-se uma alma viva."

Outras passagens mostram que este "sopro" indica especialmente a obra do Espírito. Jesus soprou sobre os Seus discípulos e disse: "...Recebei o Espírito Santo." [João, 20:22]. Ele compara o Espírito Santo com o vento. Em ambos idiomas Bíblicos, o Hebreu e o Grego, o vocábulo 'espírito' significa vendo, fôlego ou sopro. E como a Igreja confessa que o Filho é gerado eternamente pelo Pai, assim também ela confessa que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, como se pelo sopro, pelo fôlego. Destarte, concluímos que a passagem "...e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida..." em conexão com "...o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas" e com a palavra de Jó, "...o sopro (o Espírito) do Todo-Poderoso me dá vida" - aponta para uma obra especial do Espírito Santo.

Antes de Deus soprasse o fôlego da vida no barro inerte, houve uma conferência no direcionamento do Ser divino: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." [Gênesis 1:26]. Isto mostra --

Primeiro, que cada Pessoa divina teve, desempenhou obra distinta na criação do homem-"Façamos o homem" Antes dessa expressão, o singular é usado com relação a Deus-"Disse Deus", "Viu Deus"; mas agora o plural é utilizado, "Façamos o homem", o que implica que aqui, especialmente e mais claramente do que em qualquer passagem precedente, as atividades das Pessoas da Trindade Santa devem ser distintas.

Segundo, que o homem não foi criado vazio, para depois ser completado com poderes e faculdades espirituais mais elevadas, mas que o próprio ato da criação o fez conforme a semelhança de Deus, sem qualquer adição subsequente ao seu ser. Pois nós lemos: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Isto nos assegura que pela criação imediata, o homem recebeu a impressão da imagem divina; que na criação cada uma das Pessoas divinas executou uma obra distinta; e, por último, que a criação do homem com relação ao seu destino mais alto, foi efetuada pelo assoprar do fôlego de Deus.

Esta é a base da nossa declaração, de que a obra criativa do Espírito foi fazer todos os poderes e instrumentos de dons do homem para o Seu próprio uso, conectando-os vital e imediatamente com os

poderes de Deus. Isto está de acordo com os ensinamentos Bíblicos relacionados com a obra regeneradora do Espírito Santo, a qual também, embora de maneira diferente, traz o poder e a santidade de Deus num contato imediato com os poderes humanos.

Negamos, portanto, a asserção freqüente de teólogos éticos, de que o Espírito Santo criou a personalidade do homem, desde que isto opõe-se a todo o sistema da Escritura. Pois, o que é a nossa personalidade senão a realização do plano de Deus com relação a nós? Tal como Deus, desde a eternidade pensou cada um de nós, como distintos dos demais seres humanos, com a nossa própria estampa, nossa história de vida, chamado e destino - assim também cada um deve desenvolver-se e mostrar-se haver se tornado uma pessoa. Então, cada um sozinho alcança o caráter; qualquer outra coisa é chamado de orgulho e de arbitrariedade.

Se a nossa personalidade é resultado direto do plano de Deus, então ela e tudo o mais que temos em comum com todas as outras criaturas não pode ser do Espírito Santo, mas sim do Pai; tal como todas as outras coisas, a nossa personalidade recebe a sua disposição do Filho; e o Espírito Santo age sobre ela como age sobre cada outra criatura, pelo acender a fagulha, revelando o calor da vida.

VIII. Dons e Talentos.

"Veio sobre ele o Espírito do Senhor ..." - Juízes 3:10

Nós agora consideraremos a obra do Espírito Santo na concessão de dons, talentos e habilidades para com artesãos e homens profissionais. A Bíblia declara que a motivação especial e a qualificação de pessoas para trabalhos designados a eles por Deus procede do Espírito Santo.

A construção do tabernáculo exigiu trabalhadores capazes, carpinteiros habilidosos: ourives e especialistas em trabalhos com prata, e mestres nas artes de tecelagem e bordado. Quem os providenciará para Moisés? O Espírito Santo. Pois lemos em Êxodo 31:2-5: "(2)Eis que eu tenho chamado por nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, (3) e o enchi do espírito de Deus, no tocante à sabedoria, ao entendimento, à ciência e a todo ofício, (4)para inventar obras artísticas, e trabalhar em ouro, em prata e em

bronze, (5) e em lavramento de pedras para engastar, e em entalhadura de madeira, enfim para trabalhar em todo ofício." O verso (6) mostra que esta atividade do Espírito Santo também incluía outros: "E eis que eu tenho designado com ele a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, e tenho dado sabedoria ao coração de todos os homens hábeis, para fazerem tudo o que te hei ordenado". E para iluminar ainda mais claramente este assunto, a Bíblia também diz: "a estes encheu de sabedoria do coração para exercerem todo ofício, seja de gravador, de desenhista, de bordador em azul, púrpura, carmesim e linho fino, de tecelão, enfim, dos que exercem qualquer ofício e dos que inventam obras artísticas." [Êxodo 35:35].

O operar do Espírito se nos mostra não somente em habilidades e trabalhos ordinários, mas também nas mais altas esferas do conhecimento humano e atividade mental; pois gênios militares, astúcia legal, política, e poder para inspirar as massas com entusiasmo são igualmente atribuídas àquele operar. Isto é de maneira geral expresso nas palavras: "E o Espírito do Senhor veio sobre" seja um herói, um juiz, um estadista, ou tribuno do povo, especialmente na época dos juizes, quando é dito de Josué, de Otoniel, de Baraque, de Gideão, de Sansão, de Samuel e de outros, que o Espírito do Senhor veio sobre eles. Também de Zorobabel, quando da reconstrução do templo, é dito: "...Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos." [Zacarias 4:6]. Mesmo com relação a Ciro, o rei ateu, nós lemos que Jeová o havia chamado para o Seu trabalho e o ungiu com o Espírito do Senhor ["Assim diz o Senhor ao Seu ungido, a Ciro..." (Isaías 45:1)].

Esta última instância introduz um outro aspecto do caso, ou seja, a operação do Espírito Santo na qualificação de homens para funções oficiais. Pois embora esta operação sobre e através do ofício receba a sua completa significação somente na dispensação da graça, ainda assim o caso do rei Ciro mostra que o Espírito Santo tem originalmente uma obra a desenvolver neste respeito, a qual não é somente o resultado da graça, mas pertence essencialmente à natureza da obra, mesmo que seja óbvio somente na história do lidar especial de Deus para com o Seu próprio povo.

É especialmente notável na contenda entre Saul e Davi. Não há razão para considerar Saul como um eleito de Deus. Depois da sua unção, o Espírito Santo vem sobre ele, habita nele, e opera nele durante todo o tempo em que ele permanece como rei escolhido do Senhor sobre o Seu povo. Mas tão logo ele perde aquele favor devido a sua determinada desobediência, o Espírito Santo o abandona e o Senhor permite que um espírito mau venha lhe aborrecer. Evidentemente, esta obra do Espírito Santo não tem nada a ver com regeneração. Por um tempo ele pode operar sobre um homem, e então abandoná-lo para sempre; enquanto que a operação salvífica do Espírito, mesmo que possa estar suspensa por um tempo, não pode nunca ser totalmente perdida. A tocante oração de Davi, "Não me lances fora da Tua presença, e não retire de mim o Teu Santo Espírito"[Salmo 51:11] deve, portanto, referir-se a dons que o qualificavam no ofício real. Davi tinha o terrível exemplo de Saul perante si. Ele tinha visto no que se transforma um homem a quem o Espírito Santo abandona à própria sorte; e o seu coração tremia ante a possibilidade de um espírito mau vir sobre ele, e de ter ele um fim igual ao de Saul. Como Judas, Saul suicidou-se.

Do ensino da Bíblia nós concluímos, portanto, que o Espírito Santo tem uma obra em conexão com artes mecânicas e funções oficiais - em cada talento especial através do qual alguns homens superam-se em tais artes e ofícios. Este ensinamento não é simplesmente que tais dons e talentos não sejam do homem da de Deus, tanto quanto todas as outras bênçãos, mas que eles não constituem-se na obra do Pai, nem do Filho, mas do Espírito Santo.

A distinção descoberta na criação pode ser aqui observada: dons e talentos provêm do Pai; são dispostos para cada personalidade pelo Filho; e são acesos em cada um pelo Espírito Santo, como se por uma centelha do alto.

Vamos distinguir a arte em si mesma, a vocação para ela e o talento para praticá-la.

A arte não é uma invenção do homem, mas uma criação de Deus. Em todas as nações e em todas as épocas os homens têm buscado as artes da tecelagem, do bordado, da costura, do lavrar e incrustar de metais preciosos, do corte e polimento de diamantes, do

moldar o ferro e o bronze; e em todas essas terras e durante todas essas épocas, sem conhecer o esforço despendido por cada um em cada lugar, os homens têm aplicado as mesmas artes, as mesmas habilidades a todos aqueles materiais. É claro que existe uma diferença. A arte oriental carrega consigo uma estampa bem diferente daquela do Ocidente. Mesmo entre obras Francesas e Alemãs há diferenças. Mas sob as diferenças, o esforço, as técnicas aplicadas, o material, o ideal perseguido, são os mesmos. Da mesma forma, a arte não atingiu a perfeição em tudo de uma só vez; entre as nações, formas inicialmente cruas, e esquisitas, gradualmente desenvolveram-se em formas castas, refinadas, e lindas. Gerações sucessivas incrementaram sucessos alcançados anteriormente, até que dentre as várias nações uma perfeição comparativa da arte fosse alcançada. Assim é que a arte não é o resultado do propósito e do pensamento do homem; mas Deus é que colocou em vários materiais certas possibilidades de trabalho artístico; e através da aplicação desta habilidade artística o homem deve transformar cada material no que existe dentro de cada material, e não no que quer que seja a sua escolha.

Duas coisas devem cooperar para este efeito. Na criação do ouro, da prata, da madeira, do ferro, Deus deve ter colocado neles certas possibilidades, e ter criado poder inventivo na mente humana, perseverança na sua vontade, força nos seus músculos, visão acurada nos seus olhos, delicadeza de toque e ação nos seus dedos, assim qualificando-o para evoluir o que encontra-se latente naqueles materiais. Desde que este labor tem a mesma natureza dentre todas as nações, o progresso perpétuo da mesma grande obra sendo alcançado de conformidade com algum plano majestoso, sucessivamente através de gerações, toda capacidade artística e habilidade de execução deve ser operada no homem por um poder mais elevado e em obediência a um comando mais elevado. Observando os tesouros de uma exposição industrial à luz da Palavra revelada, veremos no seu desenvolvimento gradual e unidade genética o colapso do orgulho humano, e exclamaremos: "O que é toda esta arte e capacidade e habilidade, senão a manifestação das possibilidades que Deus

colocou nestes materiais, e os poderes da mente e do olho e dos dedos, os quais Ele tem dado aos filhos dos homens ! "

Consideremos, agora, os talentos pessoais como total e completamente distintos da arte.

O ourives na sua arte e o juiz no seu ofício entram sob uma obra de Deus. Cada trabalho na sua divina vocação, e toda a habilidade, e toda a capacidade de julgamento que ele pode a partir dali desenvolver advém dos tesouros do Senhor.

Ainda, um artista difere de outro artista, em tudo e por tudo. Um copia o produto da geração anterior e o transfere para a próxima, sem aumentar nem desenvolver a capacidade artística. Ele começa como um aprendiz, e multiplica a sua habilidade entre outros aprendizes; mas a proficiência artística é a mesma. Já outro manifesta algo próxima à genialidade. Ele ultrapassa seu mestre rapidamente; ele vê, ele toca, ele descobre algo novo. Em suas mãos a arte é enriquecida. A ele é dado transferir dos tesouros da divina capacidade artística novas belezas para a capacidade humana.

Assim também de homens em ofício e profissão. Milhares de oficiais treinados nas nossas escolas militares tornam-se bons professores da ciência de táticas como até então praticada, mas não lhe acrescenta nada; enquanto que entre esses milhares pode haver dois ou três dotados de um gênio militar que, no evento de uma guerra surpreenderão o mundo com as suas brilhantes expedições.

Este talento, esta genialidade individual relacionada à personalidade humana, é um dom. nenhum poder no mundo pode criá-la no homem que não a possui. O ser humano nasce com ela ou sem ela; se sem, nenhuma educação ou severidade - nem mesmo ambição - pode torná-la ativa. Mas se o dom da graça é livremente concedido pelo Deus soberano, então o é também o dom da genialidade. Quando o povo ora, que não se esqueçam de rogar a Deus que levante entre eles homens de talento, heróis de arte e de ofício.

Quando em 1870 a Alemanha somente conhecia a vitória, e a França somente a derrota, foi a soberania de Deus que deu à primeira os generais talentosos, em desprazer negou-os à segunda.

Consideremos a vocação.

Homens - oficiais e mecânicos - têm um alto chamado. E não têm a mesma habilidade. Um é adaptado para o mar, um outro para o arado. Um é um desastre numa fundição, mas um mestre em entalhar madeira, enquanto que outro é o oposto. Isto depende da personalidade, da natureza e da inclinação. E desde que o Espírito Santo é quem acende a chama da personalidade, Ele também determina o chamado de cada indivíduo, para os negócios ou para as profissão. O mesmo aplica-se à vida das nações. Os Franceses superam-se em gosto tanto quanto em habilidades artísticas; enquanto que os Ingleses parecem haverem sido criados para o mar, nossos mestres em todos os mercados do mundo. O Espírito Santo concede até mesmo o talento e a habilidade artística para uma nação em uma ocasião, retirando-a noutra. Três séculos atrás, a Holanda ultrapassou toda a Europa na tecelagem, na produção de porcelana, na imprensa, na pintura e na escultura. Mas quão grande foi o declínio subsequente nesses aspectos - embora agora o progresso reapareça.

O que vemos em Israel é relacionado a isto. Essa própria sede e capacidade de conhecimento fez com que o homem caísse. O primeiro impulso foi dado à habilidade artística entre os descendentes de Caim: Jubal, Jabal e Tubal-Caim foram os primeiros artistas. E no entanto, todo esse desenvolvimento, embora alimentado dos tesouros de Deus, separou-se dEle mais e mais, enquanto que o Seu próprio povo via-se completamente sem. Nos dias de Samuel não havia nenhum ourives em toda a terra de Canaã. Assim é que o sobrevir do Espírito sobre Bezaleel e Aoliabe, sobre Otniel e Sansão, sobre Saul e Davi; significa algo mais que o simples multiplicar de talento e de capacidade artística; nominalmente, a restauração do que o pecado havia corrompido e violado. E assim a iluminação de Bezaleel liga a obra do Espírito Santo na criação material àquela na dispensação da graça.

Tradução livre: Eli Daniel da Silva
Belo Horizonte-MG, 05 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Terceiro - A Re-Criação

IX. Criação e Re Criação.

"...eis que derramarei sobre vós o meu espírito..." - Provérbios 1:23

Nós abordamos a obra especial do Espírito Santo na Recriação. Vimos que o Espírito Santo teve parte na criação de todas as coisas, particularmente na criação do homem; e muito particularmente no dotá-lo de dons e talentos; também que a sua obra criadora afeta a sustentação de "coisas", de "homem", e de "talentos", através da providência de Deus; e que nesta série dupla de atividade trina a obra do Espírito está intimamente conectada com a do Pai e a do Filho, de modo que cada coisa, cada homem, cada talento provém do Pai, sendo a disposição nas suas respectivas natureza através do Filho, e recebendo a centelha da vida pelo Espírito Santo.

O velho hino da igreja, "Vem, Espírito Criador", e a confissão antiga do Espírito Santo como o "Vivificante" concordam com isto perfeitamente. Pois o segundo significa aquela Pessoa na Trindade que incendeia a centelha de vida; e o primeiro quer dizer, "Vendo que todas as coisas que vivem e que viverão estão prontas, vem ó Espírito Santo e anima-as."

Sempre há a mesma e profunda verdade: o Pai permanece fora da criatura; o Filho toca-a exteriormente; e pelo Espírito Santo a vida divina toca-a diretamente no íntimo do seu ser.

Que não seja, no entanto, entendido que dizemos que Deus vem a ter contato com a criatura somente na regeneração dos Seus filhos, o que não seria verdade. Para os Gentios em Atenas, Paulo disse: "...nele vivemos, e nos movemos, e existimos..." e de novo "...Pois dele também somos geração"[Atos 17:28]. Sem mencionar

plantas ou animais, na terra não existe nenhuma vida, nenhuma energia, nenhuma lei, átomo ou elemento, a não ser que o Deus Todo-Poderoso e Onipresente acorde e sustente aquela vida a cada momento, faça com que aquela energia opere, e aplique aquela lei. Suponha que por um instante Deus deixasse de sustentar e de animar a vida, as forças, e a lei; naquele mesmo instante elas deixariam de existir. A energia que procede de Deus deve portanto tocar a criatura no próprio centro do seu ser, de onde toda a sua existência deve florescer. Assim é que não existe, não há nenhum sol, nenhuma lua, nem estrela, nenhum material, planta ou animal, e, num sentido muito mais elevado, nenhuma criatura humana, nenhum ser humano, nenhuma habilidade, nenhum dom, nenhum talento; a menos que Deus os toque e os sustente a todos.

É este ato de vir até um contato imediato com cada criatura, animada ou inanimada, orgânica ou inorgânica, racional ou irracional, que, de acordo com a profunda concepção da Palavra de Deus, é executado não pelo Pai, nem pelo Filho, mas sim pelo Espírito Santo.

E isto coloca a obra do Espírito Santo sob uma luz bem diferente daquele na qual durante muitos anos a Igreja observou o assunto. A impressão geral é que a Sua obra refere-se somente à vida de graça, e está confinada à regeneração e à santificação. Isto deve-se mais ou menos à bem conhecida divisão do Credo Apostólico pelo Catecismo de Heidelberg, na sua questão 24, "Como são divididos estes artigos?", que é respondida: "Em três partes. A primeira diz respeito a Deus, o Pai, à nossa criação; a segunda, Deus, o Filho, e à nossa redenção; a terceira, a Deus, o Espírito Santo, e à nossa santificação." E isto também, embora Ursinus, um dos autores deste catecismo já tivesse declarado, no seu "Léxico" que: "Todas as Três Pessoas criam e redimem e santificam. Mas nestas operações Eles observam esta ordem-que o Pai cria de Si mesmo por intermédio do Filho; o Filho cria por intermédio do Pai; e o Espírito Santo por intermédio de Ambos."

Mas desde que o discernimento mais profundo do mistério da Trindade adorável foi gradualmente perdido, e a referência feita de púlpito quanto a ele tornou-se ambas, rara e superficial, o erro

Sabelliano⁽¹⁾ naturalmente enredou-se novamente na Igreja, ou seja, que houveram três sucessivos períodos nas atividades das Pessoas divinas: primeiro, o do Pai criando sozinho o mundo e sustentando a vida natural de todas as coisas. Este teria sido seguido por um período de atividade pelo Filho, quando a natureza tinha tornado-se 'não natural' e o homem, caído, um objeto para redenção. E por último, teria havido o período do Espírito Santo, regenerando e santificando os redimidos no terreno da obra de Cristo.

De acordo com este ponto de vista, na infância, quando o comer, o beber e o brincar ocupavam todo o nosso tempo, nós tínhamos a ver com o Pai. Mais tarde, quando a convicção do pecado tornou-se clara para nós, nós sentimos a necessidade do filho. E o Espírito Santo não nos notou, não prestou atenção em nós até que a nossa vida de santificação tivesse começado. Consequentemente, enquanto o Pai operava, o Filho e o Espírito Santo permaneciam inativos; quando o Filho desenvolvia a sua obra, o Pai e o Espírito Santo estavam inativos; e agora, desde que o Espírito Santo sozinho desenvolve a obra, o Pai e o Filho estão ociosos. Mas desde que este ponto de vista acerca de Deus é insustentável, Sabellius, quem o elaborou filosoficamente, chegou à conclusão de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo nada mais eram que uma só Pessoa; que primeiro operou na criação, como Pai, depois tendo tornado-se o Filho operou na redenção; e agora como o Espírito Santo completa a nossa santificação.

E todavia, inadmissível como esta visão possa ser, ela é mais reverente e contém mais temor a Deus do que as cruas superficialidades dos pontos de vista correntes, que confinam as operações do Espírito inteiramente aos eleitos, começando somente quando da sua regeneração.

Verdadeiros, sermões cujo tema é a criação referem-se, de passagem, ao mover do Espírito Santo sobre a face das águas; e o Seu vir sobre Bezaleel e Aoliabe é tratado na classe catedrática; mas os dois fatos não são conectados entre si, e ao ouvinte nunca é explicado, para que entenda, o que o Autor da nossa regeneração teve a ver com o mover-se sobre as águas; eles nada mais são que fatos isolados. A regeneração foi a obra principal do Espírito Santo.

Os nossos teólogos Reformados têm sempre alertado contra tais representações, as quais são somente o resultado de fazer do homem o ponto de partida na contemplação das coisas divinas. Eles sempre fizeram do próprio Deus o ponto de partida, e não se satisfizeram até que a obra do Espírito Santo fosse claramente vista em todos os seus estágios, através de todas as eras, e no coração de cada criatura. Sem isso, o Espírito Santo não poderia ser Deus, o objeto da sua adoração. Eles sentiam que tal tratamento superficial levaria a negar a Sua personalidade, reduzindo-O a uma mera força.

Assim é que não nos esquivamos de dor, nem omitimos nenhum detalhe, de maneira a, pela graça de Deus, apresentar perante a Igreja dos pensamentos distintos, a saber:

Primeiro, A obra do Espírito Santo não está confinada aos eleitos, e não começa com a regeneração deles; mas toca sim cada criatura, animada ou inanimada, e inicia as suas operações nos eleitos no preciso momento da sua origem.

Segundo, A própria obra do Espírito Santo em cada criatura consiste no despertar e no sustentar da vida com referência ao seu ser e talentos, e, no sentido mais elevado, com referência à vida eterna, a qual é a salvação deles.

Assim, recuperamos a verdadeira perspectiva, essencial para considerar a obra do Espírito Santo na recriação. Pois assim ela se apresenta:

Primeiro, que esta obra de recriação não é executada no homem caído independentemente da sua criação original; mas que o Espírito Santo, quem na regeneração incendeia a centelha da vida eterna, já incendiou e sustentou a fagulha da vida natural. E, novamente, que o Espírito Santo, quem dota o homem nascido do alto com os dons necessários para a santificação e para o seu chamado na nova esfera de vida; dotou-o, na primeira criação, com os necessários dons e talentos.

Disto se segue aquela confissão válida da unidade da vida do homem antes e após o novo nascimento, a qual acaba com toda forma de Metodismo⁽²⁾ na própria raiz, e que caracteriza a doutrina das igrejas Reformadas.

Segundo, é evidente que a obra do Espírito Santo tem o mesmo caráter na criação e na recriação. Se admitirmos que Ele acorda, que ele dá início à vida a qual é criada pelo Pai e pelo Filho, o que faz Ele na recriação, senão uma vez mais acordar e dar início à vida naquele que é chamado pelo Pai e redimido pelo Filho? E novamente, se a obra do Espírito é o tocar de Deus no ser da criatura por Ele (o Espírito Santo), o que é a recriação senão o entrar do Espírito Santo no coração do homem, fazendo ali o Seu templo, confortando, animando e santificando-o?

Assim, seguindo as Sagradas Escrituras e os teólogos superiores, nós alcançamos uma confissão que mantém a unidade da obra do Espírito Santo, e a faz organicamente unir a vida natural e a vida espiritual, a esfera, o reino da natureza e o da graça.

É claro que a Sua obra no segundo ultrapassa aquela no primeiro.

Em primeiro lugar, desde que a Sua obra é tocar o íntimo do ser da criatura, o mais suave e natural que seja o contato, tanto mais gloriosa é a obra. Daí é que ela aparece mais linda no homem que no animal; e com mais brilho no homem espiritual que no homem natural, desde que o contato com aquele é mais íntimo, a associação mais doce, a união completa.

Em segundo lugar, desde que a criação encontra-se tão remota com relação a nós; e a recriação nos toca a nível pessoal e diário, a Palavra de Deus direciona mais atenção a esta última, dedicando a ela uma maior proeminência na nossa confissão. Mas, conquanto diferentes sejam as medidas de operação e de energia, o Espírito Santo permanece na criação e na recriação como o Operador e Iniciador onipotente de toda a vida; e é portanto digno de todo o louvor e de toda a adoração.

X. Orgânico e Individual.

"...Onde está O que pôs no meio deles o Seu Santo Espírito? - Isaías 63:11

A atividade subsequente do Espírito Santo encontra-se na esfera da graça.

Na natureza o Espírito de Deus aparece como criador; na graça, Ele aparece como re-criador. Nós chamamos recriação, porque a graça de Deus cria não algo inerentemente novo, mas uma nova vida numa natureza velha e degradada.

Mas tal não deve ser entendido como se a graça restaurasse somente o que o pecado havia destruído. Pois então o filho de Deus, nascido de novo e santificado, deveria ser como Adão era no Paraíso, antes da queda. Muitos entendem assim este assunto, e o apresentam da seguinte forma: No Paraíso Adão tornou-se infectado; o veneno da corrupção eterna adentrou à sua alma e penetrou em todo o seu ser. Agora vem o Espírito Santo como um médico, trazendo o remédio da graça para curá-lo. Ele aplica o bálsamo nas suas feridas, Ele cura os seus ferimentos e restitui-lhe a juventude; e assim o homem, nascido de novo, curado e renovado, e, de acordo com o ponto de vista daqueles muitos, precisamente o que o primeiro homem era no estado de retidão. Uma vez mais as provisões do pacto de obras lhe são conferidas. Pelas suas boas obras ele novamente tem direito à vida eterna. Novamente ele pode cair como Adão caiu e tornar-se uma presa da morte eterna.

Mas todo este ponto de vista é errado. A graça não coloca o ímpio de volta num estado de retidão, mas justifica-o - trata-se de duas coisas diferentes. Ele que encontra-se em estado de retidão, certamente é reto originalmente, mas esta condição ele pode perder; ele pode ser tentado e falhar como Adão falhou. Ele deve justificar a sua retidão. Sua consistência íntima deve descobrir-se. Aquele que é justo e reto hoje em dia pode tornar-se injusto, ímpio amanhã.

Mas quando Deus justifica um pecador, Ele coloca-o num estado totalmente diferente. A retidão e justiça de Cristo torna-se sua. E o que é esta retidão e justiça? Jesus estava somente em um estado de retidão? De forma alguma. A sua retidão foi testada, foi tentada e verificada; ela foi inclusive provada pelo fogo consumidor da ira de Deus. E esta retidão, transformada de "retidão original" em "retidão vindicada, justificada", foi imputada ao pecador.

Portanto o pecador, quando justificado pela graça, nada tem a ver com o estado de Adão antes da queda, mas ocupa a posição de Jesus após a ressurreição. Ele possui um bem que não pode ser

perdido. Ele não trabalha mais por salários, mas a herança já é sua. Suas obras, seu zelo, seu amor e o seu louvor fluem, não da sua própria miséria, mas da abundante plenitude da vida que foi obtida por ele. Como é freqüentemente expressado: Por Adão, no Paraíso, havia primeiro o trabalho e depois o Sábado de descanso; mas para o pecador justificado pela graça, o Sábado vem primeiro, e em seguida o labor que flui das energias do Sábado. No início a semana terminava com o Sábado; para nós o dia da ressurreição de Cristo abre a semana, que nos alimenta com os poderes daquela ressurreição.

Assim é que a grande e gloriosa obra da recriação tem duas partes:

Primeira, o remover da corrupção, o curar da ferida, a morte para o pecado, a expiação pela culpa.

Segunda, o reverter a ordem original, o modificar completamente a situação, o trazer e o estabelecer de uma nova ordem.

Esta última é a de maior importância. Pois muitos ensinam de maneira diferente. Embora eles concordem que um filho renascido de Deus não seja precisamente o que Adão era antes da queda, todavia eles vêm a diferença somente no recebimento de uma natureza mais elevada. O estado é o mesmo, diferindo somente no grau. Esta é a teoria atual. Esta natureza de grau mais elevado é chamada de "divina-humana", a qual Cristo carrega consigo na Sua Pessoa, a qual consolidada pela Sua Paixão e pela Sua Ressurreição, é agora concedida à alma renascida, elevando a natureza degradada e inferior até esta vida superior. Esta teoria entra em conflito direto com a Bíblia, que nunca fala de condições similares todavia diferindo em grau e poder, mas de uma condição algumas vezes muito inferior, em poder e grau, daquela de Adão, mas transferida para uma ordem inteiramente diferente.

Por esta razão a Bíblia e a Confissão dos nossos pais enfatizam a doutrina dos Pactos; pois a diferença entre o Pacto de Obras e o da Graça mostra a diferença entre as duas ordens de coisas espirituais. Eles, que ensinam que o novo nascimento meramente concede uma natureza mais elevada, permanecem sob o Pacto das Obras. Deles é a

ádua labuta de rolar montanha acima a rocha de Sisyphus⁽³⁾, mesmo que seja com a energia maior da vida mais elevada. A doutrina Bíblica da Graça acaba com esta tarefa impossível de Sisyphus; ela transfere o Pacto de Obras dos nossos ombros para os ombros de Cristo; e abre para nós uma nova ordem, no Pacto da Graça, no qual não pode mais haver incerteza nem medo, privação ou perda das benesses de Cristo, mas do qual a Sabedoria chora, "e a Compreensão elevou sua voz, permanecendo no topo de altos lugares", dizendo que todas as coisas agora estão prontas.

A obra de recriação tem esta peculiaridade, de colocar os eleitos de uma vez, no final da estrada. Eles não são como o viajante ainda a meio caminho de casa, mas como aquele que terminou sua jornada; tendo a longa, sombria e perigosa estrada às suas costas. É claro, ele não percorreu tal estrada; ele nunca poderia ter chegado ao destino sozinho. Seu Mediador e Companheiro percorreu-a por ele - e em seu lugar. E por uma mística união com seu Salvador, é como se ele tivesse viajado o percurso inteiro, não como nós imaginamos, mas como Deus o sabe.

Isto mostrará por que a obra do Espírito Santo parece mais poderosa na recriação que na criação. Pois, o que é a estrada mencionada, senão aquela que leva desde o centro dos nossos corações, degenerados, até o centro do coração amoroso de Deus? Toda santidade tem como objetivo trazer o homem para a comunhão com Deus; daí faze-lo viajar pela estrada entre si e Deus. O homem é o único ser na terra no qual o contato com Deus significa comunhão consciente. Uma vez que esta comunhão está quebrada pela alienação do pecado, ao final da estrada tal comunhão deve ser perfeita, tanto quanto diga respeito ao estado e princípio do homem. Se a comunhão é o final da estrada e a graça de Deus coloca Seu filho lá de uma só vez, ou pelo menos tão próximo dali quanto refira-se ao seu estado, há uma diferença óbvia entre ele e o ímpio; pois este encontra-se infinitamente distante de Deus, enquanto que o primeiro tem a mais doce comunhão com Ele. Desde que é a operação interior do Espírito Santo que consegue isto, a Sua mão deve parecer mais poderosa e gloriosa na recriação do que na criação.

Se pudéssemos ver a Sua obra na recriação, toda de uma vez, como um fato consumado, nós deveríamos entendê-la mais inteiramente e evitarmos as dificuldades que agora encontramos ao comparar o Antigo Testamento com o Novo Testamento, com relação a ela.

A recriação nos traz aquilo que é eterno, completado, aperfeiçoado; muito acima da sucessão de momentos, do curso dos anos, e do desenvolvimento de circunstâncias. Aqui encontra-se a dificuldade. Esta obra eterna deve ser trazida a um mundo temporal, a uma raça que encontra-se em processo de desenvolvimento; já que a obra deve fazer história, aumentando como uma planta, crescendo, brotando, florescendo e frutificando. E esta história deve incluir um tempo de preparação, de revelação, e finalmente de inundar a terra com os rios da graça, da salvação e das bênçãos.

Se a obra não se relacionasse ao homem, mas a seres irracionais, não haveria dificuldade, mas quando começou o seu curso, o homem já se encontrava no mundo; e com o passar das eras os riachos da humanidade tornaram-se mais largos. Daí a questão importante: Se as gerações que viveram durante o longo período de preparação antes de Cristo, em quem a obra da recriação foi finalmente revelado, foram participantes, usufruíram das suas bênçãos?

As Escrituras Sagradas respondem afirmativamente. Nas eras antes de Cristo, os eleitos de Deus compartilhavam as bênçãos da obra da recriação. Abel e Enoque, Noé e Abraão, Moisés e Davi, Isaías e Daniel, foram salvos pela mesma fé como o foram Pedro, Paulo, Lutero e Calvino. O Pacto da Graça, embora feito com Abraão e por um tempo conectado com a vida racional de Israel, já existia no Paraíso. Os teólogos das igrejas Reformadas revelaram claramente a verdade, que os eleitos de Deus em ambas Dispensações adentraram pela mesma porta da retidão e trilharam o mesmo caminho da salvação o qual eles ainda caminham em direção às bodas do Cordeiro.

Mas como pôde Abraão, vivendo tantos anos antes de Cristo, somente em quem a graça e a verdade foram reveladas, ter tido esta

fé, creditada a ele por retidão, de forma que ele visse o dia de Jesus e se regozijasse?

Esta dificuldade tem confundido muitas mentes, com relação à Antiga e à Nova Dispensações; e faz com que muitos questionem em vão: Como poderia haver qualquer operação salvadora do Espírito Santo no Antigo Testamento, se Ele foi derramado somente no Pentecostes? A resposta é encontrada na quase que inescrutável obra do Espírito Santo, segundo a qual, por um lado, Ele trouxe à história da nossa raça aquela salvação eterna, já completada, já terminada, a qual deve correr através dos períodos de preparação, de revelação e de frutificação; e, segundo a qual, por outro lado, durante o período preparatório, esta mesma preparação foi feita os meios, através da graça maravilhosa, de salvar almas mesmo antes da Encarnação do Verbo.

XI. A Igreja Antes e Depois de Cristo.

"E todos estes, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não alcançaram a promessa." - Hebreus 11:39

Clareza exige distinguir as duas operações do Espírito Santo na obra da recriação, antes do Advento, ou seja, Primeira, preparar a redenção para toda a Igreja, e Segunda regenerar e santificar os santos então vivos.

Se não existissem eleitos antes de Cristo, Ele então não teria nenhuma igreja até o Pentecostes, e se, como Balaão e Saul, os que receberam a revelação do Antigo Testamento não tivessem interesse pessoal no Messias, então é auto evidente que, antes do Advento, o Espírito Santo teria somente uma obra de recriação, em outras palavras, a preparação da salvação vindoura. Mas desde que Deus tinha uma igreja desde o início do mundo, e quase todos os portadores da revelação eram participantes da Sua salvação, a obra re-criadora do Espírito deve consistir de duas partes: primeira, da preparação da redenção para toda a Igreja; e, segunda, da santificação e da consolação dos santos do Antigo Testamento.

No entanto, estas duas operações não são independentes, tal como dois cursos d'água separados, mas são como gotas de chuva caindo na mesma corrente de revelação. Elas não são nem como duas

correntes de cores diferentes misturando-se no leito do mesmo rio; pois nem uma continha nada para a Igreja do futuro que não tivesse também significado para os santos do Pacto Antigo; nem tampouco a outra recebeu qualquer revelação ou mandamento sem significado também para a Igreja do Pacto Novo. O Espírito Santo entremeou e entrelaçou de tal forma esta obra dupla que o que foi a preparação da redenção para nós, foi ao mesmo tempo revelação e exercício de fé para os santos do Antigo Testamento; enquanto que, por outro lado, Ele usou suas vidas pessoais, seus conflitos, seus sofrimentos, e suas esperanças como tela sobre a qual Ele bordou a revelação da redenção para nós.

Não que a revelação dos antigos não continha um grande elemento que tinha um sentido e um propósito diferentes para eles do que tem para nós. Antes de Cristo, o cerimonial religioso compunha-se de ritos e eventos prenunciadores, de figuras e sombras, que perderam seu significado imediatamente após o Advento. Continuar com eles após o Advento, seria equivalente a negar e repudiar a vinda de Cristo. A sombra de alguém vai adiante dele; mas quando ele adentra na luz, sua sombra desaparece. Assim é que o Espírito Santo executou obra especial para os santos de Deus ao dar-lhes serviço, rito temporário de prenunciação, de figuras e sombras.

Que tais ofícios cerimoniais obscureciam a vida deles toda, fez sua impressão muito mais forte. Este obscurecimento, esta sombra projeta-se sobre toda a história de Israel; foi delineada em todos os seus varões desde Abraão até João Batista; caiu sobre os sistemas judicial e político; e mais pesadamente sobre a vida social e doméstica; e nas mais puras imagens, projeta-se também sobre o ofício da adoração. Assim é que as passagens do Antigo Testamento, as quais referem-se ao cerimonial não têm, para nós, o significado que tinham para eles. Cada característica sua tinha para eles uma força aglutinante. Ao contrário; nós não circuncidamos nossos garotos, mas batizamos os nossos filhos; não ceamos a Páscoa, nem observamos a Festa dos Tabernáculos, nem sacrificamos o sangue de bois ou de bezerros, como qualquer leitor perspicaz do Antigo Testamento compreende. E eles, que na Dispensação do Novo Testamento procuram re-introduzir o dízimo, ou restaurar o reino e o

judiciário dos dias do Antigo Testamento, empreendem, de acordo com experiência passada, uma tarefa sem esperança: seus esforços mostram pouco sucesso, e sua atitude prova que eles não desfrutam da liberdade dos filhos de Deus em toda sua dimensão. Verdadeiramente, todos os Cristãos concordam com isto, reconhecendo que a relação que temos com a lei de Moisés é bem diferente daquela que tinha o Israel antigo.

O Decálogo sozinho é ocasionalmente motivo de contenção, especialmente o Quarto Mandamento. Ainda há Cristãos que não permitem diferença entre aquilo que é uma característica cerimonial passageira, e aquilo que é perpetuamente ético; e quem procura substituir o último dia da semana pelo dia do Senhor.

No entanto, deixando de lado essas diferenças sérias, nós repetimos que o Espírito Santo teve uma obra especial nos dias antes de Cristo, a qual era destinada aos santos daquela época, mas que perdeu seu significado formal para nós.

Não que possamos, contudo, então descartar esta obra do Espírito Santo; e que os livros que contém estas coisas possam ser deixados sem que os leiam. Este ponto de vista obteve guarida - especialmente na Alemanha, onde o Antigo Testamento é menos lido que até mesmo os livros Apócrifos, com a exceção dos Salmos e algumas passagens selecionadas. Ao contrário, este rito cerimonial de figuras e sombras tem, mesmo nos menores detalhes, um valor especial para a Igreja do Novo Testamento; somente o significado é diferente.

Este ofício nos é testemunha, na história do Pacto Antigo, dos maravilhosos feitos de Deus, que através dos quais com infinita misericórdia Ele nos tem livrado do poder da morte e do inferno. Nas personalidades do Pacto Antigo nos é revelada a maravilhosa obra de Deus ao implantar e preservar a fé, apesar da depravação humana e da oposição Satânica. Os serviços de cerimônias no santuário nos mostra a imagem de Cristo e da Sua gloriosa redenção no mais preciso detalhe. E, finalmente, o serviço de sombras na vida política, social e doméstica de Israel nos revela aqueles princípios divinos, eternos e imutáveis que, libertos de suas formas temporárias e

temporais, devem governar a vida social e política das nações Cristãs em todas as épocas.

E todavia isto não exaure o significado que este serviço sempre teve, e ainda tem, para a Igreja Cristã.

Não somente ele revela-nos as formas da casa espiritual de Deus, mas realmente operou na nossa salvação:

Primeiro, preparou e preservou um povo entre ímpios idólatras: os quais, como portadores dos oráculos divinos, ofereceu a Cristo, quando da Sua vinda, um lugar para a sola dos Seus pés e uma base de operações (5). Ele não poderia ter vindo mais à Atenas ou Roma, do que à China ou Índia. Ninguém naqueles lugares O teria compreendido, ou fornecido e preparado instrumentos ou material para a construção da Igreja do Novo Pacto. A salvação que foi jogada como fruta madura no colo da Igreja Cristã, havia crescido numa árvore cujas raízes estavam profundas neste serviço de sombras. Assim é que a história daquele período é em parte a nossa própria, como a vida da nossa infância e juventude permanece nossa, mesmo que como homens adultos nós tenhamos abandonado as coisas infantis.

Segundo, o conhecimento deste serviço e da história, sendo partes do Senhor nosso Deus, foram instrumentos na mudança dos filhos de Deus, das trevas da natureza para a Sua maravilhosa luz.

No entanto, como o Espírito Santo executou obra especial para os santos daqueles dias tem para nós um significado diferente, embora não menos importante, assim também Ele executou uma obra naqueles dias que foi intencionada mais diretamente para a Igreja do Novo Testamento, a qual também teve um significado diferente mas não menos importante para os santos do Pacto Antigo. Esta, foi a obra da Profecia.

Como Cristo o declara, o propósito da profecia é predizer coisas futuras de modo que, na medida em que os eventos preditos venham a acontecer, a Igreja possa crer e confessar que tratou-se da obra do Senhor. O Antigo Testamento freqüentemente declara assim, e o Senhor Jesus Cristo o declarou aos Seus discípulos, dizendo: "Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais."[Jo 14:29]. E novamente: "Desde já no-lo digo, antes que

sucedá, para que, quando suceder, creiais que eu sou."[Jo 13:19]. E ainda mais claramente: ""Mas tenho-vos dito estas coisas, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que eu vo-las tinha dito..."[Jo 16:4]. Estas declarações, quando comparadas com as palavras do profeta Isaías [{"Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses; fazei bem, ou fazei mal, para que nos assombremos, e fiquemos atemorizados."(41:23)]; ["Eis que as primeiras coisas já se realizaram, e novas coisas eu vos anuncio; antes que venham à luz, vo-las faço ouvir."(42:9)] e ["Eis que faço uma coisa nova; agora está saindo à luz; porventura não a percebeis? eis que porei um caminho no deserto, e rios no ermo."(43:19)]}, não deixam dúvida quanto ao desígnio da profecia.

Não que isto cubra tudo o que se refere à profecia, ou que não tenha quaisquer outros objetivos, mas o sua conclusão final e cabal é alcançada somente quando, no terreno do seu cumprimento, a Igreja crê no seu Deus e Salvador; e O magnifica pelos Seus poderosos feitos.

Mas enquanto o seu centro de gravidade é o cumprimento, i.e. na Igreja do Novo Testamento, foi igualmente intencionada para os santos contemporâneos. Pois, além das atividades proféticas que referiam-se somente ao povo de Israel que vivia naquela época, e das profecias cumpridas na vida nacional de Israel, a profecia, mesmo que ousadamente delineando Cristo, rendeu fruto precioso para os santos do Antigo Testamento. Relacionada com Teofania, produziu nas suas mentes uma forma tão fixa e tangível do Messias que, comunhão com Ele, o que por si somente é essencial para a salvação, lhes foi feita possível por antecipação, como para nós pela memória. Não somente esta comunhão tornou-se possível ao fim da dispensação, em Isaías e Zacarias; Cristo testifica que Abraão desejava ver o Seu dia, viu-o e se alegrou.

(1) - (N.T. o autor faz referência ao Sabellianismo [após Sabellius (fl. Século III A.D.), teólogo monárquico] = uma versão do Monarquismo, sustentando que a Divindade era diferenciada somente numa sucessão de modos ou operações; e que o Pai sofreu tanto

quanto o Filho. (sugestão de biografia: <http://www.encyclopedia.com/html/S/Sabelliu.asp>)}

(2) - Para o sentido no qual o autor toma o Metodismo, veja a seção "5" no Prefácio.

(3) - (N.T. o autor refere-se ao mito de Sisyphus (no Latim; Sisuphos no Grego); o cruel rei de Corinto, condenado a empurrar - no Hades - montanha, acima uma enorme rocha, somente para fosse empurrada de volta colina abaixo.

(4) - [N.T.: o autor faz menção à expressão "types and shadows", i.e. figuras e sombras à entendimento de que no Velho Testamento se apresentam figuras e sombras de coisas que foram discernidas e reveladas no Novo Testamento. Como exemplo, há citações de Paulo em suas cartas: "Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo."(Col. 2:16,17); "Ora, se ele estivesse na terra, nem seria sacerdote, havendo já os que oferecem dons segundo a lei, os quais servem àquilo que é figura e sombra das coisas celestiais, como Moisés foi divinamente avisado, quando estava para construir o tabernáculo; porque lhe foi dito: Olha, faz conforme o modelo que no monte se te mostrou."(Heb. 8:5,6), "Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus."(Heb. 10:1)].

(5) - Em Holandês, "centro de vida".

Tradução livre: [Eli](#) [Daniel](#) [da](#) [Silva](#)
Belo Horizonte-MG, 07 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Quarto - A Escritura Sagrada no Antigo Testamento

XII. A Escritura Sagrada

"Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra."[II Timóteo 3:16, 17]

A Escritura Sagrada encontra-se em primeiro lugar dentre as obras divinas de arte produzidas pelo Espírito Santo. Pode parecer incrível que as páginas impressas de um livro devessem superar a Sua obra nos corações humanos, todavia reputamos o lugar mais notório à Bíblia, sem hesitação.

Aqueles que fazem objeção nunca podiam ter considerado o que é este Livro santo, ou o que é qualquer outro livro, escrito ou linguagem, ou o que significa o transformar numa coletânea de Escrituras Sagradas um mundo de pensamentos. Nós negamos que um livro, especialmente um tal como a Bíblia, se oponha a um universo de pensamento divino, a corrente de vida, e experiência espiritual. Um livro não trata-se meramente de papel impresso com tinta, mas é como um retrato-um conjunto de linhas e características nas quais enxergamos a aparência de uma pessoa. De muito próximos, não vemos a pessoa, mas os pontos e linhas de tinta; mas à distância correta estas desaparecem e dão lugar à aparência de uma pessoa. Mesmo que agora não chame a nossa atenção, por se tratar da face de um estranho, podemos ser capazes de ter uma idéia do caráter do homem, ainda que ele não nos interesse. Mas deixe o seu filho dar uma olhada, e a imagem que nos pareceu fria lhe aparecerá instantaneamente, com calor e vida, os quais nos são invisíveis

porque aos nossos corações falta o essencial. O que aparece para a criança não é a pintura, o retrato, mas na sua memória e imaginação; a cooperação das características na pintura e a imagem do pai no seu coração dão voz à imagem.

Esta comparação explicará o efeito misterioso da Bíblia. Guido de Bress falou disso nos seus debates com os Batistas: "Aquilo que chamamos de Santa Escritura não é papel com impressão em preto, mas é aquilo que dirige-se aos nossos espíritos através daquelas impressões." As letras nada mais são que símbolos de reconhecimento; as palavras são somente como os cliques de chaves telegráficas sinalizando pensamentos para os nossos espíritos através das linhas dos nossos nervos óticos e auditivos. E os pensamentos assim sinalizados não são isolados e incoerentes, mas partes de um sistema completo que é diretamente antagonista para com os pensamentos do homem, todavia penetram na esfera deles.

Ler a Bíblia traz às nossas mentes a esfera do pensamento divino, tanto quanto ele nos é necessário para nós enquanto pecadores, de forma a glorificar a Deus, amar o nosso próximo e salvar nossa alma. Tal não é uma simples coleção de idéias lindas e brilhantes, mas o reflexo da vida divina. Em Deus a vida e o pensamento estão unidos: não pode haver vida sem pensamento, nem pensamento sem o produto da vida. O mesmo não acontece conosco. A falsidade entrou em nós, i.e., nós podemos separar o pensamento da vida. Ou melhor, eles estão sempre separados, a menos que tenhamos voluntariamente estabelecido a unidade original. Assim é que as nossas abstrações frias; o nosso falar sem agir; as nossas palavras sem força; os nossos pensamentos e idéias sem o trabalhar; os nossos livros que, como plantas cortadas de suas raízes, secam antes que possam florescer, muito menos frutificar.

A diferença entre a vida divina e a vida humana dão à Bíblia a sua singularidade e eliminam o antagonismo entre as suas letras e o seu espírito, tal como uma exegese false de II Coríntios 3:6 possa sugerir. Se a Palavra de Deus estivesse dominada pela falsidade que tem tomado conta dos nossos corações, e em meio à nossa miséria continua a colocar palavra e vida em oposição, tanto quanto separação, então buscaríamos refúgio no ponto de vista dos nossos

irmãos que discordam, com sua exaltação, da vida acima da Palavra. Mas não precisamos fazê-lo, pois a oposição e a separação não encontram-se na Bíblia. Por esta razão é que ela é a Santa Escritura; pois não se perdeu na separação ímpia de pensamento e vida, e é, portanto, distinta de escritos nos quais se abre o abismo entre as palavras e a realidade da vida. O que falta em outros escritos está neste Livro, concordância perfeita entre a vida refletida no pensamento divino e os pensamentos que a Palavra desperta em nossas mentes.

A Escritura Santa é como um diamante: na escuridão é como um pedaço de vidro, mas assim que a luz a atinge ela começa a brilhar, e a cintilação da vida nos brinda. Assim, a Palavra de Deus longe da vida divina não tem valor, é indigna mesmo do nome de Escritura Sagrada. Ela existe somente quando relacionada com esta vida divina, da qual ela impele os pensamentos doadores de vida até as nossas mentes. É como a fragrância de um jardim florido que nos refresca somente quando as flores e o nosso sentido do olfato se correspondem. Por isso é que é verdadeira a ilustração da criança e o retrato de seu pai.

Enquanto a Bíblia constantemente ilumina pensamentos nascidos da vida divina, ainda assim os efeitos não são os mesmos em todos que a lêem. Como um todo, ela é o retrato dAquele que é o esplendor da glória de Deus e a imagem expressa da Sua Pessoa, querendo ou mostrar-nos a Sua aparência ou servir-Lhe como pano de fundo.

Note a diferença, quando um filho de Deus e um estranho olham aquela imagem. Não como se ela não tenha nada a dizer para o não regenerado - este é um erro do Metodismo, que deveria ser corrigido(1). Ela dirige-se a todos os homens como a Palavra do Rei, e cada um deve receber sua mensagem da sua própria maneira. Mas enquanto o estrangeiro vê somente a face de um estranho, que o perturba, que contradiz o seu mundo, e assim o repele; o filho de Deus A reconhece e A compreende. Ele está em santa comunhão com a vida do mundo do qual a imagem chega até ele. Assim, lendo o que o estrangeiro não poderia ler, ele sente que Deus está falando consigo, sussurrando paz à sua alma.

Nem como se as Escrituras fossem somente um sistema de sinais para disparar pensamentos alma adentro; antes, elas são o instrumento de Deus para despertar e para aumentar a vida espiritual, não como por mágica, dando uma espécie de atestado da genuinidade da nossa experiência - uma visão fanática a qual a Igreja sempre opôs-se e rejeitou - mas pelo Espírito Santo, através do uso da Palavra de Deus.

Ele nos regenera através da Palavra. A maneira desta operação será discutida mais tarde; basta-nos por ora dizer que as operações da Palavra e do Espírito nunca se opõem, mas, como Paulo declara enfaticamente, a Sagrada Escritura é preparada pelo Espírito de Deus e dada à Igreja como um instrumento para completar a obra de Deus no homem; como ele expressou: "para que o homem de Deus seja perfeito,..."[II Timóteo 3:17], i.e. um homem anteriormente do mundo, por um ato divino transformado em um homem de Deus, para ser aperfeiçoado pelo Espírito Santo, razão pela qual ele já é perfeito em Cristo através da Palavra. Por isso é que, como Paulo declara, a Bíblia foi inspirada por Deus. Por conseguinte, esta obra de arte foi preparada pelo Espírito Santo para guiar o homem nascido de novo até o seu alto ideal. E para enfatizar a idéia ele acrescenta, no mesmo versículo: "...e perfeitamente preparado para toda boa obra."

Assim é que a Bíblia serve este propósito duplo:

Primeiro, como um instrumento do Espírito Santo na Sua obra para com o coração do homem.

Segundo, para perfeitamente qualificar o homem e equipá-lo para toda boa obra.

Consequentemente, o operar da Bíblia envolve não somente a motivação da fé, mas também o exercício dela. Portanto, ao invés de ser letra morta, não espiritual, mecanicamente opondo-se à vida espiritual, a Bíblia é a própria fonte de água viva, a qual, em sendo aberta, jorra até a vida eterna.

Por esta razão a preparação e a preservação da Bíblia pelo Espírito não está subordinada, mas sim proeminente com referência à vida de toda a Igreja. Ou colocando de forma mais clara: se profecia; e.g., com o objetivo de primeiro beneficiar as gerações contemporâneas, e segundo, ser parte das Sagradas Escrituras, isto é,

ministrar conforto à Igreja em todas as gerações, esta última de importância infinitamente maior. Daí que o objetivo principal da profecia não era beneficiar o povo que vivia àquela época e através da Bíblia render frutos para nós de maneira indireta; mas através da Bíblia render frutos para a Igreja em todas as gerações, em todas as eras, e indiretamente beneficiar a Igreja dos antigos.

XIII. A Escritura, Uma Necessidade.

"Porquanto, tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela constância e pela consolação provenientes das Escrituras, tenhamos esperança." - Romanos 15:4

Que a Bíblia é o produto do Artista Mestre, o Espírito Santo; que Ele deu-a à Igreja e que na Igreja Ele a usa como Seu instrumento, não pode nunca ser super enfatizado.

Não como se Ele tivesse vivido na Igreja de todas as eras, e nos dado na Escritura o relato daquela vida, sua origem e história, como se a vida fosse a substância real e a Escritura o acidente; ao contrário, a Escritura foi o fim de tudo o quanto precedeu e o instrumento de tudo o quanto se seguiu.

Com a aurora do Dia dos dias o Volume Sagrado indubitavelmente desaparecerá. Como a Nova Jerusalém não necessitará de nenhum sol, lua ou templo, mas o Senhor Deus será a sua luz, assim também não haverá nenhuma necessidade da Escritura, pois a revelação de Deus alcançará os Seus eleitos através da Palavra revelada. Mas enquanto a Igreja estiver na terra, for mantida a comunhão face a face, e os nossos corações forem acessíveis somente através das avenidas da sua existência imperfeita, a Escritura deve permanecer como o instrumento indispensável através do qual o Deus Triúno prepara as almas dos homens para a glória maior.

A causa disto encontra-se na nossa personalidade. Nós pensamos, somos auto conscientes; e o nosso pensamento reflete o mundo tridimensional ao nosso redor e acima de nós. O homem de consciência confusa ou mal formada ou alguém insano não pode agir como um homem. Na verdade, existem profundezas nos nossos corações que a sonda do nosso pensamento não perscrutou; mas a influência que venha a nos afetar profunda e claramente, com efeito

contínuo sobre a nossa personalidade, precisa ser trabalhada através da nossa auto consciência.

A história do pecado o prova. Como foi que o pecado entrou no mundo? Satã despejou o seu veneno na alma do homem enquanto ele dormia? De modo algum.

Enquanto Eva estava cheia de si mesma, Satã começou a discutir o assunto com ela. Ele trabalhou na sua consciência com palavras e representações, e ela, permitindo-o, sorveu do veneno, caiu, e levou consigo o seu marido. Não tinha Deus portanto antecipado isto? A queda do homem não era para ser conhecida seja por suas emoções reconhecidas ou não reconhecidas, mas pela árvore do conhecimento do bem e do mal. O conhecimento que resultou na sua queda não foi meramente abstrato, intelectual, mas vital. É claro que a causa motivadora foi externa, mas operou na sua consciência e tomou a forma de conhecimento.

E como ocorreu com a queda, também deve ser com a restauração. A redenção deve vir de fora para dentro, agir sobre a nossa consciência e tomar a forma de conhecimento. Para afetar-nos e ganhar-nos em nossa personalidade, devemos ser tocados no exato ponto onde o pecado nos feriu primeiro, ou seja, no nosso orgulho e na nossa auto consciência arrogante. E desde que a nossa consciência espelha-se num universo de idéias - pensamentos expressos em sons tão intimamente relacionados para formar, como se fosse, nada mais que uma palavra - era portanto da mais alta necessidade que um novo universo de idéias devesse falar à nossa consciência numa Palavra, i.e. numa Escritura. e esta é a obra da Bíblia Sagrada.

O mundo do nosso pensamento é repleto de falsidade, e assim também o é o mundo lá fora. Mas um universo de pensamento é absolutamente verdadeiro, e este é o mundo dos pensamentos de Deus. Neste mundo é que nós devemos ser levados, e ele em nós, com a vida que lhe pertence, como o brilho pertence à luz. Portanto, a redenção depende da fé. Crer é reconhecer que o mundo inteiro, que todo o universo de pensamentos e idéias dentro de nós e ao nosso redor é falso, e que somente o mundo do pensamento de Deus é verdadeiro e constante, permanente, e como tal aceitá-lo e confessá-lo. Então, é ainda a Árvore do conhecimento. Mas os seus frutos,

agora apanhados e apreciados, crescem na árvore íntima, interna, do auto-esvaziamento e da auto-negação, através do que renunciamos ao nosso próprio universo de idéias, não mais julgando entre o bem e o mal, mas repetindo cheios de fé aquilo que Deus ensina, como pequeninos na Sua escola.

Mas isto não nos seria de proveito, de os pensamentos de Deus estivessem dispostos em palavras ininteligíveis, o que teria sido o caso, se o Espírito Santo tivesse utilizado meros vocábulos. Nós sabemos o quão inútil é tentar descrever as felicidades e o gozo do céu. Cada esforço até agora tem sido um fracasso. Tal glória ultrapassa a nossa imaginação. E a revelação Bíblica com relação a tal é apresentada em palavras de sentido vividamente figurado - como um Paraíso, uma Jerusalém, ou um banquete de bodas - os quais, lindos como possam ser, não deixam impressões claras. Nós sabemos que o céu deve ser lindo e extasiante, mas uma concepção concreta dele está fora de questão. Nem podemos ter idéias claras da relação na Trindade, do Filho glorificado do homem, Seu assentar-se à direita de Deus, a vida dos redimidos e a sua condição quando, passando pelas câmaras da morte, adentram ao palácio do grande Rei.

Assim, se o Espírito Santo houvesse apresentado por escrito, diretamente do céu, o conjunto de pensamentos divinos quanto à nossa salvação, seria impossível uma concepção clara do mesmo assunto. A nossa concepção teria sido vaga e figurativa, como aquela referente ao céu. Por isso é que esses pensamentos não foram escritos diretamente, mas traduzidos à vida deste mundo, a qual lhes proporcionou forma e contorno; e assim eles chegaram até nós em linguagem humana, nas páginas de um livro. Sem isto não poderia nem ter havido uma linguagem para incorporar tais realidades sagradas e gloriosas. Paulo teve visões, i.e., ele estava livre das limitações da consciência e capaz de contemplar coisas celestes; mas havendo retornado às suas limitações, não podia falar do que havia visto, como ele disse que são "inefáveis"[veja II Coríntios 12:4] E que as igualmente inefáveis coisas da salvação pudessem ser feitas exprimíveis em palavras humanas, aprouve a Deus trazer a este mundo a vida na qual tais palavras originaram-se, tornar tais palavras

familiares à nossa consciência humana, desta consciência suscitar vocábulos para elas, e assim apresentá-las a cada ser humano.

Os pensamentos de Deus são inseparáveis da Sua vida; assim é que a Sua vida teve de entrar no mundo antes dos Seus pensamentos, ao menos no princípio; pois em seguida os pensamentos tornaram-se o veículo da vida.

Isto aparece na criação de Adão. O primeiro homem criado; pois depois dele todos os homens nascem. No princípio a vida humana surgiu de uma vez, em estatura plena; e daquela vida uma vez introduzida, novas vidas são nascidas. Primeiro, uma nova vida originou-se ao ser Eva formada a partir de uma costela de Adão; depois, pela união entre homem e mulher. Assim aqui também. No princípio Deus introduziu a vida espiritual no mundo, de forma completa, perfeita, por um milagre; e depois diferentemente, já que a idéia, o pensamento introduzido neste mundo como vida, nos é descrito, para enxerguemos. Doravante o Espírito Santo utiliza o produto desta vida para despertar nova vida.

Assim, a redenção não pode começar com a dádiva do Espírito Santo para a Igreja do Pacto Antigo. Tal Escritura não pode ser produzida até que o seu conteúdo seja operado em vida, e a redenção objetivamente consumada.

Mas os dois não podem ser separados. A redenção não foi primeiro consumada e depois gravada na Escritura. Tal concepção seria mecânica e não espiritual, diretamente contradita pela natureza da Escritura, que é viva e doadora de vida. A Bíblia foi produzida gradual e espontaneamente pela e a partir da redenção. A promessa no Paraíso já o antecipava. Pois embora a redenção preceda a Escritura, ainda assim na regeneração dos primeiros homens a Palavra não era vã; o Espírito Santo começou falando ao homem, agindo na sua consciência. Mesmo no Paraíso, e subsequente, na medida em que flui a corrente de revelação, uma palavra Divina sempre precede a vida e é instrumento de vida; e uma idéia, um pensamento divino introduz a obra redentora. E quando a redenção é consumada em Cristo, Ele aparece primeiro como o Porta Voz, depois como o Operador. O Verbo, que era desde o princípio, revela-

Se a Israel como o Selo da Profecia, dizendo: "...Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos."[Lucas 4:21].

Assim é que a obra do Espírito Santo nunca é puramente mágica nem mecânica. Mesmo no período preparatório Ele sempre agiu através do Verbo ao trazer uma alma da morte para a vida. Contudo, entre aquela época e agora, há uma diferença absoluta:

Em primeiro lugar, naqueles tempos, a Palavra vinha até a alma diretamente por inspiração ou pelo pronunciamento de um profeta. Agora, estes ambos cessaram, e em seu lugar veio a Palavra selada na Escritura Sagrada, interpretada pelo Espírito Santo nas pregações na Igreja.

Em segundo, naquela época, o suscitar da vida era confinado a Israel, expressado em palavras e relações desenvolvidas que separavam estritamente os servos do único Deus verdadeiro da vida do mundo. Atualmente, esta extraordinária dispensação preparatória é fechada; o Israel de Deus se constitui mais dos descendentes de Abraão, mas o espiritual; a corrente da Igreja flui em todos os povos e nações; não mais está separado da vida e dos progressos do mundo, mas antes, os governa.

E em terceiro, embora na Antiga Dispensação a redenção já parcialmente existisse na Escritura, e o Salmista mostra demonstra em todos lugares sua devoção a ela, ainda assim a Escritura podia ser usada só limitadamente, e necessitava de constante suplementação por meio de revelações e profecias. Mas, agora, a Escritura revela todo o conselho de Deus, e nada pode ser-lhe acrescentado. Ai daquele que ousar diminuir ou aumentar este Livro da Vida, o qual expõe o universo da vontade divina!

Mas não obstante as diferenças o fato perdura, de que o Espírito Santo solucionou o problema de trazer ao homem perdido no pecado, por intermédio de uma linguagem inteligível a todas as idades e a todas as nações, o universo das vontades divinas; de modo a utilizá-las como o instrumento da restauração do homem.

Isto não altera o fato de que a Escritura Sagrada mostra muitas fissuras e 'terrenos irregulares', e parece diferente do que esperaríamos. A grande virtude desta obra prima foi envolver os pensamentos de Deus na nossa vida pecaminosa de modo que a partir

da nossa linguagem eles pudessem formar um discurso no qual proclamar através dos tempos, para todas as nações, as poderosas palavras de Deus. Esta obra prima está completa e se nos apresenta na Sagrada Escritura. e ao invés de perder-se na crítica a estes defeitos aparentes, a Igreja de todas as épocas recebeu-a com adoração e ações de graças; a tem preservado, tem provado dela, desfrutado-a, e sempre acreditado encontrar nela a vida eterna.

Não que exame histórico e crítico estivesse proibido. Tal empreendimento, para a glória de Deus, é altamente recomendável. Mas como a busca do fisiologista pela gênese da vida humana torna-se pecaminoso se procedida com arrogância ou se trazendo risco para a vida ainda não nascida, assim também cada crítica da Escritura Sagrada torna-se pecaminosa e culpável se feita de modo irreverente ou se buscando destruir a vida da Palavra de Deus na consciência da Igreja.

XIV. A Revelação à Qual a Escritura do Antigo Testamento Deve Sua Existência.

"...ó Senhor ... mais forte foste do que eu, e prevaleceste..." - Jeremias 20:7

A compreensão da obra do Espírito Santo na Bíblia requer que distingamos a preparação, e a formação, que é a consequência da preparação. Discutiremos estas duas separadamente.

O Espírito Santo preparou para a Escritura através de operações que compreenderam de forma sobrenatural a vida pecaminosa desde mundo desde o Paraíso até Patmos, e assim levantou homens crentes que constituíram no desenvolvimento da Igreja.

Parecerá muitíssimo tolo se considerarmos a Bíblia como um mero livro, um objeto desprovido de vida; mas não se ouvirmos Deus falando através dela, diretamente à alma. Separada da vida divina, a Bíblia é inútil, uma carta que mata. Mas quando nos damos conta que ela irradia o amor e a misericórdia de Deus de tal forma a transformar a nossa vida e dirigir-se à nossa consciência, vemos que a revelação sobrenatural da vida de Deus deve preceder a irradiação. A revelação das doces misericórdias de Deus devem preceder a cintilação delas na

consciência humana. Primeiro, a revelação do mistério Divino; e então, a irradiação dele na Escritura Sagrada, e daí para o coração da Igreja de Deus, é o caminho natural e ordenado.

Para este propósito o Espírito Santo primeiro escolheu indivíduos, depois umas poucas famílias, e por último uma nação inteira para ser a esfera das Suas atividades; e em cada estágio Ele iniciou a Sua obra com a Palavra, sempre seguindo a Palavra da Salvação com os Fatos da Salvação.

Ele começou esta obra ainda no Paraíso. Depois da queda, a morte e a condenação reinaram sobre o primeiro casal, e neles enterraram a raça. Tivesse o Espírito Santo deixado-os à sua própria sorte, com o germe da morte sempre se desenvolvendo dentro de si, nenhuma estrela de esperança jamais teria brilhado para a raça humana.

Portanto, o Espírito Santo introduz a Sua obra exatamente no começo, no início do desenvolvimento da raça. O primeiro germe, o primeiro broto do mistério Divino já estava implantado em Adão, e a primeira palavra-mãe, da qual a Escritura Sagrada nasceria foi sussurrada nos seus ouvidos.

Esta palavra foi seguida pela ação. A palavra de Deus não retorna vazia; ela não é simplesmente um som, mas sim um poder. É um disco, uma lâmina que revolve o terreno da alma. Por detrás da palavra está o poder propulsor do Espírito Santo, e é assim que ela torna-se efetiva, e muda toda a condição das coisas. Enxergamos isto em Adão e Eva; especialmente em Enoque; e "Pela fé Abel ... alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho das suas oferendas, e por meio dela depois de morto, ainda fala." [Hebreus 11:4].

Após estas operações em indivíduos, inicia-se a obra do Espírito Santo na família, parcialmente em Noé, mais especificamente em Abraão.

O julgamento do dilúvio havia modificado completamente as relações anteriores, tinha feito com que uma nova geração nascesse, e talvez tivesse mudado também as relações físicas entre a terra e a sua atmosfera. E então, pela primeira vez, o Espírito Santo começa a operar na família. O nosso Ritual de Batismo aponta enfaticamente

aos oito de Noé, o que tem sido uma pedra de tropeço para a falta de espiritualidade inconsistente. E ainda que desnecessariamente, ao apontar a Noé os nossos pais quiseram indicar, naquela prece sacramental, que não é o batismo de indivíduos, mas do povo de Deus, i.e. da Igreja e da sua semente. E desde que a salvação de famílias emerge primeiro na história de Noé e da sua família após o dilúvio, era perfeitamente correto apontar para a salvação de Noé e da sua família como sendo a primeira revelação de Deus, de salvação para nós e para a nossa semente.

Mas a obra do Espírito Santo na família de Noé é somente preliminar. Noé e os seus filhos ainda pertencem ao mundo antigo. Eles formaram uma transição. Depois de Noé a linha santa desaparece, e de Sem até Tera, a obra do Espírito Santo permanece invisível. Mas com Tera ela aparece da forma mais clara, pois agora Abraão parte, não com filhos, mas sozinho. O filho prometido ainda encontrava-se nas mãos de Deus. E ele não poderia ganhá-lo a não ser pela fé; de forma que Deus pudesse verdadeiramente dizer, "...Eu sou o Deus Todo-Poderoso..."[Gênesis 17:1], i.e. um Deus que "...vivifica os mortos, e chama as coisas que não são, como se já fossem"[Romanos 4:17]. Por isso a família de Abraão é, quase que num sentido literal, o produto da obra do Espírito Santo, em não haver nada na sua vida senão pela fé. A obra de arte na história de Abraão não é a imagem de um rei pastor piedoso ou a de um patriarca virtuoso, mas a obra maravilhosa do Espírito Santo, operando num homem velho - quem de novo e de novo "recalcitra contra os agulhões" (N.T.: vide Atos 26:14), quem traz adiante do seu próprio coração nada a não ser a descrença - operando nele uma fé sólida e imutável, trazendo-a em direta conexão com a vida da sua família. Abraão é chamado de "o Pai dos Fiéis", não no sentido superficial de uma conexão espiritual entre a nossa fé e a história de Abraão, mas porque a fé de Abraão estava entrelaçada com o fato do nascimento de Isaque, quem ele obteve pela fé, e de quem lhe foi dada a semente, como as estrelas do céu e os grãos de areia da praia.

A obra do Espírito Santo passa do indivíduo para a família, e depois para a nação. Assim nasce Israel.

Foi Israel, i.e. não uma das nações, mas um povo recém criado, acrescentado às nações, recebido entre os seus números, distinto perpetuamente de todas as demais nações em origem e em significado. E este povo também é nascido da fé. Para este fim, Deus jogou-os à morte: no monte Moriá; na fuga de Jacó, nos sofrimentos de José, e nos medos de Moisés; as provas severas de Pitom e Ramessés, quando os bebês dos Hebreus flutuaram no Nilo. E desta morte, é de novo e de novo a fé que livra e salva, e portanto o Espírito Santo é que continua a Sua obra gloriosa na geração e na regeneração deste povo emergente. Após este povo haver nascido, é novamente jogado à morte: primeiro, na imensidão do deserto; depois, durante a época dos juizes; finalmente, no Exílio. Todavia o povo não pode morrer, pois carregam em seu âmago a esperança da promessa. Conquanto sofrendo mutilações, pragas e indiscriminadamente dizimados, eles multiplicam-se vez após vez; pois a promessa do Senhor não falha, e apesar da apostasia e dos deslizes vergonhosos, Israel manifesta a gloria de um povo nascendo, vivendo e morrendo pela fé.

Assim, a obra do Espírito Santo manifesta-se nestes três estágios: Abel, Abraão, Moisés; o indivíduo, a família, a nação. O operar do Espírito Santo é visível em cada um desses três, na medida em que tudo é operado pela fé. E não é a fé operada pelo Espírito Santo? Muito bem; pela fé Abel obteve testemunho; pela fé Abraão recebeu o filho da promessa; e pela fé Israel atravessou o Mar Vermelho.

E qual é a relação entre a vida e a palavra de vida nestes três estágios? É, de acordo com as representações atuais, primeiro a vida, e então a palavra florescendo a partir dali, como um símbolo da vida consciente?

A história, evidentemente prova bem o oposto. No Paraíso a palavra precede e a vida se segue. Para Abraão, em Ur dos Caldeus, primeiro a palavra; "...Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. . . .por meio de ti e da tua descendência serão benditas todas as famílias da terra"[Gênesis 12:1 e 28:14]. No caso de Moisés, primeiro foi a palavra na sarça ardente e mais tarde a passagem pelo Mar Vermelho. Esta é a maneira

mostrada pelo Senhor. Ele primeiro fala, então opera. Ou, mais corretamente, Ele fala, e através do Seu falar, Ele faz acontecer. Os dois encontram-se na mais íntima conexão. Não como se a palavra causasse vida; pois o Deus Triúno e Eterno é a única Causa, a única Origem e Fonte de vida. Mas a palavra é o instrumento com do qual Ele utiliza-se para completar a Sua obra nos nossos corações.

Nós não podemos parar aqui para tecer considerações sobre a obra do Pai e do Filho, a qual tanto precedeu como seguiu-se à obra do Espírito Santo, e a qual está inter relacionada com aquela. Dos milagres, falamos somente porque descobrimos neles uma obra dupla especial do Espírito Santo. O operar do milagre é do Pai e do Filho, e não tanto assim do Espírito Santo. Mas todas as vezes que aprouve a Deus usar homens como instrumentos na realização de milagres, é obra especial do Espírito qualificá-los através do Seu operar a fé nos seus corações. Ao ferir a rocha Moisés não acreditava, mas imaginava que em fazendo-o ele próprio, poderia produzir água da rocha; o que somente Deus pode fazer. Para aquele que crê é o mesmo, esteja ele a falar ou a ferir a rocha. Nem o cajado nem a língua são capazes do menor efeito. O poder procede somente de Deus. Daí a magnitude do pecado de Moisés. Ele pensava que seria ele o operador, e não Deus. E esta é a mesma obra do pecado no povo de Deus.

Assim é que vemos que quando Moisés atirava a sua vara, quando ele amaldiçoava o Nilo, quando Elias e outros homens de Deus operavam milagres, eles não faziam coisa alguma; eles somente criam. E pela virtude da sua fé eles vieram a tornar-se os espectadores do testemunho de Deus, mostrando-lhes as obras de Deus e não a sua própria. Isto é o que Pedro exclamou: "...por que vos admirais deste homem? Ou, por que fitais os olhos em nós, como se por nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?"[Atos 3:12].

Operar esta fé nos corações dos homens que deviam executar esses milagres era a primeira tarefa do Espírito Santo. A Sua segunda tarefa era despertar a fé nos corações daqueles sobre os quais o milagre seria operado. A respeito de Cristo foi escrito, que em Cafarnaum Ele não operar poderosamente por causa da sua

incredulidade, da sua falta de fé; e repetidamente lemos: "A tua fé te salvou."

Mas o milagre sozinho não tem poder de convencer. O incrédulo começa por negá-lo. Ele explica-o atribuindo-lhe causas naturais. Ele não vê nem quer ver a mão de Deus no milagre. E quando o milagre é tão convincente que ele não pode negá-lo, ele diz: "É coisa do diabo", mas não aceitará tratar-se do poder de Deus. Portanto, para fazer o milagre ser efetivo, o Espírito Santo deve também abrir os olhos daqueles que o testemunham, para fazê-los ver o poder de Deus agindo ali. Todas as leituras que fizemos dos milagres na nossa Bíblia são inúteis, a menos que o Espírito Santo abra os nossos olhos, e então os veremos vivos, ouviremos seus testemunhos, experimentaremos o seu poder, e glorificaremos a Deus pelos Seus poderosos feitos.

XV. A Revelação Escrita do Antigo Testamento.

"Se eu disser: Não farei menção dele, e não falarei mais no seu nome, então há no meu coração um como fogo ardente, encerrado nos meus ossos, e estou fatigado de contê-lo, e não posso mais."- Jeremias 20:9

Embora os milagres realizados para e entre o povo de Israel criassem um glorioso centro de vida no meio do mundo ímpio, todavia eles não se constituíram numa Escritura Sagrada; pois esta não pode ser criada a não ser por Deus falar ao homem, mesmo ao Seu povo Israel. "(1) Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, (2) nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho..."[Hebreus 1:1,2].

Este falar divino não está limitado à profecia. Deus falou também a outros que não profetas, e.g. falou a Eva, a Caim, a Hagar, etc. Receber uma revelação ou uma visão não faz de ninguém um profeta, a menos que seja acompanhado pelo comando de comunicar a revelação a outros. A palavra "nabi", o termo Escritural para profeta, não indica uma pessoa que recebe algo de Deus, mas alguém que traz alguma coisa para o povo. Por isso é que é um erro confinar a revelação divina ao ofício profético. Na realidade, ele estende-se à raça toda, em geral; a profecia é somente uma das suas características

especiais. Quanto à revelação divina no seu âmbito mais amplo, é evidente a partir das Escrituras que Deus falou a homens desde Adão até o último dos profetas. Desde o Paraíso e até Patmos a revelação percorre como uma fita dourada, através de cada parte da História Sagrada.

Como regra, a Bíblia não trata este falar divino de maneira metafórica. Há exceções, e.g. "Falou, pois, o Senhor ao peixe..."[Jonas 2:10]; "(2) Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. (3) Não há fala, nem palavras; não se lhes ouve a voz."[Salmo 19:2, 3]. No entanto, pode ser provado, em mil passagens contra uma no contrário, que o padrão do falar do Senhor não pode ser considerado em nenhum outro sentido que não o literal. Isto é evidente no chamado de Deus a Samuel, o qual o menino confundiu como sendo Eli que o chamara. É evidente, também, nos nomes, números e localidades que são mencionadas neste falar divino; especialmente nos diálogos entre Deus e homem, como na história de Abraão no conflito da sua fé com relação à semente prometida, e na sua intercessão por Sodoma.

E, portanto, não podemos concordar com aqueles que tentam persuadir-nos que o Senhor na realidade não falou; que se assim se lê, não deve ser assim entendido; e que um vislumbre mais claro mostra que "uma certa influência de Deus afetou a vida íntima da pessoa, do destinatário. Em conexão com o caráter peculiar da pessoa e as influências do seu passado e presente, este operar proporcionou à sua consciência uma clareza especial, e operou nele convicção tal que, sem hesitação, ele declarou: 'Desde que eu desejo a vontade de Deus, eu sei então que o Senhor falou a mim'." Rejeitamos esta representação como sendo excessivamente perniciosa e danosa para a vida da Igreja. Nós a chamamos falsa, desde que ela desonra a verdade de Deus; e recusamo-nos a tolerar uma teologia que tenha tal premissa como ponto de partida. Ela aniquila a autoridade Bíblica. Embora recomendada pela ala da Ética, é excessivamente não ética, tanto quanto oponha-se diretamente à verdade da Palavra de Deus claramente expressa. Não, este falar divino, cuja transcrição é oferecida pela Bíblia, deve ser entendido como um falar real.

E o que é o falar? Falar pressupõe uma pessoa que tem um pensamento que ela deseje, queira transferir diretamente ao consciente de uma outra pessoa, sem a intervenção de um terceiro ou de escrita ou de gestos. Assim, quando Deus fala ao homem, este ato implica em três coisas:

Primeiro, que Deus tem um pensamento que Ele quer comunicar ao homem.

Segundo, que Ele executa o Seu desígnio de uma forma direta.

Terceiro, que a pessoa destinatária agora possui o pensamento divino com este resultado, que ele está cômico da mesma idéia que, num momento atrás existia somente em Deus.

Concordaremos com cada explicação que faça total justiça a estes três pontos; rejeitamos quaisquer outras.

Quanto à questão se a fala é possível sem o som, respondemos: "Não, não entre homens". Certamente que o Senhor pode falar e tem falado de tempos em tempos utilizando-se de vibrações de ar; mas Ele pode falar ao homem sem utilizar-Se seja de som ou ouvido. Como homens, temos acesso à consciência uns dos outros somente através dos órgãos dos sentidos. Não podemos nos comunicar com o nosso próximo exceto se ele ouça, ou veja, ou sinta, ou toque. Os desafortunados que são privados destes sentidos não podem receber a menor informação de fonte externa. Mas o Senhor nosso Deus não é assim, limitado. Ele tem acesso direto, interno, ao coração do homem e à sua consciência. Ele pode imputar à nossa consciência o que quer que seja que Ele queira, de maneira direta, sem que se use o tímpano, o nervo auditivo, ou a vibração do ar. Embora um homem seja surdo como pedra, Deus pode fazê-lo ouvir, falando direta e internamente à sua alma.

Contudo, para alcançar isto Deus precisa ser condescendente para com as nossas limitações. Pois a consciência está sujeita às condições mentais do mundo no qual ela vive. Uma pessoa na África, por exemplo, pode não ter nenhuma outra consciência a não ser aquela desenvolvida pelo meio ambiente em que vive e adquirida pelo seu idioma. Falando a um estrangeiro não familiarizado com a nossa língua, precisamos nos adaptar às suas limitações e endereçarmo-nos a ele no seu próprio idioma. Assim, de forma a

fazer-Se inteligível, compreensível ao homem, Deus veste os Seus pensamentos numa linguagem humana e assim transportá-los até a consciência humana.

À pessoa então endereçada deve parecer, portanto, como se a ela tivesse sido falado de forma ordinária. Ele recebeu a impressão de ter ouvido palavras de linguagem humana transmitindo-lhe pensamentos divinos. Assim é que o falar divino é sempre adaptado às capacidades do destinatário. Porque em condescendência o Senhor Se adapta á consciência de cada homem, o Seu falar assume a forma peculiar da condição de cada homem. Que diferença, por exemplo, entre aquela palavra de Deus para Caim e aquela para Ezequiel! Isto explica como Deus podia mencionar nomes, datas e vários outros detalhes; como ele podia fazer uso do dialeto de um certo período; de derivação de palavras, como na mudança de nomes, como no caso de Abraão e Sara.

Isto também nos mostra que o falar de Deus não está limitado a pessoas pias e suscetíveis, preparadas para receber uma revelação. Adão era completamente despreparado, escondendo-se da presença de Deus. E assim também estavam Caim e Balaão. Mesmo Jeremias disse: "...Não farei menção dele, e não falarei mais no seu nome..."[20:9]. Assim, pois, a onipotência divina é ilimitada. O Senhor pode conceder o conhecimento da Sua vontade a quem Lhe aprouver. A questão por que Ele não tem falado por dezoito séculos não deve ser respondida com um "Porque Ele perdeu o poder"; mas "Porque não Lhe pareceu bem faze-lo." Havendo uma vez falado, e na Bíblia trazido a Sua palavra às nossas almas, Ele agora silencia-se para que possamos honrar as Escrituras.

No entanto, deve ser notado que neste falar divino desde o Paraíso até Patmos há uma certa ordem, unidade, e regularidade, pelo que portanto acrescentamos:

Primeiro, o falar divino não foi confinado a indivíduos, mas, tendo uma mensagem para todo o povo, Deus falou através dos Seus profetas escolhidos. Que Deus pode falar a uma nação inteira de uma só vez está provado pelos eventos no Sinai. Mas aprouve a Ele não faze-lo sempre desta forma. Ao contrário, Ele nunca mais falou a eles daquela forma, mas introduziu, ao invés, a profecia. Assim é que a

missão peculiar da profecia é receber as palavras de Deus e imediatamente comunicá-las ao povo. Deus fala a Abraão o que dizia respeito só a Abraão; mas a Joel, a Amós e etc., uma mensagem não para eles mesmos, mas para outros, aos quais ela devia ser levada. Com relação a isto nós notamos o fato de que o profeta não encontrasse sozinho, mas relacionado com uma classe de homens entre os quais a sua mente foi gradualmente preparada para falar ao povo, e para receber o Oráculo divino. Pois a característica peculiar da profecia era a condição de êxtase, a qual difere grandemente da maneira pela qual Deus falou a Moisés.

Segundo, estas revelações divinas são mutuamente relacionadas e, em consideradas juntas, constituem-se num todo. Há primeiro a fundação, depois a sobre estrutura, até que finalmente o ilustre palácio da verdade e do conhecimento divinos esteja completo. A revelação como um todo mostra, portanto, um plano glorioso, no qual estão encaixadas as revelações especiais aos indivíduos.

Terceiro, o falar do Senhor, especialmente o da palavra íntima, interna, é peculiarmente a obra do Espírito Santo, a qual, como vimos anteriormente, aparece mais veementemente quando Deus vem a contato mais próximo com a criatura. E a consciência é a parte mais íntima do ser humano. Portanto, tão freqüente quanto o Senhor nosso Deus penetre a consciência humana para comunicar os Seus pensamentos, vestidos de palavras e pensamentos humanos, ali a Escritura Sagrada e o crente honram e adoram a operação confortadora do Espírito Santo.

XVI. Inspiração.

"Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Isto diz aquele que tem os sete espíritos de Deus..."-Apocalipse 3:1

Não falamos aqui a respeito do Novo Testamento. Nada tem contribuído mais para falsificar e para minar a fé na Bíblia e na visão ortodoxa relativa a ela, do que a prática não histórica e não natural de considerar a Escritura do Antigo e do Novo Testamentos ao mesmo tempo.

O Antigo Testamento aparece primeiro; depois o Verbo se fez carne; e somente após é que houve a Escritura do Novo Testamento.

No estudo da obra do Espírito Santo a mesma ordem deve ser observada. Antes nós falamos da Sua obra na Encarnação, a inspiração do Novo Testamento não pode nem mesmo ser mencionada. E até a Encarnação, não havia nenhuma outra Escritura senão o Antigo Testamento.

A questão agora é: Como a obra do Espírito Santo deve ser identificada na construção daquela Escritura?

Temos considerado a questão de como ela foi preparada. Através de obras maravilhosas Deus criou uma nova vida neste mundo; e, de forma a fazer com que os homens cressem nessas obras, Ele falou ao homem tanto direta como indiretamente, i.e. pelos profetas. Mas isto não criou a Escritura Sagrada. Se nada mais tivesse sido feito, não haveria tal Escritura; pois eventos acontecem e já pertencem ao passado; a palavra uma vez pronunciada morre com a emoção na consciência.

A escrita humana é a maravilhosa dádiva que Deus concedeu ao homem para perpetuar o que de outra forma teria sido esquecido e perdido por completo. A tradição falsifica a memória. Entre homens santos isto não seria assim. Mas nós somos homens pecadores. Através do pecado uma mentira pode ser dita. O pecado também é a causa da nossa falta de seriedade, e a raiz de todo o esquecimento, indiferença e negligência. São estes dois fatores, a mentira e a indiferença, que roubam o valor da tradição.

Por esta razão Deus deu à nossa raça a dádiva da escrita. Não importa se em cera, metal, face da rocha, pergaminho, papiro ou papel; mas que Deus capacitou o homem para encontrar a arte de legar um pensamento, uma promessa, um evento para a posteridade, independente de si, anexando tal pensamento, promessa ou evento a algo material, de forma que pudesse durar e ser decifrado por outros mesmo após a sua morte. Isto sim, é da maior importância.

Para nós, homens, a leitura e a escrita são formas de comunhão. Começa com o falar, o que é essencial para a comunhão. Mas o mero falar confina a comunhão a limites estreitos, enquanto que a leitura e a escrita lhe dão perspectiva mais ampla, estendendo-a a pessoas distantes e a gerações ainda por nascerem. Através da escrita, as gerações passadas verdadeiramente convivem juntas. Mesmo agora

nós podemos nos encontrar com Moisés e com Davi, Isaías e João, Platão e Cícero; podemos ouvi-los falar e receber suas expressões mentais. Considere então isto; a escrita, não é, portanto algo insignificante, desprezível, como alguns, que são super espirituais e ridicularizam a palavra Escrita. Ao contrário, é grande e gloriosa - um dos fatores poderosos através do qual Deus mantém homens e gerações em comunicação viva e no exercício do amor. A sua descoberta foi uma graça maravilhosa, dádiva de Deus para o homem, mais do que duplicando os seus tesouros.

Muito freqüentemente tem se abusado deste presente, desta dádiva; ainda assim na sua utilização correta há uma glória ascendente. Quão muito mais gloriosa parece ser a arte da escrita quando Dante, Shakespeare e Schiller escreveram suas poesias, do que quando o pedagogo compila seus livros ou o tabelião certifica o aluguel de uma casa!

Desde que é possível usar ou abusar da escrita, que ela pode servir a propósitos baixos ou altos, o questionamento aparece: "Qual é o seu maior propósito?" E sem a mínima hesitação respondemos: "A produção das Sagradas Escrituras". Assim como a fala e o idioma humanos são do Espírito Santo, também a escrita nos ensina acerca dEle. Mas enquanto o homem usa a arte para gravar pensamentos humanos, o Espírito Santo a emprega para dar forma fixa e duradoura aos pensamentos de Deus. Assim é que há uma utilização humana e uma utilização divina, da escrita. A mais alta e completamente única é aquela na Sagrada Escritura.

Realmente, não há nenhum outro livro que sustente comunicação entre homens e gerações como o faz a Bíblia. Para a honra desta que é Sua obra própria, o Espírito Santo propiciou a distribuição universal somente deste livro, assim colocando homens de todas classes e camadas em comunicação com as gerações mais antigas de sua raça.

Deste ponto de vista, a Escritura Sagrada deve ser considerada, sendo de fato "a Escritura por excelência". Por isso o comando divino e sempre repetido: "Escreve". Deus não somente falou e agiu, deixando a cargo do homem decidir se os Seus feitos e se o teor das Suas palavras deviam ser esquecidos ou lembrados; mas ele também

ordenou que devessem ser gravados por escrito. E quando justamente pouco antes de anunciar e de fechar a revelação divina a João na ilha de Patmos, o Senhor ordenou-lhe, "Escreve à Igreja" de Éfeso, de Pérgamo e etc., Ele repetiu numa síntese o que era o desígnio de todas as revelações precedentes, ou seja, que devessem ser escritas na forma de uma Escritura, uma dádiva do Espírito Santo, e serem depositadas na Igreja, a qual por aquele motivo é chamada de "pilar e terreno da verdade". Não, de acordo com interpretações posteriores, como se embora a verdade fosse lacrada na Igreja; mas, conforme a representação antiga, que a Sagrada Escritura, a Bíblia fosse confiada à Igreja, para preservação.

No entanto, não queremos dizer que com referência a cada um dos versículos e capítulos o Espírito Santo comandou, "Escreve", com se a Bíblia como a possuímos tivesse vindo a existir página após página. Seguramente as Escrituras Sagradas são divinamente inspiradas: uma declaração distorcida e perversa além do reconhecimento pelos nossos teólogos Éticos, se eles entendem por isso que "profetas e apóstolos foram pessoalmente motivados pelo Espírito Santo". Isto confunde iluminação com revelação, e revelação com inspiração. "Iluminação" é o clarear da consciência espiritual a qual, no Seu próprio tempo o Espírito Santo dá, mais ou menos, a cada filho de Deus. "Revelação" é uma comunicação dos pensamentos de Deus dada através de maneira extraordinária, por um milagre, aos profetas e apóstolos. Mas "inspiração", totalmente distinta das duas anteriores, é aquela operação única e especial do Espírito Santo através da qual Ele direciona as mentes dos escritores da Bíblia no ato de escrever. "Toda Escritura é divinamente inspirada"[II Timóteo 3:16]; e isto não tem referência alguma com iluminação comum, nem revelação extraordinária, mas com uma operação que encontra-se inteiramente sozinha e a qual a Igreja tem confessado sempre, sob o nome de Inspiração. Assim, a inspiração é o nome daquela operação todo compreensiva do Espírito Santo, pela qual Ele concedeu à Igreja uma Escritura infalível e completa. Chamamos esta operação de 'todo compreensiva', pois ela foi orgânica, e não mecânica.

A prática de escrever data à antigüidade remota, precedida, no entanto, pela preservação da tradição verbal pelo Espírito Santo. Tal é evidente da narrativa da Criação. Físicos notáveis, como Agassiz, Dana, Guyot, e outros, têm declarado abertamente que a narrativa da Criação gravou há muitos séculos atrás o que até hoje nenhum homem poderia saber por si mesmo, e o que na atualidade é revelado somente em parte, pelo estudo da geologia. Portanto a narrativa da Criação não é mito, mas sim história. Os eventos aconteceram como gravados nos capítulos iniciais do livro de Gênesis. O Próprio Criador deve have-los comunicado ao homem. Desde Adão e até a época quando a escrita foi inventada, a lembrança desta comunicação deve ter sido preservada corretamente. O fato de haverem duas narrativas da Criação não prova nada em contrário. A Criação é considerada dos pontos de vista natural e espiritual; portanto é perfeitamente apropriado que a imagem da Criação devesse ser completada num esboço duplo.

Se Adão não recebeu o encargo especial, ainda assim através da própria revelação ele obteve a impressão poderosa de que tal informação não era destinada somente a ele, mas para todos os homens. Dando-se conta da importância e da obrigação que isto impunha, gerações sucessivas perpetuaram a lembrança das palavras e dos feitos maravilhosos de Deus, primeiro oralmente, depois por escrito. Desta forma, gradualmente surgiu uma coletânea de documentos os quais através da influência Egípcia foram ordenados em forma de livro pelos grandes homens de Israel. Estes documentos sendo coletados, filtrados, compilados e expandidos por Moisés, formaram nos seus dias o começo de uma Escritura Sagrada apropriadamente assim chamada.

Se Moisés e aqueles outros escritores antigos estavam, cientes de que a sua inspiração não ser material; o Espírito Santo os direcionou, trouxe ao seu conhecimento o que eles deviam saber, aguçou seu senso de julgamento na escolha de documentos e relatos, de forma que eles fossem capazes de decidir corretamente; e deu-lhes uma maturidade superior que os capacitou sempre na escolha da palavra correta.

Embora o Espírito Santo falasse diretamente aos homens, a fala e idioma humanos não sendo invenções humanas, todavia na escrita Ele empregou agências humanas. Mas se Ele dita de forma direta, como no livro do Apocalipse do apóstolo João, ou governa a escrita de forma indireta, como com historiadores e evangelistas, o resultado é o mesmo: o produto é de tal forma e com tal conteúdo como o Espírito Santo designou, um documento infalível para a Igreja de Deus.

Assim é que a confissão da inspiração não exclui simples e ordinária numeração, coleção de documentos, classificação, gravação, etc. Ela reconhece todos estes assuntos que são plenamente reconhecíveis na Escritura. Estilo, dicção, repetições, todos retêm seu valor. Mas deve insistir-se que a Bíblia como um todo, como finalmente apresentada à Igreja, quanto ao conteúdo; à seleção e ao arranjo de documentos, de estrutura e mesmo de palavras, deve a sua existência ao Espírito Santo, i.e. que os homens empregados nesta tarefa foram consciente ou inconscientemente tão controlados e direcionados pelo Espírito, em todas as suas idéias, suas seleções, suas filtragens, suas escolhas de palavras, e escrita, que o seu produto final, legado para a posteridade, possuía uma garantia perfeita de autoridade divina e absoluta.

Que as próprias Sagradas Escrituras apresentem um número de objeções e possam, em muitos aspectos fazer nenhuma impressão de uma inspiração absoluta, não milita contra o outro fato de que esta labuta espiritual foi controlada e direcionada pelo Espírito Santo. Pois a Escritura Sagrada tinha de ser construída de forma a permitir espaço para o exercício da fé. Não foi intenção que fosse aprovada pelo julgamento crítico e que fosse aceita neste terreno. Isto eliminaria a fé. A fé consolida-se diretamente com a integridade da nossa personalidade. Para ter fé na Palavra, a Escritura não pode atingir-nos no nosso pensamento crítico, mas na vida da alma. Crer na Escritura é um ato de vida, do qual tu, ó homem sem vida! não és capaz, exceto se o Insuflador, o Espírito Santo, te capacitar. Ele, que fez a Sagrada Escritura ser escrita é o mesmo que te ensina a lê-La. Sem Ele este produto da arte divina não pode afetar-te. Assim é que cremos:

Primeiro, que o Espírito Santo escolhe esta construção humana da Sagrada Escritura, da Bíblia propositadamente, de modo que nós, enquanto homens possamos mais prontamente viver nela.

Segundo, que as pedras de tropeço foram introduzidas, para que fosse impossível apossarmo-nos do seu conteúdo de maneira meramente intelectual, sem o exercício da fé.

(¹) - Para o sentido no qual o autor toma o Metodismo, veja a seção "5" no Prefácio.

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)
Belo Horizonte-MG, 19 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Quinto - A Encarnação do Verbo [\(1\)](#)

XVII. Como Um de Nós.

"...mas um corpo me preparaste." - Hebreus 10:5

O completar-se do Antigo Testamento não finalizou a obra que o Espírito Santo empreendeu por toda a Igreja. A Sagrada Escritura pode ser o instrumento através do qual agir na consciência do pecador e abrir os seus olhos para a beleza da vida divina, mas não pode imputar vida à Igreja. É assim que ela foi seguida por uma outra obra do Espírito Santo, ou seja, a preparação do corpo de Cristo.

As bem conhecidas palavras: "Sacrifício e oferta não desejas; abriste-me os ouvidos; holocausto e oferta de expiação pelo pecado não reclamaste. Então disse eu: Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito a meu respeito"[Salmo 40: 6, 7] - às quais Paulo se refere: "...Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; não te deleitaste em holocaustos e oblações pelo pecado. Então eu disse: Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim)..."[Hebreus 10:5-7]. Não discutimos como as palavras "abriste-me os ouvidos" podem significar também "um corpo me preparaste". Para o nosso presente propósito é imaterial se alguém disser com Junius: "A orelha é um membro do corpo, pelo abrir da orelha a audição torna-se possível; e somente pela audição é que o corpo torna-se um instrumento de obediência"; ou, com outro: "Como o corpo do escravo tornou-se um instrumento de obediência pelo perfurar da orelha, também o corpo de Cristo tornou-se um instrumento de obediência pela concepção do Espírito Santo"; ou, finalmente: "Como o Israelitas tornou-se um servo ao ter sua orelha perfurada, assim também o Filho Eterno adotou a forma de um servo ao compartilhar nossa carne e nosso

sangue". A exposição infalível de Salmos 40:7 por Paulo, não levanta nenhuma objeção séria a qualquer um desses comentários. É suficiente para o nosso presente propósito reconhecer que, de acordo com a passagem em Hebreus 10:5, a Igreja deve confessar que houve uma preparação do corpo de Cristo.

Isto posto, e tomado em conexão com o que o Evangelho relata acerca da concepção, não pode ser negado que na preparação do corpo do Senhor há uma obra peculiar do Espírito Santo. Pois o anjo disse a Maria: "...Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus."[Lucas 1:35] e de novo: "...José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo"[Mateus 1:20]. Ambas passagens, afora seus significados próprios, buscam evidentemente produzir a impressão de que a concepção e o nascimento de Jesus são extraordinários; que eles não ocorreram como resultado da vontade do homem, mas como resultado de uma operação do Espírito Santo.

Como em outras obras exteriores de Deus, a preparação do corpo de Cristo é uma obra divina, comum às três Pessoas.

É equivocado dizer que o Espírito Santo é o Criador do Corpo de Jesus, ou, como alguns o têm expressado, "Que o Espírito Santo foi o Pai de Cristo, de acordo com a Sua natureza humana". Tais representações devem ser rejeitadas, desde que elas destroem a confissão da Trindade Santa. Esta confissão não pode ser mantida quando qualquer uma das obras exteriores de Deus seja representada como não comum às três Pessoas.

É nosso desejo enfatizar, portanto, não que o Espírito Santo sozinho, mas que o Deus Triúno, preparou o corpo do Mediador. O Pai e mesmo o Filho cooperaram neste ato divino.

Contudo, como vimos na Criação e Providência, nesta cooperação a obra de cada Pessoa tem a sua própria marca distintiva. Do Pai, de quem são todas as coisas, procedeu o material do corpo de Cristo, a criação da alma humana, e de todos os dons e poderes, juntamente com todo o plano da Encarnação. Do filho, que é a sabedoria do Pai, a disposição e a ordenação de todas as coisas na Criação, procedeu a disposição santa e a ordenação com referência à

Encarnação. E as ações correlatas do Pai e do Filho na Criação e na Providência recebem animação e perfeição através do Espírito Santo, de forma que exista na Encarnação um ato peculiar do Espírito Santo através do qual os atos do Pai e do Filho nesse mistério sejam completos e manifestos. Portanto, está escrito em Hebreus 10:7 acerca do Deus Triúno: "Um corpo me preparaste."; enquanto que também é declarado aquele o qual foi concebido em Maria, é do Espírito Santo.

Isto, no entanto, não pode ser explicado no sentido ordinário, no sentido comum. Pode ser dito que nada há de maravilhoso nisto, pois Jó declara "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida"[Jó 33:4]; e sobre Cristo lemos que Ele nasceu de Maria, tendo sido concebido pelo Espírito Santo. Estas duas verdades cobrem a mesma área. Ambas situações conectam o nascimento de uma criança com um ato do Espírito Santo. Enquanto que, com relação ao nascimento de Cristo, não negamos este ato habitual do Espírito Santo, o qual é essencial para o despertar de toda a vida, especialmente a vida de um ser humano, todavia sim, negamos que a Sua concepção pelo Espírito Santo foi o ato habitual. A confissão antiga: "Creio e Jesus Cristo, Seu Único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo", refere-se a um milagre divino e um mistério profundo, no qual a obra do Espírito Santo deve ser glorificada.

Consequentemente é impossível uma análise completa desta obra. Se não, ela não mais seria um milagre. Portanto, refiramo-nos a este assunto somente com a mais profunda reverência, e não avancemos teorias contrárias à Palavra de Deus. O que aprouve a Deus revelar-nos, sabemos; o que na Sua Palavra há somente indicações, só podemos ter uma vaga idéia; e o que é avançado fora da Palavra, não passa do esforço de um espírito intrometido ou curiosidade profana.

Nesta obra do Espírito Santo, duas coisas devem ser distinguidas:

Primeira, a criação da natureza humana de Jesus.

Segunda, a Sua separação dos pecadores.

No primeiro ponto, a Bíblia ensina que nenhum homem poderia jamais reclamar vínculo de paternidade com Jesus. José aparece e age como uma espécie de padrasto de Jesus; mas a Bíblia nunca fala de um relacionamento de vida e de origem entre ele e Jesus. De fato, os vizinhos da família de José referiam-se a Jesus como o Filho do carpinteiro, mas a Bíblia sempre trata isso como um erro. João, declarando que os filhos de Deus nascem não da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus, indubitavelmente emprestou tal gloriosa descrição do nosso nascimento mais elevado, do extraordinário ato de Deus, que cintila na concepção e nascimento de Cristo. O Fato de que Maria foi chamada enquanto virgem; de que José atribuiu-se com a descoberta da condição da sua noiva; de que ele tencionava secretamente deixá-la, e que um anjo apareceu-lhe num sonho - resumindo, a narrativa completa do Evangelho, tanto quanto a tradição mantida da Igreja, permitem nenhuma outra confissão a não ser a de que Cristo foi concebido e nasceu de Maria, a virgem; mas não de José, seu marido prometido.

Excluindo o homem, a Bíblia coloca por três vezes o Espírito Santo na área como o Autor da concepção. Mateus diz "Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, ela se achou ter concebido do Espírito Santo"[1:18] e novamente, "...em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo"[1:20]. E depois, Lucas diz "Respondeu-lhe [a Maria] o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus"[1:35]. Estas declarações muito claras não recebem um reconhecimento completo, a não ser que seja plenamente confessado que a concepção do germe da semente de uma natureza humana no útero da virgem foi um ato do Espírito Santo.

Não é expediente nem tampouco legal adentrarmos mais profundamente neste assunto. Como a vida humana se origina após a concepção, se o embrião imediatamente contém uma pessoa humana ou se o ser humano é criado dentro dele mais tarde, e outras questões similares, devem permanecer sem resposta, quiçá para sempre. Nós

podemos propor teorias, mas o Deus Onipotente não permite que nenhum homem descubra os segredos do Seu operar nos laboratórios secretos do Seu poder criativo. Assim é que tudo o quanto pode ser dito, de conformidade com a Bíblia, está contido nos quatro particulares a seguir:

Em primeiro, na concepção de Cristo, não foi um novo ser que foi chamado para a vida, como em todos outros casos, mas Aquele que já existia desde a eternidade, e quem então adentrou a uma relação vital com a natureza humana. A Escritura Sagrada revela isto claramente. Cristo existia desde antes da fundação do mundo. Sua existência data desde os dias da eternidade. Ele tomou sobre Si a forma de um servo. Mesmo que o biólogo descobrisse o mistério da concepção humana, tal não poderia revelar nada, absolutamente, quanto à concepção de Maria.

Em segundo, não é a concepção de uma pessoa humana, mas a de uma natureza humana. Onde um novo ser é concebido, uma pessoa humana passa a existir. Mas quando a Pessoa do Filho, que estava com o Pai desde a eternidade, compartilha a nossa carne e o nosso sangue, Ele adota nossa natureza humana na unidade da Sua Pessoa, assim tornando-se um verdadeiro homem; mas não trata-se da criação de uma nova pessoa. A Bíblia mostra isto claramente. Em Cristo aparece nada a não ser um ego, sendo na mesma Pessoa ao mesmo tempo o Filho de Deus e o Filho de homem.

Em terceiro, segue-se, daí, não que uma nova carne foi criada em Maria, como os Menonitas costumavam ensinar; mas que o fruto do ventre de Maria, do qual Jesus nasceu, foi tomado e nutrido do sangue de Maria - o mesmo sangue que, através dos seus parentes e ancestrais ela havia recebido desde o caído Adão.

E por último, o Mediador nascido de Maria não somente compartilhou da nossa carne e do nosso sangue, tais como existiram em Adão e como nós herdamos de Adão, mas Ele nasceu verdadeiramente ser humano, pensando, querendo, e sentindo exatamente como os outros homens, suscetível a todas as emoções e sensações humanas que causam os incontáveis vibrações e pulsações da vida humana.

E todavia Ele estava separado dos pecadores. Falaremos disso no próximo artigo.

Contentemo-nos com o fato da concepção, fato do qual extraímos o conforto precioso: "Que benefícios recebes da santa concepção e do nascimento de Cristo? - Que ele é nosso Mediador e, com a sua inocência e sua perfeita santidade cobre os meus pecados, em que fui concebido, para que estes desapareçam diante de Deus."[Catecismo de Heidelberg, questão 36].

XVIII. Inculpável e Sem Pecado.

"Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus."-Hebreus 7:26

A Igreja tem, no transcorrer das eras, confessado que Cristo tomou sobre Si uma natureza humana, da virgem Maria, não como tal natureza o era antes da queda, mas tal como passou a ser, após e como consequência da queda.

Isto está claramente apresentado em: "...visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo"[Hebreus 2:14, 17]. Foi mesmo tal participação na nossa natureza humana que O faria sentir o aguilhão de Satanás, pois o texto segue na declaração: "Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados"[Hebreus 2:18]. Pela autoridade da Palavra divina nós não podemos duvidar, então, que o Filho de Deus tornou-se um homem, com a nossa natureza caída. É a nossa miséria, através da culpa herdada de Adão, que não possamos viver e agir senão como participantes, compartilhando da carne e do sangue corrompidos pela queda. E desde que, como filhos compartilhamos da carne e do sangue, assim também Ele tornou-se participante dos mesmos. Por isso é que não há como enfatizar demais que o Filho de Deus, caminhando entre homens, possuía a mesma natureza na qual nós passamos as nossas vidas; que a Sua

carne tinha a mesma origem que a nossa carne; que o sangue que corria nas Suas veias é o mesmo sangue que corre nas nossas, e chegou até Ele tanto quanto chega a nós, a partir da mesma fonte, em Adão. Devemos sentir, e ousar confessar, que no Getsêmane o nosso Salvador agonizou na nossa carne e no nosso sangue; que foi a nossa carne e o nosso sangue que foram pregados na cruz. O "sangue da reconciliação" é tomado do próprio sangue que tem sede após a reconciliação.

Com segurança igual, no entanto, reverenciando a autoridade da Bíblia, confessamos que esta união íntima do Filho de Deus com a natureza humana caída não implica na mínima participação do nosso pecado e da nossa culpa. Na mesma epístola na qual o apóstolo mostra distintamente o relacionamento de Jesus com a carne e o sangue humanos, ele também apresenta um testemunho claro da Sua absoluta falta de pecado, de forma que seja evitada qualquer compreensão errada. Como em virtude da nossa concepção e do nosso nascimento nós somos pecadores, culpados e poluídos, pecadores com pecadores, e portanto oprimidos com a condenação do inferno, também foi o Mediador concebido e nascido santo, sem pecado, sem culpa, imaculado, separado dos pecadores, feito mais alto que os céus. E com ênfase igual o apóstolo declara que o pecado não penetrou nEle através das tentações, pois, embora tentado em todas as coisas, como nós o somos, todavia Ele foi sempre sem nenhum pecado.

Portanto o mistério da Encarnação permanece na permanente contradição da união de Cristo com a nossa natureza humana caída, a qual por um lado é tão íntima que O faz suscetível às suas tentações, enquanto que por outro lado Ele é completamente separado de todo e qualquer relacionamento com o seu pecado. A confissão que enfraqueça ou que elimine qualquer desses fatores deve, quando desenvolvida logicamente, degenerar em séria heresia. Ao dizer, "O Mediador foi concebido e nasceu na nossa natureza, como ela o era antes da queda", nós cortamos o relacionamento entre Ele e nós; e ao permitir que Ele tivesse a mínima participação pessoal da nossa culpa e do nosso pecado, nós cortamos o Seu relacionamento com a natureza divina.

A Bíblia não ensina, então, que o Mediador foi feito pecado e carregou a maldição no nosso lugar, e "como verme e não homem" sofreu a agonia mais profunda?

Respondemos: Sim, certamente, sem isto não teríamos nenhuma redenção. Mas em tudo isto Ele agiu como o nosso Substituto. Sua própria personalidade não foi afetada nem o mínimo por causa disso. O Seu arquear-Se sob o peso do nosso pecado foi um ato Sumo Sacerdotal, executado vicariamente. Ele foi feito pecado, mas jamais um pecador. Pecador quer dizer quem é pessoalmente afetado pelo pecado; a pessoa de Cristo nunca o foi. Ele nunca teve qualquer relacionamento com o pecado, a não ser aquele de amor e compaixão por nós pecadores, para suportar o peso do nossos pecados como o nosso Sumo Sacerdote e Substituto. Sim, embora Ele fosse excessivamente afligido mesmo até a morte, embora Ele estivesse severa e extremamente tentado que até clamou "passa de Mim este cálice", no centro do Seu ser pessoal Ele permaneceu livre do mais mínimo contato com o pecado.

Um exame detalhado da maneira pela qual nos tornamos participantes do pecado projetará mais luz neste assunto.

Cada pecado individual não é somente do nosso próprio cometimento, mas uma participação no pecado comum, o grande pecado de toda a raça, contra o qual a ira de Deus é incendiada. Nós não somente participamos deste pecado por um ato da vontade na medida em que crescemos; ele já era nosso no berço, enquanto no útero da nossa mãe - sim, mesmo na nossa concepção. "Concebido e nascido em pecado" é a terrível confissão que a Igreja de Deus, redimida, pode jamais negar.

Por esta razão a Igreja sempre depositou tal importância na doutrina da culpa herdada, como declarado por Paulo no quinto capítulo da Carta aos Romanos. A nossa culpa herdada não surge do pecado herdado; ao contrário, nós somos concebidos e nascemos em pecado porque permanecemos na culpa herdada. A culpa de Adão é imputada a todos os seus descendentes. Adão viveu e caiu como a nossa cabeça natural e federal. A nossa vida moral encontra-se numa relação de raiz para com a sua vida moral. Nós estávamos nele. Ele nos carregava em si mesmo. O seu estado determinou o nosso estado.

Daí que pelo julgamento justo de Deus a sua culpa foi imputada a toda a sua posteridade, pois tanto quanto, pela vontade do homem, todos deveriam sucessivamente nascerem a partir dele. Em virtude dessa culpa herdada, nós somos concebidos em pecado e nascemos na participação do pecado.

Deus é o nosso Criador, e das Suas mãos nós viemos puros e não corrompidos. Ensinar o contrário é fazer de Deus o Autor do pecado individual, e destruir o sentido de culpa da alma. Assim é que o pecado, especialmente o pecado original, não se origina na nossa criação pelas mãos de Deus, mas através da nossa relação vital com a raça pecadora. A nossa pessoa não procede dos nossos pais. Este é um conflito direto com a indivisibilidade do espírito, com a Palavra de Deus, e a sua confissão de que Deus é o nosso Criador, "que também me fez."

Porém, nem toda a criação é a mesma. Há a criação imediata e mediata. Deus criou a luz através da criação imediata, mas grama e relva mediatamente, pois estas brotam do solo. A mesma diferença existe entre a criação de Adão e a da sua posteridade. A criação de Adão foi imediata: não do seu corpo, o qual foi feito do pó, mas a da sua pessoa, o ser humano chamado Adão. Sua posteridade, no entanto, é criação mediata, pois cada concepção é feita para depender da vontade do homem. Assim, enquanto nós procedemos das mãos de Deus pura e imaculadamente, tornamo-nos ao mesmo tempo participantes da culpa imputada e herdada de Adão; e pela virtude desta culpa herdada; através da nossa concepção e do nosso nascimento, Deus nos traz ao relacionamento com o pecado da raça. Como isto ocorre é um mistério impenetrável mas é um fato; que nos tornamos participantes do pecado da raça através da geração, a qual inicia-se com a concepção e termina com o nascimento.

E agora, com referência à Pessoa de Cristo, tudo depende da questão se a culpa original de Adão foi imputada ao homem Jesus Cristo.

Se o foi, então, como todos os outros homens, Cristo foi concebido e nasceu em pecado, em virtude desta culpa original. Onde está a culpa original imputada, deve haver a corrupção pecaminosa. Mas, por outro lado, onde ela não está, a corrupção pecaminosa não

pode ser; assim é que Ele, que é chamado santo e inocente deve ser também imaculado. A culpa de Adão não foi imputada ao homem Jesus Cristo. Se o fosse, então não poderia haver o sangue da reconciliação. Se a culpa original de Adão foi imputada ao homem Jesus Cristo, então em virtude da Sua concepção e nascimento pecaminosos Ele também esteve sujeito à morte e à condenação, e Ele não poderia ter recebido a vida senão através da regeneração. Então também segue-se que ou este Homem carece Ele mesmo de um Mediador, ou que nós, como Ele, também podemos adentrar à vida sem um Intermediário.

Mas toda esta representação é sem fundamento, e deve ser rejeitada sem qualificação. A Bíblia toda se opõe a ela. A culpa de Adão é imputada à sua posteridade. Mas Cristo não é um descendente de Adão. Ele existia antes de Adão. Ele não nasceu passivamente como nós nascemos, mas Ele próprio tomou sobre Si a carne humana. Ele não se encontra sob Adão, como Adão sendo a Sua cabeça, mas Ele mesmo é uma nova Cabeça, tendo outros sob Si, a respeito de quem Ele diz: "...Eis-me aqui, e os filhos que Deus me deu." [Hebreus 2:13]. É verdade que em Lucas 3:23-38 encontramos a genealogia de José, que encerra-se com as palavras: "... (filho) de Adão, e Adão (filho) de Deus."; mas o Evangelista acrescenta enfaticamente "... (como se cuidava)..." [vv.23]; daí que Jesus não era o filho de José. E no Evangelho segundo Mateus, a Sua genealogia para em Abraão. Embora no Pentecostes Pedro disse que Davi sabia que Deus levantaria a Cristo do fruto da sua descendência, todavia ele acrescenta esta limitação, "segundo a carne" (N.T.: em Romanos 1:3, é Paulo quem escreve: "acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne"). Mais ainda, compreendendo que o Filho não assumiu uma pessoa humana, mas sim a natureza humana, de maneira que o Seu Ego é o da Pessoa do Filho de Deus, necessariamente segue-se que Jesus não pode ser um descendente de Adão; pois a imputação da culpa de Adão a Cristo aniquilaria a Pessoa divina. Tal imputação está completamente fora de questão. A Ele nada é imputado. Os pecados, Ele os tomou sobre Si voluntariamente, vicariamente, agindo como o nosso Sumo Sacerdote e Mediador.

XIX. O Espírito Santo No Mistério da Encarnação.

"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai."
- João 1:14

Há mais uma questão no tratamento deste tema. Qual foi a extraordinária operação do Espírito Santo, que capacitou o Filho de Deus para assumir a nossa natureza caída sem ser corrompido pelo pecado?

Embora concedamos ser ilegal bisbilhotar no que o véu oculta, o que Deus não abre livremente para nós, ainda assim podemos buscar o significado das palavras que incorporam o mistério; e é isto que tencionamos fazer na discussão dessa questão.

A encarnação de Cristo, com referência à Sua absoluta falta de pecado, está relacionada com o ser do pecado, o caráter do pecado original, a relação entre corpo e alma, regeneração e o operar do Espírito Santo nos crentes. Assim é que é necessário, para uma mais clara compreensão, ter uma visão correta da relação da natureza humana de Cristo para com esses temas importantes. Pecado não é um bacilo espiritual que se esconde no sangue da mãe e é recebido nas veias do filho. Pecado não é algo material e tangível; a sua natureza é moral e espiritual, pertencendo às coisas invisíveis cujos resultados podemos perceber, mas cujo ser real escapa à detecção. Por conseguinte, em oposição ao Maniqueísmo e heresias similares, a Igreja tem sempre confessado que o pecado não é uma substância material na nossa carne e no nosso sangue, mas que consiste da perda da retidão original na qual Adão e Eva floresceram e prosperaram no Paraíso. Nem os crentes diferem deste ponto, pois todos reconhecem que o pecado é a perda da justiça, da retidão original.

No entanto, traçando o próximo passo na rota do pecado, encontramos uma série diferença entre a Igreja de Roma e a nossa própria. Aquela ensina que Adão surgiu perfeito da mão do seu Criador, antes mesmo de ser favorecido com a retidão original.

Isto implica que a natureza humana é completada sem a retidão, a justiça original, a qual é colocada sobre ela como um

roupão ou um ornamento. Como a nossa natureza presente é completa sem vestimenta ou ornamentos, os quais são necessários somente para parecermos respeitáveis no mundo, assim também era a natureza humana, de acordo com Roma, completa e perfeita em si mesma sem retidão, a qual serve somente como vestimenta e jóia. Mas as igrejas Reformadas sempre têm se oposto a este ponto de vista, mantendo que a retidão original é uma parte essencial da natureza humana, pelo que a natureza humana em Adão não era completa sem ela; que não foi meramente acrescentada à natureza de Adão, mas que Adão foi criado na posseção dela como a manifestação direta da sua vida.

Se a natureza de Adão era perfeita antes que ele possuísse a retidão original, segue-se que a sua natureza permanece perfeita também após a perda dela; caso no qual descrevemos o pecado simplesmente como "carência da justiça [retidão] original" [N.T. o autor utilizou-se da expressão latina "*carentia justitix originalis*"], i.e. a falta da retidão [justiça] original. Isto costumava ser expresso assim: A retidão original é um bem natural ou sobrenatural? Se natural, então a sua perda faz com que a natureza do homem seja inteiramente corrupta; se sobrenatural, então a sua perda pode levar consigo a glória e a honra daquela natureza, mas como uma natureza humana ela guardou quase todo o seu poder original.

Bellarminus disse que desejo, doença, conflito, etc., naturalmente pertencem à natureza humana; e que a retidão original era uma rédea dourada colocada nesta natureza, para checar e controlar este desejo, doença, conflito e etc. Assim quando esta rédea dourada foi perdida, perdeu-se o controle sobre a doença, o desejo, o conflito e etc. (tomo IV, capítulo V, col. 15, 17, 18). Tomás de Aquino, para quem Calvino tinha um grande débito, e a quem o Papa atual tem ardentemente recomendado aos seus padres, tinha uma visão mais correta. Isto é evidente na sua definição de pecado. Se doença, desejo, etc., existiam no homem quando ele veio da mão de Deus, e somente a graça sobrenatural pode restringi-los, então pecado é simplesmente a perda da retidão original, assim puramente negativo. Mas se a retidão original pertence à natureza humana e não foi simplesmente acrescentada a ela de forma sobrenatural, então o

pecado divide-se em duas partes: primeira, a perda da retidão original; segunda, a ruína e corrupção da própria natureza humana, desorganizando-a e desmembrando-a. Tomás de Aquino reconhece este último aspecto, pois ele ensina ("Summa Theologiae", prima secundae, ix., sect. 2, art. 1) que o pecado não é somente perda e privação, mas também um estado de corrupção, na qual deve ser distinguida a falda do que deveria estar presente, i.e. a retidão original; e a presença do que deveria estar ausente, ou seja, uma desordem anormal das partes e dos poderes da alma.

Nossos pais tinham quase que o mesmo ponto de vista. Eles julgavam que o pecado não é material, mas a perda da retidão original. Mas desde que a retidão original pertence à natureza humana sã, a perda não deixou aquela natureza intacta, mas danificada, desconjuntada, e corrompeu-a. Para ilustrar: uma linda flor de gerânio que adornava a janela foi morta pela geada. Folhas e flores murcharam, deixando somente uma massa de mofo e putrefação. Qual foi a causa? Simplesmente a perda da luz e do calor do sol. Mas foi o bastante; pois estes pertencem à natureza da planta, e são essenciais para a sua vida e beleza. Privada deles, ela não mais permanece o que é, mas a sua natureza perde sua saúde, e isto causa decadência, putrefação, bolor, e gases venenosos, os quais logo a destroem por completo. Então, da natureza humana: No Paraíso Adão era como a planta viçosa, florescendo no calor e na claridade da presença do Senhor. Em decorrência do pecado ele fugiu daquela presença. O resultado não foi meramente a perda da luz e do calor, mas desde que esses eram essenciais à sua natureza, aquela sua natureza degenerou-se, abateu-se, e feneceu. O mofo da corrupção formou-se sobre ela; e o processo positivo de dissolução estava iniciado, para terminar somente na morte eterna.

Os fatos e a história ainda agora provam que o corpo humano tem se enfraquecido desde os dias da Reforma; que maus hábitos de um certo caráter algumas vezes passam de pai para filho mesmo onde a morte prematura daquele previne a propagação através de educação e de exemplo. Por conseguinte a diferença entre Adão, corpo e alma, antes da queda e seus descendentes após a queda não é a mera perda do Sol da Justiça, o qual por natureza não mais brilha sobre eles, mas

o estrago causado à raça humana por esta perda, no corpo e na alma, os quais por essa razão se enfraqueceram, adoeceram, corromperam-se, e perderam o equilíbrio.

Esta natureza corrupta do pai para o filho, como a Confissão de Fé a expressa no artigo XV: "Este pecado (N.T. o pecado original) é uma depravação de toda a natureza humana¹ e um mal hereditário, com que até as crianças no ventre de suas mães estão contaminadas ². É a raiz que produz no homem todo tipo de pecado"[N.T. O autor refere-se à Confissão de Fé Belga (As referências Bíblicas conforme aqueles documentos são ¹:Rm 3:10; ²:Jó 14:4; Sl 51:5; Jo 3:6)].

No entanto, a relação entre uma pessoa e seu ego deve ser levada em consideração. A condição desordenada da nossa carne e do nosso sangue inclina e incita ao pecado, um fato que tem sido observado nas vítimas de certas doenças terríveis, como seu efeito. Mas isto não poderia resultar no pecado se não houvesse o ego pessoal para permitir-se ser excitado. Novamente, embora o desequilíbrio dos poderes da alma, que causa o obscurecimento da compreensão, o embotamento dos sentidos, e o despertar da vontade estimulasse as paixões, ainda assim isto não poderia resultar em pecado, se nenhum ego pessoal fosse afetado por tanto. Por isso, o pecado coloca a sua própria marca sobre esta corrupção, somente quando o ego pessoal se afasta de Deus, e naquela alma desordenada e corpo doentio, encontra-se como condenado perante Ele.

Se, de acordo com a lei estabelecida, o impuro produz o impuro, e se Deus fez com que o nosso nascimento dependa da geração por homens impuros, deve seguir-se que por natureza nascemos - primeiro, sem a retidão original; segundo, com todo o corpo arruinado; terceiro, com uma alma fora de harmonia consigo mesma; e por último, com um ego pessoal que se desviou de Deus.

Tudo isso se aplicaria à Pessoa do Mediador se, como um de nós, Ele tivesse nascido uma pessoa humana pela vontade de homem e não de Deus. Mas desde que Ele não nasceu uma pessoa humana, mas tomou sobre Si a natureza humana, e foi concebido não pela vontade de homem, mas através de uma operação do Espírito Santo, não poderia haver nEle um ego desviado de Deus, nem poderia a fraqueza da Sua natureza humana por um momento ser uma fraqueza

pecadora. Ou para colocar em termos concretos: Embora houvesse naquela natureza humana alguma coisa para incitá-LO ao desejo, todavia nunca tornou-se desejo. Há uma diferença entre as tentações e conflitos de Jesus e aqueles de nós mesmos; enquanto os desejos da nossa natureza e do nosso ego são contra Deus, o Seu Santo Ego opôs-Se à incitação da Sua natureza adotada e nunca foi derrotado.

Portanto a própria obra do Espírito Santo consistiu nisto:

Primeiro, a criação não de uma nova pessoa, mas de uma natureza humana, a qual o Filho assumiu em união com a Sua natureza divina, numa Pessoa.

Segundo, que o Ego divino-humano do Mediador, que, conforme a Sua natureza humana, também possuía vida espiritual, foi mantido em separado da corrupção a qual, em virtude do nosso nascimento afetou o nosso ego e a nossa personalidade.

Assim é que regeneração, a qual afeta não a nossa natureza mas a nossa pessoa, está fora de questão com referência a Cristo. Mas do que Cristo precisava era as dádivas do Espírito Santo para capacitar a Sua natureza enfraquecida, em escala crescente, para ser o Seu instrumento no executar do Seu santo desígnio; e finalmente para transformar a Sua natureza enfraquecida não por regeneração, mas pela ressurreição, numa natureza gloriosa, desnuda do mais ínfimo traço de fraqueza e preparada para desdobrar sua glória mais elevada.

(1). Devido à recente publicação da obra do autor, "A Encarnação do Verbo", este tema é aqui apresentado numa forma resumida.

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)
Belo Horizonte-MG, 21 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Sexto - O Mediador

XX. O Espírito Santo No Mediador.

"...que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus..." - Hebreus 9:14

A Obra do Espírito Santo na Pessoa de Cristo não acaba na Encarnação, mas aparece notoriamente nas obras do Mediador. Consideramos esta obra no desenvolvimento da Sua natureza humana; na consagração ao Seu ofício; na Sua humilhação até a morte; na Sua ressurreição, exaltação e retorno em glória.

Primeiro - A obra do Espírito Santo no desenvolvimento da natureza humana em Jesus.

Dissemos antes, e repetimos agora, que consideramos o esforço para escrever a "Vida de Jesus" ou ilegítimo ou com título não apropriado: não apropriado quando, fingindo escrever uma biografia de Jesus, o escritor simplesmente omite-se de explicar os fatos psicológicos da Sua vida; ilegítimo quando ele explica esses fatos a partir da natureza humana de Jesus.

Nunca houve uma vida de Jesus no sentido de uma existência pessoal humana; e a tendência para substituir as simples narrativas do Evangelho por várias biografias de Jesus de Nazaré tem o objetivo de nada mais que situar a Pessoa única do Deus-homem no mesmo nível que os gênios e os grandes homens do mundo; de humanizá-LO, e assim aniquilar o Messias nEle-em outras palavras, secularizá-LO. E contra isto, com toda a nossa força, protestamos solenemente.

A Pessoa do Deus-homem nosso Senhor Jesus não viveu uma vida, mas perpetrou um poderoso ato de obediência ao humilhar-SE até a morte; e em decorrência de tal humilhação Ele ascendeu ao céu

não por poderes desenvolvidos a partir da Sua natureza humana, mas por um agir poderoso e extraordinário do poder de Deus. Qualquer um que obtenha sucesso na empreitada de escrever sobre a vida de Cristo não seria capaz nada mais do que rascunhar um retrato da Sua natureza humana. Pois a natureza divina não tem história, não transcorre num período de tempo, mas permanece a mesma para sempre e sempre.

No entanto, isto não evita que questionemos, de acordo com a necessidade das nossas limitações, quanto a de que maneira a natureza humana de Cristo foi desenvolvida. E então a Bíblia nos ensina que houve de fato crescimento na Sua natureza humana. O Evangelista Lucas relata que Jesus crescia em estatura e sabedoria e em favor perante Deus e os homens. Assim é que estava na Sua natureza humana um crescimento e um desenvolvimento a partir do menor e em direção do maior. Isto teria sido impossível se no Messias a natureza divina tivesse tomado o lugar do ego humano; pois então a majestade da Divindade teria sempre e completamente enchido toda a natureza humana. Mas este não foi o caso. A natureza humana no Mediador era real, i.e. existia no corpo e na alma, da mesma forma que existe em nós, e todo o operar interno da vida divina, luz, e poder, somente poderia manifestar-se pela adaptação de si mesma às peculiaridades e limitações da natureza humana.

Na manutenção do ponto de vista errado de que o desenvolvimento do Adão sem pecado teria sido alcançado sem o auxílio do Espírito Santo, é natural supor-se que a natureza não pecadora de Cristo também desenvolveu-se igualmente sem a assistência do Espírito de Deus. Mas conhecendo, através da Bíblia, que não somente os dons, poderes e faculdades do homem; e sim também seus operarem e seus exercitarem são um resultado da obra do Espírito Santo, vemos o desenvolvimento da natureza humana de Jesus sob uma ótica diferente e compreendemos o significado das palavras que Ele recebeu o Espírito Santo sem medida. Pois tal indica que a Sua natureza humana também recebeu o Espírito Santo; e isto não somente depois de Jesus haver vivido anos sem Ele, mas a cada momento da Sua existência, de acordo com a medida das Suas capacidades. Mesmo na Sua concepção e no Seu nascimento, o

Espírito Santo efetuou não somente uma separação do pecado, mas Ele também concedeu à Sua natureza humana os dons gloriosos, poderes e faculdades das quais aquela natureza [humana] é suscetível. Assim é que a Sua natureza humana recebeu estes dons, poderes e faculdades não do Filho através de uma comunicação da divina natureza, mas do Espírito Santo, através de uma comunicação com a natureza humana; e isto deveria ser completamente compreendido.

Contudo, a Sua natureza humana não recebeu tais dons, poderes e faculdades em operação total, mas sim completamente inoperantes: Assim como em cada bebê há poderes e faculdades que permanecerão adormecidos, alguns deles por muitos anos, assim também havia na natureza humana de Cristo poderes e faculdades os quais permaneceram latentes por um tempo. O Espírito Santo transmitiu esses dons à Sua natureza humana sem medida - "...porque Deus não dá o Espírito por medida"[João 3:34]. Isto refere-se a um contraste entre outros, a quem o Espírito Santo dotou não sem medida, mas em grau limitado de acordo com o seu chamado ou destino individual; e Cristo, em quem não há tal distinção ou individualidade - a quem, portanto, dons, poderes e faculdades são transmitidos em medida tal que Ele nunca poderia sentir a falta de nenhum dom do Espírito Santo. Não faltou-Lhe nada, Ele possuiu tudo; não em virtude da Sua natureza divina, a qual não pode receber nada, pois é A própria abundância eterna, mas em virtude da Sua natureza humana, a qual o Espírito Santo dotou de tais dons gloriosos.

Mas não foi tudo. Não somente o Espírito Santo adorna a natureza humana de Cristo com estas dádivas, como Ele também fez com que fossem exercitadas, gradualmente, até alcançar atividade total.

Isto dependeu da sucessão dos dias e anos do tempo da Sua humilhação. Embora o Seu coração contivesse o germe de toda a sabedoria, ainda assim como uma criança de um ano de idade, e.g. Ele não poderia conhecer a Escritura por intermédio do Seu entendimento humano. Como o Filho Eterno Ele a conhecia, pois Ele Próprio a havia dado à Sua Igreja. Mas o Seu conhecimento humano não tinha livre acesso ao Seu conhecimento divino. Ao contrário,

enquanto este nunca crescia, já sabendo e conhecendo todas as coisas desde a eternidade, aquele devia aprender tudo; nada possuía de si mesmo. Este é o crescimento em sabedoria do qual Lucas escreve-um aumento não da faculdade, mas do seu exercício. E isso nos possibilita um vislumbre da extensão da Sua humilhação. Ele que sabia todas as coisas em virtude da Sua natureza divina, começou como homem nada sabendo nem conhecendo; e aquilo que Ele sabia como um homem, Ele adquiriu pelo aprendizado sob a influência do Espírito Santo.

E o mesmo aplica-se ao seu crescimento em estatura e favor diante de Deus e dos homens. Estatura refere-se ao Seu crescimento físico, incluindo tudo o que na natureza humana dependa disso. Não criado já adulto como Adão, mas nascido um bebê como cada um de nós, Jesus tinha de crescer e desenvolver-Se fisicamente: não por mágica, mas em realidade. Quando Ele estava deitado no colo de Maria, ou quando garoto explorava a oficina do Seu padrasto, Ele não era somente um infante na aparência mas com a sabedoria de um ancião venerável, mas uma criança real, cujas impressões, cujos sentimentos, sensações e pensamentos eram de acordo com a Sua idade. Sem dúvida que o Seu desenvolvimento foi rápido e lindo, sobrepujando qualquer coisa jamais vista em qualquer outra criança, de forma que os velhos rabinos no Templo maravilharam-se ao olharem para o Garoto de somente doze anos de idade; todavia o fato é que o desenvolvimento foi o de uma criança que primeiro aninhava-se no colo de Sua mãe, então aprendeu a andar, gradualmente tornou-se um garoto e depois um rapaz, até que Ele alcançasse a plenitude da estatura de um homem.

E como o Espírito Santo, com cada aumento da Sua natureza humana expandia o exercício dos poderes e faculdades, também o fez com referência ao relacionamento da natureza humana para com Deus e os homens, pois Ele crescia em favor com Deus e homens. Favor tem referência com o desdobramento e o desenvolvimento da vida interior, e pode manifestar-se de duas maneiras, seja agradando ou desagradando a Deus e os homens. Sobre Jesus está escrito que no Seu desenvolvimento, tais dons e faculdades, disposições e atributos, poderes e qualificações manifestavam-se a partir da vida interior da

Sua natureza humana, que o favor de Deus encontravam-se sobre eles, enquanto que eles afetavam aqueles ao Seu redor de forma proveitosa e animadora.

Mesmo distante da Sua Messianidade Jesus permaneceu, com referência à Sua natureza humana, durante todos os dias da Sua humilhação, sob a operação constante e penetrante do Espírito Santo. O Filho, a quem faltava nada, mas como Deus em união com o Pai e com o Espírito Santo possuía todas as coisas, misericordiosamente adotou a nossa natureza humana. E tanto quanto seja a peculiaridade daquela natureza derivar seus dons, poderes e faculdades não de si mesma, mas do Espírito Santo, através somente de cuja operação constante tais dons, poderes e faculdades podem ser exercidos; assim também o Filho não violou esta peculiaridade, mas, embora Ele fosse o Filho, Ele não tomou a preparação, o enriquecimento e a operação dos dons, dos poderes e das faculdades nas Suas próprias mãos, mas estava disposto a recebe-los das mãos do Espírito Santo.

O fato de que o Espírito Santo descendeu sobre Jesus quando do Seu Batismo, embora Ele O houvesse recebido sem medida quando da Sua concepção, somente pode ser explicado ao se manter em vista a diferença entre a vida pessoal e a vida oficial de Jesus.

XXI. Não Como Nós.

"Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto..." - Mateus 4:1

A representação de que a natureza humana de Cristo recebeu influências e impulsos qualificadores e animadores diretamente da Sua natureza divina, embora no geral incorreta, também contém alguma verdade.

Nós sempre fazemos distinção entre o nosso ego e a nossa natureza. Dizemos: "Tenho minha natureza contra mim", ou "Minha natureza está a meu favor"; daí segue-se que a nossa pessoa anima e ativa a nossa natureza. Aplicando isto à Pessoa do Mediador, devemos fazer distinção entre a Sua natureza humana e a Sua Pessoa. Esta última existia desde a eternidade, a outra Ele adotou no tempo. E desde que no Filho a Pessoa divina e a natureza divina são quase que uma só, deve ser reconhecido que a Divindade do nosso Senhor

controlava diretamente a Sua natureza humana. Este é o significado da confissão dos Filhos de Deus, de que a Sua Divindade suportava a Sua natureza humana.

Mas é errado supor-se que a Pessoa divina alcançou na Sua natureza humana o que em nós é efetuado pelo Espírito Santo. Isto poria em perigo a Sua humanidade verdadeira e real. A Bíblia o nega positivamente.

Segundo- A obra do Espírito Santo na consagração de Jesus ao Seu ofício (veja "primeiro", na pp. 83)

Isto deve ser cuidadosamente notado, especialmente desde que a Igreja nunca confessou suficientemente a influência do Espírito Santo exercida sobre a obra de Cristo. A impressão geral é que a obra do Espírito Santo começa quando a obra do Mediador na terra terminou, como se até aquele momento o Espírito Santo estivesse gozando o Seu divino descanso. Todavia a Bíblia nos ensina vez após vez que Cristo executou a Sua obra mediadora controlado e impelido pelo Espírito Santo. Nós consideramos esta influência agora, com relação à Sua consagração para o Seu ofício.

Já pelo espírito dos profetas Cristo testificara desta salvação, pela boca de Isaías: "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos..."[61:1]. Mas o grande ponto, que não poderia ser conhecido através de profecia é aquele da descida do Espírito Santo no Jordão. Certamente que Isaías referia-se em parte a este evento, mas principalmente à unção no conselho de paz. Contudo, quando Jesus saiu do Jordão e o Espírito Santo desceu sobre Ele como uma pomba e uma voz se fez ouvir do céu dizendo, "Este é o meu Filho amado"[Mateus 3:17], somente então a unção tornou-se real.

Com relação ao evento em si, somente umas poucas palavras. Que o Batismo de Cristo não foi uma mera formalidade, mas o completar-se de toda justiça, prova que Ele desceu às águas com o fardo dos nossos pecados. Por isso é que as palavras ditas por João, "Eis o Cordeiro de Deus"[1:36] precedem o evento do Seu Batismo. Por conseguinte é incorreto dizer que Cristo foi instalado no Seu ofício Messiânico somente ao ser batizado. Ao contrário, Ele foi ungido desde a eternidade. Assim é que Ele não se pode representá-

LO por nenhum momento como não tendo consciência, de acordo com a medida do Seu desenvolvimento, da tarefa de Messias que estava sobre Ele; tal encontra-se na Sua santa Pessoa, não Lhe foi acrescentado mais tarde, mas já encontrava-se em Si mesmo antes da queda de Adão. E como em Sua consciência humana a Sua Pessoa gradualmente ganhou estatura, esta foi sempre a estatura do Messias. Isto está evidente na Sua resposta quando, com a idade de doze, Ele falava das coisas de Seu Pai, das quais Ele devia se ocupar; e ainda mais claramente nas Suas palavras para João Batista, ordenando, "Consente agora; porque assim nos convém cumprir toda a justiça..."[Mateus 3:15]

E todavia é somente quando do Seu Batismo que Jesus é realmente consagrado ao Seu ofício. Tal é provado pelo fato de que, imediatamente após o Batismo Ele entrou publicamente no Seu ofício como Mestre; e também do evento em si, e a voz do céu apontando-O como o Messias; e especialmente da descida do Espírito Santo, a qual não pode ser interpretada de nenhuma outra forma senão como a Sua consagração ao Seu santo ofício.

O que dissemos com referência à comunicação do Espírito Santo qualificando alguém para um ofício, como no caso de Saul, de Davi e de outros, aqui é de aplicação direta. Embora na Sua natureza humana Jesus estava pessoalmente em comunhão constante com o Espírito Santo, todavia a comunicação oficial foi estabelecida somente quando do Seu Batismo. Todavia, com esta diferença, que enquanto em outros a pessoa e o seu ofício eram separados na morte, no Messias ambos permaneceram unidos mesmo na morte e após ela, para continuar assim até o momento que ele entregue o Reino a Deus Pai, para que Deus possa estar em tudo. Portanto o testemunho descritivo de João: "...Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre Ele."[1:32]

E finalmente, à questão por que a Pessoa do Mediador precisava deste evento extraordinário e os três sinais que o acompanharam, respondemos:

Primeiro, Cristo precisava ser um homem verdadeiramente humano mesmo no Seu ofício, portanto Ele devia ser instalado de acordo com o costume humano. Ele entra no Seu ministério público

aos trinta anos de idade; Ele é publicamente instalado; e Ele é ungido com o Espírito Santo.

Segundo, para a Sua consciência humana esta impressionante revelação do céu era da mais absoluta necessidade. O conflito da tentação seria absoluto, i.e. indescritível; daí que a impressão da Sua consagração devia ser indestrutível.

Terceiro, para os apóstolos e para a Igreja era necessário distinguir sem sombra de erro o verdadeiro Messias de todos os pseudo-messias e anticristos. Esta é a razão do forte apelo feito por João para este evento.

Se a obra do Espírito Santo com referência à consagração é óbvia e claramente indicada, o fato de que a influência oficial do Espírito Santo acompanhou o Mediador durante toda a administração do Seu ofício não é menos claramente apresentada na Escritura Sagrada. Tal fato aparece nos eventos que ocorreram imediatamente após o Batismo. Lucas relata que Jesus, pois, cheio do Espírito Santo, era levado pelo Espírito para o deserto [4:1]. Mateus acrescenta: "Para ser tentado pelo diabo"[4:1]. De Elias, Ezequiel e outros, está escrito que o Espírito os tomou e os transferiu para outro lugar. Isto está em conexão evidente com o que lemos aqui, com relação a Jesus. Com esta diferença, contudo, que enquanto o poder propulsor que lhes veio era externo, Jesus, estando cheio do Espírito Santo, sentiu Sua pressão no mais profundo da Sua alma. E todavia, embora operando em Sua alma, esta ação do Espírito Santo não era idêntica aos impulsos da natureza humana de Cristo. Por Si mesmo, Jesus não teria ido para o deserto; a Sua ida para lá foi o resultado do guiar do Espírito Santo. Somente desta forma esta passagem Bíblica recebe sua total explicação.

Que este guiar do Espírito Santo não estava limitado a este ato isolado é apresentado por Lucas, que relata [4:14] que após a tentação Ele retornou no poder do Espírito Santo para a Galiléia, assim adentrando ao ministério público do Seu ofício profético.

É evidente o propósito da Bíblia de enfatizar o fato da incapacidade da natureza humana, a qual Cristo havia adotado, para efetuar a obra do Messias sem o constante operar e o poderoso direcionamento do Espírito Santo, através do que reforçou-se tanto

que poderia ser o instrumento do Filho de Deus para a execução da Sua obra maravilhosa.

Jesus estava ciente disto, e no começo do Seu ministério Ele expressamente o indicou. Na sinagoga Ele referiu-se a Isaías e leu para eles: "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu"[61:1]; e em seguida acrescentou: "...Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos"[Lucas 4:21].

O Espírito Santo não deu suporte para a Sua natureza humana somente durante a tentação e na abertura do Seu ministério; mas em todos os Seus feitos poderosos, como Cristo Ele mesmo testificou: "Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus."[Mateus 12:28]. Mais ainda, Paulo ensina que os dons de cura e de milagres procedem do Espírito Santo, e isto, em conexão com a declaração de que esses poderes operaram em Jesus [Marcos 6:14 = "E soube disso o rei Herodes (porque o nome de Jesus se tornara célebre), e disse: João, o Batista, ressuscitou dos mortos; e por isso estes poderes milagrosos operam nele.], nos convence de que estes eram os próprios poderes do Espírito Santo. Novamente, é freqüentemente dito que ele regozijava-Se no Espírito ou que estava atribulado no Espírito, o que pode ser interpretado como regozijando-Se ou estando atribulado no Seu próprio espírito; mas o que não se constitui numa explanação completa. Quando se refere ao Seu próprio espírito, a Bíblia diz: "Ele, suspirando profundamente em seu espírito,...[Marcos 8:12]. Mas nos outros casos nós interpretamos as expressões como apontando para aquelas emoções mais profundas e mais gloriosas das quais a nossa natureza humana é suscetível somente quando encontrando-se no Espírito Santo. Pois embora João declare que Jesus comoveu-Se profundamente [11:38], isto não é contraditório, especialmente com referência a Jesus. Se o Espírito Santo permanecia com Ele sempre, a mesma emoção pode ser atribuída a ambos, a Jesus e ao Espírito Santo.

Afora, contudo, estas passagens e suas interpretações, temos dito o bastante para provar que aquela parte da obra de Cristo de meditação, começando com o Seu Batismo e terminando na última

ceia, foi marcada pela operação, pela influência e pelo suporte do Espírito Santo.

De acordo com o conselho divino, a natureza humana é adaptada na criação para receber a obra do Espírito Santo, sem a qual ela não pode desabrochar mais do que poderia um botão de rosa sem a luz e a influência do sol. E como o ouvido não pode ouvir se não houver som, e o olho não pode ver se não houver luz, assim também a nossa natureza humana é incompleta sem a luz e sem o habitar do Espírito Santo. Portando, quando o Filho assumiu natureza humana Ele tomou-a simplesmente como ela é, i.e. incapaz de qualquer ação santa sem o poder do Espírito Santo. Por isso Ele foi concebido pelo Espírito Santo, que desde o início a Sua natureza humana fosse ricamente dotada com poderes. O Espírito Santo desenvolveu estes poderes; e Ele foi consagrado ao Seu ofício através da comunicação à Sua natureza humana dos dons Messiânicos pelos quais Ele ainda intercede por nós como o nosso Sumo Sacerdote, e nos governa como o nosso Rei. E por esta razão ele foi guiado, impelido, animado e suportado pelo Espírito Santo em cada passo do seu ministério Messiânico.

Há três diferenças entre esta comunicação do Espírito Santo à natureza humana de Jesus e a nossa:

Primeira, o Espírito Santo sempre encontra resistência do mal nos nossos corações. O coração de Jesus era sem nenhum pecado ou injustiça. Assim é que na Sua natureza humana o Espírito Santo não encontrou resistência.

Segunda, a operação do Espírito Santo, sua influência, suporte e liderança na nossa natureza humana são sempre individuais, i.e. em parte, imperfeitos {N.T.: devido ao apresentado no parágrafo anterior}; enquanto que na natureza humana de Jesus eles eram centrais, perfeitos, deixando nenhum vazio.

Terceira, na nossa natureza o Espírito Santo encontra a resistência de um ego que, unido àquela própria natureza opõe-se a Deus; enquanto que a Pessoa que Ele encontrou na natureza humana de Cristo, compartilhando da natureza divina, era absolutamente santa. Pois o Filho tendo adotado a natureza humana em união com a Sua Pessoa, estava cooperando com o Espírito Santo.

XXII. O Espírito Santo na Paixão de Cristo.

"...que pelo Espírito eterno Se ofereceu a Si mesmo..." - Hebreus 9:14

Terceiro-Tracemos agora, a obra do Espírito Santo no sofrimento, na morte, na ressurreição e na exaltação de Cristo (veja os itens "Primeiro" e "Segundo", nas pp. 83 e 86).

Na Epístola aos Hebreus, o Apóstolo pergunta: "...se a aspersão do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santifica os contaminados, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?" com a ênfase "pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus"[Hebreus 9:13, 14]. Tem havido muita disputa quanto ao significado destas palavras. Beza⁽¹⁾ e Gomar⁽²⁾ entenderam que o Espírito Eterno significava a natureza divina de Cristo. Calvino e a maioria dos reformadores, que referia-se ao Espírito Santo. Os que argumentam sobre este assunto atualmente, especialmente aqueles de tendências racionalistas, entendem-no simplesmente como a tensão da natureza humana de Cristo.

Com a maioria dos expositores ortodoxos, nós adotamos a visão de Calvino. A diferença entre Beza e Calvino é aquela a que já nos referimos. A questão é, se com relação à Sua natureza humana Cristo substituiu o operar interno do Filho por aquele do Espírito Santo, ou teve Ele a operação comum do Espírito Santo?

No presente, muitos têm adotado a visão anterior, sem uma compreensão clara da diferença. Assim eles ponderam: "As duas naturezas não estão unidas na Pessoa de Jesus? Por que, então, o Espírito Santo deveria ser acrescentado para qualificar a natureza humana? Não poderia o Filho por Si mesmo fazê-lo?" E assim eles chegam à conclusão de que desde que o Mediador é Deus, não poderia haver a necessidade de uma obra do Espírito Santo na natureza humana de Cristo. E, todavia, esta visão deve ser rejeitada, pois-

Primeiro, Deus criou a natureza humana de tal forma que sem o Espírito Santo ela não tem qualquer virtude ou santidade. A retidão, a justiça original de Adão era a obra e o fruto do Espírito Santo tão

verdadeiramente como a nova vida o é hoje, nos regenerados. O refulgir do Espírito santo é tão essencial para a santidade como o brilho da luz nos olhos é essencial para que se possa enxergar.

Segundo, a obra do Filho, de acordo com a distinção das três Pessoas divinas é diferente da obra do Espírito Santo com referência à natureza humana. O Espírito Santo não poderia tornar-se carne; somente o Filho poderia fazê-lo. O Pai não entregou todas as coisas ao Espírito Santo. O Espírito Santo opera a partir do Filho, mas o filho depende do Espírito Santo para a aplicação da redenção aos indivíduos. O Filho adota a nossa natureza, assim relacionando-se com toda a raça; mas só o Espírito Santo pode entrar na alma de cada indivíduo de forma que o Filho seja glorificado nos filhos de Deus.

Aplicando estes dois princípios à Pessoa de Cristo,. Vemos que a Sua natureza humana não poderia proceder com qualquer dispensação sem o brilho interno constante do Espírito Santo. Por esta razão a Bíblia declara: "Ele deu-Lhe o Espírito sem medida". Nem o Filho poderia, de acordo com a Sua própria natureza, tomar o lugar do Espírito Santo; mas na economia divina, em virtude da Sua união com a natureza humana, sempre dependia do Espírito Santo.

Quanto à questão, se a Divindade de Cristo não suportava a Sua humanidade, respondemos: Indubitavelmente, mas nunca independentemente do Espírito Santo. Debilitamo-nos por que resistimos, entristecemos e repelimos o Espírito Santo. Cristo sempre foi vitorioso porque a Sua divindade nunca relaxou o contado do Espírito Santo na Sua humanidade, mas abraçou-O e agarrou-Se a Ele com todo amor e energia do Filho de Deus.

A natureza humana é limitada. É suscetível de receber o Espírito Santo de forma a tornar-se o Seu templo. Mas tal suscetibilidade tem os seus limites. Antagonizada pela morte eterna, ela perde a tensão e cai da comunhão com o Espírito Santo. Assim é que, em nós mesmo, não temos nenhum bem que não se possamos perder, mas somente como membros do corpo de Cristo. Fora dEle, a morte eterna teria poder sobre nós, nos separaria do Espírito Santo e nos destruiria. Portanto toda a nossa salvação encontra-se em Cristo. Ele é a nossa âncora lançada no desconhecido. Quanto à natureza humana de Cristo, ela encontrou e passou pela morte eterna. Não

poderia ser diferente. Se Ele tivesse passado somente pela morte temporal, a morte eterna ainda seria invencível. À questão como a Sua natureza humana poderia passar pela morte eterna e não perecer, não tendo Mediador para suportá-la, respondemos: A natureza humana de Cristo teria sido derrotada por ela (a morte eterna), o refulgir interno do Espírito Santo teria cessado se a Sua natureza divina, i.e. o infinito poder da Sua Divindade, não a estivesse suportando. Assim é que o apóstolo declara: "...que pelo Espírito eterno Se ofereceu a Si mesmo..."; não através do Espírito Santo. As duas expressões não são idênticas. Há uma diferença entre o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, afastado de mim, e o Espírito Santo operando dentro de mim.

A palavra da Bíblia, "Ele estava cheio do Espírito Santo", refere-se não à Pessoa do Espírito Santo, mas também à Sua obra na alma do homem. Assim, com referência a Cristo, há uma diferença entre: "Ele foi concebido pelo Espírito Santo", "O Espírito Santo desceu sobre Ele", "Estando cheio do Espírito Santo", "Que pelo Espírito Eterno Se ofereceu a Si mesmo". As duas últimas passagens indicam o fato de que o espírito de Jesus tinha tomado no Espírito Santo e Se identificado com Ele, quase que no mesmo sentido como em Atos: "Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós..."[15:28]. O termo "Espírito Eterno" foi escolhido para indicar que a Pessoa divina-humana de Cristo adentrou em tal comunhão indissolúvel com o Espírito Santo, que nem mesmo a morte eterna poderia quebrar.

Um exame mais detalhado dos sofrimentos de Cristo deixarão isto claro.

Cristo não nos redimiu somente através dos Seus sofrimentos, por haverem cuspidos nEle, coroado-O com espinhos, crucificado-O, e morto; mas esta paixão foi feita efetiva para a nossa redenção pelo Seu amor e obediência voluntária. Estes são geralmente chamados de Sua satisfação passiva e ativa. Pela primeira entendemos o Seu sofrimento real de dor, angústia e morte; pela segunda, o Seu zelo pela honra de Deus, o amor, a fidelidade, e a comiseração pela qual Ele tornou-se obediente até a morte - sim, a morte de cruz. E estas duas são essencialmente distintas. Satã, por exemplo, também sofre castigo e o sofrerá para sempre; mas falta-lhe aceitação voluntária.

Isto, contudo, não afeta a validade da punição. Um assassino no cadafalso pode amaldiçoar a Deus e aos homens até o fim, mas isto não invalida a execução. Se ele amaldiçoa ou ora, o castigo é igualmente válido.

Daí que nos sofrimentos de Cristo houve muito mais que uma passiva execução penal. Ninguém compeliu Jesus. Ele, participante, da natureza divina, não poderia ser compelido a nada, mas ofereceu-Se muito voluntariamente. "...Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim) para fazer, ó Deus, a tua vontade." [Hebreus 10:7]. Para render aquele sacrifício voluntário, Ele tinha adotado o corpo preparado com igual prontidão: "O qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz." [Filip. 2:6-8]; "ainda que era Filho, aprendeu a obediência..." [Hebreus 5:8]. E para dar a prova maior deste obediência até a morte, Ele intimamente consagrou-Se à morte, como Ele mesmo testificou: "E por eles eu me santifico..." [João 17:19].

Isto leva à importante questão, se Jesus rendeu esta obediência e consagração fora da Sua natureza humana ou nela, de modo que a obediência e consagração manifestassem-se na Sua natureza humana. Sem dúvida a última. A natureza divina não pode aprender, ou ser tentada; o Filho não poderia amar o Pai a não ser com amor eterno. Na natureza divina não há mais nem menos. Supor assim é aniquilar a natureza divina. A declaração que, "ainda que era Filho, aprendeu a obediência...", não quer dizer que como Deus Ele aprendeu a obediência; pois Deus não pode obedecer. Deus governa, Deus comanda, mas Deus nunca obedece. Como Rei Ele somente pode nos servir na forma de um escravo, ocultando a sua majestade principesca, esvaziando-Se, colocando-Se perante nós como um desprezado entre os homens. "Ainda que era Filho" significa, portanto: embora no Seu Ser íntimo Ele é Deus o filho, ainda assim Ele se apresentou perante nós em humildade tal que nada traiu a Sua divindade; sim, tão humildemente que Ele até aprendeu a obediência.

Por conseguinte, se o Mediador como homem mostrou na Sua natureza humana tal zelo por Deus e tal pena pelos pecadores que Ele voluntariamente entregou-Se em auto sacrifício de morte, então é evidente que a Sua natureza humana não poderia exercer tal consagração sem o íntimo operar do Espírito Santo; e novamente, que o Espírito Santo não poderia haver efetuado tal operar sem que o Filho assim o quisesse e desejasse. O clamor do Messias é ouvido nas palavras do salmista: "...eu me deleito na tua lei."[Salmo 119:70]. O Filho estava tão pronto para esvaziar-Se que seria possível para a Sua natureza humana passar pela morte eterna; e para esta finalidade Ele permitiu que ela fosse ficasse cheia da força do Espírito de Deus. Assim o Filho ofereceu-Se "...pelo Espírito eterno", para que possamos servir "...ao Deus vivo".

Assim é que a obra do Espírito Santo na obra da redenção não começou no Pentecostes, mas o mesmo Espírito Santo que na criação anima toda a vida, sustenta e qualifica a nossa natureza humana, e em Israel e nos profetas operou a obra da revelação, também preparou o corpo de Cristo, adornou a Sua natureza humana com dons graciosos, colocou estes dons em operação, instalou-O no Seu ofício, guiou-O na tentação, qualificou-O para expulsar demônios; e finalmente capacitou-O para terminar aquela obra eterna de satisfação, através da qual as nossas almas são redimidas.

Isto explica porque Beza e Gomarus não puderam estar plenamente satisfeitos com a exposição de Calvino. Calvino disse que foi o operar do Espírito Santo em separado da divindade do Filho. E eles sentiam que algo estava faltando. Pois o Filho fez-Se a Si mesmo humilde e sem reputação, e tornou-se obediente; mas se tudo isso é obra do Espírito Santo, então nada mais existe da obra do Filho. E para escapar disso, eles adotaram o outro extremo, e declararam que o Espírito Eterno tinha referência somente ao Filho em conformidade com a Sua natureza divina - uma exposição que não pode ser aceita, pois a natureza divina nunca é designada como espírito.

Eles, todavia, não estavam completamente errados. A reconciliação destes pontos de vista contrários deve ser buscada, na diferença entre a existência do Espírito Santo sem nós, e no Seu

operar dentro de nós como recebido pela nossa natureza e identificado com o operar da nossa própria natureza humana. E tanto quanto como o Filho, por Sua Divindade, capacitou a Sua natureza humana, no horrível conflito com a morte eterna, para efetivar esta união; o apóstolo portando confessa que o sacrifício do Mediador foi apresentado pelo operar do Espírito Eterno.

XXIII. O Espírito Santo no Cristo Glorificado.

"...Declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo nosso Senhor." - Romanos 1:4

Dos estudos anteriores, parece que o Espírito Santo executou uma obra na natureza humana de Cristo na medida em que Ele descendeu os vários passos da Sua humilhação até a morte na cruz.

A questão se apresenta agora, se Ele também teve uma obra nos vários passos da exaltação de Cristo à glória excelente, i.e. Sua ressurreição, Sua ascensão, Sua dignidade real e Sua segunda volta.

Antes de respondermos esta questão, consideremos primeiro a natureza desta obra na exaltação. Pois é evidente que ela deve diferir grandemente daquela na Sua humilhação. Na humilhação, a Sua natureza humana sofreu violência. Os Seus sofrimentos antagonizaram não somente a Sua natureza divina, mas também a Sua natureza humana. Sofrer do, insulto e zombaria, ser açoitado e crucificado, vai contra a natureza humana. O esforço para resistir a tais sofrimentos e para escapar deles é perfeitamente natural. Os gemidos de Cristo no Getsêmane são a expressão natural do sentimento humano. Ele foi oprimido com o fardo da maldição e da ira de Deus contra o pecado da raça. Então a natureza humana batalhou contra esta opressão, e o clamor, "Pai ... afasta de mim este cálice..."[Mc 14:36] foi o grito de horror natural e sincero o qual a natureza humana não pôde reprimir.

E não somente no Getsêmane; na Sua tribulação toda Ele experimentou o mesmo, embora numa proporção menor. O Seu auto esvaziar não foi uma perda ou privação única, mas um 'crescendo' pobre e cada vez mais pobre, até que nada mais Lhe restasse a não ser um pedaço de chão onde Ele pudesse chorar e uma cruz, onde Ele

pudesse morrer. Ele renunciou a toda carne e sangue considerados queridos, até que, sem amigo ou irmão, sequer um fio de amor, cercado pelos risos de escárnio dos que O difamavam, Ele entregou o espírito. Certamente Ele pisou o lagar sozinho.

Sendo tão profunda e real a Sua humilhação, não é surpresa que o Espírito Santo assistisse e confortasse a Sua natureza humana de modo que ela não fosse subjugada. Pois é a obra apropriada do Espírito Santo, através dos dons da graça capacitar a natureza humana, tentada pela aflição para pecar, a permanecer firme e vencer. Ele [o Espírito Santo] animou Adão antes da queda; Ele conforta e dá suporte a todos os filhos de Deus hoje em dia; e Ele fez o mesmo na natureza humana de Jesus. O que o ar é para a natureza física do homem, o Espírito Santo é para a sua natureza espiritual. Sem ar existe a morte dos nossos corpos; sem o Espírito Santo existe a morte das nossas almas. E como Jesus tinha de morrer, embora Ele fosse o Filho de Deus, quando faltou-Lhe o ar, pelo que então Ele não mais podia viver de acordo com a Sua natureza humana, embora Ele fosse o Filho de Deus, somente o Espírito Santo habitava naquela natureza. Visto que, de acordo com o lado espiritual da Sua natureza humana, Ele não estava morto como nós estamos, mas nasceu possuindo a vida de Deus, de forma que era impossível para a Sua natureza humana estar sem o Espírito santo por um só momento.

Mas quão diferente no estado da Sua exaltação! Honra e glória não são contra a natureza humana, mas a satisfazem. Ela cobiça a honra e a glória, e as deseja com toda a sua energia e vontade. Assim, esta exaltação não criou qualquer conflito na alma de Jesus. A Sua natureza humana não necessitava de nenhum suporte para tê-las. Daí a questão: O que, então, o Espírito Santo poderia fazer pela natureza humana de Jesus no estado de glória?

Com relação à ressurreição, a Bíblia mostra mais de uma vez que ela estava conectada com um operar do Espírito Santo. O apóstolo Paulo escreveu que Jesus "foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos..."[Romanos 1:4]. E Pedro escreveu que Cristo "...na verdade, morto na carne, mas vivificado no espírito."[I Pedro 3:18], o que evidentemente refere-se à ressurreição, como mostra o contexto do

versículo: "Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus...". A Sua morte aponta para a crucificação, e a Sua vivificação, sendo oposta àquela, indubitavelmente refere-se à Sua ressurreição.

Ao falar da nossa ressurreição, Paulo explica estas expressões mais ou menos confusas, ao afirmar que "...se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita."[Romanos 8:11]. Esta passagem nos diz três coisas relacionadas à nossa ressurreição:

Primeiro, que o Deus Triúno nos ressuscitará.

Segundo, que esta ressurreição será operada através de uma obra especial do Espírito Santo.

Terceiro, que ela será executada pelo Espírito que habita em nós.

Paulo nos induz a aplicar estes três pontos a Cristo; pois ele compara a nossa ressurreição com a dEle, não somente com relação ao fato, mas também com relação à operação através da qual a ressurreição foi executada. Assim, com referência a esta última premissa, deve ser confessado que:

Primeiro, que o Deus Triúno O levantou dos mortos, Pedro bem o declarou no dia de Pentecostes: "ao qual Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte, pois não era possível que fosse retido por ela."[Atos 2:24]; Paulo repetiu-o na sua carta aos Efésios, onde ele fala do "operação da força do Seu poder"[1:19], o qual operou em Cristo, quando Ele levantou-O de entre os mortos.

Segundo, que Deus o Espírito Santo executou uma obra peculiar na ressurreição.

Terceiro, que Ele operou esta obra em Cristo internamente, habitando nEle: "...que em vós habita."

A natureza desta obra é aparente, a partir do participar do Espírito Santo na criação de Adão e no nosso nascimento. Se o Espírito acende e traz à tona toda a vida, especialmente no homem, então foi ele quem reacendeu a fagulha extinta pelo pecado e pela morte. Ele o fez em Jesus; ele o fará em nós.

A única dificuldade que ainda perdura está no terceiro ponto: "...que em vós habita". A obra do Espírito Santo na nossa criação, e portanto na criação da natureza humana de Cristo, veio de fora para dentro; enquanto que na ressurreição ela opera de dentro para fora. É claro que pessoas que morrem sem serem templos do Espírito Santo estão excluídas. Paulo fala exclusivamente de homens cujos corações são Seus templos. Assim, representando-O como habitando neles, ele fala do Espírito Santo como o Espírito de santidade, e Pedro a Ele se refere como o "Espírito", indicando que eles não se referem a uma obra do Espírito Santo em oposição ao espírito de Jesus, mas com a qual o Seu espírito concordava e cooperava. E isto está em harmonia com as próprias palavras de Cristo, que na ressurreição Ele não seria passivo, mas ativo: "...dou a minha vida para a retomar. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai."[João 10:17, 18]. Os apóstolos declaram vez após vez que não somente Jesus foi levantado dentre os mortos, mas que Ele levantou-Se. Ele tinha assim nos tido com antecedência, e os anjos disseram: "Ele não está aqui, mas ressurgiu..."[Lucas 24:6].

Portanto, alcançamos esta conclusão, que a obra do Espírito Santo na ressurreição foi diferente daquela na humilhação; foi similar àquela na criação; e foi executada 'de dentro para fora', pelo Espírito Santo que nEle habitava sem medida; que continuou com Ele durante a Sua morte, e para cuja obra o Seu próprio espírito concorreu inteiramente.

A obra do Espírito Santo na exaltação de Cristo, não é definida tão facilmente. A Bíblia nunca fala dela em conexão com a Sua ascensão, com o Seu sentar-Se à mão direita do Pai, nem com a segunda vinda do Senhor. A sua relação com a descida quando da festa de Pentecostes será tratada no momento apropriado. Pode obter-se luz sobre estes pontos somente a partir das declarações dispersas relativas à obra do Espírito Santo sobre a natureza humana em geral. De acordo com a Bíblia, o Espírito Santo pertence à nossa natureza como a luz pertence aos olhos; não somente no estado e condição de pecado da nossa natureza, mas também no estado e na condição sem pecados. Disto nós inferimos que Adão, antes de cair, não estava sem

o Seu operar no seu íntimo; por conseguinte na Jerusalém celestial a nossa natureza humana O possuirá em medida mais rica, mais cheia, mais gloriosa. Pois a nossa natureza santificada é a habitação de Deus, através do Espírito Santo: "...no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito."[Efésios 2:22].

Se, portanto, a nossa bem aventurança no céu consiste no desfrutar dos prazeres de Deus, e é o Espírito Santo quem está em contato com o mais íntimo do nosso ser, segue-se que no céu Ele não pode nos deixar. E sobre este solo nós confessamos, que não somente os eleitos, mas também o Cristo glorificado, que continua a ser homem verdadeiro no céu, deve portanto continuar a ser cheio com o Espírito Santo. Isto as nossas igrejas têm sempre confessado na Liturgia: "O mesmo Espírito que habita em Cristo como o Cabeça e em nós como Seus membros".

O mesmo Espírito Santo que executou a Sua obra na concepção do nosso Senhor, que atendeu ao desdobrar-se da Sua natureza humana, que pôs em atividade cada dom e poder nEle, que consagrou-O ao Seu ofício como o Messias, que O qualificou para cada conflito e tentação, que capacitou-O para expulsar demônios, e que O suportou durante a Sua humilhação, paixão e amarga morte, era O mesmo Espírito que executou a Sua obra na Sua ressurreição, de forma que Jesus foi justificado no Espírito (Timóteo 3:16), e que habita agora na natureza humana glorificada do Redentor na Jerusalém celestial.

Neste ponto deve ser notado o que Jesus disse com relação ao Seu corpo: "...Eu destruirei este santuário, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro..."[Marcos 14:58]. O Templo era a habitação de Deus em Sião; portanto, um símbolo de que aquela habitação seria estabelecida nos nossos corações.

Assim é que este pronunciamento não se refere ao habitar do Filho na nossa carne, mas àquele do Espírito Santo na natureza humana de Jesus. Portanto, Paulo escreve aos Coríntios: "Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?"[I-3:16]. Se o apóstolo chama os nossos corpos templos do Espírito Santo, por que deveríamos entender de outra forma, com referência a Jesus?

Se Cristo habitou na nossa carne, i.e. na nossa natureza humana, corpo e alma, e se o Espírito Santo habita, ao contrário, no templo do nosso corpo, vemos que o Próprio Jesus considerou a Sua morte e ressurreição um processo horrível de sofrimento através do qual Ele devia passar para entrar na glória, mas sem estar, por um só momento, separado do Espírito Santo.

Notas da Tradução:

(¹) Theodore Beza (1519-1605) - Teólogo Calvinista nascido na Borgonha (região da França). Em 1588 Beza aceitou uma oferta de Calvino para lecionar na recém fundada academia em Genebra. Em 1559 ele publica sua "Confession de La Foi Chretienne", uma exposição das crenças Calvinistas, as quais foram traduzidas para o Latim em 1560. Após a morte de Calvino, em 1564, Beza sucedeu-o como principal na Igreja de Genebra e líder do movimento Calvinista na Europa.

(²) Gomarus, Franciscus (Francis Gommer)-(1563 Bélgica - 1641 Holanda). Teólogo calvinista e professor, centro de uma disputa dentro da Igreja Reformada Holandesa sobre a predestinação. Em 1594 foi nomeado professor de teologia em Leiden. Quando Arminius também se tornou professor ali e aos poucos se colocou contrário à idéia da predestinação da salvação, Gomarus liderou os seus oponentes. Debateu as idéias de Arminius perante a assembléia dos estados gerais da Holanda em 1608, e foi um dos cinco ortodoxos que discutiram com cinco arminianos na mesma assembléia em 1609. Teve participação proeminente no Sínodo de Dordrecht em 1618 como um oponente dos arminianos, os quais foram condenados pelos delegados do sínodo. (Fonte: Cobra, Rubem Queiroz - NOTAS: Vultos e episódios da Época Moderna. Site <http://www.cobra.pages.com.br>, Brasília, 1997).

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 25 de Fevereiro 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Sétimo - O Derramar do Espírito Santo

XXIV. O Derramar do Espírito Santo

"...o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado." - João 7:39

Chegamos à parte mais difícil na discussão da obra do Espírito Santo, ou seja, o derramar do Espírito Santo no décimo dia após a ascensão.

No tratamento deste assunto, não é nossa intenção criar um novo interesse na celebração do Pentecostes. Consideramos isto quase que impossível. A natureza do homem é muito não espiritual para isto. Mas procuraremos, reverentemente, dar um vislumbre mais claro neste evento, para aqueles em cujos corações o Espírito Santo já começou a Sua obra.

Pois, conquanto simples possa parecer a narrativa do segundo capítulo do livro de Atos, ela é muito intrincada e difícil de explicar; e aquele que sinceramente tentar entender e explicar o evento encontrará dificuldades mais e mais sérias, conforme ele penetrar mais profundamente na íntima conexão da Sagrada Escritura. Por esta razão, não alegamos que a nossa exposição solucionará inteiramente o mistério. Procuraremos somente fixar isto mais sinceramente na mente santificada do povo de Deus, e convence-los de que no geral este assunto - é tratado de maneira muito superficial.

Quatro dificuldades vêm ao nosso encontro no exame deste acontecimento:

Primeira, Como explicaremos o fato de que enquanto o Espírito Santo foi derramado somente por ocasião do Pentecostes, os santos do Pacto Antigo já eram participantes dos Seus dons?

Segunda, Como distinguiremos o derramar do Espírito Santo dezenove séculos atrás, do Seu penetrar na alma do não convertido hoje?

Terceira, Como puderam os apóstolos-já havendo confessado a boa confissão, renunciando a tudo, seguindo a Jesus, e sobre os quais Ele havia assoprado dizendo "...Recebei o Espírito Santo." [João 20:22] - receberam o Espírito Santo somente no décimo dia após a ascensão?

Quarta, Como explicaremos os sinais misteriosos que acompanham o derramamento? Não há nenhum anjo louvando a Deus, mas ouve-se um som como rugir de um vento forte; e a glória do Senhor não aparece, mas sim línguas de fogo pairam sobre as suas cabeças; não há teofania, mas um linguajar em sons peculiares e não comuns, compreendidos, no entanto, por aqueles presentes.

Com referência à primeira dificuldade: Como explicar o fato de que, enquanto o Espírito Santo foi derramado somente por ocasião do Pentecostes, os santos do Pacto Antigo já eram participantes dos Seus dons. Coloquemos isto em termos concretos: Como as seguintes passagens são reconciliadas? "...Eu sou convosco, diz o Senhor dos exércitos e o Meu Espírito habita no meio de vós; não temais." [Ageu 2:4, 5]; e "Ora, isto Ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado." [João 7:39].

A Bíblia evidentemente nos impressiona com os dois fatos, que o Espírito Santo veio somente no dia de Pentecostes e que o mesmo Espírito já havia operado por séculos na Igreja do Pacto Antigo. Não somente João declara definitivamente que o Espírito Santo ainda não havia sido outorgado, mas as predições dos profetas e de Jesus e toda a atitude dos apóstolos mostram que este fato não pode ser enfraquecido o mínimo que seja.

Examinemos primeiro as profecias. Isaías, Ezequiel e Joel foram testemunhas inquestionáveis do fato de que esta era a expectativa dos profetas.

Isaías diz: "Porque o palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; e o outeiro e a torre da guarda servirão de cavernas para sempre, para alegria dos asnos monteses, e para pasto dos rebanhos; até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque. Então o juízo habitará no deserto, e a justiça morará no campo fértil. E a obra da justiça será paz; e o efeito da justiça será sossego e segurança para sempre."[32:14-17]

De modo similar Ezequiel profetizou: "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias, e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis as minhas ordenanças, e as observeis. E habitareis na terra que Eu dei a vossos pais, e vós sereis o meu povo, e Eu serei o vosso Deus. Pois Eu vos livrarei de todas as vossas imundícias..."[36:25-29]. Em outra passagem Ezequiel nos dá o prelúdio desta profecia: "E lhes darei um só coração, e porei dentro deles um novo espírito; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne."[11:19].

Joel proferiu sua profecia muito conhecida: "Acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões; e também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito."[2:28-29] - uma profecia a qual, de acordo com a exposição cheia de autoridade de Pedro, refere-se diretamente ao dia de Pentecostes.

Zacarias acrescenta uma linda profecia: "...derramarei o espírito de graça e de súplicas..."[12:10].

É verdade que estas profecias foram dadas a Israel durante o seu último período, quando já não mais havia a vida espiritual vigorosa daquela nação. Mas Moisés expressou a mesma idéia na sua oração profética: "...Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles."[Números 11:29]. Mas estas profecias são evidências da convicção profética do

antigo Testamento, de que a dispensação do Espírito Santo naqueles dias era excessivamente imperfeita, que a dispensação real do Espírito Santo ainda demoraria; e que somente nos dias do Messias ela deveria chegar, em toda a sua plenitude e glória.

Com relação à segunda dificuldade, o nosso Senhor repetidamente estampou a Sua divina autoridade sobre esta convicção profética, anunciando aos Seus discípulos a ainda futura vinda do Espírito Santo. "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre. A saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não O vê nem O conhece; mas vós O conheceis, porque Ele habita convosco, e estará em vós."[João 14:16, 17]; "Quando vier O Ajudador, que Eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, Esse dará testemunho de mim."[João 15:26]; "E eis que sobre vós envio a promessa de Meu Pai; ficai porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder."[Lucas 24:49]; "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que Eu vá; pois se Eu não for, o Ajudador não virá a vós; mas, se Eu for, vo-Lo enviarei. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo."[João 16:7, 8]. E finalmente: Ele ordenou-lhes, comandou-os a não partir de Jerusalém, mas para esperar pela promessa do Pai, "Estando com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias. Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra."[Atos 1:4, 5, 8].

A terceira dificuldade é encontrada no fato de que as comunicações dos apóstolos estão de acordo com o ensinamento da Bíblia. Eles na verdade demoraram-se em Jerusalém, sem mesmo tentar pregar durante os dias entre a ascensão e o Pentecostes. E eles explicam o milagre do Pentecostes como o cumprimento das profecias de Joel e de Jesus. Eles vêem nisto algo novo e extraordinário; e mostram-nos claramente que nos seus dias considerava-se que um homem que permanecesse, fora do milagre do Pentecostes nada conhecia, nada sabia acerca do Espírito Santo. Pois

os discípulos de Éfeso sendo perguntados: "...Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?" respondiam inocentemente: "Não, nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo." [Atos 19:2].

Por conseguinte, não se duvidar que o propósito da Bíblia Sagrada seja o de ensinar-nos e convencer-nos de que o derramar do Espírito Santo no Pentecostes foi a Sua primeira e real vinda à Igreja.

Mas como isto pode ser reconciliado com passagens do Antigo Testamento tais como estas? "Ora, pois, esforça-te, Zorobabel, diz o Senhor, e esforça-te, sumo sacerdote Josué, porque Eu sou convosco, e o meu Espírito habita no meio de vós; não temais." [Ageu 2:4, 5]; e novamente: "Todavia se lembrou dos dias da antigüidade, de Moisés, e do seu povo, dizendo: Onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? Onde está o que pôs no meio deles o seu santo Espírito?" [Isaías 63:11]. Davi está cômico de que ele tinha recebido o Espírito Santo, pois depois de haver caído ele ora: "Não me lances fora da tua presença, e não retire de mim o teu santo Espírito." [Salmo 51:11]. Houve um enviar do Espírito, pois lemos: "Envias o teu fôlego, e são criados; e assim renovas a face da terra." [Salmo 104:30]. Parece ter havido uma descida real do Espírito Santo, pois Ezequiel diz: "E caiu sobre mim o Espírito do Senhor..." [11:5]. Miquéias testificou: "Quanto a mim, estou cheio do poder do Espírito do Senhor..." [3:8]. Sobre João Batista foi escrito que ele seria cheio com o Espírito Santo desde o útero da sua mãe [Lucas 1:15]. Mesmo o Próprio Senhor Jesus Cristo era cheio do Espírito Santo, o qual Ele recebeu sem medida. Aquele mesmo Espírito veio sobre ele no Jordão, como então Ele poderia ter se referido a Ele como se ainda porvir? - uma questão por demais embaraçosa, já que lemos que na noite da ressurreição Jesus assoprou sobre os Seus discípulos, dizendo "Recebei o Espírito Santo." [João 20:22].

Foi necessário apresentar esta extensa série de testemunhos, para mostrar aos leitores a dificuldade do problema que procuraremos solucionar no próximo artigo.

XXV O Espírito Santo no Novo Testamento, Diferente Que no Antigo.

"...pelo Seu Espírito que em vós habita." - Romanos 8:11

De maneira a entender a mudança inaugurada no Pentecostes, devemos distinguir entre os vários meios nos quais o Espírito Santo entra em relacionamento com a criatura.

Com a Igreja Cristã confessamos que o Espírito Santo é Deus eterno e verdadeiro, e portanto onipresente; assim nenhuma criatura, rocha ou animal, homem ou anjo, está excluído da sua presença.

Com referência à Sua onisciência e onipresença, Davi canta: "Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua presença? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá." [Salmo 139:7-10]. Estas palavras declaram positivamente que a onipresença pertence ao Espírito Santo; que nem no céu nem no inferno, no leste ou no oeste, há lugar do qual Ele esteja excluído.

Esta simples consideração é, para o assunto em discussão, de grande importância; pois dela desprende-se que jamais pode ser dito que o Espírito Santo tenha se movido de um lugar para outro; que Ele tenha estado em Israel, mas não entre as demais nações; que Ele tenha estado presente após o dia do Pentecostes onde Ele não tivesse estado antes. Todas e quaisquer representações como estas opõem-se diretamente à confissão da Sua onipresença, Sua eternidade e Sua imutabilidade. O Onipresente não pode ir de um lugar para outro, pois Ele não pode vir até onde Ele já está. E supor que Ele é onipresente num momento e não em outro, é inconsistente com a Sua divindade eterna. Os testemunhos de João Batista, "Vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre Ele." [João 1:32], e de Lucas, "Enquanto Pedro ainda dizia estas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra." [Atos 10:44], não podem portanto serem compreendidos como se o Espírito Santo viesse até um lugar onde Ele não estava antes, o que é impossível.

No entanto - e esta é a primeira distinção que jogará um pouco de luz no assunto - a descrição de Davi da onipresença aplica-se à presença local no espaço, mas não ao mundo dos espíritos.

Nós não sabemos o que são os espíritos, nem o que o nosso próprio espírito é. No corpo nós podemos distinguir entre nervos e sangue, ossos e músculos, e conhecemos alguma coisa das suas funções no organismo; mas como um espírito se move, e opera, não podemos dizer. Sabemos somente que existe, que se move e que opera numa maneira completamente diferente da do corpo. Quando um irmão morre ninguém abre uma porta ou uma janela para a saída da alma; pois sabemos que nem parede nem telhado podem atrapalhar ou impedir o seu vôo em direção ao céu. Em oração nós sussurramos de modo a não sermos ouvidos, todavia cremos que o homem Jesus Cristo ouve cada palavra. A rapidez de um pensamento excede a da eletricidade. Numa palavra, as limitações do mundo material parece que desaparecem no território dos espíritos.

Até mesmo o operar do espírito na matéria é maravilhoso. O peso médio de um adulto é de aproximadamente setenta e cinco quilos. São necessários três ou quatro homens para carregar um corpo morto, com aquele peso, até o alto de um edifício; todavia enquanto o homem estava vivo o seu espírito tinha o poder de carregar o seu peso para cima e para baixo nos lances de escada fácil e rapidamente. Mas onde o espírito toma conta do corpo, como ele o move, e a fonte daquela destreza e rapidez, é para nós um perfeito mistério. Todavia isso nos mostra que o espírito está sujeito a leis, completamente diferente daquelas que governam a matéria.

Enfatizamos o vocábulo lei. De acordo com a analogia da fé, devem haver leis que governem o mundo espiritual da mesma forma como elas existem no mundo natural; todavia devido às nossas limitações nós não as conhecemos. Mas no céu nós as saberemos, bem como todas as glórias e peculiaridades do mundo espiritual, da mesma forma que os nossos médicos conhecem os nervos e tecidos do corpo.

No entanto sabemos isto, que aquilo que se aplica à matéria não se aplica, portanto, ao espírito. A onipresença de Deus refere-se a todo o espaço, mas não a cada espírito. Uma vez que Deus é onipresente, isto não quer dizer que Ele também habite no espírito de Satã. Daí que fica claro que o Espírito Santo pode ser onipresente sem contudo habitar em cada alma humana; e que Ele pode descer

sem mudar de lugar, e ainda assim entrar numa alma até então não ocupada por Ele; e que Ele estava presente no meio de Israel e no meio dos Gentios; e que todavia manifestou-Se entre aqueles e não entre estes. Disto se segue que no mundo espiritual Ele pode vir até onde Ele não estava; que Ele veio no meio de Israel, não tendo estado no meio deles antes; e que então Ele Se manifestou entre eles menos poderosamente e de forma diferente do que no dia e antes do dia, de Pentecostes.

Parece que o Espírito Santo age num ser humano de duas formas diferentes - ou externa, ou interna. A diferença é parecida com aquela existente no tratamento do corpo humano pelo médico e pelo cirurgião: o primeiro age sobre o corpo humano através de remédios tomados (de fora para dentro); o segundo através de incisões e aplicações internas (de dentro para fora). Uma comparação muito defeituosa, fraca realmente, mas pode ilustrar de maneira tola a operação 'de duas faces' do Espírito Santo nas almas dos homens.

No começo nós descobrimos somente uma manifestação 'exterior' de certos dons. Para Sansão Ele concede grande força física. Aoliabe e Bezaleel são dotados com talento artístico para construir o tabernáculo. Josué é enriquecido com gênio militar. Estas operações não tocaram o centro da alma, e não eram salvadoras, mas meramente externas. Elas tornam-se mais duradouras quando assumem um caráter oficial como em Saul; embora nele encontremos a melhor evidência do fato de que elas são somente externas e temporais. Assumem um caráter mais elevado quando recebem o selo profético; embora o exemplo dos balsameiros (II Samuel 5:23-25; I Crônicas 14:13-15) nos mostra que mesmo assim elas não penetram até o centro da alma, mas afetam só afetam o homem exteriormente.

Mas no Antigo Testamento também houve operação interna em crentes. Israelitas creram e foram salvos. Assim é que eles devem ter recebido graça salvadora. E desde que a existência da graça salvadora está fora de questão se não houver um operar interno do Espírito Santo, segue-se que Ele foi o Operador da fé em Abraão, tanto quanto em nós mesmos.

A diferença entre as duas formas de operação é aparente. Uma pessoa que tenha sido trabalhada externamente pode enriquecer-se de

dons e talentos exteriores, enquanto que espiritualmente ela permanece tão pobre como nunca. Ou, havendo recebido os dons interiores de regeneração, ela pode estar privada de cada dom e talento que adorna o homem de forma exterior.

Portanto temos estes três aspectos:

Primeiro, há a onipresença do Espírito Santo no espaço, o mesmo no céu e no inferno, no meio de Israel e entre as nações.

Segundo, há uma operação espiritual do Espírito Santo conforme escolha, a qual não é onipresente; ativa no céu mas não no inferno; no meio de Israel, mas não entre as nações.

Terceiro, esta operação espiritual trabalha tanto de fora para dentro, concedendo dons que podem ser perdidos; ou de dentro para fora, concedendo o dom imperdível da salvação.

Até agora temos falado da obra do Espírito Santo nas pessoas individuais, o que foi suficiente para explicar aquela obra nos dias do Antigo Testamento. Mas quando chegamos ao dia do Pentecostes, isto já não satisfaz. Pois esta operação em particular, naquele dia e após, consiste no estender do Seu operar a um grupo de homens organicamente unidos.

Deus não criou a humanidade como um cordão de almas isoladas, mas como uma raça. Assim é que em Adão as almas de todos os homens caíram e corromperam-se. De maneira similar a nova criação, no cenário da graça, não operou a geração de indivíduos isolados, mas sim a ressurreição de uma nova raça, um povo peculiar, um sacerdócio santo. E esta raça favorecida, este povo peculiar, este santo sacerdócio também são um, organicamente, e participantes da mesma bênção espiritual.

A Palavra de Deus expressa esta verdade ao ensinar que os eleitos constituem-se num só corpo, o qual todos são membros, um sendo um pé, outro um olho, e outro uma orelha, etc. - uma representação que carrega consigo a idéia de que os eleitos sustentam mutuamente a relação de uma união orgânica, espiritual e vital. E isto não é meramente exterior, através de amor mútuo, mas muito mais através de uma comunhão vital que é deles por virtude da sua origem espiritual. Como a nossa Liturgia expressa de maneira muito linda: "Pois como de muitos grãos uma refeição e um pão são preparados, e

de muitas uvas, sendo prensadas juntas, um vinho flui e se mistura, assim também todos nós, por uma fé verdadeira somos incorporados em Cristo, estaremos juntos num só corpo."

Esta união espiritual dos eleitos não existia em Israel, nem poderia ela existir no tempo deles. Havia uma união de amor, mas não uma união espiritual e comunhão vital que brotassem da raiz da vida. Esta união espiritual dos eleitos foi feita possível somente pela encarnação do Filho de Deus. Os eleitos são homens de corpo e alma; portando ela é parcialmente, no mínimo, um corpo visível. E somente quando em Cristo o homem perfeito foi dado, que pudesse ser o templo do Espírito Santo corpo e alma, foi que o fluir interno e o derramar do Espírito Santo foi estabelecido no e através do corpo assim criado.

No entanto, isto não ocorreu imediatamente após o nascimento de Cristo, mas após a Sua ascensão; pois a Sua natureza humana não desfraldou a sua perfeição mais plena até depois de Ele haver ascendido, quando, como o Filho glorificado de Deus, Ele tomou assento à mão direita do Pai. Somente então o Homem perfeito foi dado, que podia, por um lado, ser sem impedimentos ou obstáculos o templo do Espírito Santo, e que por outro, unir os espíritos dos eleitos num só corpo. E quando, através da Sua ascensão e assento à mão direita de Deus, isto tornou-se fato, quando assim os eleitos tornaram-se um corpo, era perfeitamente natural que, a partir da Cabeça, o habitar do Espírito Santo fosse transmitido para o corpo todo. E assim o Espírito Santo foi derramado no corpo do Senhor, os Seus eleitos, a Igreja.

Sob esta ótica tudo se torna claro: claro por que os santos do Antigo Testamento não receberam a promessa, que sem nós eles não seriam feitos perfeitos, esperando por aquela perfeição até a formação do corpo de Cristo, ao qual eles também deveriam ser incorporados; claro que a demora do derramar do Espírito Santo não evitou que a graça salvadora operasse nas almas individuais dos santos do Pacto Antigo; claro que os apóstolos nasceram de novo muito antes do Pentecostes e receberam dons e talentos oficiais no anoitecer do dia da ressurreição, embora o derramar do Espírito Santo no corpo assim formado não teve lugar até o Pentecostes. Torna-se claro como Jesus

poderia dizer, "se Eu não for, o Ajudador não virá a vós", e novamente, "se Eu for, vo-Lo enviarei"; pois o Espírito Santo deveria fluir no Seu corpo a partir dEle mesmo, que é a Cabeça. Também torna-se claro que Ele não enviaria o Espírito Santo de Si próprio, mas do Pai; claro porque este derramar do Espírito Santo no corpo de Cristo nunca se repetiu, e não poderia acontecer senão uma só vez; e finalmente, claro que o Espírito Santo estava sim, no meio de Israel (Isaías 63:12), operando nos santos de forma exterior, enquanto que no Novo Testamento nos diz que Ele estava dentro deles.

Portanto, chegamos às seguintes conclusões:

Primeira, os eleitos precisam constituir um corpo.

Segunda, ele não se constituíam um corpo durante os dias do Pacto Antigo, durante os dias de João Batista, e durante os dias de Cristo enquanto na terra.

Terceira, este corpo não existia até que Cristo ascendeu ao céu e, assentando-Se à mão direita de Deus, concedeu a este corpo a sua unidade, no que Deus concedeu-Lhe ser Cabeça sobre todas as coisas para a edificação da Igreja - Efésios 4:12: "tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo".

Finalmente, Cristo como a Cabeça glorificada, havendo formado o Seu corpo espiritual pela união vital dos eleitos, no dia de Pentecostes derramou o Seu Santo Espírito em todo o corpo, para nunca mais permitir que Ele o abandone.

Que estas conclusões não contém nada a não ser o que a Igreja em todas as épocas tem confessado, está refletido no fato de que as igrejas Reformadas têm sempre sustentado:

Primeiro, que a nossa comunhão com o Espírito Santo depende da nossa união mística com o corpo do qual Cristo é a Cabeça, o que é a idéia latente da Ceia do Senhor.

Segundo, que os eleitos formam um corpo sob Cristo, sua Cabeça.

Terceiro, que este corpo começou a existir quando recebeu a sua Cabeça; e que, de acordo com a passagem em Efésios 1:22 ("e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, e para ser cabeça sobre

todas as coisas o deu à igreja"). A Cristo foi dado ser a Cabeça, após a Sua ressurreição e ascensão.

XXVI. Israel e as Nações.

"...de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo." - Atos 10:45

A questão que se levanta com relação ao Pentecostes é: Desde que o Espírito Santo concedeu graça salvadora aos homens antes e após o Pentecostes, qual é a diferença causada por aquela descida do Espírito Santo?

Uma ilustração pode explicar a diferença. A chuva cai do céu e o homem a recolhe para matar a sua sede. Quando a água da chuva corre para a cisterna de cada uma das casas, ela passa a pertencer a cada família separadamente; mas quando, como numa cidade moderna, cada casa é suprida com a água do reservatório municipal, através de tubulações e encanamentos, não é mais necessário ter-se cisternas individuais e bombas. Suponhamos que uma cidade cujos moradores por décadas tenham bebido cada um da sua própria cisterna, proponha a construção de um reservatório que suprirá todas as residências. Quando o trabalho estiver completo, será possível à água fluir através da rede de tubulações até cada uma das casas. Pode então, ser dito que naquele dia a água foi 'derramada' em toda a cidade. Até então, a água tinha somente caído por sobre o telhado de cada morador: agora ela corre através do sistema organizado até e dentro da casa de cada um. Apliquemos esta ilustração ao derramar do Espírito Santo, e a diferença entre antes e depois do Pentecostes se tornará aparente. As chuvas do Espírito Santo caíram sobre o Israel antigo na forma de gotas da graça salvadora; mas de maneira tal que somente cada um recolhia da chuva celeste para si próprio, para matar a sede de cada um separadamente. E assim continuou até a vinda de Cristo. Então aconteceu uma mudança; pois Ele juntou a corrente toda do Espírito Santo para todos nós, na Sua própria Pessoa. Com Ele todos os santos estão conectados pelos canais da fé. E quando, após a sua ascensão, esta conexão com os Seus santos estava completada, e Ele tinha

recebido o Espírito Santo do Seu Pai, então o último obstáculo foi removido e a torrente do Espírito Santo jorrou através dos canais de conexão até o coração de cada crente.

Antes a separação, cada um por si; agora a união orgânica de todos os membros sob a única Cabeça: esta é a diferença entre os dias antes e depois do Pentecostes. O fator essencial do Pentecostes consistiu nisto, que naquele dia o Espírito Santo entrou pela primeira vez no corpo orgânico da Igreja, e os indivíduos puderam beber, não cada um por si, mas todos juntos, em união orgânica.

À questão onde aquele sistema de canais conectores unindo-nos em um corpo sob a nossa Cabeça pode ser encontrada, não temos resposta. Pertence às coisas invisíveis e espirituais, as quais escapam à nossa observação, das quais podemos ter nenhuma outra representação a não ser como imagem.

Todavia isto não altera o fato de que a união orgânica realmente existe. A Palavra de Deus nos é a sua inegável testemunha. A vida orgânica aparece na natureza em duas formas: na planta, e no corpo humano e animal. Estes são os próprios tipos que Cristo utiliza para ilustrar a união espiritual entre Si e Seu povo. Ele disse: "Eu sou a videira; vós sois as varas".[João, 15:5]. E Paulo fala sobre haver se tornado uma planta com Cristo. E ele usa frequentemente a imagem do corpo e seus membros.

Daí que não pode haver dúvida de que existe uma união mística entre Cristo e crentes, que opera por intermédio de uma conexão orgânica, unindo a Cabeça e os membros numa maneira para nós incompreensível. Através desta união orgânica, o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes desde Cristo, a Cabeça até nós, os membros do Seu corpo.

Se fosse possível construir a rede de água da cidade no ar por sobre a cidade, o engenheiro chefe poderia apropriadamente dizer: "Quando eu ligar a água pela primeira vez, eu batizarei a cidade com água". Num sentido similar, pode-se dizer que Cristo batizou a Sua Igreja com o Espírito Santo. Pois a palavra de João Batista, "Eu, na verdade, vos batizo em água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia das alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo..."[Lucas 3:16] é explicada pelo

Próprio Cristo com referência do dia de Pentecostes [("Estando com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias." - Atos 1:4, 5]; uma promessa que indubitavelmente referia-se ao milagre do Pentecostes. Isto está de acordo com o fato de que Jesus, durante o Seu ministério, permitiu que os Seus discípulos continuassem com o Batismo de João. E isto mostra que mesmo antes da crucificação, João e Pedro, Filipe e Zaqueu, e muitos outros receberam a graça salvadora do Espírito santo, cada um para si mesmo, mas nenhum deles foi batizado com o Espírito Santo antes do dia do Pentecostes.

Com referência aos apóstolos, devemos distinguir uma doação do Espírito Santo em três aspectos:

Primeiro, o da graça salvadora na regeneração e subsequente iluminação - [("Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus") - Mateus 16:17].

Segundo, dons oficiais qualificando-os para o ofício apostólico - [("E mesmo agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.")-João 11:22]. ⁽¹⁾

Terceiro, o Batismo com o Espírito Santo-{" Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias."-Atos 1:5]; comparado com [("Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuíam, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.")-Atos 2:1 - 5]}

Uma outra dificuldade perdura. Sempre lemos de derramamentos do Espírito Santo após o Pentecostes. Como isto pode ser reconciliado com a nossa explicação? No livro de Atos lemos: "Enquanto Pedro ainda dizia estas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. Os crentes que eram de

circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo."[10:44, 45]. E Pedro o confirma ao dizer: "Pode alguém porventura recusar a água para que não sejam batizados estes que também, como nós, receberam o Espírito Santo?"[Atos 10:47]. Daí fica evidente que o derramar na casa de Cornélio foi da mesma natureza como aquele em Pentecostes. Mais ainda, ouvimos de uma descida do Espírito Santo em Samaria (Atos 8), e de uma outra em Éfeso (Atos 19:6). Esta descida teve lugar em ambas localidades depois da imposição de mãos pelos apóstolos; e em Cesaréia e em Corinto ela foi seguida por um falar em línguas estranhas, como em Jerusalém.

Portanto, é evidente que o derramar do Espírito Santo não foi limitado ao dia de Pentecostes em Jerusalém, mas que repetiu-se depois numa forma modificada e mais fraca, mas ainda extraordinariamente, como no Pentecostes.

E quem negaria que há um derramamento do Espírito Santo nas igrejas da atualidade? Sem isso não pode haver regeneração, nenhuma salvação. Todavia os sinais do Pentecostes estão escasseando, e.g., não há mais o falar em línguas. Daí ser necessário distinguir entre a descida normal, que acontece agora, e a extraordinária em Corinto, Cesaréia, Samaria, e Jerusalém.

Por conseguinte, a pergunta apresenta-se como: Se no dia de Pentecostes o Espírito Santo foi derramado uma vez por todos e para sempre, como explicar os derrames normais e extraordinários?

Permita-nos uma vez mais recorrer à nossa ilustração anterior. Suponhamos que a cidade a que nos referimos anteriormente consistisse de uma 'parte baixa' e uma 'parte alta', ambas a serem supridas a partir do mesmo reservatório. Quando do término da construção e instalação do seu sistema, a 'parte baixa' da cidade poderia receber a água primeiro, e a 'parte alta' receberia a água somente depois que o sistema houvesse sido estendido, prolongado até chegar a ela. Notamos aqui duas coisas: a distribuição da água ocorreu somente uma vez, a qual foi a abertura oficial dos registros, e não poderia ocorrer senão uma só vez; enquanto que a distribuição da água na 'parte alta' da cidade, embora extraordinária; foi somente um

desdobramento do evento anterior. Esta é uma ilustração razoável do que ocorreu no derramamento do Espírito Santo. A Igreja consistia de duas partes distintamente definidas, ou seja, o mundo Judeu e o mundo Gentio. Todavia ambos devem constituir um corpo, um povo, uma Igreja; ambos devem viver uma vida no Espírito Santo. No Pentecostes Ele é derramado no corpo, mas somente para matar a sede de uma parte, i.e. os Judeus; a outra parte ainda excluída. Mas agora os apóstolos e evangelistas começam em Jerusalém e entram em contato com os Gentios, e a hora chegou para que a corrente do Espírito Santo jorre adiante, na parte Gentia da Igreja, e o corpo inteiro seja refrescado pelo mesmo Espírito Santo. Assim é que há um derramamento original em Jerusalém no dia de Pentecostes, e um derramamento suplementar na Cesaréia, para a parte Gentia da Igreja; ambos da mesma natureza, mas cada um contendo sua própria e especial característica.

Além desses, há alguns derramamentos isolados do Espírito Santo, atendidos pela imposição das mãos dos apóstolos, como no caso de Simão, o Mágico. Explicamos isto da seguinte forma: de tempos em tempos novas conexões são feitas entre casas individuais e o reservatório da cidade; assim novas partes do corpo de Cristo foram acrescentadas à Igreja, novos membros nos quais o Espírito Santo foi derramado, a partir do corpo. É perfeitamente natural que nesses casos os apóstolos apareçam como instrumentos; e que, ao receber na Igreja pessoas provindas de uma parte do mundo ainda não conectada com a Igreja, eles estendam-lhes pela imposição das mãos a comunhão do Espírito Santo que habita no corpo.

Isto também explica porque pessoas recém convertidas recebam hoje em dia o Espírito Santo somente na forma comum. Pois eles são convertidos no nosso meio, que já nos encontramos no pacto, já pertencemos à semente da Igreja e ao corpo de Cristo.⁽²⁾ Portanto nenhuma nova conexão é formada, mas uma obra do Espírito Santo é operada numa alma com a qual Ele já estava relacionado por intermédio do corpo.

E assim elimina-se cada objeção e cada detalhe é colocado no seu próprio lugar, e as linhas do domínio que tinham se tornado vagas e confusas são, uma vez mais, claramente traçadas.

Também é evidente que a oração por um outro derramar ou batismo do Espírito Santo é incorreta e vazia de significado real. Tal oração na realidade nega o milagre do Pentecostes. Pois Ele, que veio e que está conosco, não pode mais vir até nós.

XXVII Os Sinais do Pentecostes.

"...prodígios em cima no céu; e sinais embaixo na terra..." - Atos 2:19

Consideremos agora os sinais que acompanharam o derramar do Espírito Santo - o som de um vento forte, impetuoso; línguas de fogo; e o falar em outras línguas - que constituem a quarta dificuldade que se nos depara na investigação dos eventos do Pentecostes (veja na página 95). Os dois primeiros sinais precederam, enquanto que o terceiro ocorreu após o derramar do Espírito Santo.

Estes sinais não são meramente simbólicos. O falar em outras línguas, pelo menos, aparece como parte da narrativa. A idéia de símbolos é a de representar ou de indicar algo ou de chamar a atenção para algo; assim é que podem ser omitidos sem contudo afetar o assunto em si. Um símbolo é como uma placa na estrada: que pode ser removida sem contudo afetar a estrada. Se os sinais do Pentecostes fossem puramente simbólicos, o evento teria sido o mesmo sem eles; mas a ausência do sinal de outras línguas teria modificado completamente o caráter da história subsequente.

Isto justifica a suposição de que os dois sinais precedentes também foram partes constituintes do milagre. O fato de nenhum deles ser um símbolo apto reforça a suposição; pois um símbolo deve falar. A placa na estrada que deixa o viajante em dúvida quanto a que direção tomar não é uma placa válida. Considerando o fato por dezoito séculos, teólogos têm se mostrado incapazes de discernir o significado dos assim chamados símbolos com qualquer grau de certeza, deve ser reconhecido que é difícil crer que os apóstolos ou a multidão entenderam o seu significado de imediato e da mesma forma. O relato prova o contrário. Eles não compreenderam os sinais. A multidão, confusa e perplexa, murmurou: "O que isto quer dizer?"

E quando Pedro levantou-se como um apóstolo, iluminado pelo Espírito Santo, para interpretar o milagre, ele não fez esforço algum para atribuir qualquer significado simbólico aos sinais, mas simplesmente declarou que um evento acontecera, através do qual a profecia feita por Joel fora cumprida.

O evento do Pentecostes então exauriu a profecia de Joel? De maneira alguma: pois o sol não tornou-se em trevas, nem a lua em sangue; e nada ouvimos acerca de sonhos dos velhos. Nem poderia tampouco have-lo feito; pois o dia notável que exaurirá esta e tantas outras profecias não pode chegar até o retorno do Senhor. Mas o apóstolo santo quis dizer, que o dia do retorno do Senhor havia sido trazido para muito mais perto, através deste evento. O derramar do Espírito Santo é um dos grandes acontecimentos que prometem a vinda daquele dia grandioso e notável. Sem isso, tal dia não pode chegar. Quando do céu observarmos o passado, o dia de Pentecostes nos parecerá como o último grande milagre imediatamente precedendo o dia do Senhor. E uma vez que aquele dia será acompanhado por sinais terríveis, como foi o dia preparatório do Pentecostes, o apóstolo os coloca juntos e faz parecerem um, mostrando que Deus, na profecia de Joel, aponta para ambos eventos.

Se for certo de que os sinais que acompanharão o retorno do Senhor - sangue, fogo, e vapor de fumaça - não serão simbólicos, mas constituindo-se elementos daquela última parte da história do mundo, em outras palavras, sua última conflagração, então é também certo que Pedro não tomou os sinais do Pentecostes como simbólicos.

Nem pode a ainda mais insatisfatória explicação ser considerada, de que a intenção com estes sinais foi a de chamar e fixar a atenção da multidão.

Os sentidos da visão e da audição são os meios mais efetivos pelos quais o mundo exterior pode agir sobre a nossa consciência. Para de repente assustar alguém, é necessário somente surpreende-lo com um barulho alto ou com o clarão de um facho de luz forte. Levando isso em conta, Metodistas antigos costumavam disparar pistolas nas suas reuniões de avivamento, esperando que o estrondo e o clarão criassem o estado de espírito desejado. A subsequente excitação das pessoas tenderia a fazê-las mais suscetíveis à operação

do Espírito Santo. Experiências similares são as do Exército da Salvação. De acordo com esta noção, os sinais do Pentecostes tinham característica similar. Supunham alguns que os discípulos, ainda homens não convertidos, estivessem sentados juntos no cômodo superior, em resistência ao Pentecostes. Para fazê-los suscetíveis ao fluir interno do Espírito Santo eles precisavam ser acordados por um barulho e pelo fogo. Deve parecer como se uma tempestade de raios violenta se abatesse sobre a cidade; clarões de raios e ribombar de trovões eram vistos e ouvidos. E quando a multidão estivesse assustada e amedrontada, então a condição desejada para se receber o Espírito Santo predominava e o derramamento teve lugar. Extravagâncias como estas somente ferem o suave sentido dos filhos de Deus; enquanto que é quase que um sacrilégio comparar os sinais do Pentecostes com disparos de pistola.

Assim, somente uma outra explicação permanece, i.e. considerar os sinais do Pentecostes como constituintes reais e verdadeiros do evento; eles indispensáveis na cadeia de acontecimentos.

Quando um navio entra na baía, vemos o repuxo da espuma da água sob a proa e ouvimos o fragor das águas contra os lados da embarcação. Quando um cavalo galopa na estrada, ouvimos o barulho dos seus cascos contra o chão e vemos as nuvens de poeira. Mas quem dirá que estas coisas vistas e ouvidas são simbólicas? Elas pertencem necessariamente àquelas ações e fazem parte delas, tais ações seriam impossíveis sem elas. Portanto, não cremos que os sinais do Pentecostes fossem simbólicos, ou que a intenção com eles fosse criar uma sensação, mas que eles pertenciam inseparavelmente ao derramar do Espírito Santo, e que por isso foram causados. O derramar do Espírito Santo não poderia ocorrer sem criar estes sinais. Quando o riacho da montanha projeta-se despenhadeiro abaixo devemos ouvir o som da torrente, devemos ver a neblina de espuma; então quando o Espírito Santo flui das montanhas da santidade de Deus, o som de um vento forte e impetuoso deve ser ouvido, e um brilho glorioso deve ser visto, e o falar em línguas estranhas deve vir em seguida.

Isto explicará o nosso entendimento satisfatoriamente. Não que neguemos que estes sinais também tenham um significado para a multidão. O barulho dos cascos do cavalo alerta os viajantes, na estrada. E concedemos que o propósito dos sinais foi alcançado na perplexidade e na consternação que causaram nos corações daqueles presentes. Mas isto mantemos, que mesmo na ausência da multidão e da sua consternação, o som do vento forte, impetuoso e poderoso teria sido ouvido e as línguas de fogo teriam sido vistas. E como os cascos do cavalo fazem o solo vibrar mesmo que não haja ninguém à vista, então o Espírito Santo não poderia descer sem aquele som e sem aquele brilho, mesmo que nenhum Judeu sequer pudesse ser encontrado em Jerusalém.

O derramar do Espírito Santo foi real, não aparente. Tendo encontrado o Seu templo na cabeça glorificada; Ele deve necessariamente fluir, na direção do corpo, e descer do céu. E esta descida do céu e essa disseminação no corpo não poderia ocorrer sem causar estes sinais.

Penetrar ainda mais profundamente neste assunto não está de acordo com a lei. No monte Orebe Elias ouviu o Senhor passando numa brisa suave, Isaías ouviu o mover-se dos pórticos no Templo. Isto parece indicar que a aproximação da majestade divina causa uma comoção nos elementos, perceptível ao nervo da audição. Mas como, não podemos dizer. Observamos, no entanto:

Primeiro, que é evidente que espírito pode agir na matéria, pois o nosso espírito age sobre o corpo a cada momento, e por este agir se lhe é possível produzir sons. A fala, o choro, o canto, nada mais são que ações do nosso espírito nas correntes de ar. E se o nosso espírito é capaz de ação tal, por que não o Espírito do Senhor? Por que, então, dizer que é mistério quando o Espírito Santo, na Sua descida, tanto operou sobre os elementos que os efeitos vibraram nos ouvidos daqueles ali presentes?

Segundo, ao fazer o pacto com Israel no monte Sinai, o Senhor Deus falou com estrondo de trovão tão terrível, que mesmo Moisés disse, "Estou todo aterrorizado e trêmulo"[Hebreus 12:21]; todavia não com a intenção de aterrorizar o povo, mas porque um Deus santo e irritado não pode falar de outra forma a uma geração pecadora. Não

é portanto de surpreender que a vinda de Deus ao Seu povo do Novo Pacto seja acompanhada por sinais similares, não de modo a chamar a atenção dos homens, mas porque não poderia ser de outra forma.

O mesmo aplica-se às línguas de fogo. Manifestações sobrenaturais são sempre acompanhadas por luz e brilho, especialmente quando o Senhor Jeová ou o Seu anjo aparece. Lembremo-nos, por exemplo, a ocasião do pacto que Deus fez com Abraão, ou as ocorrências na sarça ardente. Por que, então, deveria surpreender-nos que a descida do Espírito Santo fosse acompanhada por fenômenos tais como aqueles presenciados por Elias no Horebe, Moisés junto à sarça, Paulo no caminho de Damasco, e João na ilha de Patmos? Que as línguas partidas pairaram sobre cada um deles prova nada ao contrário; pois Ele procedeu a cada uma deles e entrou nos seus corações, e em cada ida Ele deixou atrás de Si um rastro de luz.

A questão, se o fogo visto por estes homens naquelas ocasiões pertencia a uma esfera mais alta, ou foi o efeito da ação de Deus nos elementos da terra, não pode ser respondida.

Ambos pontos de vista têm muito a favor. Não há trevas no céu; e a luz celeste deve ser de natureza mais elevada que a nossa, acima mesmo do brilho do sol, conforme a descrição que Paulo fez da luz no caminho de Damasco. É muito provável, portanto, que nestes eventos grandiosos a fronteira do céu sobrepôs-se à terra, e uma glória mais alta brilhou sobre a nossa atmosfera.

Mas, por outro lado, é possível que o Espírito Santo operou diretamente este brilho misterioso por um milagre. E parece ser confirmado, pelo fato de que os sinais que acompanharam o momento quando o Senhor deu as tábuas da lei no Sinai, evento o qual, paralelamente a este, não procedeu de esferas mais elevadas, mas foi operado a partir de elementos terrenos.

Finalmente, seja notado que, o derramar do Espírito Santo na casa de Cornélio e nos discípulos de Apolo, foi acompanhado pelo falar em outras línguas, mas não pelos outros sinais. Isto confirma a nossa teoria, pois não foi uma vinda do Espírito diretamente à casa de Cornélio, mas uma condução do Espírito Santo até uma outra parte do corpo de Cristo. Se o simbolismo tivesse sido intencional, os

mesmos sinais teriam se repetido; mas por não tratarem-se de símbolos, eles não apareceram.

XXVIII O Milagre de Línguas.

"Se alguém falar em língua haja um que interprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus."-I Coríntios 14:27, 28

O terceiro sinal seguinte ao derramamento do Espírito santo consistiu de sons extraordinários que provinham dos lábios dos apóstolos - sons estranhos ao idioma Aramaico, nunca antes ouvidos dos seus lábios.

Estes sons afetaram a multidão de maneiras diferentes: alguns chamaram-nos desconexo de homens inebriados; outros ouviam neles a proclamação das grandes obras de Deus. A estes, parecia-lhes como se ouvissem-nos falar nas suas próprias línguas. Para os Partos soava como o idioma dos Partos; aos Árabes como o idioma dos Árabes, e etc.; enquanto Pedro declarou que este sinal pertencia ao território da revelação, pois foi o cumprimento da profecia de Joel que todo o povo devesse tornar-se participante da operação do Espírito Santo.

A questão como interpretar este tão maravilhoso sinal ocupou as mentes pensadoras de todos os tempos. Permitam-nos oferecer uma solução, a qual apresentamos nas seguintes observações:

Em primeiro lugar - Este fenômeno de falar espiritual em sons extraordinários não está confinado ao Pentecostes, nem ao segundo capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos.

Ao contrário, o Senhor disse aos Seus discípulos, antes mesmo da ascensão, que eles falariam com novas línguas - Marcos 16:17 ("E estes sinais acompanharão aos que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas"). E das epístolas de Paulo é evidente que esta profecia não referiu-se somente ao Pentecostes; pois lemos em I Coríntios 12:10 que na Igreja apostólica, dons espirituais incluíam o de línguas; que alguns falavam diferentes tipos de línguas ou sons. No versículo 18 o apóstolo declara que Deus distribuiu este fenômeno espiritual na Igreja. É digno de nota que em

I Coríntios 14:1-33 o apóstolo dá atenção especial a este sinal extraordinário, mostrando que então era bem normal. Que o dom de línguas mencionado por Paulo e o sinal do qual Lucas fala em Atos 2 são substancialmente um e o mesmo, não pode ser duvidado. Em primeiro lugar, a profecia de Cristo é genérica: "...falarão novas línguas". Em segundo, sobre ambos fenômenos foi dito terem causado impressões irresistíveis nos não crentes. Em terceiro, ambos são tratados como dons espirituais. E por último, ambos recebem o mesmo nome.

Todavia houve uma diferença muito perceptível entre os dois: o milagre de línguas no dia de Pentecostes foi inteligível para um grande número de ouvintes de nacionalidades diferentes; enquanto que nas igrejas apostólicas foi compreendido somente por uns poucos, que foram chamados de intérpretes. Ligado a isto está o fato de que o milagre no Pentecostes causou a impressão de um falar simultaneamente a diferentes ouvintes em diferentes línguas, de modo que eles fossem edificados. No entanto, esta não é uma diferença fundamental. Embora nas igrejas apostólicas houvesse senão poucos intérpretes, ainda assim havia alguns que compreendiam o discurso maravilhoso.

Havia, além do mais, uma diferença marcada entre os homens assim agraciados: alguns entendiam o que eles diziam; outros não. Pois Paulo admoesta-os dizendo: "Por isso, o que fala em língua, ore para que a possa interpretar"[I Coríntios 14:13]. Todavia, mesmo sem esta habilidade, o falar em línguas tinha um efeito edificante sobre o próprio orador; mas tratava-se de uma edificação não compreendida, os efeitos de uma operação desconhecida na alma.

Disto extraímos que o milagre de línguas consistiu no pronunciar de sons extraordinários os quais, de informações existentes, não podia ser explicado nem pelo orador nem pelo ouvinte; e ao qual uma outra graça era algumas vezes acrescentada, ou seja, a da interpretação. Assim é que três coisas eram possíveis: que somente o orador compreendesse o que dizia; ou, que outros o compreendessem mas não ele mesmo; ou, que ambos orador e ouvinte o compreendessem. Esta compreensão refere-se a uma ou mais pessoas.

Nesta base nós classificamos estes milagres de línguas em uma classe; com esta distinção, no entanto, que no dia de Pentecostes o milagre apareceu perfeito, porém incompleto, mais tarde. Como há, nos milagres que Cristo operou ao ressuscitar os mortos um aumento perceptível de poder: primeiro o ressuscitar de apenas uma morta (a filha de Jairo), depois, o de um prestes a ser sepultado (o jovem filho da viúva em Naim), e por último, o de um já em decomposição (Lázaro); assim também há no milagre de línguas uma diferença de poder - não aumentando, mas diminuindo. Primeiro é vista a operação mais grandiosa do Espírito Santo, depois aquelas menos poderosas. É precisamente o mesmo como no nosso próprio coração: primeiro, o poderoso fato da regeneração; depois disso, as manifestações menos marcadas de poder espiritual. Assim é que no Pentecostes houve o milagre de línguas na sua perfeição; mais tarde, nas igrejas, em medida mais fraca.

Em segundo lugar-Não há evidência de que o milagre de línguas consistiu no falar de um dos idiomas conhecidos não previamente obtido.

Se tivesse sido este o caso, Paulo não poderia ter dito: "Porque se eu orar em língua (desconhecida), o meu espírito ora, sim, mas o meu entendimento fica infrutífero"[I Coríntios 14:14]. A palavra "desconhecida" aparece em parêntesis, não sendo encontrada no original Grego. Ademais, ele diz que línguas são para um sinal não para os que crêem, mas para os que não crêem. Se tivesse sido o caso de idiomas estrangeiros porém comuns, a questão de entendê-los não poderia depender da fé, mas simplesmente do fato se o idioma foi adquirido através de estudo ou se era a língua nativa de alguém.

Finalmente, a noção de que essas línguas referem-se a idiomas estrangeiros não obtidos através de estudo é contradita por Paulo: "Dou graças a Deus, que falo em línguas mais do que vós todos"[I Coríntios 14;18]. Por este versículo ele não pode querer dizer que dominava mais idiomas que os outros, mas que ele possuía o dom de línguas num grau mais elevado que os outros homens. O versículo seguinte é a evidência: "Todavia na igreja eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua (desconhecida)"[I

Coríntios 14:19]. De acordo com o outro ponto de vista, este versículo deveria ter sido escrito assim: "Eu desejo falar em uma língua, de modo que a Igreja possa compreender-me, do que em dez ou vinte línguas as quais a Igreja não compreende". Mas o apóstolo não diz isso. Ele não fala de muitas línguas em oposição a uma, mas de cinco sons ou palavras contra dez mil palavras. Disto segue-se que o "falar em línguas" (idiomas ou sons) de Paulo, "mais do que todos vós", deve referir-se ao milagre dos sons.

Pois embora seja argumentado muito naturalmente que no Pentecostes os apóstolos falaram em Árabe, em Hebreu e no idioma dos Partos, além de muitas outras, todavia a o que se apelou não é um fato provado. Certamente aprendemos do capítulo 2 de Atos dos Apóstolos que estes Partos, Elamitas e etc., tiveram a impressão de que se lhes falava a cada um no seu próprio idioma; todavia a própria narrativa prova justo o contrário. Que se ponha à prova, então. Que quinze homens (o número de línguas mencionado em Atos 2) falem juntos e ao mesmo tempo em quinze idiomas diferentes, e o resultado não será que cada um ouvirá o seu próprio idioma, mas que ninguém poderá ouvir nada. Mas a narrativa em Atos 2 é totalmente explicada no que os apóstolos falavam sons ininteligíveis aos Partos, Medos, Cretenses e etc., porque eles compreendiam-nos, tendo a impressão de que aqueles sons eram de acordo com as suas próprias línguas nativas. Como uma criança Holandesa, vendo um problema desenvolvido no quadro negro por uma criança Inglesa ou Alemã, tem naturalmente a impressão de que foi feito por uma criança Holandesa, simplesmente porque figuras são símbolos que não são afetados pela diferença de idiomas; assim o Elamita deve ter tido a impressão de que ouvia o seu idioma e o Egípcio que a ele lhe era dirigida a palavra no seu idioma, quando por um milagre eles ouviram os sons emitidos no Pentecostes, sons os quais, independentemente das diferenças de idiomas, foram inteligíveis ao homem como homem.

Não devemos nos esquecer que o falar nada mais é que produzir impressões na alma do ouvinte através de vibrações no ar. Mas se as mesmas impressões puderem ser produzidas sem o auxílio de vibrações no ar, o efeito sobre o ouvinte deve ser o mesmo. Tente

a experiência sobre o olho. A imagem de estrelas cintilantes ou figuras que se dissolvem excita a retina. O mesmo efeito pode ser produzido ao esfregar o dedo no olho, quando reclinado num sofá num ambiente escuro. E isto aplica-se no nosso caso. As vibrações no ar não são a coisa principal, mas a emoção produzida na mente, pelo falar. O homem da Panfília, acostumado a receber impressões na sua língua nativa, e recebendo a mesma impressão de uma outra forma, deve ter pensado de que lhe era dirigida a palavra no idioma da Panfília.

Em terceiro lugar - De acordo com a interessante informação de Paulo, o milagre de línguas consistiu nisso, de que os órgãos vocais produziram sons não por um operar da mente, mas através de uma operação do Espírito Santo sobre aqueles órgãos.

Lucas escreve: "...e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem"[Atos 2:4]; e Paulo prova exaustivamente que a pessoa falando em línguas falava não com o seu entendimento, i.e. como um resultado do seu próprio raciocínio, mas em consequência de uma operação completamente diferente. Que isto é possível, o vemos, primeiro, em pessoas que, delirando, falam coisas fora do seu próprio raciocínio pessoal; segundo, nos insanos, cuja conversa incoerente não tem nenhum sentido; terceiro, em pessoas possuídas, cujos órgãos vocais são usados por demônios; quarto, em Balaão, cujos órgãos vocais proferiram palavras de bênção sobre Israel contra a sua vontade (N.T. referência: Deuteronômio 23:4, 5).

Assim é que deve ser concedido que no homem três coisas são possíveis:

Primeira, que por um tempo ele pode ficar privado do uso dos seus órgãos vocais.
Segunda, que o uso destes órgãos vocais pode ser apropriado por um espírito que o tome.
Terceira, que o Espírito Santo, apropriando-se dos seus órgãos vocais, pode produzir sons dos seus lábios, sons que são "novos" e "outros" que não o idioma, a língua que ele fala normalmente.

Em quarto lugar - Em Grego, estes sons são invariavelmente designados pela palavra 'glootai', i.e. línguas, portanto idioma. No

mundo Grego, do qual este vocábulo é tirado, a palavra 'glotta' sempre está em forte oposição à palavra 'logos', razão.

O pensamento do homem é o processo oculto, invisível, imperceptível da sua mente. A idéia tem alma, mas não corpo. Mas quando o pensamento se manifesta e adota um corpo, então existe uma palavra. E a língua, sendo o órgão móvel da fala, já foi dito que a língua dá um corpo à idéia. Daí o contraste entre o 'logos', i.e. aquilo que o homem pensa com a mente, e a 'glotta', i.e. aquilo que ele pronuncia com os órgãos vocais.

Normalmente a 'glotta' vem somente através e após o 'logos'. Mas no milagre das línguas descobrimos o fenômeno extraordinário que enquanto o 'logos' permanecia inativo, a 'glotta' pronunciava sons. E desde que o que ocorreu foi um fenômeno de sons que procediam não da mente pensante, mas da língua, o Espírito Santo o chama muito apropriadamente de um dom do 'glottai', i.e. um dom de língua ou fenômeno sonoro.

Por último - Em resposta à questão, Como isto deve ser entendido?, oferecemos a seguinte representação: A fala no ser humano é o resultado do seu pensamento; e este pensamento numa condição sem pecado é o refulgir do Espírito Santo. A fala num estado de sem pecado é portanto o resultado de inspiração, inspirar do Espírito Santo.

Portanto, o idioma do homem num estado sem pecado teria sido o produto puro e perfeito de uma operação do Espírito Santo. Ele é o criador da língua humana; e sem a injúria e influência degradante do pecado, a conexão entre o Espírito Santo e o nosso falar teria sido completa. Mas o pecado quebrou esta conexão. A linguagem humana está comprometida: comprometida pelo enfraquecimento dos órgãos da fala; pela separação de tribos e nações; pelas paixões da alma; pelo obscurecimento da compreensão; e principalmente pela mentira que adentrou. Daí aquela distância infinita entre esta linguagem humana pura e genuína a qual, como resultado da operação direta do Espírito Santo na mente humana deveria manifestar-se; e as linguagens empiricamente existentes que agora separam as nações - uma diferença similar àquela entre o Adão glorioso e o Hotentote deformado. {N.T.: Hotentote: quaisquer dos grupos de idiomas

"Khoikhoianos" [fonte: "The American Heritage® Dictionary of the English Language, Fourth Edition. Copyright © 2000"]. Khoikhoianos: povos da África do Sul, encontrados pelos primeiros exploradores Europeus nas áreas mais remotas do interior do país; e que agora vivem ou em assentamentos Europeus ou em reservas oficiais na África do Sul ou na Namíbia. O nome "Khoikhoianos" (significando "homens de homens") é o nome pelo qual eles referem-se a si mesmos; enquanto que a expressão "Hotentote" é o termo adotado pelos exploradores Holandeses (mais tarde Bôeres)..[fonte: www.britannica.com)}.

Mas a diferença não deverá perdurar. O pecado desaparecerá. O que foi por ele destruído será restaurado. No dia do Senhor, quando das bodas do Cordeiro, todos os redimidos entenderão uns aos outros. De que forma? Pela restauração da linguagem pura e original sobre os lábios dos redimidos, a qual nasce da operação do Espírito Santo na mente humana. E daquele evento tão grandioso, ainda porvir, o milagre do Pentecostes é o germe e o começo; assim é que tal milagre teve suas marcas distintivas: No meio da babel das nações, no dia do Pentecostes, foi revelada a única língua, o único idioma humano, cristalino e poderoso, o qual todos um dia falarão, e todos irmãos e irmãs, de todas as línguas e nações compreenderão.

E isto foi operado pelo Espírito Santo. Eles falaram conforme o Espírito Santo lhes dava a fala. Eles falaram uma linguagem celeste para louvar a Deus—não uma linguagem de anjos, mas uma linguagem, um idioma acima da influência do pecado.

Assim é que a compreensão desta linguagem, deste idioma também foi uma obra do Espírito Santo. Em Jerusalém, somente aqueles nos quais houve um operar especial do Espírito Santo é que compreenderam. Os outros não entendiam nada. E em Corinto, a linguagem não foi compreendida pelas massas, mas somente por aquele a quem foi dado do Espírito Santo.

(1). N.T.: a passagem Bíblica citada pelo autor refere-se, no contexto, a quando Jesus Cristo foi até Betânia, por ocasião da morte de Lázaro. A frase "E mesmo agora sei que tudo quanto pedires a

Deus, Deus to concederá" foi pronunciada por Marta, quando encontrou-se com Jesus. Como a presente tradução seja do Inglês para o Português, não foi possível o acesso à obra original (a fim de comprovar se houve algum tipo de erro quando da primeira tradução, do Holandês para o Inglês). A nossa opinião é que, uma vez que a passagem apresentada (João 11:22) não corrobora o enunciado no texto (i.e. o aspecto da doação do Espírito Santo aos apóstolos através dos dons oficiais que os qualificava para o ofício apostólico), quiçá a passagem à qual o autor se referisse fosse João 20:21-22 ("Disse-lhe, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, Eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo")

(²). O autor refere-se ou a pessoas batizadas na infância, instruídas pelos ministros da Palavra nas doutrinas da Igreja e em idade apropriada recebidas na Igreja na confissão da sua fé; ou a pessoas não recebidas na Igreja desta forma, e então no sentido de que a Holanda é uma nação batizada.

Tradução livre: Eli Daniel da Silva
Belo Horizonte-MG, 11 de Março de 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Oitavo - O Apostolado

XXIX. O Apostolado.

"...para que vós também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" - I João 1:3

O apostolado tem o caráter de uma manifestação extraordinária, não vista antes nem depois, na qual descobrimos uma obra própria do Espírito Santo. Os apóstolos foram embaixadores extraordinariamente diferentes dos profetas, diferentes também dos ministros da Palavra de hoje. Na história da Igreja e na história do mundo, eles ocupam uma posição única e têm significado peculiar. Por conseguinte, o apostolado merece uma discussão especial.

Ademais, o apostolado pertence às grandes coisas nas quais o Espírito Santo tem operado. Tudo o que a Escritura Sagrada declara com relação aos apóstolos nos compele a buscar uma explicação das suas pessoas e missão numa obra especial do Espírito Santo. Antes da Sua ascensão Jesus predisse repetidamente que eles seriam as Suas testemunhas somente após tivessem recebido o Espírito Santo numa forma extraordinária. Eles permanecem escondidos em Jerusalém até que esta promessa se cumpra. E quando eles desfraldam a bandeira da cruz em Jerusalém e nos confins da terra, eles apelam para o poder do Espírito Santo como o segredo do seu aparecimento.

O apostolado foi santo, e nós os chamamos de apóstolos santos, não porque eles tivessem alcançado um grau mais elevado de perfeição, mas "santos", no sentido Bíblico de estarem separados, de serem postos à parte, como o Templo e seus utensílios e mobiliário, para o serviço de um Deus Santo.

Muitas coisas deixaram de ser santas por consequência do pecado. Antes que o pecado entrasse no mundo todas as coisas eram santas. A porção da criação que deixou de ser santa encontra-se em oposição àquela que permaneceu santa. Esta última chamamos de Céu; e aquela que foi feita santa, de Igreja. E tudo o quanto pertence à Igreja, ao ser e ao organismo da Igreja, é chamado santo.

Assim é que Jesus pôde dizer aos discípulos que estavam prestes a negá-Lo: "Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado"[João 15:3]. De forma semelhante os membros da Igreja e seus filhos são chamados "santificados"; e nas suas epístolas, Paulo dirige-se a eles como santos e amados: não porque eles fossem sem pecado, mas porque Deus os havia apontado como santos no escopo da Sua santidade, os quais pela Sua graça Ele havia separado do cenário do pecado. Semelhantemente a Bíblia é chamada santa: não para indicar que ela é somente o relato de coisas santas, mas que ela tem sua origem não na vida pecadora do homem, mas no ambiente santo da vida de Deus.

Nós, portanto, confessamos que os apóstolos de Jesus foram separados para o serviço do Reino Santo de Deus, e que eles foram qualificados para o seu chamado pelo poder do Espírito Santo.

Ao omitir a palavra "santo", como muitos o fazem, nós tornamos os apóstolos comuns; nós os consideramos como pregadores ordinários; sem dúvida que num grau acima do nosso, sendo mais ricamente desenvolvidos, especialmente pelo seu contato direto com Cristo, e como testemunhas Suas muito queridos para nós, mas ainda assim ocupando o mesmo nível com outros mestres e ministros da Igreja em todas as épocas. E assim, estará perdida a convicção de que os apóstolos são homens de espécie diferente de todos os demais homens; perdida a realização de que neles apareceu um ministério único e peculiar; perdida também a graciosa confissão de que o Senhor nosso Deus nos deu, através desses homens, graça extraordinária.

E isto explica porque a alguns ministros, quando das ocasiões especiais da instalação, da partida ou do jubileu, são aplicadas expressões apostólicas que não são aplicáveis às suas pessoas, mas exclusivamente aos homens que ocupam posição única e peculiar na

Igreja em todas as terras e em todas as épocas. Por esta razão é que repetimos propositadamente o título de honra, "apóstolos santos", de forma que o significado peculiar do apostolado possa novamente receber o reconhecimento honorável nas nossas igrejas.

Este significado peculiar do apostolado aparece na Bíblia Sagrada de várias formas.

Começamos por referir-nos ao prólogo da Primeira Epístola de São João, no qual, da plenitude do sentido apostólico, o santo apóstolo a nós se dirige. Ele abre sua epístola com a declaração de que eles, os apóstolos do Senhor, ocupam uma posição excepcional com relação à encarnação do verbo. Ele escreve: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalpamos, a respeito do Verbo da vida..."[I João 1:1]. Quem ouviu-A, e quem viu-A, e quem apalpou-A? Todo mundo? Não; os apóstolos o fizeram; pois ele acrescenta enfaticamente: "(pois a Vida foi manifestada, e nós A temos visto, e Dela testificamos, e vos anunciamos a Vida Eterna, que estava com o Pai, e a nós foi manifestada)"[I João 1:2]

E qual era o objetivo desta declaração? Salvar nossas almas? Certamente que também isso, mas era este o objetivo em primeiro lugar. O propósito desta declaração apostólica é trazer os membros da Igreja em conexão com o apostolado. Pois, clara e enfaticamente ele acrescenta: "...isso vos anunciamos, para que vós também tenhais comunhão conosco..."[I João 1:3 - 1ª parte]. E somente após fechar esta conexão, e a comunhão com o apostolado é de fato alcançada, ele diz: "...e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" [I João 1:3 - 2ª parte].

O raciocínio do apóstolo é tão transparente como o vidro. A Vida foi manifestada de tal forma que podia ser vista e tocada. Aqueles que viram-Na e tocaram-Na foram os apóstolos; e eles também declarariam esta Vida aos eleitos. Através desta declaração, é estabelecida a comunhão necessária entre os eleitos e o apostolado. E, como consequência, existe também a comunhão dos eleitos, com o Pai e com o Filho.

Isto pode ser entendido como referindo-se somente ao povo que então vivia; e, no que se refere a Roma, a posição de alguém é,

Bíblia na mão, excessivamente fraca se ele sustentar que este significado mais elevado do apostolado tinha referência somente aos que naquela época viviam, e não na mesma medida também para nós. Verdadeiramente nós, sobre quem o final dos tempos é chegado, devemos manter a comunhão vital com o santo apostolado do nosso Senhor Jesus Cristo. Roma erra ao fazer dos seus bispos os sucessores dos apóstolos, ao ensinar que a comunhão com o apostolado depende da comunhão com Roma: um erro óbvio, a partir do fato de que São João enfática e expressamente conecta a comunhão do apostolado com homens que verdadeiramente viram e ouviram e tocaram Aquele no qual foi manifesto o Verbo da Vida - algo a que nenhum bispo de Roma pode apelar, nos dias presentes. Ademais, São João escreve, distintamente, que esta comunhão com o apostolado deve ser o resultado da declaração do Verbo da Vida pelos próprios apóstolos. E, considerando que a comunhão estabelecida por Roma não o foi pela pregação da Palavra; mas por símbolos sacramentais, ela está em oposição direta para com a doutrina apostólica.

Disto segue-se, contudo, não que Roma erre na idéia, no pensamento fundamental, de que cada filho de Deus deve exercitar a comunhão com o Pai e com o Filho através do apostolado; ao contrário, este é a reivindicação positiva de São João. A solução para este aparente conflito encontra-se no fato de que eles não somente falaram, mas também escreveram: i.e. a sua declaração do Verbo da Vida não ficou restrita ao círculo limitado de homens que aconteceram de ouvi-los; ao contrário, em escrevendo, eles puseram a sua pregação em formas reais e duradouras; eles a enviaram a todas as terras e nações; que, como os apóstolos ecumênicos genuínos, eles pudessem levar o testemunho da Vida a qual foi manifesta, a todos os eleitos de Deus em todas as terras e em todas as épocas.

Assim é que mesmo agora os apóstolos estão pregando o Cristo vivo nas igrejas. As suas pessoas já há muito partiram, mas permanece o seu testemunho pessoal. E esse testemunho pessoal, o qual como um documento apostólico chegou até cada alma em cada terra e em cada época, é o próprio testemunho que mesmo agora é o

instrumento nas mãos do Espírito Santo para trasladar as almas até a comunhão com a Vida Eterna.

E se alguém disser, "Certamente que neste sentido a palavra deles ainda é efetiva; no entanto, ela não mais resulta em comunhão com os apóstolos, e através desta a comunhão com Cristo, mas nos aponta diretamente o Salvador das nossas almas, o que é uma maneira mais simples", então nós nos opomos a esta noção não Bíblica o mais energicamente.

Tal raciocínio ignora o corpo de Cristo e faz vista grossa ao grandioso fato do derramamento do Espírito Santo. Não há a salvação de algumas poucas almas individuais, mas o ajuntar do corpo de Cristo, e naquele corpo cada um que é chamado deve ser incorporado. E em considerando-se que o Rei da Igreja dá o Seu Espírito agora, não para separar pessoas, mas exclusivamente àqueles que estão incorporados, e o insuflar do Espírito Santo neste corpo, e principalmente nas pessoas dos apóstolos, teve lugar no Pentecostes, portando ninguém pode receber na época presente qualquer dom espiritual ou influência do Espírito Santo a menos que esteja em conexão vital com o corpo do Senhor; e aquele corpo é inconcebível sem os apóstolos.

De fato, a Palavra apostólica chega até a alma hoje como o testemunho do que eles viram e ouviram e tocaram do Verbo da Vida. Em virtude deste testemunho, almas são intimamente operadas, e através da sua incorporação no corpo de Cristo, elas tornam-se manifestas. E esta comunhão torna-se manifesta como uma comunhão como o próprio corpo do qual os apóstolos são os líderes, em cujas pessoas e nas pessoas de cujos associados o Espírito Santo foi derramado no dia do Pentecostes.

Nós sabemos que este ponto de vista, ou antes, esta confissão, encontra-se em oposição direta com o ponto de vista do Metodismo, [15] o qual infiltrou-se em todas as classes e condições de pessoas. E os resultados deploráveis tornam-se aparentes em várias formas. O Metodismo matou a apreciação consciente do sacramento; ele é frio e indiferente com relação à comunhão da igreja; ele cultivou um desrespeito ilimitado pela verdade na confissão. [16] E enquanto o Senhor nosso Deus considerou necessário dar-nos uma volumosa

Escritura Sagrada, consistindo de sessenta e seis livros, o Metodismo gabou-se de que poderia escrever o seu Evangelho na face de uma moeda.

Este erro não pode ser superado, exceto se a Palavra de Deus tornar-se novamente nosso Mestre e nós seus dóceis alunos. Então aprenderemos

(1) Não que algumas poucas pessoas isoladas estão sendo resgatadas das inundações de iniquidade, mas que um corpo será redimido.

(2) Que todos os que serão salvos serão incorporados naquele corpo.

(3) Que este corpo tem a Cristo como sua Cabeça e os apóstolos como seus líderes permanentes.

(4) Que no Pentecostes o Espírito Santo foi derramado naquele corpo.

(5) Que mesmo agora cada um de nós experimenta as operações graciosas do Espírito Santo, somente através da comunhão com este corpo.

Somente quando estas coisas forem claras à alma, as palavras gloriosas de Cristo, "E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim"[João 17:20] serão bem compreendidas. Tomadas no sentido corrente, estas palavras não trazem o mínimo conforto para nós; pois então o Senhor orou somente por aqueles que então viviam, que tinham o privilégio de ouvir pessoalmente os apóstolos, e que foram convertidos pelo seu testemunho verbal. Nós nos encontramos completamente excluídos. Mas se esta petição for tomada no sentido acima indicado, como se Cristo dissesse, "Eu não rogo somente pelos Meus apóstolos, mas também por aqueles que através dos seus testemunhos crerão em Mim, agora e em todas as épocas e terras e nações", ela então adquire o escopo mais amplo, e contém uma prece em favor de cada filho de Deus mesmo chamado agora, e dos nossos próprios lares.

Este significado único do apostolado está tão profunda e firmemente plantado no coração do Reino, que quando no Apocalipse de São João nós vislumbramos a Nova Jerusalém, vemos que a cidade tem doze fundações, e nelas os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro-Apocalipse 21:14. Por conseguinte, a importância deles não

é passageira e temporária, mas permanente e incluindo toda a Igreja. E quando suas batalhas tiverem findado e a glória da Nova Jerusalém for revelada, mesmo então, no seu gozo celestial, a Igreja descansará sobre a própria fundação na qual ela foi erigida aqui, e portanto terá, gravados nas suas doze fundações, os nomes dos santos apóstolos do Senhor.

O apóstolo Paulo considera o apostolado tão glorioso e exaltado que na sua Epístola aos Hebreus ele aplica o título de Apóstolo ao Senhor Jesus Cristo, "Pelo que, santos irmãos, participantes da vocação celestial, considerai o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus"[3:1]. O significado é perfeitamente claro. Falando propriamente, é Cristo Ele mesmo chamando e testificando na Sua Igreja. Mas como o raio de luz branca divide-se em muitas cores, também Cristo dá-Se a conhecer aos Seus doze apóstolos, a quem Ele estabeleceu como os instrumentos através dos quais Ele tem comunhão com a Sua Igreja. Assim, os apóstolos não permanecem cada um por si mesmo, mas juntos eles constituem o apostolado, a unidade da qual é encontrada não em Pedro nem em Paulo, mas em Cristo. Se desejássemos compreender todo o apostolado num só, teria de ser Ele no qual está contida a plenitude dos doze-o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Cristo o Senhor.

Até que tenhamos absorvido estas idéias por inteiro e tenhamos vivido nelas, não seremos capazes de compreender as epístolas de Paulo, e apreciar o seu conflito espiritual para manter a honra do apostolado por sua missão divina. Especialmente nas suas epístolas aos Coríntios e Gálatas, ele sustenta este conflito brava e efetivamente; mas de forma tal que o Metodista não pode para tanto ter nem ouvido nem olho. Ele mais como que deplora o zelo do apóstolo, ao dizer: "Se Paulo tivesse insistido menos no seu título e mais humildemente se aplicado à conversão de almas, a sua memória teria sido muito mais preciosa". E deste ponto de vista o Metodista está bem certo. Se o apostolado não tiver significado maior do que quer serem os primeiros mestres e ministros da Igreja, então não pode haver razão pela qual Paulo devesse gastar sua energia lutando por um título sem significado algum.

Mas o fato inegável que a contenda enérgica de Paulo não está de acordo com as opiniões correntes desta época presente devia fazer com que nos opuséssemos à noção de que, 'desde que o seu conflito não se alinha com as nossas opiniões, ele deve estar errado!' e reconhecermos que devemos abandonar - quanto mais cedo melhor - aquela posição a qual não pode ser ocupada sem condenar o apóstolo. Paulo não deve amoldar-se às nossas opiniões, mas as nossas opiniões, sim, é que devem ser modificadas ou alteradas, de acordo com Paulo.

XXX. As Escrituras Apostólicas.

"...e eu penso que também tenho o Espírito de Deus" - I Coríntios 7:40

Vimos que o apostolado tem uma importância extraordinária e ocupa uma posição única. Esta posição tem duas características, quer dizer, ela é temporária, com referência à fundação das primeiras igrejas, e permanente, com respeito às igrejas em todas as épocas.

A primeira deve necessariamente ser temporária, pois o que foi então alcançado não pode ser repetido. Uma árvore pode ser plantada somente uma vez; um organismo somente pode nascer uma vez; o plantio, a fundação ou o estabelecimento da Igreja podia ter lugar somente uma vez. No entanto, esta fundação, este estabelecimento não estava despreparado. Ao contrário, Deus tem tido uma Igreja neste mundo desde o início. Aquela Igreja já foi inclusive uma Igreja mundial. Mas ela caiu em idolatria; e somente uma pequenina igreja remanesceu, no meio de um povo quase que desconhecido-a Igreja em Israel. Quando esta Igreja em particular devia tornar-se uma Igreja mundial, duas coisas foram exigidas:

Primeira, que a Igreja em Israel deixe de lado sua roupagem nacional.

Segunda, que no meio do mundo pagão a Igreja de Cristo apareça, de forma que as duas possam vir a manifestarem-se como a única Igreja Cristã.

Por estas duas coisas a labuta apostólica quase que foi esgotada. No apóstolo Paulo as duas coisas são unidas. Nenhum apóstolo lutou mais zelosamente para desnudar a Igreja de Israel dos

seus trajes Judeus, e nenhum foi mais abundante no plantio de novas igrejas em todas as partes do mundo.

O apostolado tinha, contudo, uma chamada muito mais elevada e extensiva, não somente para aqueles dias, mas também para a Igreja dos tempos. A tarefa para a qual os apóstolos haviam sido ordenados era: dar às igrejas formas fixas de governo para determinar seus caracteres; e proporcionar registros escritos da revelação de Cristo Jesus, para assegurar às igrejas a pureza e a perpetuidade.

Isto é evidente a partir do caráter dos seus trabalhos: pois eles não somente fundavam igrejas, mas também davam a elas ordenanças. Paulo escreve aos Coríntios: "...fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galiléia"[I Coríntios 16:2]. Assim é que eles tinham consciência de possuírem poder, de estarem investidos de autoridade: "...E é isso o que ordeno em todas as igrejas"[I Coríntios 7:17], diz o mesmo apóstolo. Esta ordenança não é como aquela das mesas oficiais da nossa igreja, a qual tem poder para criar regras; ou como um ministro que em nome do concílio anuncia do púlpito certas regulamentações. Não, os apóstolos exerciam autoridade por virtude de um poder que eles conscientemente possuíam em si mesmos, independente de qualquer igreja ou de qualquer conselho de igreja. Pois ele escreveu, após ter dado ordenanças quanto à questão de casamentos: "...segundo o meu parecer, e eu penso que também tenho o Espírito de Deus"[I Coríntios 7:40]. Portanto, o poder e a autoridade para comandar, para legislar e para julgar nas igrejas, estes provinham não da Igreja em si, nem do conselho da igreja, nem do apostolado, mas diretamente do Espírito Santo. Isto é verdade, mesmo no poder para julgar; pois, com relação a uma pessoa incestuosa na igreja de Corinto, Paulo julgou que ele deveria ser entregue a Satã; sentença da qual a execução ele deixou para os anciãos daquela igreja, mas sobre a qual ele tinha determinado por virtude da sua autoridade apostólica: ["Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que cometeu este ultraje" - I Coríntios 5:3].

Neste ponto é notável que Paulo fosse consciente de uma corrente dupla fluindo através das suas palavras: (1) aquela da

tradição, tocando as coisas ordenadas pelo Senhor Jesus durante o Seu ministério; e (2) aquela do Espírito Santo, tocando as coisas a serem decididas pelo apostolado. Pois ele escreveu: "Ora, quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor; dou, porém, o meu parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel"[I Coríntios 7:25]. E novamente, ele disse: "Todavia, aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido"[vv. 10]. E no versículo 12 ele escreveu: "Mas aos outros digo eu, não o Senhor...". A muitos tem parecido que o que Paulo quis dizer foi: "O que o Senhor ordenou, vocês devem manter; mas as coisas impostas por mim são de menor importância e não compulsórias"; - um ponto de vista que simplesmente destruiria a autoridade da palavra apostólica, e que, portanto, deve ser rejeitado. O apóstolo não tem a menor intenção de minar a sua própria autoridade; pois havendo entregue a mensagem, ele expressamente acrescenta: "...e eu penso que também tenho o Espírito de Deus"; o que, em conexão com o mandamento do Senhor, não pode significar nenhuma outra coisa a não ser: "Aquilo que tenho lhes ordenado tem também a mesma autoridade das próprias palavras do Senhor"; uma declaração a qual já estava contida na frase: ".....o meu parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel."[I Coríntios 7:25], i.e. "no meu trabalho de governar as igrejas".

Através dessas ordenanças e regulamentações, os apóstolos não somente deram às igrejas daqueles dias uma forma fixa de vida, mas eles também prepararam o canal que determinaria o curso futuro da vida da Igreja. Eles assim o fizeram de duas formas:

Primeira, em parte, pelas impressões que gravaram, que causaram na vida das igrejas, e as quais nunca foram completamente obliteradas.

Segunda, em parte, e também mais particularmente, por deixarmos por escrito a imagem daquela Igreja, e por selar as características principais dessas ordenanças nas suas epístolas apostólicas.

Ambas estas influências, tanto aquela diretamente na vida das igrejas, e aquela das Escrituras apostólicas, têm cuidado para que a imagem da Igreja não se perca, e que, onde esta imagem esteja em

perigo de tal perda, que pela graça de Deus ela seja totalmente restaurada.

Isto nos leva a considerar a segunda atividade dos apóstolos, através da qual eles agiram sobre a Igreja de todos os tempos, ou seja, a herança dos seus escritos.

Os nossos escritos são o produto mais rico e mais maduro da mente; e a mente do Espírito Santo recebeu sua expressão mais rica, mais plena e mais perfeita quando o Seu pensamento foi colocado em forma documental. A obra literária dos apóstolos merece, portanto, atenção especial.

Quando os apóstolos Pedro e Paulo pregaram o Evangelho, curaram os enfermos, julgaram os indisciplinados, e fundaram igrejas, dando-lhes ordenanças, eles executaram em cada um destes uma obra grande e gloriosa. E ainda assim a importância do trabalho de Paulo quando ele escreveu, por exemplo, a Epístola aos Romanos, em muito ultrapassou o valor das pregações e das curas, além de qualquer comparação possível. Quando ele escreveu aquele livreto, que em panfleto normal não daria mais que três folhas de material impresso, ele executou a maior obra da sua vida. A partir deste pequenino livro, surgiram as influências que mais longe alcançaram. Através deste livro, Paulo tornou-se um personagem histórico.

Com certeza sabemos, que muitos dos nossos teólogos da atualidade invertem esta ordem e dizem: "Estes apóstolos eram homens profundamente espirituais; eles viveram perto do Senhor e adentraram profundamente na mente de Cristo; eles labutaram e pregaram e ocasionalmente escreveram umas poucas cartas, algumas das quais chegaram até nós; todavia este escrever de missivas foi de pouca importância para as suas pessoas"; mas nós protestamos contra toda esta representação, com toda a nossa força. Não, estes homens não foram tais personalidades excelentes que as poucas e ocasionais cartas das suas mãos pudessem dificilmente ter qualquer importância nas suas vidas. Ao contrário, a sua obra epistolar foi o mais importante trabalho de toda a suas vidas; pequena em compasso, mas rica em conteúdo; aparentemente pouco importante, mas na realidade de importância muitíssimo maior, em virtude da sua influência compreensiva e de longo alcance. E desde que os apóstolos não

podem ser considerados como meio idiotas, conhecendo pouquíssimo acerca do futuro da Igreja, e sem dar-se conta do que estavam a fazer, mantemos que um homem com Paulo, havendo completado a sua Epístola aos Romanos, estava realmente consciente do fato de ela ocuparia um lugar proeminente entre os suas obras apostólicas.

Mesmo que embora seja concedido que o apóstolo não estivesse consciente disto, ainda assim isso não altera o fato. Hoje, quando as igrejas fundadas há dezoito séculos atrás já se foram, e a igreja de Roma pode dificilmente ser reconhecida; quando o povo que foi curado ou salvo pelo seu poder maravilhoso já se tornaram poeira, e nenhuma única memória ainda perdura dos seus outros árduos trabalhos; hoje a sua herança epistolar ainda governa a Igreja de Cristo.

Não podemos conceber qual seria a condição da Igreja sem as epístolas de Paulo; se perdêssemos a herança do grande apóstolo, que chegaram até nós através dos nossos pais. O que é que controla a nossa confissão, se não as verdades por ele desenvolvidas; o que é que governa as nossas vidas, se não os mesmos ideais não altamente exaltados por ele? Nós podemos seguramente dizer, com referência à nossa própria Igreja, que sem as epístolas Paulinas a sua forma e aparência inteiras seriam totalmente diferentes.

Assim sendo, nós também somos justificados ao dizer que a objetivação da verdade Cristã nas epístolas apostólicas é o mais importante dos seus trabalhos. Ao invés de chamá-las de "cartas mortas", confessamos que nelas as atividades dos apóstolos alcançaram o seu próprio zênite.

No entanto, sendo que o tema da nossa presente investigação é a obra peculiar do Espírito Santo no apostolado, e não o apostolado em si, consideraremos agora a importante questão: O que é a natureza desta obra?

A nossa escolha encontra-se entre a teoria do processo mecânico, e a do processo natural.

Os que defendem a primeira teoria dizem: "Nada pode ser mais simples do que a obra do Espírito Santo nos apóstolos. Eles tiveram somente que sentar-se, tomar a caneta e a tinta, e escrever o que Ele lhes ditava". Os que advogam o processo natural propõem o caso

dessa forma: "Os apóstolos tinham adentrado mais profundamente na mente de Cristo; eles eram mais santos, mais puros e mais religiosos que os outros homens; portanto eles eram melhor qualificados para serem os instrumentos do Espírito Santo, quem afinal anima e dá vida a cada filho de Deus". Estes são os pontos de vista extremos. De um lado, a obra do Espírito Santo é considerada como um elemento estranho introduzido na vida da Igreja e na dos apóstolos. Qualquer criança em idade escolar, capaz o bastante para escrever um ditado, poderia haver escrito a Epístola aos Romanos tão bem como Paulo o fez. A diferença óbvia de estilo e forma de representação entre as suas epístolas e aquelas escritas por João não provem da diferença de personalidades, mas do fato de que o Espírito Santo propositadamente adotou o estilo e maneira de falar do Seu escriba escolhido, fosse ele Paulo ou João.

O outro extremo considera que as pessoas dos apóstolos respondem pelo assunto Todo; de forma que falar de uma obra do Espírito Santo é somente repetir um termo pio. De acordo com esta visão, a influência da interação pessoal de Cristo teve um efeito educador nos Seus discípulos, o que deixou neles impressão tal acerca da Sua vida que eles foram capazes de entender a Sua Pessoa e objetivos muito melhor que quaisquer outros; daí que tornando-se as mentes melhor desenvolvidas do círculo Cristão daqueles dias, eles adotaram - nos seus escritos - uma certa autoridade apostólica.

Além desses dois extremos, devemos mencionar o ponto de vista de certos teólogos amigáveis que transformam esta teoria do 'natural' num processo 'sobrenatural', mas ainda desenvolvido pela metade. Eles reconhecem, como nós, que existe um operar do Espírito Santo o qual eles também chamam de regeneração, e permitem que a ela seja freqüentemente acrescentado o dom da iluminação. E a partir disso eles argumentam: "Entre os regenerados há alguns nos quais esta obra divina é somente superficial, e outros nos quais Ele opera de maneira mais profunda. Nos primeiros, o dom da iluminação é subdesenvolvido; e nos últimos, ele atinge esplendor maior; e é a esta classe que os apóstolos pertenciam, aqueles que são participantes deste dom no seu grau mais elevado. Devido a esses dois dons, a obra do Espírito Santo alcançou neles tal clareza e

transparência que, ao falar ou ao escrever sobre as coisas do Reino de Deus, eles quase que invariavelmente atingiam a nota certa, escolhiam a palavra mais adequada, e persistiam na direção certa. Desta forma o poder dos seus escritos; e a autoridade quase que compulsória da sua palavra".

Contra estes três oponentes, é nosso desejo apresentar o ponto de vista dos melhores teólogos da Igreja Cristã, os quais, embora aceitando por completo os efeitos da regeneração e da iluminação nos apóstolos, ainda mantêm que a partir desses efeitos, a infalível autoridade apostólica não pode ser explicada; e que a autoridade das suas palavras é reconhecida somente pela confissão incondicional de que estas operações de graça nada mais foram senão as maneiras utilizadas pelo Espírito Santo quando, através dos apóstolos, Ele moldou o Seu próprio testemunho em forma documental, para a Igreja de todos os tempos.

XXXI. Inspiração Apostólica

"Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade..." - João 16:13.

Qual é a natureza da obra do Espírito Santo na inspiração dos apóstolos?

Além das teorias "mecânica" e "natural", as quais são vulgares e profanas, há outras duas, a saber, A Ética e a Reformada.

De acordo com a primeira, a inspiração dos apóstolos difere da vivificação dos crentes somente em grau, não em natureza. Os que elaboraram a teoria Ética apresentam o assunto como se, pela encarnação do Verbo, uma nova esfera de vida foi criada, a qual eles chamam de "Deus-humano". Eles que receberam a vida desta esfera mais elevada são chamados de crentes; outros são incrédulos. Nesses crentes a consciência é gradualmente modificada, iluminada, e santificada. Por conseguinte eles vêem as coisas sob uma luz diferente, i.e., seus olhos são abertos de forma que eles possam enxergar muito do mundo espiritual, do qual os incrédulos nada vêem. No entanto, isto não tem o mesmo resultado em todos os crentes. Os mais favorecidos vêem mais correta e distintamente do que os que são menos favorecidos. E os mais excelentes entre eles,

que possuem esta vida 'Divino-humana' em maior abundância, e olham para as coisas do Reino com maior clareza e distinção, são os homens chamados de apóstolos. Assim é que a inspiração dos apóstolos e a iluminação dos crentes são, em princípio, a mesma coisa, diferindo somente em grau.

As igrejas Reformadas não podem concordar com este ponto de vista. No seu julgamento, o próprio esforço para identificar a inspiração apostólica com a iluminação dos crentes na realidade aniquila a primeira. Eles sustentam que a inspiração dos apóstolos foi inteiramente única em natureza e espécie, totalmente diferente do que a Bíblia chama de iluminação dos crentes. Os apóstolos possuíam este último dom mesmo no seu grau mais elevado, e nós endossamos de coração tudo o que os teólogos Éticos dizem com respeito a isso. Mas, quando tudo tiver sido dito acerca da iluminação, nós sustentamos que a inspiração apostólica não foi nem mesmo tocada; que ela permanece inteiramente fora dela, que não está contida nela, mas é acrescentada a ela; e que a Igreja deve reverenciar a inspiração apostólica como uma obra única, peculiar e extraordinária do Espírito Santo, a qual foi operada exclusivamente nos santos apóstolos.

Assim é que ambos os lados concedem que os apóstolos nasceram de novo, que eles receberam iluminação num grau peculiarmente mais elevado. Mas enquanto os teóricos Éticos mantêm que esta iluminação extraordinária inclui a inspiração, os Reformados sustentam que a iluminação no seu grau mais alto não tem nada a ver com a inspiração, a qual foi única na sua espécie, sem igual, dada somente aos apóstolos; nunca, a outros crentes.

A diferença entre estes dois pontos de vista é óbvia.

De acordo com o ponto de vista ético, as epístolas são os escritos de homens muito religiosos e muito santificados; os pronunciamentos inteligentes de crentes altamente iluminados. E todavia, tudo isso havendo sido dito, eles são, afinal, falíveis; eles podem conter noventa por cento de verdade, bem expressada e acuradamente definida; mas a possibilidade perdura de que os outros dez por cento estejam cheios de erros e falhas. Muito embora haja uma ou mais epístolas, como isto pode nos avaliar, uma vez que não o sabemos? Na realidade, nós nos encontramos sem a mínima certeza

quanto a este assunto. E por esta razão é na realidade concedido que os apóstolos cometeram erros.

Por conseguinte, as igrejas Reformadas não podem aceitar esta representação fascinante; e a consciência dos crentes sempre protestará contra ela. O que esperamos de "santos apóstolos" é essa mesma certeza, confiabilidade, e decisão. Ao ler o seu testemunho, nós queremos confiar nele. Esta certeza, somente, tem sido a força da Igreja em todas as eras. Só esta convicção lhe tem proporcionado descanso. E a Igreja de hoje sente tão instintivamente, que a confiabilidade da Palavra, que é a sua Bíblia, está sendo tirada dela, na medida em que estas teorias que soam tão lindamente separam da palavra apostólica a sua infalibilidade.

Os santos apóstolos aparecem nos seus escritos como tais, e não de outra forma. São João, o mais amado dentre os doze, testifica que o Senhor Jesus lhes deu, como apóstolos, uma rara promessa, ao dizer: "...ele vos guiará a toda a verdade..."[João 16:13], uma palavra que não pode ser aplicada a outros, senão exclusivamente aos apóstolos. E novamente: "Mas o Ajudador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito"[João 14:26]; promessa a qual não foi feita para todos, mas somente para os apóstolos, assegurando-lhes um dom evidentemente distinto de iluminação. Na verdade, esta promessa não foi nada mais do que o dotar-lhes permanentemente com o dom que haviam recebido de forma temporária, quando saíram em sua primeira missão em Israel: "Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós"[Mateus 10:20]

Ademais, o Senhor Jesus não prometeu-lhes somente que a palavra procedente da sua boca seria a palavra do Espírito Santo, mas Ele concedeu-lhes tal poder e tal autoridade pessoais que seria como se o Próprio Deus falasse através deles. São Paulo testifica disso para a igreja de Tessalônica, ao dizer: "Por isso nós também, sem cessar, damos graças a Deus, porquanto vós, havendo recebido a palavra de Deus que de nós ouvistes, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo ela é na verdade) como palavra de Deus..."[I Tessalonissenses 2:13]. E São João nos diz que, tanto antes como

depois da ressurreição, o Senhor Jesus deu poder aos Seus discípulos para operar na terra, no sentido de que a sua palavra teria poder operante para sempre: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos"[João 20:23]; são palavras terríveis e indefensáveis, exceto se forem entendidas como implicando uma concordância perfeita entre as mentes dos apóstolos e a mente de Deus. De similar importância são as palavras de Cristo a Pedro: "...Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu"[Mateus 18:18].

Contudo, ao ler e ponderar sobre estas palavras notáveis e muito significativas, sejamos cuidadosos para não incorrer no erro de Roma, ou, de forma a escapar dele, tornar sem efeito a Palavra de Deus, o que é igualmente perigoso. Pois a Igreja de Roma aplica estas palavras de Jesus aos Seus discípulos, a toda a Igreja como uma instituição; especialmente aquela dirigida a Pedro, fazendo-a referir-se a todos os sucessores de Pedro (os assim chamados) no governo da Igreja de Roma. Se tal for realmente o significado destas palavras, então Roma está perfeitamente certa; então ao Papa está garantido o poder para governar, e os sacerdotes de Roma têm ainda o poder de absolver. A nossa razão para negar que Roma tenha este poder não está na impossibilidade dos homens de tê-lo, pois ele foi dado aos apóstolos; Pedro foi infalível nas suas sentenças 'ex cátedra', e os apóstolos podiam outorgar a absolvição. Mas nós negamos que Roma tenha a menor autoridade para conferir este poder de Pedro ao Papa, ou que dos apóstolos aos seus padres. As passagens Bíblicas não contém, seja no Evangelho segundo São Mateus 16:19 ("dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus") ou no Evangelho segundo São João 20:23 ("Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos"); a mínima prova de tal alegação. E na medida em que nenhum homem tem a liberdade de exercer poder tão extraordinário exceto se puder mostrar as credenciais da sua missão, então nós negamos as qualificações de Roma para exercer-lo seja no Papa ou no

padre, não porque seja impossível, mas porque Roma não pode substanciar suas reivindicações.

Ao mesmo tempo, não caíamos, no transcorrer da nossa contenda com Roma, no erro oposto de depreciar o significado claro e evidente da palavra. Isto é feito pelos teólogos Éticos; pois as palavras às quais Jesus referia-se não recebem justiça enquanto nos recusarmos a reconhecer nos apóstolos um operar inteiramente peculiar, único e extraordinário do Espírito Santo. Nós diluímos as palavras de Jesus e violamos o sentido delas enquanto não reconhecemos que, se os apóstolos ainda estivessem vivos, eles teriam o poder para perdoar-nos dos nossos pecados; e que Pedro, se ele ainda fosse vivo, teria o poder e a autoridade para emitir ordenanças às quais toda a Igreja estaria sujeita. As palavras são tão claras, a qualificação foi outorgada em termos tão definidos que - não pode ser negado - que João podia perdoar pecados, e que Pedro tinha o poder para emitir um decreto infalível. O Senhor disse aos discípulos: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos"; e a Pedro: "o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus".

Assim, ao reconhecer o poder único e extraordinário dos apóstolos, nós imediatamente acrescentamos que este poder foi outorgado somente a eles e a ninguém mais.

Enfatizamos isto em oposição à Roma e àqueles que aplicam as palavras de Cristo, proferidas exclusivamente aos Seus discípulos, a ministros e outros crentes. Nem Roma nem os teólogos Éticos têm o direito de fazê-lo, a menos que possam mostrar que o Senhor Jesus deu-lhes tal direito. Mas eles nunca podem fazê-lo. Cuidado deve ser tomado, portanto, na escolha de textos, provas e citações das Escrituras Sagradas, para certificar-se não somente do que foi dito, mas também a quem foi dito. E assim, o erro relacionado ao apostolado cedo será dirimido; e os crentes verão que os apóstolos ocupam uma posição diferenciada dos outros Cristãos, que as promessas cotadas são de um caráter especial, e que a Palavra do Senhor é mal compreendida, quando inspiração é confundida com iluminação.

Em oposição a estes pontos de vista errados, os quais são Romanos, clericais a princípio, e ao mesmo tempo tendendo fortemente para o racionalismo, nós mantemos a confissão antiga da Igreja Cristã, a qual declara que, como os embaixadores extraordinários de Cristo, os apóstolos ocuparam uma posição única na raça, na Igreja e na história do mundo, e foram investidos de poderes extraordinários, para o que foi necessária uma operação extraordinária do Espírito Santo.

Mas nós não negamos que estes homens nasceram de novo e foram participantes da iluminação celeste; de forma tal que os homens pecadores foram apagados e em seus lugares os novos homens foram neles poderosamente revelados. Mas o seu estado e a sua condição pessoais foram a causa de continuarem pecadores até a hora da suas mortes; daí que a sua autoridade infalível não poderia nunca surgir a partir da condição falível dos seus corações. Mesmo que eles tivessem sido menos pecadores, tal poder não poderia ser assim explicado. E se houvessem eles caído mais profundamente ainda no pecado, tal fato não teria impedido a operação do Espírito Santo com relação ao exercício desta autoridade. É notável que Pedro, quem foi investido com o poder mais elevado, caiu de novo e de novo em grande pecado. Eles eram santos porque eles estavam escondidos em Cristo tal como os outros Cristãos; mas eles eram apóstolos santos não no plano do seu estado e da sua condição espiritual, mas somente em virtude do seu santo chamado e do operar do Espírito Santo, que a eles foi prometido e que a eles foi dado.

Finalmente, surge a questão, se havia uma diferença entre a operação do Espírito Santo nos profetas e nos apóstolos. Respondemos na afirmativa. Os oráculos de Ezequiel são diferentes do Evangelhos segundo São João. A Epístola aos Romanos testemunha uma inspiração diferente daquela das profecias de Zacarias. Indubitavelmente, o livro do Apocalipse prova que os apóstolos também eram suscetíveis a inspiração por visões; o livro dos Atos dos Apóstolos é a evidência de que naqueles dias também houveram sinais maravilhosos; e São Paulo fala de visões e de êxtases. E, todavia, o tesouro coletivo que chegou até nós sob os nomes dos apóstolos, evidencia que a inspiração do Novo

Testamento tem um caráter diferente daquele do Antigo Testamento. E, a principal diferença consiste no maravilhoso fato do derramamento do Espírito Santo.

Os profetas foram inspirados antes do Pentecostes, e os apóstolos após aquela data. Este fato é marcado de maneira tão forte na história da sua missão, que antes dele os apóstolos quedaram-se quietos; enquanto que imediatamente depois dele eles aparecem no seu caráter apostólico perante o mundo. E desde que no derramamento o Espírito Santo veio a habitar no corpo de Cristo, o qual Ele anteriormente estivera a preparar, é óbvio que a diferença de inspiração no Antigo e no Novo Testamentos consiste no fato de que o primeiro foi operado nos profetas 'de fora', com uma influência externa; enquanto que o segundo foi operado nos apóstolos 'de dentro', com uma influência interna, procedendo do corpo de Cristo.

E esta é a razão que os profetas nos passam mais ou menos a impressão de uma inspiração independente da sua pessoal e espiritual; enquanto que a inspiração dos apóstolos solfeja quase que sempre através da vida da alma. É este mesmo fato que oferece ao erro do ponto de vista Ético o seu ponto de partida. Certamente que a pessoa e a sua condição aparecem muito mais à vista, nos apóstolos, do que nos profetas. E todavia em ambos, profetas e apóstolos, a inspiração é aquele inteiramente extraordinário operar do Espírito Santo, pelo qual, de forma para nós incompreensível e para eles nem sempre consciente, eles foram mantidos longe da possibilidade de erro.

XXXII Apóstolos Hoje?

"Não sou eu livre? Não sou apóstolo? Não vi eu a Jesus nosso Senhor? Não sois vós obra minha no Senhor?" - I Coríntios 9:1

Nós não podemos deixar o apostolado sem uma última olhada no seu círculo de membros. É um círculo fechado; e cada esforço para reabri-lo tende a destruir uma característica do Novo Pacto.

E, todavia, este esforço tem sido feito vez após vez. Podemos vê-lo na sucessão apostólica de Roma; na visão Ética gradualmente destruindo a linha de separação entre os apóstolos e os crentes; e na sua forma mais ousada e concreta, entre os Irvingitas [N.T.: seguidores de Edward Irving : 1792-1834].

Os últimos insistem em não somente que o Senhor deu à Sua Igreja um colégio de apóstolos no início, mas que Ele chamou agora um corpo de apóstolos na Sua Igreja, para preparar o Seu povo para a Sua vinda.

No entanto, esta posição não pode ser suportada com muito sucesso. Nem nos discursos de Cristo, nem nas epístolas dos apóstolos, nem tampouco no Apocalipse, encontramos a menor intimação para tal evento. O fim de todas as coisas é mencionado repetidamente. O Novo Testamento freqüentemente repassa os eventos e sinais que deverão preceder o retorno do Senhor. Eles estão gravados tão meticulosamente que mesmo alguns dizem que a data exata pode ser, fixada. E todavia, entre todas essas profecias, não conseguimos descobrir o menor sinal de um apostolado subsequente. No panorama das coisas por vir não há, literalmente, espaço para isso.

Nem tampouco têm os seus resultados feito jús às expectativas desses irmãos. Seu apostolado tem sido um grande desapontamento. Alcançou quase que nada. Veio e se foi, sem deixar sequer um rastro. Não negamos que alguns desses homens fizeram coisas maravilhosas; mas que seja notado, em primeiro lugar, que os sinais operados eram muito muito abaixo daqueles operados pelos apóstolos; em segundo lugar, que um homem tal como o Pastor Blumhardt (*) também operou sinais que grandemente merecem serem notados; terceiro, que a Igreja Católica Romana algumas vezes oferece sinais que não são fingidos nem artificiais; e por último, que o Senhor alertou-nos na Sua Palavra que sinais serão operados por homens que não são Seus. (*) N.T.: O Pastor Johann Christoph Blumhardt foi um pregador Alemão do século 19, no povoado de Mottlingen, na região da Floresta Negra. O Pastor Blumhardt ganhou notoriedade pelas expulsões de demônios e avivamentos que ocorreram na região onde atuava.

Ademais, não nos esqueçamos que os apóstolos dos Irvingitas carecem por completo das marcas do apostolado. Estas eram: (2) um chamado direto do Rei da Igreja; (1) uma qualificação especial do Espírito Santo fazendo-os infalíveis no serviço da Igreja. Estes homens não tem nenhuma delas. Eles realmente nos dizem, de um

chamado seu da boca dos próprios profetas, mas isto é de pouca ou nenhuma valia, pois um chamado de um profeta não é o mesmo que um chamado diretamente de Cristo, e ainda, o nome "profeta" é excessivamente confuso. A palavra "profeta" tem, no livro sagrado, uma aplicação bastante ampla, e ocorre em ambos, tanto num sentido limitado como num sentido geral. No sentido limitado ela envolve a revelação de um conhecimento que a mera iluminação não permite; enquanto que no sentido geral é aplicada a homens pronunciando-se em êxtase santo, para o louvor de Deus. Concedemos que o profetizar, no sentido geral, é um carisma duradouro da Igreja; razão pela qual os reformadores do século dezesseis tentaram reviver este ofício. Se os Irvingitas, portanto, crêem que nos seus círculos a atividade profética foi revivida, não o questionaremos; embora não possamos dizer que os relatos do seu profetizar tenha tido um efeito muito impressionante em nós. No entanto, que seja admitido que o dom foi restaurado; mas mesmo então perguntamos: O que você ganha com isso? Pois não há a menor prova de que esses profetas e profetisas são como os seus predecessores no Antigo Testamento. O oculto de Deus não lhes foi revelado. Se profetas de qualquer forma, então o seu profetizar é meramente um falar para o louvor de Deus num estado de êxtase espiritual.

A inutilidade de um apelo a tais profetas para o suporte deste novo apostolado é evidente. Trata-se meramente do esforço para suportar um apostolado que não há como suportar, por um profetismo igualmente sem suporte.

Nem tampouco deveria ser esquecido que as labutas desses assim chamados apóstolos não têm levado a termo o seu próprio programa. Eles falharam em exercer qualquer influência perceptível sobre o curso de eventos. As instituições por eles fundadas de forma alguma sobrepujaram as muitas novas organizações eclesíásticas testemunhadas por este século. Eles não estabeleceram nenhum novo princípio; suas atividades não manifestaram nenhum novo poder. O que quer que seja que tenham feito carece da marca de uma origem celeste. E quase que todos esses novos apóstolos morreram não como os doze genuínos apóstolos, na cruz ou na estaca, mas nas suas próprias camas, cercados por seus amigos e admiradores.

Mas isto não é tudo. O título de apóstolo pode ser tomado (1) no sentido de ser chamado diretamente por Jesus, na qualidade de um embaixador de Deus; ou (2) num sentido geral, denotando cada emissário enviado por Jesus à Sua vinha; pois o sentido da palavra apóstolo quer dizer 'aquele que é enviado'. Em Atos dos Apóstolos 14:14 Barnabé é chamado de apóstolo ("...os apóstolos Barnabé e Paulo..."): não porque ele pertencesse ao número deles, mas meramente para indicar que ele havia sido enviado pelo Senhor como Seu missionário ou embaixador. No capítulo 13 versículos 1 e 2 do mesmo livro, Barnabé é mencionado antes de Saulo ("Ora, na igreja em Antioquia havia profetas e mestres, a saber: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes o tetrarca, e Saulo. Enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado"), que não é nem chamado pelo seu nome apostólico; o que mostra que este chamado do Espírito Santo tinha somente uma característica temporária, tendo em vista somente esta missão especial. Por esta razão o Senhor Jesus Cristo, da qualidade de Aquele enviado pelo Pai, o grande Missionário vindo a este mundo, o Embaixador de Deus para a Sua Igreja, seu Apóstolo: "Pelo que, santos irmãos, considerai o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus"[Hebreus 3:1].

Se os Irvingitas tivessem chamado de apóstolos os grande reformadores do século dezesseis, ou alguns dos proeminentes líderes da igreja da atualidade, não poderia haver grande objeção. Mas eles não o fizeram. Eles alegam que estes novos apóstolos posicionam-se perante a Igreja numa característica peculiar, no mesmo plano com os primeiros apóstolos, embora empregados diferentemente. E tal não pode ser concedido. Estaria em oposição direta à declaração apostólica na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 4, versículo 9: "Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens"⁽¹⁾. Como poderia São Paulo falar de 'últimos apóstolos', se fosse plano de Deus enviar outros doze apóstolos ao mundo, dezoito séculos mais tarde?

À vista desta palavra positiva do Espírito Santo, nós então direcionamos todos quantos vêm a ter contato com os Irvingitas, a o que a Bíblia diz, com relação a eles que adotam o título de apóstolos, não o sendo: "Pois os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Cristo"[II Coríntios 11:13]. E o Senhor Jesus Cristo testifica à igreja em Éfeso: "Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua perseverança; sei que não podes suportar os maus, e que puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são, e os achaste mentirosos"[Apocalipse 2:2]

A noção de que falsos apóstolos devem ser uma espécie de demônios encarnados não se aplica de forma alguma aos homens calmos, respeitáveis e veneráveis, freqüentemente vistos nos círculos dos Irvingitas. Mas fora dessa noção absurda, e considerando que os falsos profetas do Antigo Testamento muito se aproximavam em semelhança com os verdadeiros que algumas vezes até o próprio povo de Deus era por eles enganado, nós podemos entender que os falsos apóstolos na época de São João podiam ser identificados somente através de um discernimento espiritual mais elevado: e que os pretensos apóstolos do século dezoito, quem por sua similaridade com os doze genuínos chegaram a cegar os olhos daqueles mais superficiais, poderiam ser detectados somente pelo critério da Palavra de Deus. E que a Palavra declara que os doze apóstolos dos dias de São Paulo foram os últimos apóstolos, o que liquida o assunto deste pretenso apostolado.

Este erro dos Irvingitas não é, portanto, tão inocente assim. É fácil de explicar como ele originou-se. A deplorável e miserável condição da Igreja, necessariamente deve possibilitar uma quantidade de grupos dissidentes. E de coração reconhecemos que os Irvingitas enviaram muitos alertas e bem merecidas admoestações à nossa Igreja superficial e dividida. Mas estes bons ofícios de maneira alguma justificam atos que são condenados pela Palavra de Deus; e mais cedo ou mais tarde, aqueles que permitiram-se serem levados pelos seus ensinamentos experimentarão o resultado fatal. Já é manifesto que este movimento, o qual iniciou entre nós sob o pretexto unificar uma igreja então dividida, pelo ajuntar do povo do Senhor, somente alcançou pouco mais do que simplesmente

acrescentar mais um ao já grande número de grupos dissidentes, assim roubando da Igreja de Cristo poderes excelentes, que agora estão sendo destruídos.

Que o apostolado era um círculo fechado, e não uma teoria flexível, é evidente em Atos: "...Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, Para que tome parte neste ministério e apostolado..."[1:25]; e de novo, na palavra de São Paulo aos Romanos: "Pelo qual recebemos a graça e o apostolado..."[1:5]; e novamente, na palavra aos Coríntios: "...porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor"[9:2]; e também na palavra aos Gálatas: "(Porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios)"[2:8]. E novamente, é evidente a partir do fato de que os apóstolos sempre aparecem como os doze; e do seu serem especialmente apontados e instalados por Jesus, ao soprar sobre eles o dom oficial do Espírito Santo; e dos dons e poder excepcionais que, eram conectados com o apostolado. E é especialmente do seu lugar óbvio na vinda do Reino do nosso Senhor Jesus Cristo que o apostolado obtém sua característica definitiva. Pois a Escritura Sagrada ensina que, os apóstolos sentar-se-ão sobre os doze tronos julgando as doze tribos de Israel; e também que a Nova Jerusalém tem "doze fundações nas quais estão escritos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro"[Apocalipse 21:14].

São Paulo nos oferece na sua própria pessoa a prova mais convincente de que o apostolado era um colégio fechado. Se não o fora, a questão quanto a se ele era ou não um apóstolo nunca poderia ter causado discussão. Ainda assim uma grande parte da Igreja recusou-se a reconhecer o seu apostolado. Ele não pertencia aos doze; ele não havia andado com Jesus; como poderia ele ser uma testemunha? Era contra esta argumentação implícita que São Paulo repetidamente levantava sua voz com tal energia e animação. Este fato é a chave para a correta compreensão das suas epístolas aos Coríntios e aos Gálatas. Eles inflamaram-se com zelo santo pela realidade do seu apostolado; pois ele estava profundamente convencido de que ele era um apóstolo tanto quanto São Pedro e os demais. Não em virtude de mérito pessoal; por si mesmo ele não

merecia ser chamado apóstolo-" Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus"[I Coríntios 15:9]; mas antes que o seu ofício apostólico é atacado, ele levanta-se como um leão, pois isto tocava a honra do seu Mestre; quem havia aparecido a ele no caminho para Damasco; não para converte-lo, como geralmente é dito - pois tal não é a obra de Cristo, mas sim a do Espírito Santo - mas para apontá-lo como um apóstolo naquela Igreja a qual ele estava perseguindo.

Quanto à questão, como a adição de São Paulo aos doze é consistente com aquele número, estamos convencidos de que não o nome de Matias, mas que o nome de São Paulo está escrito nas fundações da Nova Jerusalém junto com os nomes dos demais; e que não Matias, mas São Paulo sentar-se-á para julgar as doze tribos de Israel. Como uma das tribos de Israel foi substituída por outras duas, assim também com relação ao apostolado; pois Simeão, que caiu, foi substituído por Manassés e Efraim; e Judas foi substituído por Matias e Paulo.

Nós não diríamos que os apóstolos erraram ao eleger Matias para ocupar a vaga ocasionada pelo suicídio de Judas. Ao contrário, o completar-se o número apostólico não poderia ser adiado até a conversão de São Paulo. A vaga tinha de ser preenchida imediatamente. Mas pode se dizer que quando os discípulos escolheram Matias eles tinham uma concepção muito limitada da bondade do seu Senhor. Eles supunham que no lugar de Judas eles receberiam um Matias, e observem, Jesus deu-lhes um Paulo. Quanto àquele, a Bíblia menciona a sua eleição, e nada mais. Todavia, mesmo que para a Igreja dos tempos posteriores àqueles dias o apostolado sem São Paulo é impensável, e embora seja concedido à sua pessoa o primeiro lugar entre os apóstolos e aos seus escritos a mais alta autoridade entre as Escrituras do Novo Testamento, à pessoa de Matias a eleição para o apostolado deve ter trazido a mais alta honra. O apostolado encontra-se tão alto que o fato de haver sido identificado com ele, mesmo que temporariamente, confere ao nome de um homem um resplendor maior que o de uma coroa real.

(¹) N.T.: o autor, no original, cita a passagem Bíblica como 'last apostles' ('últimos apóstolos') e faz referência à tradução Holandesa da Bíblia. Com as mesmas expressões, há a versão em Inglês "WYC-Wycliffe New Testament" (Novo Testamento - versão Wycliffe) que cita: "And I guess, that God showed us the last apostles..." (E eu acho, que Deus nos mostrou os últimos apóstolos...").

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 14 de Março de 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Nono - As Sagradas Escrituras no Novo Testamento

XXXIII As Sagradas Escrituras No Novo Testamento

"Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" - João 20:31

Após considerarmos o apostolado, discutiremos agora o dom de Deus para a Igreja, ou seja, a Escritura do Novo Testamento.

O apostolado colocou na Igreja um novo poder.

Certamente que todo o poder está no céu; mas aprouve a Deus permitir a descida deste poder na Igreja por intermédio de órgãos e instrumentos, o mais importante dentre os quais é o apostolado. Este órgão foi uma consolação do Confortador, dada à Igreja após Jesus haver ascendido ao céu e foi provisionalmente não para governar a Sua Igreja pessoalmente. Portanto foi uma Igreja deserta, ainda não plantada, e que logo seria dispersa, à qual o Espírito Santo deu o apostolado como uma forma de união, como um mecanismo para sua auto-extensão, e como um instrumento para o seu próprio enriquecimento com o conhecimento completo da elevação da graça. Comissionados pelo Rei da Igreja, os apóstolos foram vivificados pelo Espírito Santo. Como o Rei opera pela Sua Igreja somente através do Espírito, assim também ele proveu para o apostolado operar também através dos elevados poderes do Espírito Santo.

Não era intenção do Senhor que a Sua Igreja devesse começar em ignorância, perambulando em múltiplos erros, e que finalmente a longa jornada terminasse, chegando a uma percepção mais clara da verdade; mas que desde o começo ela devesse encontrar-se na luz do

completo conhecimento. Assim é que Ele deu a ela o apostolado, para que desde o berço da sua existência ela recebesse o brilho completo da graça, e que nenhum desenvolvimento subsequente da Cristandade devesse jamais sobrepujar aquele dos apóstolos.

Este é um fato muito significativo.

Realmente, há desenvolvimento no curso da história, especialmente em doutrina, o qual ainda não cessou, e o qual continuará até o fim. O Rei colocou a Sua Igreja no meio da batalha e de problemas; Ele não permitiu que ela confessasse o Seu nome de uma forma degradante e indolente, mas era após era, Ele a tem compelido a defender aquela confissão contra o erro, contra a má interpretação e contra a hostilidade. É somente nesta batalha que ela tem gradualmente aprendido a exibir cada parte da sua gloriosa herança da verdade. Deus julgará os hereges; mas, apesar de muitos danos, eles afinal prestaram à Igreja este serviço excelente, de compeli-la a despertar do sono que desfrutava nas suas minas de ouro, de explorá-las, e abrir o tesouro que estava escondido.

Por isso a nossa compreensão consciente da verdade é mais profunda do que a dos séculos anteriores. Sempre excelsa! Cada vez mais alta! A busca das coisas santas nunca cessará; mesmo agora que o Senhor cumpre a sua promessa a cada teólogo verdadeiro: "Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis..."[Mateus 7:7]. E no desenvolvimento da consciência da Igreja com relação ao seu tesouro da verdade, o Espírito Santo tem uma obra especial, e aquele que nega isso petrifica a Igreja e está cego para a palavra do Senhor.

Todavia, conquanto seja grandioso o progresso presente e futuro da Igreja, ela nunca possuirá um grão da verdade a mais do que quando cessou o apostolado. O veio de ouro pode agora ser explorado, mas quando morreram todos os apóstolos a própria mina já existia. Nada pode a ela ser acrescentado nem nunca o será; pois ela é completa em si mesma. Por esta razão os grandes homens de Deus, no transcorrer das eras, animaram a Igreja com palavras ousadas, sempre apontaram para trás, para os tesouros dos apóstolos, e sem exceção disseram às igrejas: "O seu tesouro não encontra-se antes de vocês, mas atrás de vocês, e data dos dias dos apóstolos".

E nisto houve misericórdia; qualquer outra disposição não o teria sido. O povo de um ou de dezoito séculos passados tinha as mesmas necessidades espirituais que temos hoje; nada menos do que temos poderia ter-lhes sido satisfatório. Suas feridas são as nossas; o bálsamo de Gileade que nos curou, curou também a eles. Consequentemente, o remédio para almas deve estar pronto para uso imediato. Qualquer demora seria cruel. Assim, não é nem estranho e problemático, mas perfeitamente de acordo com a misericórdia de Deus, que todo o tesouro da verdade salvadora fosse dado à Igreja diretamente no primeiro século.

A missão do apostolado foi alcançar isto. É como a ciência médica neste respeito, a qual progride constantemente no conhecimento de ervas. Mas conquanto grande seja tal progresso, nenhuma nova erva foi produzida. Aquelas que hoje existem, sempre existiram, e sempre tiveram as mesmas propriedades medicinais. A única diferença é que agora sabemos melhor como aplicá-las, do que sabiam nossos ancestrais. De igual forma, desde os dias do apostolado nenhum novo remédio para a cura de almas foi criado ou inventado. De fato, alguns dos poderes então utilizados agora nos são perdidos, e.g., o carisma de línguas. Toda a diferença entre a Igreja daquela época e a de agora é que nós, de acordo com a presente era de pensamentos e de emoções, compreendemos mais profundamente a conexão entre o efeito do remédio e a cura das nossas feridas.

Esta diferença não nos faz mais ricos ou mais pobres. Para o ignorante, é suficiente receber o remédio prescrito, embora ele conheça os ingredientes e efeitos colaterais. No seu mundo esta necessidade não existe. Mas o homem pensador, compreendendo a relação entre causa e efeito, não tem confiança em nenhum medicamento a não ser que ele saiba algo acerca de como funciona. Para ele, este conhecimento é uma necessidade positiva, e para o efeito psicológico é mesmo indispensável.

Tal é igualmente verdadeiro quanto à Igreja de Cristo, ela não tem sido a mesma, nem as suas necessidades o têm sido. O desenvolvimento do nosso conhecimento tem sido tal que cada era tem recebido uma compreensão adaptada para satisfazer as suas necessidades. Mais do que isto: a própria agitação, o próprio ardor da

era tem modificado a necessidade, e tem sido uso de Deus dar um entendimento mas claro da verdade.

E todavia, qualquer que seja o aumento da clareza e da maturidade do conhecimento com relação ao oculto do Senhor durante as épocas, o próprio oculto tem permanecido o mesmo. Nada foi acrescentado a ele. E o mistério do apostolado é que, pelos labores dos seus membros, o oculto do Senhor foi feito conhecido à Igreja, sob a autoridade infalível do divino Inspirador, o Espírito Santo.

Este é o grandioso fato alcançado pelo apostolado: a publicação de todo o oculto do Senhor, através da qual a revelação no Antigo Testamento, a João Batista e a Cristo foi aumentada e trabalhada. Pois completar algo significa acrescentar o que antes lhe faltava; após o que nada mais lhe pode ser acrescentado. E este é o segundo ponto, que enfatizamos.

Através dos apóstolos, a Igreja recebeu algo não possuído por Israel nem mencionado por Cristo. Pois Cristo Ele mesmo declara: "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará"[João 16:12 - 14]. São Paulo falou não menos claramente, ao escrever: "...a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações..."[Romanos 16:25, 26]. E novamente: "E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo "[Efésios 3:9] e também: "...mistério de Cristo, O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas"[Efésios 3:4, 5]. Finalmente, São João declara que os apóstolos testificam do que eles viram com seus próprios olhos, e suas mãos tocaram o Verbo da Vida, o qual estava com o Pai, e o qual é manifesto (I João 1:1,2).

Embora nós não neguemos que o germe do conhecimento salvador foi dado no Paraíso, aos Patriarcas, e a Israel; todavia a

Bíblia ensina distintamente que a verdade foi revelada aos Patriarcas, desconhecida no Paraíso; à Israel, da qual os Patriarcas eram ignorantes; e por Jesus, verdade que era oculta a Israel. De maneira similar, a verdade não declarada por Jesus foi revelada à Igreja pelos santos apóstolos.

Objecções, no entanto, são levantadas contra esta declaração: muitos escritores não crentes deste século têm com freqüência afirmado que não Jesus, mas sim Paulo foi o verdadeiro fundador do Cristianismo, enquanto que outros freqüentemente nos exortam a abandonar a teologia ortodoxa de São Paulo, e retornar aos ensinamentos simples de Jesus; especialmente ao Seu Sermão na Montanha.

E realmente, quanto mais a Bíblia for estudada, mais óbvia parecerá a diferença entre o Sermão na Montanha e a Epístola aos Romanos. Não como se houvesse contradição entre eles, mas nesta forma, de que a última contém elementos da verdade, novos raios de luz, não encontrados no primeiro.

Se alguém se posicionar com objeção às doutrinas dos apóstolos, como o faz a Escola de Groninger, é natural colocar-se os Evangelhos acima das epístolas. Daí o fato de muitos 'meio crentes' ainda aceitarem as Parábolas e o Sermão na Montanha, mas rejeitarem a doutrina da justificação, como ensinada por São Paulo; enquanto que aqueles que desejam romper inteiramente com o Cristianismo inclinam-se a considerar as epístolas Paulinas como o seu real expoente, mas somente para rejeitá-las com todo o Cristianismo Paulino. Para a Igreja do Deus vivo, a qual aceita a ambos, existe nessa tendência profana uma exortação a ter um olho aberto para a diferença entre os Evangelhos e as epístolas, e reconhecer que os nossos oponentes estão certos quando eles a apontam como uma diferença marcante.

Ainda assim, quando nossos oponentes usam a diferença para atacar seja a autoridade da doutrina apostólica ou a própria Cristandade, a Igreja confessa que não há nada de surpreendente nesta diferença. Ambas são partes da mesma doutrina de Jesus, com esta distinção, de que a primeira parte foi revelada diretamente por

Cristo, enquanto que a outra Ele a deu à Sua Igreja indiretamente, através dos apóstolos.

É claro, tanto quanto os apóstolos são considerados como pessoas independentes, ensinando uma nova doutrina com a sua própria autoridade, a nossa solução não resolve a dificuldade. Mas confessar que eles são apóstolos santos, i.e. instrumentos do Espírito Santo através de quem o Próprio Jesus do céu ensinou ao Seu povo, então cada objeção é satisfeita, e não há nem mesmo uma sombra de conflito.

Pois Jesus simplesmente agiu como um pai terreal o faz na educação dos seus filhos, ensinando-os de conformidade com a compreensão deles; e no caso da sua morte, sua tarefa ainda por terminar, ele deixa-lhes instruções por escrito, para serem abertas após a sua partida. Mas Jesus morreu para ressurgir, e mesmo após a Sua Ascensão Ele continuou a viver em contato com a Sua Igreja, através do apostolado. E o que escreveríamos antes da nossa morte, Jesus fez com que fosse escrito pelos Seus apóstolos sob a direção especial do Espírito Santo. Assim as Escrituras do Novo Testamento originam - um Novo Testamento num sentido agora facilmente compreensível.

A exatidão desta representação é provada pelas próprias palavras de Cristo, as quais nos ensinam -

Primeiro, que houveram coisas declaradas aos apóstolos antes da Sua partida, e que houveram coisas não declaradas a eles, porque eles não poderiam suportá-las então.

Segundo, que Jesus declararia aquelas últimas, também, mas através do Espírito Santo.

Terceiro, que o Espírito Santo revelaria estas coisas aos apóstolos, não separadamente de Jesus, mas recebendo-as de Cristo e declarando-as a eles.

XXXIV A Necessidade da Escritura Néo Testamentária.

"Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará

vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro" - Apocalipse 22:18

Se após a Ascensão de Cristo, o destino da Igreja tivesse sido o de viver somente uma vida, e tivesse sido confinada à terra dos Judeus, os santos apóstolos poderiam haver completado a sua tarefa através do ensinamento verbal. Mas desde que o seu destino era o de viver por no mínimo dezoito séculos, e de se estender por todo o mundo, os apóstolos foram compelidos a utilizar-se da comunicação escrita da revelação a qual eles haviam recebido.

Se eles não tivessem escrito, as igrejas da África e da Gália não poderiam ter recebido informação digna de confiança; e a tradição teria perdido sua característica confiável há tempos. A revelação escrita tem, portanto, sido um meio indispensável através do qual a Igreja, durante sua longa e super estendida carreira, tem sido preservada da degeneração e falsificação completas.

No entanto, a partir das suas epístolas, não parece que os apóstolos compreendiam isto de forma clara. Certamente eles não esperavam que a Igreja perduraria neste mundo por dezoito séculos; e quase que todas as suas epístolas têm uma característica local, como se não intencionadas para a Igreja em geral, mas somente para igrejas em particular. E ainda assim, embora eles não o compreendessem, o Senhor Jesus o sabia; Ele tinha assim planejado, de forma que as epístolas escritas exclusivamente para a igreja de Roma foi por Ele intencionada e ordenada, e sem o conhecimento de Paulo, para edificar a Igreja de todas as épocas.

Assim é que duas coisas tinham de ser feitas para a Igreja do futuro:

Primeira, a imagem de Cristo deve ser recebida dos lábios dos apóstolos e ser transmitida por escrito.

Segunda, as coisas das quais Jesus tinha dito, "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras"[João 16:12, 13] devem ser gravadas. Isto é o postulado de toda a matéria. A condição das

igrejas, a sua longa duração no futuro, e a sua extensão no mundo, assim o demandaram.

E os fatos mostram que a provisão foi feita; mas não imediatamente. Tanto quanto a Igreja esteve confinada a um círculo pequeno, e a memória de Cristo era vívida e poderosa, a palavra falada pelos apóstolos foi suficiente. O decreto do Sínodo de Jerusalém foi provavelmente o primeiro documento escrito que deles procedeu. Mas quando as igrejas começaram a estender-se através do mar até Corinto e Roma, e ao norte, até Éfeso e Galácia, então Paulo passou a substituir a palavra verbal por instruções escritas. Este trabalho epistolar foi gradualmente se estendendo, e o exemplo de Paulo seguido. Talvez cada um tenha escrito em turnos. E as estas epístolas foram acrescentadas as narrativas da vida, da morte e da Ressurreição de Cristo e os Atos dos Apóstolos. Por fim, o Rei comandou a João, desde o céu, a escrever num livro a revelação extraordinária dada a ele em Patmos.

O resultado foi um crescimento gradual do número de escritos apostólicos e não apostólicos, provavelmente excedendo em muito aquilo contido no Novo Testamento. Pelo menos as epístolas de Paulo mostram que ele escreveu muitas mais do que agora possuímos. Mas mesmo que ele não nos tivesse informado disso, o fato teria sido suficientemente bem estabelecido; pois é improvável que excelentes escritores tais como Paulo e João não tivessem escrito mais que uma dúzia de cartas durante as suas longas e agitadas vidas. Eles devem ter escrito mais do que aquele número, somente num ano. A controvérsia de tempos passados, sobre a asserção de que nenhum escrito apostólico poderia ter sido perdido era a mais tola, e mostrava pouca consideração com a vida real.

É notável que desta grande massa, um número pequeno de escritos foi gradualmente separado. Uns poucos foram coletados primeiro, então mais foram acrescentados, e arrançados em determinada ordem. Demorou muito antes que houvesse uma uniformidade e um acordo; de fato, alguns dos escritos não foram reconhecidos universalmente até depois de três séculos. Mas apesar do tempo e da controvérsia, a classificação aconteceu, e o resultado foi que a Igreja distinguiu nesta grande massa de literatura duas

partes distintas: de um lado, esta coleção arranjada de vinte e sete livros; e de outro, os escritos remanescentes de origem anterior.

E quando o processo de classificação e separação terminou, e o Espírito Santo tinha levantado testemunhas, nas igrejas, de que este conjunto de escritos constituíam um inteiro, e era, de fato, o Testamento do Senhor Jesus à Sua Igreja, então a Igreja se tornou consciente de que possuir uma segunda coleção de livros sagrados, de autoridade igual à primeira coleção dada a Israel; então o Antigo e o Novo Testamentos foram colocados juntos, os quais unidos formam as Sagradas Escrituras, a nossa Bíblia, a Palavra de Deus.

À questão, Como originou-se a Escritura Néo Testamentária? Nós respondemos sem hesitação, Pelo Espírito Santo.

Como? Ele ordenou a Paulo ou a João: "Sente-se e escreva" ?

Os evangelhos e as epístolas não nos impressionam. Isto sem dúvida aplica-se à Revelação de São João, mas não às demais Escrituras do Néo Testamentárias. Elas antes nos impressionam por haverem sido escritas sem a menor idéia de serem intencionadas para a Igreja em todas as épocas. Os seus autores nos impressionam como havendo escrito para certas igrejas da sua época própria e definida, e que depois de cem anos, talvez nem mesmo um único fragmento dos seus escritos existiria. Eles realmente tinham consciência da ajuda do Espírito Santo no escrever a verdade mesmo na forma que lhes agradava falar; mas que estavam escrevendo partes da Escritura Sagrada, eles certamente não o sabiam.

Quando São Paulo terminou a sua Epístola aos Romanos, nunca lhe ocorreu que, em tempos futuros, a sua carta possuiria, para milhões de filhos de Deus, uma autoridade igual a, ou mesmo maior que aquela das profecias de Isaías ou dos Salmos de Davi. Nem poderiam, os primeiros leitores desta epístola, na igreja de Roma, ter imaginado que depois de dezoito séculos (vinte e um - N.T.) os nomes dos seus principais homens ainda seriam palavras familiares em todas as partes do mundo Cristão.

Mas se São Paulo não o sabia, certamente que o Espírito Santo sabia. Como através da educação o Senhor freqüentemente prepara uma virgem para o seu, ainda desconhecido, futuro marido, assim também o Espírito Santo preparou Paulo, João e Pedro para o seu

trabalho. Ele direcionou as suas vidas, circunstâncias e condições; Ele fez com que pensamentos tais, meditações e mesmo palavras aparecessem nos seus corações, tanto quanto exigido era para o escrever das Escrituras do Novo Testamento. E enquanto eles escreviam estas porções da Escritura Sagrada, que um dia tornar-se-ia o tesouro da Igreja universal em todas as épocas, um fato não compreendido por eles, mas sim pelo Espírito Santo, Ele então direcionava os seus pensamentos para guardá-los de erros, e guiá-los em toda a verdade. Ele previu como a Escritura do Novo Testamento deveria ser quando completa, e que partes a ela pertenceriam. Como um arquiteto, através do serviço dos seus montadores, prepara as diversas partes do seu prédio, para depois serem colocadas e encaixadas nos seus respectivos lugares, assim fez o Espírito Santo, através dos serviços de diferentes trabalhadores, preparou as diferentes partes do Novo Testamento, as quais mais tarde ele uniu num todo.

Pois o Senhor, quem pelo Seu Espírito Santo fez com que houvesse a preparação dessas partes, também é o Rei da Igreja; ele viu estas partes dispersas; Ele guiou homens para cuidarem delas, e crentes para terem fé nelas. E, finalmente, através de homens interessados, Ele ajuntou esses fragmentos dispersos, de modo que gradualmente, de acordo com o Seu decreto real, se originasse o Novo Testamento.

Assim é que não foi necessário que a Escritura Néo Testamentária devesse conter somente escritos apostólicos. Marcos e Lucas não eram apóstolos; e a noção de que esses homens devem ter escrito sob a direção de Paulo ou de Pedro não tem nem prova nem força. O que é a vantagem de escrever sob a direção de um apóstolo? O que dá autoridade divina aos escritos de Lucas não é a influência de um apóstolo, mas que ele escreveu sob a inspiração absoluta do Espírito Santo.

Crendo na autoridade do Novo Testamento; nós devemos reconhecer a autoridade dos quatro evangelistas como sendo perfeitamente igual. Quanto aos conteúdos, o evangelho de Mateus pode sobrepular o de Lucas, e o de João pode exceder ao de Marcos; mas a autoridade dos quatro é igualmente inquestionável. A Epístola

aos Romanos tem um valor mais alto do que aquela a Filemon; mas a autoridade de ambas é a mesma. Quanto às suas pessoas, João situava-se acima de Marcos, e Paulo acima de Judas; mas uma vez que não dependemos da autoridade das suas pessoas, mas somente da autoridade do Espírito Santo, estas diferenças pessoais não são de interesse.

Assim é que a questão não é se os escritores do Novo Testamento eram apóstolos, mas se eles foram inspirados pelo Espírito Santo.

Seguramente aprovou ao Rei conectar o Seu testemunho com o apostolado; pois Ele disse: "Vós sois testemunhas..."[Lucas 24:48]. Por conseguinte sabemos que Lucas e Marcos obtiveram suas informações com relação a Cristo dos apóstolos; mas a nossa garantia da acuracidade e confiabilidade das suas declarações não é a origem apostólica das mesmas, mas a autoridade do Espírito Santo. Portanto os apóstolos são os canais através dos quais o conhecimento dessas verdades fluem de Cristo até nós; mas se este conhecimento nos alcança através dos seus escritos ou através dos escritos de outros, não faz nenhuma diferença. A questão vital é, se os portadores da tradição apostólica foram infalivelmente inspirados ou não.

Mesmo que um escrito fosse endossado pelos doze, isto não constituiria uma prova positiva da sua credibilidade ou autoridade divina. Pois embora eles tivessem a promessa de que o Espírito Santo os guiaria em toda a verdade, isto não exclui a possibilidade de eles incorrerem em erros ou mesmo em não verdades. A promessa não implicava em infalibilidade absoluta, em todos os tempos, mas meramente quando eles agissem como as testemunhas de Jesus. Assim é que a informação de que um documento procede da mão de um apóstolo é insuficiente. Requer-se a informação adicional de que tal documento pertence às coisas as quais o apóstolo escreveu enquanto era uma testemunha de Jesus.

Se, portanto, a autoridade divina de qualquer escrito não depende da sua característica apostólica, mas somente da autoridade do Espírito Santo, segue-se, como ponto pacífico, que o Espírito Santo-é inteiramente livre para ter o testemunho apostólico gravado pelos próprios apóstolos, ou por qualquer outra pessoa; em ambos

casos a autoridade desses escritos é exatamente a mesma. Preferências pessoais estão fora de questão. Tanto quanto diz-se respeito à forma, conteúdo, riqueza e atrativos, podemos distinguir entre João e Marcos, Paulo e Judas. Mas quando toca-se no ponto da autoridade divina ante a qual devemos nos curvar, então, nós não mais levamos em consideração tais distinções, e somente perguntamos: Este ou aquele evangelho é inspirado pelo Espírito Santo?

XXXV. A Característica da Escritura Néo Testamentária

"Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra" - I João 1:4

A partir dos dois artigos precedentes, é evidente que não foi intenção que a Escritura Néo Testamentária ter a característica de um documento notarial. Se tivesse sido esta a intenção do Senhor, nós deveríamos haver recebido algo inteiramente diferente. Teria sido necessário uma evidência legal em dois aspectos:

Em primeiro lugar, a prova de que os eventos narrados no Novo Testamento realmente aconteceram como relatados.

Em segundo, que as revelações recebidas pelos apóstolos estão corretamente comunicadas.

Ambas certificações deveriam ser fornecidas por testemunhas, e.g., para provar o milagre da alimentação dos cinco mil seria requerido:

1. Uma declaração de um número de pessoas, atestando que eles foram testemunhas oculares do milagre.

2. Uma declaração autêntica dos magistrados dos povoados vizinhos, certificando as suas assinaturas.

3. Uma declaração de pessoas competentes para provar que estas testemunhas eram conhecidas como pessoas honestas e confiáveis, desinteressadas e competentes para julgar. Ademais, seria necessário provar por um testemunho apropriado que, entre os cinco mil, havia somente sete pães e dois peixes.

4. Que o aumento do pão teve lugar enquanto Jesus o partia. Na presença de uma quantidade de tais documentos, cada um

devidamente autenticado e selado, pessoas não muito céticas podem achar que é possível crer que o evento ocorreu como narrado no Evangelho.

Para provar este único milagre exigir-se-ia um número de documentos tão volumoso quanto o evangelho inteiro de São Mateus. Se fosse possível assim provar todos os eventos documentados nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, então a credibilidade dessas narrativas seria estabelecida apropriadamente.

E mesmo isto estaria longe de ser satisfatório. Pois a dificuldade ainda persistiria, para provar que as epístolas contém comunicações corretas das revelações recebidas pelos apóstolos. Tal prova seria impossível. Seriam exigidos testemunhos oculares e auditivos dessas revelações; e um número de estenógrafos para gravá-las. E se isso fosse possível, então, concedemos, teria havido, se não a certeza matemática para cada expressão, todavia terreno suficiente para a aceitação do teor geral das epístolas.

Mas quando os apóstolos escreveram-nas, não havia voz audível. E quando uma voz era ouvida, ela não podia ser compreendida, como na revelação a Paulo no caminho para Damasco. O mesmo pode ser dito quanto ao que ocorreu em Patmos: São João realmente ouviu uma voz, mas o ouvir e o compreender as palavras que são por essa voz proferidas requer uma operação espiritual peculiar, a qual faltava ao povo que se encontrava na ilha, ao mesmo tempo.

O fato é, que a revelação do Espírito Santo proporcionada aos apóstolos foi de natureza tal que não podia ser percebida por outros. Por conseguinte, a impossibilidade de provar a sua genuinidade através de evidência notarial. Aquele que insiste nisso deve saber que a Igreja não pode apresentá-la, seja para as narrativas históricas dos evangelhos, ou para os conteúdos espirituais das epístolas.

Fica então evidente que cada esforço para provar a verdade dos conteúdos do Novo Testamento através de evidência externa somente condena-se a si mesmo, e deve resultar na absoluta rejeição da autoridade da Sagrada Escritura. Se um juiz da atualidade devesse condenar alguém ou absolver um acusado com base em uma evidência insignificante, a qual satisfaz muita gente honesta com

referência à Escritura, que tempestade de indignação seria suscitada! A lista completa das assim chamadas evidências quanto à credibilidade dos escritores do Novo Testamento, que eles eram competentes para julgar, dispostos a testemunhar, desinteressados e etc., na realidade não prova nada.

Tais superficialidades podem ser suficientes quando referem-se a eventos corriqueiros, dos quais alguém pode ser: "Eu creio que foi realmente o que aconteceu; eu não tenho razão alguma para duvidar; mas se amanhã for provado o contrário, eu não perco nada com isso". Mas como tais métodos superficiais podem ser aplicados quando refere-se aos eventos extraordinários relatados pela Escritura Sagrada, sobre a certeza positiva da qual dependem os interesses mais elevados meus e dos meus filhos; de forma que, se provados não serem verdades, e.g. o relato da ressurreição de Cristo, nós devêssemos sofrer a irreparável e inestimável perda de uma salvação eterna?

Isto não pode ser; é absolutamente inimaginável. E a experiência prova que os esforços de pessoas tolas para escorar a sua fé com tais provas sempre terminou com a perda de toda a fé. Não, tal tipo de prova é, pela sua própria insignificância, ou indigna de ser mencionada com referência a assuntos tão sérios, ou, se valer alguma coisa, não pode ao menos ser apresentada, nem o deve ser.

Prova matemática ou notarial não pode nem deve ser apresentada, porque a característica e natureza dos conteúdos das Escrituras repelem ou são inconsistentes com tal demonstração.

Nenhum homem pode demandar prova legal para o fato de que o homem a quem ele ama e honra como pai é verdadeiramente seu pai; Deus fez tal forma impossível pela própria natureza do caso. A delicadeza que enobrece toda a vida familiar elimina a própria aparição de investigação tal; e, se fosse possível, o filho, suprido com tal prova, teria ipso facto perdido seu pai e sua mãe; eles não mais seriam seus pais; e sob a pilha de evidências, a sua infância estaria enterrada.

O mesmo princípio aplica-se à Escritura Sagrada. A natureza e o caráter da revelação tem sido de tal forma ordenado que não permite nenhuma demonstração notarial. A revelação aos apóstolos é

impensável, se outras pessoas pudessem tê-la ouvido, gravado e publicado como foi por eles feito. Tratou-se de uma operação de energias santas; não intencionada a compelir duvidosos na direção de uma mera fé exterior, mas simplesmente para alcançar aquilo pelo qual Deus havia enviado, sem preocupar-se muito com a contradição dos céticos. Refere-se a uma obra de Deus a qual nenhuma investigação legal ou matemática pode sondar; a qual manifesta-se no território espiritual onde a certeza se obtém não por demonstrações externas, mas pela fé pessoal de um no outro.

Como a fé, a confiança no pai e na mãe surge não de demonstração matemática, mas do contato com o amor, com a comunhão de vida, e confiança pessoal um no outro, assim também aqui. Uma vida de amor desfraldou-se a si mesma. As misericórdias de Deus vieram descendendo-se até nós em terna compaixão. E cada homem tocado por esta vida divina foi afetado por sua influência, foi tomado por ela, viveu nela, sentiu-se a si mesmo em comunhão compassiva com ela; e, numa maneira imperceptível e incompreendida, obteve uma certeza, muito além de qualquer outra, que ele encontrava-se na presença de fatos, e que estes eram divinamente revelados.

E tal é a origem da fé; não alicerçada em prova científica, pois então não haveria fé alguma; a qual controlou o leitor da Sagrada Escritura de uma maneira inteiramente diferente. A existência da Escritura Sagrada é devida a um ato das misericórdias insondáveis de Deus; e por esta razão a aceitação do homem deve igualmente ser um ato de auto negação e de gratidão absolutas. É somente o coração quebrado e contrito, cheio de gratidão a Deus pela Sua excelente misericórdia, que pode atirar-se nas Escrituras Sagradas como se no seu elemento de vida, e sentir que aqui a segurança real é encontrada, extirpando toda dúvida.

Desse modo, nós devemos distinguir uma operação em três aspectos do Espírito Santo, com referência à fé na Escritura Néo Testamentária:

Primeiro, um operar divino, dando uma revelação aos apóstolos.

Segundo, um operar chamado de inspiração.

Terceiro, um operar, ativo ainda hoje, criando a fé na Escritura, no coração que primeiro não estava disposto a crer.

Primeiro vem a revelação propriamente. Por exemplo, quando São Paulo escreveu seu tratado sobre a ressurreição (I Coríntios 15), ele não desenvolveu aquela verdade pela primeira vez. Provavelmente ele a havia concebido anteriormente, e expandido-a nos seus sermões e correspondência particulares. Assim é que a revelação precede a epístola. Ela pertencia às coisas das quais Jesus tinha dito: "Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade e vos anunciará as coisas vindouras"[João 16:13]. E Paulo recebeu aquela revelação de maneira tal que ele teve a convicção positiva de que assim o Espírito Santo lhe havia revelado, e que assim ele a veria no dia do julgamento.

Mas a epístola ainda não fora escrita. Isto requeria um segundo ato do Espírito Santo - a inspiração. Sem isto, sem a inspiração, o conhecimento de que São Paulo tinha recebido uma revelação seria inútil. Que garantias teríamos de que ele havia compreendido corretamente a revelação e a tinha gravado fielmente? Ele pode ter cometido um erro na comunicação, acrescentando ou suprimindo algo dela, assim transformando-a num registro não confiável. Por conseguinte a inspiração era indispensável; pois através dela o apóstolo foi isentado de erros enquanto ele gravava, anotava, registrava a revelação previamente recebida.

Finalmente, a ligação espiritual deve ser criada unindo a alma e a consciência com as realidades espirituais da infalível Palavra de Deus - positiva convicção de coisas espirituais.

O Espírito Santo realiza isso pela implantação da fé, com as várias preparações que ordinariamente precedem o surgimento do ato de crer. O resultado é uma convicção íntima. Isto não é operado pela referência a Josefo ou a Tácito, i.e. de forma e maneira humanas, mas de uma forma espiritual. O conteúdo das Sagradas Escrituras é trazido à alma. O conflito entre a Palavra e a alma é sentido. A convicção assim operada faz com que vejamos não que a Escritura tenha que dar lugar a nós, mas sim que nós demos lugar à Escritura.

Na discussão da regeneração nós nos referiremos a este ponto de maneira mais aberta. Por ora nos satisfaremos se tivermos obtido sucesso ao mostrar que a existência das Escrituras Néo Testamentárias e a nossa fé não são a obra do homem, mas uma obra na qual somente o Espírito Santo deve ser honrado.

Tradução livre: [Eli](#) [Daniel](#) [da](#) [Silva](#)
Belo Horizonte-MG, 18 de Março de 2003.

VOLUME UM

A Obra do Espírito Santo na Igreja como um Todo

Capítulo Décimo - A Igreja de Cristo

XXXVI. A Igreja de Cristo

"E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade" - I João 5:7

Passamos agora para a discussão da obra do Espírito Santo operada na Igreja de Cristo.

Embora o Filho de Deus tenha tido uma Igreja na terra desde o princípio, todavia as Escrituras distinguem entre a sua manifestação antes e depois de Cristo. Assim como o milho, plantado no chão exista, muito embora ele passe através dos dois períodos de germinação e formação de raízes, e de crescimento e formação de tronco e folhas, assim também a Igreja. No começo oculta no solo de Israel, envolta tal como um bebê nas faixas da sua existência nacional, foi somente no dia do Pentecostes que ela manifestou-se ao mundo.

Não que a Igreja fosse fundada somente no dia do Pentecostes; pois afirmá-lo seria negar a revelação do Pacto Antigo, uma falsificação da idéia de Igreja, e uma aniquilação da eleição de Deus. Nós somente dizemos que naquele dia, no dia do Pentecostes, ela se tornou a Igreja para o mundo.

E nisto o Espírito Santo operou uma obra muito compreensiva. Não na formação da Igreja, contudo, pois aquela foi a obra do Deus Triúno no decreto divino; ou, de maneira mais definida, de Jesus o Rei quando Ele comprou o Seu povo com o Seu próprio sangue.

De fato, o Espírito de Deus regenera os eleitos, a quem Ele não encontra no mundo, mas já na Igreja. Cada representação como se o Espírito Santo ajunte os eleitos e os resgate de um mundo perdido, e

assim os traga para a Igreja, opõe-se à representação das Escrituras Sagradas, da Igreja como um organismo. A Igreja de Cristo é um corpo, e os membros crescem do corpo e não são adicionados a ele externamente, então é que a semente da Igreja deve ser buscada na Igreja, e não no mundo. O Espírito Santo opera somente aquilo o que já está santificado em Cristo. Assim é que na nossa forma de Batismo lê-se: "Crês que embora nossos filhos sejam concebidos e nascidos em pecado, e portanto estejam sujeitos a todas as misérias, à própria condenação; que todavia são santificados em Cristo?"

No entanto, desde que a regeneração pertence à Sua obra no indivíduo, e estamos agora considerando a Sua obra na Igreja como um todo, como uma comunidade, nós direcionamos a nossa atenção, em primeiro lugar, à Sua obra de conceder dádivas espirituais, particularmente aquelas denominadas "charismata". Algumas passagens no Novo Testamento falam de ofertas como aquelas oferecidas a Deus ["Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar..."(Mateus 5:23)]; ou ofertas comunicadas a outros ["...coisas sacrificadas a um ídolo..."(Coríntios 8:7) e "Não que procure dádivas..."(Filipenses 4:17)], e a dádiva da salvação; mas não consideremos estes.

Uma oferta oferecida a Deus é chamada de "doron", no Grego; quando dada a outros, é comumente chamada de "charis"; enquanto que a dádiva da graça é usualmente chamada "dorea". Daí que essas dádivas são distintas daquelas que no momento ocupam a nossa atenção. E esta distinção aparece de maneira mais forte quando comparamos a dádiva do Espírito Santo com os dons espirituais. O próprio Espírito Santo é uma dádiva da graça. Mas quando Ele concede dons espirituais, Ele nos adorna com ornamentos santos. O primeiro refere-se à nossa salvação; o último aos nossos talentos.

Referindo-se à nossa salvação, a Bíblia a chama de um dom gracioso e grátis, geralmente "dorea" no Grego, vocábulo o qual, sendo derivado de uma raiz que significa "dar", denota que nós não éramos merecedores dele (do dom da salvação), não o havendo merecido nem adquirido-o, mas que foi um bem que nos foi dado. São Paulo exclama: "Graças a Deus pelo seu dom inefável", i.e. o dom da salvação [II Coríntios 9:15]. E de novo: "...muito mais os que

recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo"[Romanos 5:17]. E finalmente: "Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo"[Efésios 4:7].

A mesma expressão é usada invariavelmente para o conceder do Espírito Santo: "...e recebereis o dom do Espírito Santo"[Atos 2:38]. E: "...de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios"[Atos 10:45]. Portanto deve ser cuidadosamente notado que isto não tem nada a ver com o assunto em consideração. Quando São Paulo fala de fé como o dom de Deus, ele refere-se à nossa salvação e à obra salvadora de Deus na alma. Mas os dons dos quais falamos agora são inteiramente diferentes. Eles não são para a salvação, mas para a glória de Deus. Eles nos são emprestados como ornamentos, que deveríamos mostrar a sua beleza como talentos para com eles ganharmos outros talentos. Eles são operações adicionais da graça; as quais não podem tomar o lugar da própria obra da graça na salvação, nem confirmá-la, tendo na realidade um propósito completamente diferente. A obra da graça é para a nossa própria salvação, alegria, e crescimento e fortificação; enquanto que as "charismata" nos são dadas para outros. A primeira, implica que recebemos o Espírito Santo; as últimas, que ele nos concede dons.

Falando propriamente, as "charismata" são dadas às igrejas, não às pessoas individualmente. Quando um governante seleciona e treina homens para serem oficiais no exército, é evidente que ele não o faz para o contentamento, para a honra e o engrandecimento daqueles homens, mas para a eficiência e para a honra do exército. Ele pode procurar por homens com talentos para a carreira militar, e treiná-los e instruí-los; mas ele não pode criar tais talentos. Se fosse possível, cada rei qualificaria seus generais com o gênio de um Von Moltke, e cada almirante seria um De Ruyter.⁽¹⁾

Mas Jesus não é assim limitado. Ele é independente; a Ele todo o poder é dado no céu e na terra. Ele pode criar talentos, e livremente concedê-los a quem quer que seja que Lhe aprouver. Portanto, conhecendo o que a Igreja necessita para a sua proteção e fortalecimento, Ele pode suprir cabalmente todas as suas necessidades. O Seu propósito não é meramente enriquecer ou

satisfazer indivíduos, muito menos dar a alguns o que Ele retém de outros; mas com as pessoas assim agraciadas adornar e favorecer toda a Igreja. Não se coloca uma lâmpada sobre a mesa para mostrar à mesa um favor especial ou porque ela seja mais excelente do que a cadeira ou o fogão; mas simplesmente porque assim ela serve ao seu propósito, e todo o cômodo é iluminado. Considerar que as dádivas "charismata" são intencionadas meramente para adornar e beneficiar a pessoa com elas agraciada seria simplesmente tão absurdo quando dizer: "Eu acendo o fogo não para aquecer o ambiente, mas para aquecer o fogão"; e sentir inveja da "charismata" dada a outros na Igreja seria simplesmente tão tolo como se a mesa sentisse inveja do fogão porque nele é que está o fogo.

As "charismata" devem portanto serem consideradas num sentido econômico. A Igreja é uma grande casa com muitas necessidades; uma instituição que tem de ser eficiente através de muitas coisas. Elas (as "charismata") são para a Igreja o que a luz e o combustível são para a casa; não existindo por si só, mas pela família, e para serem deixadas de lado quando os dias são longos e quentes. O mesmo se aplica às "charismata", muitas das quais, dadas à Igreja apostólica, não são de utilidade para a Igreja de hoje em dia.

Estas "charismata" têm indubitavelmente, mais ou menos um caráter oficial. Deus instituiu ofícios na Igreja; não de maneira mecânica, ou dependente de paramentos ou hábitos; tal concepção não espiritual é estranha à Bíblia. Mas da forma como existe divisão de tarefas no exército ou no corpo humano, assim também o há na Igreja.

Tome-se, como por exemplo, o corpo humano. Ele deve ser protegido contra ferimentos; o sangue deve arterial ser transportado até os músculos e nervos; o sangue venoso deve ser oxigenado e purificado; os pulmões devem inalar ar fresco, e etc. Todas essas atividades são distribuídas entre os vários membros do corpo. Os olhos e os ouvidos vigiam; o coração bombeia o sangue; os pulmões providenciam o oxigênio, etc. E esta distribuição não pode ser mudada arbitrariamente. Os pulmões não podem vigiar; os olhos não podem suprir o oxigênio; a pele não pode bombear o sangue. Esta divisão de tarefas não é arbitrária, mas existe através de

consentimento mútuo, nem é uma questão de prazer; mas é divinamente ordenada, e esta ordenança não pode ser ignorada. Por conseguinte os olhos têm o ofício e o dom de manter guarda sobre o corpo; o coração tem o ofício e o dom de circular o sangue no corpo; os pulmões têm o ofício e o dom de prover o corpo com oxigênio; etc.

E o mesmo se aplica à Igreja e cada aspecto. Aquele grande corpo exige o agir de muitos, e de várias coisas para que alcance suas metas. Há a necessidade de direção, de profecia, de heroísmo; devemos ser exercitados, os doentes devem ser curados, etc. E esta grande, mútua tarefa o Senhor a dividiu entre muitos membros. Ele deu ao Seu corpo, a Igreja, olhos, ouvidos, mãos, e pés; e cada um desses membros orgânicos tem uma tarefa peculiar, um chamado, e um ofício.

Portanto ser chamado 'oficial' significa simplesmente ser encarregado por Jesus, o Rei, com uma tarefa definida. Você fez um trabalho. Muito bem, mas como? Por impulso, ou em obediência ao comando dAquele que o enviou? Isto faz toda a diferença. O Rei pode enviar-nos de maneira comum, ordinária, ou de uma forma extraordinária. Zacarias era um sacerdote da linhagem de Abias; mas o seu filho João foi o arauto de Cristo por uma revelação extraordinária. Os Levitas serviam por direito de sucessão; o profeta porque ele era escolhido por Deus. Mas isto não faz nenhuma diferença; chamado de uma forma ou de outra, o ofício permanece o mesmo, tanto quanto tenhamos a certeza de que Jesus nos chamou e ordenou.

Por este motivo os nossos pais falaram com devoção, de um ofício de todos os crentes. Na Igreja de Cristo não há meramente alguns oficiais e uma massa de desocupados, pessoas indignas, mas cada crente tem um chamado, uma tarefa, um fardo vital. E na medida em que estivermos convencidos de que executamos a tarefa porque o Rei designou-a a nós não por nós mesmos, tampouco por qualquer razão filantrópica, mas para servir à Igreja, então nesta dimensão o nosso trabalho tem uma característica oficial, embora o mundo nos negue a honra.

XXXVII. Dons Espirituais

"Mas procurai com zelo os maiores dons. Ademais, eu vos mostrarei um caminho sobremodo excelente"-I Coríntios 12:31

A "charismata" ou dons espirituais são os meios e poderes divinamente ordenados através dos quais o Rei capacita a Sua Igreja para a execução da sua tarefa na terra.

A igreja tem um chamado no mundo. Ela está sendo violentamente atacada não somente pelos poderes deste mundo, mas muito mais pelos poderes invisíveis de Satã. Não há trégua. Negando que Cristo venceu, Satã acredita que o tempo lhe concedido pode ainda trazer-lhe vitórias. Por isso a sua raiva e fúria incansáveis, seus incessantes ataques contra as ordenanças da Igreja, seu esforço constante para dividi-la e corrompê-la, e a sua sempre repetida negação da autoridade e majestade de Jesus na Sua Igreja. Embora ele nunca alcançará o sucesso completo, ele o tem até determinado ponto. A história da Igreja em cada país assim o mostra; prova que uma condição satisfatória da Igreja é altamente excepcional e de curta duração, e que para oito em cada dez séculos o seu estado é triste e deplorável, motivo de vergonha e de tristeza para o povo de Deus.

E todavia em toda essa batalha, a Igreja tem um chamado a cumprir; uma tarefa designada, para executar. Pode, às vezes, consistir em ser moída como o trigo, como foi no caso de Jó, para mostrar que por virtude da oração de Cristo a fé não pode destruída no seu íntimo. Mas qualquer que seja a forma da tarefa, a Igreja sempre necessita de poder espiritual para executá-la; um poder que ela não tem em si mesma, mas que precisa ser provido pelo Rei.

Cada meio propiciado pelo Rei para a execução da Sua obra é um carisma, um dom da graça. Daí a conexão interna entre obra, ofício, e dom.

Consoante, São Paulo escreveu: "A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum", i.e. para o bem geral [I Coríntios 12:7]. E, novamente, de maneira ainda mais clara: "Assim também vós, já que estais desejosos de dons espirituais, procurai abundar neles para a edificação da igreja"[I Coríntios 14:12]. Daí a petição, "Venha a nós o Teu Reino", petição esta que o

Catecismo de Heidelberg interpreta: "Governa-nos, pela Tua palavra e pelo Teu Espírito, de tal maneira que mais e mais nos submetamos a Ti. Sustenta e faz crescer a Tua Igreja. Destrói as obras do Diabo, todo poder que se levanta contra Ti a todos os ímpios esquemas planejados contra a Tua Santa Palavra, até a vinda completa do Teu reino, em que Tu serás tudo em todas as coisas"[Catecismo de Heidelberg, pergunta nº 123].

É errado, portanto, considerar a vida de crentes individuais demasiadamente por si mesma, separando-a da vida da Igreja. Eles não existem a não ser em conexão com o corpo, e assim eles tornam-se participantes dos dons espirituais. Neste sentido o Catecismo de Heidelberg confessa a comunhão dos santos: "Primeiro, que todos os crentes e cada um deles, como membros do Senhor Jesus Cristo e de todos os seus tesouros e dons, têm uma comunidade. Segundo, que cada um deve saber que está obrigado a usar seus dons livremente e com alegria para benefício e bem-estar dos outros membros"[Catecismo de Heidelberg, pergunta nº 55]. A parábola dos talentos tem o mesmo objetivo; pois o servo que com o seu talento falhou em não prover benefício a outros, recebe um julgamento terrível. Mesmo o talento escondido deve ser exercitado, deve ser movimentado, como escreveu São Paulo; não para que nos vangloriemos ou para alimentarmos o nosso orgulho, mas porque ele (o talento) é do Senhor e designado para a Igreja.

São João tendo escrito: "Ora, vós tendes a unção da parte do Santo, e todos tendes conhecimento"[I João 2:20], e "...não tendes necessidade de que alguém vos ensine..."[I João 2:27] não significa dizer que cada crente individual possui a unção completa, e que em virtude disso ele conhece todas as coisas. Pois se assim o fosse, quem não desprezaria a salvação, ou ousaria dizer: "Eu tenho a fé"? Ademais, como poderia a declaração "não tendes necessidade de que alguém vos ensine" ser reconciliada com o testemunho do mesmo apóstolo, de que o Espírito Santo qualifica mestres apontados pelo próprio Jesus? Não o crente individual, mas a Igreja como um corpo é que possui a unção completa dAquele que é Santo e que conhece todas as coisas. A Igreja como um corpo não necessita que ninguém venha de fora para ensiná-la; pois ela possui todo o tesouro da

sabedoria e do conhecimento, estando unida com a Cabeça, que é o reflexo da glória de Deus, em quem habita toda a sabedoria.

E isto aplica-se não à Igreja de uma época, de um período, mas à igreja de todos os tempos, de todas as eras. A Igreja de hoje é a mesma que no tempo dos apóstolos. A vida então vivida é a vida que anima a Igreja atualmente. Os ganhos de dois séculos atrás pertencem ao tesouro da Igreja, bem como aqueles recebidos hoje. O passado é o seu capital. A revelação gloriosa e maravilhosa recebida pela Igreja do primeiro século foi data, através dela, à Igreja de todas as épocas, e ainda é efetiva. E toda a força espiritual e discernimento, a graça íntima, a consciência clara, recebidas no decurso das eras não estão perdidos, mas formam um tesouro acumulado, aumentado ainda mais pelos acréscimos sempre renovados de dádivas espirituais.

Aquele que compreende e reconhece este fato sente-se enriquecido, e realmente abençoado. Pois esta visão apostólica do assunto nos faz sentirmos agradecidos pelos dons do nosso irmão, o qual caso contrário poderíamos invejar; na medida em que estes dons não nos empobrecem, mas nos enriquecem. Segundo o homem natural, cada um sentirá ciúmes dos dons do seu irmão e temerá que os talentos dele superarão os seus próprios. Mas não é assim entre os servos do Senhor. Eles sentem que juntos servem a um Senhor a uma congregação, e louvam a Deus por proporcionar-lhes a todos, o que exigem a liderança e a alimentação. Num exército, aquele na artilharia não se sente enciumado daquele na cavalaria, pois sabe que ele lhe será proteção na hora de perigo.

Mais ainda, este ponto de vista apostólico exclui o isolamento; pois ele cria a necessidade de comunhão também com os irmãos distantes, mesmo que trilhem caminhos mais ou menos incongruentes. É impossível, Bíblia na mão, alguém limitar a Igreja de Cristo à sua própria comunidade. Ela está em todos lugares, em todas as partes do mundo; e qualquer que seja sua aparência externa, freqüentemente mutável, muitas vezes impura, ainda assim os dons, recebidos onde quer que seja, aumentam as nossas riquezas.

Este ponto de vista apostólico também é contra a noção insensata de que por dezoito séculos a Igreja não recebeu nenhum dom, qualquer que seja; e que por conseguinte, como na Igreja

primitiva, cada um de nós deve tomar a sua Bíblia e formular a sua própria confissão. Aquele ponto de vista faz de cada um tão intensamente consciente da comunhão de dons espirituais que ele não pode deixar de considerar o tesouro da Igreja, acumulado durante os séculos. Na realidade, a Igreja de Cristo tem recebido tão grande abundância de dons espirituais; e hoje nós temos a disposição não somente dos dons em nossa própria cidade, mas de todos aqueles concedidos às igrejas em quaisquer outros lugares, e do capital histórico acumulado durante dezoito séculos.

Portanto o tesouro de cada igreja em particular pode ser considerado de três formas: Primeira, a "charismata" no seu próprio círculo; Segunda, aqueles dados a outras igrejas; e Terceira, aqueles recebidos desde os dias dos apóstolos.

De acordo com a sua natureza, estes dons espirituais podem ser divididos em três classes: os oficiais, os extraordinários e os ordinários.

São Paulo diz: "Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; a outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o dom de discernir espíritos; a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação de línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer." [I Coríntios 12:8 - 10]. De forma similar o apóstolo escreve à Igreja em Roma: "De modo que, tendo diferentes dons segundo a graça que nos foi dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com zelo; o que usa de misericórdia, com alegria" [Romanos 12:6 - 8].

Dessas passagens é evidente que entre estas "charismata" São Paulo atribui o primeiro lugar aos dons relativos ao serviço ordinário da Igreja pelos seus ministros, anciãos (N.T.: presbíteros), e diáconos. Pois por profecia São Paulo designa pregação animada, na qual o pregador sente-se ele próprio encorajado e inspirado pelo Espírito Santo. Com "ensinar" ele quer dizer a catequese comum. A

expressão "Ministro" refere-se ao gerenciamento das questões temporais da Igreja. "Dar" tem referência ao cuidado para com os pobres e miseráveis. "O que preside" refere-se aos oficiais a cargo do governo da Igreja. Estes são ofícios ordinários, envolvendo o cuidado dos assuntos espirituais e temporais da Igreja.

Então segue-se uma série diferente de "charismata", ou seja, línguas, curas, discernimento de espíritos e etc. Estes dons não oficiais dividem-se em duas classes - aqueles que fortalecem os dons da graça salvadora, e aqueles distintos da graça da salvação.

Os primeiros são, por exemplo, fé e amor. Sem fé ninguém pode ser salvo. Ela é, portanto, porção de todos os filhos de Deus, e como tal não é um "Charisma", mas um "doron". Mas enquanto todos têm fé, Deus é livre para permitir que ela se manifeste mais fortemente em um que em outro. Com relação a um grau de fé a Bíblia diz: "...Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa"[Atos 16:31]; e de outro: "...se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível"[Mateus 17:20]. O primeiro opera internamente, o outro, externamente. Por esta razão São Paulo escreveu não somente de ministérios e dons, mas também de "operações", as quais consistem num exercício mais vigoroso da graça a qual o crente, na qualidade de crente, já possui. Onde a fé de muitos desvanece, o Senhor freqüentemente concede extraordinárias manifestações de fé a alguns, para assim aliviar e confortar aos outros. O mesmo é verdadeiro quanto ao amor, o qual também é porção de todos, mas não no mesmo grau de efeito. E onde o amor de muitos se torna frio, o Senhor algumas vezes o acende em uns poucos até tal ponto que outros o vêem e são provocados a um santo ciúme.

Além desses "charismata" ordinários, os quais são somente manifestações mais enérgicas do que cada crente possui no seu íntimo, o Senhor também deu à Sua Igreja dons extraordinários, operando em parte no terreno espiritual e em parte no terreno físico. No grupo dos dons que operam no terreno físico estão o domínio próprio e a cura dos doentes. Dos dons que operam no terreno espiritual, Cristo fala, como registrado em Mateus 19:12, quando Ele chama tais pessoas de "...eunucos por causa do reino dos céus...". São

Paulo diz que pelo bem do irmão mais fraco ele se absterá de carne [("...nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize.") - I Coríntios 8:13]; e novamente, que subjuga o corpo, trazendo-o à submissão [("Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à submissão...") - I Coríntios 9:27]. O "Charisma" da cura refere-se ao dom glorioso de curar os doentes: não somente aqueles que sofrem de doenças nervosas e distúrbios psicológicos, que são mais suscetíveis a influências espirituais, mas também aqueles cujas doenças estão inteiramente fora do terreno espiritual.

De uma natureza inteiramente diferente são os "charismata" extraordinários, puramente espirituais, dos quais São Paulo menciona cinco: sabedoria, conhecimento, discernimento de espíritos, línguas e sua interpretação. Estes também podem ser divididos em duas classes, na medida em que os três primeiros são também encontrados, embora numa forma diferente, fora do Reino de Deus; e os dois últimos, que apresentam um fenômeno inteiramente peculiar, dentro do Reino. Sabedoria, conhecimento e discernimento de espíritos existem até mesmo entre os ímpios, e são muito admirados por aqueles que rejeitam a Cristo. Mas aqueles dons naturais aparecem na Igreja numa forma diferente. O "charisma" da sabedoria capacita alguém, sem muita investigação, com grande clareza e tato, a entender condições e oferecer conselhos sensatos. O conhecimento é um "charisma" pelo qual o Espírito Santo capacita alguém para adquirir uma profunda percepção acerca dos mistérios do Reino. O discernimento de espíritos é um "charisma" através do qual alguém pode discernir entre os genuínos espíritos manifestados de Deus e aqueles que só fingem sê-lo. O "charisma" de línguas já foi por nós discutido longamente, no artigo vigésimo oitavo.

As "charismata" agora existentes na Igreja são as que referem-se ao ministério da Palavra: a "charismata" ordinária do aumentado exercício de fé e de amor; aquelas da visão; conhecimento e discernimento de espíritos; a do domínio próprio; e finalmente, a de curar os doentes sofrendo de doenças nervosas e psicológicas. As outras, no momento, estão inativas.

XXXVIII. O Ministério da Palavra

"...ele vos guiará a toda a verdade..." - João 16:13

Consideremos agora a segunda atividade do Espírito Santo na Igreja, a qual preferimos designar como o Seu cuidado para com a Palavra. Nisto nós distinguimos três partes, a saber: o Selo, a Interpretação, e a Aplicação da Palavra.

Em primeiro lugar, é o Espírito Santo quem sela a Palavra. Isto tem referência ao "testimonium Spiritus Sancti", do qual nossos pais costumavam falar e pelo que eles entendiam a operação através da qual Ele cria nos corações dos crentes a convicção firme e duradoura referente à autoridade divina e absoluta da Palavra de Deus.

A Palavra é, se assim podemos nos expressar, uma filha do Espírito Santo. Ele a trouxe à vida. Nós a devemos inteiramente à Sua atividade peculiar. Ele é o seu "Auctor Primarius", isto é, o seu Autor Principal. E assim, não pode parecer estranho que Ele exercitasse aquele cuidado maternal para com a criança do Seu próprio parto, cuidado esse através do qual Ele a capacita para alcançar o seu destino. E este destino é, em primeiro lugar, ser aceita e crida pelos eleitos; em segundo, ser por eles compreendida; e por último, ser vivida por eles; três operações que são sucessivamente efetuadas neles, nos eleitos, pelo selo, pela interpretação e pela aplicação da Palavra. O selo da Palavra acende a "fé"; a interpretação provoca a "correta compreensão"; e a aplicação efetua o "viver" a Palavra.

Nós mencionamos o selo da Palavra primeiro, pois sem fé na sua autoridade divina ela não pode ser a Palavra de Deus para nós.

A questão é: Como vimos a ter um contato e comunhão reais com a Sagrada Escritura, a qual, como um mero objeto físico, se encontra perante nós?

Nos é dito que ela é a Palavra de Deus; mas como tal fato pode tornar-se a nossa firme convicção? Isto não pode ser obtido por investigação. Na verdade, deveria ser reconhecido que quanto mais alguém investiga a Palavra mais ele perde a sua fé simples e como que infantil nela. Não pode nem mesmo ser dito que a dúvida criada por um questionamento superficial será dirimida por uma pesquisa mais aprofundada; pois mesmo o escrutínio profundo de homens

sérios e cuidadosos não teve outro resultado senão o aumento dos pontos de interrogação.

Não podemos, desta forma, examinar o conteúdo das Escrituras sem destruí-los nós mesmos. Se alguém deseja aprender acerca do conteúdo de um ovo, ele não precisa quebrá-lo, pois assim fazendo ele o transforma, e o ovo já não é mais ovo; mas ele deve perguntar àqueles que conhecem, que sabem acerca do ovo. De igual forma, nós podemos aprender sobre as verdades das Escrituras somente através do selo (do Espírito Santo) e de e comunicação externa.

Pois suponhamos que o último veredicto da ciência confirmará finalmente a autoridade divina da Bíblia, como nós firmemente cremos que acontecerá; no que aquilo nos beneficiaria na nossa presente necessidade espiritual, uma vez que na nossa vida muito curta a ciência não alcançará aquele veredicto final? E mesmo se daqui a trinta ou quarenta anos nós pudéssemos presenciá-lo, de que benefício isso seria para a minha presente agonia? E mesmo se essa dificuldade pudesse ser removida, ainda assim perguntaríamos: Não é cruel dar segurança espiritual somente para os catedráticos Gregos e Hebreus? Não vêem nem entendem, então, os homens todos, que a evidência da autoridade divina da Bíblia deve vir-nos de tal forma que a senhora idosa mais simples, no mais humilde casebre possa vê-la tão bem quanto eu o posso?

Assim é que toda investigação, aprendida como a base para a convicção espiritual, está fora de questão. Aquele que o nega abusa das almas e introduz um clericalismo ofensivo. Pois qual é o resultado? A noção de que os não estudados, os não acadêmicos não podem ter segurança por si mesmos; que é para isso que existem ministros; eles estudaram o assunto; eles devem saber, e o cidadão comum deve acreditar na sua autoridade.

O absurdo desta noção é simples. Em primeiro lugar, os cavalheiros estudados são freqüentemente os que têm as maiores dúvidas. Em segundo, um ministro quase sempre contradiz o que um outro apresenta como a verdade. E, em terceiro, a congregação, tratada como menor, é entregue novamente ao poder de homens, um fardo lhe é imposto, o qual os nossos pais não puderam suportar; e o

erro é cometido, de tentar provar o testemunho de Deus por aquele de homens.

Se devemos suportar um fardo, então que se nos dê dez vezes aquele de Roma, ao invés de o dos acadêmicos, dos eruditos; pois embora Roma coloque homens entre nós e a Bíblia, eles pelo menos falam com uma só voz. Todos eles repetem o que o Papa lhes designou, e a sua autoridade encontra-se baseada não na sua erudição, mas na sua pretensa iluminação espiritual. Assim é que os sacerdotes Católicos Romanos não se contradizem. Nem é o seu ensino a fantasia de um aprendizado defeituoso, mas o resultado de um desenvolvimento mental que Roma alcançou nos seus mais excelentes homens, e isto em conexão com o labor espiritual de muitos séculos.

De todo o clericalismo, aquele de característica intelectual é o mais intragável; pois alguém é sempre silenciado com a observação, "Você não sabe Grego", ou, "Você não lê em Hebreu"; enquanto que o filho de Deus sente irresistivelmente que nos assuntos que dizem respeito à eternidade, os idiomas Grego ou Hebreu não podem ter a última palavra. E isto sem contar o fato de que para uma quantidade desses eruditos, o Professor Cobet responderia: "Meu caro senhor, o senhor mesmo ainda sabe Grego?" Do parco conhecimento do idioma Hebreu na maioria dos casos, é melhor nem falar.

Não, dessa forma nós nunca chegaremos lá. Para fazer a divina autoridade da Bíblia Sagrada real para nós, não precisamos de um testemunho humano, mas de um testemunho divino, igualmente convincente ao mais humilde e ao mais erudito - um testemunho que não pode ser jogado como pérolas aos porcos, mas ser limitado àqueles que podem conseguir dele a mais nobre das frutas, a saber, àqueles que são nascidos de novo.

E este testemunho não deriva do Papa e dos seus sacerdotes, nem da faculdade de teologia com os seus ministros, mas somente vem com o selo do Espírito Santo. Por isso é que é um testemunho divino, e como tal para toda contradição e silencia toda dúvida. É um mesmo testemunho para todos, pertencendo tanto ao lavrador no campo como ao teólogo no seu estudo. Finalmente, é um testemunho

que somente recebem aqueles que odeiam olhos abertos, de modo que podem enxergar espiritualmente.

No entanto, este testemunho não opera como que por mágica. Ele não faz com que a mente confusa do não crente de repente grite em alta voz: "Certamente que a Bíblia é a Palavra de Deus!" Se fosse este o caso, o caminho dos entusiastas estaria aberto, e a nossa salvação dependeria novamente de uma pretensa percepção espiritual. Não, o testemunho do Espírito Santo opera de forma completamente diferente. Ele começa por trazer-nos em contato com a Palavra, seja pela nossa própria leitura ou pela comunicação de outros. Então Ele nos mostra o retrato do pecador de acordo com a Bíblia, e a salvação que misericordiosamente o redimiu; e finalmente, Ele faz com que ouçamos o cântico de louvor nos seus lábios. E após termos visto isso de forma objetiva, com o olho do entendimento, Ele então opera tanto sobre os nossos sentimentos que começamos a enxergar a nós mesmos naquele que canta, e a sentir que a verdade da Bíblia nos diz respeito diretamente. Finalmente, Ele toma conta da vontade, fazendo operar em nós o próprio poder visto na Bíblia . E quando assim o homem por completo, mente, coração e vontade, tenha experimentado o poder da Palavra, então Ele acrescenta a isto a operação compreensiva da afirmação, através da qual a Escritura Sagrada, mergulhando em esplendor, começa a cintilar ante os nossos próprios olhos.

Nossa experiência é como aquela de alguém que, da janela de um aposento bem iluminado, olha para fora, para o por do sol. A princípio, devido à claridade dentro do aposento, ele nada consegue ver. Mas apagando a luz e olhando novamente, ele gradualmente distingue formas e figuras, e após um momento ele aprecia o suave crepúsculo. Apliquemos isto à Palavra de Deus. Enquanto a luz do nosso próprio discernimento brilhar através da alma, nós, olhando pela da janela da eternidade, falhamos em perceber qualquer coisa. Tudo está envolto em trevas espessas. Mas quando finalmente prevalecemos sobre a nossa própria vontade e extinguimos aquela nossa luz interior, e olhamos novamente, então vemos um mundo divino gradualmente emergindo da escuridão, e, para a nossa

surpresa, onde a princípio víamos nada, agora vemos um mundo glorioso, banhado em luz divina.

E assim os eleitos de Deus obtêm uma firme segurança com relação à Palavra de Deus, que nada pode abalar, a qual nenhum aprendizado poderá roubá-los. Eles permanecem firmes como uma muralha. Eles estão fundados sobre uma rocha. Os ventos podem uivar e as torrentes de água descenderem, mas eles não temem. Eles permanecem na sua fé indestrutível, não somente como o resultado da primeira operação do Espírito Santo, mas porque Ele dá suporte à convicção continuamente. Jesus disse: "...para que fique convosco para sempre"[João 14:16]; e essa é a primeira referência a este testemunho referente à Palavra de Deus. No coração crente Ele testifica continuamente: "Não tema, a Bíblia é a Palavra do seu Deus".

No entanto, este não é toda a obra do Espírito Santo referente à Palavra. Ela também deve ser interpretada.

E somente Ele, o Inspirador, é quem pode dar a interpretação correta. Se entre homens cada um é o melhor intérprete da sua própria palavra, quão muito mais aqui, onde homem algum jamais terá a audácia de dizer que ele entende completa e apropriadamente todo o significado do Espírito tão bem quanto Ele Próprio, senão melhor? Mesmo se os autores de ambos os Testamentos retornassem dos mortos e nos informassem o significado dos seus respectivos escritos - mesmo tal não seria a interpretação completa e profunda. Pois eles escreveram coisas cujo significado compreensivo das quais eles não entendiam. Por exemplo, quando Moisés escreveu sobre a semente da serpente, é óbvio que ele não começou a enxergar tudo o que está contido na frase "...lhe ferirás o calcanhar".

Assim é que somente o Espírito Santo é que pode interpretar a Bíblia. E, como? Após a maneira de Roma, por intermédio de uma tradução oficial como a Vulgata; uma interpretação oficial de cada palavra e sentença, e uma condenação oficial de cada outra interpretação? De modo algum. Seria fácil, mas também não espiritual ao extremo, e a morte estaria ligada a ela de maneira singular. O oceano da verdade, completo e sem fronteiras, estaria confinado dentro dos limites estreitos de uma formula. E a

refrescante fragrância da vida, a qual sempre vem ao nosso encontro das páginas sagradas, estaria perdida de uma vez.

Certamente que às igrejas não pode ser dada uma tradução irresponsável e arbitrária da Palavra, e nós apreciamos grandemente o cuidado mútuo das igrejas ao providenciar uma tradução correta no vernáculo. Consideramos mesmo ser altamente desejável que, sob o selo da sua aprovação, as igrejas devessem publicar material de leitura paralelo, de exposição. Mas nem um nem outro deveriam substituir a própria Bíblia. A pesquisa das Escrituras deve ser livre, sempre. E quando houver coragem espiritual, então que as igrejas revisem a sua tradução e verifiquem se suas leituras de interpretação necessitam modificações. Não, contudo, para desfazer as coisas a cada três anos, mas que em cada período de vida espiritual vigorosa, animada, a luz do Espírito Santo possa irradiar sobre as coisas que sempre precisam de mais luz.

Por conseguinte a obra do Espírito Santo com referência à interpretação é indireta, e os meios utilizados são: (1) estudo científico; (2) o ministério da Palavra; e (3) a experiência espiritual da Igreja. E é pela cooperação desses três fatores que, no decurso da história, o Espírito Santo indica qual interpretação desvia-se da verdade, e qual é a correta compreensão da Palavra.

Esta interpretação é seguida pela aplicação.

A Bíblia Sagrada é um maravilhoso mistério, o qual é designado para satisfazer as necessidades e conflitos de cada época, cada nação e cada santo. Quando da preparação dela, o Espírito Santo anteviu aquelas épocas, nações, e santos; e com um olho nas suas necessidades, Ele assim planejou-a e arranjou-a da forma como ela é agora nos oferecida. E somente então a Bíblia Sagrada alcançará o objetivo em vista; quando a cada época, nação, igreja e indivíduo ela for aplicada de tal forma que cada santo receba finalmente qual seja a porção para ele reservada na Escritura. Portanto esta obra da aplicação da Bíblia Sagrada pertence ao Espírito Santo somente, pois somente Ele conhece a relação que a Bíblia deve manter, finalmente, para com cada um dos eleitos de Deus.

E quanto à maneira na qual a obra é executada, esta é tanto direta como indireta.

A aplicação indireta vem muito geralmente através do ministério, o qual atinge o sua mais alta finalidade quando, perante a sua congregação, o ministro pode dizer: "Esta é a mensagem da Palavra a qual nesta hora o Espírito Santo tem em mente para vocês". Verdadeiramente uma declaração tremenda, e somente factível quando quem a declara vive tão profundamente na Palavra como na Igreja. Além dessa, há também uma aplicação da Palavra trazida pela palavra escrita ou falada de um irmão, a qual algumas vezes é tão efetiva quanto um longo sermão. O estudo atento e quieto de alguma exposição da verdade tem algumas vezes agitado a alma mais efetivamente do que um serviço na casa de oração.

A aplicação direta da Palavra, o Espírito Santo efetua através da leitura da Bíblia ou por passagens que relembradas da mesma. Ele então nos traz à memória palavras que nos afetam profundamente pelo seu poder singular. E, embora o mundo sorria e mesmo irmãos professessem ignorância com relação a isso, a nossa convicção é a de que a aplicação especial daquele momento foi para nós, e não para eles, e que no íntimo das nossas almas o Espírito Santo executou uma obra peculiar a Si mesmo.

XXXIX. O Governo da Igreja

"...ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor! senão pelo Espírito Santo" - I Coríntios 12:3.

A última obra do Espírito Santo na Igreja tem referência com o seu governo.

A Igreja é uma instituição divina. Ela é o corpo de Cristo, ainda que manifestando-se de forma a mais defeituosa; pois como aquele homem cuja fala é afetada por um derrame paralisante é a mesma pessoa amigável que dantes, apesar do defeito, assim também é a Igreja, cuja fala está danificada, ainda o mesmo corpo santo de Cristo. A Igreja visível e invisível são uma.

Nós escrevemos noutro lugar: "A Igreja de Cristo na terra é ao mesmo tempo visível e invisível. Da mesma forma como um homem é ao mesmo tempo um ser perceptível e imperceptível, sem no entanto ser dois, assim também a distinção entre a Igreja visível e invisível de maneira nenhuma prejudica a sua unidade. Ela é uma e a mesma Igreja, a qual de acordo com o seu ser espiritual encontra-se

oculta no mundo espiritual, manifesta somente ao olho espiritual, e a qual de acordo com a sua forma visível manifesta-se externamente aos crentes e ao mundo.

"De acordo com o seu ser espiritual e invisível, a Igreja é uma em toda a terra, uma também com a Igreja no céu. De maneira similar ela é também uma Igreja santa, não somente porque é hábil e maravilhosamente operada de Deus, totalmente dependente das Suas obras e influências divinas, mas também porque a corrupção espiritual e o pecado arraigado de crentes não pertencem a ela, mas encontram-se em guerra contra ela. De acordo com a sua forma visível, contudo, a Igreja manifesta-se somente em fragmentos. Assim é que a Igreja é local, i.e. ela é extensamente distribuída, em vários pontos; e as igrejas nacionais originam-se porque estas igrejas locais formam tal conexão e rede entre si, como o seu próprio caráter e o seu relacionamento a nível nacional assim o exigem. Combinações mais extensas de igrejas somente podem ser temporais ou excessivamente flexíveis e desarticuladas. E estas igrejas, como manifestações da igreja invisível, não são uma, nem tampouco são santas; pois elas participam das imperfeições de toda a vida terrena, e são constantemente corrompidas pelo poder do pecado, o qual interna e externamente mina o seu bem estar".

Desta forma o assunto não pode ser apresentado como se a Igreja espiritual, invisível e mística fosse o objeto do cuidado e do governo de Cristo, enquanto que os assuntos e a supervisão da Igreja visível são deixados ao bel prazer dos homens. Isto está em oposição direta para com a Palavra de Deus. Não existe uma Igreja visível e outra invisível; mas uma Igreja, invisível no mundo espiritual e visível no mundo material. E como Deus cuida tanto do corpo como da alma, também Cristo governa os assuntos externos da Igreja, tão certamente como Ele, com a Sua graça, nutre-a internamente.

Cristo é o Senhor; Senhor não somente da alma, mas antes que Ele possa sê-lo, Ele deve o Senhor da Igreja como um todo.

Deve ser notado que a pregação da Palavra e a administração dos sacramentos pertencem não à economia interna da Igreja, mas sim à externa; e que o governo da igreja serve quase que exclusivamente para manter a pregação pura e proteger os

sacramentos de serem profanados. Por isso é que não é expediente dizer:, "Se a Palavra de Deus somente for pregada na sua pureza e os sacramentos corretamente administrados, a ordem da igreja é de somenos importância". Elimine-se estes dois da ordem da igreja, e muito pouco restará dela.

A questão é, portanto, se esses meios da graça devem ser arranjados de conformidade com a nossa vontade, ou de acordo com a vontade de Jesus. Ele permite que brinquemos com tais meios da graça conforme seja a nossa noção própria; ou Ele reprova aborrece toda religião egoísta? Se a segunda alternativa é a correta, então também Ele, do céu, direciona, governa e cuida da Sua Igreja.

No entanto, Ele não nos compele neste assunto; Ele nos deixou com a terrível liberdade de agir contra a Sua Palavra e de trocar a Sua forma de governo pela nossa própria. E é justamente isso o que a Cristandade extraviada tem feito, vez após vez. Pela falta de fé, não enxergando o Rei, a Cristandade freqüentemente O tem ignorado, esquecido e deposto; ela estabeleceu o seu próprio regime egoísta na Sua Igreja, até que, finalmente, a própria lembrança do legítimo Soberano foi perdida.

A igreja individual, ainda bem consciente da majestade de Jesus, professa curvar-se incondicionalmente à Sua Palavra real, como contida na Bíblia. Portanto, dizemos que na igreja estatal dos Países Baixos, cuja ordem eclesiástica não somente tem a falta de tal profissão, mas deposita o supremo poder legislativo em homens, o Reinado de Cristo é ridicularizado; que um impostor usurpou o Seu lugar, e que deve ser removido, tão certamente como está escrito: "Eu tenho estabelecido o meu Rei sobre Sião, meu santo monte"[Salmo 2:6].

Portanto, deve ser firme e destemidamente mantido que Jesus não é somente o Rei das almas, mas Rei também na Sua igreja; cuja prerrogativa absoluta é ser o Legislador na Sua Igreja; e que o poder que contesta tal direito deve ser oposto, pelo bem da consciência.

Quanto à questão, por que a Igreja é tão apta para esquecer-se do Reinado de Cristo, tanto que muitas vezes um ministro devoto não tenha o menor sentimento por ele, muitas vezes dizendo: "Claro que Jesus é Rei, no âmbito da verdade, mas o que Ele se importa com a

igreja externa? Pelo menos eu, um homem espiritual, nunca compareço às reuniões do conselho"; nós respondemos: "Se Jesus tivesse um trono terreal e dali reinasse pessoalmente sobre a Sua Igreja, todos os homens curvar-se-iam perante Ele; mas estando entronado no céu, à direita do Pai, o Rei é esquecido; não visto não lembrado. Por isso é que a causa é a ignorância relativa à obra do Espírito Santo. Uma vez que Jesus governa a Sua Igreja não diretamente, mas através da Sua Palavra e do Seu Espírito, não existe respeito pela majestade do Seu soberano governo.

O olho espiritual do crente deve, portanto, ser reaberto para a obra do Espírito Santo nas igrejas. O homem não espiritual não tem olho para ela. Uma reunião de conselho, uma assembléia clássica ou sínodo, é para ele meramente um conjunto de homens reunidos para deliberar sobre negócios de acordo com a sua própria luz, o mesmo que uma reunião de diretores de uma empresa comercial, ou alguma outra organização secular. Um é um acionista e participante de um comitê, e como tal assiste com o melhor da sua capacidade na administração de negócios. Mas para o filho de Deus, com um olho para a obra do Espírito Santo, estas assembléias e reuniões da igreja assumem um aspecto inteiramente diferente. Ele reconhece que a reunião do conselho não se trata de reunião do conselho, que a assembléia clássica não se trata de assembléia clássica, que o sínodo só o é aparentemente, exceto se o Espírito Santo presidir e decidir sobre os assuntos junto com os membros ali reunidos.

A oração de abertura da reunião de conselho, da assembléia clássica ou do sínodo, não é, portanto, a mesma que a da A. C. M. ou a de uma convenção missionária, simplesmente uma oração por luz e por ajuda, mas uma coisa completamente diferente. Trata-se da petição para que o Espírito Santo esteja no meio da assembléia. Pois sem Ele nenhuma reunião eclesiástica está completa. A reunião não pode acontecer, exceto se Ele estiver presente. Assim é que na oração litúrgica quando da abertura de uma reunião de conselho, há primeiro uma petição pela presença e pela liderança do Espírito Santo; segundo, a confissão de que os membros nada podem fazer sem a Sua presença; e terceiro, o implorar das promessas para os oficiais.

Diz a oração: "Uma vez que encontramos-nos reunidos em Teu Santo Nome, após o exemplo das igrejas apostólicas, para consultar, como exige o nosso ofício, acerca das coisas que podem vir perante nós, para o bem estar e a edificação das Tuas igrejas, para as quais nós reconhecemos sermos incapazes e desqualificados, como por natureza somos incapazes de pensar qualquer bem, muito menos de colocá-lo em prática, nós portanto imploramos a Ti, ó Deus e Pai Fiel, para que seja feita a Tua vontade em estar presente com o Teu Santo Espírito, de acordo com a Tua promessa, no meio desta nossa presente assembléia, para guiar-nos em toda a verdade".

Na oração de encerramento da reunião do conselho há a expressão de agradecimento por o Espírito Santo haver estado presente na reunião: "Ademais, nós Te agradecemos por Tua presença com o Teu Santo Espírito no meio da nossa assembléia, direcionando as nossas determinações de acordo com a Tua vontade, unindo os nossos corações em mútua paz e concórdia. Nós Te rogamos, Ó Deus e Pai fiel, que a Tua vontade seja graciosamente satisfeita em abençoar a labuta que intentamos e executar efetivamente Teu trabalho já começado, sempre congregando para Ti uma igreja verdadeira e preservando a mesma na doutrina pura e o correto uso dos Teus sacramentos santos, e em exercício diligente de disciplina".

Portanto, o governo da igreja significa:

Primeiro, que o Rei Jesus institui os oficiais e aponta aqueles a quem tarefas são incumbidas.

Segundo, que as igrejas submetem-se incondicionalmente à lei fundamental da Sua Palavra.

Terceiro, que o Espírito Santo vem à assembléia para dirigir as deliberações; como expressado por Walxus: "Que o Espírito Santo pessoalmente possa estar atrás do presidente para presidir em cada reunião". E esta expressão é tão rica em significado que perguntaríamos seriamente, se ainda não está claro que uma mera mudança de oficiais não vale nada, a menos que a própria organização esteja de acordo com a Palavra de Deus. A questão não é se melhores homens assumem o poder, mas se o Espírito Santo

preside na assembléia, o que Ele não pode fazer exceto se a Palavra de Deus for a única regra e autoridade.

(¹). [N.T.: o Conde Helmut Karl Von Moltke, 'o mais velho' (1800 - 1891) foi um gênio militar que além de haver participado de muitas batalhas, escreveu a célebre carta "Da Natureza da Guerra" ("On The Nature of War"); e Michiel Adriaanszoon de Ruyter (1607 - 1676) foi um almirante Holandês, passou a vida na marinha mercante e no serviço naval da Holanda, havendo alcançado distinção pelo gênio e heroísmo nas muitas guerras navais das quais participou].

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 24 de Março de 2003.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Primeiro - Introdução

I. O Homem a ser Operado.

"...eis que derramarei sobre vós o meu; espírito e vos farei saber as minhas palavras" - Prov. 1:23

Até agora a discussão esteve confinada à obra do Espírito Santo na Igreja como um todo. Consideraremos a partir de agora a Sua obra nos indivíduos.

Existe uma distinção entre a Igreja como um todo e os seus membros individuais. Há um Corpo de Cristo, e há membros os quais constituem uma parte daquele Corpo. E o caráter da obra do Espírito Santo em um é necessariamente diferente daquela em outro.

A Igreja, nascida do prazer divino, é completa no conselho eterno, e todo o seu curso foi preparado por uma escolha soberana.

O mesmo Deus que enumerou os fios de cabelo da nossa cabeça também enumerou os membros do Corpo de Cristo. Como cada nascimento natural é préordenado, assim também cada Cristão nascido na Igreja é divinamente predestinado.

A origem e o despertar da vida eterna são do alto; não da criatura, mas do Criador, e estão enraizados na Sua escolha soberana e livre. E isto constitui-se não meramente numa escolha, mas é seguido por um ato divino igualmente decisivo, que dá força e que perpetra aquela escolha.

Isto é a onipotência espiritual de Deus. Ele não é um homem que tenta, que experimenta, mas Ele é Deus quem, nunca renunciando a obra das Suas mãos, é persistente e irresistível no fazer, no perpetrar de toda a Sua vontade. Assim o Seu conselho torna-se história; e a Igreja, cuja forma é delineada naquele conselho, deve, no decurso dos tempos, nascer, e aperfeiçoar-se de acordo com aquele conselho; e desde que aquele conselho é indestrutível, as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. Esta é a base da

segurança e da consolação dos santos. Eles não têm outra base de confiança. Do fato de que Deus é Deus, e que portanto a Sua vontade prevalecerá, é que eles tiram a certa convicção com a qual profetizam contra tudo aquilo que é visível e fenomenal.

Na obra da graça, não há vestígio de acaso ou de fatalismo; Deus determinou não somente o desfecho, deixando os meios pelos quais o mesmo deverá ser alcançado não decidido, mas no Seu conselho Ele preparou cada maneira através da qual realizar a Sua escolha. E naquele conselho, estes meios, estas maneiras revelam-se de forma tal que não é possível ao olho humano acompanhar nem compreender. A onipotência divina se adapta à natureza da criatura. Ela faz com que os cedros do Líbano cresçam e que engordem os touros de Bashan; mas ela alimenta e fortalece a cada um de acordo com a sua natureza. O cedro não come capim, nem tampouco o boi escava o solo por comida.

A ordenança divina requer que, através das suas raízes a árvore absorva os nutrientes do solo, e que através da sua boca o boi tome seu alimento e o converta em sangue. E Ele honra a Sua própria ordenança ao providenciar nutrientes no solo para um, e relva no campo para o outro.

O mesmo princípio prevalece no Reino da Graça. Ao homem como um objeto daquele Reino, e do mundo moral que a Ele pertence, Deus tem dado um outro organismo que não o mesmo do boi, do cedro, do vento ou do riacho. Os movimentos desses últimos são puramente mecânicos; do alto da montanha o riacho deve descer. Numa maneira diferente, Ele age no boi e na árvore; e de maneira ainda diferente no homem. No corpo humano forças químicas operam mecanicamente, e outras forças como aquelas no boi e no cedro. E além dessas ainda há no homem forças morais as quais são operadas por Deus, de acordo com a natureza delas.

Nestas bases os nossos pais rejeitaram como indigna de Deus o ponto de vista fanático de que na obra da graça o homem seja um pedaço de madeira ou um tijolo; não porque seja algo seja atribuído ao homem; mas por representar a Deus como negando a Sua própria obra e ordenança. Criar um boi, ou uma árvore, ou uma pedra, cada um diferente do outro, dar a cada um deles uma natureza própria,

segue-se que Ele não pode violá-las, mas Se adaptar a elas. Assim é que todas as Suas operações espirituais estão sujeitas às disposições divinamente ordenadas no homem como um ser espiritual; e esta característica faz com que a obra da graça seja excessivamente linda, gloriosa e adorável.

Pois não nos enganemos e não falemos mais de uma gloriosa obra de graça se o Deus onipotente tratar o homem mecanicamente, como um pedaço de madeira ou um tijolo. Então, não existe nenhum mistério para anjos decifrarem, mas uma obra imediata de onipotência, quebrando e criando novamente. Para admirar a obra da graça, deveríamos tomá-la como ela é revelada, i.e. como uma obra complicada e indecifrável pela qual, sem nada violar, Deus Se adapta às delicadas e variadas necessidades do ser espiritual do homem; e revela a Sua divina onipotência na vitória sobre os obstáculos gigantescos e intermináveis, colocados no Seu caminho pela natureza humana.

Mesmo o coração de Deus anseia por amor. Todo o Seu conselho pode ser reduzido a um pensamento, a saber, que no final dos tempos Ele possa ter uma Igreja a qual compreenda o Seu amor e o retorne. Mas o amor não pode ser ordenado, nem tampouco pode ser forçado de forma não espiritual. Ele não pode ser derramado mecanicamente no coração do homem. Para ser cáldo, refrescante, e satisfatório, o amor deve ser aceso, deve ser cultivado, e deve receber carinho. Assim é que Deus não instila uma grama de amor no coração do Seu povo, por conseqüência do qual eles O amem, mas Ele exhibe amor em extensão tal que Ele, que desde o princípio estava com Deus, e que desde o princípio era Deus, com amor incompreensível morra pelos homens, na cruz.

Isto teria sido supérfluo, se o homem fosse um pedaço de madeira ou um tijolo. Deus, então, teria somente tido que criar amor no coração humano, e os homens O amariam a partir de uma completa necessidade, tal como um fogão irradia calor quando o fogo é aceso. Mas o amor tão calidamente demonstrado na Bíblia não é supérfluo, quando Deus lida espiritualmente com criaturas espirituais. Então a cruz de Cristo é uma manifestação de amor divino que

muitíssimo excede todas concepções humanas; por conseguinte exercendo tal poder irresistível sobre todos os eleitos de Deus.

E aquilo que é preeminentemente verdadeiro e aparente em amor é igualmente verdadeiro quanto a cada parte da obra da graça - em todos os seus estágios. Nisto Deus nunca nega-Se a Si mesmo, nem a ordenança e o plano após os quais o homem foi criado. Daí ser a glória da ordenança e do plano que, enquanto que por um lado Deus concedeu ao homem os mais fortes meios de resistência, por outro Ele sobrepujou tal resistência de forma real e divina, pela onipotência da graça redentora.

Quando o apóstolo testifica: "De sorte que somos embaixadores por Cristo, como se Deus por nós vos exortasse. Rogamo-vos, pois, por Cristo que vos reconcilieis com Deus"[II Coríntios 5:20], ele revela profundidade tal do mistério do amor que finalmente as relações são literalmente invertidas, e o Santo Deus exorta as Suas criaturas rebeldes, quem, ao contrário, é que deveriam clamar a Ele por misericórdia.

A tradição nos conta da fascinação de seres misteriosos exercida sobre viandantes e marinheiros, tão irresistivelmente que estes jogavam-se de bom grado e todavia contra a sua própria vontade, na destruição. Na revelação do amor, esta tradição se tornou realidade, numa forma invertida e santa. Eis aqui também um poder todo poderoso de fascinação, afinal irresistível ao pecador condenado; que permitindo ser atraído, relutantemente e todavia desejosamente, a compaixão eterna atrai-o não para a destruição, mas sim para fora dela.

No entanto, as maravilhosas obras de amor raramente podem ser analisadas. Os que amam nunca sabem quem atraiu e quem foi atraído, nem como, na peleja das afeições, o amor perpetrou suas atrações. O ser do amor é misterioso demais para revelar as suas várias obras, e como elas se sucedem. E isto aplica-se, em medida muito maior, ao amor de Deus. Cada santo sabe por experiência que no final, o amor de Deus tornou-se irresistível e prevaleceu. Mas como a vitória foi alcançada, isto é impossível de ser dito. Esta obra divina vem até nós de tais infinitas alturas e profundidades, ela nos afeta tão misteriosamente, e a princípio houve tão absoluta falta de

luz espiritual que alguém raramente poderia fazer mais do que gaguejar a respeito dessas coisas. Quem é aquele que compreende o mistério do nascimento natural? Quem aquele que tinha consciência quando estava sendo curiosamente formado na porção mais inferior da terra? E se isso teve lugar sem que tivéssemos consciência, como podemos entender o nosso nascimento espiritual? Em verdade, subjetivamente, i.e. dependendo da nossa própria experiência, nós sabemos absolutamente nada sobre o nascimento espiritual; e tudo o quanto já foi ou pode ser dito sobre ele é tirado exclusivamente da Bíblia. Aprouve ao Senhor levantar somente uma ponta do véu que cobre este mistério-não mais do que o Espírito Santo julgou necessário para o sustento da nossa fé, para a glória de Deus e para o benefício de outros, pela ocasião do seu nascimento espiritual.

Por isso, nesta série de artigos nós tentaremos somente sistematizar e explicar o que Deus revelou para o direcionamento espiritual dos Seus filhos.

Nada está mais além das nossas mentes do que exercitarmo-nos em coisas que nos são muito elevadas, ou penetrar em mistérios ocultos às nossas vistas. Onde a Bíblia para, nós devemos parar; quanto às dificuldades deixadas sem explicação, nós não acrescentaremos o que deverá ser somente o resultado da estupidez humana. Mas onde a Bíblia proclama de forma inequívoca o poder soberano de Jeová na obra da graça, ali nem a crítica ou a pilhéria de homens evitará que demandemos submissão absoluta à soberania divina e de dar glória ao Seu Nome.

II. O Operar da Graça, Uma Unidade.

"...porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" - Romanos 5:5

O objetivo final de todos os caminhos de Deus é que Ele possa ligar tudo em tudo. Ele não pode cessar de operar até que Ele tenha adentrado nas almas dos indivíduos. Ele tem desejo o amor da criatura. Ele deseja ver as virtudes do Seu próprio amor glorificadas no amor do homem para com Ele. E o amor deve nascer do ser pessoal do homem, o qual tem o seu lugar no coração.

A obra da graça exibida no conselho eterno nunca pode ser suficientemente louvada. Desde o Paraíso até Patmos, revelada aos profetas e aos apóstolos, ela é transcendentemente rica e gloriosa. Preparada em Emanuel, que ascendeu às alturas, que recebeu dons pelos homens, sim, também para os rebeldes, de forma que o Senhor Deus possa habitar entre eles, ela excede o louvor de homens e de anjos. E todavia, a sua mais elevada glória e majestade aparecem somente quando, submetendo os rebeldes, operando na alma, ela faz com que a sua luz brilhe tanto que os homens, vendo-a, glorifiquem o Pai, que está no céu.

Por conseguinte o derramar do Espírito Santo é o evento coroador de todos os grandes eventos de salvação, porque ele revela subjetivamente, i.e. nos indivíduos, a graça até então revelada objetivamente.

Certamente que nos dias do Pacto Antigo a graça salvadora operava nos indivíduos, mas ela sempre teve um caráter preliminar e especial. Os crentes do Pacto Antigo não receberam a promessa, "que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados"[Hebreus 11:40]. E a dispensação da salvação pessoal, na sua característica normal, começou somente quando a obra da reconciliação estando terminada, Emanuel havendo ascendido, o outro Confortador veio interiormente enriquecer os membros do Corpo de Cristo.

Assim é que o propósito do Deus Triúno diligentemente aponta para esta consumação gloriosa. A compaixão divina não pode parar de operar enquanto a obra da salvação da alma individual não tenha começado. Em toda a obra preparatória Deus persistentemente aponta para os Seus eleitos; não somente após a queda, mas mesmo antes da criação. A Sua sabedoria regozijou-se com o Seu mundo terreno, e "Suas delícias eram com os filhos dos homens". Desde a eternidade Ele pré-conhece todos nos quais a Sua luz gloriosa uma vez brilhará. Eles não Lhe são estranhos, descobertos somente após o lapso dos tempos, para serem, após exame, ou deixados de lado como imprestáveis, ou para que neles se lhes opere, como peças apropriadas e úteis, de acordo com os seus respectivos méritos; não, o nosso fiel Deus da Aliança nunca se posiciona como um estranho diante das Suas criaturas. Ele criou-os a todos e ordenou como todos

eles seriam criados; eles não foram primeiro criados e depois ordenados; mas sim ordenados e depois criados. Ainda assim a criatura não é independente do Senhor, mas antes de haver uma palavra na sua língua, Ele já a conhece toda; não por informação do que há existisse, mas pelo conhecimento divino do que está ainda por existir. Mesmo as relações de causa e efeito relacionando as várias partes da vida da criatura apresentam-se nuas perante Ele; nada Lhe é oculto; e muito mais intimamente do que o homem conhece-se a si mesmo, Deus conhece o homem.

As águas da salvação descendo do topo da montanha da santidade de Deus não correm para lugares desconhecidos, mas o seu canal já está preparado, e elas, rolando montanha abaixo, encontram os acres de terra os quais elas devem regar.

Portanto, embora a clareza requeira divisões e subdivisões na obra da graça, todavia elas não existem realmente; a obra da graça é uma unidade, trata-se de um ato eterno, ininterrupto, procedendo do útero da eternidade, incessantemente movendo-se em direção à consumação da glória dos filhos de Deus, a qual será revelada no grande e notável Dia do Senhor. Por exemplo, embora no momento da regeneração Deus chame à existência as coisas que não o eram, com tudo o que elas contém como que num germe, ainda assim isso não deveria ser representado como se Ele houvesse deixado aquela alma de lado por vinte ou trinta anos. Pois mesmo este aparente abandono é uma obra divina. Constrangido pelo Seu amor, Ele muito mais teria Se voltado para a Sua criatura escolhida mas perdida criatura imediatamente, para buscá-la e salvá-la. Mas Ele Se conteve, se podemos assim nos expressar, pois este ignorar, este abandono, este ocultar do Seu semblante opera junto como um meio de graça, na hora do amor, para fazer a graça eficiente naquela alma.

Assim é que a salvação de uma alma no seu ser pessoal é um ato eterno, contínuo e ininterrupto, cujo ponto de partida encontra-se num decreto cujo objetivo é a glorificação perante o trono. Este ato não contém nada de formal ou de mecânico. Não existe, primeiro, um período de dezoito séculos, durante o qual Deus está ocupado com a preparação da graça objetiva, sem uma única obra graciosa em almas individuais. Nem tampouco há a salvação preparada somente para

possíveis almas cuja salvação ainda era incerta. Não, o amor de Deus nunca opera em direção ao desconhecido. Ele é perfeito, e a Sua maneira é perfeita; por isso o Seu amor sempre apresenta a santa e elevada distinção de proceder de coração para coração, de pessoa a pessoa, conhecendo e perscrutando alguém com o perfeito conhecimento. Durante todo o dia, enquanto Caim estava sendo julgado; enquanto Noé e seus oito encontravam-se a salvo na arca; enquanto Abraão foi chamado, e Moisés conversava com Jeová face a face; enquanto os videntes estavam profetizando, João Batista apareceu em público, Jesus subiu ao Calvário, e São João estava tendo visões - em todas aquelas épocas e horas, Deus nos pré conheceu (se nós somos Seus), a pressão do Seu amor encontrou escape, firmemente em nossa direção, Ele nos chamou antes que existíssemos, de modo que pudéssemos vir a existir; e quando viemos a existir, mesmo então Ele nos guiou como o nosso fiel e verdadeiro Pastor. Certamente que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus, mesmo as vidas e os caracteres dos seus ancestrais - pois eles são os chamados de acordo com o Seu propósito.

Ao invés de frio e formal, na verdade é um ato de amor, energizando, derramando-se, irradiando-se. Desde a sua nascente, nas mais altas montanhas, atravessando muitos lugares antes que possa alcançá-lo, o amor divino flui, sem descanso, até que ele inunde a sua alma. Por isso que o apóstolos vangloria-se de que finalmente o amor tinha atingido o seu objetivo abençoado na sua pessoa e na amada igreja em Roma: "Agora temos paz com Deus, porque o amor de Deus (vindo em nossa direção desde a eternidade) afinal nos alcançou, e agora está derramado no nosso coração".

I isto não quer dizer que possuímos agora um amor puro por nós mesmos, mas que o amor de Deus pelos Seus eleitos, havendo descido desde as alturas e vencido cada obstáculo, derramou-se na cama profunda dos nossos corações regenerados. E a isso Ele acrescenta a graça de fazer a alma compreender, beber dele e experimentar daquele amor. E quando envergonhada e contrita a alma se perde nas delícias do amor e nas adorações da sua compaixão eterna, então a Sua glória brilha com refulgente brilho, e o Seu regozijo com os filhos dos homens estão completos.

Contudo, enquanto o Deus Triúno antecipa desde antes da fundação do mundo a congregação e a glorificação dos santos, a Bíblia revela claramente que ser esta congregação e esta glorificação a obra adorável do Espírito Santo. O amor de Deus é derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos é dado.

A Bíblia nos dá a esta obra do Espírito Santo uma posição de proeminência; não excluindo a posição do Pai e a posição do Filho, todavia de tal forma que esta obra pessoal é sempre perpetrada pelo Espírito Santo. E a Bíblia assim o coloca de maneira tão forte que o Catecismo fala, não incorretamente, de três coisas na nossa fé mais santa: de Deus, o Pai, e a nossa Criação; de Deus, o Filho e a nossa Redenção; e somente então de Deus, o Espírito Santo, e a nossa Santificação. E isto não é de surpreender. Pois -

Primeiro, como já vimos, na economia do Deus Triúno, é o Espírito Santo quem vem a ter um contato mais próximo com a criatura, e a preenche. Assim é que é obra peculiar Sua, entrar no coração do homem, e no seu recesso proclamar a graça de Deus até que ele creia. Segundo, Ele é quem traz cada obra do Deus Triúno à consumação. Assim é que Ele completa a obra da graça objetiva pela salvação das almas, atingindo destarte o seu propósito final.

Terceiro, Ele acende a centelha da vida. Ele paira sobre as águas do caos, e sopra no homem o sopro de vida. Em perfeita harmonia com isto, o pecador morto em faltas e em pecado, não pode viver exceto seja restaurado pelo Espírito de toda restauração, a quem a Igreja tem sempre invocado, dizendo: "Veni, Creator Spiritus".

Quarto, Ele toma as coisas de Cristo e O glorifica. Não é o Filho quem distribui Seus tesouros, mas sim o Espírito Santo. E uma vez que a completa salvação dos redimidos consiste no fato de que os seus corações mortos e degenerados são unidos a Cristo, a Fonte de salvação, devemos então louvar ao Espírito Santo por fazê-lo.

Por conseguinte, no constrangedor desejo do amor divino pela salvação das criaturas escolhidas mas perdidas, a obra do Espírito Santo ocupa evidentemente a posição mais ressaltada, mais evidente. O nosso conhecimento de Deus não é completo, exceto que conhecemo-Lo como a Trindade Santa, Pai, Filho e Espírito Santo.

Mas como "ninguém vem ao Pai senão por Mim"[João 14:6], e "e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar"[Mateus 11:27], então ninguém pode vir até o Filho senão pelo Espírito Santo, e nenhum homem pode vir a conhecer o Filho se o Espírito Santo não O revelar a ele.

Mas isto não implica em separação alguma, mesmo em pensamento, entre as Pessoas da Deidade. Isto destruiria a confissão da Trindade, substituindo-a pela falsa confissão do tri-teísmo. Não, é eternamente o mesmo Deus subsistindo em três Pessoas. A verdade da nossa confissão brilha no próprio reconhecimento da unidade na Trindade. O Pai nunca é sem o Filho, nem o Filho sem o Pai. E o Espírito Santo nunca pode vir até nós nem operar em nós exceto se o Pai e o Filho cooperarem com Ele.

III. Análise Necessária.

"...prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento..." - Hebreus 6:1

Para sistematizar a obra do Espírito Santo nos indivíduos, nós devemos primeiro considerar a sua condição espiritual antes da conversão.

A incompreensão deste ponto leva ao erro e à confusão. Faz com que as várias operações do Espírito Santo sejam confundidas, que os mesmos termos sejam usados para designar coisas diferentes. Confunde o próprio pensamento de alguém, e leva outros a direções erradas. E isto aparece muito seriamente em ministros que discutem o assunto em termos gerais, que com naturalidade evitam a certeza, e conseqüentemente reiteram as mesmas banalidades, os mesmos lugares comuns.

Pregação tal causa pouca ou nenhuma impressão; ela é monótona e cansativa; acostuma a orelha a repetições; e falta-lhe estímulo para o ouvido interno. E a mente, a qual não pode permanecer inativa sem impunidade, procura alívio por sua própria conta, muitas vezes na descrença, longe da obra do Espírito Santo. As palavras "coração", "mente", "alma", "consciência", "homem interior" são utilizadas indiscriminadamente. Há chamados, apelos freqüentes para a conversão, a regeneração, a renovação de vida, a

justificação, a santificação e a redenção; enquanto que os ouvidos não foram acostumados a compreender, a entender em cada uma destas palavras algo especial e uma revelação peculiar da obra do Espírito Santo. E ao final, esta pregação caótica torna impossível a discussão inteligente quanto às coisas divinas, uma vez que uma pessoa iniciada e mais uniformemente instruída não poderá ser compreendida.

Nós protestamos solenemente, especialmente contra a aparência pia que encobre o vazio e a falta de significado desta pregação quando diz: "O meu Evangelho simples não tem lugar para estas distinções triviais; elas são características da erudição seca com a qual as mentes esquivas assustam os queridos filhos de Deus, e os colocam sob a escravidão das letras. Não, o Evangelho do meu Senhor deve permanecer para mim uma fonte de vida e espírito; portanto poupe me dessas sutilezas".

E sem dúvida de que há alguma verdade nisso. Através de uma análise seca da verdade que refresca a alma, mentes abstratas muitas vezes roubam das almas mais simples muito conforto e alegria. Eles discutem as coisas espirituais nos termos híbridos de Latim Anglicanizado, como se as almas não pudessem ter parte com Cristo, a menos que sejam experts no uso desse palavreado falsificado. Tal intimidação dos fracos denota orgulho e auto exaltação. E um orgulho muito estúpido é este, pois o conhecimento apregoadado é prontamente adquirido por um mero esforço da memória. Tal externalização da fé Cristã é ofensiva. Ela troca a religiosidade genuína por uma língua escorregadia e maliciosa, e a justificação da fé pela justificação mental. Assim a religiosidade do coração transfere-se para a cabeça, e ao invés do Senhor Jesus Cristo, é Aristóteles, o professor mestre da dialética, que se torna o salvador das almas.

Defender tal caricatura está longe do nosso propósito. Nós cremos que a nossa salvação depende somente da obra de Deus em nós, e não somente do nosso testemunho; e a criança pequena, ainda com seus lábios inseguros, mas em quem o Espírito Santo tenha operado, precederá esses vãos escribas no Reino do Céu. Que ninguém se atreva a impor o fardo dos seus pensamentos próprios

sobre os seus semelhantes. O fardo de Cristo, somente, é que se adequa às almas dos homens.

E todavia o Evangelho não perdoa a falta de profundidade, nem tampouco aprova a mera tagarelice.

É claro que existe uma diferença. Não exigimos que nossas crianças conheçam os nomes de todos os nervos e músculos do corpo humano, das doenças às quais ele está sujeito, e de todos os medicamentos que completam a farmacopéia. Faze-lo seria uma sobrecarga para os pequeninos, que são os mais felizes enquanto inconscientes do complexo organismo que carregam consigo. Mas, o médico que não esteja bem seguro da localização desses órgãos vitais; que, sem preocupar-se com detalhes se satisfaça com as generalidades da sua profissão; que, incapaz de diagnosticar o caso corretamente, falhe ao administrar a medicação apropriada, de imediato é demitido, e um outro profissional, dotado de melhor discernimento e melhor preparado é chamado para substituí-lo. Pessoas bem informadas não deveriam ser ignorantes quanto a esses órgãos vitais do corpo humano, bem como das suas principais funções; mães e enfermeiras deveriam ser ainda melhor informadas.

O mesmo aplica-se à vida da Igreja. Aqueles menos dotados entre os irmãos não podem compreender totalmente as distinções da vida espiritual; são incapazes de suportar carne, devem ser alimentados somente com leite. Nem tampouco devem as crianças mais jovens serem fatigadas e entorpecidas com frases muito além da sua compreensão. Tanto aqueles como estas devem ser ensinados de conformidade com "o teor da sua maneira". Uma criança conversando sobre assuntos de religião em termos discriminatórios afeta desagradavelmente o sentimento espiritual. Mas não é assim como médico espiritual, i.e., o ministro da Palavra. Se um veterinário é demitido por não ser capacitado o suficiente, quanto mais aqueles que, pretendendo tratar e curar almas, denotam a sua própria ignorância acerca das condições e atividades da vida espiritual. Por esta razão é que insistimos que cada ministro da Palavra seja um especialista nesta anatomia e fisiologia espirituais; familiar com as várias formas de enfermidade espiritual, e sempre capacitado com a plenitude do saber que vem de Cristo, para selecionar o medicamento

espiritual

exigido.

E reclamamos o mesmo conhecimento, se não exatamente no mesmo grau, de cada homem e mulher inteligentes. O médico ou o advogado que se ri da nossa ignorância quanto aos princípios da sua profissão deve ser igualmente envergonhado quando demonstrar a sua própria e lamentável ignorância quanto à condição da sua alma. Na vida espiritual cada talento deveria ser de interesse. Cada homem, cada indivíduo deveria ser simetricamente desenvolvido. De acordo com o seu campo de visão, força de poderes, e perspicácia, ele deveria ser capaz de distinguir as coisas espirituais e as necessidades da sua própria alma. E que este conhecimento seja amplamente encontrado somente entre o nosso povo simples, e temente a Deus; e não entre as classes mais altas, é um sério e deplorável sinal dos tempos.

O conhecimento que é poder na esfera espiritual, e capaz de curar, não advém em termos estranhos, não se cansa nos vários criticismos da Bíblia, não é fã somente de raciocínios filosóficos, não deixa as almas padecerem de fome dando-lhes pedras ao invés de pão; mas busca sistematicamente a Palavra e a obra de Deus nas almas dos homens, e prova que um homem de fato estudou as coisas as quais ele deve ministrar à Igreja.

Aqueles nossos líderes espirituais, portanto, que na universidade e nas classes do seminário substituíram esse conhecimento espiritual por várias formas de criticismo e apologética, têm muito pelo que responder. Pois nos últimos trinta anos esse conhecimento tem sido negligenciado em ambas aquelas instituições. E assim perdeu-se o conhecimento, a pregação tornou-se monótona, e uma grande parte da Igreja pereceu. Ainda havia olho e ouvido para a obra objetiva do Filho, mas a obra do Espírito Santo é ignorada e negligenciada. Consequentemente a vida espiritual afundou a tal ponto que, enquanto dificilmente uma terça parte da plenitude da graça a qual está em Cristo Jesus está sendo conhecida e honrada, homens ousam insistir que pregam o Cristo crucificado.

Por isso a discussão da obra do Espírito Santo nos indivíduos demanda que, enquanto correndo o risco de ser chamado "guias eruditos", nós deixamos as trilhas das generalidades e superficialidades e procedemos a uma análise cuidadosa. As

operações do Espírito Santo sobre as várias partes do nosso ser nas suas várias condições devem ser distinguidas e tratadas separadamente; não somente nos eleitos, mas também nos não eleitos, pois elas não são as mesmas. É verdade que a Bíblia ensina que Deus faz com que o Seu sol brilhe sobre o bom e os mau, e que a Sua chuva desça sobre o justo e o injusto, de modo que no reino da natureza toda boa dádiva vinda do Pai das luzes é comum a todos; mas no reino da graça o mesmo não acontece. O Sol da justiça muitas vezes brilha sobre um, deixando outro em trevas; e as gotas da graça ao cair, muitas vezes molham uma alma, enquanto que outras permanecem completamente desprovidas delas.

Por conseguinte, embora a obra do Espírito nos eleitos seja de importância primária, esta todavia não exaure a Sua obra nos indivíduos. Para muitos em Israel, Cristo foi também designado para uma queda; e até isto é trabalhado pelo testemunho do Espírito Santo. Não somente o sabor da vida, mas o gosto da morte também atinge a alma pelo Seu intermédio; como o apóstolo declara com relação àqueles que, havendo recebido o dom do Espírito Santo, mesmo assim caíram. A Sua atividade neles, e na sua condição quando Ele inicia as suas operações salvadoras ou endurecedoras, deve ser cuidadosamente notada.

E é claro, que este não é o lugar para discutir exaustivamente a condição dos caídos. Isto requereria uma investigação especial. Muitas coisas que talvez em outros lugares sejam explicadas em detalhe, aqui recebem somente uma nota passageira. Mas servirá ao nosso propósito se tivermos sucesso em proporcionar ao leitor uma visão tão clara da condição do pecador, que ele possa compreender-nos quando discutirmos a obra do Espírito Santo no pecador.

Por "pecador", entendemos o homem como ele é, como ele vive, como ele se move naturalmente, i.e. sem a graça. E em tal estado, ele encontra-se morto em delitos e em pecados; alienado da vida de Deus; completamente depravado e sem forças; um pecador, e portanto culpado e condenado. E não somente morto, mas prostrado no meio da morte, cada vez afundando mais na morte, a qual se não for detida no seu curso, abrir-se-á sob o pecador cada vez mais, até transformar-se em morte eterna.

Este é o pensamento fundamental, a idéia mãe, a concepção principal deste estado. "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens..."[Romanos 5:12]. E "Porque o salário do pecado é a morte..."[Romanos 6:23]. "...e o pecado, sendo consumado, gera a morte"[Tiago 1:15]. De modo a passar para um outro estado, a pessoa tem primeiro de passar da morte para a vida.

Mas esta idéia geral de morte deve ser analisada nas suas várias relações; e deve ser determinado, para este fim, o que o homem era antes, e no que ele se tornou depois dessa morte espiritual.

IV. Imagem e Semelhança.

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" - Gênesis 1:26

Gloriosa é a declaração divina que introduz a origem e a criação do homem: "E Deus criou o homem conforme a Sua própria imagem e conforme a Sua própria semelhança; à imagem de Deus Ele o criou" (tradução Holandesa).

O significado destas importantes palavras foi recentemente discutido pelo bem conhecido professor, Dr. Edward Böhl, de Viena. De acordo com ele, a passagem deveria dizer que o homem foi criado "na" e não "conforme" a imagem de Deus, i.e. a imagem não é encontrada na natureza ou no ser do homem, mas fora dele, em Deus. O homem foi meramente construído na irradiação daquela imagem. Assim, enquanto permanecendo na Sua luz, ele viveria naquela imagem. Mas pisando fora dela, ele cairia e não lhe restaria nada a não ser a sua própria natureza, a qual tanto antes como após a queda, é a mesma. (¹)

Na discussão da corrupção da natureza humana, nós consideraremos esta opinião do altamente estimado professor de Vienna. Digamos aqui, simplesmente que rejeitamos esta opinião, na qual vemos um retorno aos erros de Roma. Não podemos levar em consideração o caráter negativo do pecado como apresentado pelo Dr. Böhl, que é a base desta representação. Ademais, ela se opõe à doutrina da Encarnação, e à doutrina da Santificação, conforme sustentadas pela Igreja Reformada. Assim é que cremos ser o mais

seguro, primeiro explicar a confissão dos nossos pais com relação a este ponto, e então mostrar que esta representação é inconsistente com a Palavra.

Ao aceitar a descrição da Criação como a revelação direta do Espírito Santo, nós reconhecemos a sua mais absoluta credibilidade em cada parte. Aqueles que assim não a aceitam, ou que, como muitos teólogos Éticos, negam a interpretação literal, não podem ter voz na discussão. Se, ao expormos a descrição da Criação nós tivermos seriedade, e não jogarmos com palavras; devemos então estar inteiramente convencidos de que Deus realmente disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Mas ao negarmos isto e sustentarmos que estas palavras meramente representam a forma pela qual alguém, animado pelo Espírito Santo, descreveu para si mesmo a criação do homem, delas não podemos deduzir nada. Então não temos segurança de que elas são divinas; sabemos somente que um homem pio atribuiu tais pensamentos a Deus e os colocou nos lábios, enquanto que tratava-se somente da sua própria percepção quanto à criação do homem.

Daí que a infalibilidade das Sagradas Escrituras é o nosso ponto de partida. Vemos em Gênesis 1:27 ("Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou") um testemunho direto do Espírito Santo; e com a mais completa segurança nós cremos que estas são as palavras do Todo-Poderoso proferidas ante a criação do homem. Com esta convicção, elas têm autoridade decisiva; e curvando-nos perante elas; confessamos que o homem foi criado à semelhança de Deus e conforme a Sua imagem.

Esta declaração, em conexão com toda a descrição da criação do homem, mostra que o Espírito Santo faz distinta a criação do homem e de a de todas as demais criaturas. Elas foram todas manifestações da glória de Deus, pois Ele viu que eram boas; um efeito do Seu conselho, pois elas incorporaram um pensamento divino. Mas a criação do homem foi especial, mais exaltada, mais gloriosa; pois Deus disse: "Façamos o homem à Nossa imagem, conforma a nossa semelhança".

Portanto o sentido geral dessas palavras é que o homem é totalmente diferente de todos os demais seres; que a sua espécie é mais nobre, mais gloriosa; e especialmente que esta glória mais elevada consiste no vínculo mais íntimo e na relação mais próxima com o seu Criador.

Tal fato provém das palavras "imagem" e "semelhança". Em todos os Seus outros atos criativos, o Senhor fala, e é feito; Ele ordenou, e de imediato aconteceu. Existe uma idéia, um pensamento no Seu conselho, uma vontade para executá-la, e um ato onipotente para realizá-lo, para concretizá-lo, mais nada; seres são criados por completo, em separado e fora dEle. Mas a criação do homem é totalmente diferente. É claro, existe uma idéia, um pensamento divino precedente do conselho eterno, e através de poder onipotente esta idéia, este pensamento é realizado; mas aquela nova criatura está conectada com a imagem de Deus.

De acordo com o significado universal da palavra, a imagem de uma pessoa é uma concentração tal das suas características, de modo a fazer a própria impressão do seu ser. Quer seja numa gravura a lápis, numa pintura ou fotografia, um símbolo, uma idéia ou uma estátua, é sempre a concentração das características essenciais de um homem ou de um objeto. Uma idéia é uma imagem que concentra aquelas características no campo da mente; já, uma estátua, no mármore ou no bronze, e etc., mas não importando a forma ou a maneira da expressão, a imagem essencial é uma concentração tal das diversas características do objeto, que representa o próprio objeto à mente. Este significado, fixo e definitivo de uma imagem, não pode ser um vislumbre perdido dela. A imagem pode ser imperfeita, mas ainda assim, tanto quanto o objeto seja nela reconhecido, mesmo embora a memória deva suprir a possível falta ou imperfeição da imagem, ela permanece uma imagem.

E isto leva a uma observação importante: O fato de que podemos reconhecer uma pessoa a partir de uma figura fragmentária prova a existência de uma 'imagem de alma' daquela pessoa, i.e., uma imagem fotografada através do olho da alma. Esta imagem, ocupando a imaginação, torna possível que nós mentalmente vejamos aquela pessoa, mesmo na sua ausência e mesmo sem a sua figura.

E como é que tal imagem é obtida? Nós não a fazemos, mas sim a própria pessoa, quem, enquanto olhamos para ela, desenha-a na retina, assim colocando-a na nossa alma. Em fotografia não é o artista, nem tampouco o seu equipamento, mas as características do nosso próprio aspecto, da nossa própria expressão é que, como que por feitiçaria, desenharam a nossa imagem no filme ou na placa do negativo. Da mesma maneira, a pessoa recebendo a nossa imagem é passiva, enquanto que nós, pondo a nossa imagem na sua alma, somos ativos. No sentido mais profundo, cada um de nós carrega a sua própria imagem na sua própria face, no seu próprio semblante, e a põe na alma humana ou na placa (ou no filme) do artista. Esta imagem consiste de características as quais, concentradas, formam aquela expressão peculiar que mostram a individualidade de alguém. Um homem forma a sua própria sombra contra uma parede, conforme a sua própria imagem e semelhança. Tão freqüentemente quanto nós fazemos com que a impressão do nosso ser se exteriorize, nós assim o fazemos conforme a nossa própria imagem e semelhança.

Retornando, após estas considerações preliminares, à passagem em Gênesis 1:27, notamos a diferença entre (1) a imagem divina conforme a qual nós somos criados, e (2) a imagem que conseqüentemente tornou-se visível em nós. A imagem conforme a qual Deus fez o homem é uma, e aquela fixada em nós é bem outra. A primeira é a imagem de Deus conforme a qual nós somos criados, a outra é a imagem criada em nós. Para evitar confusão, as duas precisam ser mantidas distintas. Aquela já existia antes dessa, caso contrário, como poderia Deus haver criado essa conforme aquela?

Não é estranho que muitos tenham pensado que esta imagem e semelhança referiam-se a Cristo, de quem é dito ser "a Imagem do Deus invisível", e "a linhagem expressa da Sua Substância". Não são poucos o que aceitaram isso como ponto pacífico. Todavia, em coro com os nossos melhores ministros e mestres, cremos ser incorreto. Pois tal entra em conflito com as palavras, "Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança", o que deve significar que o Pai falava ao Filho e ao Espírito Santo. Alguns dizem que estas palavras foram endereçadas aos anjos, mas não pode ser assim, uma vez que o homem não foi criado segundo a imagem de anjos. Outros,

mantém que Deus falava Consigo mesmo, estimulando-Se a Si próprio para executar o Seu desígnio, utilizando o pronome "Nós" como um plural de majestade. Mas isto não concorda com as formas no singular imediatamente a seguir: "Criou, Deus, pois, à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou". Assim é que mantemos a explicação já tentada pelos mais sábios e mais devotos ministros, de que com estas palavras o Pai endereçou-Se ao Filho e ao Espírito Santo. E então a unidade das Três Pessoas se expressa nas palavras: "Criou, Deus, pois, o homem à Sua imagem...". Portanto essa imagem não pode ser o Filho. Como poderia o Pai dizer ao Filho, e ao Espírito Santo: "Criemos os homens conforme a imagem do Filho"?

Aquela imagem deve ser, portanto, uma concentração das características do Ser de Deus, através das quais Ele expressa-Se a Si mesmo. E uma vez que somente Deus pode representar o Seu próprio Ser para Si mesmo, segue-se que pela imagem de Deus nós devemos entender a representação do Seu Ser como existe eternamente, na consciência divina.

Tomamos "Imagem" e "semelhança" por sinônimos; não porque uma diferença não pudesse ser inventada; mas porque no versículo 27, o termo "semelhança" não é nem sequer mencionado. Por isso é que nos opomos à explicação que o termo "imagem" refere-se à alma, enquanto que o termo "semelhança" refere-se ao corpo. Ao permiti-la, pela indissolúvel união entre corpo e alma as características da imagem divina devem ter um efeito posterior na segunda, a qual é o Seu templo, mas ainda assim não existe razão nem sugestão porque deveríamos defender uma descrição tão precária entre 'imagem' e 'semelhança'. Assim é que a imagem após a qual nós somos criados é a expressão do Ser de Deus tal como existe na Sua própria consciência.

A pergunta que vem a seguir é: O que havia ou o que há no homem, que fizesse com que ele fosse criado após Aquela imagem?

V. Justiça (Retidão) Original.

"Pois nEle vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dEle também somos geração" - Atos 17:28

É a característica peculiar da Confissão Reformada, que mais do que qualquer outra, ela humilhe o homem pecador e exalte o homem sem pecado.

Não é Bíblico degradar o homem. Na qualidade de pecador, caído e não mais um homem real, ele deve estar humilhado, admoestado e intimamente quebrantado. Mas o homem divinamente criado, na realização do propósito divino, ou restaurado pela graça onipotente nos eleitos, é digno de todo o louvor, pois Deus o criou conforme a Sua própria imagem.

Porque ele situava-se tão alto, ele caiu tanto. Ele era um ser tão excelente, daí haver-se tornado um pecador tão detestável. A excelência do primeiro é a razão da abominação do último.

É dito que enquanto a época presente apropriadamente exalta e aprecia o homem, a nossa doutrina somente o degrada; mas com todo o seu tributo e louvor, esta época presente nunca concebeu testemunho mais exaltado do que aquele na Bíblia, que diz que: "Deus criou o homem à Sua própria imagem". Protestamos contra o clamor dos tempos, não porque faça muito do homem, mas porque faz muito pouco dele, declarando-o, positivamente, glorioso mesmo agora, no seu estado caído.

O que você pensaria de alguém que, andando em meio ao seu jardim, agora completamente devastado por uma tempestade violenta, chamasse as plantas e os brotos estragados, e as flores cobertas de lama, caídas nos seus canteiros todos desordenados, de magníficos? E isto é o que a época presente está fazendo. Caminhando entremeio ao jardim deste mundo, ressecado e completamente desarranjado em consequência das tempestades do pecado, ela clama em êxtase e orgulhosamente: "Que seres gloriosos são os homens! Quão charmosos e excelentes!" E como o botânico diria, ao olhar tal jardim tão desordenado: "Você chama isso de lindo? Você devia tê-lo visto antes de a tempestade o haver estragado"; assim também dizemos a esta época presente: "Você chama a este homem caído de glorioso? Comparado ao que ele devia ser, ele é inteira e completamente inútil.

Mas ele era sim, glorioso, refulgindo toda a beleza da imagem divina, antes que o pecado o arruinasse".

Por conseguinte, a nossa doutrina exalta-o até a glória mais elevada. Em seguida à glória de ser criado à imagem de Deus, vem a glória de ser o próprio Deus. Tão logo o homem assim o presume, ele desfaz-se de toda glória em si mesmo; é seu pecado detestável que ele aspire a ser como Deus. Se for dito que, mesmo no Paraíso, a lei prevalecia de que Deus somente é grande, e que a criatura nada é perante Ele; respondemos, que ele que foi criado à imagem divina não tem nenhuma ambição maior do que a de ser um reflexo da imagem de Deus; excluindo por completo a idéia de ser acima ou de ser contra Deus. Assim é que é certo que o homem original era muito mais glorioso e excelente, e, portanto, o homem caído é, ao máximo, miserável e repugnante.

Então o homem caído perdeu a imagem de Deus?

Esta questão vital controla os nossos pontos de vista quanto ao homem, em cada aspecto, e por isso requer o exame mais detalhado; especialmente desde que as opiniões dos crentes com relação a ela são diametralmente opostas. Alguns, mantêm que depois da queda o homem caído reteve algumas particularidades, enquanto outros, que ele perdeu-as por completo.

Para evitar quaisquer mal entendidos, devemos primeiro decidir se, ser criado à imagem de Deus (1) refere-se somente à justiça (retidão) original, ou (2) incluía também a natureza do homem, a qual estava vestida com esta retidão original. Se a imagem divina consistiu existia somente na retidão original, então, é claro, ela foi completa e absolutamente perdida, pois por sua queda o homem perdeu esta retidão original de uma vez por todas. Mas se ela também estava impressa no seu ser, na sua natureza, e na sua existência humana, então ela não pode desaparecer por completo, pois, conquanto profundamente afundado, o homem - caído - continua sendo homem.

Com isto, não inferimos que algo espiritualmente bom foi deixado no homem; entre os finalmente perdidos, mesmo os mais profundamente caídos reterão alguma evidência de que foram criados após a imagem divina. Nem sequer hesitamos em subscrever a opinião dos nossos

pais de que se os anjos, Satã incluído, tivessem sido criados originalmente à imagem de Deus (o que a Bíblia não ensina positivamente), então mesmo o diabo em sua profunda perversidade e extrema crueldade deveria mostrar alguma característica daquela imagem.

Não queremos dizer que após a queda o homem tivesse qualquer voluntariedade, conhecimento ou qualquer coisa boa; e aqueles que, no púlpito ou ao escrever inferem nisto, com base na declaração "...Nada lhe sobrou destes dons, senão pequenos traços..." da Confissão de Fé [*], perverte o pleno ensinamento daquele documento. Embora ele reconheça que alguns pequenos traços hajam sobrado ao homem caído, todavia segue-se naquele mesmo artigo da Confissão que "...toda a luz em nós se tornou em trevas"; e antes disso é citado que o homem, "Tornando-se ímpio, perverso e corrupto em todas as suas práticas, ele perdeu todos os dons excelentes", e que "...ele corrompeu toda a sua natureza...". Assim é que por esses "pequenos traços" não se pode nunca entender que impliquem que haja permanecido no homem caído qualquer força, qualquer voluntariedade ou qualquer desejo pelo bem. Não, um pecador na sua natureza caída é completamente condenável. E existe isso, como o mesmo artigo confessa que, "...somente o entendimento ou a vontade que Cristo opera no homem, está em conformidade com o entendimento e vontade de Deus, como Ele ensina: "Sem Mim nada podeis fazer" (João 15:5)". [* - N.T.: O autor refere-se ao Artigo XIV da Confissão de Fé Belga : "A Criação do Homem. Sua Queda e Sua Incapacidade de Fazer o Bem"]

E assim desarmamos qualquer suspeita de que estejamos buscando alguma coisa boa no homem.

Com a Bíblia nós confessamos: "...Não há justo, nem sequer um. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se extraviaram; juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só"[Romanos 3:10 - 12].

Mas como isto pode ser reconciliado? Como podem estes dois andarem juntos? Por um lado, o pecador não tem nada, absolutamente nada bom ou louvável; e por outro, este mesmo pecador sempre tem traços e características da imagem de Deus !

Ilustremos. Dois cavalos enlouquecem; um é um cavalo comum, de carroça, enquanto que o outro é um alazão puro sangue Árabe. Qual é o mais perigoso? O último, é claro. O seu sangue nobre se agitará em agitação e violência mais incontroláveis. Ou, dois funcionários trabalham num escritório; um é um mero trabalhador de raciocínio lento, o outro, um jovens com cérebro brilhante e olhar penetrante. Qual dos dois poderia fazer mais mal ao seu empregador? É claro que o segundo, e todas as suas artimanhas mostrariam a sua superioridade operando na direção errada. É sempre assim. Não há um inimigo da verdade mais perigoso do que um crente que tenha sido instruído na religião. Em toda a sua fúria ímpia ele mostra o seu treinamento e conhecimento superiores. Satã é tão poderoso porque antes da sua queda ele era tão excessivamente glorioso. Por conseguinte, na sua queda o homem não desvencilhhou-se da sua natureza original, mas a reteve. Somente o seu agir foi reverso, corrupto, e voltado contra Deus.

Quando o capitão de uma fragata, numa batalha naval, trai o seu rei e levanta a bandeira do inimigo, ele primeiramente não estraga ou afunda o seu navio, mas ele o mantém tão eficiente para o serviço quanto possível, e com todo o seu armamento intacto ele faz exatamente o contrário do que deveria fazer. "Optimi corruptio pessima" diz o provérbio dos sábios-i.e., quanto maior for a excelência de algo, mais perigosa é a sua deserção. Se o almirante da frota tivesse a chance de escolher qual das suas embarcações devesse traí-lo, ele diria: "Que seja a mais fraca, pois a deserção da mais forte é a mais perigosa". E isto é verdadeiro em cada esfera da vida, que as excelentes qualidades de alguma coisa ou de um ser não desaparecem em ação reversa, mas tornam-se as mais excelentemente más.

Deste modo nós podemos compreender a queda do homem. Antes dela ele possuía o organismo mais excelente, o qual por um impulso santo estava direcionado para o objetivo mais exaltado. Embora revertido pela queda, este precioso instrumento humano permaneceu, mas, direcionado por um impulso ímpio; ele agora está direcionado para um fim profundamente ímpio.

Comparando o homem a um navio, a sua queda não tirou-lhe o motor. Mas como antes da queda ele movia-se em justiça, assim ele

agora move-se em injustiça. Na verdade, tão rápido quando ele navegava antes em direção à felicidade, tão rápido ele agora navega em direção à perdição, i.e., para longe de Deus. Daí que o não se lhe tirar o motor, fez a sua queda a mais terrível, e a sua destruição a mais certa. E assim nós reconciliamos os dois: que o homem reteve suas características originais de excelência, e que a sua destruição é certa, exceto se ele nascer de novo.

Mas, na imagem divina, devemos distinguir cuidadosamente:

Primeiro, o organismo artístico e maravilhoso, chamado natureza humana.

Segundo, a direção na qual ele se movia, i.e., ao encontro do fim mais santo, naquele em que Deus criou o homem em justiça e retidão originais.

Que Deus criou o homem bom e conforme a Sua própria imagem não significa que Adão estivesse num estado de inocência, naquele ele não teria pecado; nem que ele estivesse perfeitamente equipado para tornar-se santo, ascender gradualmente ao um desenvolvimento maior; mas que ele foi criado em justiça e santidade verdadeiras, indicando não o grau do seu desenvolvimento, mas a sua condição. Esta era a sua justiça, a sua retidão original. Por isso todas as inclinações e atitudes do seu coração eram perfeitas. Não lhe faltava nada. Somente num aspecto a sua bem-aventurança diferia daquela dos filhos de Deus, a saber, ele podia perde-la e eles não.

Destas duas partes que constituem a imagem divina - primeira, o organismo íntimo, artístico do ser humano; e, segunda, a retidão, a justiça original na qual o organismo movia-se naturalmente - esta última está completamente perdida, enquanto que a primeira está invertida; mas o ser do instrumento, embora terrivelmente danificado, desfigurado, permaneceu o mesmo, para agir na direção errada, i.e., na injustiça, na tortuosidade. Assim é que as características ou os efeitos posteriores da imagem divina não são encontrados nas poucas coisas boas que permanecem no pecador, senão "em tudo o que faz". O homem não poderia pecar tão terrivelmente se Deus não o houvesse criado conforme a Sua própria imagem.

A Bíblia ensina, portanto, que todos os homens desviaram-se, que todos eles corromperam-se, e que todos estão sem a glória de

Deus; enquanto que nela também está declarado que, mesmo este homem caído é criado à imagem de Deus ("...porque Deus fez o homem à sua imagem"-Gênesis 9:6), e conforme a Sua semelhança ("...os homens, feitos à semelhança de Deus"-Tiago 3:9).

VI. Roma, Socínio, Armínio, Calvino.

"e a vos revestir do novo homem, que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade"-Efésios 4:24

Não é surpreendente que crentes mantêm pontos de vista diferentes com relação ao significado da imagem de Deus. Trata-se do ponto de partida que determina a direção de quatro estradas diferentes. O menor desvio no início com certeza leva a uma representação totalmente diferente da verdade. Portanto, cada crente que pensa deve escolher deliberadamente qual estrada ele seguirá:

Primeiro, o caminho de Roma, representado por Bellarmino.

Segundo, o de Armínio e Socínio, caminhando de braço dado.

Terceiro, o caminho da maioria dos Luteranos, liderado por Melâncton.

Último, a direção mapeada por Calvino, i.e. a dos Reformados.

Roma ensina que a justiça original não pertence à imagem divina, mas à natureza humana como uma graça super acrescentada. Citando Bellarmino, primeiro, que o homem é criado, consistindo de duas partes, corpo e espírito; segundo, que a imagem divina é estampada parcialmente no corpo, mas principalmente no espírito humano, o lugar da consciência moral e racional; terceiro, que há um conflito entre a carne e o espírito, a carne cobiçando contra o espírito; quarto, portanto o homem tem uma inclinação e um desejo naturais pelo pecado, os quais enquanto desejo somente não constituem pecado, desde que o desejo e a inclinação não se transformem em ato; quinto, que na Sua graça e compaixão Deus deu ao homem, independentemente da sua natureza, a justiça original, para defesa e como válvula de segurança, para controlar a carne; sexto, que quando da queda, o homem voluntariamente desvencilhou-se desta super acrescentada graça: daí que como pecador ele encontrar-se novamente na sua natureza nua ("in puris naturalibus") a qual, na verdade, é inclinada para o pecado, na medida em que seus desejos

são pecaminosos. Nós cremos que os teólogos Romanos concordarão que este é o ponto de vista corrente entre eles. O "Catechismus Romanus" cita na questão 38: "Deus deu ao homem, do pó da terra, um corpo, de maneira tal que ele era participante da imortalidade, não em virtude da sua natureza, mas por uma graça super acrescentada. Quando à sua alma, Deus formou-o à Sua imagem e conforme a Sua semelhança, e deu-lhe um livre arbítrio; ademais [no original "præterea", além disso, portanto não pertencendo à sua natureza], Ele de tal forma temperou os seus desejos que eles continuamente obedecem os ditames da razão. Além disso Ele derramou nele a justiça original, e deu-lhe domínio sobre todas as outras criaturas."

O ponto de vista de Socínio e de Armínio, que seguia-o com muita atenção, é totalmente diferente. É um fato bem conhecido que os Socinianos negam a Deidade de Cristo, quem, conforme ensinavam, nasceu como um mero ser humano. Mas (e por isso é que eles iludiram os Poloneses e Húngaros) eles reconheciam que Ele se tornara Deus. Assim é que após a Sua Ressurreição Ele podia ser adorado como Deus. Mas em que sentido? Que a natureza divina Lhe foi dada? De modo algum. Na Bíblia, magistrados, estando investidos com a majestade divina a qual os habilitava para exercer autoridade, são chamados "deuses". Isto aplica-se a Jesus, que, após a Sua Ressurreição, recebeu do Pai o poder sobre todas as criaturas, num grau eminente. Por conseguinte ele é absolutamente investido com divina majestade. Se um pecador, como um magistrado, é chamado deus, quanto mais podemos nós conceber Cristo sendo chamado de Deus, simplesmente para expressar que Ele foi investido com autoridade divina?

De forma a dar suporte a esta falsa visão da Deidade de Cristo, os Socinianos falsificaram a doutrina da imagem de Deus, e a fizeram equivalente ao domínio do homem sobre os animais. Em sua opinião esta era também um tipo de majestade mais elevada, contendo algo de divino, que era a imagem de Deus. Portanto, o primeiro Adão, sendo revestido de majestade e de domínio sobre uma porção da criação, era portanto geração de Deus e criado à Sua imagem. E o segundo Adão, Cristo, também revestido com majestade e domínio sobre a criação, a Bíblia portanto chama de Deus.

Que os 'Protestantes'(*) também adotaram esta falsa representação aparece conclusivamente do que o moderado professor A. Limborch escreveu no início do século dezoito: "Esta imagem consistia no poder e na posição exaltada que Deus deu ao homem, acima de toda a criação. Por este domínio ele (o homem) mostra da maneira mais clara a imagem de Deus na terra". E ele acrescenta: "Que forma a exercer este poder, ele (o homem) foi dotado de talentos gloriosos. Mas esses são somente os meios. O Domínio sobre os animais é o ponto principal". Disso inferimos que o mais ousado e rude domador de animais brincando com leões e tigres como se fossem cães domésticos, é o mais doce e delicado dos filhos de Deus. Dizemo-lo com toda a seriedade e sem qualquer traço de pilhéria, para mostrar a tolice do sistema Sociniano. (*)N.T.: O autor refere-se aos assim denominados "Remonstrants"-Holandeses Arminianos que, em 1610 declararam a sua dissidência do estrito Calvinismo.

O ponto de vista Luterano, como será visto, ocupa posição intermediária entre os Católicos Romanos e os Reformados.

A sua parte mais proeminente (prontamente reconhecida na representação do Dr. Böhl), é que a imagem divina é simplesmente a justiça original. Eles não negam que o homem, enquanto homem, no seu ser e na sua natureza mostra algo de lindo e excelente, lembrando a imagem de Deus; mas a imagem real em si mesma não está na natureza do homem, nem no seu ser espiritual, mas somente na sabedoria e na justiça originais nas quais Deus o criou. Gerhardt escreve: "A verdadeira similaridade com Deus está na alma do homem, parcialmente na sua inteligência, parcialmente nas suas inclinações morais e racionais, excelências estas as quais, as três juntas constituem-se na sua justiça original". E Bauer: "Falando propriamente, esta imagem de Deus consiste perfeições irrompidas da vontade, do intelecto e dos sentimento, as quais Deus criou junto com o homem (concreatas), a qual é a justiça, a retidão original." Daí que a doutrina Luterana ensina que a própria imagem de Deus agora está totalmente perdida, e que o pecador é tão indefeso perante a obra da graça como um pedaço de pau ou uma pedra, ou como alguém acorrentado e incapaz de até mesmo chocalhar suas correntes.

Os Reformados, ao contrário, sempre negaram isso; e ensinaram que a imagem de Deus, sendo uma com a Sua semelhança, não consistia somente da justiça original, mas incluía também o ser e a personalidade humanos; não somente o seu estado, mas também o seu ser. Assim é que a justiça, a retidão original não foi uma coisa adicional, mas o seu ser, a sua natureza e o seu estado estavam originalmente na mais linda harmonia e relação causal. Ursinus diz: "A imagem de Deus tem referência: (1) à substância imaterial da alma, com os seus dons de conhecimento e vontade; (2) a todo o conhecimento criado de Deus e da Sua vontade; (3) à inclinação santa e justa da vontade, e o mover do coração, i.e. a perfeita justiça; (4) à felicidade, santa paz, e abundância de todo gozo; e (5) ao domínio sobre as criaturas. Em tudo isso a nossa natureza moral reflete a imagem de Deus, embora de forma imperfeita. 'São Paulo explica a imagem de Deus a partir da verdadeira santidade e justiça, sem contudo excluir a sabedoria e o conhecimento criado de Deus. Antes, ele os pressupõe".

Estes quatro pontos de vista relativos à imagem divina apresentam quatro opiniões opostas, que são claramente descritas e inteligentemente traçadas. Os Socinianos concebem a imagem de Deus como estando completamente fora do homem e do seu ser moral, e consistindo no exercício de algo parecido com a autoridade divina. Os Católicos Romanos de fato enxergam a imagem divina no homem, mas o separam do ideal divino, i.e., a justiça original que é posta no homem como uma vestimenta. Os Luteranos, como os Socinianos, colocam a imagem divina fora do homem, exclusivamente no ideal divino, o qual eles consideram não como estranho ao homem, mas calculado para ele e originalmente criado na sua natureza (conquanto distinto dela). Por último, os Reformados confessam que toda a personalidade do homem é a impressão da imagem divina no seu ser e atributos; aos quais pertence naturalmente aquela perfeição expressa na confissão da justiça original.

É indubitável que a confissão Reformada é a mais pura e mais excelente expressão da revelação da Bíblia; por isso que nós a mantemos com a mais profunda convicção. Ela sustenta que Deus criou o homem à Sua imagem, e não somente a sua natureza, como

Roma; nem somente a sua autoridade, como os Socinianos; nem somente a sua justiça, como os Luteranos.

Esta imagem divina não pertence meramente a um atributo, a um estado, ou a uma qualidade do homem, mas ao homem por inteiro; pois Ele criou o homem à Sua imagem; e a confissão que subtraia disto põe em descrédito a declaração Bíblica positiva, i.e. a partir do testemunho direto do Espírito Santo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"[Gênesis 1:26]; e não: Re-formemos o homem à nossa Imagem".

Nem tampouco está a imagem divina somente na personalidade do homem, como sustentam os teólogos "Vermittelungs" (da meditação) seguidores de Fichte. A personalidade do homem certamente pertence a ela, mas não é tudo, nem mesmo o item principal. A personalidade está em contraste com os nossos iguais, e contraste não pode ser após a imagem de Deus, pois Deus é Uno. A Personalidade é um traço muito fraco da imagem divina. A verdadeira personalidade não está em contraste, mas sim em gloriosa plenitude, tal como aquela em Deus. A uma pessoa somente, pode haver a falta de alguma coisa; mas a Três Pessoas, somente em Um Ser, há a plenitude.

Razão pela qual nós protestamos contra estas asserções enfáticas e de alto tom de que a imagem é a nossa personalidade imperfeita, como que levando a Igreja para longe da Bíblia. Não, o próprio homem é a imagem de Deus, todo o seu ser como homem - em sua existência espiritual, no ser e na natureza da sua alma, nos atributos e nas obras que adornam e que dão expressão ao seu ser; não como se este ser humano fosse uma locomotiva sem vapor, posando como um manequim, mas como um organismo vivo e ativo, exercendo influência e poder.

Como um ser humano não é defeituoso, mas perfeito; não num estado de quase ser, mas sendo - i.e., ele não tornou-se reto, mas era reto. Esta é a justiça, a retidão original. Por conseguinte, que Deus criou o homem à Sua imagem significa:

1. Que o ser humano é, em forma finita, a impressão do Ser infinito de Deus.

2. Que os seus atributos são a forma finita da impressão dos atributos infinitos de Deus.

3. Que o seu estado era a impressão do contentamento de Deus.

4. Que o domínio que ele exercia era a imagem e a impressão do domínio e da autoridade de Deus.

Ao que pode ser acrescentado que, desde que estima-se ser o corpo humano uma névoa do espírito, ele deve também conter algumas sombras daquela imagem.

Esta confissão, as Igrejas Reformadas devem manter no púlpito, nas classes catedráticas, e nos corredores de recitação de teologia.

VII. Os Néo-Kohlbruggianos.

"Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e pôs-lhe o nome de Sete"-Gênesis 5:3

Muitos são os esforços para alterar o significado da frase, "Façamos o homem à imagem, conforme a nossa semelhança", por intermédio de uma tradução diferente; especialmente por fazê-la ler "na" ao invés de "conforme" a nossa semelhança. Esta nova leitura é o principal suporte do Dr. Böhl. Com esta tradução, o seu sistema cai ou permanece.

De acordo consigo, o homem não é o portador da imagem divina, mas através de um ato divino ele foi colocado nela, como uma planta é colocada na luz do sol. Tanto quanto a planta permaneça no escuro, seu formato e suas flores são invisíveis; levada até a luz, a sua beleza torna-se aparente. De maneira similar, o homem era sem brilho até que Deus o colocou na radiante glória da Sua imagem, e então ele tornou-se lindo. É claro que esta idéia exige a tradução: "Criemos, o homem na Nossa imagem".

Expliquemos a diferença: A passagem em Gênesis 1:26 tem duas preposições diferentes. Aquela que aparece antes de "semelhança" é invariavelmente utilizada em comparações; enquanto que a outra, que aparece antes de "imagem" é mais utilizada para denotar que algo é encontrado em outro. Daí a tradução, "Na Nossa imagem e conforme a nossa semelhança", tem aparentemente muito

em seu favor. A tradução (embora creiamos ser incorreta; pelas razões que apresentamos no próximo artigo), não altera o significado, se corretamente interpretada.

E o que é esta interpretação correta? Não aquela do Dr. Böhl; pois, de acordo com ele, o homem recém criado não se encontrava no meio daquela imagem, mas somente no seu reflexo e na sua radiação. A planta não é colocada no sol, mas nos raios do sol. Não; se Adão estivesse no meio da imagem de Deus, ele então estaria total e completamente cercado, circundado, abrangido por ela.

Ilustremos. Existem imagens de madeira que são cobertas por papel, no qual é impresso um busto ou uma cabeça, e colorido para imitar mármore ou bronze. Pode ser dito da madeira, que ela está na imagem, coberta por ela (pela imagem) por todos os lados. De novo, o escultor na realidade cinzela a imagem, na sua mente, ou posando como modelo, no mármore, até circundar, envolver o bloco inteiro. De maneira similar, pode ser dito que Adão, quando do seu primeiro despertar à consciência, foi envolvido, foi circundado pela imagem de Deus; não externamente, e não somente o seu reflexo, mas o seu tipo, penetrando em todo o seu ser.

A exatidão desta exegese aparece em Gênesis 5:1-3; passagem cujo conteúdo, embora muitas vezes não percebido, conclui este assunto. Aqui a Bíblia traz a criação de Adão a uma conexão direta com a sua própria paternidade de broto conforme a sua própria imagem. Naquela passagem (Gênesis 5:1-3) lemos: "Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. Homem e mulher os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de homem, no dia em que foram criados. Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e pôs-lhe o nome de Sete".

Em ambos casos, é usada a palavra em Hebreu "zelem", imagem. Assim, para obter-se uma compreensão clara e correta da declaração "ser criado à imagem e conforme a semelhança de Deus", a Bíblia nos convida a permitir que a semelhança de um filho para com o seu pai nos seja de assistência. E a imagem do pai encontra-se no ser do filho, é parte dele, e não simplesmente irradia do pai para o

filho, externamente. Mesmo na sua ausência, ou após a sua morte, a semelhança continua.

Por conseguinte, ser pai de alguém na nossa imagem e conforme a nossa semelhança, significa dar existência a um ser que carrega em si a nossa imagem e semelhança, embora como pessoa seja distinto de nós. Do que então deve seguir-se que quando a Bíblia diz, com relação a Adão, que Deus o criou na Sua imagem e conforme a Sua semelhança, usando as mesmas palavras "imagem" ("zelem", em Hebreu) e "semelhança" ("demoeth", em Hebreu), ela não pode querer dizer que a imagem divina brilhou sobre Adão, de forma que ele encontrava-se e caminhava na sua luz; mas que Deus o criou de tal modo que todo o seu ser, toda a sua pessoa, e todo o seu estado refletiam a imagem divina, uma vez que ela a carregava em si mesmo.

É notável que as preposições usadas em Gênesis 1:26 ("...Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...") também aparecem na passagem em Gênesis 5:3, mas na ordem inversa. Traduzida, a segunda preposição na frase (a preposição "à", como em Gênesis 1:26), a passagem em Gênesis 5:3 ficou: "...e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem...". E isto é conclusivo. Mostra como é completamente injusto deduzir um significado diferente, do uso de preposições diferentes. Mesmo se traduzirmos a preposição do original por "em" - "na imagem de Deus" - o sentido é o mesmo; pois nos dois casos, a imagem não é um reflexo que cai sobre o homem, somente indicando o seu estado, mas também a sua forma; ambos, estado e ser. - (1)

Contudo, antes de prosseguirmos, permita-se que o próprio Dr. Böhl fale. Pois é possível que tenhamos-lo compreendido erroneamente; o que faz portanto com que seja razoável que as suas próprias palavras sejam apresentadas aos nossos leitores.

Tomamos estas citações da sua obra intitulada, "Von der Incarnation des Gottlichen Wortes"; um livro dogmático, altamente importante, no qual ele lida com as explosões dos teólogos "Vermittelungs" que têm enchido os nossos corações de alegria, parcialmente porque Deus é através delas honrado, e também por causa do consolo oferecido aos corações aflitos. Portanto, não entra

na nossa mente diminuir o trabalho do Dr. Böhl. Nós somente contendemos que a sua apresentação da imagem de Deus não é a verdadeira. Nós apontamos, portanto, às importantes e excessivamente claras sentenças nas páginas 28 e 29 da sua obra:

"Deus ordenou que imediatamente, desde o princípio, o homem viesse a estar sob a influência daquilo que é bom, e consequentemente fizesse aquilo que é bom. Ele criou-o na imagem de Deus, conforme a Sua semelhança. O significado disto é feito claro quando consideramos a restauração do homem caído [conforme em Efésios 4:24 ("E vos revistais do novo homem...") e também em Colossenses 3:9 ("...pois que já vos despistes do velho homem..."). Paulo, falando do novo homem com que devemos revestirmo-nos, depois de havermos despido-nos do velho homem, faz referência ao estado original. E agora ele descreve este novo homem como alguém que foi criado à imagem de Deus em justiça e santidade, como Ele verdadeiramente o é. Estas expressões apostólicas contêm uma descrição do mesmo equipamento que Moisés caracteriza com as palavras: "Na imagem de Deus, conforme a Sua semelhança". A regeneração é uma nova criação, a qual, no entanto, é ordenada após o modelo do velho, sem tirar-se nada dele, ou acrescentar-se nada a ele. Assim é que o fato de o homem posicionar-se na imagem de Deus, na qual ele encontrava-se conforme a semelhança de Deus, é algo que pode ser tirado do homem sem que se remova a própria criatura de Deus. Ademais, o apóstolo descreve os movimentos do novo homem sob a imagem de várias indumentárias as quais ele precisa vestir (Colossenses 3:12-"Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade"). O fundamento e a ocasião de tal estar vestido é Cristo, o Espírito que Cristo envia desde o Pai; ou o encontrar-se em Cristo, ou na graça (e.g. II Coríntios 5:17-"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo"; Gálatas 5:16, 18, 25-"Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito"; Romanos 5:2-"Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça,

na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus"). E exatamente da mesma forma é o fundamento para a semelhança com Deus, o encontrar-se na imagem de Deus, de acordo com Gênesis 1:26. - (2)

As palavras em *itálico*, aliás!, eliminam toda dúvida. É possível conceber a imagem de Deus como havendo desaparecido completamente; e o homem permanecendo homem, todavia.

O Dr. Böhl repete isso, claramente, nas seguintes palavras (na página 29 da sua obra):

"Se agora nós pensamos na criatura como havendo deixado esta posição, todavia esta mesma criatura permanece intacta". - (3)

E isto vai tão longe, que o próprio Dr. Böhl sentiu o quão próximo ele assim retornou aos domínios de Roma, razão pela qual ele continua, dizendo:

"No entanto, com este entendimento, que a criatura não reteve força o suficiente, com a ajuda do gracioso dom de Cristo, para restaurar-se a si mesma, conforme ensinado por Roma. Mas após a queda, o ego do homem, com as mais elevadas dádivas recebidas na sua criação, deixou o seu verdadeiro lugar e é entregue à Morte como sua governadora, e à lei, como sua guia cruel." - (4)

Mais forte ainda: o Dr. Böhl está tão firmemente ligado a esta apresentação que ele diz, até de Cristo, que a Ele, antes da Sua Ressurreição, faltava-Lhe a imagem divina. Veja na página 45: "O nosso Senhor e Salvador encontrava-Se fora da imagem de Deus" ("Ausserhalb des Bildes Gottes stand unser Herr"). O que é de tudo o mais sério, desde que em consequência desta apresentação, as paixões e os desejos para com os pecadores são, considerados por eles mesmos, sem pecado, tal como Roma o ensina.

Então lemos, na página 73 da obra do Dr. Böhl:

"O fato de que o homem tenha desejos, de que ele seja guiado por paixões, tais como a raiva, o medo, a inveja, a alegria, o amor, o ódio, a saudade, a dó, tudo isso não constitui pecado; pois o poder para experimentar a raiva, desprazer, ou dó, e as paixões similares, é criado por Deus. Sem estas não haveria vida nem emoção no homem. Daí é que desejos e paixões, no geral, não são pecado em si mesmos. Eles tornam-se e são pecado na presente condição do homem, porque,

por intermédio de uma lei interveniente, e através daquela tendência perversa de vida a qual Paulo chama de uma lei de pecado, o Ego humano é compelido a determinar a sua relação com as paixões e os desejos, i.e. adotar uma atitude boa ou má para com eles". - (5)

Que cada um julgue por si mesmo se falamos demais quando dissemos da necessidade de protestar, no nome da nossa Confissão Reformada, contra o horripilante nesta apresentação Platônica, que mais tarde foi parcialmente defendida pelos teólogos Romanos, e parcialmente pelos teólogos Luteranos.

O Dr. Böhl é excelente quando ele mostra que a justiça, a retidão original não era simplesmente um germe, o qual tinha ainda que desenvolver-se, mas que a justiça de Adão era completa, não lhe faltando nada. Igualmente excelente é a sua prova contra Roma, mostrando que ao homem, na sua natureza nua, falta-lhe absolutamente o poder de santidade. Mas ele erra ao representar a imagem de Deus como algo sem o qual o homem continua homem. Isto coloca a justiça, a retidão e a santidade mecanicamente fora de nós, enquanto que a ligação orgânica entra aquela imagem e o nosso próprio ser, que uma vez existiu e devia, existir, seja exatamente o que deve ser mantido.

E todavia, que não se pense que o Dr. Böhl tenha qualquer inclinação para com Roma. Se enxergarmos corretamente, seu desvio, psicologicamente explicado, provém de um motivo completamente diferente.

É um fato bem conhecido que o Dr. Köhlbrugge, com um ardor de fé glorioso, contra o restabelecimento do Pacto de Obras durante o Pacto da Graça: e introduziu-nos novamente, acentuada e enfaticamente, à completamente perfeita obra do nosso Salvador, a qual nada pode ser acrescentado. Assim é que este pregador de justiça foi compelido a fazer o filho de Deus lembrar-se do que ele era, fora de Cristo. É claro, que fora de Cristo, não há diferença entre um filho de Deus e uma pessoa ímpia, sem Deus. Então todos estão num mesmo monte; como o ritual da Ceia do Senhor lindamente confessa: "Que buscamos a nossa vida fora de nós mesmos, em Jesus Cristo, e desta forma reconhecemos que encontramos-nos no meio da morte"; como também o Catecismo de Heidelberg confessa: "...que tenho

pecado gravemente contra todos os mandamentos de Deus e não ter observado nenhum deles, e ainda de eu ser sempre propenso a tudo que é mau..."[Pergunta 60].

Se virmos corretamente, o Dr. Böhl tentou reduzir esta parte da verdade a um sistema dogmático. Ele assim considerou: "Se um filho de Deus tem sua vida fora de si mesmo, então Adão, que era um filho de Deus deve também ter tido sua vida fora de si mesmo. Por conseguinte, a imagem de Deus não estava no, mas fora, do homem".

E qual é o erro do assim considerar? Este, que o filho de Deus permanece um pecador até a sua morte, e somente é inteiramente restaurado após a sua morte. Somente então, é sua a redenção completa. Enquanto que em Adão, antes da sua queda, não havia pecado algum; por conseguinte Adão nunca poderia dizer de si mesmo que ele encontrava-se no meio da morte.

Com toda a veemência dos nossos corações, nós rogamos a todos aqueles que conosco possuem o tesouro da pregação do Dr. Köhlbrugge, para cuidadosamente notar este desvio. Se os jovens Kohlbruggianos [N.T.: discípulos do Dr. Köhlbrugge] fossem tentados a não compreender o seu mestre, nesse aspecto, a perda seria incalculável, e a cisão na Confissão Reformada seria permanente; uma vez que tocaria num ponto o qual afeta toda a confissão da verdade.

VIII. Após a Escritura.

"No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez" - Gênesis 5:1

Nas páginas precedentes, mostramos que a tradução, "na Nossa imagem", na verdade quer dizer, "à nossa imagem" [N.T.: vide nota post scriptum (1)]. Fazer qualquer coisa numa imagem não é linguagem; é impensável, logicamente falso. Procedemos agora a mostrar como deveria ser traduzido, e damos nossos motivos para tal.

Começamos citando algumas passagens do Antigo Testamento, nas quais ocorre a preposição "B" [N.T. o autor refere-se ao vocábulo, à preposição no idioma original da Escritura; consoante sua posterior tradução para o Inglês], a qual, em Gênesis 1: 27, encontra-se antes da palavra "imagem"; passagens nas quais ela não pode ser

traduzida pela forma contraída "em + a = na", mas exige uma preposição de comparação, tal como "após", ou "segundo", ou "como", ainda "à".

Em Isaías 48:10 lemos: "Eis que já te purifiquei, mas não como a prata; escolhi-te na fornalha da aflição". Aqui a preposição "B" encontra-se antes de "a prata", como em Gênesis 1:27, antes de "imagem". É óbvio que não pode ser traduzida como "na prata" ("em + a"), senão somente "como prata". Certamente que o Senhor não jogaria os Judeus num cadinho cheio de prata derretida. A preposição é uma de comparação; como em I Pedro 1:17 ("...como prata ou ouro como prata ou ouro...") o refino de Israel é comparado àquele de um metal nobre. A passagem em Isaías 48:10 pode ser traduzida como: "Eis que já te purifiquei, mas não de acordo com a natureza da prata"; ou, simplesmente, "como a prata". No Salmo 102:3 lemos: "Porque os meus dias se consomem como a fumaça, e os meus ossos ardem como lenha". Em Hebreu, a mesma preposição "B" ocorre antes de "a fumaça", e quase que todos exegetas a traduzem por "como a fumaça".

Novamente, no Salmo 35:2 lemos: "Pega do escudo e da rodela, e levanta-te em minha ajuda". "Levanta-te na minha ajuda" não faz nenhum sentido. A idéia não permite nenhuma outra tradução senão esta: "Levantai, de modo que Vós sejais minha ajuda"; ou, "Levanta-te como minha ajuda"; ou, como a Versão Autorizada o tem: "Levanta-te em minha ajuda".

O mesmo resultado encontramos em Levítico 17:11 : "Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma". Aqui ocorre a mesma preposição "B". No original, em Hebreu, lê-se o vocábulo "Banefesh", o qual foi traduzido por "pela alma". Seria absurdo traduzir-se "na alma" ("em" + "a" alma); pois o sangue não corre na alma, nem tampouco a expiação não ocorre na alma, mas sim no altar. Aqui também temos uma comparação (uma substituição). O sangue é como a alma, representa a alma na expiação, toma o lugar da alma.

Notamos o mesmo na passagem em Provérbios 3:26, onde a sabedoria de Salomão escreveu: "Porque o SENHOR será a tua

esperança; guardará os teus pés de serem capturados". A mesma preposição também ocorre aqui. No texto original em Hebreu lê-se a palavra "Bkisleka", que literalmente significa "por um lombo a vós". E porque os lombos são a força de um homem, o termo é então usado metaforicamente para indicar a base de confiança e de esperança na aflição. O sentido é então, perfeitamente claro. Diz Salomão: "O Senhor será para ti como um fundamento de confiança, teu refúgio e tua esperança". Porquanto se lêssemos nesta passagem: "O Senhor será na tua esperança", poderia inferir-se que, entre outras coisas, o Senhor estivesse também na esperança dos justos; o que não seria Bíblico e teria gosto de Pelagianismo. Na Bíblia, o Senhor somente é a esperança do Seu povo. Por conseguinte a preposição não significa "em + a", mas indica sim, uma comparação.

Para dar mais um exemplo, lemos em Êxodo 18:4 : "...O Deus de meu pai foi por minha ajuda, e me livrou da espada de Faraó". Traduza esta passagem por "...O Deus do meu pai estava na minha ajuda", e quão ilógica e não Bíblica será a idéia!

Dessas passagens, às quais outras podem ser acrescentadas, então aparece que:

(1) - Esta preposição não pode sempre ser traduzida por "em".

(2) - A sua utilização como preposição de comparação, no sentido de "como", "por", "após", está longe de ser rara.

Armados com esta informação, retornemos agora à passagem em Gênesis 1:26; e na nossa opinião, tal passagem não nos oferece agora qualquer dificuldade que seja. Como em Isaías 48:10, a preposição e o substantivo são traduzidos "como a prata"; no Salmo 102:4, "como fumaça", no Salmo 35:2, "como" ou "em minha ajuda"; em Levítico 17:11, "pela alma" ou "no lugar da alma"; em Provérbios 3:16, "como" ou "para a tua confiança"; a Versão Alemã da Bíblia em Hebreu de Viena traduz, "Façamos o homem à (ou "como") a Nossa imagem", i.e., "Façamos o homem, que será a Nossa imagem na terra", ou, numa forma mais livre de tradução, "Façamos uma espécie de ser, que terá a Nossa imagem na terra", ou "que será como a Nossa imagem na terra", ou "que seja para Nós, na terra, como uma imagem".

Então segue-se, em Gênesis 1:27 : "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou". É, claro, exatamente o mesmo se eu disser, "Deus criou o homem à Sua imagem", i.e., de forma que o homem tornou-se portador da Sua imagem, ou "Deus criou o homem para uma imagem de Si mesmo". Em ambas situações, e em maneira similar, é expressado que o homem devia exibir uma imagem de Deus: Assim pois, a imagem de Deus faltava na terra. Quando Deus criou o homem, a falta foi suprida; pois aquela imagem era o homem, sobre qual ser o Senhor Deus havia estampado a Sua própria imagem. Portanto, não vemos nenhuma diferença nas duas traduções.

Falando a respeito da imagem estampada num lacre de cera, eu posso dizer: "Eu estampeí a cera à imagem do selo", referindo-me à imagem côncava do selo; ou, "A imagem está estampada na cera", referindo-me à imagem convexa na cera.

Acrescentamos três observações: Primeira, a palavra "homem" em Gênesis 1:26 não refere-se a uma pessoa somente, mas à toda a raça. Adão não era meramente uma pessoa, mas o nosso progenitor e cabeça federal. A raça inteira estava nos seus lombos. A humanidade consiste num dado momento do agregado daqueles que vivem ou que viverão neste mundo, sejam muitos ou poucos. Adão, enquanto sozinho, era a humanidade; quando Eva lhe foi dada, ele e ela eram a humanidade. "Façamos o homem à Nossa imagem e conforme a Nossa semelhança", é igual a: "Criemos a humanidade, a qual terá a Nossa imagem". Mas isto refere-se também ao indivíduo, naquilo em que ele é um membro da família humana. Portanto, Adão teve filhos à sua imagem e conforme a sua semelhança. Ainda assim existe uma diferença. Homens têm diferentes dons, talentos e qualificações; a impressão completa da imagem divina não poderia aparecer nos dotes individuais, mas na manifestação total da raça, se a mesma houvesse permanecido sem pecado.

Daí que a Versão Holandesa utiliza o plural, embora o original em Hebreu permanece no singular "homem": não somente Adão, mas o gênero humano, a humanidade, foi criada à imagem divina.

Portanto, quanto o homem original caiu, o segundo Adão veio em Cristo, quem, como a segunda Cabeça federal, continha em Si

mesmo toda a Igreja de Deus. Em Sua capacidade mediadora, Cristo apareceu como a imagem de Deus, no lugar de Adão. Portanto, cada inimigo da Igreja deve ser transformado conforme a Sua imagem - I Coríntios 15:49 ("E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial"); Romanos 8:29 ("Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos"). E a Igreja, representando a humanidade regenerada, é o "pleroma" (*) do Senhor; pois ela é chamada de "...a plenitude daquele que cumpre tudo em todos"[Efésios 1:23].

(*) - N.T.: o autor utiliza o vocábulo grego "pleroma", que também pode ser traduzido por plenitude, consumação, ultimção, coroação, perfeição.

Segundo, desde que o homem é criado para ser a imagem de Deus na terra, ele deve estar disposto a permanecer imagem, e nunca presumir ou imaginar ser original. Original e imagem são opostos. Deus é deus, e o homem não é Deus, mas somente a imagem de Deus. Daí ser a essência do pecado, quando o homem recusa-se a permanecer imagem, reflexo, sombra, exaltando-se a si mesmo para ser alguma coisa real em si mesmo. A conversão depende, portanto, somente da sua disposição para tornar-se imagem novamente, i.e. para crer. Aquele que torna-se uma imagem, é nada em si mesmo, e exhibe a todos que ele está em absoluta dependência novamente, dAquele cuja imagem ele carrega; e isto é, de imediato, a mais elevada honra para o homem e a sua mais completa dependência.

Por último, Deus deve ter a Sua imagem na terra. Para este propósito é que Ele criou Adão. Em havendo degenerado isto além do reconhecimento, o homem nega a existência da imagem divina na terra. E assim o culto a imagem originou-se. Culto a imagens quer dizer que o homem diz: "Eu me encarregarei de fazer uma imagem de Deus". E isto é diametralmente oposto à obra de Deus. É a Sua santa prerrogativa fazer uma imagem de Si mesmo; e a criatura nunca deveria ousar tentá-lo. Assim é que é presunção, quando, aspirando a ser Deus, o homem recusa-se a ser a Sua imagem, degenera-a em si mesmo, e propõe-se a representar a Deus em ouro ou prata.

Idolatria de imagens é um pecado horrível. Deus disse: "Não farás para ti imagem de escultura..."[Êxodo 20:4]. Este pecado provém de Satã. Ele sempre imita a obra de Deus. Ele nunca querera ser menos que Deus. Quando, afinal, a Grande Besta aparece, o Dragão proclama: "Todos os que habitam na terra devem fazer uma imagem da Besta!"[N.T. vide Apocalipse 13:14]. Deus decretou fazer a Sua própria imagem ser o objeto do Seu prazer eterno. Mas Satã, opondo-se a isto, degenera aquela imagem e faz uma imagem de si mesmo, não de mapa, pois ele está degenerado e arruinado, mas de uma besta. E assim, na sua suprema manifestação, ele julga-se a si mesmo. O Filho de Deus tornou-se um homem, a criação de Satã é uma besta.

Quando, finalmente, a Besta e a sua imagem forem depostas, por Aquele que é como um filho de homem, então será o triunfo do Senhor sobre os Seus inimigos. Então a imagem divina é restaurada, para nunca mais ser degenerada ou corrompida. E o Deus Todo-Poderoso regozija-Se para sempre e sempre no Seu próprio reflexo.

X. A Imagem de Deus no Homem.

"E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial" - I Coríntios 15:49

Mais um ponto permanece ainda a ser discutido, a saber, se a imagem divina refere-se à imagem de Cristo.

Esta opinião singular tem encontrado muitos defensores calorosos na Igreja desde o princípio. Ela originou-se com Origen, quem com as suas heresias brilhantes, fascinantes e sedutoras desestabilizou muitas coisas na Igreja; e sua heresia neste aspecto tem encontrado muitos defensores, tanto no Oriente como no Ocidente. Até Tertuliano e Ambrósio a suportaram, assim como Basil e Chrisóstomo; e foi necessário nada menos que alguém como Agostinho para exterminá-la.

Os nossos teólogos Reformados, seguindo Agostinho de perto, têm se oposto a ela de maneira forte. Junius, Zanchius e Calvino, Voetius e Coccejus a condenaram como um erro. Nós podemos seguramente afirmar que na nossa herança Reformada, este erro nunca teve lugar.

Mas, no último século, ela apareceu novamente na Igreja. A filosofia panteísta a ocasionou; e seus efeitos retardados têm tentado os nossos teólogos Alemães e Holandeses, da mediação, a retornar a este erro ancestral.

Os grandes filósofos, que encantaram as mentes de homens no início deste século apaixonaram-se pela idéia de que, Deus, tornou-se homem. Eles ensinaram não que o Verbo se fez carne, mas que Deus tornou-se homem; e isto no sentido fatal de que Deus está sempre tornando-Se, e que Ele torna-Se um Deus melhor e mais puro na medida em que Ele torna-Se homem, mais puramente. Este sistema pernicioso, o qual subverte as fundações da fé Cristã, e sob uma forma Cristã aniquila o Cristianismo essencial, tem levado à doutrina de que em Cristo Jesus esta encarnação veio a ser um fato; e que daí deduziu-se que Deus teria se tornado homem mesmo se o homem não houvesse pecado.

Nós temos freqüentemente alertado do perigo de ensinar-se esta doutrina. A Bíblia a repudia, ensinando que Cristo é um Redentor do pecado e uma expiação para o mesmo. Mas uma mera contradição passageira não parará este mal; esta linha venenosa, correndo através na renda e na tela da teologia Ética, não será retirada da pregação até que a convicção prevaleça, de que é filosófica e panteísta, levando e guiando para longe da simplicidade da Bíblia.

Mas no momento nada pode ser feito. Quase que todos os manuais Alemães agora usados por nossos ministros ascendentes alimentam este erro; daí prevalecer a idéia de que a imagem na qual o homem foi criado era a de Cristo.

E isto é natural. Tanto quanto seja mantido que, mesmo sem o pecado, o homem estava destinado para Cristo e Cristo para o homem, deve seguir-se que o homem original foi calculado para Cristo, e, por conseguinte foi criado à imagem de Cristo.

Para evidenciar que isto desvia da verdade, referimos os teólogos aos escritos de Agostinho, de Calvino, e de Voetius neste ponto, e aos nossos leitores oferecemos uma breve explicação do porque nós e todas as igrejas Reformadas rejeitamos esta interpretação.

Começamos por referir-mo-nos às muitas passagens na Bíblia, ensinando que o pecador redimido deve ser renovado e transformado conforme a imagem de Cristo.

Em II Coríntios 3:18 lemos: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito"; e em Romanos 8:29, "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conforme a imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos"; e em I Coríntios 15:49, "E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial". A esta categoria pertencem todas as passagens tais, nas quais o Espírito Santo admoesta-nos a conformarmo-nos ao exemplo de Jesus, o qual pode não ser entendido como mera imitação, mas o qual decididamente significa uma transformação conforme a Sua imagem. E, finalmente, aqui pertencem aquelas passagens que ensinam que devemos progredir na direção de um homem perfeito, "...à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo"[Efésios 4:13], e que "...porque haveremos de vê-Lo como Ele É."[I João 3:2].

Portanto, os crentes são chamados a transformarem-se conforme a imagem de Cristo, a qual é o objetivo final da sua redenção. Mas esta imagem não é o Verbo Eterno, a Segunda Pessoa na Trindade, mas sim o Messias, o Verbo Encarnado. A passagem em I Coríntios 15:48, 49 ("Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial; tais também, os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial.") nos fornece a prova irrefutável. Ali, São Paulo declara que o primeiro homem, Adão, foi, da terra, terreno; i.e., não somente após a queda, mas pela da criação. Então, ele diz que como os crentes têm trazido a imagem do que é terreno, também eles trarão a imagem do que é celestial, i.e., a imagem de Cristo. Isto mostra claramente que no seu estado original o homem não possuía a imagem de Cristo, mas que ele afinal a possuirá. O que Adão recebeu na criação é

claramente distinto do que um redimido possui em Cristo; distinto neste particular, que não era de acordo com a sua natureza ser formado conforme a imagem de Cristo, imagem a qual ele poderia receber somente pela graça, depois da queda.

Isto está também evidente do que São Paulo ensina em I Coríntios 11. No terceiro versículo, falando dos vários degraus da glória ascendente, ele diz que o homem é o cabeça da mulher, e que o cabeça de cada homem é Cristo, e que o cabeça de Cristo é Deus. E todavia, havendo falado destes quatro, mulher, homem, Cristo e Deus, ele diz enfaticamente no versículo 7, não como poderia ser esperado, "A mulher é a glória do homem, o homem a glória de Cristo", mas, omitindo o elo Cristo, ele escreve: "...por ser ele [o homem] imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem". Se a teoria em discussão fosse correta, o apóstolo deveria ter escrito: "O homem é a imagem de Cristo".

Por conseguinte, é pleno que, de acordo com a Bíblia, a imagem conforme a qual nós deveremos ser renovados não é aquela conforme a qual nós somos criados; as duas devem ser distintas. A última é aquela do Deus Triúno, cuja imagem perpetrou no ser da raça. A primeira é aquela do perfeito e santo Homem, Cristo Jesus, nossa Cabeça federal, e como tal o Exemplo [N.T. - Holandês / Inglês: o vocábulo "Voorbeeld"; literalmente uma imagem posta perante alguém.], conforme a qual, cada filho de Deus será renovado, e da qual, finalmente, ele deverá ser imagem.

Assim é que a Bíblia nos oferece duas representações diferentes: primeira, o filho, que é a imagem do Pai como a Segunda Pessoa na Trindade; segunda, o Mediador nosso Exemplo ["Voorbeeld", imagem posta perante alguém], portanto a nossa imagem, conforme a qual nós seremos renovados; e entre estas duas não há quase que nenhuma conexão. O ensinamento Bíblico de que o Filho de Deus é a imagem expressa da Sua Pessoa e a imagem do Invisível, refere-se à relação entre o Pai e o Filho no oculto mistério do Ser Divino. Mas falando do nosso chamado para sermos renovados conforme a imagem de Cristo, refere-se ao Verbo Encarnado, nosso Salvador, tentado em todas as coisas como nós somos, todavia sem pecado algum.

Mera similaridade de sons não deveria levar-nos a cometer este erro. Qualquer esforço para traduzir-se a passagem em Gênesis 1:26 ("Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança") por "Façamos o homem na ou à imagem do Filho", é confuso. Então, a expressão "Façamos" deve referir-se ao Pai falando com o Espírito Santo; e isto não pode ser. A Bíblia nunca coloca o Filho fora do mais grandioso ato da criação, a saber, a criação do homem. E a Bíblia diz: "Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez"[João 1:3]; e novamente: "pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele"[Colossenses 1:16].

Portanto, este "Façamos" deve ser tomado ou como um plural de majestade, do qual o idioma Hebreu não tem uma única situação que seja apresentada na primeira pessoa; ou como se falado pelo Deus Triúno, as Três Pessoas mutuamente endereçando-Se entre Si; ou o Pai endereçando-Se às outras Duas Pessoas. Uma outra alternativa é impossível.

Supondo-se que as Três Pessoas enderecem-se Uma à Outra; a imagem não pode referir-se à do Filho, porque, falando de Si mesmo, Ele [o Filho] não pode dizer, "Nossa imagem", sem incluir as outras Duas Pessoas. Ou supor que o Pai fale ao Filho e ao Espírito Santo, mesmo então não pode ser referente à imagem do Filho, desde que Ele é a imagem do Pai e não a do Espírito Santo. Em qualquer sentido que seja tomada, este ponto de vista é indefensável, fora da analogia da Bíblia, e inconsistente com a interpretação correta da passagem em Gênesis 1:26.

Para colocar de maneira compreensível: Se a imagem divina refere-se à de Cristo, ela deve ser a do Filho Eterno, ou a do Mediador, ou a de Cristo na carne. Estas três alternativas são igualmente impossíveis. Primeiro, o Filho está Ele mesmo engajado na obra criativa. Segundo, sem pecado, não há necessidade de um Mediador. Terceiro, a Bíblia ensina que o Filho tornou-Se carne conforme a nossa imagem, mas nunca que na criação nós nos tornamos carne conforme a Sua imagem.

A noção de que a imagem divina refere-se à retidão, à justiça e à santidade de Cristo, implicando que Adão foi criado em retidão extrínseca (exterior, estranha), confunde a justiça, a retidão de Cristo, a qual nós abraçamos pela fé e a qual não estava revelada quando Adão foi criado, e a retidão eterna, original de Deus o Filho. É verdade que Davi abraçou a retidão, a justiça imputada, muito embora ela não existisse no seu tempo, mas Davi era um pecador e Adão, antes da queda, não o era. Ele foi criado sem pecado; por conseguinte a imagem divina não pode referir-se à retidão, à justiça de Cristo, revelada somente em retaliação ao pecado.

Na nossa presente triste condição, nós confessamos incondicionalmente que mesmo agora nos encontramos no meio da morte, e temos nossa vida fora de nós mesmos, em Cristo somente. Mas acrescentamos: Louvado seja Deus, isto não será assim para sempre. Com o nosso último suspiro nós morremos inteiramente para o pecado, e na manhã da ressurreição, nós seremos como Ele; daí que a na felicidade eterna, a nossa vida não mais será sem nós, mas em nós.

Por esta razão, colocar a separação a qual somente foi causada pelo pecado, e a qual nos santos perdura somente por conta do pecado; em Adão antes da queda, nada mais é que levar algo pecaminoso até a própria Criação, e aniquilar a declaração divina de que o homem foi criado bom.

Por isso é que admoestamos os pecadores da verdade a retornarem às velhas trilhas com relação a este assunto, e ensinar nos corredores de recitação, nos púlpitos e nas classes catedráticas, que o homem foi criado à imagem do Deus Triúno.

X. Adão Não Inocente, Mas Santo.

"Criado, segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade." - Efésios 4:24

Permanece, portanto, desde sempre, que "Deus criou o homem bom e conforme à Sua própria imagem, ou seja, em verdadeira santidade e retidão, que ele possa corretamente amar a Deus seu Criador, amá-Lo de todo coração e viver com Ele em felicidade eterna, e louvá-Lo e glorificá-Lo". Ou, como a Confissão de Fé

declara: "Cremos que Deus criou o homem do pó da terra¹, e o fez e formou conforme sua imagem e semelhança: bom, justo e santo, capaz de concordar, em tudo, com a vontade de Deus"[Confissão de Fé Belga, Artigo 14 = 'A Criação do Homem. Sua Queda e Sua Incapacidade de Fazer o Bem'.]

Toda representação que deprecie um mínimo que seja esta justiça, esta retidão original, deve ser contestada.

À retidão de Adão não faltava coisa alguma. A idéia de que ele era santo na medida em que ele não havia ainda pecado, e que por desenvolvimento constante pudesse aumentar a sua santidade, de forma que se ele não houvesse caído ele haveria alcançado um estado ainda mais santo, é incorreta, e denota ignorância nesse respeito.

A diferença entre o homem no seu estado original e no estado do pecado é similar àquela entre uma criança saudável e um homem doente. Ambos devem crescer em força e saúde. Se a criança permanecer o que é, ela não será saudável. A saúde inclui o crescimento e o aumento da força e o desenvolvimento até que a maturidade seja alcançada. O mesmo também é verdade com relação ao homem doente; ele não pode permanecer assim. Ele precisa recuperar ou então piorará. Se for para recuperar-se, ele precisa ganhar força. Até aí, ambos são o mesmo.

Mas a similaridade para por aqui. Aumente a força e a vitalidade do doente de uma vez, e ele estará bem, e será como deveria ser; mas acrescente a força completa de um adulto na criança - isto não será natural, e ela será anormal. Pois por enquanto, a criança não necessita mais do que já tem. Não lhe falta nada, em qualquer dado momento. Para ser uma criança normal, em perfeita saúde, ele deve ser exatamente o que já é. Mas a pessoa doente necessita de muito. Para tornar a ser saudável e normal, o doente não pode permanecer como está. A criança, tanto quanto diz respeito a saúde e vitalidade, é perfeita, mas o adulto doente é muito imperfeito com relação a estes dois pontos, com relação à saúde e à vitalidade. A condição da criança é boa; a condição do adulto doente não é. E o crescimento saudável daquele é algo inteiramente diferente da melhora, da recuperação da saúde e da vitalidade deste último.

Isto demonstra o quão errado é aplicar a santificação a Adão antes da queda. A santificação é inconcebível com referência ao homem sem pecado; é estranha à concepção de uma criatura a quem Deus chama de bom.

"Excelente", diz alguém; portanto Adão foi criado em inocência infantil para gradualmente alcançar um maior desenvolvimento moral sem pecado; daí a santificação, finalmente!

Certamente que não. A santificação do crente cessa quando ele morre. Na morte, ele morre para todo o pecado. A santificação é meramente o processo que elimina parcial ou totalmente o pecado do homem. Inteiramente liberto do pecado ele é santo, e é impossível fazê-lo mais santo ainda. Até mesmo por esta razão é que é impossível aplicar a santificação ao Adão santo. Que necessidade há de se lavar o que já é limpo? Santificação pressupõe profanação, e Adão não era profano. Estando o pecado absolutamente ausente, nada falta à santidade, mas sim é completa. Adão possuía a mesma santidade completa que agora é possuída pelo filho de Deus, na qual ele encontra-se pela fé, dentro em pouco, na realidade, quando através da morte ele tiver morrido, absolutamente, para o pecado.

Ainda assim, no céu os filhos de Deus não se quedarão estáticos - a sua glória e a sua alegria sempre aumentarão, mas não a sua santidade, à qual não falta absolutamente nada. E ser mais santo do que perfeitamente santo, é impossível. O seu desenvolvimento consistirá no sorver, cada vez mais copiosamente, da vida de Deus.

O mesmo é verdade com relação ao Adão sem pecado; ele não podia ser santificado. Santificação é cura, e uma pessoa saudável não necessita ser curada. Santificação é o livramento de alguém do veneno, mas a peçonha não pode ser retirada da mão que não foi picada. A idéia de aumentativos e superlativos, i.e., um "santo", outro "santão" ou outro "mais santo do que todos" é absurda. Aquilo que está quebrado não está inteiro, e o que é inteiro não está quebrado. A santificação é o fazer inteiro, e uma vez que em Adão nada estava quebrado, não havia nada para ser feito inteiro. Mais inteiro do que um inteiro é impensável.

Todavia, embora santo, Adão não permaneceu o que ele era, ele não era estático e sem um objetivo na vida. Tome, por exemplo, a

diferença entre ele e um filho de Deus. Este último possui um tesouro que não perderá, mas o tesouro de Adão podia ser perdido, tanto é que ele o perdeu. Não que ele fosse menos santo que o santo; pois isto não tem nada a ver.

Vamos ilustrar. Temos dois pratos, um de vidro fino, portanto quebrável; o outro de vidro mais rústico, mas inquebrável. Este último é, portanto, mais inteiro que o primeiro? Ou pode aquele primeiro ser feito mais inteiro do que já é? É claro que não; a sua integridade não tem nada a ver com o fato de ser quebrável ou inquebrável. Assim é que o fato de o tesouro de Adão poder ser perdido não toca na questão da santidade, de modo algum. Se alguém é santo, ou ainda por ser feito santo, não depende da probabilidade ou da chance de esse alguém perder o tesouro, mas do fato de ele estar ou não perdido.

Como este santo desenvolvimento de Adão deveria acontecer, nós não o sabemos. Não nos é dado questionar acerca das coisas que Deus não no-las revelou. Na condição de pecadores, não podemos conceber quanto a tal desenvolvimento sem pecado, tanto quanto não podemos conceber quanto ao desdobramento da glória celeste dos filhos de Deus.

Atendo-nos o mais próximo possível à Bíblia, nós sabemos, primeiro, que o homem sem pecado nunca teria morrido; segundo, que como uma recompensa por sua obra ele teria recebido a vida eterna, i.e., sendo perfeitamente capaz, a cada momento, de fazer a vontade de Deus, ele teria sempre desejado e amado fazê-la; e por isso ele teria sido continuamente recompensado, com porções maiores da vida e da glória de Deus.

Podemos comparar o contraste entre a condição de Adão e a nossa condição, àquela entre uma criança da realeza, nascida possuidora de vastos tesouros, e uma criança nascida em pobreza, que deve ganhar tudo do que necessite ou ter alguém que o ganhe para ela. Nada falta à primeira criança, embora ela possa dispor somente dos seus brinquedos; pois todos os bens do seu pai pertencem a ele. Ao crescer e desenvolver-se, a criança rica não se torna mais rica, pois os seus tesouros permanecem os mesmos; mas ela torna-se mais consciente deles. Assim também os tesouros de Adão nunca teriam

aumentado, pois todas as coisas eram suas; somente que, conforme a sua vida gradualmente se expandisse e se descortinasse, ele teria tido prazer mais consciente das suas riquezas.

Por conseguinte, a justiça original, a retidão original não se refere ao grau de desenvolvimento de Adão, nem tampouco à sua condição, mas ao seu estado; e aquele era perfeitamente bom.

Todas aquelas noções não Bíblicas do aumento da santidade de Adão provém das idéias não Bíblicas que homens, tentados por heresias panteístas, têm formado a respeito da santidade.

"Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus"[Mateus 5:48], não significa que você, homem arrogante, inchado de tanta loucura filosófica, deva tornar-se como Deus. Uma criatura você permanecerá, mesmo na sua glória mais exaltada. E naquele estado de glória, a consciência de que você não é nada e que Deus é tudo, será a causa, a razão da sua mais fervente adoração e do mais profundo deleite. Não, as palavras de Cristo simplesmente significam, "Sede íntegros", como é íntegro e completo o vosso Pai que está nos céus. Dizer que um vaso de barro deve ser tão inteiro, tão íntegro como o é um vaso de porcelana fina, não significa que aquele vaso de barro deva tornar-se tal qual o vaso de porcelana. Pois o primeiro não custa mais que alguns centavos, enquanto que o segundo é pago em ouro. Significa somente que, como o vaso de porcelana é um, é peça íntegra, e inteira, então, mesmo rústico, seja o de barro também tão um, íntegro e tão inteiro.

Por conseguinte, as palavras de Cristo significam: Há lacerações no seu ser, suas beiradas estão lascadas; você está machucado e danificado pelo pecado. Isto não pode ser. Não pode haver quebra no seu ser, nenhum defeito deveria mutilar a sua integridade. Veja, como o seu Pai que está no céu é sem defeito, é inquebrável, assim também você deve ser inteiramente íntegro, inquebrável, e perfeito. Isto é, como Deus permaneceu perfeito como Deus, assim também você deve permanecer inteiro e completo como homem, como criatura nas mãos do seu Criador.

Mas, geralmente, isto não é assim entendido. O posto de vista corrente é o seguinte: O primeiro passo em santidade é o conflito com o pecado. O segundo, o pecado se enfraquece. Terceiro, o pecado é

quase derrotado. Quarto, o pecado é inteiramente eliminado. Somente então, acontece a santificação mais elevada, e sobe-se então, pela escada; cada vez mais alto, cada vez mais santo, até a santidade atingir as nuvens.

Claro, aqueles que aceitam estas ilusões não podem pensar em Adão de outra forma a não ser como tendo sido criado num plano inferior de santidade e chamado para alcançar uma santificação mais elevada. Mas se existe um só tipo de santificação, i.e. quando se morre para o pecado e a integridade da natureza quebrada é assim restaurada, então uma santificação mais elevada no que diz respeito a Adão está fora de questão. Nada pode ser acrescentado à santidade de Adão. Ele teria conhecido o seu Criador, teria amado-O sinceramente; e vivido com Ele em felicidade eterna para louvá-Lo e glorificá-Lo, num estado sempre crescente de consciência; mas tudo isso não teria acrescentado nada à sua retidão, à sua justiça, à sua santidade. Supor-se que Adão houvesse sido criado num plano inferior de santidade e chamado para alcançar uma santificação mais elevada; seria demonstrar uma falta de entendimento e compreensão com relação a santidade. Assim, amor é confundido com santidade, justiça e retidão com vida; estado com condição; palavra com ser; e as próprias fundações, os próprios fundamentos são arrancados dos seus lugares.

Sim, realmente, e pior. Almas são separadas de Jesus. Pois aquele que falha em compreender a retidão, a justiça original, não compreende como Cristo nos é dado de Deus para justiça, para santificação, e para redenção. Ele muito indubitavelmente deseja Jesus. Mas como? "Jesus encontra o pecador doente e moribundo na beira do caminho. Ele o coloca no Seu animal, e leva-o até a estalagem, onde ele paga por suas despesas até que ele esteja restabelecido". Daí que sempre a mesma representação, como se, após ter sido redimido, alguém deva ainda buscar uma retidão, uma justiça e uma santidade as quais, somente poderão ser gradualmente alcançadas somente através de um progresso constante.

Se isso estiver correto, então Cristo não é a nossa justiça, a nossa santificação, nem a nossa redenção. Quando muito, Ele é um Amigo, que nos ampara, suporta e nos fortifica nos nossos esforços

para alcançar a justiça e a santidade. Não; se a Igreja dever gloriar-se uma vez mais que na confortadora e abençoada confissão de que em Cristo ela agora possui a absoluta justiça, a absoluta santidade e a absoluta redenção, ela deve então primeiro começar por entender a justiça, a retidão original, i.e. que Adão não pode amar, não pode viver em abençoada comunhão com Deus, exceto se ele primeiro for perfeitamente justo e completamente santo.

(1)

[N.T. (Inglês / Português): na Bíblia na versão "King James", em Inglês, as passagens são: (Gênesis 1:26-"And God said, Let us make man in our image, after our likeness...") e (Gênesis 5:3-"...and begat a son in his own likeness, and after his image...") e o autor faz referência ao vocábulo "in", que significa "dentro de", "em casa", "interno", "interior"].

[N.T. (Holandês / Inglês): em Holandês, a preposição "in" não tem o significado de "confortavelmente para" como em Inglês, mas denota o estar ou o mover-se dentro de limites, sejam estes de lugar, de tempo ou de circunstâncias. Com substantivos ou adjetivos, a palavra governada pela preposição "in" indica a esfera, o domínio onde uma propriedade manifesta-se. Assim é que a expressão em Holandês "Geschapen in het beeld God's" ("criado na imagem divina") indica a esfera na qual Adão movia-se antes da queda.

(2)

No original, em Holandês: "Gott nun veranstaltete es so, dass der Mensch gleich anfangs unter den Einfluss des Guten zu stehen kam und somit das Gute that. Er schuf ihn im Bilde Gottes, nach seiner Gleichheit (Gen. 1:26). Was dies heisst, wird dann erst recht deutlich, wenn wir die Wiederherstellung des gefallen Menschen (nach Ephes.4:24; Col. 3:9) in Betracht ziehen. Paulus blickt hier auf den anfänglichen Zustand hin, wenn er redet von dem neuen Menschen, den wir nach Ausziehung des alten anzuziehen hätten. Er bezeichnet nun diesen neuen Menschen als einen Gott gemäss geschaffen (ktisthenta) in Gerechtigkeit und Heiligkeit, wie sie nach Wahrheit ist. Diese apostolischen Ausdrücke enthalten sine Umschreibung jener Ausstattung, welche Mose mit den Worten: 'Im Bilde Gottes,

nach seiner Gleichheit' kennzeichnet. Die Wiedergeburt ist sine neue Schöpfung, die aber nach der Vorschrift der alten bestellt ist, ohne etwas davon- nosh dazuzuthun. Der Stand im Bilde Gottes, in dem der Mensch nach der Gleichheit Gottes war, ist also etwas, was man von dem Menschen hinwegnehmen kann, ohne die Creatur Gottes selbst aufzuheben. Es ist dem Apostel weiter eigenthümlich, die Bewegungen des neuen Menschen unter dem Bilde von verschiedenen Gewändern darzustellen, die man anzuziehen habe (Col. 3:12 ff.). Grund und Veranlassung für solche Umwandlung ist Christus, der Geist, den Christus vom Vater her sendet, oder der Stand in Christo oder in der Gnade (z. B. 2 Cor. 5:17; Gal. 5:16, 18, 25; Rom. 5:2) Und ganz ebenso ist nach Gen. 1:26 Grund für die Gleichheit mit Gott der Stand im Bilde Gottes."

(3)

No original, em Holandês: "Wenn wir nun die Creatur aus jenem Stande hinausgetreten denken, so bleibt diese Creatur intact."

(4)

No original, em Holandês: "Nur freilich, dass diese Creatur nicht, wie die römische Kirche lehrt, immer noch genug übrig behält, um sich, wieder mit Hilfe des Gnadengeschenkes Christi selbst zu rehabilitiren. Sondern nach dem Falle ist der Mensch and zwar sein Ich mit den dem Menschen anerschaffenen höchsten Gaben (siehe Calvin, 'Inst.,' ii., 1, 9) aus der rechten Stellung herausgetreten and dem Tode als Herscher, dem Gesetz als unbarmherziger Treiber preisgegeben."

(5)

No original, em Holandês: "Das der Mensch Begierden hat, dass ihn Leidenschaften (pathe) treiben, wie Zorn, Furcht, Muth, Eifersucht, Freude, Liebe, Hass, Sehnsucht, Mitleid, dies Alles constituirt noch keine Sünde, denn das Vermögen, um Zorn, Unlust, oder Mitleid and dergl. m. zu empfinden, ist von Gott geschaffen. Ohne dem wäre kein Leben und keine Bewegung im Menschen. Also die Begierde and überhaupt die Leidenschaften sind an sich nicht Sünde. Sie werden es and sind es im actuellen Zustand des Menschen, weil durch ein dazwischentretendes Gebot and durch jene verkehrte Lebensrichtung, die Paulus einen nomos tes amartias nennt, das menschliche Ich

bewogen wird, zu den Leidenschaften and Begierden Stellung zu nehmen, d. h. sich richtig oder unrichtig zu ihnen zu verhalten."

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 02 de Abril de 2003.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Segundo - O Pecador a Ser Moldado

XI. O Pecado: Não Material.

"...o pecado é rebeldia" - I João 3:4

O que o pecado embotou, corrompeu e destruiu no Adão portador da imagem de Deus?

Embora não possamos tocar nessa questão a não ser levemente, ela ainda assim não pode ser tratada com indiferença. É evidente que, pela correta compreensão da obra do Espírito Santo na regeneração e na restauração do pecador, o conhecimento desta condição é absolutamente necessário, "o conserto deve ser adequado ao estrago". A parede deve ser reconstruída onde a rachadura for feita. O bálsamo curativo deve ser adequado à natureza da ferida. A cura deve ser adequada à doença. Ou ainda mais forte, tal como está a morte, deve estar a ressurreição. A queda e o levantar-se novamente são interdependentes.

Generalidades são inúteis, nesse aspecto. Aos ministros que buscam desvendar e expor o homem de pecado simplesmente dizendo que os homens estão completamente perdidos, mortos em ofensas e em pecado, falta a força cortante que sozinha pode abrir os abcessos putrefatos do coração. Estes assuntos sérios têm sido tratados muito levemente. Assim é que ao ignorar as declarações genéricas e superficiais, nós simplesmente retornamos aos caminhos dos pais, caminhos já experimentados e provados.

Começamos por apontar a um dos principais erros da presente época, a saber, aquele de um Maniqueísmo ressuscitado.

Seria muito interessante apresentar à Igreja de hoje, numa forma condensada, esta fascinante e cintilante heresia. O efeito imediato seria a descoberta da origem ou da semelhança familiar do

ensinamento muito pernicioso que tem sido trazido à Igreja sob um nome Cristão, e por homens crentes. Mas isto é impossível. Confinamo-nos a umas poucas características.

A missão da verdade divina neste mundo não é jogar com a liberdade dele, mas sim expô-la como uma mentira. A Sabedoria Divina não se compromete com as especulações e as decepções da sabedoria mundana, mas chama-as de tolices e demanda que se rendam. No Reino da verdade, luz e trevas são opostos pronunciados. Assim é que a Igreja, ao vir a ter contato com o aprendizado e a filosofia do mundo gentio, veio a um conflito direto e aberto com os mesmos.

Comparado a Israel, o mundo ímpio era maravilhosamente sábio, culto e científico; e do seu ponto de vista científico, ela olhava para baixo, com profundo desdém e infinita condescendência, para a tolice do Cristianismo. Aquele Cristianismo tolo, ignorante e iletrado não somente era falso, mas no seu julgamento, indigno de ser discutido. Em Atenas, as pessoas de boa índole tinham para esses homens desmiolados e seu tagarelar absurdo um sorriso Homérico, e os maliciosos os ridicularizavam com sátiras ainda mais amargas. Mas nem um nem outro jamais consideraram seriamente o assunto, pois ele não era científico.

E todavia, no fim das contas, aquele Cristianismo estúpido ganhou o dia. Ele fez progresso. Obteve influência, poder mesmo. Afinal as grandes mentes e os grandes gênios daqueles dias começaram a cair atraídos por ele; até que, após um conflito de quase um século, a hora chegou quando o mundo ateu foi compelido a descer do seu orgulho auto arrogante, e reconhecer aquele Cristianismo ignorante, iletrado e não científico. A pregação viva daqueles Nazarenos havia afogado as disputas daqueles filósofos secos. Logo, a corrente da vida do mundo passava por suas escolas, e desaguava no canal do maravilhoso e inexplicável Jesus. Mesmo antes que a Igreja tivesse dois séculos de idade, o paganismo orgulhoso descobriu que, mortalmente ferido, sua vida estava em risco.

Então quando do aparecimento do Cristianismo respeitoso, Satã o feriu com astúcia perspicaz, injetando veneno em seu coração.

No segundo século, três sistemas eruditos e complicados, a saber, o Gnosticismo, o Maniqueísmo e o Néo Platonismo, tentaram com um esforço gigantesco sufocar o Cristianismo no abraço mortal das suas filosofias pagãs.

Quando a cruz foi plantada no Calvário, haviam dois impérios no paganismo: um no Ocidente, contendo Roma e Grécia; e o outro no Oriente, com os seus núcleos na Babilônia e no Egito. Em cada um desses núcleos, em Atenas e na Babilônia, existiam homens de raros poderes mentais, conhecimento compreensivo, e profunda sabedoria. Ambos eram influenciados por uma filosofia pagã e mundana; embora seu caráter fosse diferente dos dois. E desses dois núcleos, de Atenas e da Babilônia, procedeu o esforço para afogar o Cristianismo nas águas da sua filosofia. O Neo Platonismo tentou atingir este intento no Ocidente, enquanto o Maniqueísmo o tentava no Oriente; e o Gnosticismo no centro.

Manes foi o homem que concebeu aquele sistema magnífico, fascinante e sedutor, o qual leva o seu nome. Ele era um pensador profundo, e morreu por volta do ano 276. Ele confessava Cristo, e foi um homem genial, pia e seriamente inteligente. Era inclusive o objeto do seu zelo, a ampliação do Reino do Senhor. Mas algo o incomodava: o infundável conflito entre o Cristianismo e a sua própria ciência e filosofia. Ele pensava que houvessem pontos de concordância entre os dois, a que a sua reconciliação não era impossível. Uma ponte por sobre o abismo da separação parecia-lhe algo lindo. Alguém seria capaz de caminhar no mundo pagão e descobrir, nas suas filosofias brilhantes, muitos elementos de origem divina; e retornando ao Cristianismo levar alguns pagãos sérios, até a cruz de Cristo. A glória profunda da fé Cristã, enchia-o com entusiasmo; todavia ele permanecia quase que completamente cego para a falsidade inerente da filosofia pagã. E como ambos arranjos mesclavam-se na sua alma, assim era seu objetivo desenvolver um sistema através do qual ambos se entrelaçassem, e fossem transformados num inteiro refulgente.

Isto foi motivado por sua noção errônea, de que a palavra "carne" refere-se somente ao corpo, enquanto que a Bíblia utiliza-a referindo-se ao pecado, significando toda a natureza humana, a qual

não ama as coisas que são do alto, mas as coisas que são da carne. Carne, neste sentido, refere-se mais diretamente à alma que ao corpo. As obras da carne são de aspecto duplo: uma classe, tocante ao corpo, são os pecados relacionados com a fornicação e luxúria; a outra classe, tocante à alma, consiste de pecados que relacionados com o orgulho, a inveja, e o ódio. Na esfera das coisas visíveis, a imagem da carne é completada com a fornicação desavergonhada; no escopo das coisas invisíveis, completa-se com o orgulho arrogante e obstinado.

A Bíblia ensina que o pecado não se originou na carne, mas em Satã, um ser sem corpo. Vindo dele, o pecado primeiro deslizou para a alma do homem, então, manifestou-se no corpo. Portanto não é Bíblico opor "carne" e "espírito", como "corpo" e "alma". Isto, Manes o fez; e é este o objetivo do seu sistema, em todas as suas características. Ele ensinou que o pecado é inerente à matéria, na carne, em tudo o que é tangível e visível. "A alma", ele diz, "é sua amiga, mas o corpo é seu inimigo. A resistência vitoriosa da excitação do sangue e do palato livrá-lo-ia do pecado". No seu próprio meio ambiente oriental, ele via muito mais pecado carnal do que pecado espiritual; e enganado por isso, ele fechou os seus olhos para aquela última classe de pecados, ou considerou aqueles pecados como se causados pela excitação da matéria má.

E, todavia, Manes era bem consistente, o que, pensador gigante que era, não poderia ser de outra forma. Ele chegou a esta singular conclusão, essencial para o seu sistema de invenções, que Satã não era um anjo caído, não um ser espiritual incorpóreo, mas a própria matéria. Escondido na matéria havia um poder tentando a alma, e aquele poder era Satã. Isto explica como Manes pode oferecer à igreja uma doutrina anti-Bíblica tão singular.

O sistema de Manes era adjacente, vizinho ao materialismo. O materialista diz que o nosso pensamento é a queima de fósforo no cérebro; e que a luxúria, a inveja, e o ódio, são o resultado de uma descarga de certas glândulas no organismo. Virtude e vício são somente o resultado de processos químicos. Para melhorar um homem, faze-lo mais livre e mais nobre, deveríamos mandá-lo para o laboratório de um químico, ao invés de para uma escola ou uma igreja. E se fosse possível para o químico levantar a carcaça craniana

do homem, e sujeitar as suas células e nervos ao processo químico necessário, então o vício seria conquistado, e a virtude e maior sabedoria efetivamente o influenciariam.

Numa maneira similar, Manes ensinava, que como um poder inerente e inseparável, o pecado habita no sangue e nos músculos, e é transmitido através deles. Ele exortava o alimentar-se de certas ervas, como uma forma de derrotar o pecado. Existiam, assim ele ensinava, animais, mas principalmente plantas, nas quais algumas partículas de luz libertadora e redentora do reino de luz haviam penetrado, as quais opunham-se ao mal. Pela ingestão destas ervas o sangue absorveria aquelas partículas salvadoras de luz, e assim o poder do pecado estaria quebrado. Na verdade, a igreja de Manes era um laboratório químico, no qual o pecado era combatido por agências materiais.

Isto mostra a consistência lógica do sistema, e a fraqueza dos homens que, tendo adotado a noção falsa do pecado material, tentam escapar das suas garras apertadas sobre si. Mas eles não podem, pois, embora descartando a tapeçaria pertencente ao sistema como não apropriada ao nosso modo de pensamento Ocidental, eles adotam o seu conjunto inteiro de teorias, e assim falsificam não somente a doutrina do pecado, mas quase que cada outra parte da doutrina Cristã.

E todavia, é somente na doutrina do pecado hereditário que este erro é tão evidente que não pode escapar à detecção.

É argumentado: Em virtude do nascimento, o homem é um pecador. Por conseguinte, cada criança deve herdar o pecado dos seus pais. E desde que um bebê no berço é ignorante quanto ao pecado espiritual, e não é espiritualmente desenvolvido, o pecado herdado deve estar escondido no seu ser, transmitido com o sangue por seus pais. E isto é Maniqueísmo puro, no que faz o pecado ser transmitido como um poder inerente na matéria.

A confissão das igrejas Reformadas, falando sobre o pecado hereditário, diz no seu artigo XV: "Cremos que, pela desobediência de Adão, o pecado original se estendeu por todo o gênero humano. Este pecado é uma depravação de toda a natureza humana e um mal hereditário, com que até as crianças no ventre de suas mães estão contaminadas. É a raiz que produz no homem todo tipo de pecado.

por isso, é tão repugnante e abominável diante de Deus que é suficiente para condenar o gênero humano. Nem pelo batismo o pecado original é totalmente anulado ou destruído, porque o pecado sempre jorra desta depravação como água corrente de uma fonte contaminada. O pecado original, porém, não é atribuído aos filhos de Deus para condená-los, mas é perdoado pela graça e misericórdia de Deus. Isto não quer dizer que eles podem continuar descuidadamente numa vida pecaminosa. Pelo contrário, os fiéis, conscientes desta depravação, devem aspirar a livrar-se do corpo dominado pela morte (Romanos 7:24 - "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?"). Neste ponto rejeitamos o erro do Pelagianismo, que diz que o pecado é somente uma questão de imitação.

É aparente, portanto, que as igrejas Reformadas reconhecem positivamente o pecado hereditário; reconhecem também que a criança herda o pecado dos seus pais; mesmo chama este pecado de uma infecção, a qual adere até mesmo ao bebê não nascido. Mas - e este é o ponto principal - elas nunca dizem que este pecado herdado é algo material, ou que seja transmitido como algo material. A palavra infecção é utilizada de maneira metafórica, e não se trata, portanto, da expressão apropriada para a coisa a qual eles desejam confessar. O pecado não é uma gota de peçonha que, como uma doença contagiosa, passa de pai para filho. Não; a transmissão do pecado permanece na nossa confissão como um mistério inexplicável, somente expressado de maneira simbólica.

Mas isto não satisfaz os espíritos do presente dia. Daí as novas escolas de Maniqueístas que têm surgido entre nós.

Emaranhados nas malhas desta heresia estão aqueles que negam a doutrina da culpa hereditária, que mantêm pontos de vista falsos quanto aos sacramentos, sustentando que no Batismo a peçonha do pecado é ao menos parcialmente removida da alma, e que na comunhão da Santa Ceia a carne pecadora absorve umas poucas partículas do corpo glorificado; e, finalmente, que advogam os ridículos esforços para banir influências demoníacas em lotes vagos e cômodos vazios. Tudo isso não é Bíblico, é tolice, e ainda assim defendido por homens crentes no nosso próprio país. Ó Igreja de Cristo, para onde te desvias?

XII. O Pecado: Não Uma Mera Negação.

"Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento..." - Romanos 7:23

A teoria do Dr. Böhl, de que o pecado é uma simples perda, uma falha ou falta de algo, é um erro quase que tão crítico como o Maniqueísmo.

E isto não deveria ser incompreendido. Esta teoria não nega que o pecador seja perverso, nem que ele precise ser santo. Ela diz duas coisas: (1) que não há nenhuma santidade no pecador; mas - e isto indica o caráter real do pecado - (2) que devia haver santidade nele. Uma pedra não escuta, nem um livro pode enxergar; todavia uma não é surda, nem o outro é cego. Mas o homem que perdeu tanto a audição como a visão, é ambos, tanto surdo como cego; pois para o seu ser os dois sentidos são essenciais. Uma cadeira não pode andar, todavia ela não é aleijada; pois não se espera que ela ande. Mas o parálítico é aleijado, pois o caminhar pertence ao seu ser. Um cavalo não é santo, nem tampouco é pecador. Mas o homem é um pecador, pois ele não é santo, e a santidade pertence ao seu ser; um homem perverso é defeituoso e não é natural. O pecado, diz São João, "é injustiça", não conformidade com a lei, ou, literalmente, ilegalidade, anomia. Daí o pecado aparece somente em seres sujeitos à lei moral, divina, e consiste numa não conformidade com aquela lei. Assim, este ponto de vista está longe de apresentar somente a verdade clara e pura; e todo esforço para dotar o pecado de uma entidade positiva, independente, contradiz a Palavra e leva ao Maniqueísmo, como pode ser visto nos, de outra forma, ferventes e conscientes irmãos Moravian.

A Bíblia nega que o pecado tenha uma característica positiva, implicando que ele seja um ser independente. Um ser independente é, ou criado ou não criado. Se tratar-se de um ser não criado, ele deve ser eterno, e eterno é somente Deus. Se tratar-se de um ser criado, Deus deve ser o seu Criador; o que não pode ser, pois Ele não é o Autor do pecado. Por conseguinte a Bíblia não ensina ser o poder do mal inerente à matéria, mas a Satã. E o que é Satã? Não uma substância má, mas um ser intencionado para, e chamado para a

santidade; que abandonou-se na depravação, na qual ele envolveu-se fora do alcance de qualquer esperança de retorno, tornando-se mau em termos absolutos. A doutrina de Satã se opõe à falsa noção de que o pecado tenha entidade. A idéia de que o pecado é um poder, no sentido de uma faculdade exercida por um ser independente, é inconsistente com a Bíblia.

Até aqui nós concordamos inteiramente com o Dr. Böhl, e reconhecemos que ele manteve a convicção antiga e experimentada dos crentes, e a confissão positiva da Igreja.

Mas disso ele infere que, antes e após a queda, Adão permaneceu o mesmo, com somente esta diferença, que após a queda ele perdeu o esplendor da justiça no qual ele tinha caminhado até então. Tanto quanto dizia respeito ao seu ser e aos seus poderes, ele permaneceu o mesmo. E isto nós não aceitamos. Faria com que o homem fosse tal qual uma lâmpada, brilhantemente acesa, mas apagada tão logo escurecesse. Ou como uma lareira radiante com o fogo e o calor, num momento, e fria e escura logo no momento seguinte. Ou como um pedaço de ferro eletricamente imantado, ao qual a corrente elétrica fornece o poder da atração; mas assim que a corrente é cortada deixa de ser um ímã. Quando a luz apagou-se, a lâmpada permaneceu intacta. Quando o fogo extinguiu-se, a lareira permaneceu como era antes, com o fogo aceso. E quando a eletricidade foi cortada, o pedaço de ferro permaneceu como tal.

E assim diz o Dr. Böhl, com relação ao homem. Como a corrente elétrica passa através do ferro e o imanta, assim também a justiça, a retidão divina passa através de Adão e o torna santo. Como a lâmpada brilha quando acesa pela centelha, assim também Adão brilha quando tocado pela centelha da justiça, da retidão. E como a lareira se aquece com o fogo, assim também Adão era radiante com a justiça, com a retidão nele criada. Mas agora o pecado entra em cena. Isto é, a lâmpada se apaga, a lareira torna-se fria, o eletro ímã é somente um pedaço de ferro outra vez. E lá está o homem, roubado do seu esplendor, apagado e incapaz de atrair. Mas quanto ao resto, ele permaneceu como era. O Dr. Böhl diz, distintamente, que o homem permaneceu o mesmo, antes e após a queda.

E com isto é que nós não concordamos. Como um pecador, ele ainda era um homem, sem dúvida, mas homem como os pais confessaram em Dordt (Capítulos Terceiro e Quarto, 'As Regras de Doutrina de Dordrecht', artigo XVI: "Todavia, como o homem não deixou de ser homem pela queda, dotado de entendimento e de vontade, e como o pecado, penetrando em todo o gênero humano, não privou a natureza do homem, senão que a corrompeu e a matou espiritualmente.."). A declaração feita pelo Dr. Böhl, "Removido pelo pecado deste estado (de justiça, de retidão), o homem permanece intacto"(1), contradiz diretamente esta confissão pura das igrejas Reformadas.

Não, a criatura não permaneceu intacta, mas o pecado o feriu tão seriamente, que ele tornou-se corrupto, mesmo até a morte. E embora reconheçamos que o pecado não seja em si mesmo nenhum ser real, todavia, igualmente decididos confessamos, com a nossa igreja, que as suas obras não são de forma alguma negativas meramente, nem exclusivamente privativas, mas seguramente muito positivas.

Tanto a Bíblia como os nossos melhores teólogos (Rivet, Wallaeus, e Polyander pelo nome, na sua Sinopse), ensinam isto de forma tão positiva que é quase que inimaginável como o Dr. Böhl pôde chegar a qualquer outra conclusão. Por esta razão estamos inclinados a crer que neste ponto ele concorda com a confissão das igrejas ortodoxas, mas que ele apresenta este assunto de uma maneira tão estranha para o bem de qualquer outra coisa, e por um motivo inteiramente diferente.

Se pudermos ser francos, representaríamos a linha de raciocínio do Dr. Böhl da seguinte forma: "Meu mestre, o Dr. Köhlbrugge, costumava opor-se vigorosamente aos homens que orgulhosamente diziam aos não convertidos: Não me toques, pois eu sou mais santo que vós. Ele costumava enfatizar o fato de que o filho de Deus, considerado por um momento fora de Cristo, encontra-se no meio da morte, tanto quanto o não convertido. Assim é que a regeneração não muda o homem, nem um pouco. Antes e após a regeneração, ele é exatamente o mesmo, com somente esta diferença, que o homem convertido crê e por intermédio da sua fé caminha em

justiça, em retidão refletida. E se assim for, então com relação à queda o oposto é verdade; isto é, antes e após a queda o homem como tal permaneceu o mesmo; a única mudança foi que na queda ele deixou a retidão, a justiça na qual ele anteriormente se encontrava".

É claro que podemos estar errados, mas ousamos conjecturar que neste modo o Dr. Böhl foi tentado a esta estranha representação, e mesmo declarar, como Roma o ensina, que o desejo em si mesmo não é pecado; algo a que a Igreja Reformada, baseada no Décimo Mandamento, sempre se opôs.

Na realidade, a questão relacionada à queda e à restauração é a mesma. Se a restauração não afeta o nosso ser, então nem pode a queda havê-lo afetado. Se a redenção significa somente que um pecador é colocado na luz da justiça, da retidão de Cristo, então a queda não pode significar mais do que o homem havendo saído daquela luz. As duas se pertencem. Como foi na queda, então também deve ser na restauração. A confissão de um homem referindo-se à redenção dirá, se ele for consistente, o que a sua confissão é - com relação à queda.

Portanto, se o Dr. Köhlbrugge tivesse confessado que a restauração deixa o nosso ser intacto e somente nos traslada a uma esfera de retidão, de justiça, então deveria ser concedido que ele também representou a queda como que deixando intactos o homem e a sua natureza. E esta é a própria coisa a qual não podemos conceder. O Dr. Köhlbrugge pôs a descoberto a corrupção real da nossa natureza de forma tão forçosa e positiva que nunca acreditaremos que, de acordo com a sua confissão, a queda deixou o nosso ser e a nossa natureza intactos. Nem podemos conceder que, de acordo com a sua confissão, na o nosso ser é deixado intacto na restauração, muito embora ele conectasse esta mudança, muito acertadamente, com a união mística e com o morrer para o pecado, na morte.

Se realmente ele tivesse intencionado ensinar o que muitos dos seus seguidores alegam que ele ensinou, então nós classificaríamos sua tendência como muito definitivamente errônea. Mas desde que não podemos interpreta-lo sem levar em consideração as falsas representações às quais ele tão fortemente se opunha, e especialmente desde que a sua confissão com relação à corrupção da nossa natureza

era tão completa, nós mantemos que ele não ensinou o que muitos dos seus seguidores oferecem em seu nome.

Portanto, caminhamos exatamente na direção oposta. O Dr. Böhl diz, com outras palavras: "O Dr. Köhlbrugge, em sua doutrina da redenção, parte da idéia de que a redenção deixa o pecador essencialmente inalterado; daí que nem o pecado o pode haver afetado, essencialmente". Enquanto que, ao contrário, nós dizemos: "A confissão de Köhlbrugge referente à corrupção da nossa natureza é tão completa que ele não poderia haver feito outra coisa senão confessar que na queda, e, portanto, na restauração, a nossa natureza foi modificada".

Mas, seja como for, é certo que, de acordo com a palavra e a doutrina constante da nossa Igreja, o pecado, embora seja essencial e exclusivamente privativo, e que lhe falte uma existência independente, ainda assim é nas suas conseqüências positivo e nas suas obras, destrutivo.

Nossa natureza não permaneceu inalterada, mas tornou-se corrupta; e corrupção é a palavra significativa que indica os efeitos fatais e positivos que resultaram desta perda de vida e de luz.

Uma planta necessita de luz para florescer; luz excluída, ela não somente se enfraquece, perde o vigor, e afinal, morre; e isto é, corrupção. O câncer e a varíola não são meramente a perda da saúde; mas têm uma ação positiva, a qual destrói os tecidos, cria um crescimento mórbido de células afetadas, e corrompe o corpo. Um cadáver não é meramente um corpo sem vida, mas assento de dissolução e de corrupção. De maneira similar, estamos conscientes de que o pecado não é meramente a privação da santidade, mas sentimos a sua temerosa atividade, corrupção e dissolução que destroem. A prova mais forte é que não damos alegremente as boas vindas à graça de Deus adentrando nos nossos corações, mas com toda a nossa natureza nos opomos a ela. Há conflito, o que seria impossível se a privação e a perda não tivessem desenvolvido o mal, o qual se opõe a Deus.

Esta corrupção não para até que o corpo esteja dissolvido nos seus componentes originais. Não sabemos no que se tornaram os corpos de Moisés, de Enoque e de Elias. A Bíblia faz exceções.

Cristo não experimentou corrupção, e os crentes que viverem quando do retorno do Senhor escaparão à dissolução dos corpos. Mas os demais, milhões de milhões, adoecerão e morrerão; e retornarão ao pó. Doença física e morte são tipos de corrupção da alma, a qual meras palavras falham em expressar.

A Bíblia e a experiência mostram claramente, que Satã não está simplesmente privado, vazio e em falta; mas que ele causa, faz de forma positiva, com que uma atividade corrupta proceda dele. E assim, a menor em grau, a alma também se torna corrupta; não somente no sentido de estar escura, apagada ao invés de acesa, brilhante; de estar fria ao invés de quente; mas que esta privação tenha resultado de forma positiva em destruição e corrupção. O frio é a perda do calor, e ao atingir o ponto de congelamento, causa - de forma positiva - danos ao corpo. E tal é o pecado. Quanto ao seu ser, ele é perda, privação e nudez. E estas operam destrutivamente no corpo e na alma, afetando toda a natureza do homem, atando-o com as correntes da corrupção, ainda que ele continue sendo homem.

Nós reconciliamos o ser privativo do pecado com o seu positivo operar, da seguinte maneira: privando a insistente atividade da natureza do homem de uma liderança correta, ela passa a seguir na direção errada, e então corrompe-se e se destrói.

XIII. O Pecado: Um Poder em Ação Reversa.

"Porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer" - Romanos 8:13

Embora o pecado seja, original e essencialmente uma perda, uma falta e uma privação, no seu operar ele é positivamente um mal e um poder maligno.

Isto é mostrado pela imposição apostólica de não somente revestir do novo homem, mas também de desvencilhar-se do velho homem e as suas obras. O bem conhecido teólogo Maccovius, comentando sobre isto, cabalmente observa: "Isto não poderia ser imposto se o pecado fosse meramente uma perda de luz e de vida; pois a mera falta acaba tão logo o que falta seja suprido".

Se o pecado fosse meramente uma perda de justiça, de retidão, nada mais além da restauração seria necessário, e o pecado então

desapareceria. O desvencilhar-se do velho homem, ou o livrar-se do jugo do pecado, etc., estariam fora de questão. A luz tem somente que eliminar as trevas da alma; e a saúde da alma estará restaurada. Mas a experiência mostra que mesmo após nós estarmos iluminados, e mesmo após o Espírito Santo haver entrado no nosso coração, ainda há em nós um poder atemorizante do mal; e isto junto com o freqüentemente repetido mandamento para não somente aceitar a justiça, a retidão de Deus a qual é pela fé, mas também se livrar, deixar de lado e separar-se de tudo aquilo que é mal, prova o positivo caráter e o poder maligno do pecado nos indivíduos e na sociedade, apesar do seu caráter privativo.

Assim é que a Igreja confessa que a nossa natureza tornou-se corrupta, o que é claro, remete-nos de volta à imagem divina. A nossa natureza não desapareceu, nem deixou de ser a nossa natureza, mas nas suas características e nos seus órgãos originais ela permaneceu a mesma; e imagem divina não foi perdida, nem mesmo parcialmente perdida, mas ficou estampada em cada ser humano, e permanecerá mesmo no lugar da destruição eterna do pecado, porque o ser humano não pode desvencilhar-se dela a não ser pela aniquilação. Mas isto sendo impossível, ele deve rete-la, como ser humano e na natureza humana. Por isso a Bíblia ensina, muito depois da queda, que o pecador é criado à imagem de Deus. Mas com relação aos efeitos das suas características na natureza humana caída, exatamente o oposto é verdadeiro: estas características desapareceram totalmente; as ruínas que perduram, quando muito falam da glória e da beleza que pereceram.

Portanto, os dois significados da imagem divina não deveriam mais ser confundidos. Dado que como a imagem divina se encontra na nossa natureza, ela permanecerá ali para sempre; e tanto quanto se refere aos seus efeitos na qualidade, i.e., a condição da nossa natureza, ela está perdida. A natureza humana pode ser corrompida, mas não aniquilada. Ela pode existir como natureza, muito embora os seus atributos anteriores tenham sido perdidos, e substituídos por ações antagônicas.

Nossos pais diferenciaram a existência da nossa natureza e o seu bem estar. Na sua existência, ela permaneceu intacta e ilesa, i.e.

ela continua sendo a natureza humana real. Mas na sua condição, i.e., nos seus atributos, nas suas ações e influências, no seu bem estar, ela encontra-se completamente mudada, e corrompida. Embora a picada de um inseto venenoso destrua a visão, o olho ainda permanece. Assim é a natureza humana; privada do seu brilho, refreada na sua atividade normal, internamente infetada e contaminada, ainda assim é a natureza humana.

Mas ela está corrompida pelo pecado. É verdade que o homem reteve consigo o poder de pensar, a vontade e o sentimento, além de muitos talentos e faculdades gloriosos, às vezes até geniais; mas isto não afasta a corrupção da sua natureza. E sua corrupção é esta, que a vida a qual deveria ser devotada a Deus e animada por Ele é devotada com tendências descendentes, para coisas terrenas. E esta ação reversa modificou todo o organismo do nosso ser.

Assim não poderia ser, se a justiça, a retidão divina fosse essencial para a vida humana; mas não é. De acordo com a Bíblia, a morte não é aniquilação. O pecador está morto para Deus, mas nesta mesma morte sua vida pulsa e se excita para Satã, para o pecado, e para o mundo: Se o pecador não tivesse uma vida, ainda que cheia de pecados, a Bíblia nunca poderia dizer, "Mortifiquem portanto os seus membros os quais estão sobre a terra", pois é impossível mortificar aquilo que já está morto.

Que não sejamos confundidos pela similaridade de sons. A vida humana é indestrutível. Quando a alma encontra-se ativa, em conformidade com a lei divina, a Bíblia nos diz que a alma vive; se não, que ela está morta. Esta morte é o salário do pecado. Mas a natureza humana não cessa de operar em função disso, ela não deixa de usar os seus órgãos, não deixa de exercer a sua influência. Esta é a vida dos nossos membros, que estão na terra - a nossa vida pecadora, a purulência íntima do pecado na nossa natureza corrupta; por esta razão ela precisa ser mortificada. Uma vez que o pecado não impede a nossa natureza de respirar, de mover-se, de alimentar-se; mas faz com que estas atividades, as quais sob a influência da lei divina corriam bem e estavam cheias de bênçãos, estejam agora na direção errada e sejam corruptas.

A mola mestra de um relógio não para de imediato, quando solta-se do seu pivô de fixação; mas, estando fora de controle, ela gira o mecanismo do relógio tão rapidamente, que acaba por danificá-lo. Em alguns aspectos a natureza humana relembra tal relógio. Deus a dotou com poder, com vida, e com atividade. Controlada pela Sua lei ela funcionava bem, e em harmonia com a Sua vontade. Mas o pecado privou-a daquele controle, e, enquanto estes poderes e faculdades permanecem, eles fluem na direção errada, e destróem o delicado mecanismo. Se esta condição durasse somente um momento, e o pecador fosse imediatamente restaurado ao seu estado original, o problema não levaria de forma positiva ao mal. Mas o pecado dura um longo tempo; já uns sessenta séculos. A sua influência perniciosa tem os seus efeitos; um mal secundário após o primário: acúmulos de sujeira pecaminosa, e aumento de feridas purulentas. Os fios da malha da nossa natureza puxam de forma destorcida. Tudo se chacoalha fora das juntas. E, desde que esta atividade secundária continua desenfreada, seus atos perniciosos tornam-se mais e mais críticos.

O que causa um "unheiro", aquela inflamação purulenta ao lado da unha? Uma pequena farpa, um fragmento somente, no dedo, impede a circulação. Mas o sangue continua a circular, tentando vencer o obstáculo. A pressão adicional contra as paredes internas dos vasos capilares produz mais fricção e eleva a temperatura. O tecido circundante incha, os delicados vasos sangüíneos se contraem, a fricção aumenta, e a furunculose pulsa. Embora não seja mais do que a ação normal continuada da circulação, todavia ela é positiva em causar um mal. Há uma congestão local, material venenoso inflama o tecido saudável, e as partes adoecem, completamente.

E tal é o curso do pecado. A ação dos nossos poderes continua, mas na direção errada. Isto causa desordem e irregularidades, as quais inflamam a nossa natureza na direção do mal. Esta inflamação pecaminosa cria deformações perversas e não naturais, as quais excitam os tecidos da alma provocando um crescimento mórbido, comparado pela Bíblia à matéria asquerosa. E deste pântano profano continuamente sobem gases venenosos para todas as partes da nossa natureza inteira. Assim, o sistema é desarranjado por completo.

Havendo com indisciplina abandonado a lei divina, corpo e alma tornam-se rebeldes. E então, incitados pelas suas próprias e inerentes ações, envolve-se cada vez mais profundamente e foge para cada vez mais longe de Deus. Como um trem descarrilado se destrói por sua própria velocidade, assim também o homem, tendo deixado os trilhos da divina lei, machuca a sua própria ruína através das ações e do ímpeto inerentes. Nada mais é preciso. A destruição resulta necessariamente da própria vida da nossa natureza.

Portanto o pecador está sem conhecimento, os sentimentos estão pervertidos, a vontade está paralisada, a imaginação poluída, os desejos são impuros, e todos os seus caminhos, tendências e saídas são más; talvez não aos nossos olhos, mas porque tudo falha em ir ao encontro do que Deus demanda, Aquele que quer que tudo venha a encontrar-se com Ele no final da estrada, i.e., estar com Ele e nEle, fazendo da Sua glória o final de todas as coisas.

E isto faz com que muitas coisas as quais consideramos justas e lindas, sejam na verdade pecaminosas, injustas e perversas. Não é o nosso gosto, mas sim Deus é quem decide o que é certo ou errado. Aquele que deseja saber que gosto é que é, que aprenda-o, da lei de Deus. Aquela lei é padrão e prumo. Mas o que quer que seja que o pecador busque ou deseje, para agradar a Deus, ele não o fará assim, i.e. ele pode perfeitamente estar querendo dependurar o seu casaco na parede e fazê-lo graciosamente, mas não no prego que Deus colocou na parede para a nossa vida; em qualquer outro lugar, mas não ali. Assim tudo nele torna-se mal, toda a sua natureza corrupta, incapaz de qualquer bem, inclinado para o mal, sim, disposto a odiar a Deus e o seu próximo. O ato pode não ainda existir, mas a própria inclinação, e o desejo, são pecados. Como alguns teólogos Luteranos e os Romanos, o Dr. Böhl nega este fato. Ele ensina que havia este desejo no Adão santo, e mesmo em Cristo, não consumado, mas retraído com freio e bridão - como se Deus houvesse criado o homem com este desejo animal e voraz em seu coração, enquanto que ao mesmo tempo dotou-o com o poder para reprimi-lo. Manter este desejo sob controle constante teria sido a excelência maior do homem.

Mas isto não está de acordo com a Bíblia. Nada mostra que o Adão santo tivesse qualquer desejo pelas coisas que ele via. A possibilidade de desejo foi criada somente com a proibição. "...mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás..."[Gênesis 2:17]. E mesmo após aquela proibição, não descobrimos nele nem um traço de desejo. Tal olhar, fortemente interessado, à fruta, não foi testemunhado até que Satã houvesse intimamente incitado Eva, não a comer da fruta, mas através do ato tornar-se igual a Deus. Este é o primeiro desejo despertado no coração do homem, e isto somente após os seus olhos terem sido abertos para enxergar que a árvore era boa para frutos e agradável aos olhos.

Enquanto no estado de justiça, de retidão, Adão estava cheio de paz, de harmonia e de sucesso divino; sem qualquer traço da ansiedade necessariamente advinda da tarefa de restringir dentro de si um monstro perigoso. E quando, na glória celeste, não será um infinito desejo de reprimir o desejo, mas uma completa libertação do desejo; não a sucção de uma imensidão no nosso coração abissal, mas com todas as suas profundezas cheias, com o amor de Deus.

O mandamento "Não cobiçarás"[Êxodo 20:17] é absoluto. O Senhor Jesus era um total estranho à cobiça. Ele nunca desejou o que Deus mantinha. No terrível desenlace no Getsêmane ele desejou, não receber uma dádiva, todavia, mas reter a Sua própria, i.e. quando sob a maldição, nunca a ser esquecida, do Seu Deus.

XIV. A Nossa Culpa (2)

"Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram" - Romanos 5:12

O pecado e a culpa se pertencem, mas não podem ser confundidos ou considerados sinônimos, não mais do que santificação e justiça, retidão. É verdade que a culpa posiciona-se em cada pecado, e que em cada pecado existe culpa, todavia os dois devem ser mantidos distintos. Existe uma diferença entre a chama da fogueira e a mancha negra que se forma na parede, quando acendemos uma fogueira junto dela; muito tempo depois que a chama

se apagar, a mancha ainda estará lá. Assim também com relação ao pecado e à culpa. A chama vermelha do pecado enegrece a alma; mas muito tempo depois que o pecado for deixado para trás, a mancha negra na alma ainda continua.

Por conseguinte é da maior importância que a diferença entre os dois seja claramente compreendida, especialmente desde que ao confundir-se pecado e culpa deve levar a confundir-se também a justificação com a santificação, muito para o dano da sinceridade da vida Cristã.

Se houvesse não mais que somente um homem na terra, ele poderia pecar contra si mesmo, mas ele não poderia estar em débito para com outros. E se, como de acordo com a teologia moderna, não existisse nenhum Deus vivo, mas somente uma idéia do bem, aquele homem poderia pecar contra a idéia do bem, e ser excessivamente mau, mas ele não poderia dever nada a Deus.

Os homens devem a Deus porque Ele vive, porque Ele existe, porque Ele nunca se afasta, porque Ele permanece para Sempre; e porque de momento a momento eles precisam fazer transações com Ele. Com os homens, nós abrimos contas sempre que queremos; e as firmas na cidade com as quais nós o fazemos, a elas estaremos em débito; mas nunca deveremos para aquelas as quais não negociamos. Muitos aplicam isto com relação a Deus, sob a noção errada de que se eles não tiverem nenhum negócio com Deus eles não poderão dever-Lhe nada e não têm nada a ver com Ele. Para muitos Ele é um não existente; então, como poderiam eles estar em débito para com Ele?

Mas Ele existe sim. Não é deixado à nossa escolha ter ou não negócios com Ele. Não; em todos os nossos afazeres, em qualquer tempo e sob todas as circunstâncias, nós devemos ter contato e realmente temos contato com Ele. Não há nenhum tipo de negociação da qual Ele seja excluído. Em quaisquer que sejam todas as coisas que fizemos, Ele está muito interessado. Em todos os nossos negócios e empreendimentos Ele é o Credor Preferencial e Sócio Majoritário, com quem nós devemos liquidar a conta final. Nós podemos nos enterrar no Saara, ou ir até o fundo do oceano, mas a nossa conta com Ele nunca para. Nós não podemos nos livrar dEle. Agindo com a nossa cabeça, com o nosso coração ou com as nossas

mãos, nós abrimos uma conta com Deus; e enquanto nós podemos enganar outros parceiros e segurar parte das contas com eles, Ele é onisciente, Ele conhece os segredos mais íntimos e mais escondidos, Ele mantém conta da mais ínfima fração, debitando-nos; e antes que tenhamos sequer começado a reconhecer a dívida, Ele já terminou e a coloca perante nós.

Considerando isto, nós entendemos o que significa ser devedor para com Deus; pois enquanto que a cada momento, sob todas as circunstâncias, e em todas transações que fazemos, nós sejamos obrigados a pagar a Ele o lucro integral, nós nunca o fazemos, pelo menos não integralmente. Assim é que cada ação da nossa cabeça, do nosso coração ou das nossas mãos, cria um item de débito, o qual nós retemos dEle, seja ou por incapacidade de pagar ou por falta de vontade de fazê-lo.

Se Deus não existisse, ou se nós não fôssemos relacionados a Ele, nós ainda seríamos pecadores, mas não devedores. Se há alguns anos atrás, as torrentes do Krakatoa houvessem submergido toda a ilha de Java, como se temia, não haveria tal fato cancelado todos os nossos débitos para com as empresas em Java? Ou, suponha-se que o Partido Patriótico na China uma vez mais estivesse no poder, e o Imperador decretasse o fechamento do império contra todas as nações, de forma que durante toda a vida fosse impossível liquidar negócios com firmas Chinesas. Isto não cancelaria todos os débitos devidos à China? Assim também é que, se Deus deixasse de existir ou se dissolvesse cada laço que nos une a Ele, todos os nossos débitos seriam à uma, de uma vez, obliterados, apagados. Mas isto é impossível; o laço que nos une a Deus não pode ser quebrado. Nosso débito para com Ele permanece; não podemos cancelá-lo; e o nosso pensamento de que podemos cancelá-lo, não altera o fato.

Deus nos criou para Si mesmo, e isto é o que cria o nosso endividamento para com Ele. Se Ele houvesse simplesmente criado-nos pelo prazer de criar-nos, como um garoto faz bolhas de sabão para o seu próprio entretenimento, e quanto ao resto Ele não se importasse com o que viesse a ser de nós, não poderia haver nenhum débito. Mas Ele nos criou para Si mesmo, com o fardo absoluto, em todas as coisas, a cada momento, e sob todas e quaisquer

circunstâncias, de depositar o ganho da vida no altar do Seu nome e glória. Ele não nos permite vivermos três dias, a cada dez, para Ele, e o restante para nós mesmos; na verdade, Ele não nos libera por um único dia ou momento sequer. Ele demanda o lucro da nossa existência para a Sua glória, incondicionalmente, sempre e para sempre. Para isso foi que Ele nos planejou e nos criou. Assim, Ele a nós reclama. Portanto, sendo o nosso Senhor e Governador, ele não pode desprezar a menor migalha do ganho, do lucro da vida; e desde que nós nunca Lhe rendemos o tributo, nós somos, absolutamente, seus devedores.

O que o dinheiro é entre homens, o amor é para Deus. Ele diz a você, e a mim, e a cada homem: "Como você tem sede de ouro, assim Eu tenho sede de amor. Eu, o seu Deus, quero o seu amor, quero todo o amor do seu coração. Me é devido. Isto Eu reclamo. Este débito Eu não posso cancelar. 'Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças'[Marcos 12:30]". O fato de que nós não Lhe rendemos este amor, ou o fazemos de maneira pecaminosa e fraudulenta, nos faz Seus devedores perpetuamente.

Sabemos que esta concepção é chamada de 'jurídica', e que nestes dias efeminados os homens desejam fugir da tensão do direito; razão pela qual a concepção ética é aclamada até as alturas. Mas este sentimento todo provém diretamente de uma mentira. Esta oposição à concepção jurídica coloca Deus como um nada, ou O ignora. Mesmo sem crer em Deus, uma pessoa pode sonhar com um ideal de santidade, de acordo com a concepção ética, e lutar contra o pecado com uma sede íntima por santidade. Mas somente com um ideal para incitá-la, não pode haver espaço para o direito, nem débito para com Deus; pois ninguém pode dever para um ideal, senão para uma pessoa viva. Mas quando eu passo a reconhecer o Deus vivo, e reconhecer também que sempre e em tudo eu tenho a ver com Ele, então Ele passa a ter o justo direito de reclamar de mim o que quer que eu tenha violado, direito o qual precisa ser satisfeito. Daí a concepção jurídica vem em primeiro lugar.

A idéia da concepção ética é a seguinte: "Eu estou doente; como posso sarar?" A idéia da concepção jurídica é, "Como podem

ser restaurados os direitos de Deus, que foram violados?" Esta última é, portanto, de importância primária. O Cristão deve considerar Deus primeiro, e não a si mesmo. Fere o próprio coração da confissão Reformada, quando o púlpito busca a santificação sem zelar pela justificação. O mérito maior do Dr. Köhlbrugge está no fato de que, em favor de Deus ele entristeceu-se com esta negligência, e com mão poderosa ele lutou contra a maré de desprezo para com o direito de Deus, dizendo à igreja e aos indivíduos: "Irmãos, primeiro a justificação".

Dizer, "Ah, se eu somente fosse santo, meu débito para com Deus não me perturbaria muito", soa muito bonito, mas é profundamente pecaminoso. Os filhos de Deus desejam ser santos como os filhos da vaidade desejam riquezas, honra e glória - i.e. é sempre um desejo egoísta, para o nosso próprio ego, em nós mesmos sermos o que não somos. E o Senhor Deus é deixado de fora. Esta relação com Deus de acordo com a satisfação própria é a regra Pelagiana. Na verdade isto é pecado, embora banhado com ouro, contra o primeiro e mais importante mandamento.

Certamente que o desejo profundo da alma pela santidade é bom e é correto, mas somente depois que a questão for respondida; "Como eu posso ser restaurado à minha posição certa perante Deus, cujos direitos eu violei?". Se esta for a nossa preocupação principal, então e somente então amamos o nosso Senhor e Deus mais que a nós mesmos. Então a nossa oração de petição por santidade virá naturalmente; não do desejo egoísta de ser enriquecido espiritualmente, mas da mais profunda vontade e desejo da alma, de nunca mais violar o direito divino.

Isto é profundo e tem longo alcance, e muitos consideraram ser duro e cruel. Ainda assim nós não o podemos reprimir. O Cristianismo desumano e doente agora exaltado não é aquele dos pais e dos santos de todas as épocas, e dos apóstolos e dos profetas. O Senhor deve ser O Primeiro e O Maior; ao invés de ser simplesmente respeitado. A lei de Deus é desonrada quando, na busca da santidade, o direito de Deus é esquecido. Mesmo entre homens é considerado ser desonesto quando, com débitos em aberto, alguém vai para uma nova terra, distante, somente para começar de novo e fazer fortuna; e

a esta pessoa diríamos: "Quitar os seus débitos honestamente é mais digno de honra do que meramente obter sucesso". E isto também aplica-se aqui. O filho de Deus não entra no Reino com um grito por sucesso, mas para ajustar as suas contas com Deus.

E isto explica a diferença entre culpa e pecado. Um ladrão arrepende-se e devolve o tesouro roubado. Por isso, tem ele direito à liberdade? Certamente que não, mas se ele cair nas mãos da lei, ele será acusado, julgado e sentenciado, e sofrerá na prisão a penalidade pelo direito violado. Apliquemos, então este mesmo princípio ao pecado. Existe uma lei e Deus é o seu Autor. Medidas por isto, transgressões e omissão e comissão são chamadas de pecado. Mas não é tudo. A lei não é um amuleto, nem a fórmula de um ideal moral, mas o mandamento de Deus. "...falou Deus todas estas palavras..."[Êxodo 20:1]. Deus é quem está por trás da lei, Deus é quem a mantém, e é Deus quem a apresenta a nós. Assim é que não é suficiente medir nossas ações pela lei e chamá-las pecado, mas delas devemos prestar contas ao Autor da lei, e reconhecermos a nossa culpa.

Pecado é uma não conformidade de um ato, de uma pessoa ou de uma condição para com a lei divina; culpa, é a usurpação por ato, pessoa ou condição, do direito divino. O pecado cria a culpa, porque Deus tem uma reivindicação sobre todos os nossos atos. Se fosse possível agir independentemente de Deus, tais atos, embora desviando da moral ideal, não criariam culpa. Mas desde que o ato de cada homem em cada condição encontra-se em conta com Deus, cada pecado cria culpa. Todavia eles não são idênticos. O pecado encontra-se sempre em nós e deixa a nossa relação para com Deus intocada; mas a culpa não se encontra em nós, mas sempre refere-se ao nosso relacionamento com Deus. O pecado mostra o que somos, no nosso antagonismo à moral ideal; mas a culpa refere-se à reivindicação de Deus sobre nós e à nossa negação daquela reivindicação.

Se Deus fosse como um homem, esta culpa estaria comprometida. Mas Ele não é. Suas reivindicações são puras como ouro, perfeitamente corretas, não arbitrárias, mas invariavelmente baseadas numa fundação firme e inamovível. Assim é que nada pode

ser deduzido daquela culpa. De acordo com a medida mais exata, tudo permanece para sempre imputado a nós.

Por conseguinte, a punição. Pois o castigo somente é o ato de Deus resistindo à usurpação dos Seus direitos. Tal usurpação rouba a Deus, e, persistindo, difamaria a Sua divindade. E tal não pode ser, se Ele for de fato Deus. Assim é que a Sua majestade opera diretamente contra esta usurpação. E nisso constitui-se a punição. Pecado, culpa e punição são inseparáveis. Somente porque a culpa persegue o pecado, e a punição acusa a culpa em juízo; é que o pecado pode existir no universo de Deus.

XV. Nossa Retidão.

"Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem" - Gênesis 6:3

Antes de discutir a obra do Espírito Santo na restauração do pecador, consideremos a interessante porém muito negligenciada questão se o homem encontrava-se em comunhão com o Espírito Santo antes da queda.

Se for verdade que o Adão original retorna no homem regenerado, segue-se então que o Espírito Santo deve haver habitado em Adão, como Ele agora habita nos filhos de Deus. Mas não é assim. A Palavra de Deus ensina as seguintes diferenças entre os dois:

1. Adão podia perder o tesouro que tinha, mas os filhos de Deus não podem perder o seu.

2. O destino de Adão era obter a vida eterna; enquanto que os filhos de Deus já a possuem.

3. Adão encontrava-se sob o Pacto de Obras, enquanto os regenerados estão sob o Pacto da Graça.

Estas diferenças são essenciais, e indicam uma diferença de status, de posição. Adão não pertencia ao grupo dos pecadores que são justificados, mas ele era justo e sem pecados. Ele não vivia numa retidão, numa justiça não pertinente a si, a que é pela fé, como os regenerados, mas brilhava com uma justiça, retidão original que era verdadeiramente sua. Ele vivia sob a lei que diz: "Faça isto e viverás; se não, morrerás".

Assim é que Adão não tinha outra fé senão aquela a qual vem por "disposição natural". Ele não vivia de uma retidão, justiça a qual é pela fé, mas de uma justiça, uma retidão original. A nuvem de testemunhas no capítulo 11 da Carta aos Hebreus não começa com um Adão sem pecado, mas com Abel, depois de haver sido assassinado.

Se cada relação correta da alma é uma relação de fé, então a justiça, retidão original necessariamente incluía a fé. Mas isto não é Bíblico. São Paulo ensina, que a fé é uma graça temporária, a qual finalmente adentra naquela comunhão mais elevada e mais íntima, chamada "vista". Na Bíblia, a fé como um meio de salvação, é sempre a fé em Cristo, não como o Filho de Deus, a Segunda Pessoa na Trindade, mas como o Redentor, o Salvador e a Garantia - resumindo, fé em Cristo, e nEle crucificado. E desde que "Cristo e nEle crucificado" não pertence ao período antes da queda do homem, é correto então situar Adão em linha com o pecador justificado, no que diz respeito à fé. Mesmo no estado de justiça, de retidão, Adão não vivia em Cristo; pois Cristo somente é Salvador do pecador, e não uma esfera ou elemento no qual o homem viva como homem. Na falta do pecado, a Bíblia não mostra nenhum Cristo; e São Paulo ensina que, quanto todas as conseqüências do pecado houverem cessado, Cristo entregará o reino ao Pai, que Deus possa ser tudo em tudo.

Portanto, Adão e o homem regenerado não são os mesmos. A diferença entre seu status, sua posição, é muito óbvia no fato de que fora de Cristo, o segundo encontra-se no meio da morte, não tendo nenhuma vida em si mesmo, como São Paulo diz: "...e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim"; enquanto que Adão tinha uma justiça, uma retidão natural em si mesmo.

Os pais sempre enfatizaram mui fortemente este ponto. Eles ensinaram que a justiça, retidão original de Adão não era acidental, sobrenatural, acrescentada à sua natureza, mas inerente à sua natureza; não a justiça, retidão de outro imputada a ele e apropriada pela fé, mas uma justiça, retidão naturalmente sua própria. Por isso é

que Adão não precisava de nenhum substituto; ele estava por si mesmo na natureza do seu próprio ser. Assim é que o seu status, a sua posição é a oposta daquela a qual constitui-se, para o filho de Deus, a glória da sua fé.

Mestres de uma outra doutrina são movidos, consciente ou inconscientemente, por motivos filosóficos. A teoria Ética diz: "Propriamente falando, a nossa salvação não está na cruz, mas na Pessoa de Cristo. Ele era Deus e Homem, portanto divino-humano; e esta natureza divino-humana é transferível. Esta, sendo dada a nós, a nossa natureza torna-se superior em qualidade, e assim nos tornamos filhos de Deus". Isto é uma negação do meio de glória, e uma rejeição da cruz e de toda a doutrina da Bíblia - realmente um erro aterrorizador. Sua conclusão é: "Primeiro, mesmo na falta de pecado o Filho de Deus teria Se tornado homem; segundo, é claro que o Adão sem pecado vivia no Deus-homem".

Sem assentir a esses erros, outros imprudentemente ensinam que o Adão sem pecado viveu pela justiça, pela retidão de Cristo. Que tenham cuidado com as conseqüências. A Bíblia não permite teorias que obliteram a diferença entre o Pacto de Obras e o Pacto da Graça.

Mas, mantendo-se a doutrina aprovada da retidão, da justiça original de Adão como inerente à sua natureza, e da imagem divina com havendo sido estampada, surge a importante questão: A comunhão desfrutada por Adão com o Espírito Santo era a mesma que a alma nascida de novo tem agora?

A resposta a essa pergunta depende da opinião de alguém com relação à natureza da retidão, da justiça original. A justiça, a retidão de Adão era intrínseca. Ele encontrava-se perante Deus como o homem deveria estar. Não lhe faltava nada a não ser o débito. Ele oferecia ao Senhor tudo o que ele possuía, momentaneamente; por quanto tempo não é importante. Um segundo é tempo suficiente para alguém perder sua alma para sempre, e igualmente o bastante para chegar à posição correta perante Deus. Assim é que Adão possuía um bem perfeito; pois a justiça, a retidão implica em santidade; e ambas eram perfeitas. A profanação menor que fosse teria criado imediata deficiência no retorno de Adão para Deus. E quando aquela

profanação tornou-se um fato, aquela justiça, aquela retidão foi imediatamente arruinada, lacerada e quebrada; a profanação por menor que seja causa de uma vez a perda de toda a retidão, de toda a justiça. Pois na justiça, na retidão não há degraus. Aquilo que não é perfeitamente reto, é torto. "Certo" e "perfeitamente certo" são exatamente a mesma coisa. "Não perfeitamente certo", é "não certo".

A questão "Como era Adão perfeitamente bom" recebe a mais cristalina luz do conflito dos Luteranos Flacius Illiricus e Victorious Strigel. O primeiro mantinha que o homem era essencialmente justo, reto.

A opinião de alguém sobre o pecado depende necessariamente do seu ponto de vista quando a bondade, e vice versa. Uma natureza realística é inclinada a conceber o pecado e a bondade como materiais; o pecado em sua opinião é uma espécie de bactéria invisível, quase que perceptível a um microscópio poderoso. E virtude, bondade e santidade têm, igualmente, uma existência independente, tangível, mensurável e distribuível. Não é assim. Nós podemos comparar o espiritual com o material. O que mais é simbolismo? A Bíblia dá o exemplo, comparando o pecado como uma ferida crescente em putrefação, com um fogo, etc.; e a bondade, a Bíblia a compara a gotas de água matando a sede, tornando-se uma fonte de água viva na alma. Que o simbolismo mantenha o seu lugar de honra neste aspecto. Mas simbolismo é a comparação de coisas dissimilares, portanto a identidade delas é excluída. Pecado não é alguma coisa substancial, portanto a virtude e a bondade não são essencialmente independentes.

E todavia, Flacius Illiricus sentia que neste aspecto havia uma diferença entre pecado e virtude. O mal é insubstancial, porque é a falta, a carência da bondade. Mas a bondade não é a falta, não é a carência do mal. Perda indica que aquilo que deveria existir, está faltando. O mal nunca deveria existir, então ele nunca poderá ser uma falta, uma carência. Mas com relação à bondade, a questão é diferente, a saber, se a bondade é um elemento externo e independente que foi acrescentado à alma, então poderia ser dito, aqui está a alma, e lá está a bondade". E isto não pode ser. Como um

raio é inimaginável sem a luz, assim também a bondade, sem uma pessoa de quem ela procede.

E isto tentava Flacius Illiricus a ensinar que originalmente o homem era essencialmente justo, reto. É claro que ele estava errado. O que ele queria atribuir ao homem pode somente ser atribuído a Deus. Bondade é bondade. Deus é bondade. Bondade é Deus. E em Deus, o ser e a bondade são um. Não existe nem pode existir diferença entre os dois, pois Deus é perfeitamente bom em todos aspectos; portando a menor separação entre Deus e bondade é inteira e completamente impensável.

Deus sozinho é um Ser único; não como o Professor Doedes interpreta na sua crítica à Confissão, como se em Deus não possa haver distinção de pessoas, mas que em Deus não pode haver nenhuma distinção de essência, como entre Ele e os Seus atributos. Mas não é assim com relação ao homem. Nós não somos únicos, e não podemos ser, no mesmo sentido. Ao contrário, o nosso ser permanece, embora todos os nossos atributos sejam mudados ou modificados. Um homem pode ser bom e deve ser, mas sem bondade ele ainda continua sendo um homem; a sua natureza torna-se corrupta, mas o seu ser permanece o mesmo.

O ser do homem é ou verdadeiro ou mentiroso, não porque a sua alma seja inoculada com a substância da falsidade ou da verdade, mas por uma modificação da qualidade do seu ser. A bondade inerente não tem referência com o nosso ser, mas somente com a maneira da sua existência. Como um semblante expressando júbilo ou profunda tristeza não é o resultado de uma aplicação externa, mas de um estado íntimo de júbilo ou pesar, assim também a alma, é boa ou má, de conformidade com o seu posicionamento perante Deus.

E esta bondade era a herança de Adão, diretamente de Deus. Deus sozinho é a abundante Fonte de toda graça; Adão por si mesmo nunca operou uma partícula de bem, em referência à qual ele pudesse ter reclamado uma recompensa. A vida eterna lhe foi prometida não como um prêmio ou um elemento inerente, mas em virtude das condições do pacto de obras. Tão fortemente quanto nos opomos à aplicação do Adão sem pecados às condições do Pacto da Graça, como se ele vivesse em Cristo, também nos opomos à representação

de que qualquer virtude, santidade ou justiça ou retidão procedessem de Adão não havendo sido operadas nele por Deus. Negá-lo seria fazer do Adão sem pecados uma pequena fonte de algum bem, e estar em oposição à confissão de que Deus sozinho é a Fonte de todo bem.

Assim é que chegamos a esta conclusão, de que em Adão toda a bondade era operada pelo Espírito Santo, de acordo com a ordenança santa a qual designa à Terceira Pessoa na Trindade a operação interna de todos os seres racionais.

No entanto, isto não implica que antes da queda o Espírito Santo habitasse em Adão como se no Seu templo, da maneira como Ele o faz no filho regenerado de Deus. Neste último Ele somente pode habitar, uma vez que a natureza humana é corrupta e não apropriada para ser o Seu veículo. Mas não assim com Adão. A sua natureza foi criada e calculada para ser um veículo das operações do Espírito Santo. Daí que Adão e o regenerado são similares neste aspecto, que em ambos não há nenhuma bondade que não haja sido operada pelo Espírito Santo; mas dissimilares, no que o regenerado somente pode oferecer o seu coração pecador como habitação do Espírito Santo, enquanto que o ser de Adão experimentou as Suas operações sem o Seu habitar, natural e organicamente.

XVI. A Nossa Morte.

"...estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" - Efésios 2:1

Em seguida, pela ordem, vem a discussão sobre a morte.

Existe o pecado, que é o desviar-se e o resistir à lei. Existe a culpa, a qual, é reter de Deus aquilo que, como o Legislador e o Mantenedor daquela lei, Lhe é devido. Mas existe também a punição, a qual é o ato do Legislador ao aplicar a Sua lei contra aquele que a quebra. A Sagrada Escritura chama esta punição de "morte".

Para compreender o que é a morte, devemos primeiro perguntar: "O que é vida?"

E a resposta, em sua forma mais genérica é: "Alguma coisa vive, se nela houver movimento, 'de dentro para fora'". Um homem encontrado na rua, encostado numa parede, completamente imóvel, pode ser tido como morto; mas se ele mover sua cabeça ou se mover

sua mão, sabemos que está vivo. O movimento, embora quase imperceptível e tão fraco que são necessários os dedos práticos do médico para detectá-lo, sempre é o sinal de vida. Os músculos podem estar paralisados, os tendões e as membranas podem estar rígidos; todavia tanto quanto haja pulso, tanto quanto o coração bata, e os pulmões inalem o ar, a vida não está extinta. Nos casos mais duvidosos de afogamento, transe cataléptico, ou paralisia, a dúvida não é eliminada por completo, até que movimento seja observado. Assim é que podemos seguramente dizer que um corpo vive, se movimentar-se 'de dentro para fora'.

O mesmo não pode ser dito com relação a um relógio, pois falta ao seu mecanismo o poder inerente do auto movimento. Ao dar-lhe corda, energia pode ser armazenada na sua mola mestra, mas quando a energia houver sido utilizada, o relógio para. Mas a vida não é uma força acrescentada a um organismo preparado, mecânica e temporariamente, mas sim uma energia que é inerente ao organismo, como um princípio orgânico.

Portanto, claro está que o corpo humano não tem nenhum princípio vital em si mesmo, mas o recebe da alma. O braço não se movimenta, até que movido pela alma. Mesmo as funções de circulação, de respiração e de digestão são animadas pela alma; pois quando a alma deixa o corpo, todas essas funções param. Um corpo sem uma alma é um cadáver. Como a vida física depende da união entre corpo e alma, assim também a morte física resulta da dissolução daquele elo. Como no princípio Deus formou o corpo humano do pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego da vida, de forma que ele se tornasse um ser vivo, assim a dissolução da união entre o corpo e a alma, dissolução a qual significa a morte para o corpo, também é um ato de Deus. A morte é portanto a remoção daquela dádiva maravilhosa, o elo da vida. Deus retira a bênção concedida, e a alma parte numa desencarnação separada, enquanto que o corpo, livre na forma de cadáver, é entregue à putrefação.

Mas o processo de morte não finaliza aí. A vida e a morte são dois opostos extremos, envolvendo o corpo e a alma. "...certamente morrerás"[Gênesis 2:17] é a divina sentença, que inclui a pessoa como um todo, e não somente o corpo. Aquele que possui uma vida

de criatura, pode também morrer como uma criatura. Assim é que a alma, sendo uma criatura, pode ser destituída da sua vida de criatura.

Admitimos que num outro aspecto a alma é imortal; mas para evitar confusão, rogamos ao leitor deixa-lo de lado, por um momento. Retornaremos a ele oportunamente.

Aplicando a nossa definição de vida à alma como uma criatura viva, segue-se que a alma vive somente quando se move, quando ações procedem dela, e quando energias nela operam. Mas o seu princípio vital não é mais inerente do que no que se refere ao corpo, mas que vem de fora. Originalmente a alma não era auto existente, mas Deus deu-lhe um princípio vital criado e um poder de movimento os quais Ele sustentou e qualificou para agir de momento em momento. Neste respeito Adão diferia de nós. É verdade de que na alma do regenerado existe um princípio vital, mas a fonte da sua energia encontra-se fora de nós, em Cristo. Existe o habitar, mas não a inter impregnação. Aquele que habita é distinto da sua habitação. Mas não assim em Adão. Embora o princípio de vida energizando a alma procedesse de Deus, estava ainda assim depositado no próprio Adão.

Alguém receber gás da companhia municipal de gás é uma coisa; produzi-lo no seu próprio estabelecimento, às suas próprias custas é bem outra. O filho regenerado de Deus recebe a vida diretamente de Cristo, que se encontra fora dele, assentado à mão direita de Deus, através dos canais da fé; mas Adão tinha o princípio da vida dentro de si, proveniente da Fonte de todo o Bem. O Espírito Santo havia colocado este princípio de vida na sua alma, e mantido-o em operação ativa; não como algo que lhe fosse estranho, mas como inerente e peculiar à sua natureza.

Se a vida de Adão originou-se na união a qual Deus tinha estabelecido entre a sua alma e o princípio de vida do Espírito Santo, segue-se que a morte de Adão resultou de um ato de Deus ao dissolver aquela união, resultado do que a sua alma tornou-se um cadáver.

Mas isto não é tudo. Quando o corpo morre, ele não simplesmente desaparece; o processo da morte não para por aí. Como uma unidade ele torna-se incapaz de qualquer ação orgânica, mas as

partes que o constituem tornam-se capazes de produzir efeitos terríveis e degradantes. Deixe cadáveres insepultos numa casa, e os gases venenosos provenientes da putrefação e dissolução criam doenças malignas e causam morte para os habitantes daquela casa e à comunidade. Depois da dissolução do sangue e da carne, os quais não podem herdar o reino de Deus, o corpo como corpo continua a existir, com a possibilidade de ser re-animado e re-construído e re-modelado num Corpo mais glorioso, e de ser re-unificado com a alma.

Tudo isso pode quase que literalmente ser aplicado à alma. Quando uma alma morre, i.e. quando ela é separada do seu princípio de vida, o qual é o Espírito Santo, ela torna-se perfeitamente imóvel e incapaz de perpetrar qualquer boa obra. Algumas coisas podem persistir, tal como a aparência delicada na face de um morto; todavia, conquanto delicada, tal aparência é inútil e de nada serve. E como um corpo morto é incapaz de qualquer ação e inclinado para a dissolução completa, assim também uma alma morta é incapaz de qualquer bem e inclinada para todo o mal.

Mas isto não implica em que uma alma morta seja destituída de toda e qualquer atividade, não mais do que um corpo morto. Como este contém em sua composição sangue, carbono e cálcio; assim também aquele possui vontade, sentimento, inteligência, e imaginação. E estes elementos de uma alma morta tornam-se igualmente ativos, com efeitos ainda mais terríveis, os quais são algumas vezes horríveis de serem vistos. Mas como o corpo morto, por todas as suas atividades nunca pode produzir qualquer coisa que seja para restaurar o seu organismo, assim não pode a alma morta, por todas as suas ações, alcançar nada que restaure um discurso harmonioso perante Deus. Todas as suas manifestações são pecaminosas, tanto quanto o corpo morto somente emite odores ofensivos.

Sim, o paralelo ainda continua. Um cadáver pode ser embalsamado, estufado com ervas, e encasulado como uma múmia. Sua degradação é invisível, todos sinais visíveis cuidadosamente tampados e lacrados. Assim também muitos homens embalsamam a alma morta, enchem-na com ervas aromáticas, e embrulham-na como uma múmia, em faixas de auto-retidão e justiça, de forma que da

corrupção, da degradação íntima, qualquer indício raramente apareça. Mas como os Egípcios, com a sua arte da embalsamação, nunca puderam restaurar a vida aos seus mortos, assim também essas "almas-múmias", com toda a sua arte do tipo Egípcia, nunca serão capazes de acender a centelha da vida nas suas almas mortas.

Uma alma morta não se encontra aniquilada, mas continua a existir, e pela graça divina pode ser re-animada para uma nova vida. Ela continua a existir, ainda mais poderosamente do que o corpo. Este último é divisível, mas a alma não o é. Sendo um inteiro, ela não pode ser dividida. Daí que a morte da alma não é seguida pela dissolução da alma. É o agir venenoso dos elementos da alma após a sua morte que causam um stress terrível, criando na alma indivisível um desejo veemente pela dissolução; fricção e confusão de elementos que clamam por paz e harmonia; uma excitação violenta que acende fogueiras profanas; mas não existe a dissolução. A alma é, portanto, chamada imortal, i.e. ela não pode ser dividida ou aniquilada. Ela torna-se um cadáver insuscetível de dissolução, no qual os gases venenosos continuarão sua obra pestilenta no inferno, para sempre.

Mas a alma também é suscetível de uma nova centelha e de uma motivação; morta em faltas e em pecado, separada do princípio da vida, com o seu organismo perfeitamente imóvel e incapacitada e incapaz de quaisquer resultados proveitosos, mas ainda assim uma alma humana. E Deus, que é misericordioso e gracioso, pode restabelecer o vínculo partido. A comunhão interrompida com o Espírito Santo pode ser restaurada, tal como a comunhão quebrada entre o corpo e a alma.

E esta centelha na alma morta é a regeneração.

Concluimos esta seção com mais uma observação. A quebra do vínculo, que causa a morte, não é sempre repentina. A morte em decorrência de derrame é quase que instantânea, enquanto que a decorrente de tuberculose é lenta. Quando Adão pecou, a morte veio de imediato; mas tanto quanto se referisse ao seu corpo, a separação completa entre este e a alma levou mais de novecentos anos. Mas a alma morreu de imediato, morreu repentinamente; sua ligação com o Espírito Santo foi cortada, e somente seus fios, desgrenhados, permaneceram ativos, nos sentimentos da vergonha.

Quando dizemos que a morte da alma pode ser mais pronunciada em um caso do que em outro, não significa querermos sugerir que enquanto uma está morta, a outra só está morrendo. Não, ambas estão mortas, a alma em cada um dos casos é um cadáver; mas uma encontra-se embalsamada como uma múmia, e a outra já se encontra em processo de dissolução; ou, que as obras destrutivas, conflitantes e peçonhentas na alma de um tenham apenas começado; enquanto que na de outro elas tenham sido estimulados pela educação e por outras agências. Estas diferenças entre pessoas diferentes dependem da graça divina.

A dissolução de um corpo no Pólo Norte é adiada; enquanto que num corpo na linha do Equador a mesma dissolução é rapidamente atingida. De maneira similar as almas mortas são colocadas em diferentes atmosferas. Daí as diferenças.

(1) N.T.: A citação do Dr. Böhl, no original é: "Wenn wir die Creatur aus jenem Stande hin ausgetreten denken; so bleibt diese, Creatur intact,"

(2) N.T.: O autor utilizou, no original em Holandês, o vocábulo "shuld", que significa literalmente "débito" e inclui as idéias de culpa e de dever algo a alguém.

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)
Barretos-SP, 09 de Abril de 2003.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Terceiro - Graça Preparatória

XVII. O Que É?

"Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte."-I João 3:14

É desnecessário dizer que o escopo dessas discussões não inclui a obra redentora como um todo, a qual no sentido da melhor escolha não é obra do Espírito Santo sozinho, mas do Deus Triúno, cuja majestade real brilha e cintila em tal obra, com glória excelsa. A obra redentora não inclui somente a obra do Espírito Santo, mas até mais aquela obra do Pai e aquela obra do Filho. E nessas três, nós enxergamos a atividade triúna das suaves misericórdias do Deus Triúno.

Estas presentes discussões tratam somente daquela parte da obra como um todo, aquela parte que revela a operação do Espírito Santo.

A primeira questão em ordem é aquela da assim chamada "graça preparatória". Esta é uma questão de importância sobrepujante, desde que o Metodismo (1) a negligencia e a ortodoxia moderna abusa dela, de forma a fazer com que a escolha determinante na obra da graça, uma vez mais dependa do livre arbítrio do homem.

Com referência ao ponto principal, deve ser concedido que existe uma "gratia præparans", como nossos teólogos antigos costumavam chama-la, i.e., uma graça preparatória; não uma preparação de graça, mas uma graça que prepara, a qual nas suas ações preparatórias é uma graça real, inalterada e não duvidada. A Igreja tem sempre mantido esta confissão através dos seus mais intérpretes mais sólidos e seus confessores mais nobres. Ela, a Igreja, não poderia abrir mão dela enquanto Deus seja de fato eterno, imutável e onipresente; mas através dela a Igreja deve forçosamente

protestar contra a falsa representação de que Deus permite que um homem nasça e viva durante anos de forma independente dEle e sem ser por Ele notado, de repente Ele converta-o quando bem Lhe convier, e a partir daquela hora faça dele objeto do Seu cuidado e do Seu amor.

Embora não possa ser negado que o pecador partilhasse desta desilusão porque - como ele não se preocupava com Deus, por que então Deus deveria preocupar-Se com ele? - ainda assim a Igreja não pode encorajá-lo nesta idéia ímpia. Pois ela deprecia as virtudes, as glórias e os atributos divinos. Hereges de cada nome e origem têm feito da salvação o seu estudo principal, mas quase sempre têm negligenciado o conhecimento de Deus. E todavia, cada credo começa com a frase: "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra"; e o valor de tudo o quanto segue-se, com relação a Cristo e à nossa redenção, depende somente da interpretação correta daquele primeiro artigo. Assim é que a Igreja tem sempre insistido num conhecimento puro e correto de Deus em cada confissão e em cada parte da Obra redentora; e tem considerado ser privilégio e tarefa principal guardar a pureza deste conhecimento. Mesmo a salvação da alma não deveria ser desejada se às custas da injúria menor que fosse, contra a pureza daquela confissão.

Com relação à obra da graça preparatória, era necessário antes de tudo examinar se o conhecimento de Deus fora mantido em sua pureza, ou se para favorecer o pecador ele fora distorcido e deformado. E desta forma testado, não pode então ser negado que o cuidado de Deus para com os Seus eleitos não começa de forma arbitrária num momento, mas sim que está entremeado com toda a sua existência, incluindo a sua concepção, e mesmo antes que eles fossem concebidos, entremeado está o cuidado de Deus com os mistérios daquele amor redentor que declara "...com amor eterno te amei..."[Jeremias 31:3]. Por conseguinte, é impensável que Deus deixasse um pecador à sua própria conta por anos, para capturá-lo num certo momento, no meio da sua existência.

Não, se Deus é para permanecer Deus e o Seu poder onipresente é para permanecer ilimitado, a salvação de um pecador deve ser uma obra eterna, envolvendo sua existência por completo -

uma obra cujas raízes estão ocultas nas fundações não vistas das maravilhosas misericórdias as quais estendem-se muito além da concepção do pecador. Não pode ser negado que um homem, convertido na idade de vinte e cinco anos, foi durante sua vida sem Deus o objeto do labor divino, do cuidado e da proteção divinos; que na sua concepção e antes do seu nascimento a mão de Deus o segurava e o desenvolvia; sim, que a obra de Deus, a qual operou nele muito antes da sua conversão deve retroagir até mesmo no divino conselho.

A confissão da eleição e pré-ordenação é essencialmente o reconhecimento de uma graça ativa muito, muito antes do momento da nossa conversão. A idéia de que desde a eternidade Deus tenha registrado um mero e arbitrário nome ou número, para despertá-lo somente depois de muitos séculos, é verdadeiramente profana. Não; os eleitos de Deus nunca estiveram perante a Sua visão eterna como meros nomes ou números; mas cada alma eleita é também pré-ordenada a permanecer perante Ele no seu desenvolvimento completo, o objeto em Cristo, do prazer eterno de Deus.

No sacrifício de Cristo no Calvário, o qual é pleno para os eleitos, justificando-os pela Sua Ressurreição, não foi executado independentemente dos eleitos, mas incluindo-os todos. A ressurreição é uma obra da Onipotência divina, na qual Deus traz de volta dos mortos não somente a Cristo sem os Seus, mas Cristo com os Seus. Assim é que cada santo com uma clara visão espiritual confessa que o seu Pai celeste executa nele uma obra eterna, a qual não começou somente quando da sua conversão, mas operada no eterno conselho através dos períodos dos pactos antigo e novo; em sua pessoa todos os dias da sua vida, e a qual operará nele, por toda a eternidade. Mesmo nesse sentido geral, a Igreja não pode negligenciar a confissão da graça preparatória.

No entanto, a questão afunila-se quando, excluindo o que precede o nosso nascimento, consideramos somente a nossa vida pecadora antes da conversão, ou os anos intermediários entre a idade da discrição e o momento quando as escamas caem dos nossos olhos.

Durante aqueles anos nos quais afastávamo-nos de Deus, ao invés de achegarmo-nos mais próximos a Ele, o pecado eclodiu mais

violentamente em um do que em outro, mas havia iniquidade em todos nós. Sempre que a linha do prumo era estendida perpendicularmente ao lado da nossa alma, notava-se que ela estava longe de estar reta. E muitos sustentam que, durante este período cheio de pecados, a graça preparatória está fora de questão. Eles dizem que "Onde há pecado, não pode haver nenhuma graça"; e portanto durante aqueles anos o Senhor deixa o pecador entregue a si mesmo, para retornar a ele quando a fruta amarga do pecado esteja madura o suficiente para move-lo à fé e ao arrependimento. Eles não negam a eleição graciosa e a pré-ordenação de Deus, nem o Seu cuidado para com os Seus eleitos no seu nascimento; mas eles sim negam a Sua graça preparatória durante os anos de alienação, e crêem que a Sua graça começa a operar somente quando ela surge, quando da sua conversão.

É claro que há alguma verdade nisto; existe tal coisa como o abandono do pecador à iniquidade, quando Deus permite a um homem trilhar os seus próprios caminhos, entregando-o a paixões vis, para fazer coisas que são impróprias. Mas ao invés de interromper o labor de Deus sobre alma tal, as próprias palavras da Bíblia, "os entregar"[Romanos 1:24, 28], mostram que este ser arrastado para longe na correnteza do pecado não ocorre sem que Deus o note. Homens têm confessado que, se o pecado interior não houvesse se revelado, surgindo de repente em toda a sua fúria, eles nunca haveriam descoberto a corrupção interior nem haveriam clamado a Deus por misericórdia. A compreensão da sua culpa e a memória do seu passado tenebroso têm sido para muitos santos poderosas motivações para lutar com mãos fortes e corações compadecidos pelo resgate daqueles outros que encontram-se perdidos sem esperança nas mesmas águas mortais das quais eles foram salvos. A lembrança da profunda corrupção e degradação das quais eles agora encontram-se a salvo tem sido para muitos a mais potente salvaguarda de imaginárias auto justiça e retidão, orgulho próprio, e o conceito de serem mais santos que os outros. Muitas profundezas de reconciliação e de graça têm sido descobertos e sondados somente pelos corações, tão profundamente feridos que, pelo acobertar da sua culpa, uma simples confissão superficial do sangue expiador não seria suficiente. Quão

profundamente Davi caiu; e quem bradou desde as profundezas da misericórdia com júbilo maior do que ele o fez? Quem imprimiu a pura confissão da Igreja mais profundamente do que Agostinho, incomparável entre os pais da Igreja, quem desde o abismo da sua própria culpa e devastação aprendeu a contemplar o firmamento das eternas misericórdias de Deus? Mesmo deste ponto de vista extremo do caminho pecaminoso do homem, não pode ser afirmado que naquele mesmo caminho a graça de Deus fosse suspensa. Luz e sombra são aqui necessariamente mescladas.

E isto não é tudo. Mesmo que pelo pecado nós tenhamos capitulado a tudo, e o ego pecador, conquanto virtuoso exteriormente, tenha tingido cada ação da vida com o pecado, ainda assim isto não é tudo da vida. Em meio a tudo, a vida foi moldada e desenvolvida. O pecador de vinte e cinco anos de idade difere da criança de três anos de idade, quem através do seu temperamento feio mostrava plenamente sua natureza pecadora. Durante todos aqueles anos a criança tornou-se um homem. Aquilo que nele encontrava-se dormente manifestou-se de forma gradual. Influências diversas operaram nele. Ele dominou o conhecimento e o seu conhecimento cresceu. Talentos foram despertos e desenvolvidos. A memória e as lembranças acumularam tesouros de experiência. Conquanto pecaminosa a forma, o caráter acentuou-se e alguns dos seus traços adotaram linhas definidas. A criança tornou-se homem - uma pessoa, vivendo, existindo, e pensando de forma diferente das outras pessoas. E em tudo isso, assim confessa a Igreja, estava a mão do Deus Onipresente e Todo-Poderoso. É Ele quem, durante todos estes anos de resistência guiou e direcionou a Sua criatura de conformidade com o Seu próprio propósito.

Mais cedo ou mais tarde o Sol da Graça brilhará sobre ele, e, desde que muito depende da condição na qual a graça o encontre, é o Próprio Senhor Deus quem prepara tal condição. Ele a prepara através de graciosamente impedir que o seu caráter adote traços os quais evitariam mais tarde que ele trilhasse seu caminho no reino de Deus, e, por outro lado, por graciosamente desenvolver nele tal caracteres e características tais que aparecerão após a sua conversão, adaptados à tarefa para a qual Deus tem para ele designado.

E é assim evidente que mesmo durante o tempo da alienação, Deus concede graça aos Seus eleitos. E ao final ele perceberão o quão evidentemente todas as coisas cooperaram para o bem, não porque ele assim tenha intencionado, mas apesar das suas intenções pecaminosas, e somente porque a graça protetora de Deus estava trabalhando em, e através, e por intermédio de tudo. Seu curso pode ter sido diferente em todos sentidos. Que seu curso é como é, e não muito pior, ele não deve a si mesmo, mas a um favor muito mais elevado. Assim, revendo o passado negro da sua vida, o santo pensa a princípio não existir nada a não ser uma noite de trevas satânicas; mais tarde, porém, estando melhor instruído, ele percebe através daquelas trevas um tênue brilho do amor divino.

Na verdade, durante a sua vida existem três períodos distintos de gratidão:

Primeiro, imediatamente após a sua conversão, quando ele não consegue pensar em outra razão para agradecimento senão a graça recém encontrada.

Segundo, quando ele aprende a render graças também pela graça da sua eleição eterna, que se estende muito além da primeira graça.

Por último, quando as trevas entre a eleição e a conversão dissipam-se, ele agradece a Deus pela graça preparatória, a qual cuidava de sua alma, em meio àquelas trevas.

XVIII. O Que Não É.

"...somos feitura Sua..."-Efésios 2;10

No artigo anterior nós sustentamos que existe a graça preparatória. Em oposição ao deísmo contemporâneo dos Metodistas(1), as igrejas Reformadas devem confessar essa verdade excelente em toda a sua dimensão. Mas dela não deveria abusar-se para restabelecer o livre arbítrio do pecador, como o fizeram os Pelagianos, e os Arminianos após eles, e como os Éticos agora o fazem, embora de maneira diferente.

O Metodista erra ao dizer que Deus não cuida do pecador até que Ele de repente o capture no seu caminho de pecado. Nem podemos nós tolerar o erro oposto, a negação da regeneração, o novo

ponto de partida na vida do pecador, o qual faria da obra da conversão nada mais que um despertar de energias reprimidas e dormentes. Não existe transição gradual; a conversão não é meramente o curar de uma doença, nem o levantar-se do que encontrava-se reprimido; nem no mínimo de tudo, o despertar de energias dormentes.

Com relação ao seu primeiro nascimento, o filho de Deus estava morto, e pode ser trazido à vida somente por intermédio de um segundo nascimento, tão real quanto o primeiro. Geralmente a pessoa assim favorecida não se dá conta disso. Na natureza do caso, o homem é inconsciente do seu primeiro nascimento. A consciência vem somente com os anos. E o mesmo aplica-se à regeneração, da qual ele não tinha consciência até a hora da sua conversão; e isto pode ser dez ou vinte anos mais tarde.

A base sobre a qual a Igreja confessa que uma grande maioria dos homens são nascidos de novo antes do santo Batismo são realmente muitas; razão pela qual, no Batismo, ela refere-se aos filhos dos crentes como sendo regenerados.

E o que ensinam com relação a isto os Semi-Pelagianos de todos os tempos e matizes, e os Éticos da atualidade? Eles rebaixam o primeiro ato de Deus nos pecadores a uma espécie de graça preparatória, concedida não somente aos eleitos, mas a todas as pessoas batizadas. Eles a representam assim:

Primeiro, todos os homens são concebidos e nascidos em pecado; e se Deus não desse o primeiro passo, todos pereceriam.

Segundo, Ele concede às crianças nascidas na Igreja Cristã um tipo de graça assistente, aliviando a incapacidade.

Terceiro, portanto cada pessoa batizada tem o poder de aceitar ou rejeitar a graça oferecida.

Quarto, razão pela qual, dos muitos que receberam a graça preparatória, alguns escolhem a vida e outros a perdição.

E esta é a confissão não de Agostinho, mas de Pelágio; não de Calvino, mas de Castellio; não de Gomar, mas de Armínio; não das igrejas Reformadas, mas das denominações as quais eles têm condenado como heréticas.

Esta mentira ímpia, a qual permeia toda esta representação, precisa ser erradicada; e os irmãos Metodistas merecem o nosso mais forte suporte, quando com entusiasmo santo eles opõem-se a este falso sistema. Se esta representação for verdadeira, então o conselho de Deus perdeu toda a sua certeza e imutabilidade; então a obra redentora do Mediador é incerta em sua aplicação; então o nosso passar da morte para a vida depende, no final, da nossa própria vontade; e o filho de Deus é roubado de todo o seu conforto na vida e na morte, desde que esta nova vida pode ser perdida.

Não é aval para os teólogos Éticos, quando sob muitas formas lindas eles confessam sua crença numa eleição eterna, e que a graça não pode ser perdida, e na perseverança dos santos. Enquanto eles não se purgarem do seu erro principal - a saber, que no Batismo Deus alivia tanto a incapacidade do pecador de forma que ele possa escolher a vida de si mesmo - eles não se encontram na base das igrejas Reformadas, mas estão diretamente opostos a ela. Nem tampouco serão eles contados como filhos da família da fé Reformada até que, sem nenhum subterfúgio, eles confessem definitivamente que a graça preparatória não opera de forma alguma, exceto nas pessoas as quais certamente virão à vida, e nunca mais serão perdidas. Supor que esta graça pode operar num homem sem salvá-lo por completo, ao máximo, é romper com a doutrina da Bíblia e virar as costas para uma característica vital das igrejas Reformadas. Não negamos que muitas pessoas estão perdidas, nas quais muitos poderes excelentes têm operado. O apóstolo ensina isto de forma muito clara na Epístola: "...os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial,..."[Hebreus 6:4]. Mas existe um grande golfo entre a obra de Deus naqueles e aquela nos Seus eleitos. As operações nesses não eleitos não têm nada em comum com a graça salvadora; por conseguinte a graça preparatória, assim como graça salvadora, encontra-se totalmente fora de questão. Certamente que há a graça preparadora, mas somente para os eleitos que virão certamente à vida, e que, uma vez acesos, animados, assim permanecerão. A doutrina fatal das três condições - a saber, (1) dos espiritualmente mortos, (2) dos espiritualmente vivos, e (3) de homens oscilando entre a vida e a morte - precisa ser abandonada. A

propagação desta doutrina nas nossas igrejas destruirá certamente o seu caráter espiritual, como o fez nas antigas igrejas Huguenotes da França. Vida e morte são opostos absolutos, e um terceiro estado entre elas é impensável. Aquele que está vivo porém por muito pouco, pertence ao grupo dos viventes; e aquele que recém faleceu pertence ao grupo dos mortos. Um aparentemente morto está ainda vivo, e o outro, enquanto aparentemente vivo, já está morto. A linha divisória é da largura de um fio de cabelo, e um estado intermediário não existe. Isto também aplica-se à condição espiritual. Um vive, embora ele tenha recebido não mais que o germe vital, e ainda vagueia sem se converter, nos caminhos do pecado. E o outro está morto, muito embora experimentando a dádiva celeste, ainda que a vida não seja reacesa em sua alma. Qualquer outra representação é falsa.

Outros avançam o ponto de vista de que a graça preparatória prepara não para a recepção da vida, mas para a conversão. E isto, é tão pernicioso quanto o ponto de vista anterior. Pois então a salvação da alma depende não da regeneração, mas sim da conversão; e isto faz impossível a salvação das nossas crianças que perecem ainda em tenra idade. Não; ao lado dos túmulos das nossas crianças batizadas, confiantes da sua salvação através do Nome dado sob o céu, nós rejeitamos o ensinamento de que a salvação depende da conversão; mas confessamos que a salvação é efetuada pelo ato divino da criação de uma nova vida, a qual mais cedo ou mais tarde se manifesta na conversão.

A graça preparatória sempre precede a nova vida; portanto ela cessa mesmo antes do santo Batismo, em crianças restauradas antes de haverem sido batizadas. Assim é que, num sentido mais limitado, a graça preparatória opera somente em pessoas restauradas mais tarde na vida, pouco antes da sua conversão. Pois o pecador uma vez restaurado recebeu a graça, i.e. o germe de toda graça; e aquilo que já existe, não pode ser preparado.

Um terceiro engano, neste ponto, é a representação de que certos estados de ânimo e disposições devem ser preparados no pecador antes que Deus possa restaurá-lo; como se a graça restauradora estivesse condicionada, à graça preparatória. A salvação

das nossas crianças perecidas enquanto crianças também se opõe a isso. Não havia nelas nenhum estado de ânimo ou disposições; todavia nenhum teólogo dirá que elas estão perdidas, ou que estão salvas por um outro nome que não o Um Nome no qual também os adultos encontram salvação. Não; o pecador não precisa do que quer que seja para predispor-se para a implantação da nova vida; e embora ele fosse o pecador mais endurecido, privado de qualquer disposição, Deus é capaz, no Seu próprio tempo, de restaurá-lo. A onipotência da graça divina é ilimitada.

A implantação da nova vida não é um ato moral, mas sim um ato metafísico de Deus - i.e., Ele não o executa através de nenhuma admoestação ao pecador, mas independentemente da sua vontade e da sua consciência; todavia apesar da sua vontade, Ele planta algo dentro dele, através do que a sua natureza adquire uma outra qualidade.

Mesmo a representação ainda mantida por alguns dos nossos melhores teólogos, que a graça preparatória é como o secar a madeira molhada, de forma que a fagulha possa mais prontamente incendiá-la, nós não podemos aceitar. Madeira molhada não aceita a fagulha. Ela deve estar seca completamente, antes que possa ser acesa. E isto não se aplica à obra da graça. A disposição das nossas almas é algo imaterial. O que quer que possa porventura ser, a graça onipotente pode acendê-la. E embora nós não subestimemos as suas disposições, ainda assim não podemos conceder-lhes a potencialidade da ignição.

Por esta razão os teólogos do período florescente das nossas igrejas insistiram que a graça preparatória não devia ser tratada livremente, mas na seguinte ordem: "A graça de Deus primeiro precede, então prepara, e finalmente executa (*præveniens, præparans, operans*) - i.e., a graça é sempre a primeira, nunca espera por nada em nós, mas inicia a sua obra antes que haja qualquer coisa em nós. Segundo, o tempo antes da nossa restauração não é em vão, mas durante ele a graça nos prepara para a nossa vida de trabalho no reino. Terceiro, no tempo determinado, a graça sozinha restaura-nos sem qualquer ajuda; portanto, a graça é o "*operans*", o verdadeiro trabalhador. Assim é que a graça preparadora nunca deve ser entendida como uma forma de preparação para a concessão da vida.

Nada prepara para tal restauração. A vida é acesa, inteiramente preparada, não a partir de qualquer coisa em nós, mas completamente por intermédio do operar de Deus. Tudo aquilo que a graça preparatória alcança é isto, que Deus por intermédio dela dispõe de tal forma a nossa vida, alinha o seu curso e direciona o nosso desenvolvimento de forma que, sendo restaurados pelo Seu ato exclusivo, possuamos a disposição requerida para a tarefa a nós assinalada no reino.

A nossa pessoa é como o campo no qual o semeador deve lançar, deve espalhar as sementes. Suponha que existam dois campos nos quais a semente deve ser espalhada, lançada; um foi arado, fertilizado, gradeado e limpo de pedras, enquanto que o outro permanece duro, não preparado para a semeadura. Qual é o resultado? Será que o primeiro produzirá qualquer tipo de trigo por si só? De forma alguma; as covas nunca foram tão profundas e o solo esteve tão rico e afogado, mas se ele não receber nenhuma semente, nunca produzirá uma única planta. E o último, solo não cultivado, se nele forem lançadas sementes, elas germinarão. A origem da semeadura do trigo não tem conexão com o cultivo do solo, uma vez que o grão de semente para ali é levado de outro lugar. Mas para o crescimento do trigo, o cultivo do solo é da maior importância. E assim o é também com relação ao reino espiritual. Se grande ou pequena, a graça preparatória não contribui em nada para a origem da vida, a qual surge da "semente Incorrutível" plantada no coração. Mas para o seu desenvolvimento, é da maior importância.

É por isso que as igrejas Reformadas insistem tão fortemente no aprendizado e no treinamento cuidadoso das nossas crianças. Pois, embora confessemos que todo o nosso treinamento não pode criar a mínima fagulha de fogo celeste; ainda assim sabemos que quando Deus coloca aquela centelha nos seus coraçõezinhos, o acender da nova vida muito dependerá das condições nas quais a centelha divina os encontrar.

(1) Vide explicação do autor quanto ao Metodismo, na seção 5 do Prefácio.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Quarto - Regeneração

XIX. Terminologia Antiga e Nova

"O que é nascido da carne é carne" - João 3:6

Antes de examinarmos a obra do Espírito Santo neste importante assunto, devemos primeiro definir o uso das palavras.

A palavra "regeneração" é utilizada em um sentido limitado, e num sentido mais extenso.

Ela é utilizada em um sentido limitado quando denota exclusivamente o ato de Deus de restaurar, o qual é o primeiro ato divino através do qual Deus nos traslada da morte para a vida, do reino das trevas para o reino do Seu querido Filho. Neste sentido, regeneração é o ponto de partida. Deus vem até alguém nascido em iniquidade e morto em faltas e pecados, e planta na sua alma o princípio de uma nova vida espiritual. Assim é que ele nasce de novo.

Mas esta não é a interpretação da Confissão de Fé, pois ela expressa: "Cremos que a verdadeira fé, tendo sido acesa no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pela obra do Espírito Santo, regenera o homem e o torna um homem novo. Esta verdadeira fé o faz viver na vida nova e o liberta da escravidão do pecado." [Confissão de Fé Belga, artigo 24]. Aqui o substantivo "regeneração" (em negrito, o verbo "regenerar"), utilizada no seu sentido mais amplo, denota toda a mudança efetuada nas nossas pessoas pela graça, culminando no nosso morrer para o pecado, na morte, e no nosso nascer para o céu. Enquanto anteriormente este era o sentido usual da palavra, estamos agora acostumados ao sentido limitado, o qual nós portanto adotamos nesta discussão.

Respeitando a diferença entre os dois - anteriormente a obra da graça era geralmente representada na maneira pela qual a alma a

observava, conscientemente; enquanto que agora, a própria obra é descrita à parte da consciência.

É claro, uma criança, um menino, nada sabe sobre o gênesis da sua própria existência, nem do primeiro período da sua vida, a partir de observação própria. Se fosse contar-nos a sua história baseando-se nas suas próprias lembranças, começaria com o tempo em que sentava-se em sua cadeira alta, à mesa, e procederia até que, como homem, saísse para o mundo. Mas, sendo informado por outros dos seus antecedentes, ele antecede às suas próprias lembranças, e fala dos seus pais, da sua família, da época e lugar de nascimento, de como ele cresceu, etc. Assim é que há uma diferença única entre as duas contas.

A mesma diferença observamos no assunto perante nós. Antigamente era costumeiro, segundo a maneira dos catedráticos Romanos, descrever a experiência de alguém a partir das suas próprias lembranças. Sendo pessoalmente ignorante da implantação da nova vida, e lembrando-se somente do grande distúrbio espiritual, o qual levava aquele alguém à fé e ao arrependimento, era natural datar o início da obra da graça não a partir da regeneração, mas da convicção do pecado e da fé, então procedendo à santificação, e assim por diante.

Mas esta representação subjetiva, mais ou menos incompleta, não pode nos satisfazer agora. Era de ser esperado que os que suportam o "livre arbítrio" abusassem dela, por inferir que a origem e as primeiras atividades da obra da salvação surgem do próprio homem. Um pecador, ouvindo a Palavra, é profundamente impressionado; persuadido por suas intimidações e promessas, ele arrepende-se, levanta-se e aceita o Salvador. Por conseguinte não há nada mais do que uma mera persuasão moral, obscurecendo a gloriosa origem da nova vida. Resistir a esta deformação repulsiva da verdade, Maccovius, já nos dias do Sínodo de Dort, abandonou este método mais ou menos crítico de fazer da regeneração o ponto de partida. Ele seguiu esta ordem: "Consciência do pecado, redenção em Cristo, regeneração, e somente então a fé". E isto era consistente com o desenvolvimento da doutrina Reformada. Pois assim que o método subjetivo foi abandonado, tornou-se necessário responder à questão:

"O que Deus operou na alma?" para retornar à primeira implantação da vida. E então ficou evidente que Deus não começou por levar o pecador ao arrependimento, pois o arrependimento deve ser precedido pela convicção do pecado; nem por trazê-lo (o pecador) sob o ouvir a palavra, pois isto exige um ouvido aberto. Assim é que o primeiro ato consciente e comparativamente cooperativo do homem é sempre precedido pelo ato original de Deus, plantando nele o primeiro princípio de uma nova vida, ato sob o qual o homem é inteira e completamente passivo e inconsciente.

Isto levou à distinção da primeira e da segunda graça. A primeira denotava a obra de Deus no pecador, criando uma nova vida sem o seu conhecimento; enquanto que a última denotava a obra operada no homem regenerado com o seu total conhecimento e consentimento.

A primeira graça foi naturalmente chamada de regeneração. E todavia não houve nenhuma unanimidade nesse respeito. Alguns teólogos Escoceses colocam da seguinte forma: "Deus começou a obra da graça com a implantação da 'faculdade de fé' ('fides potentialis'), seguida pela nova graça no 'exercício de fé' ('fides actualis'), e pelo 'poder da fé' ('fides habitualis')". Todavia é somente uma diferença aparente. Se chamo a primeira atividade da fé de o implantar da "fé - faculdade", ou do "novo princípio de vida", em ambos casos isso quer dizer que a obra da graça não começa com a fé ou com o arrependimento ou com a contrição, mas que estes são precedidos pelo ato de Deus de dar o poder ao impotente, de dar a audição ao surdo, e de dar a vida ao morto.

Para uma idéia correta de toda a obra da graça nas suas diferentes fases, notemos os seguintes estágios ou marcos sucessivos:

1. A implantar do novo princípio de vida, comumente chamado de regeneração no sentido limitado, ou de o implantar da 'faculdade de fé'. Este ato divino é operado no homem em idades diferentes; quando, ninguém pode dizê-lo. Sabemos, através do exemplo de João Batista, que ele pode ser operado mesmo quando ainda no útero da mãe. E a salvação dos bebês e das crianças que perecem enquanto ainda bebês e crianças nos constrange, com Voetius, e todos os

teólogos sérios, a crer que este ato original pode ocorrer bem cedo, na vida.

2. O manter do princípio de vida implantado, enquanto o pecador ainda continua em pecado, tanto quanto refere-se à sua consciência. Pessoas que receberam o princípio de vida cedo em suas vidas, não mais estão mortos, mas vivos. Morrendo antes da conversão real, não estão eles mortos, mas sim salvos. No início da vida eles muitas vezes manifestam inclinações santas; algumas vezes verdadeiramente maravilhosas. No entanto, eles não têm fé consciente, nem conhecimento do tesouro que possuem. A nova vida está presente, mas em estado de dormência; mantida não pelo recipiente, mas pelo Doador - como o grão de semente enterrado no solo, no inverno; como a brasa acesa sob as cinzas, mas não incendiando a lenha; como uma corrente subterrânea, vindo, afinal, à superfície.

3. A chamada pela Palavra e pelo Espírito, interna e externa. Mesmo este é um ato divino, comumente perpetrado através do serviço da Igreja. A chamada endereça-se não somente ao surdo, mas também ao que ouve; não somente ao que está morto, mas também ao que vive, embora ainda apático. Ela procede da Palavra e do Espírito, porque não somente a 'faculdade de fé' mas a própria fé em si - i.e., o poder e o exercício da faculdade são dádivas da graça. A 'faculdade de fé' não pode exercitar a fé de si mesma. Ela nos beneficia não mais do que a faculdade da respiração, quando o ar e o poder de respirar são negados. Assim é que a pregação da Palavra e a operação interna do Espírito Santo são divinos, são operações correspondentes. Sob a pregação da Palavra o Espírito energiza a 'faculdade da fé', e assim o chamado torna-se efetivo, pois aquele que dorme levanta-se.

4. Este chamado de Deus produz a convicção do pecado e a justificação, dois atos do mesmo exercício de fé. A obra de Deus pode ser representada, novamente, subjetiva ou objetivamente. Subjetivamente, parece ao santo que a convicção do pecado e a contrição do coração vieram primeiro, e que então ele obteve o sentido de ser justificado pela fé. Objetivamente, não é assim. A compreensão da sua condição de perdição já era um ato de fé arrojado. E pelo intermédio de cada subsequente ato de fé, ele torna-

se mais profundamente convencido da sua miséria e recebe mais abundantemente da plenitude a qual está em Cristo, a sua Segurança.

Com referência à questão, se a convicção do pecado não deve preceder a fé, não precisa haver nenhuma diferença. Ambas representações redundam na mesma coisa. Quando um homem pode dizer pela primeira vez na sua vida "eu creio", ele está ao mesmo tempo completamente perdido e completamente salvo, sendo justificado no seu Senhor.

5. Este exercício de fé resulta em conversão; neste estágio no caminho da graça, o filho de Deus torna-se claramente consciente da vida implantada. Quando um homem diz e sente "eu creio", e não revoga a declaração, mas Deus a confirma, a fé é imediatamente seguida pela conversão. A implantação da nova vida precede o primeiro ato de fé, mas a conversão segue-se a ela. A conversão não se torna um fato enquanto o pecador somente enxergue a sua condição de perdido, mas quando ele age sobre este princípio; pois então o velho homem começa a morrer e o novo homem começa a erguer-se, e estas são as duas partes de toda conversão real.

A princípio o homem não é convertido senão uma só vez, a saber, no momento de render-se a Emanuel. Após aquele momento, ele se converte diariamente, i.e., sempre que ele descobre conflito entre a sua vontade e a vontade do Espírito Santo. E mesmo isto não é obra do homem, mas a obra de Deus nele. "Converte-nos a ti, Senhor, e seremos convertidos"[Lamentações 5:21].

Há esta diferença, no entanto, que na regeneração e no primeiro exercício de fé ele era passivo, enquanto que na conversão a graça capacitou-o a ser ativo. Um é convertido e o outro se converte; um é incompleto sem o outro.

6. Por conseguinte a conversão funde-se em santificação. Este também é um ato divino, e não humano; não um crescimento na direção de Cristo, mas um absorver da Sua vida através das raízes da fé. Em adolescentes de doze ou treze anos de idade, perecidas logo após a conversão, a santificação não aparece. Todavia eles dela compartilham, tanto quanto pessoas já adultas. A santificação tem um significado duplo: primeiro, santificação a qual, como obra completa de Cristo, é dada e imputada a todos os eleitos; e segundo,

santificação a qual, de Cristo, é gradualmente operada nos convertidos e manifesta de acordo com tempos e circunstâncias. Não se trata de duas 'santificações', mas somente uma; da mesma forma como nos referimos, as vezes, da chuva que acumula-se nas nuvens no céu, e então cai, em forma de gotas, nos campos sedentos da terra.

7. A santificação é terminada e fechada na redenção completa, no momento da morte. Na separação entre a alma e o corpo, a graça divina completa o morrer para o pecado. Assim é que, na morte, uma obra da graça é executada, a qual dá à obra da regeneração o seu completo desdobramento. Se até então, considerando-nos fora de Cristo, nós ainda estivermos perdidos em nós mesmos e deitados em meio a morte, o artigo da morte termina com tudo. Então a fé é transformada em visão, a excitação do pecado é desarmada, e estamos para sempre além do seu alcance.

Finalmente, a nossa glorificação no último dia, quando a felicidade íntima será manifesta em glória exterior, e por um ato da graça onipotente a alma será reunida com o seu corpo glorificado, e colocada em tal glória celeste, na medida em que torna-se o estado de completa felicidade.

Isto mostra como as operações da graça são unidas juntas, como os elos de uma corrente. A obra da graça deve começar com o despertar do morto. Uma vez implantado, a vida ainda apática deve ser acordada pelo chamado. Assim desperto, o homem encontra-se numa nova vida, i.e., ele sabe-se justificado. Estando justificado, ele deixa que a nova vida resulte em conversão. A conversão flui à santificação. A santificação recebe sua pedra angular através da separação do pecado, na morte. E no último dia, a glorificação completa a obra da graça divina em todo o nosso ser.

Por conseguinte, segue-se que aquilo que sucede está contido naquilo que precede. Uma criança regenerada falecida, morreu para o pecado quando da morte tão certamente como o ancião de cabeça grisalha e com idade na casa dos oitenta. Não pode haver nenhum primeiro sem incluir o segundo e o último. Portanto toda a obra da graça pode ser representada como um nascimento para o céu, uma regeneração continuada, para ser completada no último dia.

Pelo que podem haver pessoas ignorantes desses estágios, os quais são tão indispensáveis como são os sinais para o pesquisador; sinais que nunca podem ser feitos opressão para as almas dos simples. Aquele que respira profundamente, inconsciente dos seus pulmões, é geralmente o mais sadio.

Tocando a questão se a Bíblia dá referência a este arranjo sobre os antigos, nós nos referimos à palavra de Jesus "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"[João 3:5]; do que inferimos que Jesus data cada operação da graça a partir da regeneração. Primeiro a vida, e então a atividade da vida.

XX. Seu Curso.

"Ninguém pode vir a Mim, se o Pai que me enviou não o trouxer..." - João 6:44

Da seção precedente, é evidente que a graça preparatória é diferente em pessoas diferentes; e que distinção deve ser feita entre os muitos regenerados nos primeiros dias de vida, e dos poucos nascidos de novo numa idade mais avançada.

É claro, referimo-nos somente aos eleitos. A graça salvadora não opera nos não eleitos; pelo que a graça preparatória está como um todo fora de questão. Os primeiros nascem, com poucas exceções, na Igreja. Eles não entram no pacto da graça tarde na vida, mas eles pertencem a ele desde o primeiro momento da sua existência. Eles provêm da semente da Igreja, e em troca possuem em si mesmos a semente da Igreja futura. E por esta razão, o primeiro germe da nova vida é dado à semente da Igreja (a qual está, que pena!, sempre misturada com muita palha) com demasiada freqüência ou antes ou logo após o nascimento.

A Igreja Reformada foi tão firmemente alicerçada nesta doutrina que ela ousou estabelecer-la como a regra prevalecente, crendo que a semente da Igreja (não a palha, é claro) recebeu o germe da vida mesmo antes do Batismo; pelo que já encontra-se santificada em Cristo; e recebe no Batismo o selo não de algo ainda porvir, mas daquilo que já encontra-se presente. Portanto a pergunta litúrgica aos pais: "Credes vós que, embora seus filhos sejam concebidos e

nascidos em pecado, e portanto sujeitos à própria condenação, todavia que eles estão santificados em Cristo, e portanto como membros da Sua Igreja devem ser batizados?"

Em períodos subsequentes, menos leais na fé, homens esquivaram-se desta doutrina, não sabendo o que fazer da expressão "estão santificados". Isto eles interpretavam como significando que, como filhos de membros do pacto, elas fossem contadas como pertencendo ao pacto, e como tais tivessem direito ao batismo. Mas o sincero e sólido bom senso do nosso povo sempre sentiu que esta mera expressão "serem contadas como" não fazia justiça ao rico e completo significado da liturgia.

E se inquirese quanto ao significado dessas palavras no ofício do Batismo, "estão santificados", não dos fracos imitadores, mas da geração enérgica de heróis que lutaram vitoriosamente as batalhas do Senhor contra Armínus e seus seguidores, então se verificaria que aqueles teólogos estudados e devotos, tais como Gysbrech Voetius por exemplo, nunca, por um momento hesitaram em quebrar com estas meias explicações, mas bradaram alto dizendo: "Eles têm direito ao Batismo não porque são contados como membros do pacto, mas porque como uma regra eles realmente já possuem aquela primeira graça; e por esta razão, e por esta razão somente, é que lê-se: 'Que os nossos filhos são santificados em Cristo, e devem, portanto ser batizados como membros do Seu corpo'."

Através desta confissão a Igreja Reformada provou estar em acordo com a Palavra de Deus e não menos com os fatos reais. Com poucas exceções, pessoas que mais tarde provam pertencer ao grupo dos regenerados não começam suas vidas com explosões ruidosas de pecado. Antes a regra é que os filhos de pais Cristãos manifestam desde tenra infância um desejo e gosto por coisas santas, cáldo zelo pelo nome de Deus, e emoções íntimas que não podem ser atribuídas a uma natureza má.

Ademais, esta confissão gloriosa deu a direção correta para a educação das crianças nas nossas famílias Reformadas, largamente retida à época presente. Nosso povo não viu nos seus filhos ramos da videira selvagem, a serem enxertados talvez mais tarde, com os quais pouco poderia ser feito até que convertidos à maneira dos Metodistas

(1); mas eles viveram em quieta expectativa e em confiança santa de que a criança a ser treinada era como ramo de vida já enxertado, e portanto dignas de serem criadas com o cuidado mais afetuoso. Admitimos que, recentemente, desde que o caráter Reformado das nossas igrejas tem sido prejudicado pela Igreja Nacional como uma igreja para as massas, este ouro tem sido tristemente ofuscado; mas sua original e vital idéia era linda e animadora. Ela fez com que a obra de Deus na regeneração preceda a obra do homem; ao Batismo ela deu o seu rico desenvolvimento; e fez a obra da educação, independente do acaso, cooperar com Deus.

Portanto, reconhecemos quatro classes entre as gerações ascendentes na Igreja:

1. Todas as pessoas eleitas regeneradas antes do Batismo, nas quais a vida implantada permanece oculta até que sejam convertidas numa idade posterior.

2. Pessoas eleitas, não somente regeneradas na infância, mas nas quais a vida implantada foi cedo manifesta e desenvolveu-se, imperceptivelmente, até vir a ser a conversão.

3. Pessoas eleitas nascidas de novo, e convertidas no ocaso da vida.

4. Os não eleitos, ou a palha.

Examinando cada uma dessas quatro classes, com referência especial à graça preparatória, chegamos às seguintes conclusões:

Com relação aos eleitos apresentados na primeira classe, pela própria natureza do caso, a graça preparatória dificilmente tem lugar aqui, no seu sentido limitado. Na sua forma direta, ela é impensável, com referência a um bebê ainda no útero materno ou recém nascido. Nos tais ela é somente indireta - i.e., freqüentemente, agrada a Deus dar a tal criança pais cujas pessoas e naturezas praticam uma forma de pecado menos direta em sua guerra com a graça do que outras formas de pecado. Não como se tais parentes tivessem qualquer coisa a qual pudesse ser implantada na criança, pois aquilo o que é nascido da carne é carne; nada puro provem do que é impuro; é sempre a vide selvagem aguardando pelo enxerto do Senhor. Não, a graça preparatória neste caso aparece do fato de que a criança recebe dos pais uma forma de vida adaptada ao seu chamado celeste.

O mesmo aplica-se aos eleitos na segunda categoria apresentada. Embora concedamos que o chamado divino opera sobre estes durante seus tenros anos de vida, ainda assim, enquanto o chamado prepara para a conversão, ele não prepara para a regeneração, a qual vem antes da conversão. O chamado é inefectivo a menos que a faculdade da audição seja primeiro implantada. Somente aquele que tem um ouvido pode ouvir o que o Espírito diz às igrejas e à sua própria alma. Assim é que, neste caso, a graça preparatória é dificilmente perceptível. Certamente que existem muitas agências que imperceptivelmente preparam para a sua conversão; mas isto é diferente do que preparar para a regeneração, e agora somente falamos desta última.

Falando propriamente, a graça preparatória no seu sentido limitado é aplicada somente à terceira classe de pessoas eleitas como apresentadas acima. Ela compreende a sua vida toda, com todas as suas voltas e mudanças, suas relações e conexões, alturas e profundidades, eventos e adversidades. Não como se todos estes pudessem produzir o mínimo germe de vida ou possibilidade de restauração. Não; o germe da vida não pode nunca surgir da graça preparatória, não mais do que a preparação de dez berços, de uma dúzia de cestos de roupas e de armários cheios de caros enxovais para bebês jamais poderão fazer o truque de aparecer um bebê sequer em qualquer um daqueles bercinhos. A centelha vital é produzida somente através de um ato do poderoso Deus, independente de toda preparação. Mas, desde o seu nascimento, Deus guarda aquela vide silvestre e controla o crescimento dos seus brotos e ramos, de forma que no momento em que Lhe aprouver, quando Ele enxertar no seu caule o broto da videira verdadeira, ela possa ser exatamente tudo o que deveria ser.

E com isto termina a discussão, pois com referência à quarta classe apresentada, vez após vez eles serão separados do trigo e soprados para longe, pela ventarola a qual encontra-se nas Suas mãos; daí estar a graça preparatória fora de questão.

E disto, fica evidente que a própria obra do Espírito Santo com relação à graça preparatória é raramente perceptível.

Cada característica desta obra, até agora apresentada, aponta diretamente não à operação do Espírito santo, nem àquela do Filho, mas quase que exclusivamente àquela do Pai. Pois as circunstâncias do nascimento da criança - i.e., o caráter hereditário da sua família e mais especificamente dos seus pais, e o curso futuro da sua vida até o momento da sua conversão - pertence ao terreno da divina Providência. O lugar determinado para nossa habitação, nossa família e nossa geração, a formação do nosso meio ambiente imediato, as influências previamente determinadas para afetar-nos - tudo pertence às lideranças da providência de Deus, atribuídas pela Bíblia à obra do Pai. O Senhor Jesus disse: "Ninguém pode vir a Mim, se o Pai que me enviou não o trouxer..."[João 6:44]. E embora este traçado do Pai tenha um objetivo mais elevado e deva ser espiritualmente compreendido, ainda assim indica geralmente que a determinação daquelas coisas, a qual posteriormente regula seu curso e direção, é atribuída à Primeira Pessoa.

Notamos uma obra do Espírito Santo neste aspecto, somente tanto quanto Ele anima toda a vida pessoal, desde que Ele é o Espírito da Vida; e enquanto Ele coopera com o Pai naquela providência especial que refere-se aos eleitos. Pois, embora nas nossas mentes nós possamos analisar a obra da graça, ainda assim nunca podemos nos esquecer que a realidade eterna não corresponde totalmente a esta parte da nossa análise.

Portanto, nos eleitos, a obra da providência e a da graça muitas vezes fluem juntas, sendo uma e a mesma. A nossa Igreja tem tentado expressar isto, na sua confissão de uma providência geral a qual inclui todas as coisas e todas as pessoas, e uma providência especial a qual opera somente nas vidas dos eleitos de Deus. Quando assim as operações da Providência adotam uma característica especial referente aos eleitos mas ainda não pessoas regeneradas, o Espírito Santo coopera com o Pai e com o Filho para levar a cabo os conselhos da vontade de Deus com relação a eles.

E isto encerra a discussão da graça preparatória, e procedemos agora à discussão da própria regeneração. Podemos falar da graça que flui da regeneração e que prepara o caminho para a conversão, mas isto seria impropriamente chamado de graça preparatória: Tudo

aquilo que busca o despertar da vida ainda dormente na alma regenerada não é graça preparatória, mas pertence ao "chamado". E muito embora nós absolutamente não condenássemos a utilização daquela palavra naquele sentido, todavia nem tampouco o encorajariamos, com o nosso próprio exemplo.

Recapitulemos. A vida física é o resultado da união do corpo e da alma; a dissolução desta união é a morte física, a qual será abolida somente quando corpo e alma forem reunidos. O mesmo aplica-se às coisas espirituais. A vida espiritual resulta de uma união entre a alma e o princípio de vida do Espírito Santo. Portanto o pecado, que aniquila esta união, causa a morte. Esta morte não pode ser derrotada até que seja do agrado do Senhor reunir a alma com o princípio de vida do Espírito Santo.

Todas as coisas que precedem esta reunião é graça preparatória. Aquilo que a efetiva é a primeira graça, i.e. graça operadora, graça salvadora, mas não mais graça preparatória. Quando o Espírito Santo inicia a Sua obra na efetivação desta união, a graça preparatória cessa; assim é que ela não pertence à obra própria do Espírito Santo.

XXI. Regeneração, a Obra de Deus.

"O ouvido que ouve, e o olho que vê, o Senhor os fez a ambos"
- Provérbios 20:12

"O ouvido que ouve, e o olho que vê, o Senhor os fez a ambos". Este testemunho do Espírito Santo contém todo o mistério da regeneração.

Uma pessoa não regenerada é surda e cega; não somente como uma pedra ou um pedaço de madeira, mas pior. Pois nem a pedra ou a madeira são corruptos ou arruinados, mas uma pessoa não regenerada está completamente morta, e é uma presa da mais horrível decomposição.

Esta confissão rígida, austera, não comprometida e absoluta deve ser o nosso ponto de partida nesta discussão, ou então falharemos em compreender as afirmações da regeneração. Esta é a razão pela qual toda heresia que tem concedido, de uma forma ou de outra, que o homem tem uma porção -muito geralmente a porção do leão - na obra da redenção, tem sempre começado por trazer à

questão a natureza do pecado. "Sem sombra de dúvida", eles dizem, "o pecado é muito mal - um mal terrível e abominável; mas existe certamente algum resquício de bem no homem. O homem, aquele ser nobre, virtuoso e amável, não pode estar morto em faltas e pecado. Aquilo pode ser verdade com respeito a alguns canalhas e patifes atrás das grades, ou de ladrões e assassinos inescrupulosos; mas realmente, tal não pode ser aplicado às nossas honradas damas e aos nossos honrados cavalheiros, às nossas atraentes moças, aos nossos rapazes sapecas, e adoráveis crianças. Estes não são propensos a odiar a Deus e aos seus vizinhos, mas dispostos, de todo seu coração, a amar todos os homens, e render a Deus a reverência que Lhe é devida".

Portanto, longe com toda ambigüidade neste assunto! Não podemos endossar este método de suavizar o gosto de verdades amargas, não em voga hoje em dia entre as pessoas afáveis. A nossa confissão é; e sempre será, que o homem, por sua própria natureza, está morto em faltas e pecado, exposto sob a maldição, maduro para o justo julgamento de Deus, e ainda amadurecendo para uma condenação eterna. Certamente que o seu ser, como homem, está intacto; razão pela qual protestamos contra a apresentação de que o pecador é neste respeito como um pedaço de pedra ou de madeira. Não; como homem ele está incólume, o seu ser está intacto; mas a sua natureza é corrupta, e naquela natureza corrupta ele encontra-se morto.

Comparamo-lo com ao corpo de uma pessoa que morreu de uma doença comum. Tal corpo conserva todos os membros do organismo humano intactos. Há o olho com seus músculos, o ouvido com seus órgãos da audição; no exame post-mortem o coração, o baço, o fígado e os rins parecem estar perfeitamente normais. Um cadáver algumas vezes parece ser tão natural que alguém seja tentado a dizer: "Ele não está morto, mas dorme". E todavia, conquanto perfeito e natural, a sua natureza é corrupta com a corrupção da morte. E o mesmo é verdadeiro quanto ao pecador. O seu ser permanece intacto e inteiro, contendo tudo aquilo no que um homem se constitui; mas a sua natureza é corrupta, sim, tão corrupta que ele

está morto; não somente aparentemente, mas realmente morto; morto em todas as variações que podem ser aplicadas ao termo "morto".

Assim é que, sem a regeneração, o pecador é inteiramente inútil. Qual a vantagem de um ouvido, exceto que ouça; ou de um olho, exceto que enxergue? Portanto o Espírito Santo testifica: "O ouvido que ouve, e o olho que vê, o Senhor os fez a ambos"[Provérbios 20:12]. E desde que, no mundo das coisas espirituais, ouvidos surdos e olhos cegos não contam para nada, a Igreja de Cristo confessa que cada operação da graça salvadora deve ser precedida pelo despertar do pecador, pelo abrir de olhos cegos, e pelo desimpedir de ouvidos tapados - em suma, pela implantação da faculdade da fé.

E como o homem que assentava-se em trevas pode enxergar assim que os seus olhos são abertos, também nós, sem movermos um fio de cabelo, somos trasladados do reino das trevas para o reino de luz. Aqui o termo "trasladados" não denota um "ir" realmente, nem tampouco a expressão "ser trasladado" denota uma mudança real de lugar, mas simplesmente a vida entrando no que estava morto, de forma que aquele que era cego, agora pode ver.

Este ato maravilhoso de regeneração pode ser examinado em duas classes de pessoas: na criança e no adulto.

A maneira mais segura é examinar este ato na criança: não porque esta obra da graça seja diferente numa criança do que o é num adulto, pois ela é a mesma em todas as pessoas assim favorecidas; mas para a observação consciente de um adulto, as obras da regeneração são tão mescladas com aquelas da conversão que é difícil distinguir entre as duas.

Mas esta dificuldade não existe no caso de uma criança inocente, como no caso, por exemplo, de João, filho de Zacarias e Isabel. Tal infante não tem consciência para criar confusão. O tema aparece numa forma pura e sem mistura. E assim somos capazes de distinguir entre regeneração e conversão num adulto. É evidente que no caso de um bebê que, como João, ainda não nascido, não pode haver nada senão mera passividade - i.e., ele experimentou algo, mas por si mesmo não fez nada; algo foi feito a ele, e nele, mas não por ele; e qualquer idéia de cooperação é absolutamente excluída.

Por conseguinte, na regeneração, o homem não é operador e nem cooperador; ele é simplesmente operado; e o único Operador neste caso é Deus. E, por esta mesma razão, porque Deus é o único Operador na regeneração, deve ser inteiramente compreendido que a Sua obra não começa somente com a regeneração.

Não; enquanto o pecador está ainda morto em faltas e pecados, antes de a obra de Deus começar: nele, que já está escolhido e ordenado, justificado e santificado, adotado e glorificado como filho de Deus. Isto é o que enchia São Paulo com êxtase e alegria tais, quando ele disse: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou"[Rm 8:29, 30]. E este não é o recital do que aconteceu no regenerado, mas o resumo regozijado das coisas que Deus fez por nós, antes que existíssemos. Assim é que a nossa eleição, a nossa pré ordenação, a nossa justificação e a nossa glorificação precedem o novo nascimento. É verdade que, na ora do amor, quando a regeneração estava para ser efetivada em nós, as coisas executadas fora da nossa consciência estavam para serem reveladas à consciência da fé; mas tanto quanto dizia respeito a Deus, todas as coisas já estavam prontas e preparadas. O pecador morto a quem Deus regenera já é, para a divina consciência, um filho adotado, amado, eleito e justificado. Deus desperta somente os seus filhos queridos.

É claro, Deus justifica o injusto e não o justo; Ele chama pecadores ao arrependimento, e não simples pessoas; mas deve ser lembrado que isto é dito do ponto de vista da nossa própria consciência do pecado. O ainda não regenerado não se sente filho de Deus, nem que esteja justificado; não crê na sua própria eleição, não, muitas vezes nega-a; todavia ele não pode alterar as coisas que foram divinamente operadas em seu benefício, a saber, que perante o supremo tribunal de justiça Deus o declarou justo e livre, muito antes que ele fosse assim declarado perante o tribunal da sua própria consciência. Muito antes que ele crescesse, ele foi justificado perante o

tribunal de Deus, pouco depois para ser justificado pela fé perante a sua própria consciência.

Mas, conquanto insondável possa ser o mistério da eleição - e nenhum de nós nunca será capaz de responder à questão por que um foi eleito para ser um vaso de honra, e outro foi deixado como um vaso de ira - no que tange à regeneração nós não encaramos tal mistério. Que Deus regenere um e não outro, está de acordo com uma regra fixa e inalterável. Ele chega com a regeneração para todos os eleitos; e dos não eleitos Ele passa ao largo. Portanto, este ato de Deus é irresistível. Nenhum homem tem poder para dizer: "Eu não nascerei de novo", ou para evitar a obra de Deus, ou colocar obstáculos no Seu caminho, ou fazer-la tão difícil que não possa ser executada.

Deus efetua esta obra graciosa à Sua própria maneira, i.e. Ele de forma tão majestosa persevera que todas as criaturas juntas não poderiam roubar-Lhe nenhum dos Seus eleitos. Se juntos todos os homens e todos os demônios conspirassem para arrancar um homem brutal, pertencente aos eleitos, do Seu poder salvador, todos os seus esforços seriam mera bobagem. Como varremos uma teia de aranha, assim Deus riria de toda a comoção deles. Uma poderosa perfuratriz penetra uma placa de aço com mais ruído e com esforço maior do que, silenciosa e majestosamente Deus penetra o coração de quem quer que Ele queira, e muda a natureza dos Seus escolhidos. A palavra de Isaías com relação aos céus estrelados - "Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas; foi aquele que faz sair o exército delas segundo o seu número; ele as chama a todas pelos seus nomes; por causa da grandeza das suas forças, e porquanto é forte em poder, nenhuma delas faltará"[40:26] - pode ser aplicada ao firmamento no qual os eleitos de Deus brilham como estrelas: "...por causa da grandeza das suas forças, e porquanto é forte em poder, nenhuma delas faltará". Todos que são ordenados para a vida eterna são despertos na hora divinamente apontada.

E isto implica que a obra da regeneração não é uma obra moral; isto é, não é executada através de conselho ou exortação. Mesmo tomada no seu sentido mais amplo, incluindo a conversão, como, por

exemplo, os Cânones de Dort a utilizam aqui e ali, a regeneração não é um operar moral na alma.

Não é simplesmente um caso de incompreensão; a vontade do pecador sendo ainda incorrupta, de modo que sejam necessários somente instrução e aconselhamento para induzi-la a escolher acertadamente. Não; tal conselho e admoestação estão inteiramente fora da questão quando relacionados com o filho de Zacarias e os milhares de filhos de pais crentes, a respeito dos quais em Dort foi corretamente confessado poder supor-se que morreram no Senhor, i.e., havendo nascido de novo; e com relação àqueles regenerados antes do Batismo mas convertidos quando mais velhos.

Por esta razão é necessário examinar a regeneração (no seu sentido limitado) numa criança, e não num adulto, no qual ela necessariamente inclui conversão.

As considerações a seguir não podem ser contestadas:

1. Todos os homens, incluindo as crianças, nascem em faltas e pecados.
2. Muitas dessas crianças morrem antes que venham a ter consciência própria.
3. Dessas flores colhidas, a Igreja confessa que muitas são salvas.
4. Estando mortas em pecado, elas não podem ser salvas sem um novo nascimento.
5. Portanto a regeneração sim, ocorre em pessoas que não têm consciência própria.

Sendo estas declarações indisputáveis, é, portanto, evidente, que a natureza e o caráter da regeneração podem muito corretamente ser determinados através do exame da mesma nestas pessoas ainda sem consciência própria.

Tal criança ainda não nascida é totalmente ignorante da linguagem humana; ela não tem nenhuma idéia, nunca ouviu a pregação do Evangelho, não pode ser instruída, ser alertada ou ser exortada. Assim é que a influência moral está fora de questão; e isto nos convence de que a regeneração não é um ato moral, mas sim um ato metafísico de Deus, tanto quanto o é a criação da alma de uma

criança não nascida, a qual é executada independentemente da mãe. Deus regenera um homem totalmente sem o seu pré conhecimento.

O que é que constitui o ato de regeneração não pode ser dito. O próprio Jesus assim nos diz, pois Ele afirma: "O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito"[João 3:8]. É, portanto, conveniente que este mistério seja estudado com a maior discrição. Mesmo no reino natural, o mistério da vida e sua origem é quase que totalmente além do nosso conhecimento. O médico mais estudado é completamente ignorante com relação à maneira pela qual uma vida humana vem a existir.

Uma vez existindo, ele pode explicar o seu desenvolvimento, mas do início que precede a tudo mais, ele sabe absolutamente nada. Nesse respeito, ele é simplesmente tão ignorante quanto o garoto mais humilde. O mistério não pode ser penetrado, simplesmente por encontrar-se além da nossa observação. É perceptível somente que a vida existe.

E isto aplica-se num sentido ainda mais forte ao mistério do nosso segundo nascimento. Exame post-mortem pode detectar o embrião e sua localização, mas espiritualmente, mesmo isto é impossível. Manifestações subseqüentes são instrutivas até um certo ponto, mas mesmo assim, muito é incerto e confuso. Por qual padrão infalível pode ser determinado o quanto da antiga natureza entra nas expressões da nova vida? Não há nenhuma hipocrisia? Não existem condições inexplicadas? Não existem obstáculos ao desenvolvimento espiritual? Portanto a experiência não pode ajudar nesse aspecto; embora pura e simples, ela somente pode revelar o desenvolvimento daquilo que já é; e não a origem da vida ainda não nascida.

A única fonte de verdade neste assunto é a Palavra de Deus; e naquela Palavra o mistério permanece não somente não revelado, mas oculto. E por boas razões. Se fôssemos perpetrar a regeneração, se pudéssemos acrescentar-lhe algo ou dela retirar alguma coisa, se pudéssemos avançá-la ou retrocedê-la, então certamente a Bíblia nos teria suficientemente instruído com relação a tanto. Mas desde que Deus reservou também esta obra para Si mesmo, o homem não precisa solucionar este mistério, da mesma forma como não mais

precisa solucionar o mistério da sua primeira criação, ou o da criação da sua alma.

XXII. A Obra da Regeneração.

"Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" - II Coríntios 5:17

No artigo anterior, afirmamos que a regeneração é um ato verdadeiro de Deus, no qual o homem é absolutamente passivo e incapaz, de acordo com a confissão antiga da Igreja. Reverentemente, examinemos agora este assunto mais de perto; não para adentrar em coisas muito elevadas para nós, mas para eliminar o erro e clarear a consciência.

A regeneração não é algo executado através do sacramento do santo Batismo, aliviando a incapacidade do pecador, oferecendo-lhe uma outra oportunidade de escolher a favor ou contra Deus, como os Éticos sustentam.

Tampouco trata-se de uma mera retificação do entendimento; nem uma simples mudança de disposição e de inclinação, tornando disposto o relutante, a conformar-se à santa vontade de Deus.

Também não é uma mudança do ego; nem, como mantido por muitos, um deixar o ego tranqüilo, a personalidade inalterada, simplesmente colocando o ego mau na luz e no reflexo da retidão de Cristo.

Os dois últimos erros devem ser refutados e rejeitados tão positivamente quanto os dois primeiros.

Na regeneração o homem não recebe um outro ego; i.e. o nosso ser como homem não é mudado ou modificado, mas é o mesmo ego antes e depois da regeneração, a mesma pessoa, o mesmo ser humano. Muito embora o pecado tenha corrompido terrivelmente o homem, o seu ser permaneceu intacto. Nada lhe falta. Todas as partes que o constituem, que o distinguem de todos os outros seres, estão presentes no pecador. Não o seu ser, mas a sua natureza tornou-se totalmente corrupta.

"Ser" e "natureza" não são a mesma coisa. Estes conceitos se aplicados a uma máquina a vapor, o "ser" é a máquina em si, com os seus cilindros, tubos, polias e parafusos; mas a sua "natureza" é a

ação manifesta assim que o vapor penetra no cilindro. Quando aplicados ao homem, "ser" é aquilo que faz dele um homem, e "natureza" aquilo que manifesta o caráter do seu ser e do seu operar.

Houvesse o pecado arruinado o ser do homem, ele não mais seria homem, e a regeneração seria impossível. Mas desde que o seu ser, seu ego, a sua pessoa permaneceu intacta e a profunda corrupção afetou somente a sua natureza, então a regeneração, i.e., a restauração da sua natureza é possível; e esta restauração é efetuada através do novo nascimento. Que isto seja firmemente mantido. Na regeneração, não recebemos um novo ser, um novo ego ou nova pessoa, mas a nossa natureza é que renasce.

A melhor e mais satisfatória ilustração da maneira da regeneração é fornecida pela curiosa arte dos enxertos em plantas. O enxertar com sucesso de um broto da parreira cultivada numa parreira silvestre, resulta em uma árvore nova e boa crescendo sobre o antigo caule silvestre. O mesmo aplica-se a todas espécies de flores e árvores frutíferas. A espécie cultivada pode ser enxertada na espécie silvestre. Deixada à sua própria sorte, a espécie silvestre nunca produzirá nenhum resultado bom. A pereira ou a roseira silvestres não se desenvolvem e carecem de frutas e de floradas. Mas, se o jardineiro enxertar um broto de uma espécie de pêra de fino sabor na pereira silvestre, ou um broto de uma linda espécie de rosa na roseira silvestre; aquela primeira produzirá frutos saborosos e aquela última produzirá flores magníficas.

Este milagre do enxerto tem sido sempre um enigma para homens pensadores. E trata-se mesmo de um mistério. O caule a receber o enxerto é absolutamente silvestre, selvagem; com suas raízes selvagens, silvestres, ele suga a seiva da terra e a força às suas células silvestres e selvagens. Mas aquele pequeno broto enxertado tem o poder maravilhoso de converter a seiva e as forças vitais em algo bom, fazendo aquele caule selvagem e silvestre ser o portador de nobres frutos e de ricas flores. É verdade que o caule que recebe o enxerto resiste vigorosamente à transformação da sua natureza, com os ramos silvestres que despontam abaixo do enxerto, e em obtendo sucesso, a sua própria natureza agreste forçosamente resistirá e evitará que a seiva passe através do pequeno broto recém enxertado.

Mas em se podando aqueles novos ramos, será possível forçar a seiva para passar através do broto, com resultados excelentes. Forçando o caule silvestre para baixo, o enxerto gradualmente alcançará quase que até as raízes, e nós quase que nos esquecemos que a árvore tenha sido um árvore silvestre, uma árvore selvagem.

Isto representa claramente a regeneração tanto quanto este divino mistério pode ser objetivamente representado. Pois na regeneração algo é plantado no homem, algo que naturalmente lhe falta. A queda não removeu simplesmente o homem da esfera da justiça divina, à qual a regeneração o traz de volta, mas a regeneração efetua uma modificação radical no homem como homem, criando uma diferença tão grande entre ele e aqueles não regenerados, que leva finalmente a opostos diretos.

Dizer que não existe diferença entre os regenerados e os não regenerados é equivalente a uma negação da obra do Espírito Santo. De maneira geral, no entanto, nenhuma diferença é notada a princípio, não mais do que numa planta enxertada. Gêmeos descansam no mesmo berço; um regenerado, o outro não, mas nós não podemos enxergar a mínima diferença entre eles. O primeiro pode inclusive ter um temperamento pior do que o segundo. A aparência dos dois é idêntica. Ambos vieram do mesmo caule selvagem. Nem bisturi nem microscópio poderiam detectar a menor diferença; pois aquilo que Deus operou em um deles, na criança favorecida, algo é inteiramente espiritual e invisível - perceptível somente para Deus.

Este fato deve ser confessado enfática e definitivamente, em oposição àqueles que dizem que a semente da regeneração é material. Este erro ocupa o mesmo terreno que a heresia maniqueísta, em matéria de pecado. Aquela heresia faz do pecado um micróbio; e este erro faz da semente da regeneração uma espécie de germe perceptível de vida e de santidade. E isto falsifica a verdade contra a qual, dentre outros, o Dr. Böhl protestou de forma veemente.

A semente da regeneração é intangível, invisível, puramente espiritual. Ela não cria dois homens num mesmo ser, mas antes e após a regeneração não há senão um ser, um ego, uma personalidade. Não um homem velho e um homem novo, mas um homem - a saber,

o homem velho antes da regeneração e o novo homem após a regeneração - que é criado após Deus, em retidão e santidade perfeitas. Pois aquilo que é nascido de Deus não pode pecar. A Sua semente permaneceu nele. "Coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo"[II Coríntios 5:17]

Todavia a natureza do ego ou personalidade é mudada verdadeiramente, e de forma tal que, colocando a nova natureza em princípio, ele ainda continua a operar através da natureza antiga. A planta enxertada não são duas plantas, mas sim uma somente. Era, antes do enxerto, uma roseira silvestre, e após o enxerto tornou-se uma roseira cultivada. Ainda assim a nova natureza deve retirar a sua seiva através da natureza antiga; deixando o enxerto de lado, o caule permanece selvagem.

Por conseguinte nós, tanto antes como após a regeneração, encontramos-nos no meio da morte, tão logo nos consideramos fora da semente divina. Portanto, ao tentar evitar uma posição falsa, devemos ser cuidadosos para não atirarmo-nos numa outra; ao tentar escapar da irmandade "Siamesa" do velho e do novo homem, e ao manter a unidade do ego antes e após a regeneração, não deveríamos começar a ensinar que a regeneração deixa a nossa pessoa sem mudança, que não afeta o próprio pecador; mas que meramente o traslada até a esfera de uma retidão que lhe é estranha. Não: as Escrituras falam de uma nova criatura, de um outro nascimento, um ser mudado e renovado. E isto não pode ser reconciliado com a noção de que o pecador devesse permanecer o mesmo.

Com relação à questão, o que é que existe no broto, que tem o poder de regenerar o caule silvestre, o caule selvagem no qual está implantado, o botânico melhor informado não poderá descobrir a fibra ou o líquido que tem este poder. Ele somente sabe que cada broto tem a sua própria natureza, e possui a potência para produzir um outro galho, um outro ramo ou uma outra árvore da mesma natureza, através do seu próprio poder de formação.

E isto aplica-se à obra da regeneração: No centro do nosso ser, do nosso ego, a nossa personalidade governa a nossa natureza, a nossa disposição, a forma do nosso ser e existência, transmitindo a sua estampa, forma, caráter e qualidade espiritual ao que nós somos,

ao que fazemos e ao que falamos. Aquele "centro controlador" é, por natureza, pecador e mau. Na sua forma mais apresentável, é nada senão perverso. Portanto, voluntária ou involuntariamente, nós gravamos no nosso ser, no nosso agir e no nosso falar a estampa da injustiça e da perversidade. Conforme a idade e o desenvolvimento esta natureza do ego cinzela no bloco de mármore do nosso ser a forma de uma criatura má e pecadora, correspondente à imagem contida na nossa natureza, da qual ela procede. Na regeneração, Deus executa neste "centro controlador" do nosso ser um ato maravilhoso, convertendo esta força criativa, esta natureza em algo completamente diferente. Consequentemente o nosso ser, o nosso agir e o nosso falar são a partir de então controlados por um outro mandamento, uma outra lei de vida e governo; e esta nova força criativa cinzela um outro homem em nós, novo e santo, um filho de Deus, criado em retidão e justiça.

Mas esta mudança não é completada de uma vez. A planta que foi enxertada em Março pode permanecer inativa durante todo o mês, porque a sua natureza ainda não está agindo. Mas isto é certo: tão logo haja alguma ação, esta será de acordo com a nova natureza, a natureza do enxerto.

A assim também aqui. A vida nova, enxertada, pode permanecer latente por um período, tal como um grão de trigo no solo; mas quando começar a agir, a sua ação será em conformidade com a natureza da nova vida. Assim é que a regeneração implanta o germe de vida do novo homem, o qual nele está contido em toda a sua plenitude, e do qual procederá tão certamente quanto o trigo procede da semente, na qual está contido.

Para nos assistir em nossa representação deste mistério, o maior teólogo das igrejas Reformadas apresentou o plano divino na regeneração nos seguintes estágios:

(1)_ Em Sua própria mente, Deus concebe o novo homem, quem (2)_ Ele modifica de acordo com uma pessoa em particular, assim criando o novo homem; (3)_ Ele traz o germe deste novo homem ao centro do nosso ser; (4)_ centro este no qual Ele executa a união entre o nosso ego e esta vida germinante; (5)_ naquele germe vital Deus providencia o poder formativo, o qual no tempo por

Ele determinado, Deus fará com que venha à frente, poder através do qual o nosso ego se manifestará como um novo homem.

XXIII. Regeneração e Fé.

"Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" - I Pedro 1:23

Existe uma objeção possível ao que foi dito acima, com relação à regeneração. É evidente que a Palavra de Deus, e portanto os nossos símbolos de fé, oferece uma representação modificada destas coisas a qual, se considerada superficialmente, parece condenar a nossa representação. Esta representação, a qual não considera crianças, mas adultos, pode assim ser apresentada: No meio de um círculo de pessoas não convertidas, Deus faz com que a Palavra seja pregada pelos Seus embaixadores da cruz. Através desta pregação, a Palavra os alcança. Se houverem pessoas eleitas entre eles, para as quais é chegado o tempo do amor, Deus acompanha o chamado externo com o chamado interno. Eles consequentemente voltam-se dos seus caminhos de pecado para o caminho da vida. E então eles são criaturas de Deus.

Assim, no versículo 23 do primeiro capítulo de sua primeira Carta, São Pedro apresenta o assunto, dizendo: "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre". E também São Paulo, quando declara: "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus"[Romanos 10:17]. Isto harmoniza-se inteiramente com o que São Paulo escreve acerca do santo Batismo, o qual ele chama o lavar da "regeneração", pois naqueles dias Judeus e Gentios eram batizados em o nome do Senhor Jesus, imediatamente após a sua conversão, pela pregação dos apóstolos.

Por esta razão nossos pais confessaram em sua Confissão: "Cremos que a verdadeira fé, tendo sido acesa no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pela obra do Espírito Santo, regenera o homem e o torna um homem novo."[Confissão de Fé Belga, Artigo 24]. Semelhantemente ensina o Catecismo de Heidelberg: "P: Se é só a fé que nos faz participantes de Cristo e de todos os seus benefícios, de

onde é que se origina? R.: O Espírito Santo cria-a em nossos corações pela pregação do Santo Evangelho e confirmada pelo uso dos santos Sacramentos"[Catecismo de Heildelberg, Parte II - "A Redenção do Homem", Seção "Os Santos Sacramentos", Pergunta n.º 65]. E também como declarado em Dorth: "A todo-poderosa operação de Deus pela qual Ele produz e sustenta nossa vida natural não exclui mas requer o uso de meios, pelos quais ele quis exercer seu poder, de acordo com sua infinita sabedoria e bondade. Da mesma maneira a mencionada operação sobrenatural de Deus, pela qual ele nos regenera, de modo nenhum exclui ou anula o uso do Evangelho, que o mui sábio Deus ordenou para ser a semente da regeneração e o alimento da alma. Por esta razão os apóstolos e os mestres que os sucederam, piedosamente instruíram o povo acerca da graça de Deus, para sua glória e para humilhação de toda soberba do homem. Ao mesmo tempo eles não descuidaram de manter o povo, pelas santas admoestações do Evangelho, sob a ministração da Palavra, dos sacramentos e da disciplina. Por isso aqueles que hoje ensinam ou aprendem na igreja não devem ousar tentar a Deus, separando aquilo que ele em seu bom propósito quis preservar inteiramente unido. Pois a graça é conferida através de admoestações, e quanto mais prontamente desempenhamos nosso dever, tanto mais este benefício de Deus, que opera em nós, se manifesta gloriosamente e sua obra prossegue da melhor maneira. A Deus somente seja dada toda glória eternamente, tanto pelos meios quanto pelo fruto e eficácia da salvação. Amém"[Os Cânones de Dort, Terceiro e Quarto Capítulos de Doutrina-"A Corrupção do Homem, Sua Conversão a Deus e Como Ela Ocorre" - Artigo 17º - "O Uso dos Meios"].

E agora, para erradicar qualquer suspeita de que contendemos contra esta representação, declaramos abertamente e definitivamente que a ela damos a nossa aprovação mais sincera.

Rogamos somente que seja considerado que nesta representação, ambas, a Bíblia e os símbolos de fé sempre apontam para o cenário misterioso, para uma obra maravilhosa de Deus oculta por detrás dele, a um mistério inescrutável sem o qual tudo isto não é nada.

Este cenário maravilhoso, misterioso, inescrutável é descrito da maneira mais linda e elaborada: "Esta conversão é aquela regeneração, renovação, nova criação, ressurreição dos mortos e vivificação, tão exaltada nas Escrituras, a qual Deus opera em nós, sem qualquer contribuição de nossa parte. Mas esta regeneração não é efetuada pela pregação apenas, nem por persuasão moral. Nem ocorre de tal maneira que, havendo Deus feito a sua parte, resta ao poder do homem ser regenerado ou não regenerado, convertido ou não convertido. Ao contrário, a regeneração é uma obra sobrenatural, poderosíssima, e ao mesmo tempo agradabilíssima, maravilhosa, misteriosa e indizível. De acordo com o testemunho da Escritura, inspirada pelo próprio autor dessa obra, regeneração não é inferior em poder à criação ou à ressurreição dos mortos. Consequentemente todos aqueles em cujos corações Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalível e efetivamente regenerados e de fato passam a crer. Portanto a vontade que é renovada não apenas é acionada e movida por Deus mas, sob a ação de Deus, torna-se ela mesma atuante. Por isso também se diz corretamente que o homem crê e se arrepende mediante a graça que recebeu."[Cânones de Dort; Capítulos 3º e 4º de Doutrina - "A Corrupção do Homem, a Sua Conversão a Deus e como Ela Ocorre"-Artigo 12º - "O Caráter Divino da Regeneração"]. E também, anteriormente: "Deus realiza seu bom propósito nos eleitos e opera neles a verdadeira conversão da seguinte maneira: ele faz com que ouçam o Evangelho mediante a pregação e poderosamente ilumina suas mentes pelo Espírito Santo de tal modo que possam entender corretamente e discernir as coisas do Espírito de Deus. Mas, pela operação eficaz do mesmo Espírito regenerador, Deus também penetra até os recantos mais íntimos do homem. Ele abre o coração fechado e enternece o que está duro, circuncida o que está incircunciso e introduz novas qualidades na vontade. Esta vontade estava morta, mas ele a faz reviver; era má, mas ele a torna boa; estava indisposta, mas ele a torna disposta; era rebelde, mas ele a faz obediente, ele move e fortalece esta vontade de tal forma que, como uma boa árvore, seja capaz de produzir frutos de boas obras (I Cor 2.14)"[Artigo 11º dos mesmos Capítulos de Doutrina - "Como ocorre a conversão"]. O Catecismo aponta a isto:

"P: Mas somos nós de tal forma pervertidos que nos tornamos totalmente incapazes de praticar o bem e inclinados ao mal? R: Sim, se não nascermos de novo pelo Espírito de Deus".[Catecismo de Heidelberg - Parte I - Da Miséria do Homem - Pergunta n.º 8]. E também na Confissão: "Cremos que, para obtermos verdadeiro conhecimento desse grande mistério, o Espírito Santo acende, em nosso coração, verdadeira fé. Esta fé abraça Jesus Cristo com todos os seus méritos..."[Confissão de Fé Belga - Artigo 22 - "A Justificação Pela Fé Em Cristo"].

Este cenário misterioso, o qual nossos pais em Dort chamaram de o "penetrar até os recantos mais íntimos do homem pelo Espírito regenerador", é evidentemente o mesmo que chamamos de a "divina operação que penetra no centro do nosso ser para implantar o germe da nova vida".

E o que é este operar misterioso? De acordo com o testemunho universal baseado na Escritura, é uma operação do Espírito Santo no ser mais íntimo do homem.

Daí a questão, se este ato regenerador precede, acompanha ou segue o ouvir da Palavra. E, este questionamento deveria ser bem compreendido, pois envolve a solução deste desacordo aparente.

Respondemos: O Espírito Santo pode executar esta obra no coração do pecador antes, durante, ou após a pregação da Palavra. O chamado interior pode estar associado com o chamado externo, ou pode seguir-se a ele. Mas aquilo que precede o chamado interior, a saber, a abertura do ouvido surdo, de modo que seja capaz de ouvir, depende da pregação da Palavra; e portanto pode precedê-la.

A correta discriminação neste respeito é da maior importância.

Se eu chamar de "regeneração" toda a obra consciente da graça desde a conversão até a morte, sem qualquer alusão ao seu cenário misterioso, então eu posso e devo dizer com a Confissão: "...que a verdadeira fé, tendo sido acesa no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pela obra do Espírito Santo, regenera o homem e o torna um homem novo."[Confissão de Fé Belga-Artigo 24º - A Santificação].

Mas se eu fizer distinção nesta obra da graça, de acordo com as afirmações dos sacramentos, entre a origem da nova vida, pela qual Deus nos deu o sacramento do santo Batismo, e o seu suporte, pelo

qual Deus nos deu o sacramento da Santa Ceia, então a regeneração cessa imediatamente após o homem haver nascido de novo, e aquilo que se segue é chamado de "santificação".

E discriminando novamente entre aquilo que o Espírito Santo operou em nós consciente e inconscientemente, então regeneração designa aquilo que foi em nós operado inconscientemente, enquanto que conversão é o termo que aplicamos para o despertar desta vida implantada em nossa consciência.

Assim é que a obra da graça de Deus flui através desses três estágios sucessivos:

1º : Regeneração no seu primeiro estágio, quando o Senhor planta a nova vida no coração morto.

2º : Regeneração no seu segundo estágio, quando o homem nascido de novo se converte.

3º : Regeneração no seu terceiro estágio, quando a conversão consolida-se em santificação.

Em cada um desses três, Deus executa uma obra maravilhosa e misteriosa no ser interior do homem. De Deus procede o acender da chama, a conversão e a santificação, e em cada um Deus é o Operador: somente com esta diferença, que no acender da chama Ele opera sozinho, encontrando o homem e deixando-o inativo; que na conversão Ele nos encontra inativos, mas faz-nos ativos; que na santificação Ele opera em nós de maneira tal que nós operamos em nós mesmos, através dEle.

Descrevendo ainda mais detalhadamente, dizemos que no primeiro estágio da regeneração, aquele do acender da chama, Deus opera sem instrumentos; no segundo estágio, aquele da conversão, Ele emprega instrumentos, a saber, a pregação da Palavra; e no terceiro estágio, aquele da santificação, Ele utiliza instrumentos em adição a nós mesmos, a quem Ele utiliza como instrumentos.

Condensando o acima, existe um grande ato de Deus o qual recria o pecador corrupto num novo homem, mediante o ato compreensivo da regeneração, o qual contém três partes - o acender da chama, a conversão e a santificação.

Para o ministério da Palavra é preferível considerar somente os dois últimos, a conversão e a santificação, uma vez que o ministério

da Palavra é o meio apontado para a efetivação daqueles. O primeiro, a regeneração, é preferivelmente um tema de meditação privada, já que nela o homem é passivo e somente Deus é ativo; e também porque nela a majestade da operação divina é mais aparente.

Portanto não existe conflito ou oposição. Referindo-se, de acordo com o artigo 17 da Confissão, somente à conversão e à santificação, o desimpedimento do ouvido surdo como precedente ao ouvir da Palavra não é negado. E penetrando na obra que antecede a conversão, "...a qual Deus opera em nós, sem qualquer contribuição de nossa parte." [Cânones de Dort - 3º e 4º Capítulos Da Doutrina: A Corrupção do Homem, Sua Conversão a Deus e Como Ela Ocorre" - Artigo 12], não se nega, mas confessa-se que, a conversão e a santificação seguem-se ao desimpedimento do ouvido surdo; e que, no sentido apropriado, a regeneração é completada somente quando da morte do pecador.

Que não se suponha que fazemos estes dois estarem em conflito. Ao escrever-se a biografia de um vulto, seja de Napoleão, seria suficiente simplesmente mencionar o seu nascimento, mas o biógrafo pode também mencionar, mais particularmente, as coisas que aconteceram antes do seu nascimento. Assim também neste respeito: eu posso referir-me tanto às duas partes da regeneração, conversão e santificação, ou eu posso incluir também o que precede a conversão, e falar também do acender da chama no pecador. Isto não implica em nenhum antagonismo, mas uma mera diferença de exatidão. É mais completo, com referência à regeneração, falar de três estágios - o acender da chama, a conversão e a santificação; embora seja costumeiro e mais prático falar somente dos dois últimos.

O nosso propósito, no entanto, exige uma maior amplitude. O objetivo desta obra não é pregar a Palavra, mas descobrir as fundações da verdade, de modo a parar a construção de paredes tortas sobre a pedra fundamental, conforme a maneira dos Éticos, dos Racionalistas e dos Sobrenaturalistas.

A completa abrangência no tratamento requer que se pergunte não somente, "Como e o que ouve o pecador cuja chama foi acesa?", mas também, "Quem lhe deu ouvidos para que possa ouvir?"

E isto é tudo o mais no que insistir-se, porque nossos filhos não podem ser ignorados neste aspecto. Em Dort, em 1618, eles foram levados em conta, e não podemos negar-nos esta agradável obrigação.

E aqui há o perigo real. Pois falar dos pequeninos sem considerar o primeiro estágio da regeneração - i.e. o acender da chama - causa confusão e perplexidade das quais não há escapatória.

A salvação depende da fé, e a fé depende do ouvir a Palavra; por conseguinte os nossos bebês, os nossos infantes que morrem devem estar perdidos, uma vez que eles não podem ouvir a Palavra. Para fugir desta idéia horrível, diz-se freqüentemente que as crianças são salvas em virtude da fé de seus pais - um mal entendido que confundiu grandemente nossa concepção inteira de Batismo, e que tornou a nossa forma batismal muito complicada. Mas assim que conseguimos distinguir o acender da chama, como um estágio da regeneração, da conversão e da santificação, a luz adentra. Pois uma vez que o acender da chama é um ato de Deus em nós sem a nossa assistência, independente da Palavra, e freqüentemente em separado do segundo estágio, a conversão, por um intervalo de muitos dias, não há nada que previna Deus de executar a Sua obra mesmo em um bebê, e o aparente conflito dissolve-se numa linda harmonia. Ademais, tão logo eu reputo meus filhos ainda não convertidos com não ainda regenerados, seu treinamento deve fluir na direção de um Metodismo questionável (2). Qual o sentido do chamado, tanto quanto eu suponha e saiba que: "Este ouvido ainda não é capaz de ouvir".

Tocando a questão relativa à "fé", estamos inteiramente preparados para aplicar a mesma distinção a este assunto. Você tem somente que discriminar entre o órgão ou a faculdade da fé, o poder de exercer a fé e o agir da fé. O primeiro desses três, a saber, a faculdade da fé, é implantada no primeiro estágio da regeneração - i.e., no acender da chama; o poder da fé é concedido no segundo estágio da regeneração - i.e., na conversão; e o agir da fé é operado no terceiro estágio - i.e., na santificação. Portanto, se a fé é operada somente pelo ouvir a Palavra, a pregação da Palavra não cria a faculdade da fé.

Somente olhe a o que os nossos pais confessaram em Dort: "...Deus efetua no homem tanto a vontade de crer quanto o ato de crer. Ele opera tanto o querer como o realizar; sim, ele opera tudo em todos (Efésios 2.8; Filipenses 2.13)"[Cânones de Dort - 3º e 4º Capítulos da Doutrina: "A Corrupção do Homem, A Sua Conversão A Deus e Como Ela Ocorre" - Artigo 14: "Fé, Um Dom de Deus"]].

Ou para expressá-lo de maneira ainda mais forte: quando a Palavra é pregada, eu o sei; e quando eu a ouço e creio nela, eu sei de onde vem este operar da fé. Mas o implantar da faculdade da fé é algo inteiramente diferente; pois acerca disso o Senhor Jesus diz: "...ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai..."[João 3:8]; e assim como é o vento, também o é a regeneração do homem.

XXIV. União com Cristo.

"...temos sido unidos a Ele..." - Romanos 6:5

Tendo discutido a regeneração como um ato de Deus operado num pecador culpado, perverso e perdido, examinaremos agora a questão mais sagrada e delicada: Como este ato divino afeta a nossa relação com Cristo?

Consideramos este ponto como mais importante que o primeiro, uma vez que cada vista da regeneração que não faz justiça total à "união mística com Cristo" é anti-Bíblica, extermina o amor fraternal, e gera orgulho espiritual.

O santo apóstolo declara: "...e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus..."[Gálatas 2:20] (3). A idéia de um santo ter vida fora da união mística com Emanuel nada é senão uma ficção da imaginação. O regenerado não pode viver vida nenhuma, a não ser vida que consista em união com Cristo. Que isto seja firme e fortemente mantido.

As expressões Bíblicas, "...unidos a Ele..."[vide Romanos 6:5] (4) e "ramos da Videira"[vide João 15:5], as quais devem ser tomadas em seu significado completo, são metáforas inteiramente diferentes daquelas as quais nos utilizamos. Nós estamos confinados a metáforas que expressam nossa idéia por intermédio de analogia;

mas elas não podem ser inteiramente aplicadas nem tampouco expressam o verdadeiro sentido da coisa; daí o assim chamado terceiro termo de comparação. Mas as figuras utilizadas pelo Espírito Santo expressam uma conformidade real, uma unidade de pensamento divinamente expressado no mundo visível e no mundo espiritual. Por conseguinte Jesus podia dizer: "Eu sou a videira verdadeira"[João 15:1], isto é, "qualquer outra videira nada é senão uma figura. Eu, e somente Eu sou a Videira verdadeira, a Videira real".

Sendo excessivamente sóbrio e excelente em Seu discurso metafórico, o Senhor Jesus não diz que um galho está enxertado na videira, simplesmente por que isto não é feito na natureza, i.e., na criação de Deus. No capítulo 15 do Evangelho segundo São João, Jesus nem mesmo toca na questão de como alguém se torna um galho. Pois isto é a obra do Pai: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor"[João 15:1]. No versículo 6 do mesmo capítulo ["Quem não permanece em Mim é lançado fora, como a vara, e seca; tais varas são recolhidas, lançadas no fogo e queimadas"], Ele fala somente de alguém que, em não permanecendo nEle, seca e será queimada.

Mesmo na passagem em Romanos 6:5 o apóstolo não fala do "vir" até Jesus, e na passagem em Romanos 11:17-25 ele fala somente de maneira parcial. A primeira passagem fala sobre estar unido com Ele, mas não nos diz "como"; e a expressão "enxerto" não é nem mesmo mencionada. E na segunda passagem, fazendo alusão a galhos de oliveira quebrados, e de galhos de oliveira selvagem sendo enxertado em uma oliveira boa, e finalmente de galhos quebrados sendo restaurados à oliveira original; não faz nenhuma referência que seja ao implante de indivíduos em Cristo, como logo provaremos.

E ainda assim, a figura é somente aplicável de forma parcial. Realmente, no capítulo 11 da carta aos Romanos, São Paulo, com sua característica ousadia de discurso e de estilo, de forma a tecer comparação, reverte a obra de Deus na natureza; pois enquanto na realidade o broto cultivado é enxertado no caule selvagem, ele em sua escrita faz com que um broto selvagem seja enxertado no tronco bom. De fato uma tirada ousada e muito proveitosa para nós, pois através

dela ele nos faz ver clara e distintamente a geral implantação em Cristo. Mas isto é tudo.

Pois, note bem, não se deve pressionar muito a figura. É um erro fazê-la referir-se à regeneração do pecador individual. Pois alguém uma vez implantado em Cristo não pode ser separado dEle: "...ninguém as arrebatará da Minha mão"[João 10:28]; "...e aos que justificou, a estes também glorificou"[Romanos 8:30].

E todavia, referência é feita aqui a galhos que se quebraram e que foram enxertados novamente. Se isto referiu-se a indivíduos em particular, então os Judeus, que durante a vida de São Paulo negaram o Senhor, devem ter sido pessoas regeneradas que caíram e retornaram novamente, antes de morrerem.

Se este tivesse sido o que São Paulo quis dizer, eventos subsequentes teriam camuflado as suas palavras, e nós teríamos revogado todo o teor dos seus outros ensinamentos. Mas ele claramente diz que as tribos de Israel, que estavam no Pacto da Graça, tinham perdido sua posição ali por sua própria falta; todavia que mesmo fora do Pacto eles deveriam ser preservados através das épocas vindouras, e que no curso da história o caminho seria aberto até mesmo para eles serem re-introduzidos no Pacto da Graça. E isto mostra que a passagem em Romanos 11:17:25 não ensina a regeneração de pessoas enquanto indivíduos, e que a boa oliveira não significa Cristo, pois aquele que encontra-se implantado em Cristo nunca pode ser separado dEle, e que aquele que é de Cristo separado, nunca pertenceu a Ele. Não cremos nós, na perseverança dos santos?

Pode ser objetado que no capítulo 15 do evangelho segundo São João, referência é feita a galhos, a ramos, a varas que são arrancadas da videira; objeção à qual respondemos: primeiro, que isto não elimina a dificuldade de que os Judeus apóstatas da época de São Paulo nunca foram enxertados, implantados novamente; e segundo, que com Calvino nós sustentamos que Jesus, falando dos galhos retirados da videira, referia-Se a pessoas que, como Judas, pareciam haver sido implantadas; caso contrário as Suas próprias palavras, "...ninguém as arrebatará da Minha mão"[João 10:28] não se sustentam nem por um momento.

Chegamos, portanto, a esta conclusão, de que nem João 15 nem Romanos 11 têm qualquer referência à regeneração pessoal no seu sentido limitado; enquanto que Romanos 6, que fala de 'tornar-se um com Ele', de vir a 'estar unido a Ele', não introduz a idéia de enxerto, nem faz a menor alusão à maneira pela qual este "tornar-se um" foi alcançado.

É desnecessário dizer que não poucos exegetas julgam a tradução "...temos sido unidos a Ele..." incorreta, omitindo as palavras em *itálico*. Não expressamos aqui uma opinião com respeito a esta apresentação; mas o fato é que o capítulo 6 da carta aos Romanos não tem nada a dizer com relação à maneira pela qual a nossa união com Cristo é efetivada.

Na verdade, a Bíblia nunca aplica a simbologia do enxerto à regeneração. O capítulo 11 da carta aos Romanos trata da restauração de um povo e nação ao Pacto da Graça; o capítulo 6 da mesma carta somente fala de uma união mais íntima; e o capítulo 15 do evangelho segundo São João nunca faz alusão à um galho selvagem que tornou-se bom após haver sido implantado na Videira. Estas figuras apresentam a união com Cristo, mas nada ensinam com relação à maneira pela qual esta união é perpetrada. A Bíblia faz completo silêncio com relação a isto; e desde que não há outra fonte de informação, meras invencionices humanas são totalmente inúteis. Mesma a experiência Cristã não projeta nenhuma luz sobre este assunto, pois ela não pode ensinar nada, absolutamente, que a Bíblia já não tenha ensinado; e novamente, nós podemos facilmente perceber a união com Cristo onde quer que ela exista, mas não podemos vê-la onde ela não existe, ou onde ela está apenas se formando.

E todavia esta união com Cristo deve ser fortemente enfatizada. Os teólogos que representam a verdade divina mais puramente colocam a maior ênfase neste tópico. E embora Calvino possa ter sido o mais rígido dentre os reformadores, ainda assim nenhum deles apresentou esta 'unio mystica', esta união mística, esta união espiritual com Cristo tão incessantemente, de maneira tão terna e com tal fogo santo como ele o fez. E como Calvino, assim também o fizeram todos os teólogos Reformados, desde Beza até Comrie, e

desde Zanchius até Köhlbrugge. "Sem Cristo nada, através desta união mística com Cristo, tudo", era o seu lema. E mesmo agora o valor de um pregador deve ser estritamente mensurado pelo grau de proeminência, de acordo com a união mística com Emanuel, na sua apresentação da verdade. O discurso forte de Köhlbrugge, "Alguém pode nascer de novo, alguém pode ser um filho de Deus, alguém pode ser um crente sincero, todavia sem esta união mística com Cristo, ele é nada em si mesmo, nada a não ser um perdido e vil pecador", sempre foi a confissão gloriosa das nossas igrejas. Na verdade, é isto o que a nossa forma de administração da Ceia do Senhor expressa tão bem: "Considerando que buscamos nossa vida fora de nós mesmos, em Cristo Jesus, nós reconhecemos que nos encontramos no meio da morte".

Mas neste aspecto, é errado e depreciativo para a obra do Espírito Santo ensinar - como é reportado que alguns dos nossos ministros mais jovens o fazem - que a regeneração não alcança nada em nós, e que toda a obra é executada completamente fora de nós, como alguns têm dito, "Que nem mesmo precisamos converter-nos, pois mesmo isto foi feito por nós de maneira vicária, pelo Senhor Jesus Cristo". Dizer que não existe diferença entre uma pessoa regenerada e alguém não regenerado é contradizer a Bíblia e negar a obra do Espírito Santo. Por esta razão é que nos opomos mui fortemente a esta noção. Existe, com certeza, uma diferença. Pois o primeiro, o regenerado tem entrado em união com Cristo, enquanto que o último não. E tudo depende dessa união; ela faz uma grande diferença nos homens, diferença tal como entre o céu e o inferno.

Nem tampouco pode ser dito, ao contrário, "que uma pessoa regenerada, mesmo sem a união com Cristo, é outra ou melhor que um não crente"; pois isto põe em pedaços o que Deus ajuntou, o que Deus colocou em união. Fora de Cristo não existe nada num homem nascido de mulher a não ser trevas, corrupção e morte.

Assim é que mantemos firmemente a unidade indissolúvel desses dois: "Não existe regeneração sem o estabelecimento da união mística com Cristo"; e novamente: "Não existe nenhuma união mística com Emanuel a não ser naquele que é regenerado". Estas duas verdades não podem nunca serem separadas; e no longo

caminho entre o primeiro ato de regeneração e a santificação completa, a "unio mystica" não pode nem por um momento ser perdida de vista.

Os teólogos Éticos concordarão muito provavelmente com tudo o que dissemos com relação a este assunto; e ainda assim, de acordo com a nossa mais profunda convicção, eles têm degradado e incompreendido este precioso artigo de fé. Seguramente eles enfatizam fortemente a união com Cristo, eles até nos dizem que eles o fazem mais do que nós próprios, mantendo que é imaterial se um homem é sólido na Escritura ou não, tanto quanto ele esteja unido com Cristo. Em sendo este o caso, não há mais necessidade de nenhuma fórmula, nenhuma confissão, nenhum artigo de fé, ou mesmo nenhuma fé na Bíblia. Um eminente professor Ético da Universidade de Utrecht declarou abertamente: "Mesmo que eu perdesse a Bíblia toda, sim, mesmo que a veracidade de nenhuma das narrativas do Evangelho pudesse ser confirmada, eu não seria afetado nem um pouco, pois eu ainda possuiria união com Cristo, e tendo isso, o que mais um homem pode desejar?" E declaração como esta contém um elo tão pio, e se tomada no sentido abstrato é tão verdadeira, que o homem consciente deve concordar com ela, sem ter a mais remota suspeita da apostasia da fé dos pais nela contida.

Se alguém nos perguntasse se não cremos que a alma unida com Jesus possui tudo o que pode ser desejado, quase que nos recusaríamos a responder, pois esse alguém sabe melhor. Não mesmo, alma favorecida, tendo aquilo, possuindo aquela união, necessitas de mais nada; parte pois em paz, abençoada em abundância por Deus.

Mas porque a união mística com o Filho de Deus é um artigo de fé tão precioso e de tão grande importância, desejamos que cada ser humano a trate com a maior seriedade, e examine se a união a qual ele declara possuir é realmente a mesma união mística com o Senhor Jesus Cristo, a qual a Bíblia promete aos filhos de Deus, e da qual os filhos de Deus têm desfrutado através dos tempos.

XXV. Não Uma Natureza Divina-Humana.

"Eu neles, e Tu em Mim..."---João 17:23. (5)

A união de crentes com o Mediador, o mais terno dentre todos os assuntos de fé, é invisível, é insondável e imperceptível aos sentidos; escapa a toda visão própria; recusa-se a ser dissecada ou ser feita objetiva através de qualquer representação; é mística no sentido mais abrangente e completo da palavra - "unio mystica", como Calvino, seguindo o exemplo da Igreja antiga, a ela se referiu.

E todavia, conquanto misteriosa, nenhum homem tem a liberdade de interpretá-la de acordo com as suas próprias noções; na verdade, há sim a necessidade de uma grande vigilância, a fim de que sob a aparência pia deste amor místico, nenhum tipo de contrabando injurioso seja trazido para dentro do santuário divino. Nós portanto levantamos a nossa voz contra as falsas representações de antigas alas, facções e seitas místicas; e dos teóricos Éticos da presente época.

Expliquemos, pois, em primeiro lugar, o ensinamento Ético neste aspecto.

Sua crença inicia-se na antítese existente entre Deus e homem. Deus é o Criador, o homem é uma criatura. Deus é infinito e o homem é um ser finito. Deus habita no eterno, e o homem vive no temporal. Deus é santo, e o homem é ímpio; e assim por diante. Tanto quanto exista esse contraste, assim eles ensinam, não pode haver nenhuma unidade, nenhuma reconciliação, nenhuma harmonia. E como a filosofia panteísta usada para discursar sobre os três estágios através dos quais a vida deve seguir o seu curso - primeiro, o da proposição ("thesis"; tese), depois o estágio do contraste ("antithesis"; antítese), e por fim o da reconciliação, da combinação ("synthesis"; síntese) - assim também os Éticos ensinam que entre Deus e o homem existem as três etapas: tese, antítese e síntese.

Em primeiro lugar, há Deus. Esta é a tese, a proposição. Oposta a esta tese em Deus, a antítese, o contraste, aparece no homem. E esta tese e esta antítese encontram finalmente a reconciliação, a síntese, no Mediador, que é de uma só vez finito e infinito, arqueado sob o peso da nossa culpa e ao mesmo santo, temporal e ao mesmo tempo eterno.

É somente recentemente que citamos a seguinte sentença, da página 28 do livreto do Professor Gunning, intitulado "O Mediador

entre Deus e o Homem" (N.T.: em Inglês, "The Mediator between God and Man"): "Jesus Cristo é o Mediador igualmente em os Judeus e os Gentios; e também entre todas as coisas que necessitam reconciliação e mediação; como entre Deus e o homem, entre espírito e corpo, entre céu e terra, entre tempo e eternidade".

Esta representação contém o erro fundamental da teologia Ética. Esta representação interfere nos limites que foram estabelecidos por Deus. Ela os apaga. Ela faz com que desapareçam finalmente todos os contrastes. E por isso mesmo, sem contudo a intenção, ela acaba se tornando o instrumento de disseminação do panteísmo da escola filosófica. Não compreendendo este sistema, alguém pode apaixonar-se profundamente por ele. Este fermento panteísta está profundamente assentado nos nossos corações pecadores. As águas do panteísmo são doces, seu sabor religioso é peculiarmente agradável. Há uma intoxicação espiritual neste cálice, e uma vez inebriada, a alma perde o desejo pela clareza sóbria da Palavra divina. Para livrar-se da magia destes encantos panteístas, alguém precisa ser despertado através de uma experiência amarga. E uma vez despertada, a alma é alarmada contra o perigo terrível ao qual este canto de sereia a expôs.

Não; o contraste entre Deus e homem não pode cessar; o contraste entre céu e terra não pode ser colocado na mesma linha com aquele entre Judeu e Gentio; o contraste entre o infinito e o finito não pode eliminado pelo Mediador; tempo e eternidade não podem ser feitos idênticos. Deve ser trazida à cena uma reconciliação para o pecador. Isto é tudo, e nada mais. "Trazer reconciliação à cena" é a obra designada ao Mediador, e somente isto. E esta reconciliação não é entre tempo e eternidade, entre finito e infinito, mas exclusivamente entre uma criatura pecadora e um Criador santo. Trata-se de uma reconciliação que não poderia ocorrer se o homem não houvesse caído, uma reconciliação somente necessária por sua queda; uma reconciliação não essencial ao ser de Cristo, mas Sua por acidente, i.e., por algo independente do Seu ser.

E desde que a essência da verdadeira santidade está baseada não na remoção das fronteiras e contrastes divinamente demarcados e apontados, mas numa profunda reverência pelos mesmos; e neste

aspecto a criatura como distinta do Criador não pode sentir-se uma com, mas absolutamente distinta dEle; fica claro que este erro dos Éticos afeta a essência da santidade.

A Igreja primitiva descobriu este mesmo princípio em Orígenes, e subseqüentemente em Eutychus; e nossos pais do último século o encontraram nos Hernhutters, e claramente se opuseram a ele. E somente porque nos falta conhecimento e penetração é que estas doutrinas Éticas foram capazes de espalhar-se tão rapidamente aqui (N.T., na Holanda), na Alemanha, na Suíça e até mesmo na Escócia, sem as suas tendências panteístas terem sido detectadas. E como este mal afeta a Cristologia dos Éticos? Ela a afeta de tal modo que torna-se inteiramente diferente daquela das igrejas Reformadas. Embora eles digam; "Nós discordamos nos nossos pontos de vista sobre as Escrituras, mas estamos de acordo na nossa confissão de Cristo", ainda assim isso é absolutamente falso. O seu Cristo não é o Cristo das igrejas Reformadas. Cristo, como a Igreja Reformada O confessa, de acordo com a Sagrada Escritura e com a Igreja ortodoxa de todos os tempos, é O Filho de Deus, eterno Participante da natureza divina, quem no tempo, adicionalmente à natureza divina, adotou a natureza humana, unindo estas duas naturezas na unidade de uma pessoa. Ele as une de tal forma, no entanto, que estas duas naturezas continuam a ser cada uma ela própria, não se misturando, e não comunicando os atributos de uma à outra. Por conseguinte estas duas naturezas são unidas o mais intimamente na unidade de uma pessoa, mas continuando até o fim, e mesmo agora no céu, a serem duas naturezas cada uma com as suas próprias e peculiares propriedades. "Ele é um não pela conversão da Divindade à carne, mas pelo tomar a natureza humana em Deus" (Confissão de Atanásio, artigo 35). E novamente: "Ele é um não pela mistura de substância, mas pela unidade de pessoa" (artigo 36).

De maneira similar nós confessamos: "Cremos que, por esta concepção, a pessoa do Filho está unida e conjugada inseparavelmente, com a natureza humana. Não há, então, dois filhos de Deus, nem duas pessoas, mas duas naturezas, unidas numa só pessoa, mantendo cada uma delas suas características distintas. A natureza divina permaneceu não criada, sem início, nem fim de vida

(Hebreus 7:3), preenchendo céu e terra. Do mesmo modo a natureza humane não perdeu suas características, mas permaneceu criatura, tendo início, sendo uma natureza finita e mantendo tudo o que é próprio de um verdadeiro corpo. E ainda que, por meio da sua ressurreição, Cristo tenha concedido imortalidade a sua natureza humana, Ele não transformou a realidade da mesma, pois nossa salvação e ressurreição dependem também da realidade de seu corpo. Estas duas naturezas, porém, estão unidas numa só pessoa de tal maneira que nem por sua morte foram separadas."[Confissão de Fé Belga-Artigo 19: "As Duas Naturezas de Cristo"].

Esta confissão clara, a qual a Igreja ortodoxa sempre defendeu contra os "Eutiquianos" e os "Monothelitas", e a qual as nossas igrejas Reformadas em particular têm mantido em oposição aos Luteranos e aos Místicos, é em todo o tempo oposta pela visão Ética. O Professor Chantepie de la Saussaye disse distintivamente, no seu "Inaugural" que era impossível manter a representação antiga neste ponto, a qual era também endossada pela nossa Confissão; e que a sua confissão do Mediador era outra. Assim é que a ala Ética desvia-se dos caminhos antigos não somente no assunto da Bíblia, mas também na confissão da pessoa do Redentor. Ela ensina o que as igrejas Reformadas sempre negaram, e nega o que as igrejas Reformadas sempre mantiveram em oposição a igrejas menos corretas nos seus pontos de vista.

Sob a influência que o treinamento de Schleiermacher entre os irmãos da Morávia, e o seu desenvolvimento panteísta e dogmáticas Luteranas têm exercido sobre os Éticos, o Cristo que é pregado por eles, não é o Cristo a quem a Igreja ortodoxa de todos os tempos tem dobrado seu joelho; e cuja confissão tem sido sempre preservada incorrupta pelos Reformados, e especialmente pelos nossos teólogos nacionais. Pois as suas conclusões são as seguintes:

Primeiro: Que a Encarnação do Filho de Deus teria tido lugar mesmo que Adão não tivesse pecado.

Segundo: Que Ele é Mediador não somente entre o pecador e o Deus Santo, mas também entre o finito e o infinito.

Terceiro: Que as duas naturezas se misturam, e comunicam os seus atributos uma à outra de tal forma que dEle, que é ambos, Deus e homem, procede aquilo que é divino-humano.

Quarto: Que esta natureza divina-humana é também comunicada aos crentes.

Este erro é reconhecido imediatamente pela utilização da expressão "divina-humana". Não que condenemos o seu uso em qualquer instância. Ao contrário, quando refere-se não às naturezas, mas à pessoa, o seu uso é legítimo, pois na Uma Pessoa, as duas naturezas estão inseparavelmente unidas. Mesmo assim, nos nossos dias, é melhor sermos cautelosos com a palavra. O termo "divino-humano" tem, na época presente, um significado panteísta, denotando que o contraste existente entre Deus e o homem não existia em Jesus, mas que nEle a antítese do divino e do humano não foi encontrada.

E isto é completamente anti-Bíblico, e nas suas conseqüências finais, resulta em pura teosofia. Pois o resultado real é uma fusão das duas naturezas: uma natureza divina em Deus; uma natureza humana no homem, e uma natureza divina-humana no Mediador. De modo que, se não houvesse caído o homem, o Mediador não obstante teria aparecido numa natureza divina-humana.

Esta doutrina é verdadeiramente abominável. Ela põe no lugar do Salvador dos nossos pecados uma outra pessoa inteiramente diferente; os contrastes entre o Criador e a criatura desaparecem; a natureza divina-humana do Cristo é na realidade colocada acima da própria natureza divina. Pois o Mediador, na natureza divina-humana, possui algo que falta na natureza divina, a saber, a sua reconciliação com a humana.

Isto mostra o quanto os Éticos se afastaram da confissão pura do Senhor Jesus Cristo, do que geralmente se acredita. De acordo com eles, existe na Pessoa do Mediador uma espécie de nova criatura, um tipo de terceira natureza, uma espécie de natureza superior, a qual é chamada de "humana-divina". E a união com Cristo é encontrada (não subjetiva, mas objetivamente), no fato de que o Senhor Jesus Cristo derrama em nós aquele novo, terceiro, superior tipo de natureza, ou seja, a natureza divina-humana. Assim é que os regenerados são as pessoas que têm recebido este tipo de natureza

novo, terceiro, superior. Isto não tem nenhuma conexão com o pecado, mas teria aparecido mesmo na ausência de pecado. A reconciliação dos pecadores é algo adicional, e não toca a raiz do assunto.

O fato real e principal, é que o Mediador entre o "finito e o infinito" (para usar as mesmas palavras do Professor Gunning) concede a nós, que temos a natureza humana, inferior, esta natureza nova, terceira, superior, divina-humana.

Não que a natureza humana tenha de ser removida, e a natureza divina-humana tome o seu lugar. Realmente não; mas, de acordo com os teólogos Éticos, a natureza humana é originalmente intencionada e destinada a ser assim enobrecida, refinada e exaltada. E como o broto de uma planta, sob a influência do sol, desenvolve e produz flores por excelência, assim também a natureza humana desenvolve-se e se desabrocha sob a influência do Sol da Justiça, até esta natureza superior.

Que isto deva ser alcançado por intermédio da regeneração, fica por conta do pecado. Se não houvesse havido nenhuma queda no Paraíso, e se nenhum pecado tivesse ocorrido após a queda, não haveria nenhuma regeneração, e a condição inferior da nossa natureza teria passado espontaneamente para aquela natureza superior, divina-humana. E esta é, nos círculos dos Éticos, a base daquela mui enaltecida "unio mystica" com Cristo.

A igreja invisível é, de acordo com o seu ponto de vista, aquele círculo de homens nos quais esta mais nobre e superior essência de vida foi instilada, e outros não tão favorecidos ainda permanecem sem ela. Daí a incapacidade de apreciação das igrejas visíveis; pois a tintura, a essência divina-humana de vida não determina ela própria este círculo? Portanto a sua preferência pelo "inconsciente"; a confissão e a expressão de idéias consciente é imaterial; o principal é estar dotado desta nova, superior, mais refinada, natureza divina-humana. Isto explica o seu comportamento arrogante para com homens que não compartilham as suas opiniões. Eles pertencem a uma espécie de aristocracia espiritual; eles são de ascendência mais nobre, familiarizados com formas mais refinadas, vivendo uma vida superior, a partir da qual, com olhos piedosos eles olham para baixo,

para aqueles que nem sequer sonham em seus sonhos, com esta essência, esta tintura superior de vida.

Que seja suficiente aqui dizer somente que as igrejas Reformadas não podem endossar esta representação da "unio mystica", mas devem rejeitá-la, positivamente.

XXVI. A União Mística com Emanuel.

"...Cristo em vós, a esperança da glória"-Colossenses 1:27

A união de crentes com Cristo, seu Cabeça, não é perpetrada pelo instilar de uma essência de vida divina-humana em suas almas. Não existe tal coisa como vida divina-humana. Existe sim, uma Pessoa santíssima, quem une em Si mesmo a vida divina e a vida humana; mas ambas naturezas não se misturam, não se unem, cada uma retendo suas propriedades próprias. E desde que não há nenhuma vida divina-humana em Jesus, Ele não a pode instilar em nós.

Nós sinceramente reconhecemos que existe uma certa conformidade e similaridade entre a natureza divina e a humana, pois o homem foi criado à imagem de Deus; razão pela qual São Pedro pode dizer, "...pelas quais ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina..."[II Pedro 1:4]; mas de acordo com todos expositores sólidos, isto significa somente que ao pecador são concedidos os atributos de bondade e santidade, os quais ele possuía originalmente em sua própria natureza em comum com a natureza divina, mas os quais ele perdeu pelo pecado.

Comparado com a natureza de coisas materiais, e com a de animais e de diabos, existe sim uma característica de conformidade e similaridade entre as naturezas divina e humana. Mas isto não pode ser entendido como obliterando o limite, a fronteira entre a natureza divina e a humana. E, portanto, que a palavra gloriosa de São Pedro não mais seja abusada de maneira a justificar um sistema filosófico o qual nada tem em comum com a sobriedade e a simplicidade da Escritura Sagrada.

O que São Pedro chama "tornar-se participantes da natureza divina", é chamado em outro lugar, tornar-se filhos de Deus. Mas

embora Cristo seja o Filho de Deus, e nós sejamos chamados de filhos de Deus, isto não faz com que a Filiação de Cristo e a nossa filiação estejam no mesmo nível e sejam da mesma natureza. Nós somos somente filhos adotados, embora tenhamos uma outra ascendência, enquanto que Ele é o Filho real e eterno. Enquanto Ele é essencialmente o Filho eterno, participante da natureza divina, a qual na unidade da Sua Pessoa Ele une com a natureza humana, nós somos meramente restaurados à semelhança da natureza divina a qual tínhamos perdido pelo pecado.

Por conseguinte, tanto como "ser adotado como filho", e "ser o Filho para sempre" são contrastes, assim também o é o seguinte: "ter em Si Mesmo a natureza divina", e "ser somente participantes da natureza divina".

O amigo que compartilha o choro, o lamento de uma mãe enlutada não está em si mesmo enlutado, mas através do amor e da compaixão ele torna-se participante daquele choro, daquele lamento. De maneira similar, aceitando estas grandiosas e preciosas promessas, crentes tornam-se participantes da natureza divina, embora eles sejam em si mesmos completamente desprovidos daquela natureza. O termo "participante" não denota o que alguém possui em si mesmo, como seu próprio, mas sim uma comunicação parcial de algo que não lhe pertence, mas que pertence a outrem.

Portanto, esta gloriosa palavra apostólica não deveria ser mais utilizada num sentido panteísta. Como não é direito dizermos que somos os filhos essenciais de Deus, mas sim da maneira mais humilde confessarmos que, através de Cristo, somos Seus filhos adotados, assim também não é direito dizer que pela fé nos tornamos em nós mesmos portadores da natureza divina; mas devemos sim nos satisfazermos com a confissão de que através da comunhão de amor, Deus nos faz participantes das emoções vitais da natureza divina, tanto quanto nossas capacidades humanas são capazes de experimentá-las.

Isto nos traz de volta à "unio mystica" com Cristo, a qual, embora sendo mistério grande e impenetrável, deve ser suficientemente definida para manter-nos de cair em erro.

Mencionamos, portanto, seus pontos vitais e assim expressamos a nossa confissão com relação a ela:

Primeiro Ponto: O primeiro ponto é, que o Senhor Jesus não exige que sejamos purificados e santificados de maneira a sermos unidos à Sua Pessoa.

Jesus é Salvador não de justos, mas de pecadores. E por esta razão Ele adotou a natureza humana: não como ensinam os Batistas, por receber do céu um corpo especialmente criado, como o corpo de Adão no Paraíso, mas por tornar-se participante, como os bebezinhos, da carne e sangue humanos. E o mesmo é verdade com respeito à Sua união com crentes. Ele não espera até que os crentes sejam puros e santos, para que se unam a Ele; mas Ele une-Se a eles para que eles possam vir a serem puros e santos. Ele é o Noivo rico, e a alma, a noiva pobre e miserável. Nas vestimentas refulgentes da Sua justiça e retidão Ele vem, e encontrando a noiva suja, feia, sem quaisquer atrativos, e na sua impureza nativa, Ele não lhe diz: "Levanta-te, limpa-te, enobrece-te e enriquece-te, e como uma noiva rica Eu te desposarei"; mas, na realidade o que Ele lhe diz é: "Eu te tomo com tu és agora; Eu te digo, no teu sangue, vive. Embora sejas pobre, Eu te desposo, Eu te farei participante de Mim e da Minha riqueza. Mas uma riqueza de ti mesmo, tu nunca possuirás".

Este ponto deveria ser firmemente estabelecido. O Senhor Jesus une-Se não a justos, mas a pecadores. Ele desposa não uma noiva pura e sem máculas, mas sim poluída, manchada e suja.

Quando o santo apóstolo Paulo fala de uma noiva que será apresentada sem mancha nem ruga, ele faz referência a algo inteiramente diferente, não à Sua união com o indivíduo, mas sim às bodas do Senhor Jesus com a Sua Igreja, como um todo. Enquanto a Igreja permaneça na terra, separada dEle, ela é a Sua noiva, até que na plenitude dos tempos, terminada a separação, Ele a introduza à comunhão rica e completa da vida unida em glória.

Segundo Ponto: O Segundo ponto, a que chamamos a atenção, é o tempo quando inicia-se esta união.

Dizer que esta "unio mystica" é o resultado da fé sozinha, é correto somente em parte. Pois a Bíblia ensina muito distintamente que já nos encontrávamos no Senhor Jesus quando Ele morreu no

Calvário, e quando Ele levantou-Se dos mortos; que ascendemos com Ele ao céu; e que temos estado, por dezoito (N.T. vinte e um) séculos, assentados com Ele à mão direita de Deus. Assim é que devemos distinguir muito cuidadosamente entre os cinco estágios nos quais consiste a união com Emanuel:

O primeiro desses cinco estágios encontra-se no decreto de Deus. A partir do próprio momento quando o Pai deu-nos ao Filho, nós éramos realmente Seus, e uma relação foi estabelecida entre Ele e nós, relação esta não fraca e débil, mas tão profunda e extensiva que todas relações subsequentes com Emanuel florescem e crescem somente a partir desta relação raiz fundamental.

O segundo estágio é a Encarnação, quando, adotando a nossa carne, entrando na nossa natureza, Ele fez aquela relação preexistente, aquela relação essencial tornar-se atual; quando o vínculo de união passou da vontade divina, i.e. do decreto, à existência. Cristo na carne carrega todos os crentes nos lombos da Sua graça, como Adão carregou todos os filhos de homens nos lombos da sua carne. Portanto, não de maneira figurada nem tampouco metafórica, mas no sentido apropriado, a Bíblia ensina que quando Jesus morreu e ressurgiu, nós morremos e ressurgimos com Ele e nEle.

O terceiro estágio inicia-se quando nós mesmos aparecemos, não no nosso nascimento, mas na nossa regeneração; quando o Senhor Deus começa a operar sobrenaturalmente nas nossas almas; quando na hora do amor o Amor Eterno concebe em nós o filho de Deus. Até então a união mística encontrava-se oculta no decreto de Deus e no Mediador; mas na e por intermédio da regeneração a pessoa aparece, com a qual o Senhor Jesus estabelecerá aquela união. Contudo, não regeneração primeiro e depois algo novo; ou seja, a união com Cristo, mas no preciso momento de completada a regeneração aquela união torna-se um fato internamente alcançado.

Este terceiro estágio deve ser cuidadosamente distinguido do quarto estágio, o qual começa não com o despertar, com o acender da chama, mas com o primeiro exercício consciente de fé. Pois, embora na regeneração a faculdade de fé fosse implantada, ela pode permanecer inativa por um longo tempo; e somente quando o

Espírito Santo fazer com que ela se torne ativa, produzindo em nós verdadeira fé e conversão, a união com Cristo é subjetivamente estabelecida.

Esta união não é o fruto subsequente de um grau mais elevado de santidade, mas coincide com o primeiro exercício de fé. Fé que não vive em Cristo não é fé, mas sim uma falsificação. A fé genuína é operada em nós pelo Espírito Santo, e tudo o quanto Ele nos concede provém de Cristo. Por conseguinte, pode existir uma fé aparente ou uma pretensa fé, sem a união com Cristo, mas não uma fé real. Por esta razão, trata-se de um fato assegurado, que o primeiro suspiro da alma, no seu primeiro exercício de fé, é o resultado da maravilhosa união da alma com a sua Certeza, sua Garantia.

Nós não negamos, no entanto, que existe um aumento gradual da compreensão, do entendimento consciente, do sentimento cheio de vida, e do livre gozo desta união. Um filho tem a posse da sua mãe desde o primeiro momento da sua existência; mas o desfrutar consciente do amor de sua mãe desperta e aumenta de forma gradual com o passar dos anos, até que ele saiba e compreenda de maneira completa que precioso tesouro Deus lhe concedeu, em sua mãe. E assim também a consciência e o desfrutar do que possuímos em nosso Salvador torna-se gradualmente mais claro e mais profundo, até chegar o momento quando finalmente percebemos o quão ricos Deus nos tornou, em Jesus. E por isso, muitos são levados a pensar que a sua união com Cristo data daquele momento. Isto somente o é de forma aparente. Muito embora então eles se tornem totalmente conscientes do seu tesouro em Cristo, a união em si mesma já existia (ainda que subjetivamente), desde o momento do seu primeiro clamor de fé.

Isto nos traz ao quinto estágio, a saber, a morte. Regozijando nEle com gozo indizível e cheio de glória, muito embora não O vendo, muito mais permanece a ser desejado. Assim é que a nossa união com Ele não alcança seu completo desfraldar até que cada falta seja suprida e que nós, O vejamos como Ele é; e naquela deliciosa visão sejamos como Ele, pois então Ele nos dará tudo o que Ele tem. Portanto, a fé nos faz participantes dEle próprio e então de todos os Seus dons, como claramente nos ensina o Catecismo de Heidelberg.

Terceiro Ponto: O terceiro ponto ao qual chamamos a atenção é a natureza desta união com Emanuel. Esta união tem uma natureza peculiar a si mesma; ela pode ser comparada a outras uniões, mas não pode nunca ser por elas inteiramente explicada. Maravilhoso é o elo entre corpo e alma; ainda mais maravilhoso é o elo sacramental do santo Batismo e da Ceia do Senhor; igualmente maravilhosa a união vital entre mãe e filho no seu sangue, tal como a da videira com os seus ramos que crescem; maravilhoso o elo do matrimônio; e muito mais maravilhosa a união com o Espírito Santo, estabelecida pelo Seu habitar. Mas a união com Emanuel é distinta, é diferente de todas estas.

Trata-se de uma união invisível e intangível; os ouvidos falham em perceber-la, e ela elude toda e qualquer investigação; ainda assim ela é união muito real e comunhão, através da qual a vida do Senhor Jesus nos afeta e nos controla diretamente. Tal como o feto ainda não nascido vive no sangue materno, o qual tem sua pulsação fora dele, assim também nós vivemos na vida de Cristo, vida a qual pulsa não em nossa alma, mas fora de nós, acima no céu, em Cristo Jesus.

Quarto Ponto: Em quarto lugar, embora a união com Cristo coincida com a nossa relação-pacto com Ele como a Cabeça, ainda assim não é idêntica. Nossas relações de comunhão para com Cristo são muitas. Há a comunhão de sentimento e inclinação, de amor e de apego; nós somos discípulos do Profeta; nós somos Seu sangue - posseção comprada; os súditos do Rei; e membros do Pacto da Graça, do qual Ele é o Cabeça. Mas ao invés de absorver a "unio mystica", todas aquelas relações de comunhão para com Cristo encontram-se baseadas nela. Sem este vínculo real, todos os demais são somente imaginários. Assim, enquanto sabemos, sentimos, e confessamos que é glorioso estar seguramente guardados no nosso Pacto - Cabeça, é ainda mais doce e suave, mais precioso e agradável viver na comunhão mística do Amor.

(1) Para o sentido no qual o autor toma o Metodismo, veja a seção (5), no Prefácio.

(2) Veja a explicação do autor quanto ao Metodismo, na seção (5)

do

Prefácio.

(3) Com estas palavras, São Paulo não declara haver recebido um outro ego; ao contrário, ele diz enfaticamente que neste ego, o qual continua a ser o seu, 'não mais sou eu quem vive, mas sim Cristo'.

(4) Pelo menos se as palavras "a Ele" forem as originais.

(5) N.T. (Inglês-Português): O original em Inglês traz o versículo em João 17:23 como: "I in them, and they in Me.", cuja tradução literal seria: "Eu neles e eles em Mim", diferentemente do apresentado em Português pela versão 'João Ferreira de Almeida Atualizada': "Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade ...". Interessante notar que a Bíblia na "Contemporary English Version" (Versão em Inglês Contemporâneo) apresenta o mesmo versículo como: "I Am One with them, and You are one with Me, so that they may become completely one" (Eu sou um com eles, e Tu és um comigo, de modo que eles possam tornar-se completamente um").

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 30 de Abril de 2003.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Quinto - Chamado e Arrependimento

XXVII. O Chamado do Regenerado.

"E aos que predestinou a estes também chamou..." - Romanos 8:30

Para que possa ouvir, o pecador, surdo por natureza, deve receber ouvidos que ouçam. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas..."[Apocalipse 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22; 13:9].

Mas por natureza, o pecador não pertence ao grupo desses favorecidos. Trata-se de uma experiência diária. De dois funcionários num mesmo lugar, um obedece ao chamado, enquanto que o outro o rejeita; não porque ele menospreze, mas porque ele não ouve o chamado de Deus. Portanto o ato de Deus acender a chama, despertar, antecede à capacidade do pecador de ouvir; e assim ele torna-se capaz de ouvir a Palavra.

O despertar (o acender da chama), o implantar da faculdade da fé, e a união da alma com Cristo, aparentemente três atos, são na realidade somente um ato, juntos constituindo (objetivamente), a assim chamada primeira graça. No operar desta graça, o pecador encontra-se perfeitamente passivo e indiferente, o objeto de uma ação a qual não envolve a menor operação da parte do pecador, seja rendendo-se, ou mesmo não resistindo a ela.

Na verdade, o pecador, estando morto em faltas e pecados, está sob esta primeira graça tal como um corpo sem alma e inerte, com todas as propriedades passivas pertencentes a um cadáver. Este fato não pode ser apresentado com força ou ênfase suficientes. Trata-se de uma passividade absoluta. E cada e qualquer esforço ou inclinação para reclamar para o pecador a menor cooperação que seja, nesta

primeira graça, destrói o Evangelho, decepa a artéria da confissão Cristã, e não é somente herética, mas também anti-Bíblica no sentido mais elevado.

Este é o ponto onde erige-se a placa de sinalização; onde as estradas se dividem, onde os homens da purificada, isto é, a Confissão Reformada, separam-se, desviam-se dos seus oponentes.

Havendo apresentado este fato forte e definitivamente, é da maior importância declarar, com igual ênfase que, em todas as operações subsequentes da graça (a assim chamada 'segunda graça'), esta passividade absoluta deixa de existir, por intermédio do maravilhoso ato da primeira graça. Assim é que em toda graça subsequente o pecador coopera, até um determinado ponto.

Na primeira graça o pecador encontra-se absolutamente tal como um cadáver. Mas a primeira passividade do pecador e sua subsequente cooperação não devem ser confundidas. Existe uma passividade, conforme a Bíblia, a qual não pode ser exagerada, a qual deve ser deixada intacta; mas também existe uma passividade a qual é fingida, anti-Bíblica e pecaminosa. A diferença entre as duas não é que a primeira seja parcialmente cooperadora, e a segunda sem qualquer cooperação que seja. Certamente que por tal temporização, as igrejas e as almas nelas não são inspiradas com energia e entusiasmo. Não, a diferença entre a passividade legítima e a doentia consiste nisso, que a primeira, a qual é absoluta e ilimitada, pertence à primeira graça, à qual é inclusive indispensável; enquanto que a última, agarra-se à segunda graça, à qual ela não pertence.

Que haja uma clara percepção desta verdade, a qual afinal de contas é bem simples. O pecador eleito mas ainda não regenerado não tem condições de fazer nada, e a obra a ser nele operada deve ser operada por outro. Esta é a primeira graça. Mas após ela ter sido alcançada, ele não mais é passivo, pois algo foi trazido a ele, o que na segunda obra da graça cooperará com Deus.

Mas não é implícito que o pecador eleito e regenerado seja agora capaz de fazer qualquer coisa sem Deus; ou que se Deus parasse de operar nele, a conversão e a santificação se seguiriam deles mesmos. Estas duas representações são inteiramente não verdadeiras, não Reformadas e não cristãs, porque elas caluniam a

obra do Espírito Santo nos eleitos. Não, todo bem espiritual é da graça, até o fim: a graça não consiste somente em regeneração, mas encontra-se em cada passo do caminho da vida. Desde o começo e até o fim e em toda a eternidade, o Espírito Santo é o Operador da regeneração e da conversão; da justificação e de cada parte da santificação; da glorificação e de todo o gozo, toda alegria dos redimidos. Nada pode ser subtraído desta verdade.

Mas enquanto o Espírito Santo é o único Operador na primeira graça, em todas as operações de graça subsequentes, o regenerado sempre coopera com Ele. Assim é que não é verdade, como alguns o dizem, que o regenerado é tão passivo quanto o não regenerado; isto somente diminui a obra do Espírito Santo na primeira graça. Nem tampouco é verdade que doravante o regenerado seja o principal operador, somente assistido pelo Espírito Santo; pois isto é igualmente derogatório à obra do Espírito Santo na segunda graça.

Ambos erros devem ser confrontados e rejeitados. Pois embora, por um lado, seja dito que o regenerado, considerado fora de Cristo, ainda se encontre no meio da morte; ainda assim embora ele seja mil vezes considerado estar fora de Cristo, ele permanece nEle, pois uma vez em Suas mãos ninguém poderá arrancá-lo delas. E embora, por outro lado, o regenerado seja constantemente admoestado a ser ativo e diligente, ainda assim, como o cavalo é quem puxa a carruagem, não é ele (o cavalo) mas sim o condutor, é quem dirige a carruagem.

Reservando este último ponto até considerarmos a santificação, nós agora consideramos o chamado, pois este aspecto joga mais luz na confissão das igrejas Reformadas com relação à segunda graça do que qualquer outra parte da obra da graça.

Depois de o pecador eleito haver nascido de novo, i.e., ter sua chama acesa, ser agraciado com a faculdade da fé, e unido a Jesus, a próxima obra da graça nele é o chamado, do qual a Bíblia fala com tal ênfase e de forma tão freqüente. "Mas, como é Santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver"[I Pedro 1:15]; "...dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz"[I Pedro 2:9]; "E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à Sua eterna glória..."[I Pedro 5:10]; "Para o

que pelo nosso evangelho vos chamou, para alcançardes a glória de nosso SENHOR Jesus Cristo"[II Tessalonissenses 2:14]; "...Deus, que vos chama para o Seu reino e glória"[I Tessalonissenses 2:12]; "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados"[Efésios 4:1]; e para não mencionar mais: "Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação (chamado) e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis"[II Pedro 1:10].

Na Escritura Sagrada, o chamado tem, como a regeneração, um sentido mais amplo e um mais limitado.

No sentido anterior, significa ser chamado para a glória eterna; assim incluindo tudo o que precede, i.e., chamado ao arrependimento, à fé, à santificação, à execução de tarefas, à glória, ao reino eterno, etc.

Disto, no entanto, não falamos agora. A nossa intenção é considerar o chamado no seu sentido limitado, que significa exclusivamente o chamado através do qual somos chamados das trevas para a luz; i.e. o chamado ao arrependimento.

Este chamado ao arrependimento é colocado por muitos no mesmo nível com o "trazer", do qual, por exemplo, Jesus fala: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer..."[João 6:44]. Encontramos isso também em algumas palavras de São Paulo: "O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor"[Colossenses 1:13]; "O qual Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar (nos trazer) do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai"[Gálatas 1:4]. No entanto, isso me parece menos correto. Aquele que precisa ser trazido parece estar relutante. Aquele que é chamado deve ser capaz de vir. O primeiro implica que o pecador ainda está passivo, e portanto refere-se à operação da primeira graça; o segundo endereça-se ao próprio pecador, e o conta como sendo capaz de vir, e portanto pertence à segunda graça.

Este "chamado" é uma intimação. Não é meramente o chamado de alguém para contar-lhe algo, mas uma chamada implicando o mandamento de vir; ou um chamado suplicante, com quando São Paulo ora: "...como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da

parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus"[II Coríntios 5:20]; ou como no livro de Provérbios: "Dá-me, filho meu, o teu coração..."[Provérbios 23:26]

Deus envia adiante este chamado através dos pregadores da Palavra: não através da pregação independente de homens irresponsáveis, mas através daqueles a quem Ele Próprio envia adiante; por conseguinte homens especialmente dotados, cujo chamado não é o seu próprio, mas Seu. Eles são os ministros da Palavra, embaixadores reais, demandando no nome do Rei dos Reis o nosso coração, a nossa vida e a nossa pessoa; todavia cujo valor e honra dependem exclusivamente da sua missão e comissão divinas. Como o valor, a importância de um eco depende do retorno correto da palavra, do som recebido, assim também o valor, a honra e a significância dos pregadores dependem unicamente da exatidão com a qual eles fazem o chamado, como um eco da Palavra de Deus. Aquele que chama corretamente, desempenha o ofício mais elevadamente concebível na terra, pois ele chama a reis e a imperadores, estando acima deles. Mas aquele que chama de forma incorreta ou nem mesmo chama, é como um metal que retine; como um ministro da Palavra ele é inútil e desprovido de verdadeira honra para com a Palavra. Fiel para com a Palavra ele é tudo; sem tal fidelidade, ele é nada. Tal é a responsabilidade do pregador.

Isto deve ser notado, a fim de que o Arminianismo não se infiltre no santo ofício. O pregador deve ser nada mais que instrumento do Espírito Santo; mesmo o sermão deve ser o produto do Espírito Santo. Supor que um pregador possa ter o mínimo de autoridade, de honra ou de significado oficial fora da Palavra, é tornar o ofício Arminiano; não o Espírito Santo, mas o pastor, é o operador; ele opera com todo o seu poder, e o Espírito Santo pode ser o assistente do ministro. Para evitar-se tal erro, as nossas igrejas Reformadas sempre têm se purgado da influência do clericalismo.

E através deste ofício, o chamado vai além do púlpito, na classe de catecismo, na família, nos escritos, e através de exortação pessoal. Contudo, nem sempre diretamente para cada pecador através do ofício. Num navio em alto mar, Deus pode usar um comandante devoto para chamar pecadores ao arrependimento. Num hospital sem

supervisão espiritual, o Senhor pode usar um homem ou mulher pios, para cuidar dos doentes e chamar suas almas ao arrependimento. Num povoado onde o 'quase-ministro' negligencia sua tarefa, pode parecer bem a Deus trazer almas à vida através de sermões e mensagens impressos ou mesmo livros, talvez mesmo através de uma mensagem num jornal, ou por intermédio de exortação pessoal.

E ainda assim, em todos esses casos, a autoridade para chamar repousa na embaixada divina do ministério da Palavra. Pois os instrumentos do chamado, se tratando-se de pessoas ou de letras impressas, procedem todos do ofício. As pessoas foram elas mesmas chamadas através do ofício, e elas somente transmitiram a mensagem divina; e os livros e materiais impressos ofereceram no papal o que é ouvido no santuário.

Este chamado do Espírito Santo procede na e através da pregação da Palavra, e chama o pecador regenerado a levantar-se da morte, e permitir que Cristo lhe dê luz. Não se trata de um chamado de pessoas ainda não regeneradas, simplesmente por que estes não têm ouvidos que ouvem.

É verdade, que a pregação de um missionário ou ministro da Palavra direciona-se também a outros, mas isto não encontra-se em conflito com o que acabamos de dizer. Em primeiro lugar, porque também existe um chamado aberto para os não regenerados, de forma a privá-los de desculpa, e para mostrar que eles não possuem ouvidos que ouvem. E segundo, porque o ministro da Palavra não sabe se uma pessoa é nascida de novo ou não, razão pela qual ele não faz nenhuma diferença.

Como regra, cada pessoa batizada deveria ser reconhecida como pertencente ao grupo dos regenerados (mas não sempre convertidos); pelo que o pregador deve chamar cada pessoa batizada ao arrependimento, como se ele tivesse nascido de novo. Mas que ninguém cometa o erro de aplicar esta regra, a qual aplica-se somente à Igreja como um todo, a cada pessoa na Igreja. Isto seria ou o clímax do descuido ou uma completa incompreensão da realidade da graça de Deus.

XXVIII. A vinda dos Chamados.

"Para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama." - Romanos 9:11

A questão é, se os eleitos cooperaram no chamado.

Nós dizemos, Sim; pois o chamado não é chamado, no sentido mais completo da palavra, a menos que aquele que é chamado possa ouvi-lo e o ouça tão distintivamente que lhe cause impressão, que faça com que ele se levante e obedeça a Deus. Por esta razão os nossos pais, pelo bem da clareza, costumavam diferenciar entre o chamado ordinário e o chamado efetivo.

O chamado de Deus não vai somente até o eleito. O Senhor Jesus disse: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos"[Mateus 22:14]. E a questão mostra que massas de homens morrem não convertidos, embora chamados pela chamada exterior, a chamada ordinária.

Nem deveria, este chamado externo, ser diminuído ou considerado sem importância; pois é através dele que o julgamento de muitos deverá ser feio mais pesado, no dia do julgamento: "...se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido, com saco e com cinza. Por isso Eu vos digo, que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no dia do juízo, do que para vós"[Mateus 11:21, 22]; "E o servo que soube a vontade do seu Senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a Sua vontade, será castigado com muitos açoites"[Lucas 12:47]. Ademais, o efeito deste chamado externo algumas vezes alcança muito mais profundamente do que supõe-se geralmente, e algumas vezes traz alguém ao ponto exato da conversão real.

Os não regenerados não são assim tão insensíveis à verdade para que não sejam nunca tocados por ela. As palavras decisivas do capítulo 6 da Carta aos Hebreus, com relação aos aparentemente convertidos que até mesmo experimentaram o gosto da dádiva celestial, provam o contrário. São Pedro fala de porcas que foram lavadas e então voltaram a revolver-se na lama. Uma pessoa pode ser persuadida a tornar-se um quase Cristão. Pois pela venda dos seus bens, o jovem governador teria sido ganho por Cristo. Portanto, o

efeito do chamado ordinário não é de forma alguma tão fraco e exíguo como muitas vezes se crê. Na parábola do semeador, somente o quarto grupo de ouvintes pertence aos eleitos, pois só eles dão fruto; ainda assim, há considerável crescimento entre duas das classes restantes. Uma delas até mesmo produz caules altos e mesmo espigas, somente não há nenhum fruto.

E por este motivo os homens que acompanham o povo de Deus deveriam honestamente examinar os seus próprios corações, se o seu seguir a palavra é o resultado de a semente ter caído em "solo bom". Oh, pode haver tanto brilho e mesmo alegria; e ainda assim somente para estar chocado, por não conter o genuíno germe da vida.

A todas essas pessoas não regeneradas falta a graça salvadora. Eles ouvem somente com a compreensão carnal. Elas recebem a Palavra, mas somente no campo da sua imaginação não santificada. Eles permitem que ela opere em sua consciência natural. E a Palavra persiste somente sobre as ondas de suas emoções naturais. Assim eles podem muito bem chegar às lágrimas, e amam ardentemente o que quer que assim os afete. Sim, eles com freqüência vezes fazem muitas boas obras as quais são verdadeiramente dignas de menção; eles podem até mesmo doar seus bens para os pobres, e seus corpos para serem queimados. Sua salvação é portanto considerada como sendo ponto pacífico. Mas o santo apóstolo destrói completamente sua esperança, ao dizer que "embora falem com línguas de homens e de anjos, que compreendam todos os mistérios, que embora doem todos os seus bens para alimentar os pobres, e que embora dêem os seus próprios corpos para serem queimados, e não tiverem amor, nada disso se lhes aproveitará" (N.T. vide I Coríntios 13).

Portanto, para ser filho de Deus e não simplesmente um metal que soa, uma visão profunda nos divinos mistérios, uma imaginação fértil, uma consciência atribulada, e ondas de sentimento não são exigidos, pois todos esses podem ser experimentados sem qualquer pacto de graça real; mas o que é necessário é um amor verdadeiro, profundo, operando no coração, iluminando e vitalizando todas essas coisas.

O pecado de Adão consistiu nisto, que ele baniu todo o amor de Deus de seu coração. Agora é impossível ser natural ou indiferente

para com Deus. Quando Adão cessou de amar a Deus, ele começou a odiá-LO. E é essa inimizade para com Deus que agora se encontra no fundo do coração de cada um dos filhos de Adão. Portanto a conversão significa isso, que um ser humano livra-se daquela inimizade e recebe amor em seu lugar. Está tudo bem com aquele que diz com o seu coração, "Eu amo o Senhor"; o que mais poderia ele desejar ? !

Mas enquanto não houver amor por Deus, não existe nada. Pois a mera vontade de fazer algo por Deus, ou mesmo a capacidade de suportar grandes sacrifícios, e ser bem pio e benevolente, a não ser que tudo isso seja resultado do motivo justo e certo, é na verdade nada mais que um desprezo para com Deus. Conquanto bonito e maravilhosa seja a cobertura, todas essas aparentemente boas obras são interiormente apodrecidas, corrompidas pelo pecado, e decaídas. Somente o amor concede o sabor real ao sacrifício. Por esta razão o santo apóstolo declara de maneira tão firme e severa que, "...ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria"[I Coríntios 13:3].

Fazer boas obras para ser salvo, ou, para fazer favor a Deus, ou para dignificar e enaltecer a própria piedade, é um crescimento da raiz antiga e quando muito nada mais que uma aparência do amor. Nutrir o verdadeiro amor por Deus é alguém ser constrangido pelo amor a render o seu próprio ego, com tudo o que é e com tudo o que tem, e permitir que Deus seja Deus novamente. E o chamado geral, ordinário, externo não pode nunca alcançar isto, é realmente incapaz de produzi-lo.

Por conseguinte, deixamos o chamado ordinário e retornamos ao chamado que é particular, maravilhoso, interno e efetivo; o qual é endereçado não a todos, mas exclusivamente aos eleitos.

Este chamado, do qual é mencionado como "celestial"[Hebreus 3:1 = "Por isso, irmãos santos, participantes da vocação (do chamado) celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão"], como "santo"[II Timóteo 1:9 = "Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação (santo chamado); não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos

séculos"], como "sem arrependimento"[Romanos 11:29 = "Porque os dons e a vocação (o chamado) de Deus são sem arrependimento"]; é "conforme o propósito de Deus"[Romanos 8:28-29 = "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou"], é "do alto, em Cristo Jesus nosso Senhor"[Filipenses 3:14 = "Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação (chamado) de Deus em Cristo Jesus]; e não tem o seu ponto de partida na pregação. Aquele que nos chama, que nos vocaciona através do chamado não é o ministro, mas sim Deus. E este chamado vai adiante por intermédio de duas agências, uma vindo até o homem externamente, e a outra internamente. Ambas estas agências são efetivas, e o chamado terá atingido o seu propósito e o pecador terá vindo a arrepender-se assim que as suas duas obras se encontrarem e se unirem, no centro, no íntimo do seu ser.

Assim é que negamos que o regenerado, ao ouvir a Palavra pregada, virá por si mesmo. Nós não compreendemos, assim, a sua cooperação. Pois se o chamado interno, o chamado íntimo for suficiente, como então acontece de o regenerado algumas vezes ouvir a pregação sem se levantar, sem arrepender-se, recusando-se a permitir que Cristo lhe dê luz? Mas nós sim, confessamos que, o chamado do regenerado é duplo: externamente, através da pregação da Palavra, e internamente, através da exortação e da convicção do Espírito Santo.

Assim é que a obra do Espírito Santo no chamado tem dois aspectos, é duplo:

A primeira obra é, como Ele vem com a Palavra: a Palavra a qual é inspirada, preparada, empenhada em escrita, e preservada por Ele Próprio, que é Deus Espírito Santo. E Ele traz aquela Palavra aos pecadores através de pregadores a quem Ele Mesmo dotou com talentos; com animação e com visão espiritual. E são maravilhosamente Ele conduz a pregação através do canal do ofício e do desenvolvimento histórico da confissão, que por fim ela chega até

o pecador na forma e característica requerida para afetá-lo, tocá-lo e ganhá-lo.

Enxergamos nisto um direcionamento mui misterioso do Espírito Santo. Passado o fato, um pregador verá que, quando da sua pregação em determinada igreja, numa determinada hora, uma pessoa regenerada foi convertida. E, todavia, ele não havia se preparado especialmente para tal. Frequentemente ele nem mesmo conhecia tal pessoa; muito menos sua condição espiritual. E ainda assim, sem sabê-lo, seus pensamentos foram guiados e sua palavra foi preparada de tal forma pelo Espírito Santo; talvez ele tivesse olhado para aquela pessoa de maneira tal que a sua palavra, em conexão com a operação interna, íntima do Espírito Santo, tornou-se para ela a Palavra de Deus real e concreta. Muitas vezes ouvimos ser dito: "Aquilo foi pregado diretamente para mim". E na verdade o foi. Deveria ser entendido, no entanto, que não foi o ministro quem pregou a você, pois ele nem sequer pensou em você; mas foi o Espírito Santo em Pessoa. Foi Ele quem pensou em você. Foi Ele quem tinha tudo preparado para você. Foi Ele, quem operou em você.

Os ministros da Palavra devem, portanto, ser excessivamente cuidadosos para não propagar, o mínimo que seja, acerca das conversões que ocorrem sob o seu ministério. Quando, após dias improdutivos o pescador puxa sua rede cheia de peixes, é motivo para a rede se vangloriar? Não retornou ela vazia vez após vez, e então quase desfez-se em pedaços, com o peso dos muitos peixes?

Dizer que conversões provam a eficiência do pregador é contra a Bíblia. Podem haver dois ministros, um muito bem embasado na doutrina, o outro nada mais que somente iluminado; e todavia o primeiro não tem conversões em sua igreja, enquanto que o último está sendo ricamente abençoado. Nisto o Senhor Deus é e permanece sendo o Senhor Soberano. Ele passa ao largo dos campeões pesadamente armados no exército de Saul, e Davi, com pouco mais que nenhuma arma, abate o gigante Golias. Tudo o que um pregador tem a fazer é considerar como, em obediência ao seu Senhor, ele pode ministrar a Palavra, deixando os resultados com o Senhor. E quando o Senhor Deus der-lhe conversões, e Satã cochichar no seu ouvido, "Que excelente pregador você é, que lhe foi dado converter

tantos homens!" então ele deve dizer, "Afasta-te de mim, Satã", dando toda glória somente ao Espírito Santo.

Contudo, não é somente o único cuidado do Espírito Santo, de tal forma e foco de vida, fazer com que a Palavra chegue até uma pessoa regenerada, mas Ele também acrescenta uma segunda obra, a saber, que através da qual a Palavra pregada efetivamente penetre no próprio centro do coração e da vida daquela pessoa regenerada.

Através desse segundo cuidado, Ele ilumina tanto o entendimento natural e fortalece a capacidade natural e a imaginação do regenerado que ele recebe o teor geral da Palavra pregada e compreende de forma completa e inteira o seu conteúdo.

Mas isso não é tudo, pois até os pretensos crentes podem fazê-lo. A semente da Palavra alcança este crescimento, também naqueles que receberam a semente num terreno rochoso e em meio a espinhos. Assim é que a isto é acrescentada a iluminação do seu entendimento, dádiva maravilhosa a qual capacita-lhe não somente para captar o sentido geral da Palavra pregada, mas também para perceber e dar-se conta de que esta Palavra vem até ele diretamente de Deus; que ela afeta e declara culpado o seu próprio ser, assim fazendo com que ele penetre na essência oculta da Palavra, e sinta o aguilhão afiado o qual efetua a convicção.

Finalmente, o Espírito Santo ocupa-se desta convicção - a qual do contrário se esvaneceria rapidamente - tanto quanto e tão severamente, que finalmente o aguilhão, tal como o fino fio de um bisturi, corte a pele grossa e abra a ferida purulenta. Isto é, no chamado, uma operação maravilhosa. O entendimento geral coloca o assunto perante ele; a iluminação revela-lhe o seu conteúdo; e a convicção coloca a espada de dois gumes diretamente apontada ao seu coração. Então, no entanto, ele é inclinado a encolher-se daquela espada; não para permitir que o fira, mas para que brilhe inofensivamente na alma. Mas então o Espírito Santo, em atividade total, continua a pressionar aquela espada da convicção, levando-a tão fortemente à alma, que por fim ela trespassa, e surte efeito.

Mas isto não finaliza o chamado. Pois após o Espírito Santo haver feito tudo isso, Ele começa a operar sobre a vontade; não por dobrá-la forçosamente, como um vergalhão de ferro na mão forte do

ferreiro, mas por faze-la, embora ainda rígida e insubmissa, maleável e branda a partir do seu íntimo. Ele não poderia assim fazê-lo no não regenerado. Mas havendo estabelecido na regeneração a fundação de todas essas operações subseqüentes na alma, Ele assim procede com a construção; ou, para utilizar uma outra figura, Ele colhe os brotos do germe plantado no solo. Os brotos não simplesmente aparecem por si mesmos, mas Ele os retira do germe, da semente. Um grão de trigo depositado numa mesa permanece o que é; mas no solo, aquecido pelo sol, o calor faz com que ele brote. E assim também aqui. O germe vital de nada é capaz por si mesmo; ele permanece sendo o que é. Mas quando o Espírito Santo faz com que os raios estimuladores do Sol da Justiça brilhem sobre ele, ele então germina, e assim Ele retira dali o talo, a espiga e o grão na espiga.

Portanto, a rendição da vontade é o resultado de uma delicadeza e de uma emoção e de uma afeição, as quais provém do germe de vida implantado, através do qual a vontade, a qual anteriormente era inflexível, torne-se maleável; através do qual aquele que encontrava-se inclinado para a esquerda possa ser posicionado à direita. E assim, através daquele último ato, a convicção com tudo o que ela contém, foi trazida até a vontade; e o resultado disto foi a rendição do "eu", dando glórias a Deus.

E desta forma o amor penetrou na alma terno, genuíno, e misterioso, o êxtase do qual vibra em nossos corações durante toda a nossa vida posterior.

E isto finaliza a exposição da obra divina do chamamento. Ela pertence só aos eleitos. Ela é irresistível, e homem nenhum pode impedi-la. Sem ela nenhum pecador jamais passou da amargura da inimizada para a doçura do amor. Quando o chamado e a regeneração coincidem, eles parecem ser um; e assim o são para a nossa consciência; mas na realidade são distintos. Eles diferem neste aspecto, que a regeneração tem lugar independentemente da vontade e do entendimento; que ela é operada em nós sem o nosso auxílio ou cooperação; enquanto que no chamado, a vontade e o entendimento começam a agir, de forma que ouvimos com ambos, o ouvido externo e o ouvido interno, e com a vontade inclinada nós estamos prontos para sair, para a luz.

XXIX. Conversão de Todos os que Vêm.

"...converte-me, e converter-me-ei..." - Jeremias 31:18

O eleito, nascido de novo e efetivamente chamado, converte-se a si mesmo. É impossível permanecer não convertido; mas ele inclina seus ouvidos, ele volta sua face a Deus abençoado, ele é convertido no sentido mais completo da palavra.

Na conversão, o fato da cooperação da parte do pecador salvo assume uma característica claramente definida e perceptível. Na regeneração não havia nenhuma cooperação; no chamado houve o começo; na conversão propriamente, ela tornou-se um fato. Quando o Espírito Santo regenera um homem, é a "Effatha", i.e. Ele abre, Ele desimpede o ouvido. Quando Ele efetivamente o chama, Ele fala àquele ouvido aberto, desimpedido, o qual coopera ao receber o som, isto é, ao ouvir. Mas quando o Espírito Santo realmente converte o homem, então o ato do homem coaliza-se com o ato do Espírito, e é dito: "Deixe o ímpio o seu caminho, . . . e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele..."[Is 55:7]; e em outra passagem: "A lei do SENHOR é perfeita, e refrigera a alma"[Salmo 19:7].

É um fato impressionante que as Sagradas Escrituras refiram-se à conversão quase que cento e quarenta vezes como sendo um ato do homem, e somente seis vezes como um ato do Espírito Santo. Na Bíblia é repetido vez após vez: "Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões"[Jeremias 3:22]; "...e os pecadores a Ti se converterão"[Salmo 51:13]; "...arrepende-te, e pratica as primeiras obras..."[Apocalipse 2:5]. Mas a conversão como um ato do Espírito Santo é descrita somente no Salmo 19:7 = "A lei do SENHOR é perfeita, e refrigera a alma"[N.T. o autor utiliza e cita a versão "King James": "The law of the LORD is perfect, converting the soul" ("A lei do SENHOR é perfeita, convertendo a alma")]; em Jeremias 31:18 = "...converte-me, e converter-me-ei"; em Atos 11:18 = "...deu Deus o arrependimento para a vida"; em Romanos 2:4 = "...a benignidade de Deus te leva ao arrependimento"; em II Timóteo 2:25 = "...a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade"; em Hebreus 6:6 = "...sejam outra vez renovados para arrependimento".

Este fato deve ser cuidadosamente considerado. Quando a Bíblia apresenta a conversão como sendo um ato do Espírito Santo somente seis vezes, e como um ato do homem cento e quarenta vezes, esta mesma proporção deveria ser observada na pregação. E, portanto, os pregadores que, quando pregando sobre a conversão tratam-na invariavelmente no seu aspecto passivo e no abstrato, a quem aparentemente lhes falta coragem e ousadia para declarar aos seus ouvintes que é sua tarefa converterem-se a Deus, erram de maneira muito séria. Pois têm uma visão muito pia, se bem que contrária à Bíblia. E ainda assim é perfeitamente natural que alguém hesite ao dizer, "Você deve converter-se", tanto quanto regeneração e conversão ainda são confundidas. Pois, então, a declaração "Você deve converter-se", ignora a soberania de Deus, e aquele que nada deduz do estado de morte no qual encontra-se o pecador, teme "falar para ouvidos surdos". Assim é que oram pela conversão dos ouvintes, mas não ousam, em o Nome do Senhor, demandar deles tal conversão.

E nada pode ser deduzido da soberania divina ou do estado de morte do pecador. Cada demanda por conversão, que tenha tal tendência de dedução, é Pelagianismo, e deve ser rejeitada. Mas se o ensinamento da Igreja Reformada neste aspecto for inteiramente compreendido, toda a dificuldade desaparece.

Deve ser notado, contudo, que a Bíblia, ao falar de conversão, nem sempre implica que seja uma conversão salvadora. A obra real da salvação é sempre acompanhada em seu curso por um espectro. Juntamente com a fé salvadora vai a fé temporal; juntamente com o chamado efetivo, o chamado ordinário; e juntamente com a conversão salvadora, a conversão ordinária.

A conversão no seu sentido salvador ocorre somente uma vez na vida do homem, e este ato nunca pode ser repetido. Uma vez havendo passado da morte para a vida, ele está vivo e ninguém pode devolvê-lo à morte. A perdição não é um regato cortado por muitas pontes; nem tampouco o santo, lançado entre infinitos temores e esperança, cruza a ponte em direção à vida, para logo em seguida retornar, cruzando uma outra ponte, às praias da morte. Não; há somente uma ponte, a qual pode ser cruzada somente uma vez; e todo

aquele que cruza esta ponte não volta, é mantido pelo poder de Deus. Mesmo que os poderes todos se juntem para levá-lo de volta, Deus é mais forte que tudo e todos, e ninguém pode arrancá-lo da Sua mão.

Declaramos isto tão distinta e vigorosamente quanto possível, pois neste ponto almas são muitas vezes guiadas na direção errada. Atualmente é repetidamente ouvido: "Sua conversão não é um ato momentâneo, mas sim um ato de vida, o qual se repete constantemente; e aí do homem que falhar, somente um dia, a ser convertido de novo". E isto também é completamente errado. A linguagem não deveria ser assim confundida. Ainda que a criança cresça durante vinte anos de pois de haver nascido, e antes que atinja a maturidade, todavia ele nasceu somente uma vez; pois nem a concepção ou a gravidez antes do seu nascimento, ou o seu crescimento após ele, podem ser chamados de "nascimento".

O limite, a fronteira fixada deve ser respeitada também neste aspecto. É verdade que a conversão é precedida por algo mais, mas aquilo não é chamado de "conversão", mas sim de "regeneração" e "chamado"; assim como também existe algo que ocorre após a "conversão", o que chama-se "santificação". Não há dúvida que o termo "conversão" também pode ser aplicado ao retorno dos filhos de Deus convertidos mas reincidentes em pecado, seguindo o exemplo na Bíblia; mas então o termo refere-se não ao ato salvífico da conversão, mas à continuação da obra uma vez iniciada, ou a um retorno não da morte, mas de um desvio temporário.

De forma a discriminar corretamente neste aspecto, é necessário notar a utilização em quádruplo sentido do termo "conversão", na Bíblia.

1. "Conversão", no seu escopo mais amplo, significa uma renúncia à perversidade, à impiedade, e uma disposição à moralidade. Neste sentido é dito dos Ninivitas que Deus viu suas obras, que eles abandonaram as obras más. Isto não implica, contudo, que todos estes Ninivitas pertenciam aos eleitos, e que cada um deles foi salvo.

2. "Conversão", no seu sentido limitado, significa conversão salvadora, como em Isaías 55:7 = "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que

se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar".

3. E novamente, "conversão" significa que, mesmo depois de haver se tornado um fato nos nossos corações, os seus princípios devem ser aplicados a cada relação da nossa vida. Uma pessoa convertida pode, por um longo tempo, continuar a permitir-se maus hábitos e práticas pecaminosas, mas os seus olhos são gradualmente abertos para o mal, e então ele arrepende-se e os abandona um após outro. Assim lemos em Ezequiel 18:30 = "...Tornai-vos, e converteiv-vos de todas as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropeço".

4. Finalmente, "conversão" significa o retorno de pessoas convertidas ao seu primeiro amor, após um tempo de fraqueza e frieza na fé, como por exemplo lemos em Apocalipse 2:5 = "Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras..."

Mas neste aspecto, falamos de conversão salvadora, da qual fazemos as seguintes observações:

Primeiro - Não se trata do ato espontâneo do regenerado. Sem o Espírito Santo, a conversão não seguiria a regeneração: Mesmo que chamado, alguém não poderia vir por si próprio. Assim é que é de fundamental importância reconhecer o Espírito Santo e honrar Sua obra como a causa primária da conversão, tanto quanto da regeneração e do chamado. E ninguém pode orar como deve, a menos que o Espírito Santo ore nele com lamentos inexprimíveis, de modo que nenhuma pessoa regenerada e chamada pode converter-se a si mesma como deve, a menos que o Espírito Santo comece e continue a boa obra nele. A obra redentora não é como o crescimento de uma planta, aumentando em si mesma. Não, se o santo é um templo de Deus, o Espírito Santo habita nele. E este habitar indica que tudo alcançado pelo santo é nele operado em comunhão com, pelo incitamento e através da animação do Espírito Santo. A vida implantada não é um germe isolado, deixado para criar raízes na alma sem o Espírito Santo e o Mediador, mas é sim, levada, mantida, regada e nutrida a cada momento, desde Cristo, pelo Espírito Santo. Assim como os homens não respiram sem o ar, e sem a operação da Providência ao vitalizar os órgãos da respiração e da articulação,

assim também é impossível que o homem regenerado possa viver e falar e agir a partir da nova vida, sem estar suportado, incitado, e animado pelo Espírito Santo.

Portanto, quanto o Espírito Santo chama aquele homem, e ele volta-se, então não existe a menor parte neste ato de sua vontade, que não esteja suportado, incitado e animado pelo Espírito Santo.

Segundo - Esta conversão salvadora é também a escolha consciente e voluntária e um ato da pessoa chamada e nascida de novo. Enquanto o ar impulsiona o impulso para falar vêm de fora, e meus órgãos da fala devem ser suportados pela providência de Deus, ainda assim sou eu quem fala. E num sentido muito mais forte o Espírito Santo opera na obra da conversão sobre as 'molas e engrenagens' da personalidade regenerada, de forma que todas as Suas operações devem passar através do ego do homem.

Muitas das Suas operações não afetam o ego, como no caso de Balaão. Mas não assim na conversão. Então o Espírito Santo opera somente através de nós. O que quer que seja a Sua vontade, Ele a faz nossa vontade; Ele faz com que todas as Suas ações sejam executadas através do organismo no nosso ser.

Assim é que ao homem deve ser comandado, "Converte-te a ti mesmo". O professor ordena ao aluno que fale, muito embora ele saiba que a criança não pode fazê-lo, sem a ajuda da Providência. Na nova vida, o ego depende do Espírito Santo, que nele habita e que nele opera. Mas na conversão, ele não sabe nada acerca deste habitar, nem que ele é nascido de novo; e seria inútil falar-se sobre tais assuntos. A ele deve ser dito, "Converte-te a ti mesmo". Se a ação do Espírito Santo acompanhar tais palavras, o homem se converterá; se não, ele continuará não convertido. Mas embora ele se converta, ele não se gabará, eu o fiz sozinho, mas dobra-se agora, em gratidão, e glorifica a obra divina, por intermédio da qual ele se converteu.

Nestes dois pontos encontramos evidência de conversão genuína: primeiro, que o homem assim demandado, converte-se a si mesmo, e então ele rende glórias com gratidão ao Espírito Santo somente. Não que tenhamos que a conversão de alguém será atrapalhada, impedida por negligência. Em toda a obra da graça de Deus, a Sua Onipotência varre para longe tudo o que possa resistir,

de modo que toda oposição se derrete tal como cera, e cada montanha de orgulho se esvanece da Sua presença. Nem a preguiça nem a negligência podem jamais atrapalhar que uma pessoa eleita passe da morte para a vida, no tempo por Deus apontado.

Mas existe uma responsabilidade para o pregador, para o pastor, para os pais e guardiães. Para não sermos culpados do sangue de alguém, nós devemos dizer a todas e cada pessoa que a conversão é seu dever urgente; e sem desculpas perante Deus. Após a sua conversão, nós devemos render graças a Deus, quem sozinho alcançou a conversão, na e através da Sua criatura.

Tradução livre: [Eli Daniel da Silva](#)

Belo Horizonte-MG, 05 de Maio de 2003.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Sexto - Justificação

XXX. Justificação

"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" - Rm 3:24

O Catecismo de Heidelberg ensina que a verdadeira conversão consiste destas duas partes: o **morrer** do velho homem, e o **ressurgir** do novo. Esta última parte deveria ser notada. O Catecismo não diz que a nova vida **origina-se** na conversão, mas que ela **ressurge** na conversão. Aquilo que ressurge deve haver existido antes. Senão, como poderia **ressurgir**? Isto concorda com nossa declaração que a regeneração precede a conversão, e que pelo chamado efetivo o filho de Deus nascido de novo é trazido à conversão.

Nós agora passaremos a considerar um assunto o qual, embora pertencendo ao mesmo tema e correndo paralelamente a ele, todavia move-se em linha totalmente diferente; a saber, a **Justificação**.

Na Bíblia Sagrada, a justificação ocupa o lugar de maior destaque, e é apresentada como sendo da maior importância para o pecador: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; Sendo **justificados** gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus"[Romanos 3:23, 24]. "Tendo sido, pois, **justificados** pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo"[Romanos 5:1]; "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa **justificação**"[Romanos 4:25]; "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e **justiça**, e santificação, e redenção"[I Coríntios 1:30].

E não somente é isto tão fortemente enfatizado pela **Bíblia**, mas foi também a própria essência da **Reforma**, a qual põe esta doutrina da "justificação pela fé" clara e corajosamente em oposição às "obras meritórias de Roma". "Justificação pela fé" era, naqueles dias, a senha dos heróis da fé, Martinho Lutero inclusive.

E quando, no presente século, uma santificação auto-operada apresentou-se novamente; como o poder real da redenção, foi o não insignificante mérito de Köhlbrugge, que ele, embora de forma menos compreensível do que os reformadores, fixou este tema da justificação, com penetrante veemência, na consciência da Cristandade. Pode ter sido supérfluo para as igrejas ainda verdadeiramente Reformadas, mas foi por demais oportuno para os círculos onde o tecido da grinalda da verdade tinha seus pontos menos juntos, e onde se permitiu que o sentido de justiça se enfraquecesse, como parcialmente no nosso próprio país, mas especialmente para além das nossas fronteiras. Há, na Suíça e na Boêmia, grupos de homens que ouviram, pela primeira vez, da necessidade da justificação pela fé, através das labutas de Köhlbrugge.

Através da graça de Deus, nossa gente não foi tão longe na direção errada; e onde os Éticos, largamente desde o princípio, apresentaram este ponto de doutrina, os Reformados se opuseram e ainda se opõem a eles, admoestando-os com toda a sua energia e tão freqüentemente quanto possível, para não fundir a justificação com a santificação.

Com relação à questão, como a **justificação** difere, por um lado, de "regeneração" e, por outro, de "chamado e conversão", respondemos que a justificação enfatiza a idéia de **direito**.

O direito regula as relações entre duas pessoas. Onde houver somente um, não existe nenhum direito, simplesmente porque não há relações a serem reguladas. Assim é que por **direito**, entendemos ou o direito de uma pessoa com relação à outra pessoa, ou a reivindicação de Deus sobre o homem. E é neste último sentido que utilizamos a palavra "direito".

O Senhor é o nosso Legislador, nosso Juiz, nosso Rei. Ele é, portanto, absolutamente Soberano: como Legislador, determinando o que é direito; como Juiz, julgando o nosso ser e o nosso agir; como Rei, dispensando recompensas e punições. Isto ilumina a questão da diferença entre justificação e regeneração. O novo nascimento e o chamado e a conversão têm a ver com o nosso ser enquanto pecadores ou como homens regenerados; mas a justificação tem a ver

com a **relação** a qual sustentamos com Deus, seja como pecadores ou como aqueles que nasceram de novo.

Fora da questão do direito, o pecador pode ser considerado como uma pessoa doente, que está infectada e inoculada com doença. Após o novo nascimento ela melhora, a infecção desaparece, a corrupção cessa, e ela prospera novamente. Mas isto se refere à sua **pessoa** sozinha, como ela é, e o que são os seus prospectos; não toca a questão do direito.

A questão do direito aparece quando eu vejo no pecador uma criatura não dele mesmo, mas **pertencente** a outrém.

Eis aqui toda a diferença. Se o homem for para mim o fator principal, de forma que eu não tenha nada mais em vista senão a sua melhora, o seu progresso, e o livramento da miséria, então o Deus Todo-Poderoso é, neste assunto todo, como um simples Médico, chamado e fornecendo assistência, que recebe Seu pagamento e é dispensado com muitos agradecimentos. A questão do direito não entra de jeito nenhum. Tanto quanto o pecador seja feito mais santo, tudo está bem. É claro, se ele for feito perfeito, tanto melhor. Entendendo claramente, no entanto, que o homem não pertence a si mesmo, mas para outrém, o assunto assume um aspecto inteiramente diferente. Pois então ele não pode ser ou **agir** como lhe aprouver, mas outrém tem determinado o que ele deve ser e o que ele deve fazer. E se ele faz, ou se é de maneira diferente, ele é culpado como um transgressor: culpado porque se rebelou, culpado porque transgrediu.

Por conseguinte, quando eu creio na soberania divina, o pecador se me aparece num aspecto totalmente diferente. Como infectado e mortalmente doente, há que se ter dele pena e tratá-lo delicadamente; mas considerado como pertencendo a Deus, encontrando-se sob Deus, e havendo roubado a Deus, aquele mesmo pecador torna-se um transgressor culpado.

Isto é verdadeiro, até certo ponto, com animais. Quando eu laço um cavalo selvagem nas pradarias da América, para treinar, nunca passa pela minha cabeça puni-lo por ser selvagem. Mas o cavalo disparado, em fuga, pelas ruas da cidade, deve ser punido. Ele está viciado; ele refugou seu ginete, ele recusou-se a ser liderado e escolheu seu próprio caminho. Então ele precisa ser castigado.

E muito mais assim com relação ao homem. Quando eu o encontro na sua rampante carreira de pecado, eu sei que ele é um rebelde, que ele quebrou as rédeas, refugou o ginete, e agora se arremete numa revolta louca. Assim é que tal pecador deve não somente ser curado, mas punido. Ele não precisa só de tratamento médico, mas antes de tudo, ele precisa de tratamento jurídico.

Além da sua doença, um pecador tem também feito o mal; não há nele virtude alguma; ele violou o direito; ele merece punição. Suponha, por um instante, que o pecado não houvesse tocado sua pessoa, não o houvesse corrompido, que tivesse deixado-o intacto como um homem, então não haveria nenhuma necessidade de regeneração, de cura, de ressurgimento, de santificação; não obstante ele teria ainda assim estado sujeito à vingança da justiça.

Assim é que o caso do homem em relação a Deus deve ser considerado juridicamente. Não é preciso temer aquela palavra, meu irmão. Antes, eu insisto para que ela seja pronunciada com ênfase tão forte quanto possível. Ela deve ser enfatizada, e o mais fortemente, porque por tantos anos ela foi desprezada; e às igrejas tem sido feito crerem que este aspecto "jurídico" do caso era de nenhuma importância; que era uma representação na realidade imerecida de Deus; que o principal era trazer adiante frutos para o arrependimento.

Lindo ensino, gradualmente empurrado ao mundo desde os gabinetes de filosofia: ensinamento que declara que a moralidade incluía o direito e encontrava-se muito acima do direito; que "direito" era basicamente uma noção da vida de épocas menos civilizadas e de pessoas mais cruas; mas de nenhuma importância à nossa época ideal e ao desenvolvimento ideal da humanidade e de indivíduos; sim, que em alguns aspectos é até questionável, e nunca deveria ser permitido entrar naquela santa e elevada e delicada relação que existe entre Deus e o homem.

O fruto desta filosofia pestilenta, é que agora na Europa a noção de direito está morrendo gradualmente, de consumo vagaroso. Entre as nações Asiáticas, este sentido, esta noção de direito tem vitalidade maior do que entre nós. "Poder" é, de novo, maior que "Direito". "Direito" é, de novo, o direito do mais forte. E os círculos luxuosos, os quais na sua agonia de espírito primeiro protestaram

contra o termo "jurídico" na teologia, agora descobrem com horror que certas classes na sociedade estão perdendo, mais e mais, o respeito pelo "jurídico" na "questão da propriedade". Mesmo com relação à posse de bens e imóveis, de tesouros e de terras, esta nova concepção de vida considera o "jurídico", uma idéia menos nobre. Amarga sátira! Você, que em sua petulância, começou a zombar do "jurídico" com relação a Deus, encontra agora o seu castigo no fato de que as classes mais inferiores começam a zombar deste mesmo termo "jurídico", com relação ao seu dinheiro e aos seus bens. Sim, mais que isso. Quando recentemente em Paris uma senhora foi julgada por haver atirado num homem e o matado, não somente o júri a absolveu, mas ela foi feita heroína, numa ovação. Aqui também outros motivos foram considerados como mais preciosos, e o aspecto "jurídico" não teve nada a ver com isso.

E, portanto, no nome de Deus e pelo direito o qual Ele ordenou, nós, urgentemente, demandamos que cada ministro da Palavra, e cada pessoa no seu lugar, ajude e labute, com consciência clara e com energia, para parar com esta dissolução do direito, com todos os meios de que dispuserem; e especialmente, solenemente e efetivamente, para restaurar ao seu próprio lugar de notoriedade, a característica jurídica da relação do pecador para com o seu Deus. Quando isto for feito, sentiremos novamente o estímulo que fará com que os músculos relaxados da alma se contraíam, despertando-nos da nossa semi-inconsciência. Cada ser humano; e especialmente cada membro da Igreja, deve novamente dar-se conta da sua relação jurídica para com Deus agora e para sempre; não se tratando meramente de homem ou mulher, mas sim criatura que pertence a Deus e que é absolutamente controlada por Deus; e culpada e merecedora de castigo, quando não agindo conforme a vontade de Deus.

Estando isto claramente compreendido, é evidente que a regeneração e o chamado, e a conversão, sim, mesmo a completa reforma e santificação, não podem ser suficientes, pois embora estas sejam gloriosas, e o libertem da poluição e da mancha do pecado, e o ajudem a não violar a lei com tanta freqüência, todavia elas não tocam a sua relação jurídica para com Deus.

Quando um batalhão amotinado se adentra em sérios perigos, e o general, sendo informado, os livra à custa de dez soldados mortos e vinte feridos, os quais não se haviam amotinado, e os traz de volta e os alimenta, você imagina que isto será tudo? Você não vê que tal batalhão ainda é suscetível a punição com pena de morte? E quando o homem amotinou-se contra o seu Deus, e pôs-se a si mesmo em perigo e quase pereceu com miséria, e o Senhor Deus proveu ajuda para salvá-lo, e o chamou de volta, e ele retornou, pode isto ser o fim? Você não enxerga, claramente, que ele ainda é suscetível de uma severa punição? No caso de um assaltante que rouba e mata, mas na fuga quebra a perna, e é enviado para o hospital onde é tratado, e sai do hospital aleijado e incapaz de repetir o seu crime, você imagina que, quando do seu julgamento, o juiz lhe concederá a liberdade, dizendo: "Ele agora está curado, e nunca mais roubará nem matará"? Não; ele será julgado, condenado, e encarcerado. Aqui também assim. Porque pelos nossos pecados e transgressões, nós nos ferimos, e nos tornamos miseráveis, e necessitamos de auxílio médico, será a nossa culpa esquecida por isso?

Por que, então, tais idéias injuriosas são trazidas entre o povo? Porque é que, sob a aparência de amor, um Cristianismo sentimental é introduzido, sobre o "querido Jesus", e "que nós estamos doentes", e "o Médico está passando", e que "Oh, é tão glorioso estar em comunhão com aquele santo Mediador" ?

A nossa gente é realmente ignorante do fato de que toda esta representação encontra-se diametralmente oposta à Bíblia Sagrada - em oposição a tudo o quanto sempre animou a Igreja de Cristo e a fez forte? Eles não percebem que um Cristianismo tão débil e esponjoso é um tipo de barro muito ruim para a modelação de heróis no Reino de Deus? E eles não enxergam que o número de homens que são agora levados ao "querido Jesus" é muito menor do que o dos homens antigamente levados ao Mediador do direito, que com o Seu precioso sangue satisfaz e redimiui todos os nossos pecados?

E quando a resposta é, "Mas é isso mesmo o que ensinamos; reconciliação no Seu sangue, redenção através da Sua morte! Já está tudo pago para nós! Venha somente, e ouça a nossa pregação e cante os nossos hinos!" então rogamos aos irmãos que assim falam, para

serem sérios por um instante. Pois, vejam, a nossa objeção não é que vocês neguem a reconciliação através do Seu sangue, mas que, ao silenciarem quanto à questão do direito de Deus, e ao nosso estado de condenação, e ao se darem por satisfeitos quando o povo "somente vem a Jesus", vocês tornam inutilizável a consciência da culpa, vocês fazem impossível o arrependimento genuíno, vocês substituem o quebrantamento de coração por um certo descontentamento consigo mesmo; e assim vocês enfraquecem a faculdade de sentir, de compreender, e de dar-se conta do que significa reconciliação através do sangue na cruz.

É bem possível trazer à pauta a reconciliação sem sequer tocar a questão do direito. Por algum mal entendido, dois amigos tornaram-se estranhos, separados e hostil um ao outro. Mas eles podem se reconciliar. Não necessariamente por fazer com que um note que violou os direitos do outro; esta talvez nunca tenha sido a intenção. E mesmo que algum direito tenha sido violado, não seria expediente falar do passado, mas cobri-lo com o manto do amor e olhar somente para o futuro. E tal reconciliação, se bem sucedida, é muito agradável, e pode ter custado a ambos, o reconciliado e o reconciliador muito de conflito e sacrifício, sim, preces e lágrimas. E ainda assim, com tudo isso, tal reconciliação não toca a questão do direito.

Neste aspecto, parece-nos que estes irmãos pregam a reconciliação. É verdade que eles a pregam com muito calor e mesmo animação; mas - e é esta a nossa reclamação - eles consideram-na e apresentam-na como um antagonismo causado por calúnia, mal entendidos, e inclinação errada, ao invés de pela violação do direito. E, conseqüentemente, sua pregação da reconciliação através do sangue da cruz, não mais faz com que a corda profunda vibre nas almas dos homens; mas relembra a reconciliação de dois amigos, quem numa hora má se tornaram estranhos um ao outro.

XXXI. Nossa Condição

"E creu ele no Senhor, e imputou-lhe isto por justiça" - Gênesis 15:6

O direito toca na condição do homem. Enquanto a lei não tenha provado-o culpado, não o tenha julgado e condenado-o, sua condição legal é a de um cidadão livre e cumpridor da lei; mas assim que a sua culpa é provada em corte e o júri o tenha condenado, ele passa daquela condição para a condição de um cidadão fora da lei, de quem quebra a lei.

O mesmo aplica-se à nossa relação para com Deus. Nossa condição perante Deus é ou a do justo, ou a do injusto. No primeiro caso, nós não somos condenados, ou somos libertos de condenação. Aquele que ainda encontra-se sob a condenação ocupa a condição do injusto.

Por conseguinte, e é digno de nota, a condição de um ser humano não depende do que ele é, mas sim da decisão das autoridades apropriadas, com relação a ele; não do que ele é realmente, mas do que ele é reputado ser.

Um escriturário, num escritório, embora inocente, é suspeito de fraude, e acusado perante uma corte de justiça. Ele alega inocência, mas a suspeita contra ele predomina e leva à convicção, e o juiz o condena. Agora, embora ele não tenha fraudado, é na verdade inocente, ele é reputado culpado. E uma vez que um homem não determina a sua própria condição, mas o seu soberano ou juiz é que o faz por ele, a condição deste escriturário, embora inocente, é, a partir do momento da convicção, a de alguém que quebrou a lei. E o contrário pode muito bem ocorrer. Na ausência de evidência convincente o juiz pode liberar um escriturário desonesto, quem, embora culpado e que tenha quebrado a lei, ainda retenha sua condição de um cidadão honesto e cumpridor da lei. Neste caso ele é desonroso, mas é reputado honrado. Assim é que a condição de um homem depende não do que ele na realidade é, mas do que ele é reputado ser.

A razão é, que a condição de um homem não tem referência ao seu ser interior, mas somente à maneira na qual ele deve ser tratado. Seria inútil determinar isso por si mesmo, pois seus concidadãos não o aceitariam. Embora ele repetisse uma centena de vezes, "Eu sou um cidadão honrado", eles não prestariam atenção alguma. Mas se o juiz o declarar, honrado; e eles então ousarem chamá-lo de desonroso,

haveria então um poder para manter sua condição contra aqueles que o atacam. Portanto, a declaração própria de alguém não lhe obtém nenhum status, nenhuma condição legal. Ele pode assumir, fingir uma condição de justiça, mas isto não tem nenhuma estabilidade, isto não é condição.

Isto explica porque, no nosso bom país, a condição legal de um homem como cidadão é determinada não por ele próprio, mas somente pelo rei, seja como soberano ou como juiz. O rei é juiz, pois todo julgamento é pronunciado em seu nome; e embora ao judiciário não possa ser negada uma certa autoridade independente do executivo, ainda assim em cada sentença é a judicatura do rei que pronuncia o julgamento. Por conseguinte a condição de um homem depende somente da decisão do rei. Agora o rei decidiu, de uma vez por todas, que cada cidadão nunca convicto de crime seja reputado honrado. Não porque todos sejam honrados, mas que eles devem ser reputados como tais. Desde que alguém nunca seja sentenciado, ele passa por honrado, mesmo que não o seja. E, assim que ele seja sentenciado, ele é considerado como desonrado, embora ele possa perfeitamente ser honrado. E assim, a sua condição legal é determinada por seu rei; e nisto ele é reputado não de acordo com o que ele é, mas o que o seu rei reputa-o ser. Mesmo na ausência do judiciário, é o rei quem determina a condição de alguém na sociedade, não de acordo com o que ela seja, mas de acordo com que o rei reputa-a ser.

O sexo de alguém é determinado não por sua condição, mas pelo que o tabelião tenha declarado ser, no seu registro de nascimento. Se por algum engano uma garota fosse registrada como menino, e portanto contada como menino, então no tempo devido ela será convocada para o serviço militar, a menos que o erro seja corrigido, e ela seja então contada como o que realmente é. Pode também ser que um pretense, e não o real, filho de um nobre rico seja no nome deste registrado. E ainda assim não faz nenhuma diferença quem seja seu pai na realidade, pois o Estado lhe garantirá suporte em todos os seus direitos de herança, porque ele passa-se pelo filho daquele nobre rico, e é reputado como seu filho legítimo.

Portanto, é regra na sociedade, que o status do homem seja determinado não por sua condição real, nem pelo que ele declare ser, mas pelo soberano sob quem ele se encontra. E este soberano tem o poder, por sua decisão, de designar a alguém o status ao qual, conforme sua condição, ele pertence, ou colocá-lo num status ao qual ele não pertence, mas ao qual ele é reputado pertencer.

Este é o caso, mesmo em assuntos onde erros e enganos estão fora de questão. Quando da morte do rei encontrando-se gestante sua viúva, é reputada a existência de um príncipe ou uma princesa, mesmo antes do nascimento dele ou dela. E; conseqüentemente, já enquanto a criança ainda é um bebê de colo, é reputado ser ela a proprietária de grandes posses, mesmo que tais posses possam estar inteira e completamente perdidas, antes que a criança venha sequer a ouvir sobre elas. E assim, há um número diferente de casos onde posição e condição, sem nenhuma falta ou erro de quem quer que seja, são inteiramente diferentes; simplesmente porque é possível que uma pessoa esteja num estado tal, no qual ela ainda não tenha crescido.

Só o rei é quem pode determinar o seu próprio status, a sua própria condição; se amanhã lhe aprouver registrar-se incógnito, como um conde ou um barão, ele estará livre das costumeiras honras reais.

Elaboramos um pouco mais sobre este ponto, porque os Éticos e os Místicos pegaram nossa pobre gente de uma forma tão triste, distanciando-os do hábito de considerar o reputar de Deus sobre eles. A palavra da Bíblia, "...Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça"[Rm 4:3], não é mais compreendido e entendido; ou é feito referir-se ao mérito da fé, que é a doutrina Arminiana.

O Espírito Santo sempre fala deste contar, deste reputar de Deus: "Estou contado (reputado) com aqueles que descem ao abismo"[Salmo 88:4]; "O Senhor contará (mencionará, reputará) na descrição dos povos que este homem nasceu ali"[Salmo 87:6]; "E isto lhe foi contado (reputado, a Finéias) como justiça, de geração em geração, para sempre"[Salmo 106:31], Então é dito acerca de Jesus que, "E cumprindo-se a escritura que diz: E com os malfeitores foi contado (enumerado)"[Marcos 15:28]; acerca de Matias que, "...foi

contado (enumerado, incluído) com os onze apóstolos"[Atos 1:26]; acerca da incircuncisão, a qual guarda os preceitos da lei, que "não será reputada (contada, considerada) como circuncisão?"[Romanos 2:26]; acerca de Abraão, que "...creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça"[Gálatas 3:6]; e acerca daquele que "que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça"[Romanos 4:5]; e dos filhos da promessa, que "...são contados como descendência"[Romanos 9:8].

É esse mesmo contar que se aparece aos filhos deste tempo presente de maneira tão problemática e incompreensível. Eles não terão ouvidos para isso. E, como Roma uma vez retalhou o tendão do Evangelho, ao fundir 'justificação' em 'santificação', misturando e identificando ambos, assim também o povo agora se recusa a ouvir a qualquer coisa exceto uma justificação Ética, a qual é realmente somente uma espécie de santificação. Por conseguinte o contar de Deus é desprezado. Não se faz caso dele. Ele não tem nenhum valor ou significado. A única questão é o que um homem é. A medida do valor é nada mais que o valor da nossa personalidade.

E a isto nos opomos enfaticamente. Trata-se de uma total negação da justificação; e tal negação é essencialmente motim e rebelião contra Deus, um retirar-se de sob a autoridade da soberania legal de alguém.

Todos aqueles que se consideram salvos porque têm emoções santas, ou porque se acham menos pecadores, e professam fazerem progresso na santificação - todos esses, conquanto dissimilares possam ser em todas as demais coisas, têm isto em comum, que eles insistem em serem contados de acordo com a sua própria declaração, e não de acordo com o que Deus conta-os serem. Ao invés de deixar, como criaturas dependentes que são, a honra de determinar o seu status, a sua condição, ao seu Rei soberano, eles sentam-se como juizes para determiná-lo eles mesmos, pelo seu próprio progresso em boas obras.

E não somente isso, mas eles também denigrem a redenção que está em Cristo Jesus, e diminuem a realidade da culpa à qual Ele satisfaz. Aquele que sustenta que Deus deve contar, reputar um homem de acordo com o que ele é, e não de acordo com o que apraz

a Deus contá-lo, nunca pode compreender como o Senhor Jesus pode suportar os nossos pecados, e ser uma "maldição" e "pecado" por nós. Ele deve interpretar este suportar pecados no sentido de uma comunhão física ou Ética, e buscar a reconciliação não na cruz de Jesus, mas na Sua manjedoura, como muitos na verdade o fazem hoje em dia.

E da mesma forma que eles assim fazem impensável o real suportar da nossa culpa pelo Mediador, assim também eles fazem impossível a culpa herdada.

Indubitavelmente, dizem eles, existe mácula herdada, tomada num sentido Maniqueísta, mas não uma culpa original. Pois como poderia a culpa de um homem morto ser contada em nós? É, portanto, evidente, que por essa impensada e atrevida negação do direito de Deus, não somente a justificação é desarticulada, mas toda a estrutura da salvação é roubada de suas fundações, dos seus alicerces.

E por que isto? É porque a consciência humana não pode conceber a idéia de sermos contados de acordo com o que não somos? Nossos exemplos da vida social mostram que os homens prontamente compreendem e diariamente aceitam tal relação em assuntos cotidianos. A causa profunda desta descrença encontra-se no fato de que o homem não descansará no julgamento de Deus com relação à sua pessoa, mas que ele busca descanso na sua própria estimativa acerca de si mesmo; que esta estimativa é considerada escudo mais seguro do que o julgamento de Deus com relação a ele; e que, ao invés de viver com os reformadores, pela fé, ele tenta viver pelo que é em si mesmo encontrado.

E disso os homens devem voltar-se. Isto nos leva de volta a Roma; isto é renunciar à justificação pela fé, isto é seccionar a artéria da graça. Muito mais que no terreno político deve o princípio sagrado ser aplicado ao Reino do céu, que ao nosso Soberano Rei e Juiz sozinho - pertence a prerrogativa, por intermédio de decisão sua, absolutamente determinar o nosso estado de justiça, ou de injustiça.

A soberania que repousa num rei terreal é só emprestada, é derivada, e colocada sobre ele; mas a soberania do Senhor nosso Deus é a fonte e manancial de toda autoridade e de toda força aglutinante.

Se pertence à própria essência da soberania, que só por intermédio da decisão do governador o status, a condição dos seus súditos seja determinada, então deve estar claro, e não pode ser de outra forma, que esta própria autoridade pertence originalmente, absolutamente, e supremamente ao nosso Deus. A quem ele julga culpado é culpado, e deve ser tratado como culpado; e a quem Ele declara justo é justo, e deve como justo ser tratado. Antes de entrar no Getsêmane, nosso Rei Jesus declarou aos Seus discípulos: "Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado"[João 15:3]. E esta é a Sua declaração mesmo agora, e deve para sempre permanecer assim. O nosso estado, o nosso lugar na eternidade, não depende do que somos, nem do que os outros vêm em nós, nem do que nós imaginamos ou presumimos sermos, mas somente do que Deus pensa de nós, do que Ele conta sermos, do que Ele reputa sermos, do que Ele, o Todo-Poderoso e Justo Juiz, declara que somos.

Quando Ele nos declara justos, quando Ele nos acha justos, quando Ele nos conta como justos, então nós somos, por isso mesmo, Seus filhos que não mentirão, e nossa é a herança dos justos, embora nós mintamos, no meio do pecado. E de maneira similar, quando Ele nos pronuncia culpados em Adão, quando em Adão Ele nos conta como sujeitos à condenação, então somos culpados, caídos, e condenados, muito embora descubramos em nossos corações nada além de suave e infantil inocência.

Só neste sentido deve ser compreendido e interpretado que o Senhor Jesus foi contado, com os transgressores, embora Ele fosse Santo; que Ele foi feito pecado, embora Ele fosse a Justiça viva; e que Ele foi declarado maldição em nosso lugar, embora Ele fosse Emanuel. Nos Seus dias de carne Ele foi contado com transgressores e pecadores, Ele foi colocado no seu estado, na condição deles, e Ele foi tratado de acordo; como o fardo da ira de Deus veio sobre Ele, e como o Seu Pai abandonou-O, e O entregou à morte mais amarga. Só na Ressurreição é que Ele foi restaurado ao status, à condição de Justo, e assim Ele foi assunto ao céu, para a nossa justificação.

Ó, este assunto vai tão profundo! Quando ao Senhor Deus é novamente atribuída a Sua soberana prerrogativa de determinar o status, a condição de um homem, então cada mistério da Bíblia

assume o seu lugar de direito; mas quando tal prerrogativa não Lhe é atribuída, então todo o caminho para a salvação deve ser falsificado.

Finalmente, se alguém disser: "Um soberano teral pode errar, mas não Deus; por conseguinte Deus deve assinalar a cada homem um status, uma condição que esteja de acordo com a sua obra"; então replicamos: "Isto seria assim, se a graça onipotente de Deus não fosse irresistível". Mas uma vez que ela é irresistível, você não é estimado por Deus conforme o que você é; mas você sim, é o que Deus o estima ser.

XXXII. Justificação desde a Eternidade

"...a justiça que vem de Deus pela fé" - Filipenses 3:9

Tornou-se evidente que a questão que concerne a nós mais proximamente é, não se somos mais ou menos santos, mas se o nosso status, se a nossa condição é a do justo ou a do injusto; e que isto é determinado não pelo que somos num dado momento, mas por Deus, como o nosso Soberano e Juiz.

Na criação de Adão Deus nos colocou, sem quaisquer méritos precedentes da nossa parte, no estado de justiça original. Após a queda, de acordo com a mesma prerrogativa soberana, Ele nos coloca, como descendentes de Adão, no estado de injustiça, imputando a culpa de Adão a cada um, pessoalmente. E exatamente na mesma maneira Ele agora justifica o pecador, i.e. Ele coloca-o, sem qualquer mérito prévio da sua parte, no estado de justiça de acordo com a Sua própria prerrogativa santa e inviolável. Na criação Ele não esperou primeiro para ver se o homem desenvolveria santidade em si mesmo, de forma a declará-lo justo com base nesta santidade; mas Ele declarou-o originalmente justo, mesmo antes que houvesse uma possibilidade, da parte do homem, de evidenciar um desejo por santidade. E após a queda, Ele não esperou para ver se o pecado se manifestaria em nós, para então designar-nos ao estado dos injustos, com base neste pecado; mas antes que nascêssemos, antes que houvesse uma possibilidade de pecado pessoal, Ele nos declarou culpados. E na mesma maneira, Deus não espera para ver se um pecador mostra sinais de conversão de forma a restaurá-lo à honra, como uma pessoa justa, mas Ele declara o

perverso justo antes que ele tenha tido a menor possibilidade de fazer qualquer boa obra.

Portanto, existe uma linha definida entre a nossa santificação e a nossa justificação. A primeira tem a ver com a qualidade do nosso ser, depende da nossa fé, e não pode ser executada fora de nós. Mas a justificação é efetuada fora de nós, independentemente do que somos, dependente somente da decisão de Deus, nosso Juiz e Soberano; de forma tal que a justificação precede a santificação, esta última procedendo da anterior, como um resultado necessário. Deus não nos justifica porque estamos nos tornando mais santos, mas tendo Ele nos justificado, crescemos em santidade: "...tendo sido justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira"[Romanos 5:9].

Não deveria nunca, haver a mínima dúvida com relação a este assunto. Cada tentativa de reverter esta ordem estabelecida pela Bíblia deve ser tenazmente resistida. Esta gloriosa confissão, declarada com tanto poder às almas dos homens nos dias da Reforma, deve continuar a jóia preciosa, ser transmitida intacta por nós à nossa posteridade, como uma herança sagrada. Enquanto nós mesmos não tivermos entrado ainda na Nova Jerusalém, nosso conforto não deveria nunca estar fundado na nossa santificação, mas exclusivamente na nossa justificação. Embora a nossa santificação nunca estivesse tão adiantada, enquanto não estivermos justificados nós permanecemos no nosso pecado e estamos perdidos. E se um pecador justificado morrer imediatamente após a sua justificação ser selada à sua alma, ele pode gritar de alegria, pois, apesar do inferno e de Satã, ele está seguro da sua salvação.

O significado profundo desta confissão é debilmente discernível nos nossos relacionamentos terrenos. Para poder negociar no pregão da bolsa de valores, uma pessoa deve primeiro ser cidadão honrado. Se convicto de algum crime, seja justa ou injustamente, ele será expulso do pregão, muito embora possa ser dez vezes mais honesto do que outros cujas transações fraudulentas nunca foram descobertas. E como este homem 'desonrado' poderá ser restaurado à sua antiga posição? Nas bases de transações honestas que fará no futuro? Isto está fora de questão; pois enquanto ele for contado, reputado como não honrado, não se lhe permitirá negociar no pregão.

Daí que ele não poderá provar sua honestidade através de nenhuma negociação seja na bolsa ou no mercado. Então, de modo a começar de novo, ele deve primeiro ser declarado um homem honrado. Então, e não antes, poderá ele estabelecer-se nos negócios novamente.

Chamemos este 'fazer negócios' de santificação, e a declaração de que se trata de um homem de honra, justificação; e então o tema será ilustrado. Pois como este negociante, sendo declarado 'desonrado', não pode conduzir negociações, enquanto perdurar em tal estado, em tal status; e precisa ser novamente declarado honrado antes de poder recomeçar, também um pecador não pode fazer qualquer boa obra enquanto for contado, reputado como perdido. E assim ele deve, primeiro, ser por Cristo declarado justo, de forma a transacionar negociações honradas de santificação.

Para provar que isto é executado absolutamente sem o nosso próprio mérito, fazendo ou não fazendo, e inteiramente fora da nossa condição real e atual, referimo-nos à prerrogativa real de conceder perdão e restabelecimento. Embora, entre nós, decisões do judiciário são promulgadas no nome do rei, e todavia não pelo próprio rei, é concebível uma certa oposição entre oposição entre o rei e o judiciário. Pode acontecer de que o judiciário declarasse alguém culpado e desonrado, a quem o rei não desejasse que fosse assim declarado. Para manter inviolada a majestade da coroa em tais casos, a prerrogativa de conceder perdão e restabelecimento é mantida por quase que cada um daqueles que são coroados soberanos; uma prerrogativa estritamente limitada na época presente, mas que não obstante representa ainda a idéia exaltada de que a decisão do rei, e não a nossa real condição, é que determina a nossa sorte. Assim é que um rei pode tanto conceder perdão, i.e., remir a culpa e isentar a pessoa culpada de todas as conseqüências do seu crime, ou, de forma ainda mais forte, conceder o restabelecimento, i.e. ele pode restaurar o acusado e condenado à condição de alguém que nunca foi declarado culpado de coisa alguma.

E esta exaltada prerrogativa real, da qual, no que conta o pecado, em soberanos terreaux existe senão uma sombra bruxuleante, é o direito inviolável no qual Deus Se regozija, Ele próprio sendo a Fonte e a Idéia todo-abrangente de toda majestade. Não você, mas

Ele é Quem determina o que a Sua criatura deverá ser; assim Ele soberanamente dispõe, pela palavra da Sua boca, o status, a condição na qual você estará, seja ela de justiça ou de injustiça.

É também evidente que a justificação do pecador não precisa esperar até que ele seja convertido, nem até que ele se torne consciente, nem mesmo até que ele nasça. Não poderia ser assim, se a justificação dependesse de alguma coisa nele, no pecador. Então ele não poderia ser justificado antes que existisse e tivesse feito alguma coisa. Mas se a justificação não está vinculada a qualquer coisa nele, então toda esta limitação deve desaparecer, e o Senhor nosso Deus ser soberanamente livre para perpetrar esta justificação a qualquer momento que Lhe aprouver. Daí a Bíblia Sagrada revelar justificação como sendo um ato eterno de Deus, i.e., um ato o qual não se encontra limitado, por qualquer momento, na existência humana. É por esta razão que o filho de Deus, buscando penetrar naquela gloriosa e deleitável realidade da sua justificação, não se sente limitado ao momento da sua conversão, mas sente que esta bem-aventurança flui a ele deste as profundezas eternas da vida oculta de Deus.

Deveria, portanto, ser confessado abertamente, e sem qualquer abreviação, que a justificação não ocorre quando nos tornamos conscientes dela, mas que, ao contrário, a nossa justificação foi decidida desde a eternidade, nos santos conselhos do nosso Deus.

Há, indubitavelmente, um momento na nossa vida quando pela primeira vez a justificação foi publicada à nossa consciência; mas sejamos cuidadosos ao distinguir justificação em si e a sua publicação. O nosso nome Cristão foi selecionado e a nós aplicado muito antes que nós, com clara consciência, o soubéssemos e o conhecêssemos como nosso nome; e embora houvesse um momento no qual ele tornou-se uma realidade viva para nós e foi pela primeira vez mencionado claramente no ouvido da nossa consciência; ainda assim nenhum homem, ninguém será tão tolo a ponto de imaginar que foi naquele momento que ele recebeu tal nome.

E também assim é aqui. Existe um certo momento quando aquela justificação se torna um fato vivo para a nossa consciência; mas de forma a tornar-se um fato vivo, ela deve haver existido

previamente. Ela não surge simplesmente da nossa consciência, mas é, sim, espelhada, refletida nela, e por conseguinte deve ter ser e estatura em si própria. Mesmo um bebê eleito, que faleça ainda no berço, é declarado justo, muito embora o conhecimento ou a consciência da sua justificação nunca haja penetrado em sua alma. E pessoas eleitas que, convertidas, como o ladrão na cruz, no seu último suspiro, podem dificilmente ser sensíveis da sua justificação, ainda assim também adentram a vida eterna, exclusivamente como resultado da sua justificação. Fazendo uma analogia com a vida diária, a um homem condenado, mesmo estando ausente, em terras estranhas, foi-lhe concedido perdão através da intercessão de seus amigos, inteira e completamente sem o seu conhecimento. Será que este perdão torna-se efetivo quando, muito tempo após ter sido concedido, as boas notícias a ele relativas alcançam aquele que foi perdoado, ou quando o rei assina os respectivos papéis? Das duas alternativas, claro que esta última. Assim também as justificações dos filhos de Deus, tornam-se válidas e efetivas não no dia, no momento em que são pela primeira vez publicadas às suas consciências, mas no exato momento em que Deus, no Seu santo trono de justiça, declara-os justos.

Mas - e não pode ser esquecido - esta publicação na consciência da própria pessoa deve necessariamente seguir-se; e isto nos traz de volta outra vez, à obra especial do Espírito Santo. Pois se no judiciário de Deus é mais particularmente o Pai quem justifica o perverso, e na preparação da salvação mais particularmente o Filho é quem, na Sua Encarnação e Ressurreição traz à tona a justificação, também o é, num sentido mais limitado, o Espírito Santo, particularmente, quem revela esta justificação às pessoas dos eleitos e faz com que eles se apropriem dela. É através deste ato do Espírito Santo que os eleitos obtêm o abençoado conhecimento acerca da sua justificação, o qual somente então passa a ser uma realidade viva para eles.

Por esta razão, a Bíblia revela estas duas verdades positivas, mas aparentemente contraditórias, com ênfase igualmente positiva: (1) que, por um lado, Ele nos justificou no Seu próprio trono de

justiça, deste a eternidade; e (2) que, por outro lado, somente na conversão é que somos justificados pela fé.

E por este motivo é que a própria fé é fruto e efeito da nossa justificação; enquanto também seja verdade que, para nós, a justificação passa a existir somente como um resultado da nossa fé.

XXXIII. Certeza da Nossa Justificação.

"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus." - Rm 3:24

As ilustrações precedentes projetaram inesperada luz no fato de que Deus justifica o **injusto**, e não aquele que é justo verdadeiramente em si mesmo; e segundo a Palavra de Cristo: "Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado"[João 15:3]. Elas ilustram o fato significativo que Deus não determina o nosso status, a nossa condição de acordo com o que somos, mas através do status, da condição à qual Ele nos designa, Ele determina o que seremos. A Confissão Reformada, que em todas as coisas inicia-se nas obras de Deus e não das do homem, tornou-se mais uma vez clara, eloquente e transparente. Então a Palavra divina, normalmente rebaixada à condição de um mero **pronunciamento**, mero **anúncio** do que Deus encontra em nós, torna-se uma vez mais o decreto, o mandamento do Seu poder criativo. Ele encontrou um homem injusto e disse, "Seja justo", e imediatamente ele tornou-se justo: "...e disse-te: Ainda que estejas no teu sangue, vive; sim, disse-te: Ainda que estejas no teu sangue, vive"[Ezequiel 16:6]

Desta forma as várias partes da obra redentora são arranjadas cronologicamente, cada uma no seu próprio lugar.

Enquanto prevaleceu a falsa e estreita idéia de que um homem era justificado **após** a conversão, baseado na sua aparente santidade, a justificação não podia **preceder** a santificação, mas devia **seguir-la**. Então o homem tornava-se primeiro santo, e, como recompensa ou reconhecimento desta santidade, ele era declarado justo. Partindo daí, a santificação vem **primeiro**, e justificação vem em **segundo**; uma justificação, portanto, sem qualquer valor, pois qual a utilidade de declarar que uma **bola é redonda**?

A Bíblia recusa-se reconhecer uma justificação posterior. Na Escritura, a justificação é sempre o **ponto de partida**. Todas as demais coisas surgem dela e seguem-se a ela. "...Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça," e somente então "santificação, e redenção"[I Coríntios 1:30]. "Tendo sido, pois, **justificados** pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça..."[Romanos 5:1, 2aa]. "Sendo **justificados** gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus"[Romanos 3:24]. E, "Aos que **predestinou** a estes também **chamou**; e aos que **chamou** a estes também **justificou**; e aos que **justificou** a estes também **glorificou**"[Romanos 8:30].

Por esta razão a Reforma fez a justificação pela fé o ponto de partida para a consciência, e através desta confissão bravamente e energicamente opôs-se à justificação de Roma, por boas obras; pois foi nesta justificação através de boas obras que aquela prioridade de santificação encontrava suas raízes.

A Igreja de Cristo não pode desviar-se desta linha reta, da Reforma, sem alienar-se a si mesma e separar-se da Sua cabeça e Fonte de Vida, injuriando-se vitalmente. Facções que, tais como os Éticos e os Metodistas (1) denigrem esta verdade, ao fazê-lo seccionam a fé nas suas raízes. Se as nossas igrejas desejarem uma vez mais serem fortes na doutrina e arrojadas no testemunho, elas não devem ser letárgicas na mera forma da doutrina, mas devem corajosa e entusiasticamente abraçar a doutrina; pois esta é o seu ponto cardeal, numa maneira excelente e superior. Somente aquele que heroicamente ousa aceitar a **justificação do injusto** torna-se verdadeiro participante da salvação. Somente este poderá confessar, de forma sincera e sem quaisquer reservas, a redenção que é soberana, que é imerecida e que é livre, em todas suas partes e em todo o seu operar.

A questão final, que perdura, ainda por ser discutida é: Como pode a justificação do injusto ser reconciliada com a divina Onisciência e Santidade?

Deve ser reconhecido que, neste aspecto, toda esta representação parece falhar. A objeção deve então ser feita:

"Seu argumento é expressado de forma perspicaz, mas não pode ser posto à prova. Quando um soberano na terra decide que o estado, o status, a condição de um homem deva ser diferente do que é na realidade, ele age com **ignorância**, com **erro** e com **arbitrariedade**. E desde que tais coisas não podem ser atribuídas a Deus, estas ilustrações não podem ser a Ele aplicadas".

E de novo: "Que um juiz terreal algumas vezes condene um inocente e liberte um culpado, e faça com que aquele ocupe o estado, o status, a condição deste, e **vice versa**, somente é possível porque o juiz é uma criatura falível. Fosse ele infalível, se ele pudesse pesar a culpa e a inocência com acuracidade perfeita, o erro não poderia ter sido cometido. Por conseguinte, se não existisse o pecado, aquele juiz não poderia ter agido de forma arbitrária, mas ele agiria de acordo com o certo, e decidiria pelo certo porque é certo. E, uma vez que o Senhor Deus é um juiz que julga todos os reinos, e quem conhece todos os nossos caminhos, em quem não pode haver falha ou erro ou ignorância, é então impensável; é impossível, é inconsistente com o Ser de Deus, que como o Justo Juiz Ele pudesse pronunciar um julgamento, uma sentença que não esteja perfeitamente de acordo com as condições realmente existentes no homem".

Sem a mais mínima hesitação, nos submetemos a esta crítica. É bem recebido que um erro, um engano através do qual um menino possa ser registrado como menina, que o filho de um camponês como sendo o filho de um nobre; através do qual um cidadão honesto e cumpridor da lei possa ser julgado como um fora da lei, e **vice versa**, está fora de questão no que tange a Deus. E, portanto, quando Ele justifica o injusto, como o juiz terreal declara o desonrável ser honrável, esses dois atos, que são aparentemente similares, são completa e inteiramente dissimilares, e não podem ser interpretados da mesma maneira.

E todavia, a exatidão da objeção em si mesma não invalida a comparação. A própria Bíblia muitas vezes compara atos de homens, os quais são necessariamente pecaminosos, aos atos de Deus. Quando o juiz injusto, aborrecido com as lágrimas e importunidade da viúva, finalmente disse: "...hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito"[Lucas 18:5], o Senhor Jesus nem por um

momento hesita em aplicar esta ação, embora advinda de uma origem injusta, ao Senhor Deus, dizendo: "Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite..."[Lucas 18:7].

Não pode ser de outra forma. Pois desde que todos os atos de homens, mesmo os melhores dos mais santos dentre eles, são sempre poluídos com pecado; ou seria impossível comparar qualquer ação humana com os atos de Deus, ou então se deve necessariamente considerar tais atos de homens em separado do motivo, da razão pecadora, e aplicar a Deus somente a **terça parte da comparação**.

E como Jesus não quis dizer que no final Deus deverá responder aos Seus eleitos, "para que enfim não voltem, e me importunem muito", mas sem falar do motivo, simplesmente apontou para o fato de que a oração insistente é finalmente ouvida, assim também nós, comparamos a decisão **errada** do juiz, declarando inocente aquele que é culpado, à decisão **infalível** de Deus, justificando o injusto, uma vez que, apesar da diferença de motivo, coincide com um terço da comparação.

Ademais, erros humanos estão fora da questão, com referência ao perdão e ao restabelecimento concedidos. Assim é que esta expressão, da soberania real, é de fato um exemplo direto da soberania do Senhor nosso Deus.

Mas, isto não esclarece a questão. Embora concedamos que o motivo injusto de erro não possa ser atribuído a Deus, ainda assim devemos inquirir: O que é o motivo de Deus, e como pode a justificação do injusto ser consistente com a Sua natureza divina?

Respondemos por apontar à excelente resposta do Catecismo, na questão 60: "Como és justo perante Deus?" - "Somente pela verdadeira fé em Jesus Cristo. Apesar das acusações de minha consciência de que tenho pecado gravemente contra todos os mandamentos de Deus e não ter observado nenhum deles, e ainda de eu ser sempre propenso a tudo que é mau, todavia Deus, sem nenhum mérito realmente meu, Ele me concede, apenas por Sua graça, os benefícios da perfeita expiação de Cristo, imputando-me Sua justiça e santidade, como se eu nunca tivesse cometido um simples pecado ou jamais tivesse sido pecador, tendo cumprido, eu mesmo, toda a

obediência que Cristo executou por mim, se somente aceito tal favor com um coração confiante".

Que o Senhor Deus justifica o injusto, não é porque Ele aprecie ficção, ou Se alegre com um terrível paradoxo, **chamar** alguém de justo, quem na realidade é ímpio; mas este fato corre em paralelo com o outro fato, de que alguém tão injusto é realmente justo. E o fato de que este alguém injusto, que em si mesmo é e permanece sendo ímpio; ao mesmo tempo é e permanece sendo **justo**, encontra seu motivo e base no fato de que Deus coloca este pecador pobre e miserável, em parceria com um Mediador infinitamente rico, cujos tesouros são inexauríveis. Através desta parceria, todos os seus débitos são quitados, e todos aqueles tesouros fluem, jorram de cima, para ele. Assim, embora ele em si mesmo continue afligido pela penúria, ele é ao mesmo tempo imensamente rico, em seu Parceiro.

Esta é a razão porque tudo depende da fé no Senhor Jesus Cristo, pois aquela fé é o vínculo da parceria. Se não houver tal fé, não há nenhuma parceria com o rico Jesus; e você continua no seu pecado. Mas se houver fé, então a parceria é estabelecida, então ela existe, e você entra em negócios não mais por sua própria conta, mas em parceria com Ele, que elimina todos os seus débitos, enquanto Ele o faz recipiente de todo o Seu tesouro.

E como isto deve ser entendido? É a Pessoa do Cristo que nos toma em parceria? E, uma vez que Deus não mais tem de considerar a nossa pobreza, mas pode agora confiar nas riquezas de Cristo, Ele portanto reputa-nos como bons e justos? Não, irmãos, e de novo, não! Não é assim, e não pode ser desta forma apresentado; pois então não haveria justificação na parte de Deus. Você tem uma nota para receber de alguém que falhou nos seus negócios, mas que foi aceito como parceiro de um rico banqueiro, que quitou todos os seus débitos. Existe, agora, por menor que seja, algum traço de misericórdia ou bondade da sua parte, quando você endossa o cheque daquele homem, seu devedor? Pois, agindo ao contrário, você não estaria contradizendo em cheio, fatos sólidos e tangíveis?

Não, o Senhor Deus não age de tal forma. Cristo não elimina o débito, e obtém-nos tesouro fora de Deus; nem tampouco o injusto entra, através da fé, em parceria com o rico Jesus **independentemente**

do Pai; nem Deus, estando informado destas transações, justifica o injusto, que já tinha se tornado um crente. Pois então não haveria nenhuma honra para Deus, nem louvor por Sua graça; não seria o injusto, mas ao contrário, um crente que era justificado.

O assunto todo não foi transacionado daquela forma. Foi o Senhor Deus, em primeiro lugar, que, sem respeito à pessoa, e por conseguinte sem respeito à fé na pessoa, de acordo com o Seu poder soberano, escolheu uma porção dos injustos para a vida eterna; não como um juiz, mas como um Soberano. Mas, sendo juiz tanto quanto Soberano, e portanto incapaz de violar o direito, Aquele que escolheu, isto é, o Deus Triúno, também criou e proveu tudo o quanto é necessário e requerido para a salvação; de forma que estas pessoas eleitas, no tempo determinado e através dos meios determinados, possam receber e experimentar as coisas através das quais, no final, comprovar-se-á que todo o agir de Deus foi majestade e justas todas as Suas decisões.

E, portanto, todo este arranjo do Pacto da Graça; e neste Pacto da Graça o arranjo do Mediador; e no Mediador o arranjo de toda satisfação, justiça e santidade; e daquela satisfação, justiça e santidade, primeiro a **imputação**, e depois dela, a **dádiva**.

Por esta razão é que Deus primeiro, realmente declara o injusto justo **antes** que ele creia, **para** que ele creia, e não **depois** que ele crê. Este ato justificador é o ato criativo de Deus, no qual também são depositadas a satisfação, a justiça e a santidade de Cristo, e do qual flui também a imputação, num conceder de todas estas ao injusto. Por isso é que não há neste ato de justificação a menor sombra de erro ou de inverdade. Só é declarado justo quem, sendo injusto em si mesmo, através desta declaração é e torna-se justo, em Cristo.

Só desta forma é possível compreender inteiramente a doutrina da justificação em toda sua riqueza e glória. Sem esta profunda concepção a seu respeito, a justificação é meramente o perdão do pecado, após o qual, encontrando-se aliviado do fardo, nós começamos a trabalhar para Deus com zelo recentemente vivificado. E isto não é nada mais que genuíno, fatal Arminianismo.

Mas, com este vislumbre mais profundo, o homem reconhece e confessa: "Tal perdão do pecado não me é de valia. Pois eu sei:

"Primeiro. Que eu serei, novamente, diariamente, contaminado pelo pecado;
"Segundo. Que eu terei dentro de mim, até o dia da minha morte, um coração pecador;
"Terceiro. Que até então, eu nunca serei capaz de alcançar a total observância da lei;
"Quarto. Que, desde que eu me encontro já condenado e sentenciado, eu não posso negociar no Reino de Deus tal qual um homem honrado".

A resposta da justificação, tal como a Bíblia a revela e a nossa Igreja a confessa, cobre estes quatro pontos da maneira mais satisfatória. Ela o aceita não como um santo, com uma santidade auto-assumida, mas como alguém que confessa: "Minha consciência me acusa de ter grosseiramente transgredido todos os mandamentos de Deus, e não ter mantido nenhum deles, e que eu ainda sou inclinado a todo o mal"; e todavia; você não é jogado fora. Ela lhe diz que você não pode depender de nenhum mérito próprio, mas que deve depender da graça, somente. Razão pela qual ela começa por colocá-lo no grupo dos seguidores e cumpridores da lei, dos que são declarados bons e justos, "tanto como se você nunca tivesse tido nem cometido pecado algum". Como a base da piedade ela não requer de você a manutenção da lei, mas ela lhe imputa e lhe dá o cumprimento da lei por Cristo; considerando-o como se você houvesse alcançado toda aquela obediência a qual Cristo alcançou por você. E eliminando assim a diferença do seu pecado passado e futuro, ela imputa-lhe e concede-lhe não somente a satisfação e a santidade de Cristo, mas inclusive a Sua justiça original, de maneira tal que você se coloca diante de Deus uma vez mais justo e honrado, e como se toda a história do seu pecado tivesse sido somente um sonho.

Mas a sentença final da resposta do Catecismo citada anteriormente deve ser notada: "se somente aceito tal favor com um coração confiante". E aquele "coração confiante", e aquele "aceito" - vejam, é a própria obra do Espírito Santo.

(1) - Vide Seção "5" do Prefácio do autor.

VOLUME DOIS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Sétimo - Fé

XXXIV. Fé em Geral

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" - Efésios 2:8

Quando o ato judicial do Deus Triúno, a justificação, é anunciada à consciência, a fé começa a ser ativa e expressar-se em obras. Isto nos leva a chamar a atenção dos nossos leitores, para a obra do Espírito Santo, a qual consiste no conceder da fé.

Nós somos salvos através da fé; e tal fé não se encontra em nós, ela é o dom de Deus. Trata-se muito especialmente de um dom do Deus Triúno, através de uma operação peculiar do Espírito Santo; "...ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo"[I Coríntios 12:3]. São Paulo chama o Espírito Santo de Espírito da Fé (II Coríntios 4:13). E em Gálatas 5:22 ele menciona a fé como o fruto do Espírito Santo.

Na salvação, quase que todas coisas dependem da fé, pelo que uma correta concepção da fé é essencial. Tem sido sempre o alvo do erro envenenar o ser da fé, e assim destruir almas fracas, tanto quanto a própria Igreja. É, portanto, a tarefa urgente dos ministros instruir as igrejas com relação ao ser e à natureza da fé; através de definições corretas para detectar erros predominantes, e assim restaurar a alegria, o gozo de uma consciência de fé clara e bem fundamentada.

Por anos o povo tem ouvido às mais vagas e pobres teorias de fé. Cada ministro tem tido a sua própria definição e teoria, ou ainda pior, nenhuma definição que seja. De uma maneira geral eles têm sentido o que é a fé, e apresentado-a de forma eloqüente; mas estas descrições brilhantes, metafóricas e muitas vezes floreadas, têm freqüentemente mais obscurecido do que iluminado; eles têm falhado ao instruir. Sendo a definição de fé deixada à inspiração do momento, muitas vezes acontecia que o ministro, inconscientemente oferecia ao

seu povo, no sermão de Domingo, exatamente o oposto do que ele havia eloqüentemente proclamado no Domingo anterior. Não deveria ser assim. A Igreja também precisa crescer em conhecimento; e o que era suficiente para a Igreja Apostólica, não o é para a Igreja de hoje. Naquele tempo as idéias quanto a fé eram confusas; e os escritos mais primitivos mostram que os vários problemas relacionados à fé não tinham sido resolvidos.

Mas não é assim, nos escritos apostólicos, cuja inspiração é provada pelo fato de que eles contém uma resposta clara e definitiva para quase que todas estas questões. Mas depois que morreram os apóstolos, a profundidade da sua palavra ainda não compreendida, houve como que uma confusão infantil de idéias na Igreja dos primeiros séculos, até que o Senhor permitiu aparecerem várias formas heréticas de fé, as quais a Igreja foi compelida a opor-se pelas formas reais de fé. Para opor-se com sucesso, a Igreja teve de emergir daquela confusão e chegar até concepções e distinções mais claras. Por conseguinte as muitas diferenças e os muitos questionamentos e distinções que apareceram, subseqüentemente, com relação ao ser e ao exercício da fé. Devido aos calorosos debates, o real ser da fé tornou-se gradualmente mais definido e claramente distinto daquelas imitações e formas falsas. Que na atualidade cada trilha, seja boa ou má, tenha a sua própria e distintiva placa sinalizadora, de modo que ninguém tome a direção errada ignorantemente, é o fruto do longo conflito, travado com tanta paciência e talento.

Sem dúvida que a ignorância tem causado muito mal entendido. Mas, mantemos que um guia, que negligencie o exame das estradas antes que proponha-se a guiar viandantes, é indigno do seu título. E um ministro da Palavra é um guia espiritual, apontado pelo Senhor Jesus para conduzir peregrinos viajando para a Jerusalém celestial, através dos altos Alpes da fé, onde a comunicação normal da vida terrena já cessou, entre um e outro platô de montanha. Portanto ele é indesculpável quando, meramente supondo a localização da cidade celestial, ele aconselhe seus peregrinos a tentar a trilha que parece levar àquela direção. Em virtude do seu ofício, ele deveria fazer sua tarefa primordial conhecer qual é o caminho mais curto, mais certo e mais seguro, e dizer aos seus peregrinos que este,

e nenhum outro é o caminho. Antigamente, quando os vários caminhos, as várias estradas, as várias trilhas não haviam ainda sido examinadas, era até determinado ponto válido tentá-las todas; mas agora, uma vez que a sua característica enganosa é tão bem sabida e conhecida, é imperdoável experimentá-las novamente.

E quando as pessoas influenciáveis dizem, "Sobre todas as coisas, mantenhamos a nossa simplicidade, que utilidade tem para a nossa fé Cristã todas essas distinções fatigantes", perguntaríamos a eles se no caso de uma intervenção cirúrgica eles prefeririam um cirurgião que, na sua simplicidade corta não importa como ou onde; ou no caso de doença, um farmacêutico que simplesmente faz uma mistura com os conteúdos dos seus vários potes e garrafas, não importando os nomes das drogas; ou, para usar um outro exemplo, no caso de uma viagem marítima, será que eles simplesmente embarcariam num navio cujo capitão, farto do uso de cartas e instrumentos, numa doce simplicidade simplesmente girasse o timão do seu navio, meramente confiando em sua sorte?

E quando eles responderem, como devem, que em casos tais eles demandam profissionais inteiramente familiarizados com os menores detalhes das suas profissões, então perguntamo-lhes, no nome do Senhor e da sua responsabilidade para com Ele, como eles podem ir à labuta tão simplesmente, i.e., com tanta falta de cuidado e tão impensadamente, quando o que está em jogo é doença espiritual, ou a viagem através das insondáveis águas da vida, como se nesses assuntos uma discriminação completa fosse imaterial.

Recusamo-nos, portanto, a sermos influenciados por aquela conversa doentia a respeito de simplicidade com relação à fé, ou pelo ímpio clamor contra um tão chamado dogmatismo, mas buscaremos diligentemente fornecer uma exposição do ser da fé, o qual, erradicando erros, apontará para o único caminho, seguro e confiável.

Como um ponto de partida, que seja plenamente entendido que há uma distinção cortante, entre fé salvadora e fé a qual, nas várias esferas da vida é chamada de "fé em geral".

Quando Colombo é incitado, por uma compulsão interna, a fitar com seus incansáveis olhos o oceano ocidental, na direção do mundo o qual ele lá ele espera existir com uma certeza quase que

absoluta, chamamos a isto de fé; e ainda assim, a fé salvadora não tem nada a ver com esta inclinação instintiva na mente de Colombo. E o pregador, utilizando este e outros exemplos similares, caso contrário o mesmo que uma fraca analogia; não explica mas obscurece o tema, e leva a Igreja na direção errada.

Algumas vezes temos dentre nossas crianças uma cuja mente está constantemente ocupada por um objetivo ou uma idéia inconsciente, que o deixa desassossegado. Em anos posteriores, aquilo pode vir a ser o seu objetivo e propósito de vida. Trata-se da compulsão de uma lei interior pertencente à sua natureza; a atividade misteriosa e constrangedora de uma idéia controladora, que governa sua vida e sua pessoa. Pessoas assim constrangidas conquistam cada obstáculo; conquanto opostos, eles chegam cada vez mais próximos daquele propósito inconsciente, e ao final, devido a este impulso irresistível, eles atingem o que por tanto tempo têm aspirado. E isto é também, freqüentemente chamado de fé; ainda que tenha pouco mais que o nome, em comum com a fé da qual falaremos em breve. Pois enquanto tal fé excite a energia humana, e a exalte e a glorifique, a fé salvadora, ao contrário, derruba toda a grandeza humana.

O mesmo aplica-se à tão chamada fé nas idéias de alguém. Alguém é jovem e entusiasta; sonha sonhos lindos, de uma era dourada de felicidade e enxerga ideais maravilhosos de justiça e glória. Este mundo maravilhoso da sua fantasia parece confortá-lo pelos desapontamentos do seu mundo real. Se aquele fosse o mundo real, e se permanecesse sempre assim, teria quebrado o jovem coração e extinguido prematuramente o seu entusiasmo; e, envelhecido enquanto ainda jovem, ele teria aderido ao grupo dos pessimistas que perecem em desespero, ou o dos conservadores que encontram alívio no silenciar dos ditames mais elevados da consciência. Mas felizmente o número deste tipo de pessoas é pequeno. Nesta experiência dolorida muitos descobrem um mundo de ideais, i.e. eles têm a coragem de condenar este mundo pecador, cheio de miséria; e profetizar a vinda de um mundo melhor e mais feliz.

Que pena! Presunção jovem, correndo atrás dos seus ideais, muitas vezes fantasia que a causa de todos os males encontra-se nos

ancestrais. "Se meus antepassados tivessem somente enxergado e planejado as coisas como eu faço agora, o nosso progresso teria sido muito maior". Mas aqueles antepassados não viram assim. Eles erraram; por conseguinte os nossos ideais ainda não são reais. Mas há esperança; uma geração jovem, compreendendo estas coisas claramente, cedo será ouvida; então grandes mudanças acontecerão: muito da miséria existente desaparecerá, e o nosso mundo ideal se tornará real. E cruel é a resposta da experiência bruta. Pois o filho age tão tolamente quanto o pai o fez, antes dele. Consequentemente o mundo ideal não é alcançado. Ele clama em alta voz, mas os homens não o ouvem, eles recusam-se a serem libertos da sua miséria, e a velha tristeza permanece, para sempre.

Neste ponto a companhia de homens idealistas é dividida. Alguns abandonam o esforço, chamam seus sonhos ilusões, e, aceitando o inevitável, aumentam a corrente de almas atropeladas no mesmo nível. Mas umas poucas almas mais nobres recusam-se submeter-se a isto e à desventura ignóbil; e preferindo arremeter suas cabeças contra a parede de granito, com o grito "Aconteça o que acontecer"* agarram-se aos seus ideais. E destes homens, que não podem suficientemente ser amados e apreciados, diz-se que crêem. Mas mesmo esta fé não tem nada em comum com a fé salvadora; falar dela como sendo a mesma nada mais é senão profusão de línguas e um unir de coisas dissimilares.* (N.T. - o autor utilizou a expressão em Francês "Advienne qui pourra", que também significa "Seja o que for").

Finalmente, o mesmo aplica-se a uma forma muito mais baixa, ordinariamente chamada de fé, que é a expressão bem humorada de corações leves; ou o palpite certo quanto a alguma coisa que venha a ocorrer acidentalmente. Existem almas alegres, bem humoradas, que apesar da adversidade nunca parecem serem derrubadas ou feridas, que conquanto muito reprimidas, sempre contam com suficiente elasticidade em seus espíritos felizes para permitir que a mola mestra de suas vidas interiores ressalte novamente, em atividade total. Tais pessoas sempre têm um olho encorajador e cheio de esperança para todo seu derredor. Trata-se de pessoas estranhas a pressentimentos depressivos, e não acostumadas com temores

melancólicos. O cuidado, a preocupação não lhes roubam o sono, e a inquietude nervosa não faz com que o sangue lhes vá ao coração a passo redobrado. Não são, contudo, pessoas indiferentes, somente não são afetadas com facilidade. As coisas podem ir-lhes contra, nuvens podem nublar o seu céu, mas eles enxergam o sol ainda brilhando por detrás das nuvens, e profetizam, com sorriso encorajador, que a luz cedo vencerá as trevas. É, portanto, dito, que eles têm fé em pessoas e em coisas.

E esta fé, se não for muito superficial, deveria ser apreciada. Com milhões de almas em estado de melancolia, a vida neste país seria impossível; e isto é a causa, o motivo de gratidão, que a nossa característica nacional, de outra forma tão fleumática, crie filhos e filhas em cujos corações a fé da animação arde com tanto brilho. E algumas vezes as suas profecias realmente se cumprem; todos pensavam que a pequena embarcação naufragaria, e, vejam, ela alcançou e com segurança aportou na baía; e parece que a fé animada dos que a tripulavam foi de fato uma das causas da sua chegada feliz. E quando aqueles profetas perguntam: Não lhe dissemos? Vocês não estavam todos muito tristes e deprimidos? Não vêm que tudo deu certo?

Mas mesmo esta fé não tem nada, a não ser o nome, em comum com a fé salvadora. Devemos notar isto, especialmente porque, em instituições e em empreendimentos Cristãos, freqüentemente nos deparamos com homens e mulheres que são sustentados, amparados, escorados por este espírito de animação e de confiança inquestionável, e quem, com este estado de ânimo de esperança, muitos guiam uma embarcação Cristã, a qual de outro modo poderia naufragar, até um porto seguro. Mas este animo espiritual que, no Cristão, seja talvez fruto da fé genuína, não é, de forma alguma, a própria fé genuína. E diz-se, "Você vê agora, o que a fé pode fazer?", a fé salvadora é novamente confundida com esta fé em geral, a qual é encontrada algumas vezes até mesmo entre ímpios.

XXXV. Fé e Conhecimento.

"Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida" - João 3:36

Na discussão sobre a fé salvadora, a fé em geral não nos consegue ser da menor assistência. Para compreender o que é "fé", nós devemos voltar-nos para uma direção completamente diferente, e responder a questão: "O que é, entre as nações, a idéia raiz universal, e o significado original de fé?"

E então nos deparamos com este fenômeno singular, que entre todas as nações e em todos os tempos, fé é uma expressão que denota, num momento, algo incerto, e em outro momento, algo muito certo.

Pode ser dito: "Eu creio que o relógio bateu três, mas não estou seguro"; ou, "Eu creio que estas iniciais são H.T., mas não estou certo disso"; ou, "Eu creio que você pode tirar uma passagem direto para a Rússia, mas seria bom perguntar primeiro". Em cada uma dessas sentenças, as quais podem ser literalmente traduzidas para qualquer idioma conhecido, o verbo "crer" significa um mero palpite, algo menos que o conhecimento real, uma confissão de incerteza.

Mas quando eu afirmo, "Eu creio no perdão do pecado"; ou, "Eu creio na imortalidade da alma"; ou então, "Eu creio na integridade inquestionável daquele político"; o verbo "crer" não implica dúvida ou incerteza quanto àquelas coisas, mas significa a convicção mais forte quanto a elas.

Do que se segue, que cada definição do ser da fé deve estar errada, o que não explica como, desde uma e mesma idéia raiz, possa existir uma utilização dupla, diametralmente oposta, do mesmo termo.

Desta dificuldade não pode haver senão uma única solução, a saber, a diferença na natureza das coisas com relação às quais a certeza é desejada; de forma que, referindo-se a uma classe de coisas, a certeza mais alta é obtida através da fé, e, com referência a uma outra classe de coisas, não o é.

Esta diferença surge do fato de que existem coisas visíveis e invisíveis, e que a certeza relacionada a coisas visíveis é obtida através do conhecimento e não pela fé; enquanto que a certeza com relação a coisas invisíveis é obtida exclusivamente pela fé. Quando alguém nos fala acerca de coisas visíveis: "Eu creio", e não "Eu sei",

ele nos passa a impressão de estar incerto; mas, ao dizer com relação a coisas invisíveis, "Eu creio", ele nos dá a idéia de certeza.

Deve ser aqui observado que as expressões "visível" e "invisível" não devem ser tomadas num sentido muito estrito; por coisas visíveis deve ser entendido todas as coisas que podem ser percebidas pelos sentidos, como na Bíblia; e por coisas invisíveis, as coisas que não podem ser assim percebidas. Assim é que as coisas que pertencem à vida oculta, à vida íntima de uma pessoa devem, no final das contas, estar apoiadas na fé. Somente os seus atos pertencem ao grupo das coisas visíveis. Certeza com relação a estes pode ser obtida através da percepção dos sentidos. Mas certeza com relação à sua personalidade íntima, os seus pensamentos, suas afeições e a sinceridade delas, seu caráter e a dignidade do mesmo, e quaisquer outras coisas pertencentes à sua vida íntima, - certeza com relação a todos estes aspectos pode ser alcançada somente pela fé.

Se fôssemos adentrar mais profundamente neste assunto, deveríamos manter que toda certeza, mesmo com relação a coisas visíveis, apoia-se sempre e somente na fé; e deveríamos então relacionar as seguintes proposições: Quando você diz que você viu alguém na água e ouviu este alguém gritar por socorro, o seu conhecimento, a sua ciência apoia-se, primeiro, em sua crença de que você não sonhou mas que estava bem desperto, e que você não imaginou mas que na realidade viu a cena; segundo, na sua crença firme de que uma vez que você viu e ouviu algo, então deve haver uma realidade correspondente, a qual ocasionou aquele ver e ouvir; terceiro, na sua convicção de que ao ver alguma coisa, e.g., a forma de uma pessoa, os seus sentidos o capacitam a obter uma impressão correta daquela forma.

E, seguindo nesta maneira, poderíamos demonstrar que no final, toda certeza relacionada às coisas visíveis, tanto quanto às invisíveis, apoia-se, afinal, não na nossa percepção, mas na fé. É impossível para o meu ego obter qualquer conhecimento acerca de coisas situadas fora de mim sem uma certa dose de fé, a qual une-me a tais coisas. Eu devo sempre crer ou na minha própria identidade, isto é, de que eu sou eu mesmo; ou na clareza da minha consciência;

ou na percepção dos meus sentidos; ou na realidade das coisas que encontram-se fora de mim; ou no axioma do qual eu, procedo.

Pode, portanto, ser declarado, sem o menor exagero, que nenhum homem pode jamais dizer, "Eu sei isto ou aquilo", sem que seja possível provar-lhe que o seu conhecimento, num sentido mais profundo e sob uma análise mais próxima, depende, tanto quanto refere-se à certeza do conhecimento, da fé, somente.

Mas preferimos não considerar esta concepção mais aprofundada do tema, porque ela confunde mais do que explica o ser da fé; pois deve ser lembrado que na Bíblia, o Espírito Santo sempre utiliza palavras tal como elas ocorrem na fala comum da vida diária, simplesmente porque do contrário os filhos do Reino não poderiam compreendê-las. E, na vida diária, as pessoas não fazem tal distinção mais detalhada, mas dizem, no caso do exemplo citado anteriormente: "Eu sei que há um homem na água, pois eu vi sua cabeça e o ouvi gritar". Enquanto que, por outro lado, é dito no linguajar comum da vida cotidiana: "Se você não crê em mim, eu não posso falar com você"; indicando o fato que, com relação a uma pessoa, a fé é o único meio pelo qual certeza pode ser obtida.

E, tendo isto em mente, nós então, pelo bem da clareza, apresentaremos o assunto desta maneira: que o Senhor Deus criou o homem de tal forma que ele pode obter conhecimento de dois mundos, do mundo das coisas visíveis, e daquele das coisas invisíveis; mas tanto que ele obtém tal conhecimento com relação a cada um, de uma maneira especial e peculiar. Ele obtém o conhecimento do mundo das coisas visíveis através dos sentidos, os quais são instrumentos designados para trazer a sua mente em contato com o mundo exterior. Mas os sentidos não o ensinam nada com relação ao mundo das coisas invisíveis, para o que ele precisa, inteiramente, de órgãos diferentes.

Não temos nenhum nome para estes outros órgãos, como os temos para os cinco sentidos; ainda assim nós sabemos que daquele mundo invisível nós recebemos impressões, sensações, emoções; nós sabemos perfeitamente bem que estas diferem mutuamente em duração, profundidade e poder; e nós também sabemos que algumas destas nos afetam como reais, e outras como irrealis. Na verdade o

mundo invisível, tanto quanto o mundo visível, exerce influências sobre nós; não através dos cinco sentidos, mas através de órgãos inomináveis. Esta influência do mundo invisível afeta a alma, a consciência, o mais íntimo do ego. Este operar causa impressões na alma, excita sensações na consciência, e provoca emoções no ego íntimo.

E isto é feito, no entanto, de forma tal que há sempre espaço para a pergunta: "Estas impressões são reais? Eu posso confiar nestas sensações? Existe uma realidade correspondente a estas sensações, impressões, emoções?" E para esta última questão, só a fé pode responder "sim", precisamente da mesma maneira como a questão, se eu obtenho certeza da minha própria consciência e dos meus sentidos e do axioma, recebe o seu "sim" exclusivamente e somente pela fé.

Para obter certeza com relação às coisas invisíveis, tais como amor, fidelidade, retidão, justiça, e santidade, o corpo místico do Senhor - numa palavra, com relação a todas as coisas que pertencem ao mistério da vida pessoal no meu próximo, em Emanuel, no Senhor nosso Deus, fé é a única e apropriada forma divinamente ordenada; não como algo inferior ao conhecimento, mas igual a ele, somente muito mais certa, e da qual todo conhecimento deriva sua certeza.

Com relação à objeção, de que a Sagrada Escritura declara que a fé será transformada em visão, nós dizemos que esta "visão" não tem nada em comum com a visão através dos sentidos. Deus vê e conhece todas as coisas, e todavia Ele não possui nenhum dos sentidos: Sua visão é um ato de penetração imediata, com o Seu Espírito; diretamente na essência e consistência de todas as coisas. A Adão, no Paraíso, foi concedido algo desta sabedoria e conhecimento imediatos; mas através do pecado ele perdeu aquela característica gloriosa da imagem de Deus. E a Bíblia promete que esta característica gloriosa será restaurada aos filhos de Deus, no Reino da Glória, em medida muito mais gloriosa que no Paraíso.

Mas, enquanto nós ainda nos encontramos temporariamente tal como peregrinos, não possuindo ainda o corpo glorificado não mais que a glória do nosso status íntimo; o nosso contato com o mundo invisível não consiste ainda de visão; à nossa mente ainda falta o poder de penetrar imediatamente nas coisas invisíveis; e nós ainda

dependemos das impressões e das sensações produzidas por elas. Razão pela qual não podemos ainda ter certeza nenhuma relacionada a estas impressões e sensações, exceto através de fé direta. Ainda assim, vivendo e existindo juntos como peregrinos, nós cremos no amor de cada um, na boa fé e na honestidade de caráter; nós cremos em Deus o Pai, no nosso Salvador, e no Espírito Santo; nós cremos na Santa Igreja Católica; nós cremos no perdão do pecado, na ressurreição do corpo, e na vida eterna. E nós não cremos em todos estes com o pensamento posterior e secreto de que nós realmente preferiríamos sabê-los, conhecê-los, ao invés de crer neles; pois isto seria simplesmente tão absurdo quanto dizer, de um concerto de órgão: "Eu realmente preferiria ver a música". Música não pode ser vista, não mais que alguém torna-se cômico de coisas invisíveis através dos sentidos. E como o sentido da audição é a única maneira apropriada para ouvir e apreciar música, assim também a fé é o meio único e peculiar, através do qual a certeza pode ser obtida, com relação ao nosso contato com o mundo invisível e não visto.

Isto estando inteiramente compreendido, não pode ser difícil enxergar que esta fé, com referência a coisas visíveis é muito inferior ao conhecimento; pois as coisas visíveis pretende-se que sejam confirmadas, cuidadosa e acuradamente, através dos sentidos. Uma observação imperfeita proporciona incerteza ao nosso conhecimento. Assim, com relação às coisas visíveis, nenhum outro conhecimento senão aquele obtido através dos sentidos precisa ser considerado confiável.

Mas num número de casos sem importância, o conhecimento acurado é desnecessário; e.g., na diferença com relação às respectivas alturas de dois campanários. Em tais casos utilizamo-nos da palavra "crer", como em, "Eu creio que este campanário é mais alto que o outro". E novamente, coisas visíveis imprimem sua imagem na memória, a qual no decorrer dos anos torna-se difusa. Ao encontrarme com um cavalheiro ao qual eu já tenha sido apresentado anteriormente, em reconhecendo-o com certeza, eu digo, "Este é o Sr. 'B' "; mas estando incerto, eu digo, "Eu creio que este é o Sr. 'B' ". Neste caso parece que estamos lidando com coisas visíveis, pois uma pessoa, um cavalheiro encontra-se à nossa frente; todavia a imagem a

qual o relembra pertence ao conteúdo interno, íntimo da memória. Daí a diferença das expressões.

Alcançamos, portanto, esta conclusão:

Primeiro, que toda certeza relacionada a coisas visíveis, tanto quanto às invisíveis, depende no sentido mais profundo, da fé.

Segundo, que na comunicação cotidiana, a certeza relacionada a coisas visíveis é obtida por intermédio dos sentidos, e com relação às coisas invisíveis, especialmente coisas que pertençam à personalidade, através da crença.

Por esta razão o esforço de Brakel para interpretar o verbo "crer", conforme os idiomas Hebreu e Grego, como significando "confiar", e não como uma maneira de obter certeza, foi um fracasso. Tais significados são o mesmo em todos idiomas, e não existe nenhuma diferença, porque eles são o resultado direto do organismo da mente humana, o qual, nas suas características fundamentais, é o mesmo em todas nações. "Confiança" é o resultado direto da fé, mas não é a própria fé.

"Crer" refere-se, em primeiro lugar, à certeza ou à incerteza da consciência com relação a algo. Se não houver tal certeza, eu não creio; estando conscientemente certo, eu creio. Quando alguém se apresenta a mim como um homem de integridade, a primeira pergunta é, se eu creio nele. Se eu não estiver certo de que ele é um homem de integridade, eu não creio nele. Mas se eu crer nele, a confiança é o resultado imediato. Então é impossível não confiar nele. Crer que ele é o que alega ser, e não confiar nele, é simplesmente impossível.

Por conseguinte "crer" sempre retém o significado primário de "assegurar à consciência"; e fé salvadora exige de mim "estar certo de que Cristo é para mim tal como Ele revela-Se e oferece-Se a Si mesmo na Sagrada Escritura".

XXXVI. Brakel e Comrie (1)

"...e, se sentis alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará" - Filipenses 3:15

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as duas linhas que no século passado foram mais corretamente traçadas por Brakel e

Comrie respectivamente; e não negamos que destes dois, Comrie foi o mais correto.

A intenção não é ferir os amigos de Brakel, pois assim feriríamos a nós mesmos. No entanto, embora o título de "Pai Brakel" seja ainda precioso para nós; embora apreciemos seu protesto corajoso contra a tirania da igreja, e reconheçamos de coração o nosso débito para com os seus excelentes escritos; ainda assim isto não o faz infalível, nem altera o fato de que no assunto da fé Comrie julgou mais corretamente do que ele.

Para fazer justiça a ambos, citaremos os seus respectivos argumentos, e então mostraremos que Comrie, que tampouco nem sempre enxergou corretamente, era mais estritamente Bíblico; e portanto, mais estritamente Reformado do que Brakel.

No capítulo sobre Fé ["Rational Religion", tomo ii., página 776, edição 1757 (N.T.: "Religião Racional")], Brakel escreve:

"A questão é, O que é o ato fundamental, essencial, de fé? É a mente concordar com o Evangelho e com as suas Promessas, ou é o coração confiar em Cristo para a justificação, para a santificação e para a redenção? Antes de respondermos esta pergunta, queremos dizer que:

"Primeiro, que por "confiar" não entendemos uma confiança e certeza do Cristão, que ele está em Cristo e que é participante, de Cristo e de todas as Suas promessas; nem a paz e a confiança do Cristão em Cristo, pois tais são frutos da fé, a qual uns têm mais que outros; mas que por "confiar" entendemos o ato da alma, através do qual uma pessoa rende-se a Cristo e O aceita, confiando nEle de corpo e alma, como, por exemplo, alguém confia seus bens a outro, ou como alguém confia e agarra-se aos ombros daquele que o carrega, atravessando uma correnteza.

"Segundo, que tal confiança, necessariamente exige que se conheça previamente e que se concorde com a credibilidade da verdade evangélica; e que, após isto, a fé se exercite nas e através das suas promessas.

"Respondemos agora à pergunta já formulada, da seguinte forma: Verdade, a fé salvadora não é o ato da mente concordando com a verdade evangélica, mas o confiar do coração para ser salvo

por Cristo, no terreno do Seu ofertar voluntário de Si Mesmo aos pecadores, e das promessas àqueles que confiarem nEle. E dizemos também que a fé tem seu lugar, não no entendimento, mas na vontade; não sendo a concordância com a verdade ela não pode estar no entendimento, e desde que ela é confiança, ela deve ter seu lugar na vontade.

"A verdade do que dissemos é evidente:

"Em primeiro lugar, do próprio nome. Aquilo que chamamos 'crer', a Bíblia chama 'confiar', 'fiar-se', 'ter em confiança'. Falando de coisas divinas a nós reveladas só na Palavra, não devemos estar confinados ao nosso próprio idioma, pois isto faria com que muitos caíssem em erro; mas deveríamos adaptar nossa linguagem e compreensão à natureza e ao caráter do Hebreu e do Grego originais. Pois no nosso idioma, 'crer' significa aceitar promessas e a narrativa de eventos no vigor da palavra de outra pessoa; mas de acordo com a força dos idiomas originais, os vocábulos manim troH SODS n0s1 1bD1 são traduzidas não somente 'crer', mas 'confiar', 'ter em confiança', 'apoiar-se'. Eles são utilizados, não para denotar a natureza da confiança, mas por confiando, rendendo-se a Cristo, dependendo dEle.

"Em segundo lugar, a Bíblia atribui o ato de fé ao coração: "Visto que com o coração se crê para a justiça..."[Romanos 10:10]; "...se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus"[Atos 8:37]. Confiar e crer são ambos atos do coração, a vontade. E se for dito que o coração também se refere ao entendimento, à compreensão, respondemos que muito raramente, e mesmo então ele refere-se não só ao entendimento, à compreensão, mas também à vontade, ou à alma, com todos os seus atos.

"Em terceiro lugar, se o ato de fé não consistisse no assentir, no concordar da mente com a verdade, seria impossível ter fé salvadora sem aceitar-se a Cristo, sem confiar nEle; e você pode muito bem conhecer e reconhecer a Cristo como o Salvador enquanto lhe convier, mas que união e comunhão com Cristo isto lhe proporciona? Aceitar a Cristo e confiar e depender dEle seria somente um efeito da fé, mas um efeito não completa o ser de algo que é completo antes do

feito; e a fé salvadora não seria diferente da fé histórica, mas o mesmo, em sua natureza. Pois fé histórica é também o concordar da mente com a verdade do Evangelho, e mesmo os demônios e os não convertidos têm esta fé. Se for dito que o conhecimento de alguém é espiritual e o de outro não é, respondemos: (1) Enquanto for verdade que o conhecimento dos convertidos é diferente daquele dos não convertidos, ainda assim o assunto permanece o mesmo. O seu conhecimento histórico, se concordado, é fé histórica tanto em um como no outro. (2) A Bíblia nunca faz da espiritualidade do conhecimento histórico a característica distintiva da fé salvadora. (3) É certo que o conhecimento de fé de uma pessoa não convertida não é espiritual. E a partir da fé em si mesma, alguém nunca pode se certificar que ele realmente creia; isto ele somente saberá pelos frutos, e tal estaria errado, por completo.

"Em quarto lugar, a fé salvadora crê em Deus, em Cristo; e não se detém na Palavra, mas através da Palavra alcança a Pessoa de Cristo e confia nEle. "E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim"[João 17:20]. Só isto já proporciona à fé o seu ponto, natureza e perfeição; portanto a Bíblia diz que fé salvadora é crer em Deus, em Cristo: "...Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa"[Atos 16:31]. Crer em Cristo é a própria fé, e não o fruto da fé. Seria fruto, se a fé fosse meramente conhecimento e concordância.

"Em quinto lugar, é a própria fé que une a alma a Cristo, apossa-se das promessas, satisfaz a consciência, dá acesso ao Trono de Graça e dá ousadia para chamá-Lo Pai (conforme Efésios 3;17, João 3:36, Romanos 5:1, Efésios 3:12). Mas o mero concordar com a verdade é incapaz de fazer qualquer uma destas coisas. Você pode concordar enquanto lhe convier, mas isto nunca fará com que uma única promessa seja sua; isso não unirá a alma a Cristo, nem tampouco lhe dará a ousadia de chamar 'Abba, Pai'. Portanto o mero concordar não é fé salvadora. Pode ser dito ser obra da mente que concorda, que assente, o aceitar a Cristo e o confiar nEle, e então os resultados como mencionados acima fluem da concordância com a verdade. Mas eu replico: (1) Que o mero concordar, como tal, não pode ter resultados tais, mas que eles são o seu fruto; que o assentir

deve primeiro operar a aceitação e a confiança em Cristo; daí que é a forma da fé, e não a sua natureza. Ademais, a Bíblia atribui todas estas coisas à própria fé, e não aos seus frutos. (2) O mesmo pode ser dito do conhecimento dos mistérios do Evangelho, que tem o mesmo efeito, que também une a Cristo, apossa-se das promessas e etc.; mas uma vez que isto seria absurdo, também é absurdo dizer que o mero concordar opera todas estas coisas. E, portanto, é certo que a fé salvadora não é o concordar, mas sim o confiar.

"Em sexto lugar, o oposto da fé salvadora não é a rejeição da verdade do Evangelho, mas a falha em confiar em Cristo. "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna . . . aquele que não crê ('obedece', na versão Holandesa - N.T.) no Filho...[João 3;36]; "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim"[João 14:1]; "Onde está a vossa fé?"[Lucas 8:25]. Nesta última passagem, o vocábulo "fé" contrasta com "medo". Assim é que fé verdadeira não é concordar, mas sim confiar."

A característica de Brakel é a de ele considerar fé não como um hábito herdado, mas como um ato exteriorizado do coração; e, em conexão com isto, que o órgão de fé e o seu lugar encontram-se não no entendimento, na compreensão, mas primordialmente na vontade.

Comrie, por outro lado, ensinou que fé é um hábito inato e inerente, a principal importância do qual é ser persuadido. Em sua "Explicação do Catecismo de Heidelberg" (tomo II, página 312), lemos:

"É muito importante a pergunta, 'O que é fé verdadeira?', merecendo a mais cuidadosa consideração; pois somente aqueles que têm verdadeira fé podem ser salvos. Pois embora na fé em si mesma não haja nenhum poder salvador inerente, Deus estabeleceu conexão tal entre a salvação e a fé concedida, que sem esta última ninguém, seja jovem ou velho, pode ser salvo. Crianças tanto quanto adultos devem portanto ser incorporados em Cristo, pois não existe salvação em nenhum outro.

"Esta questão é terrivelmente forçada e distorcida por aqueles que sempre falam de fé como sendo um ato ou um conjunto de atos. Ao lerem a definição de fé (Catecismo de Heidelberg, questão 21), eles dizem que ela descreve não a natureza e o caráter da fé, mas a

sua perfeição e grau mais elevado. Agora veremos como os Reformadores definiram fé, como um instrumento de acordo com a verdadeira fundação da Palavra divina, em harmonia com a doutrina da graça livre e em sua relação com a justificação, e não conforme o princípio de obras dos semi-Pelagianos, como muitos agora o fazem; que também dizem que os autores da vigésima primeira questão não descreveram a verdadeira fé da qual a pergunta precedente tinha mencionado brevemente, mostrando que somente podem ser salvos aqueles que encontram-se enxertados, implantados em Cristo e que recebem todos os Seus benefícios através de uma fé verdadeira; mas que descreveram, sim, as obras da fé. Mas como é possível que os autores do Catecismo se esquecessem o que eles haviam recém declarado como a condição essencial para a salvação de cada ser humano, e falar de um grau perfeito e elevado de fé, o qual não é alcançado por cada um dos redimidos, se tomarmos as palavras do Catecismo no seu sentido real? Não; amados, a questão refere-se à mesma fé da qual temos falado, a fé essencial a todos, crianças tanto quanto adultos; i.e., a fé concedida, a qual temos definido como uma faculdade e hábito concedidos, operados nos eleitos pelo Espírito Santo com poder irresistível e re-criador, quando eles são incorporados em Cristo; poder através do qual eles recebem todas as impressões que Deus o Espírito Santo lhes concede através da Palavra (com relação às crianças, de forma que é desconhecida para nós), e pelo qual eles são ativos de acordo com a natureza e o conteúdo da Palavra, objetos da qual são revelados às suas almas. Portanto a realidade e a sinceridade da fé concedida não depende dos atos de fé, mas a sinceridade destes atos é que depende da realidade e da sinceridade da faculdade ou hábito que do qual eles provém; de forma que, muito embora nenhum ato dela proceda, como nas crianças eleitas que falecem, ainda assim elas possuem a verdadeira fé, da qual atos procederiam caso elas pudessem haver empregado suas faculdades racionais.

"Ademais, a fé concedida ao homem desenvolve todo seu poder, toda sua capacidade, não num instante, mas gradualmente, e embora o ato de alguém não apareça tão fortemente pronunciado como o de outro, isto não constitui nenhum sinal de falta de

sinceridade; mas é o sinal de que tal ato ou atos não são aparentes. Por exemplo, o sentido do paladar em alguém pode ser perfeito, embora ele nunca tenha provado doce, e formular uma idéia de doçura lhe é então impossível; ainda assim, quando provar, a idéia não será produzida por uma nova faculdade de provar o sabor doce, mas por um novo objeto, o qual excita a faculdade já existente e produz a idéia que antes ele não tinha.

"O mesmo é verdade com relação à fé operada no indivíduo; com referência ao hábito de fé, ele é concedido e aperfeiçoado pela operação sobrenatural do Espírito Santo num momento, mas não age até que a alma se torne consciente dele. E é por isso que alguns homens, que em razão do cativeiro do medo da morte durante toda sua vida nunca estiveram seguros do seu estado em Cristo, puderam ainda ser salvos. Porém, não enfatizamos este ponto; desejamos somente dizer que a resposta descreve o caráter e a natureza reais da fé concedida como uma faculdade, através da qual recebemos o conhecimento de tudo o que Deus revelou a nós em Sua Palavra, e como uma confiança de que Cristo e Sua graça nos são dados livremente por Deus.

"Assim é evidente --

"Primeiro, que a fé consiste numa convicção, ou persuasão. Este é o gênero da fé. A fé, seja humana ou divina, é impossível sem uma convicção da mente quanto à realidade do assunto no qual se crê. Quando falta esta convicção não existe fé, mas somente um palpite, uma fantasia, ou uma suposição.

"Segundo, que esta convicção ou persuasão é produto ou ato, não da fé como tal, mas do testemunho, que é tão convincente e persuasivo, que não se pode duvidar da sua verdade. Esta é a natureza de toda persuasão; a alma, de modo a ser persuadida, não age, mas simplesmente, meramente recebe as provas do assunto em questão; e torna-se tão profundamente convencida que não mais tem a liberdade de rejeitar ou aceitar aquela convicção; mas deve render-se, com a maior boa vontade, à verdade.

"Terceiro, que conforme o grau de clareza com o que o testemunho divino, como que num argumento, grava a fé concedida com relação aos temas do nosso estado de perdição e do caminho da

salvação; a convicção da verdade ou dos conteúdos do testemunho serão mais ou menos firmes e persuasivos.

"Por último, que como a fé é operada através de um testemunho, assim também ela é ativada por intermédio de um testemunho da Palavra de Deus, entregue por uma operação do Espírito Santo. Sendo, portanto, no adulto, a filha da Palavra (Bathkol, filia vocis), a fé é também do começo ao fim, sujeita à Palavra, em tudo obedecendo e seguindo-a. Pois isto é uma regra estabelecida entre os Reformados; que através da operação do Espírito Santo nós primeiro recebemos uma faculdade, da qual procedem atividades subsequêntes; e que esta faculdade a nós concedida não age de sua energia própria exceto que seja operada (acti agimus: sendo capacitados, agimos) pela Palavra e pelo poder onipotente do Espírito Santo acompanhando aquela Palavra, no qual e através do qual ela penetra na alma como um órgão e instrumento, para despertar a alma para agir e para fluir, naquele agir.

"Com referência à própria fé, deve ser lembrado --

"Primeiro, que quase que todas as confissões antigas e privadas, de vários mártires, desde o ano 1527, têm assim entendido a fé concedida, como os nossos teólogos de Heidelberg a descrevem, na resposta da vigésima questão em geral, e na resposta da vigésima primeira questão de forma mais particular.

"Segundo, devemos chamar a sua atenção Cristã para os atos que fluem da fé concedida. Teólogos têm opiniões diferentes com relação ao número desses atos de fé, e o que é o próprio ato de fé; uma só palavra referindo-se a ambos. Com relação ao número, Witzius menciona nove: três precedentes, três propriamente, e três que se seguem. Não objetamos; cada homem é livre para expressar-se como lhe agrade. Todavia nós preferimos o método antigo, que sustenta que a fé consiste de três coisas: conhecimento, assentimento, e confiança. Não temos dúvida de que tudo o que ensina a Palavra de Deus com relação à fé pode ser facilmente ordenado sob cada um desses três atos. Com referência ao próprio ato da fé, o qual é chamado de *actus formalis fidei*; ou seja, o ato formal da fé, as seguintes opiniões são sustentadas: (1) que trata-se do assentir, do concordar; (2) que é o vir até Cristo; (3) a aceitação de Cristo; (4)

uma certa confiança em Cristo; e por último, que é amor. As discussões dos teólogos neste ponto são violentas, e muitos tratados são escritos pelas várias partes, seja para estabelecer suas próprias opiniões ou para refutar as opiniões de outros.

"Amados, nós julgamos que poderíamos deixar este assunto passar em branco, não fosse pelo fato de que esta definição pode favorecer os semi-Pelagianos neste aspecto, que sustentam que fé é um ato, e que ela recebe o seu ser formal através de um ato: "Forma dot esse rei" (a forma dá existência à matéria). E vendo que alguns começam a desviar-se, dizemos: Que nenhum ato ou atos podem dar à fé a sua forma ou o seu ser. Pois isto implicaria que a fé concedida, a qual o Espírito Santo opera nos eleitos é uma fé disforme, uma fé sem forma, à qual falta aquilo que é essencial ao seu ser. E isto é absurdo, desde que por este implícito "actus formalis" muito mais nos é atribuído do que ao Espírito Santo; sim, muito mais, considerando que a forma é mais excelente que o material. De acordo com esta suposição, Ele nos concede somente o material da fé, ainda disforme, sem forma; e através do nosso ato ou atos nós moldamos, damos forma àquela fé disforme."

O nosso objetivo principal ao fazer estas citações foi que o estudante possa receber o contraste dos próprios lábios destes dois homens, e então descobrir que o menor desvio de Amesius de Calvino e Beza em Brakel já inclina em muito para o subjetivo; e que o caráter objetivo da graça salvadora é suficientemente coberto somente pela linha de Agostinho, Tomás, Calvino, Zanchius, Voetius, Comrie. Brakel estava certo em opor-se ao dogmatismo petrificado do seu tempo. Mas quando ele sistematizou sua oposição ele foi longe demais naquela direção. Em exatamente da mesma maneira como Köhlbrugge estava certo quando, em oposição aos seus contemporâneos, ele manteve o objetivo tão rigidamente quanto possível, enquanto seus seguidores erram ao sistematizar sua então necessária oposição.

Está mais seguro, aquele que seguir a linha de Agostinho, de Calvino, de Voetius, de Comrie.

XXXVII. Fé Nas Sagradas Escrituras.

"Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação" - Romanos 10:10

Diz Calvino, de maneira linda e compreensiva que o objeto da fé salvadora não é nenhum outro senão o Mediador, e invariavelmente nos trajes das Sagradas Escrituras. Isto deveria ser aceito incondicionalmente. A Fé Salvadora é possível, portanto, somente nos homens pecadores e enquanto eles permanecerem pecadores.

Supor que a fé salvadora já existia no Paraíso é destruir a ordem das coisas. Num sentido, não havia nenhuma necessidade de salvação no Paraíso, porque lá havia felicidade pura e imperturbada; e para o desenvolvimento desta felicidade numa glória ainda maior, não a fé, mas sim as obras, foi o instrumento apontado. A fé pertence ao "Pacto da Graça", e só àquele pacto.

Assim é que não pode ser dito que Jesus tinha fé salvadora. Pois Jesus não era pecador, e portanto não poderia ter "aquela confiança certa, que não somente a outros, mas a Ele também, havia sido dada a justiça do Mediador". Temos somente de conectar o nome de Jesus com a descrição clara e transparente da fé salvadora conforme o Catecismo de Heidelberg, para mostrar o quão tolo é para os Éticos explicarem as palavras, "Jesus, o Autor e Consumador da nossa fé", como se embora Ele tivesse fé salvadora como cada um dos filhos de Deus.

De modo que fé salvadora é inimaginável, no céu. A fé é salvadora; e aquele que está salvo alcançou o final da fé. Ele não mais caminha pela fé, mas pela vista. Deve, portanto, ser inteira e completamente compreendido que fé salvadora refere-se somente ao pecador, e que Cristo, nas vestimentas da Sagrada Escritura, é o seu único objeto.

Duas coisas devem, portanto, ser cuidadosamente distinguidas: fé no testemunho relativo a uma pessoa, e fé naquela própria pessoa.

Ilustremos. Um barco está pronto para zarpar, mas falta-lhe um capitão.

Dois homens apresentam-se ao armador, o dono do navio; ambos têm excelentes recomendações assinadas por pessoas dignas de confiança e de crédito. Da absoluta veracidade dessas

recomendações, o armador está completamente convencido. E todavia, apesar deste testemunho, desta recomendação, um é empregado e o outro é dispensado. Entrevistando a ambos, o armador descobriu ser o primeiro uma pessoa muito razoável, pronto a permitir que ele, na qualidade de dono do barco, desse as ordens; na verdade, como capitão ele não teria nada a dizer. Mas o outro, um marinheiro de verdade, exigiu o controle absoluto da embarcação, caso contrário ele não se responsabilizaria. E, uma vez que o dono do navio gostava de dar ordens, ele preferiu o tímido e tratável capitão, e dispensou o marinheiro rude. Consequentemente, o comandante dócil, em obedecendo ordens, perdeu o navio na primeira viagem, enquanto que o barco rival, comandado por aquele marinheiro grosseiro retornou à pátria carregado com uma carga preciosa.

Aqui podemos enxergar dois tipos de fé. Primeiro, a fé ou falta dela, nas recomendações, nos testemunhos apresentados; segundo, fé ou falta dela, nas pessoas às quais as recomendações, os testemunhos se referem. Na ilustração, a fé do primeiro tipo era perfeita. Aquelas recomendações foram aceitas como genuínas; o armador teve perfeita fé nas assinaturas firmadas. E mesmo assim, não se seguiu que ele estivesse imediatamente pronto a confiar sua embarcação, sua propriedade a nenhum daqueles profissionais. Pois isto exigia um outro tipo de fé; não somente fé nos conteúdos daqueles documentos, mas fé também que estes conteúdos se provassem verdadeiros no tocante ao comando do seu navio. Assim é que ele cuidadosamente considerou ambos candidatos, e descobrindo que um não deixava nenhum espaço para os seus palpites, era natural que ele contratasse o outro, que bajulava a sua vaidade. E, influenciado pelo seu egotismo, ele não depositou aquele segundo tipo de fé na pessoa correta. Seu vizinho, não tão egoísta e vaidosamente inclinado, manteve o objetivo em vista, teve fé no marinheiro rude, e seus lucros foram quase que fabulosos. Assim é que ambos homens tiveram fé incondicional nas recomendações, nos testemunhos; mas um deles, negando-se a si mesmo, também teve fé no excelente capitão, e o outro, recusando negar-se a si mesmo, não a teve.

Aplique isto à nossa relação com Cristo. Aquela embarcação é a nossa alma. Ela está sacudindo-se por sobre as ondas e precisa de

um piloto. A viagem é longa, e perguntamos: "Quem a pilotará em segurança?" Então um testemunho, uma recomendação é estendida à nossa frente, dando conta de Alguém maravilhosamente capacitado na arte de pilotar almas em segurança, na direção do céu almejado. Tal testemunho é a Bíblia Sagrada, a qual em todas as suas páginas oferece senão um, sempiterno, testemunho divino referente à excelência única de Cristo como piloto de almas até o seguro céu. Com este testemunho à nossa frente, cabe a nós decidir se o aceitaremos ou não. A sua rejeição finaliza o assunto, e Jesus não será nunca o Guia da nossa alma. Mas, aceitando-o, dizendo, "Nós cremos em tudo o que está escrito", podemos prosseguir. Esta confissão implica em: (1) fé na legitimidade do testemunho; (2) fé em Deus, que o deu; e (3) fé na verdade do seu conteúdo.

Mas isto não é fé salvadora, somente fé no testemunho. Acreditar que ele se provará verdadeiro no nosso caso, nas nossas próprias pessoas, é bem diferente. Isto depende, não do testemunho, mas de se nós nos subteremos Àquele de quem ele fala. Embora este Capitão pilote almas com segurança através de águas muito profundas, Ele não pilota todas as almas. Elas devem ser capazes e estarem prontas a submeter-se a Ele, de acordo com as Suas exigências. Aqueles que não estão preparados são deixados para trás, e, tentando guiarem-se a si mesmos, perecem miseravelmente. Então devemos nos submeter. E isto exige o deixar de lado todo o nosso auto conceito, o derrubar completo do "eu". Enquanto o "eu" estiver no caminho, nós recusamo-LO como o nosso Guia espiritual; nem tampouco acreditamos no Seu poder. Mas assim que o "eu" é derrubado, assim que o ego é silenciado, e que a alma abandona-se nEle, a fé desperta, e, joelhos dobrados, clamamos: "Meu Senhor e meu Deus!".

É exatamente como o nosso Catecismo de forma linda e compreensível o expressa: "Que a fé verdadeira consiste de duas coisas, primeiro um conhecimento certo (2) através do qual eu aceito como verdadeiro tudo o que Deus nos revelou em Sua Palavra; mas também uma confiança assegurada, que é uma confiança firme e leal, a qual o Espírito Santo cria em meu coração através do Evangelho; que não apenas aos outros mas também a mim, perdão de

pecados, justiça eterna e salvação são livremente dados por Deus, exclusivamente pela graça, somente pelos méritos de Cristo."

Examinando mais cuidadosamente o que estes dois pontos têm em comum, vemos, não que um seja conhecimento e o outro confiança, mas que ambos consistem em serem persuadidos.

Com o testemunho perante si, o homem natural é inclinado a rejeitá-lo. Ele tem muitas objeções. "É genuíno?" "Não foi comprometido por alterações várias? Posso confiar na verdade do seu conteúdo?" Ele continua com sua resistência por um longo tempo. Ele diz: "Nenhum homem pode convencer-me; Eu creio muito, mas não naquela escritura impossível". Mas o Espírito Santo continua a Sua obra. Ele mostra-lhe que está errado; e, embora ainda resistente, inicia-se como que um fogo em seus ossos, até que a oposição torna-se impossível, e ele confessa que Deus é verdadeiro e Seu testemunho, genuíno.

Mas, porém, isto não é tudo. Ainda falta-lhe a segunda fé: se tudo isto se aplica a ele pessoalmente. Ele começa por negá-lo. "Isto não quer dizer eu", ele fala; "Jesus não salva um homem como eu". Mas aqui o Espírito Santo o encontra novamente. Ele o traz de volta à Palavra. Ele mantém a imagem do pecador salvo à sua frente até que ele reconheça a si mesmo naquela imagem. E embora ele ainda alegue, "Não pode ser assim; Eu somente me decepçiono", todavia o Espírito Santo persiste em persuadi-lo até que, completamente convencido, ele se aproprie de Cristo e reconheça: "Bendito seja Deus, que salvou um pecador como eu ". Por conseguinte não é primeiro conhecimento e então confiança, mas ambos são uma persuasão interna, pelo Espírito Santo. E o homem assim persuadido, crê. Aquele que é persuadido da verdade do testemunho divino relacionado com o Guia de almas, crê em tudo o que encontra-se revelado na Bíblia. E estando também persuadido de que o pecador salvo descrito na Bíblia é ele mesmo, ele crê em Cristo como a sua Certeza.

Daí que a característica peculiar da fé em ambos seus estágios é ser persuadida. A fé salvadora é uma persuasão operada pelo Espírito Santo, que na Bíblia é um testemunho verdadeiro relativo à salvação de almas, e que esta salvação inclui a minha alma.

Então o Catecismo de Heidelberg está errado, ao falar de conhecimento e de confiança? Não; mas deve ser notado que ele fala, não da origem da fé, mas de seu fruto e exercício, a fé estando já estabelecida. Sendo persuadido de que a Bíblia é verdadeira, e crendo no testemunho divino relativo a Cristo; nós imediatamente possuímos a certeza, e conhecimento indubitável com relação a estas coisas. E sendo persuadido de que a salvação inclui a minha alma, eu possuo, em virtude desta persuasão, uma confiança firme e assegurada de que o tesouro da redenção de Cristo também é meu.

Portanto, a fé tem três estágios: (1) conhecimento do testemunho; (2) certeza das coisas reveladas; e (3) persuasão de que isto concerne a mim pessoalmente. Estes costumavam ser chamados de conhecimento, assentimento, e confiança; e estamos prontos a adotá-los, mas eles devem ser utilizados cuidadosamente. Pelo primeiro deve entender-se nada mais que o obter de conhecimento independentemente de fé. Daí que o Catecismo de Heidelberg o omite como não pertencendo à própria fé, e menciona somente assentimento e confiança. Pois aquele certo conhecimento do qual o Catecismo fala não é o que os acadêmicos colocam em primeiro plano como conhecimento; mas sim o que eles chamam de assentimento. A ênfase não está na palavra 'conhecimento', mas sim em certeza (3). Não é o conhecimento, mas sim a certeza do conhecimento que pertence à verdadeira fé.

Pelo que alguns costumavam distinguir entre conhecimento e assentimento, e tratá-los em separado. Pois deveria ser lembrado que os não convertidos não entendem a Bíblia, nem podem ler o seu testemunho. Não sendo nascidos da água e do Espírito, eles não podem ver o Reino de Deus. O homem natural não compreende as coisas espirituais. Assim é que dizemos enfaticamente, que o conhecimento precedendo à fé e com o qual a fé deve concordar implica na iluminação do Espírito Santo. Somente sob aquela ótica é que alguém pode enxergar a glória da Bíblia e captar sua beleza; sem isto ela lhe é nada senão uma pedra de tropeço. Mas todavia isto não é parte da fé, mas somente parte da obra do Espírito ao fazer com que a fé seja possível.

Uma verdade ou uma pessoa não é fé, senão o objeto da fé; a própria fé deve ser persuadida quando, ao findar toda oposição, a alma tenha obtido segurança. Daí a absoluta falta de lógica de falar-se de fé separada da Bíblia, ou direcionada a qualquer outra coisa senão Cristo; ou de chamar a fé de uma inclinação universal da alma, clamando por salvação, para saciar a sua sede. Tudo isto rouba da fé o seu caráter. Quando digo, "Eu creio", quero dizer que isto ou aquilo é para mim fato indubitável. Para crer, alguém deve estar seguro, convencido, persuadido - caso contrário não pode haver fé; e o fruto deste ser persuadido é um rico conhecimento, confiança gloriosa, e acesso ao Senhor.

No entanto, deveria ser notado que temos falado de fé somente tal como ela se mostra acima do solo. Mas isto não é suficiente. Devemos ainda examinar a raiz, as fibras da fé, na alma. Devemos examinar a faculdade que capacita a alma a crer. Isto no próximo artigo.

XXXVIII. A Faculdade da Fé.

"Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus" - Romanos 8:14

Fé salvadora deveria ser sempre entendida como uma disposição do ser espiritual do homem, através do qual ele pode vir a tornar-se seguro de que o Cristo da Bíblia, o único Salvador, é o seu Salvador.

Escrevemos propositadamente uma "disposição" através da qual ele pode "vir a tornar-se seguro". Como a água encontra-se na tubulação, embora não corrente agora mesmo, ou como gás nos cilindros, embora não queimando, assim também pela virtude da regeneração encontra-se presente a fé, como uma disposição no ser espiritual do homem, muito embora ele ainda não creia, ou tenha deixado de crer. Se a casa estiver conectada com o sistema municipal de fornecimento de água, a água pode jorrar; mas nem por isso ela jorra constantemente; nem tampouco o gás no fogão esteja sempre queimando. Que em sua casa a água possa jorrar da torneira, e o gás possa queimar no fogão, é a diferença entre a sua habitação e a do seu vizinho, cuja casa não esteja assim conectada.

Há uma diferença parecida entre o regenerado e o não regenerado; isto é, entre aquele que encontra-se unido com Jesus e aquele que não está assim unido. A diferença não é que aquele primeiro creia e creia sempre, mas somente isto, de que ele pode crer. Pois o não regenerado não pode crer; ele propositadamente destruiu a dádiva divina e preciosa, através da qual ele poderia haver se conectado com a vida de Deus. Deus lhe deu olhos para ver, mas ele propositadamente cegou-se a si mesmo. Assim é que ele não vê a Jesus. O Cristo vivo não existe para ele. Nem tampouco o filho regenerado de Deus. Verdade, ele também é um pecador; ele também cegou-se de propósito, mas uma operação é nele executada, restaurando sua visão, de forma que ele agora pode ver. E isto é a faculdade da fé nele implantada. Esta faculdade toca a consciência. E assim que o fato de que Cristo é o único Salvador e o meu Salvador, como uma verdade fundamental, indubitável, firmemente estabelecida e introduzida em minha consciência - a qual é a representação clara de todo o meu ser, e está perfeitamente adaptada e unida a ele - Eu creio.

Mas esta verdade não se encaixa à consciência do homem natural. Ele pode inseri-la uma vez ou outra, por intermédio de uma fé temporária ou histórica, mas somente como um elemento estranho, e a sua natureza imediatamente reage contra ela, precisamente da mesma maneira como o sangue e o tecido reagem contra uma farpa, uma lasca no dedo de uma pessoa. Por esta razão uma fé temporária nunca poderá salvar alguém, mas, ao contrário, ela o fere; pois causa a inflamação da sua alma.

A consciência humana como o é naturalmente, e Cristo conforme a Bíblia O apresenta, são em princípio diametralmente opostos. Um exclui o outro. Aquilo que se encaixa e se adapta à consciência do homem natural é a negação persistente de Cristo. Esta consciência natural é a representação da sua existência pecadora; e uma vez que um pecador não convertido pensa e declara-se salvável, e propõe-se a salvar-se a si mesmo, ele não consegue tolerar a Cristo. Cristo lhe é impensável; portanto ele não O reconhece. Não, não há necessidade dEle; ele também pode salvar-se, com Jesus, ou tão bem

como Jesus, ou após o exemplo de Jesus; portanto este Jesus não é de jeito nenhum o único Salvador.

Mas se o Cristo conforme a Bíblia se encaixa à sua consciência, aquela consciência deve ter sido mudada do que era por natureza; e sendo o reflexo e a representação do seu ser e de tudo o que ele contém, segue-se que, para abrir espaço para Cristo, não para obrigá-LO, mas a partir da sua própria e absoluta necessidade, o seu ser deve primeiro se mudado. Daí uma mudança dupla:

Primeiro, o novo nascimento, modificando a posição do seu ser interior.

Segundo, a mudança afetando a sua consciência, ao introduzir a disposição para aceitar a Cristo. E esta disposição, sendo o órgão da sua consciência através do qual ele pode fazê-lo, ele pode aceitar a Cristo, é a faculdade da fé.

Os pais observaram corretamente, que esta disposição se revela também à vontade. E não pode ser de outra forma. A vontade é como uma roda movendo as pás de um moinho. No Adão sem pecado, esta roda encontrava-se perfeitamente alinhada no eixo, podendo girar com a mesma facilidade, tanto para a direita como para a esquerda - i.e. movia-se tão livremente na direção de Deus, como na direção de Satã. Mas no homem pecador, esta roda de moinho está parcialmente desalinhada, empenada, somente podendo girar livremente para a esquerda. Quando o homem quer pecar, ele pode fazê-lo. Nesta direção, na direção do pecado, a roda gira livremente; ele tem o poder de pecar. Mas esta mesma roda de moinho pode mover-se na outra direção; um pouquinho, talvez, com muita dificuldade e muito chiado, mas nunca suficientemente para moer os grãos. O agir, o operar da vontade do homem não pode nunca produzir nenhum bem salvador. Ele não pode fazer com que a roda da sua vida gire com a energia da sua vontade, na direção de Deus.

Mesmo após ele haver sido mudado internamente, e a faculdade da fé haver entrado na sua consciência, ela é inútil enquanto a vontade impotente entra também na consciência, para expulsar a sua confiança Cristã. Portanto, a vontade deve ser divinamente trabalhada para servir à consciência modificada. Assim é que a disposição de fé é concedida, é imputada não somente à

consciência, mas também à vontade, para adaptar-se ao Cristo da Bíblia. A vontade do santo, a roda do moinho é então re-alinhada, para mover-se livremente de novo, na direção de Deus. Quando o ego é virado e a vontade modificada, somente então a nova disposição pode penetrar na consciência, para que esta esteja segura de que Cristo conforme a Bíblia é o único Cristo e o seu Cristo.

Portanto, a faculdade da fé é algo complexo. Ela não pode ser independente da consciência e do conhecimento; pois implica numa mudança do ser do homem e da liberdade da vontade, para mover-se na direção de Deus. Assim é que esta faculdade não é um crescimento espontâneo da vida implantada, nem tampouco é independente dela; mas como uma disposição, ela somente pode entrar em nós após a regeneração, e mesmo então ela deve nos ser dada pela graça de Deus.

É claro, o homem no qual a faculdade da fé começa a operar crê na Bíblia, em Cristo, e na sua própria salvação; mas sem ela, sem aquela disposição, ele continua até o fim, a opor-se contra a Bíblia, contra Cristo e contra a sua própria salvação. Ele pode ser quase convencido; inteira e completamente convencido ele nunca será. Isto é fé temporária, fé histórica, fé em ideais, mas nunca fé salvadora.

Mas se esta mesma pessoa recebeu esta disposição, é possível para ela crer imediatamente e crer sempre? Certamente que não, não mais do que uma criança normal possa ler, escrever, ou pensar logicamente. E quando aos dezesseis anos o jovem já pode fazer todas essas coisas, isto é devido não a novas faculdades recebidas a partir do seu nascimento, mas ao desenvolvimento daquelas com as quais ele nasceu. Um recém nascido filho de Deus possui a faculdade de crer; mas não existe nenhuma crença imediata e real. Isto exige algo mais. Como uma criança é incapaz de aprender e desenvolver-se sem que haja quem lhe ensine, professores que estejam em conexão com o seu meio ambiente, assim também a faculdade da fé não pode ser exercitada sem a direção do Espírito Santo, em conexão com o conteúdo da Bíblia.

Como isto se passou com aqueles que faleceram enquanto pequeninos nós não podemos dizer; não porque o Espírito Santo não possa operar neles tanto quanto em adultos, mas porque eles não

conhecem ainda a Bíblia. No entanto, desde que as Escrituras testificam somente de Cristo, Ele pode ter uma maneira de trazer a criança ainda sem raciocínio a uma conexão com Cristo, da mesma forma como Ele proveu a Bíblia para pessoas com o raciocínio já desenvolvido.

Em ambos casos, a faculdade da fé não pode produzir nada a partir de si mesma, mas deve ser estimulada e desenvolvida pelo treinamento e exercício do Espírito Santo, aprendendo gradualmente a crer - um treinamento contínuo até o fim; pois até que morramos o operar da fé aumenta, cresce em força, desenvolvimento, e glória.

Mas isto não é tudo. Um homem pode ter a faculdade da fé inteiramente desenvolvida e exercitada, mas não se segue que ele sempre creia. Ao contrário, a fé pode ser interrompida por um período. Portanto a fé não deveria, ser chamada de a respiração da alma; pois quando uma pessoa deixa de respirar ela morre. Não; a faculdade da fé é mais como o poder de uma árvore, de florescer e de dar frutos: aparentemente morta numa estação, e linda, florida e carregada na estação seguinte. Que eu possuo a faculdade do raciocínio, do pensamento, é evidente, não porque eu raciocine e pense ininterruptamente, pois quando estou dormindo não estou raciocinando nem pensando; mas ela é evidente a partir do meu raciocínio e do meu pensamento quando eu devo raciocinar e pensar. Assim também ocorre com a faculdade da fé, a qual ocupa a mesma posição como as faculdades do pensamento, da fala, e etc.

Com relação a estas faculdades, distinguimos três coisas: (1) a faculdade em si; (2) o seu necessário desenvolvimento; e (3) o seu exercício, quando suficientemente estimulada. Por conseguinte, notamos não somente a primeira operação do Espírito Santo, implantando a faculdade da fé no ser humano; nem somente a segunda, qualificando aquela faculdade para o exercício; mas também a terceira operação, estimulando e convocando o ato de crer, sempre quando Lhe aprouver.

Não há ninguém que seja possuidor da faculdade da fé, mas sim o Espírito Santo é que o tem favorecido com o mesmo. Não existe homem algum que seja capacitado por esta faculdade, mas sim o Espírito Santo é que também qualificou aquela faculdade. Nem

existe alguém utilizando-se desta qualificação, crendo realmente, a menos que o Espírito Santo tenha operado isto nele.

A vida tem seus altos e baixos. Nós vemos isto no nosso amor. Você tem um filho a quem você ama ternamente. Mas na vida diária você nem sempre sente aquele amor, e algumas vezes você se acusa de ser frio e sem um apego caloroso para com a criança: Mas se alguém o ferir ou maltratá-lo, ou se ele cair doente - ou pior, se a sua vida correr perigo - e o seu amor latente imediatamente se levantará. Aquele sentimento, aquele amor não veio até você de fora, mas ele habitava nas profundezas da sua alma, latente, dormente até que completamente desperto pela lança afiada do sofrimento. O mesmo aplica-se à fé. Por dias e semanas nós podemos repreender-nos pela condição sem fé do nosso coração, quando a alma parece estar seca e morta, como se não houvesse nenhum vínculo de amor entre nós e o nosso Salvador. Mas veja!, o Senhor revela-SE a nós, ou a tristeza no engolfa, ou então os problemas da vida de repente nos envolvem, e de imediato aquela fé aparentemente morta é desperta e o vínculo do amor de Jesus é sentido fortemente.

E mais que isso: inspirado pelo amor, você está constantemente fazendo algo por quem lhe é querido, sem dizer: "Eu faço isto ou aquilo por ele (ou ela), porque eu o (a) amo tanto". Assim também com relação à fé: fé salvadora é uma disposição cuja atividade nem sempre notamos, mas como outras faculdades ela opera continuamente, suas funções não notadas. Assim é que nós freqüentemente exercitamos a fé sem estarmos especialmente conscientes dela. Nos preparamos especialmente para pensar ou falar, quando ocasião especial assim o requer; e assim agimos a partir da fé com um propósito consciente, quando em circunstâncias peculiares precisamos levantar-nos corajosamente para testemunhar ou para tomar uma decisão importante.

Mas o nosso conforto é este, que o poder da fé salvadora depende, não de um ato especial de crença, nem de atos menos conscientes; nem mesmo de uma habilidade de fé adquirida, mas unicamente do fato de que o germe da fé foi plantado na alma. Assim é que uma criança pode ter a fé salvadora, muito embora ela nunca tenha executado sequer um ato de fé. E assim continuamos salvos,

muito embora o ato de fé possa estar latente, dormente, por um período. O homem, uma vez agraciado com a fé salvadora, está salvo e abençoado. E quando, após um pouco, o ato da fé aparece, não significa que ele tenha um grau mais elevado de salvação; mas é somente a evidência de que, por intermédio da misericórdia infinita de Deus, o germe da fé tem seus bulbos nele plantados.

XXXIX. Aprendizado Defeituoso.

"Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; E quem nela crer não será confundido" - I Pedro 2:6

São Paulo declara que a fé é o dom de Deus (Efésios 2:8). As suas palavras, "...e isto não vem de vós, é dom de Deus", referem-se à palavra "fé".

Uma nova geração, de jovens expositores, declara confiantemente que estas palavras referem-se a "pela graça vós sois salvos". A maioria deles é evidentemente ignorante da história da exegese do texto. Eles sabem somente que o pronome "isto" na cláusula "e isto não vem de vós" é um Grego neutro. E sem um exame mais profundo eles consideram que o pronome neutro não pode referir-se a "fé", que é um substantivo feminino, em Grego.

Permitam-nos alertar os nossos leitores contra a baboseira sem sentido de um aprendizado acadêmico inconsistente. Deveria ser lembrado que enquanto a nossa exegese é e sempre tem sido uma aceita quase que sem exceção, a opinião contrária é compartilhada somente por uns poucos expositores de tempos mais recentes. Quase que todas as igrejas e quase que todos os eminentes teólogos da erudição em Grego julgaram que as palavras "é dom de Deus" referem-se à fé.

1. Era esta a exegese, de acordo com a tradição antiga, das igrejas com as quais São Paulo trabalhou.

2. Daqueles que falavam o idioma Grego e estavam familiarizados com a peculiar gramática Grega.

3. Dos pais da igreja Latina, que mantinham estreito contato com o mundo Grego.

4. De catedráticos eruditos tais como Erasmus, Grotius, e outros, que como filologistas eram inigualáveis; e neles todos o mais

notável, que eram pessoalmente favoráveis à exposição de que a fé é obra do homem.

5. De Beza, Zanchius, Piscator, Voetius, Heidegger, e mesmo de Wolf, Bengel, Estius, Michaelis, Rosenmüller, Flat, Méier, Baumgarten-Crusius, etc., que até hoje mantêm a tradição original.

E por último, Calvino, muito embora dele seja dito, que fosse favorável à outra exegese. Mas se ele tivesse apresentado a interpretação original, ele teria dado outra razão para tal, pois que com ela estava inteiramente familiarizado. E isto faz com que seja provável que ele nunca tivesse tido a intenção de discutir a questão. Que ele aderiu à exegese tradicional, está provado por suas próprias palavras, no seu "Antídoto Contra os Decretos do Concílio de Trento" (edição 1547, página 190): "A fé não é do homem, mas de Deus".

Mesmo os nossos leigos acadêmicos Reformados são familiarizados com o fato, se fosse somente do estudo do magnífico comentário sobre Efésios, escrito por Petrus Dinant, ministro em Rotterdam, cujo período de maior atividade foi na última parte do século dezessete. Ele publicou seu comentário em 1710, e o livro teve vendagem tão alta que foi re-editado em 1726; e mesmo agora é muito demandado. Daquele livro, citamos o seguinte (volume I, página 451): " 'E isto não vem de vós, é dom de Deus'. A palavra 'isto' (touto), refere-se tanto ao termo precedente 'sois salvos', ou à palavra 'fé'. Não pode ser àquela palavra, tendo São Paulo já declarado que a salvação é o dom de Deus. Deve referir-se, portanto, à fé. É verdade que o termo Grego touto é um neutro, enquanto que a palavra pistes, 'fé', é um termo feminino. Mas os eruditos Gregos sabem que o pronome relativo pode referir-se tão bem ao termo seguinte dooron, 'dom', que é um neutro, como ao precedente pistes, o qual é feminino, de acordo com a regra da gramática Grega que rege este ponto. Assim é que 'isto', a saber, 'a fé não vem de vós, é dom de Deus'. ".

Mas descobertas recentes podem ter transtornado esta exegese antiga. Se, portanto, os expositores modernos de Utrecht, Groningen e Leyden, que têm feito um hobby desta exegese moderna, nos mostrarem esta nova descoberta, ouvi-los-emos com atenção. Mas

eles não o fazem. Ao contrário, dizem: "O assunto está resolvido, e tão plenamente que até mesmo um aprendiz de Grego pode vê-lo". E ao dizerem isso, eles a si mesmo se julgam. Pois cérebros incomparavelmente superiores, tais como Erasmo e Hugo Grotius, sabiam tanto de Grego que os rudimentos do Grego lhes eram familiares. E podemos aventurarmo-nos em dizer que todo a erudição do Grego, agora firmemente fixada nos cérebros dos nossos exegetas nas universidades há pouco mencionadas não encheriam até à metade do copo o qual Erasmo e Grotius juntos encheram até a borda. Razão pela qual nós, confiantemente, mantemos a exegese tradicional.

A segurança positiva com a qual estes jovens expositores fazem suas asserções não deve surpreender-nos. A explicação é facilmente encontrada. Quase todos eles foram preparados em universidades cujos professores de exegese do Novo Testamento buscam alienar seus alunos da interpretação tradicional da Bíblia, através de observações surpreendentes; como por exemplo, os alunos aprenderam em casa que "o dom de Deus", em Efésios 2:8 refere-se à fé; mas eles nunca haviam consultado o texto original. Então o mestre observou, com exatidão perfeita, que ali não estava escrito 'aute' mas 'touto', acrescentando: "Os senhores podem ver por si mesmos que este termo não pode referir-se à fé". E, não familiarizados com o assunto, seus inexperientes ouvintes supõem que nada mais há que ser dito. Se o seu aprendizado houvesse sido mais completo e extensivo; eles teriam sido capazes de julgarem de forma mais independente.

Com esta convicção é que eles entram na igreja; e quando um simples leigo repete a velha exegese, eles se deliciam, pelo menos em ocasiões tais, ao demonstrar o fruto do seu treinamento acadêmico; e ao leigo, simples, fazem compreender que ele não sabe nada de Grego, e que lê-se claramente ao contrário, no texto em Grego, e que portanto ele não pode mais sustentar, concordar com a exegese antiga.

Quando algumas vezes o "Heraut" (4) ousa repetir a velha, bem testada opinião, estes jovens sábios não podem deixar de pensar: "O Heraut não age de boa fé; o editor sabe perfeitamente bem que lê-se 'touto', e que 'pistes' é feminino". É claro, o Heraut sabe disso

muito bem - tão bem como o sabiam Erasmo e Grotius - e, conhecendo um pouco mais de Grego do que estes rudimentos infantis; tomou a liberdade, amparado pela santa companhia dos eruditos recém mencionados, de considerar e manter uma opinião diferente daquela dos graduados de Utrecht.

Indubitavelmente cada homem tem o direito à sua própria opinião e de rejeitar a exegese tradicional. Ademais, em Filipenses 1:27-29 ("O que é mais importante, deveis portar-vos dignamente, conforme o Evangelho de Cristo. Então, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais firmes em um mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho, sem serdes intimidados pelos adversários. Isso para eles, na verdade, é sinal de destruição, mas para vós de salvação-e isso da parte de Deus."), é declarado de maneira distinta que a fé é dom de Deus. Mas nós protestamos contra a superficialidade e a inabilidade de homens que, em sua ignorância posam como eruditos, e fazem parecer como se mesmo um aprendiz em Grego, se for somente alguém honesto, não pudesse por um momento suportar a opinião contrária. Pois isto é indesculpável em alguém que ouse pronunciar julgamento sobre outro que saiba do que fala, como ficará claro, no postscript deste artigo.

O leitor gentilmente nos tolerará por tratarmos este assunto algo como que extensivamente, pois ele toca um princípio. As nossas universidades negam a nossa confissão de fé. Elas podem até conceder que Deus é o Autor da salvação, mas fé (tal como eles a interpretam) é tomada no sentido de um meio que se origina da união do sopro da alma e o operar íntimo do Espírito Santo. Assim, sua preferência manifesta por tal exegese novelística, aparente também do esforço enérgico e persistente para popularizá-la.

E esta tendência é manifesta em muitas outras direções. Há pouca possibilidade para uma busca, uma pesquisa original, individual. Por conseguinte, a instrução recebida em Utrecht é a única fonte de informação. E isto é tão completamente enraizado no coração e na mente que o estudante não pode concebe-lo de outra forma. Ademais, os argumentos foram apresentados tão concisa e

incessantemente que argumentos contrários convincentes parecem ser inteiramente impossíveis.

Sendo este o caso, os nossos jovens teólogos, honestos e leais às suas convicções, declaram tanto do púlpito como em conversas privadas que incerteza relacionada a vários pontos doutrinários está fora de questão; de modo que deve ser concedido e reconhecido que os expositores antigos estavam errados, decididamente. E esta é a causa da forte oposição contra muitas opiniões estabelecidas, mesmo entre os nossos melhores ministros e pregadores; não do amor à oposição, mas porque convicções sinceras os proíbem de seguir qualquer outra linha de conduta, pelo menos enquanto eles não forem melhor informados.

E isto não pode permanecer assim. Não há seriedade naquela posição. Ela é indigna do homem cientificamente treinado; ela é indigna do ministro. Há a necessidade de uma pesquisa, de uma busca e de uma investigação individual. Essas inovações de Utrecht deveriam ser recebidas com reserva considerável. Podem até mesmo ser livremente conjecturado que o aprendizado da faculdade de Utrecht, quando se opõem ao aprendizado da Igreja como um todo, deva ser desacreditado.

E assim os nossos jovens serão compelidos a retornarem à pesquisa, à busca original. Não somente isto, mas eles serão compelidos a adquirirem livros. As bibliotecas de quase todos os nossos jovens teólogos raramente contêm obras que não sejam Alemãs, produtos da teologia da meditação; por conseguinte excessivamente parciais, não nacionais, estranhas à nossa Igreja, em conflito com a nossa história. Esta falta primeiro precisa ser sanada. E então esperamos que o tempo cedo virá, quando cada um dos ministros das nossas igrejas Reformadas possuirá pelo menos algumas obras melhores. E quando assim a oportunidade surgir, para um estudo mais correto e mais imparcial, a geração emergente de ministros deveria uma vez mais retomar os seus estudos, e obter a convicção através de experiência própria, mesmo como outros o fizeram, de que o trabalho de pesquisa e estudo, o qual trará bons frutos para a Igreja de Deus, ainda não acabou, mas na realidade somente começou. Então, uma geração de homens mais sérios e

melhor treinados tratará as opiniões que temos proposto com um pouco mais de reconhecimento, e, o que é de muito maior importância, eles tratarão o ser da fé com mais respeito.

É de vital interesse vital que o exercício da fé e a faculdade da fé não sejam mais confundidos, e que seja reconhecido que a última possa estar presente sem a anterior. Do contrário haverá um desvio completo da linha da Bíblia, a qual é também a das igrejas Reformadas e fará a salvação dependente do exercício da fé, i.e., dos atos de aceitar a Cristo e todos os Seus benefícios; e uma vez que este ato é um ato não de Deus, mas do homem, nós imperceptivelmente perdemos o rumo nas águas do Arminianismo.

Portanto tudo depende da compreensão correta do texto em Efésios 2:8. Pois a fé não é o ato de crer, mas a mera possessão da fé, mesmo de fé no estado germinal. Aquele que possui tal semente ou faculdade de fé, e que no tempo de Deus também a exercitará, está salvo, salvo pela graça, pois a ele foi concedido o dom da fé.

Antigamente os teólogos costumavam falar do ser e do vigor, da saúde da fé; mas isto tinha referência a uma outra distinção, que não deve ser confundida com a até agora tratada. Algumas vezes a planta da fé parece mais vigorosa que em outras, e o seu desenvolvimento mais maduro e completo, com ramo, broto, folha, flor e fruto - o qual é evidência do vigor da fé. Pode também ser que, na mesma pessoa, a fé pareça passar pelas quatro estações do ano: primeiro há uma maré de primavera, na qual ela cresce; seguida de um verão, no qual ela floresce; mas há também um outono, durante o qual ela se enfraquece; e um inverno, quando ela adormece. E esta é a transição do vigor da fé ao mero ser da fé. Mas como uma árvore continua sendo árvore no inverno, e possuirá o ser de uma árvore muito embora tenha perdido o seu vigor, assim também a fé pode continuar sendo fé em nós, embora temporariamente sem folhas nem flores.

Para o conforto das almas, nossos pais sempre apontaram para o fato, e assim também nós o fazemos, que a salvação não depende do vigor da fé, desde que a alma possua o ser da fé. Embora, após o exemplo dos nossos pais, acrescentemos, que a árvore não vive no inverno, mas que move-se em direção à primavera, quando brotará

novamente; e que o ser da fé dá evidência da sua presença na alma somente por mover-se na direção do sem vigor.

Postscript.

É necessário destacar duas coisas relacionadas à superficialidade da qual reclamamos.

Primeiro, que a construção de um pronome neutro com um substantivo feminino como seu antecedente não é um erro, mas sim excelente Grego.

Segundo, que a Igreja tinha razões porque até agora ela fez as palavras "e isto não vem de vós" referirem-se à fé.

Com relação ao primeiro ponto, referimo-nos não a uma exceção Helenística, mas à regra ordinária, a qual é encontrada em cada boa sintaxe Grega, e a qual cada exegeta deveria conhecer.

Uma regra a qual, dentre outras, foi formulada por Kühner, em seu "Ausführliche Grammatik der Griech Sprache", volume II, Capítulo I, página 54 (Hannover, 1870), e que é a seguinte: "Besonders häufig steht das Neutrum eines demonstrativen Pronomens in Beziehung auf ein männliches oder weibliches Substantiv, indem der Begriff desselben ganz allgemein als blosses Ding oder Wesen, oder auch als ein ganzer Gedanke aufgefasst wird". Que em Português: "Um pronome demonstrativo neutro é utilizado freqüentemente para referir-se a um substantivo precedente masculino ou feminino, quando o significado expressado por este vocábulo é tomado num sentido geral, etc.".

Os exemplos citados por Kühner dão um golpe mortal na exegese de Utrecht. Tome, por exemplo, estas citações de Platão e de Xenophon:

[Nota da Fundação Kuyper: As seguintes citações foram dispostas da melhor forma possível, utilizando-se a fonte "Symbol"]:

Platão, em "Protágoras", 357, C: Omologoumen episthmhs mhden kreiton, alla touto aei kratein, opou an enh, kai hdonhs kai tw n allwn apantwn.

Platão, em "Menon," 73, C.: Epeidh toinun h auth areth pantwn esti, peirw eipein kai anamnhsqhnaï, ti auto fhsi Gorgias einai.

Xenophon, em "Hiero," IX., 9. Ei emporia wfelei ti polin, timwmenos an pleista touto poiwn kai emporous an pleious ageiroi.

Aos quais acrescentamos três mais de Platão, e uma quarta de Demóstenes:

Platão, "Protag.," 352, B.: Pws exeis pros episthmhn ; poteron kai touto soi dokei wsper tois pollois anqrwpos, h allws.

Platão, "Phaedo," 61, A.: Ypelambanov ; . . . kai emoi outw enupnion, touto epikeleuein, mousikein poiein, ws filosofias men oushs megisths mousikhhs, emou de touto prattontos.

Platão; "The?tetus," 145, D.: Sofia de g oimai sofoi oi sofoi; - nai - tudo de nun diaferai ti episthmhs.

Demóstenes, "Contra Aphob.," 11: Egw gar, w andres dikastai, peri ths marturias ths en tw grammateiw gegrammenhs eidwsonta moi tov agwna, kai peri toutou thn jhfon umas oisontas epistamenos whqhn dein ...

Por ora, adiamos por ora a discussão do segundo ponto para uma outra ocasião.

Mas é evidente que estas citações perturbam, vão contra, derrotam todo o quase aprendizado desta erudição errada; e que as palavras "E isto não é de vós, é dom de Deus", simplesmente com o pronome neutro, no mais puro do idioma Grego, podem referir-se à fé; daí que toda esta confusão quanto à diferença de gênero, não somente é sem qualquer fundamento, mas também deixa uma impressão muito pobre com relação à erudição de homens que levantaram a objeção inicial. Ademais, devemos também mostrar não somente que a mensagem apresentada no trecho do capítulo 2 da Epístola de Paulo aos Efésios pode estar correto, mas também que não pode ser outra coisa a não ser correto.

Pois ali lemos: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dEle". A idéia principal é o poderoso fato de que quem opera a nossa salvação é Deus. São Paulo expressa isto nos termos mais positivos e irresistíveis ao dizer: "Vocês são salvos a partir a graça, através da graça, e pela graça". E se então se seguisse que, "E isto não vem de vós, é o dom de Deus", teríamos uma sentença forçada de cláusulas supérfluas, por três vezes repetindo a mesma coisa: "Vocês receberam a salvação pela graça,

não de si mesmos, ela é o dom de Deus". E teria o mesmo sentido, se estivesse escrito, "Vocês são salvos pela graça, e portanto não por si mesmos"; mas não está assim escrito. Simplesmente lê-se, "e isto não vem de vós". A conjunção "e" equivale a tanto.

Ou, soaria melhor se estivesse escrito, "Vós sois salvos pela graça, não por vós mesmos, ela é obra de Deus". Mas primeiro dizer "Vós sois salvos pela graça", e então sem acrescentar qualquer outra coisa repetir, "e isto não vem de vós", é rude, fere o ouvido e não é poético. E tudo o mais também, já que no nono e décimo versículos repete-se pela quarta e quinta vezes, "não de obras; somos feitura dEle". E enquanto toda a declaração seja desconfortável e forçada, elaborada e repetitiva, ao adotar-se a exegese dos antigos expositores da Igreja Cristã, ela torna-se de repente suave e vigorosa. Pois então ela diz: "Vocês são salvos pela simples graça, através da fé. (de modo algum, como se pelo pensar a fé a graça da sua salvação fosse parcialmente não pela fé; não mesmo, pois mesmo aquela fé não provém de vós, é o dom de Deus). E, portanto, salvos através da fé, não por obras, de modo que nenhum homem se glorie, pois somos feitura Sua".

Mas isto cria agora um parêntesis, o qual é perfeitamente verdadeiro; mas mesmo este é verdadeiramente Paulino. São Paulo ouve a objeção, e a refuta vez após vez, mesmo onde ele não formule o contrário.

XL. Fé Somente no Pecador Resgatado.

"...e creram na Escritura..." - João 2:22

A fé não é o operar de uma faculdade inerente no homem natural; nem um novo sentido acrescentado aos cinco; nem uma nova função da alma; nem uma faculdade primeiramente latente e agora ativa; mas uma disposição, um modo de ação, implantado pelo Espírito Santo na consciência e na vontade da pessoa regenerada, através da qual ela torna-se capacitada para aceitar a Cristo.

Disto segue-se que esta disposição não pode ser implantada no homem sem pecado, e que ela desaparece assim que o pecador deixa de ser um pecador. O santo crê até o momento em que morre, mas não mais. Ou mais corretamente: a fé desaparece assim que ele

adentre ao céu, pois a partir de então ele não mais vive pela fé, mas pela visão.

A importância desta distinção é óbvia. Os teólogos Éticos, negando que a fé seja uma disposição especialmente implantada, e sim um sentido ou o seu órgão, primeiramente latente e depois desperta, não podem admiti-lo, mas repetem que a fé é perpétua, baseando sua opinião na passagem da primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios - ["Agora, pois, permanecem a fé, ..." (13:13)]. De acordo com a sua teoria, não há absolutamente nenhuma diferença entre o pecador e aquele sem pecado; eles não crêem que para salvar o pecador o Espírito Santo introduza um expediente extraordinário na sua pessoa espiritual. Daí o seu esforço persistente para fazer-nos entender que Adão cria antes da queda, e que mesmo Jesus Cristo, o Comandante e Consumador da nossa fé, andava pela fé.

Mas toda esta representação é contradita pelas palavras apostólicas: "visto que andamos por fé e não pelo que vemos" [II Coríntios 5:7]. E, de novo, "...Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido" [I Coríntios 13:12], em conexão com a declaração precedente: "Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado" [versículo 10]. E não menos pela palavra do nosso Senhor, que veremos a Deus assim que nossos corações estiverem limpos (vide Mateus 5:8 - "Bem aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus").

E começando deste pondo, sabemos positivamente que a fé, no sentido de fé salvadora, não é perpétua; que ela não existia no Paraíso, mas que pode somente ser encontrada mais tarde, num pecador perdido. Para ser agraciado com a fé salvadora, ele precisa ser um pecador, tanto quanto alívio de dor pode ser dado somente se alguém estiver sofrendo dor.

"Muito bem", dizem os Éticos, "aceitamos isto. Mas quando o médico tenta melhorar a respiração do asmático ao fazê-lo inspirar ar fresco, não significa que alguém saudável não o inspire também. Ao contrário, uma pessoa saudável inspira ainda mais forte e profundamente, e a função, o propósito do médico é assistir, é acompanhar a função normal da respiração. E o mesmo aplica-se à fé. Verdadeiro é que o Espírito Santo pode dar a fé somente a alguém

que seja pecador, mas um santo saudável, puro, como Adão antes da queda e como Cristo, muito indubitavelmente cria, pois a fé é o respirar da alma. Em Adão e em Cristo este respirar era espontâneo; e em pecadores como nós ele é prejudicado. Assim é que necessitamos de ajuda para sermos curados. Mas quando as nossas almas uma vez mais inspiram livremente o ar da fé, é porque recebemos somente o que Adão e Jesus já tinham, antes de nós".

E a isto nos opomos. Fé salvadora não é o respirar normal da alma, primeiro prejudicado, e então restaurado. Não; trata-se do remédio específico, para alguém perdido em pecado; um expediente a ele estendido porque ele tornou-se um pecador; lhe oferecido enquanto ele continua um pecador, cessado assim que ele deixa o pecado. Quando o expediente, quando a medicação não mais é necessária, e a alma redimida do pecado pode respirar livremente e sem impedimento na direção de Deus sem o expediente da fé, inteiramente restaurada, completamente redimida, somente então ele recebe uma vez mais aquela comunhão natural, espontânea com o Eterno, a qual não necessita de nenhuma ajuda interveniente, mas que é tal e qual a de Jesus e do Adão santo.

A fé é como os óculos, não somente inúteis, mas prejudiciais aos olhos sãos; muito úteis para olhos doentes ou fracos. Assim que os olhos estão anormais, óculos são indispensáveis; antes que eles se tornem anormais, óculos são inúteis (Adão antes da queda). Óculos nunca foram necessários para olhos que nunca foram anormais (Jesus). Assim que a visão perfeita é restaurada, os óculos são deixados de lado (os redimidos, no céu).

Na seqüência, a próxima é a fé em conexão com a Sagrada Escritura; e aqui o erro dos Éticos torna-se bem aparente. Sua teoria, de que Adão sem pecado e Cristo exercitaram a fé, e que os redimidos no céu ainda crêem, leva-nos para longe da Escritura. No Paraíso, Adão sem pecado não tinha nenhuma Bíblia; nem tampouco a tem Cristo no trono; e na morte os redimidos perdem para sempre sua Bíblia. Daí ser a consequência lógica deste erro, que a fé dos Éticos é possível sem a Bíblia, e que não seja necessariamente designada para a Bíblia. Conforme a sua teoria, crer é o respirar da alma, mas pouco mais que um outro nome para a oração. De fato, não

deveria haver Bíblia nenhuma, e na ausência de pecado não teria havido nenhuma; portando a fé, a qual é a restauração de uma função da alma danificada pelo pecado, é possível mesmo na ausência da Bíblia.

Esta teoria é muito ampla. Eles crêem que mesmo entre os pagãos, o Senhor tem Seus eleitos, embora eles nunca tenham ouvido falar da Bíblia. Os pagãos dos tempos clássicos eram um tipo de Cristãos não batizados, adentrando ao Reino do céu sob a liderança do seu patriarca Platão. Embora os racionalistas modernos rejeitem a Bíblia, ainda assim eles são uma gente tão amável e devotada que a fé não lhes pode ser negada. Raciocinando desta forma, eles chegam às seguintes conclusões:

1. Não a Confissão, mas o motivo do coração é o principal; e
2. Embora homens clamem haver descoberto fraudes intencionais na Escritura, e, portanto a rejeitem, eles ainda são "irmãos amados".

A consistência é evidente. Razão pela qual os ministros leais à Palavra deveriam ser cuidadosos quanto ao falar do ser da fé, sob o risco de alimentarem o mal que eles buscam restringir. Toda aquela conversa vaga e floreada sobre fé como sendo a respiração da alma, como sendo a suave confiança de amor da alma e etc., tem uma tendência direta ao erro Ético. Pois a linha existente é uma linha divisória. Você a reconhece ou a nega?

Os Éticos a negam. Não existe nenhuma fronteira estabelecida entre Deus e o homem, mas uma certa transição entre o finito e o infinito no Deus-homem; nenhuma separação absoluta entre os eleitos e os perdidos, mas um tipo de transição gradual na apresentação de uma redenção universal; nenhuma separação absoluta entre pecado e santidade, mas uma certa conciliação na santificação dos santos; nenhuma separação absoluta entre vida antes e após a morte, mas uma ponte sobre o abismo no estado da crença. Nem tampouco existe separação entre Bíblia e os livros de homens, mas um tipo de afinidade nas lendas da Escritura; e, finalmente, separação nenhuma entre a condição de com ou sem fé, mas uma transferência de uma até a outra, nas obras preparatórias.

O resultado prático deste falso ponto de vista é a crença num meio termo entre crentes e não crentes, a saber, um terceiro estado

para almas atribuladas. Ou podemos chamá-lo filosofia; mas então ela será terreal, na sua obstinação panteísta recusando-se a admitir o contraste absoluto entre o Criador e a criatura, e imprudentemente interpretando o ministério de reconciliação da Escritura no sentido de um sistema essencial, i.e. na miscigenação de um ser com outro.

A Bíblia é diametralmente oposta a isto: "...e fez (Deus) separação entre a luz e as trevas"[Gênesis 1:4]; "...Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas que estavam debaixo do firmamento e as águas que estavam por cima do firmamento"[Gênesis 1:7]; "E disse Deus: Haja luminares no firmamento do céu, para fazerem separação entre o dia e a noite..."[Gênesis 1:14]. Por conseguinte todos aqueles que reconhecem a absoluta separação entre fé e descrença devem alinhar-se em oposição direta aos Éticos. Isto explica a causa do nosso conflito eclesiástico.

Aqueles que negam os contrastes e apagam as fronteiras divinamente ordenadas devem ser conciliatórios, i.e. eles devem defender que uma ruptura na Igreja não pode ser permitida. A inferência fatal da sua tendência panteísta é, "Nenhuma ruptura, nenhuma cisão, mas sim pontes". Assim é que a nossa posição faz antagonismo a este ponto de vista, em toda a linha da nossa vida teológica e eclesiástica, com definida austeridade, e consistência absoluta: graça particular, ou Cristo pro omnibus; somente dois estados, ou três; regeneração direta, ou operações preparatórias, universais; nenhuma Igreja dividida, ou uma Igreja leal à Palavra de Deus; um Deus-homem, ou um Mediador entre Deus e o homem; uma Escritura absolutamente inspirada, ou cheia de sapientes opiniões humanas; e com relação à fé, uma disposição expressamente trazida ao pecador, ou a restauração de uma função da alma. Por conseguinte, existe oposição do início ao fim.

Disto, a relação entre Escritura e fé é facilmente determinada. Ambas existem para o bem do pecador, em virtude do pecado, e para remover o pecado; uma não sem a outra, ambas pertencendo uma à outra. Sem a Bíblia, a fé é um olhar sem sentido. Sem a fé, a Bíblia é um livro fechado.

A experiência o prova. Pessoas agraciadas com a faculdade da fé, mas ignorantes quanto à Sagrada Escritura, ou erroneamente instruídas, não fazem nenhum progresso; uma vez instruídas, elas vivem e se fortalecem. Ao contrário, para pessoas familiares com a Bíblia desde tenra idade, mas sem fé, a Bíblia se lhes parece como um livro fechado; a Palavra não penetra neles. Mas quando a Escritura e a fé salvadora abençoam a alma, então a glória do Espírito Santo aparece; pois foi Ele quem primeiro proporcionou a graça particular da Escritura, e então também aquela graça particular, da fé.

Esta é a razão porque os argumentos pela verdade da Escritura nunca beneficiam nada. Alguém a quem a fé é concedida, gradualmente aceitará a Escritura; se não agraciado com a fé, ele nunca aceitará a Escritura, embora fosse inundado com apologética. Certamente que é nossa a tarefa de assistir almas sedentas, explicar ou remover dificuldades, algumas vezes mesmo para silenciar um escarnecedor; mas fazer com que alguém não crente tenha fé na Escritura encontra-se completamente além da capacidade humana.

A fé e a Escritura pertencem-se juntamente; o Espírito Santo designou uma para a outra. A última é arranjada de tal forma a ser aceita pelo pecador que seja agraciado com a fé. E a fé é uma disposição, reconciliando completamente a consciência e a Escritura. Portanto o "testimonium Spiritus Sancti" deveria ser tomado, não no sentido racionalista ou Ético de ser a operação sobre uma certa disposição universal, mas como um testemunho real do Espírito Santo, quem habita na consciência e nos dá a experimentar a adaptação - como aquela do olho à cor - da Escritura à fé.

XLI. Testemunhos.

"De fato, sem fé é impossível agradar a Deus..." - Hebreus 11:6

De forma a prevenir a possibilidade de ser levado a trilhas de erro, a fé é direcionada, não a um Cristo da imaginação, mas a "o Cristo nas vestes da Sagrada Escritura", como Calvino o expressa.

E, portanto, devemos discriminar entre (1) fé como uma faculdade implantada na alma sem ou nosso conhecimento; (2) fé como um poder através do qual esta faculdade implantada começa a agir; e (3) fé como um resultado - uma vez que, com esta fé, (1) nós

abraçamos a Escritura Sagrada pela verdade, (2) tomamos refúgio em Cristo, e (3) estamos firmemente assegurados da nossa salvação em amor inseparável por Emanuel.

Ao que deve finalmente ser acrescentado que esta é a obra só do Espírito Santo, que (1) nos deu as Escrituras Santas; (2) implantou a faculdade da fé; (3) fez com que esta faculdade agisse; (4) fez esta fé manifestar-se no ato; (5) através do que testemunhou às nossas almas com relação às Sagradas Escrituras; (6) capacitou-nos a aceitar Emanuel com todos os Seus tesouros; e, finalmente, nos fez encontrar no amor de Emanuel, a certeza da nossa salvação.

Inteira, completamente diferente desta é a fé histórica, a qual Brakel descreve rapidamente como se segue: "Fé histórica é assim chamada porque conhece, sabe a história, a narrativa, a descrição dos assuntos que lhe dizem respeito não mais do que as histórias do mundo; pois ninguém pode usá-las em seu próprio benefício, nem tampouco cria qualquer emoção na alma, nem mesmo suficiente para fazer com que o homem confesse: 'Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem'[Tiago 2:19]. 'Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas'[Atos 26:27].'" A seguir vem a fé temporária, da qual Brakel nos dá a seguinte descrição: "Fé temporária é um conhecimento e uma concordância para com as verdades do Evangelho, reconhecendo-as como a verdade; o que causa algumas agitações naturais nas afeições e paixões da alma, uma confissão dessas verdades na Igreja, e um caminhar externo, um testemunho em conformidade com aquela confissão; mas sem uma união real com Cristo, para justificação, 'santificação e redenção' - Mas, 'o que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a Palavra e A recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da Palavra, logo se escandaliza'[Mateus 13:20, 21]. 'É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é possível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-O à

ignomínia'[Hebreus 6: 4 - 6]. 'Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro'[II Pedro 2:20]."

Há também a fé de milagres, a qual Brakel descreve com as palavras: "A fé de milagres é um ser intimamente persuadido, por um operar interno de Deus, de que esta ou aquela obra deve ser feita, numa maneira sobrenatural, sobre a nossa palavra ou comando, em nós mesmos ou em outros. Mas a capacidade de fazer milagres não é do homem, mas sim de Deus, através do Seu poder onipotente, em resposta à fé: '...Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível'[Mateus 17:20. '...ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes...'[I Coríntios 13:2]. 'Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava'[Atos 14:9, 10]. Esta fé foi encontrada especialmente nos dias de Cristo e dos apóstolos, para a confirmação da verdade do Evangelho".

Estes três tipos de fé relembram, em alguns aspectos, a fé salvadora, mas lhes falta o seu ser. Particularmente não a fé para realizar milagres, a qual também era encontrada em Judas. A fé que remove montanhas não é uma fé justificadora. A fé histórica chega um pouco mais perto, a menos que, em razão de uma indolência e uma indiferença, ela simplesmente ecoe as palavras de outros sem, contudo, aceitar a sua verdade, e assim abra o caminho para o Farisaísmo. A fé temporária é a que mais se aproxima, a qual é sem dúvida operada pelo Espírito Santo, e proporciona um gosto dos dons celestiais, mas a qual em si mesma não tem raízes. É como um buquê de flores, que por um dia adorna o peito da pessoa que o usa, mas que, estando as flores separadas de suas raízes, não se tratam de plantas.

Finalmente, podemos falar da fé no seu sentido mais geral, mais amplo, o qual é a ausência de toda hesitação, de toda dúvida ou obstáculo para recebermos em nós mesmos a operação direta e imediata da majestade santa de Deus, e da majestade da Sua verdade,

de forma tão penetrante que espontaneamente cremos que a Palavra e o Ser de Deus são a base e a fundação de todas as coisas. Neste sentido geral São Paulo diz que, "Sem fé é impossível agradar a Deus"; e neste sentido mais geral a fé também pertencia ao Senhor Jesus Cristo. Mas não se trata de uma fé salvadora, pois ela não tem nada a ver com salvação.

A fé salvadora inclui a Cristo. Como poderia tão fé que inclui a Cristo existir em Emanuel? Ao invés de gastar nossa energia para provar este fato claro, apresentamos aos nossos leitores a linda exposição feita por Comrie, do conhecimento salvador da fé, na qual ele fala na seguinte e penetrante maneira:

"Enumeraremos rapidamente os objetos deste conhecimento da fé:

"Primeiro, este conhecimento é uma luz divina, do Espírito Santo, através da Palavra, pela qual eu me familiarizo, até um determinado ponto, com o conteúdo do Evangelho da salvação, o qual até então era para mim um livro selado; o qual, embora eu compreendesse pelas palavras e em suas conexões, eu não podia aplicar a mim mesmo, para direcionar e suportar minha alma na grande ansiedade, conflito e angústia que o conhecimento de Deus e de mim mesmo trouxe sobre mim. Mas agora tornou-se claro e perceptível para mim. Agora eu aprendo através do iluminar do Espírito Santo no conteúdo do Evangelho, de modo que eu agora posso compactuar e comungar com ele. E então eu sugo desse peito de consolação o leite puro, racional e inalterado da sempiterna Palavra de Deus. Verdadeiramente, as almas que são realmente humildes pela fé concedida não derivam qualquer benefício a partir de suas próprias noções e opiniões acerca da verdade do Evangelho; ao contrário, elas tendem a desencorajar suas noções e opiniões, porque o seu conhecimento, o qual é tão grande, não lhes vale de nada, o que seja. Eu conheci homens de excelente conhecimento acadêmico que, por razões da sua própria compreensão da verdade, em sua legítima consternação, quase que clamaram as palavras dos demônios: '...Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?'[Mateus 8:29]. Somente lembrem-se de Spira e outros. Eu creio que o conhecimento acadêmico do Evangelho, o qual foi aqui desdenhado,

será um inferno no inferno. Pois muitas vezes ocorre que esta compreensão da escrita, a qual é somente uma aquiescência para com a própria verdade, quando negligenciada faz com que a alma pense: 'Isto não é para mim, mas para os outros'. Deus sabe quantas vezes uma pobre alma naufraga nesta profundidade, e ali é mantida por outros que se manifestam orgulhosamente. No entanto, quando o Espírito Santo faz com que o Evangelho divino brilhe na escura prisão da alma, para iluminar com uma luz celestial e divina os olhos da fé intimamente operada, a alma recebe o Evangelho como boas novas, e como uma palavra de instrução, de encorajamento e de direção; e é então por ela guiada, passo a passo, como uma criança, que a partir do seu "ABC" aprende a soletrar e a ler. Agora é: 'Olhem, eu vejo um caminho surgir!' E então: 'Grandes pecadores foram salvos, certamente deve haver esperança para mim!' À distância, os portões da Cidade de Refúgio são vistos abertos de par em par, e Jesus está esperando por detrás dos muros - sim, Sua glória é vista brilhando através dos portões. E neste caminho, por intermédio da luz celestial, a qual é derramada sobre a fé intimamente operada, a alma obtém o conhecimento do secreto do Senhor em Cristo, que lhe é revelado. Quantas vezes este conhecimento faz com que a alma saia em desejos santos, não precisamos dizer. Muitos parecem alcançar, com um só passo ou salto, o degrau mais elevado; mas, como uma planta exótica delicada, a verdadeira fé cresce devagar, passo a passo, desde as precedentes profundezas da humilhação, até encontrar-se perfeita, em obra e exercício reais.

"Segundo, este conhecimento é uma divina luz do Espírito Santo no, desde o, e através do Evangelho, pela qual eu conheço a Cristo, que é seu Alfa e Omega, como Pérola e Tesouro precioso, excelente e maravilhoso oculto neste campo. Mesmo que eu conhecesse todas coisas, e não conhecesse a Jesus por intermédio da luz do Espírito, minha alma seria um lugar cheio de misérias; um sepulcro aparentemente bonito por fora, mas por dentro cheio de ossos mortos. E este conhecimento de Cristo, concedido à alma pelo refulgir da luz divina, através do Evangelho, não pode nunca proporcionar de si mesmo luz alguma, a não ser que acompanhada pelo imediato operar e pela imediata iluminação do Espírito Santo.

Pois não é a palavra escrita que é efetivamente operante na alma, mas sim o agir direto do Espírito Santo por intermédio da escrita.

"E agora vocês podem perguntar, de que forma eu devo conhecer a Jesus? Nos ateremos aos seguintes tópicos: Esta compreensão da fé, objeto da qual é Cristo no Evangelho, é uma compreensão pela qual eu sei, conheço, através da divina luz do Espírito Santo, minha absoluta necessidade de Cristo. Eu vejo que devo dez mil talentos, e que não tenho sequer um centavo para pagar; e que devo ter uma certeza do pagamento dos meus débitos. Eu vejo que sou um pecador perdido, que necessita de um Salvador. Eu vejo que estou morto e impotente em mim mesmo e que preciso dEle, que é capaz para reviver-me e salvar-me. Eu vejo que perante Deus eu não posso permanecer, e que necessito dEle como um emissário. Eu vejo que me perco, e que Ele deve buscar-me. Oh!, o mais que esta necessidade de Cristo me pressiona, a partir deste verdadeiro conhecimento da fé, mais sinceros, intensos, quebrantadores e perseverantes as manifestações de minha alma o são a partir da fé entretecida, e acompanhadas por ainda maior conflito. Muitos não os reconhecem porque não os experimentam, mas, sendo os efeitos do Espírito Santo e os resultados da fé elaborada, entretecida, eles são agradáveis a Deus, a quem eles, direcionam-se. Pois Ele atenderá à oração do desamparado, e não lhe desdenhará as preces-Salmo 102:17.

"Terceiro, é através desta compreensão, deste conhecimento que eu, pela luz do Espírito, conheço Jesus no Evangelho, como adaptado em cada aspecto à minha necessidade. É a própria convicção da qualificação de algo que persuade as afeições para escolher aquilo em detrimento de tudo o mais; que faz com que alguém seja resoluto e perseverante apesar de todos obstáculos, jamais abandonando a determinação de assegurar para si o algo ou a pessoa escolhida por esta qualificação para a sua necessidade. Você pode comprova-lo no que tange ao casamento.

"Um jovem pode julgar ser-lhe absolutamente necessário casar-se. E ainda assim, embora convencido desta necessidade, ele está Tateando no escuro. Agora ele está totalmente determinado, e amanhã já não está mais. Agora ele quer esta mulher, e no dia seguinte, uma

outra. Mas assim que ele encontrar a pessoa a quem ele considere adequada para si em cada aspecto, ele estará inteiramente resolvido. Esta qualificação é a flecha que penetra a sua alma, e que faz a balança de suas afeições agitadas pender em favor do objeto de sua simpatia. Assim é que nada pode demove-lo dela, desde que ele a considere ideal a si próprio; se necessário for ele trabalhará por ela como um escravo duas vezes sete anos, tempo o qual lhe parecerá senão como dias, em virtude da esperança de, ao final, chamá-la sua.

"E isto pode ser facilmente aplicado ao espiritual. Mostra que embora alguém esteja convencido da sua necessidade de Cristo como seu Salvador, todavia enquanto ele não enxergar e não conhece-LO pela fé como maravilhosamente adequado à sua pessoa em particular, as afeições não são movidas em direção a Ele. Do que se segue que muitos, em meio a problemas cotidianos da alma, agem de forma tão indecisa: hoje eles desejam a Cristo, e amanhã não. Neste instante eles desejam converter-se, e no instante seguinte não mais. Este é o motivo porque muitos que uma vez foram tocados pela perfeita proficiência de Cristo às suas necessidades, e portanto buscaram-NO durante um tempo, voltam atrás e não mais clamam por Ele, simplesmente porque eles não O acham mais tão qualificado às suas necessidades, de modo que por amor a Ele suportem o calor do dia e o frio da noite, ou que sacrifiquem tudo, para te-LO. E isto prova que eles nunca conheceram sua real elegibilidade, que eles nunca a enxergaram com os olhos da fé; do contrário a semente de Deus teria permanecido neles. Mas quando a divina luz do Espírito Santo, no Evangelho, ilumina minha alma, e eu recebo esta compreensão, este conhecimento de fé de Jesus, Oh!, então eu vejo nele tal elegibilidade como uma Segurança, um Mediador, um Profeta, Sacerdote, e Rei, que minha alma é tocada em dimensão tal que eu julgo impossível viver um outro momento feliz, a menos que Jesus Se torne o meu Jesus. Minhas afeições são inclinadas, arrebatadas, direcionadas e acomodadas neste objeto, e minha resolução é tão grande, tão determinada, não inamovível, que se fosse exigida a perda da vida e dos bens, de pai e mãe, irmã, irmão, esposa e filhos, olho direito ou mão direita - sim, ainda que eu fosse condenado a morrer na estaca, eu pouco ligaria para tudo isso, e sofreria com alegria, por haver este

maravilhosamente preparado Salvador se tornado meu Salvador e meu Jesus. Oh! meus amigos, examinem seus corações, pois, a partir da própria natureza do caso, o que quer que seja menos que isso não será suficiente. Se você o possuir, você alegremente romperá com todos os seus pecados, você acenará um eterno e exultante adeus às suas mais queridas luxúrias e ardentes paixões; isto fará com que você conte todas as suas justiças, as quais você estimava como lucro, como nada mais do que perdas, rejeitando-as como refugio inútil, pela excelência do conhecimento de Cristo; fará com que você tome com prazer a destruição dos seus bens; fará com que você repute como honra, com o apóstolo, ser afligido ao extremo pelo bem de Cristo; fará com que você afirme: 'Embora eu ainda não O tenha encontrado, e esteja somente buscando Aquele a Quem a minha alma ama, e embora eu não ouse dizer, Meu Amado é meu e eu sou dEle, ainda assim se eu tivesse que labutar por Ele duas vezes sete anos, e passá-los em gemidos e em lágrimas e em súplicas, eu contaria o tempo como nada mais que dias, se somente ao final eu pudesse encontrá-LO para ser meu. Deus Ele mesmo deve fixar sua mente nestas coisas; estes resultados são os sinais infalíveis da íntima raiz do assunto.

"Quarto, esta compreensão, este conhecimento da fé é uma luz divina do Espírito Santo pela qual eu conheço a Cristo no Evangelho em toda a Sua suficiente plenitude. Através desta eu vejo não somente que Ele está bem disposto para com pobres pecadores tais como eu-pois um homem pode estar favoravelmente disposto para com outro para assisti-lo em sua miséria, mas pode faltar-lhe o poder e os meios para assim fazê-lo, e o melhor que ele poderia fazer talvez fosse simpatizar-se com o miserável e dizer, 'Eu lamento sua miséria, mas não posso ajudá-lo' - mas esta luz divina ensina-me que Cristo pode salvar até o mais extremo; que embora os meus pecados sejam vermelhos como escarlate e carmesim, mais pesados que as montanhas, maior em número que os fios de cabelo de minha cabeça e os grãos de areia da praia, há tal abundância de satisfação e de méritos na satisfação, por virtude de Sua Pessoa, que, embora tivesse eu os pecados da raça humana, eles seriam, comparados à satisfação de Cristo, a qual tem, por virtude da Sua Pessoa um valor infinito,

tais como uma gota no oceano, e uma pequenina partícula de poeira na balança. E isto convence minha alma que o meu pecado, ao invés de ser um obstáculo, antes muito mais acrescenta à glória da redenção, que aprouve à graça soberana fazer de mim um monumento eterno de compaixão infinita. Antes, eu sempre confessava meu pecado de forma relutante; a confissão era arrancada dos meus lábios contra a minha vontade, só porque a minha angústia me levava a fazê-lo, pois eu sempre imaginei que, quanto mais eu confesso meu pecado, mais distante eu fico da salvação e mais eu me aproximo da condenação eterna; e, tolo que eu era, eu disfarçava minha exaustão. Mas, desde que eu sei que Jesus é tão suficiente, eu agora grito alto, muito mais com o coração que com os lábios, 'Embora eu fosse um blasfemador e um opressor e tudo o quanto é mau, este é um dizer fervoroso, e digno de toda aceitação, que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores, dos quais eu sou o maior'. E, se for preciso, eu estou pronto a assinar com meu próprio sangue, para a glória da soberana graça. Neste modo cada crente, se permanecer nesta atitude, sentir-se-á inclinado a testificar, comigo.

"Quinto, é este conhecimento, é esta compreensão, através da qual eu sei, na luz do Espírito Santo brilhando em minha alma através do Evangelho, a Jesus Cristo, como o mais desejoso e mais pronto Salvador, quem não somente tem o poder para salvar e reconciliar a minha alma junto a Deus, como também está excessivamente desejoso de salvar-me. 'Meu Deus, o que é isso, que trouxe tal mudança à minha alma? Estou mudo e envergonhado; Senhor Jesus, encontrar-me perante a Ti, em razão do mal que tenho praticado contra Ti, e dos pensamentos duros que abriguei com relação a Ti, Ó precioso Jesus! Eu pensava que Tu não estavas disposto e que eu estava disposto; eu pensava que o erro estivesse conTigo e não comigo; eu pensava que fosse um pecador pronto a arrepender-se e que tivesse de clamar, de implorar a Ti com muito pranto e preces e lágrimas para fazer de Ti, Jesus hesitante, um Cristo disposto; e eu não podia crer que a falta, que o erro estivesse em mim'.

"Esta oposição ou controvérsia entre a alma sincera e Cristo freqüentemente dura um longo tempo, e nunca termina até que pela divina luz alguém enxergue a disposição de Jesus. No entanto, não

deve supor-se que não exista fé na alma, durante aquele tempo. Mas pode ser dito que, embora tenha havido fé, não houve o exercício da fé com relação a este tema. E quando isto aparece, a alma diz: 'Com grande vergonha e confusão de alma eu agora enxergo Tua prontidão e disposição. Tu me tens dado a evidência de Tua disposição através de Tua vinda ao mundo; pelo Teu sofrimento do castigo; por Teu convite a mim, e pela perseverança da Tua obra no meu coração. Eu relembro minhas palavras anteriores, não crentes, proferidas do fundo do meu coração não crente, e clamo agora, em alta voz: Tu és um Cristo disposto e eu era um pecador indisposto. Meus Deus, agora eu sinto que Tu és mui poderoso para comigo, Tu tens me persuadido; e agora, neste dia do Teu poder, eu não posso e não mais hesitarei, mas com minha própria mão eu escrevo que eu serei do Senhor.' "O conhecimento, a compreensão crente da disposição, da prontidão de Jesus, na luz do Espírito Santo através do Evangelho, faça com que eu enxergue minha relutância, minha hesitação anterior. Mas assim que esta luz brilha na alma, a vontade é imediatamente dobrada e submissa. Aqueles que dizem que Jesus está pronto e disposto, mas que eu permaneço hesitante e relutante, falam de mera teoria; mas falta-lhes o conhecimento, a compreensão da fé, e não têm descoberto esta verdade. Pois como a sombra segue o corpo, e o efeito segue-se à causa, assim também o conhecimento, a compreensão crente da prontidão e disposição de Cristo para comigo, imediatamente seguiu-se à minha disposição para com Ele, com o completo abandono de mim mesmo por Ele. Apresentar-se-á voluntariamente o Teu povo, no dia do Teu poder..."[Salmo 110:3].

"Finalmente, por este conhecimento através da promessa do Evangelho, e pela luz do Espírito Santo, eu aprendo a conhecer a Pessoa do Mediador em Sua glória Pessoal, estando tão perto dEle que posso com Ele compactuar. Eu digo, 'na promessa do Evangelho, mostrar a diferença entre uma visão de êxtase tal como a de Estevão e o conhecimento arrogante do qual falam os hereges e contra a Palavra. A Palavra somente é o espelho no qual Cristo pode ser visto e conhecido pela fé salvadora. E nisto eu O vejo em Sua glória pessoal, com o olho da fé, não próximo como eu nunca vi qualquer objeto com o olho humano. Pois esta fé entretecida e a luz do Espírito

Santo brilhando sobre ela trazem a Própria Pessoa em forma substancial até a alma, de modo que ela apaixonar-se por Ele, e de tal modo encanta-se com Ele que exclama: 'Meu Amado é alvo e rosado, o mais distinguido entre dez mil. Pois o Seu amor é mais forte que a morte; mais cruel que a sepultura é o ciúme; suas brasas são brasas de fogo, labaredas do Senhor. Muitas águas não podem afogar aquele amor; se alguém desse todos os bens de sua casa por amor, seria de todo desprezado'(Cantares 5:10; 8:6, 7).

"Meus amados, a fé envolve não somente as palavras e os escritos do Evangelho, mas o Próprio Cristo, neles. A fé comunica-se, não só com a escrita, mas com Cristo na escrita. A fé tem duas fundações, a Palavra e a Substância na Palavra, a saber, Jesus Cristo - I Coríntios 3:11. O Evangelho é um espelho; mas se Cristo não aparecer defronte ao espelho, Ele não poderá ser visto. E quando Ele apresenta-Se, não é o espelho que é a finalidade da fé, mas sim a Imagem vista no espelho. É sabedoria, corretamente discerni-lo".

Isto não está admiravelmente dito? O Senhor nosso Deus concede a muitos de nós este rico e puro prazer.

(1). Brakel e Comrie foram célebres teólogos Holandeses no século dezoito.

(2). "Certa fudicia". Não um certo conhecimento; mas um conhecimento certo.

(3). "Certa fudicia". Não um certo conhecimento, mas um conhecimento certo.

(4). Uma publicação religiosa semanal, editada pelo autor.

VOLUME TRÊS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Primeiro - Santificação

I. Santificação

"Mas vós sois dEle, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" - I Coríntios 1:30

Santificação é um dos mais gloriosos dons, o qual, pelo Pacto da Graça, o Mediador concede ao santo. Ele cobre toda a sua natureza mental, espiritual e física. Deveríamos, portanto, compreendê-lo de inteiramente, e aprender como obtê-lo, e cada crente, qualquer que seja a medida da sua fé, deveria estar plenamente cômico de sua atitude para com ele; pois pontos de vista errôneos concernentes a isto certamente nos distanciarão do Cristo vivo.

É tolice pensar que, embora as heresias da atualidade tenham afetado as doutrinas de Cristo, Pecado e Regeneração, a Santificação é tão simples de forma a não ser afetada. Ainda assim mesmo ministros caem neste triste engano. Homens de fervor espiritual, eles opõem-se terminantemente a heresias relativas a estes outros, em suas instruções catequéticas e de púlpito, e em seus escritos; referindo-se a tais como erro fundamental; mas de alguma forma eles nunca se dão conta de que a doutrina da santificação possa correr perigo, e falham em colocar a Igreja em guarda.

Tal perigo era impossível; e então, de fato, eles dificilmente cuidam de ter a santificação distinguida como um dogma. "Ao contrário", dizem eles, "A beleza da santificação é que ela é vida; por conseguinte inteiramente independente dos mistérios de um dogma. Na vida de santificação os crentes podem ser acusados de negligência, de viverem descuidadamente, de lento progresso em resumo, com um 'fazer' faltoso e um 'trabalhar' faltoso, pois o que é a santificação senão o melhorar a si mesmo e o crescer diariamente em santidade? mas nunca com um confessar faltoso; com pontos de

vista faltosos quanto à doutrina; pois a santificação não é doutrina, e sim vida.” Desta forma eles passam a negar à santificação o valor e a dignidade de um dogma ou doutrina; fazê-la quase que um sinônimo de melhoramento de vida; portanto fazer dela a propriedade comum de todos que tentam levar vidas honestas e pias.

Então a idéia cresceu naturalmente, que muitas pessoas de doutrina não sólida podiam levar vidas mais espirituais. Este suposto fato foi até mesmo fortalecido com a palavra de Jesus, de que publicanos e prostitutas vão para o Reino de Deus antes de nós; e as congregações muitas vezes receberam a impressão de que o próprio racionalismo pode levar a resultados melhores do que os que algumas vezes fluem de uma crença ortodoxa. E o resultado foi que esta assim chamada santificação levou a um enfraquecimento da fé, a um considerar da pureza da doutrina como imaterial; até que finalmente assumir uma atitude hostil para com os mistérios da verdade. Este foi o esforço natural de confundir melhoramento próprio com santificação, e de opor-se vida à doutrina, como ouro a pedras sem valor.

A expansão destas idéias falsas de santificação não beneficiou o Cristianismo nestas províncias, mas, como nos dias da pré-Reforma, desviou o povo da doutrina do Cristianismo.

Roma sofreu uma vez e ainda sofre, do mesmo mal. Não como se ela se rendesse ou mesmo negligenciasse a sua doutrina; mas, mesmo nos dias em que a sua hierarquia floresceu, a necessidade de reforma de vida era sentida de maneira tão forte que resultou numa exortação parcial de santificação. Seu moto favorito era: “Boas obras.” Foram da maior importância: não palavras, mas poder; não a confissão, mas a seriedade e a voluntariedade para fazer o bem, não simplesmente em segredo, mas abertamente, de maneira que os homens o vissem! Isto foi levado a tal ponto que finalmente Roma deixou de satisfazer-se com boas obras como fruto de conversão, e até mesmo começou a olhar para as boas obras como uma causa primária e meritória de salvação; e assim ela acabou com o mistério da fé com uma falsa pregação de santificação. Como agora, não intencionalmente, com o clamor, “Não doutrina, mas vida”, homens são guiados, como se por uma necessidade férrea, a primeiro

subestimar o valor da doutrina, então a desaprova-la, e finalmente a proclamá-la injuriosa, sim, perigosa até; assim também o clamor por boas obras gradualmente induziu Roma a divorciar o mistério do perdão do pecado da cruz do Calvário, não na confissão, mas na consciência dos seus membros.

Pelo bem de uma visão mais clara e um proceder mais seguro, devemos retornar ao ensinamento definitivo, de que a santificação é uma doutrina, uma parte integral da confissão, um mistério, tanto quanto a doutrina da reconciliação, e portanto um dogma. Na realidade, no tratamento da santificação nós penetramos no próprio coração da confissão, o dogma que cintila na doutrina da santificação.

É claro que não devemos divorciar a santificação da vida. Nenhum dos filhos de Deus nega que a doutrina tem a sua aplicação na vida; não existe verdade cuja operação não seja sentida em sua vida. Para ele cada doutrina é imbuída e cheia de vida, uma brasa viva, um fogo radiante, uma lâmpada sempre acesa, um poço de água viva jorrando para a vida eterna. O conteúdo de cada doutrina, de cada mistério, é alguma coisa no Deus vivo, ou na Sua criatura; a confissão de uma condição, um poder, um operar, alguém que realmente existe, que vive, que age. O sangue da expiação significa, não naquelas gotas específicas que fluíram, da cruz, e perderam-se no solo hostil do Calvário; mas um tesouro no Cristo vivo, operando incessantemente no céu, através do qual Ele enriquece os Seus filhos na terra; o poder glorioso o qual eles conhecem e do qual eles experimentam.

E isto é verdadeiro com relação a cada mistério, como mostra a nossa confissão da Trindade Santa, ao dizer deste mais profundo e mais incompreensível dogma: “Tudo isto sabemos tanto pelo testemunho da Sagrada Escritura¹, como pelas obras das três Pessoas, principalmente por aquelas que percebemos em nós”[Confissão de Fé Belga — Referências: Jo 14:16; Jo 15:26; At 2:32,33; Rm 8:9; Gl 4:6; Tt 3:4-6; 1Pe 1:2; 1Jo 4:13,14; 1Jo 5:1-12; Jd :20,21; Ap 1:4,5.]

E isto aplica-se à doutrina da santificação assim como a todas outras doutrinas; pois não se trata, não mais do que os outros dogmas, a confissão de uma matéria inanimada, senão a confissão de um poder formidável, o qual em nós vive e opera efetivamente. Assim é

que a santificação deve ser pregada uma vez mais como uma doutrina; deve ser confessada, examinada, e estudada como uma doutrina; ser seguida através de uma aplicação apropriada como a pregação de qualquer outra doutrina; e a santidade, a vida espiritual, e boas obras serão o resultado. Mas para obter este resultado, é necessária uma exposição clara da causa e do poder animador da santificação. Quando, numa fria manhã de inverno o fogo não arde o suficiente e a família sofre, é tolice dizer: “Já que o fogo não está queimando o bastante; removamo-lo, e nos aqueçamos sem ele”. Para evitar o congelamento exige-se mais fogo; e assim não o fogo, mas a causa de ele não ser suficiente é que deve ser removida. E isto aplica-se à santificação. Existe uma reclamação, geral e amarga, da frieza que tem se abatido sobre a Igreja; e exige-se a operação poderosa da santificação para salvar a Igreja.

Mas os métodos empregados mostram freqüentemente um julgamento pobre. Antigamente a Igreja confessava uma doutrina pura, pela qual ela mantinha perto de si a fonte do calor vital o qual nos é dado na palavra de Deus; e os poderes e as obras depositadas no Mediador pela Igreja irradiava em atividade gloriosa. A Igreja então florescia e a fé celebrava os seus maiores triunfos. Era extremamente frio sem ela, mas, enquanto o mundo morria envolto em sua mortalha, a verdade enchia a Igreja com luz e calor, e o fogo sagrado de uma doutrina pura crepitava e brilhava. Mas a luz perdeu o brilho, e apagou-se o fogo; e a Igreja de Deus tornou-se escura e fria. E os santos, meio frios e enrijecidos, tiveram profunda consciência da perda que haviam sofrido, e da necessidade de luz e calor. E agora, ao invés de avisá-los para acenderem a lâmpada da verdade e revitalizarem o fogo da confissão, para que suas almas possam reviver e serem confortadas, muitos dizem: “Queridos irmãos, não existe salvação em dogma ou confissão; estes são inteiramente inúteis; nada lhes resta a não ser acender luz e calor em suas almas, sem eles”, e assim a Igreja é ameaçada com morte e destruição.

Em serena certeza das bênçãos de Deus, caminhamos na direção oposta, e alertamos os irmãos para encher com óleo a lâmpada dos mistérios divinos, para por mais combustível no fogo da confissão; então haverá luz e calor, e a Igreja será salva. Assim será,

desde que — e não é necessário enfatizar — a doutrina seja realmente confessada. Confessar, não é dizer meramente, “Existe um fogo confortável na casa”, e então permanecer fora, no frio; mas aceitar o conforto e beneficiar a outros, tanto quanto a nós mesmos.

Clamar, “Não dogma, mas vida”, é tolice e descrença. Antes, oponhamo-nos ao ensino superficial e ilógico da atualidade. A doutrina deveria ser uma expressão fiel do mistério; o mistério deveria estar na frente do olho espiritual e iluminar a alma, como irradia-se do Cristo vivo, de acordo com o desígnio da salvação. Ao invés de distanciar as pessoas da doutrina, nós deveríamos fazê-las verem o quão pouco elas a compreendem; como elas tem flertado com ela, e não confessado-a; que o bem estar das suas almas exige o estudo sério da doutrina, de forma que o ato de confessar possa aprofundar e enriquecer sua vida espiritual. E imaginemos, então, não que o fruto da vida deva ainda ser importado de outro lugar, mas que a doutrina, corretamente confessada, venha a ser o próprio instrumento, para manifestar em nós o seu poder.

Assim é que a santificação deveria ser tratada.

II. Santificação É Um Mistério.

“Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” — II Coríntios 7:1

A santificação pertence aos mistérios da fé; portanto não pode ser confessada a não ser como dogma.

Com esta declaração nossa intenção é eliminar de vez qualquer representação que faça “santificação” consistir do esforço humano de fazer com que alguém se torne santo ou mais santo.

Tornar-se mais santo é indubitavelmente tarefa de cada ser humano. Deus condenou toda falta de santidade, como algo amaldiçoado. Santidade inferior não pode existir perante Ele. Cada ser humano mais ou menos santo deve abandonar toda falta de santidade, deve renunciar a toda santidade inferior, e permitir que a perfeita santidade habite nele e nele se manifeste instantaneamente. O mandamento “Sede santos porque Eu sou santo”[Levítico 11:44-45; 19:2], não pode ser diminuído. O enfraquecimento da moral corrente

exige que o direito absoluto de Deus para demandar santidade absoluta de cada ser humano seja incessantemente apresentado à consciência, ligado ao coração como um memorial, e proclamado a todos com firmeza.

Nos incontáveis territórios celestes onde Deus reúne os Seus redimidos, toda falta de santidade é excluída e santidade absoluta é a característica perene. E como é no céu, assim também deveria ser na terra. Deus, o Regente soberano de todos os reinos deste mundo, terminantemente proibiu a menor falta de santidade no coração, no lar, ou em qualquer outro lugar na terra, sob a pena de morte. Na verdade, não há na terra nenhuma falta de santidade, seja com qualquer nome ou sob qualquer forma, que não esteja em desafio à Sua expressa vontade.

Deve, portanto, ser concedido, que é a Sua vontade revelada e mandamento, que toda esta falta de santidade deva cessar imediatamente, e ser substituída diretamente pelo que é santo e bom. Muito mais puros são os Seus olhos, do que para aturar a iniquidade.

Deve ser igualmente concedido que o dever de cada ser humano é remover a impiedade, a falta de santidade, e avançar nas coisas que são santas. Aquele que feriu deve também curar a ferida. Aquele que destruiu deve também restaurar o que destruiu. Aquele que profanou o que é santo deve também reconsagrá-lo. Homens que ainda vivem para um sentido de justiça não nos contradirão.

A obrigação de santificar novamente a vida deste mundo encontra-se, no sentido mais profundo, em Satã. Ele instilou em nossas veias o veneno que gera as doenças de nossas almas. A fagulha que ateou o fogo de paixões pecaminosas para explodir em natureza inumana foi acesa por ele. Que Satã está irremediavelmente perdido e condenado, não anula o direito eterno de Deus. Mesmo o próprio Satã, de acordo com este direito, deve imediatamente arrepender-se e comparecer perante Deus, santo como no princípio. E este mundo de homens, o qual ele corrompeu, não era seu, mas pertence a Deus. Ele nunca deveria tê-lo tocado. Por conseguinte a obrigação continua a estar sobre ele, não somente de parar este agir odioso, mas também de re-santificar perfeitamente o que ele de forma tão amarga e maliciosa profanou.

Que Satã não pode e nem o fará, justifica o seu julgamento terrível; mas isto não anula o direito de Deus e nem nunca o anulará. Se no Paraíso o homem tivesse involuntariamente caído vítima de Satã, a obrigação de re-santificar a vida deste mundo teria estado sobre Satã, e não sobre ele. Mas o homem caiu voluntariamente; o pecado deve a sua existência não somente à paternidade de Satã, mas também à maternidade da alma do homem; por conseguinte o próprio homem está envolvido na culpa e incluído no julgamento de morte, e portanto obrigado a restaurar o que arruinou.

Deus criou o homem santo, com o poder de continuar santo; santo também em virtude do desenvolvimento crescente do germe implantado. Mas o homem arruinou a obra de Deus no seu coração. Ele poluiu as vestimentas puras da santidade. E em fazendo-o ele violou o direito. Se ele pertencesse a si mesmo, se Deus houvesse permitido que ele fizesse consigo o que bem lhe parecesse, o direito não teria sido violado. Mas Ele não deu o homem a si próprio; Ele o reteve para Si como Sua propriedade privada. A mão que arruinou e profanou o homem destruiu a propriedade de Deus, invadiu o direito da soberania divina — sim, o Seu próprio direito de propriedade, e assim tornou-se passível (1) da penalidade por esta invasão, e (2) da obrigação de restaurar a propriedade arruinada ao seu estado original.

Daí a positiva e inegável obrigação da santificação própria do homem. Esta obrigação encontra-se, não sobre Deus, nem sobre o Mediador, mas sobre o homem e sobre Satã. A oração “Senhor, santifica-me” nos lábios do não convertido, ainda não sob o Pacto da Graça, é a mais inapropriada. Primeiro destruir propositalmente a propriedade de Deus, e então levar até Ele o que está arruinado demandando que Ele cure e restaure, antagoniza-se com o direito e inverte os mandamentos. Não, fora dos mistérios do Pacto da Graça, sob as obrigações da simples justiça, não nos encontramos em posição de pedir, “Senhor, santifica-nos”, mas Deus é quem está em posição de forçar sua justa demanda: “Santifica-te”.

‘Santifica-te’ não quer dizer que o homem devesse cumprir a lei. O cumprimento da lei e a santificação são duas coisas inteiramente diferentes. Que o pecador seja primeiro santificado, e

então ele também observará a lei. Primeiro a santificação, então a observância, o cumprimento da lei.

É como uma harpa com cordas partidas. A harpa foi feita para produzir música através da vibração harmoniosa das cordas. Mas a produção de música não é o concerto da harpa. As cordas quebradas devem ser substituídas, as cordas novas devem ser afinadas, e então é possível tocar os acordes melodiosos. O coração humano é como aquela harpa: Deus o criou puro para que pudéssemos observar, cumprir a lei; o que um coração impuro não é capaz de fazer. Assim é que estando profanado e sendo blasfemo, ele deve ser santificado; então será capaz de cumprir, de observar a lei.

Pelo bem da clareza, dois fatos reconhecidos devem ser notados:

Primeiro, se o homem nunca tivesse sido profanado pelo pecado, nunca lhe passaria pela mente santificar-se; e ainda assim a lei teria sido cumprida e observada sem qualquer distúrbio. Isto mostra que a santificação e o cumprimento, a observância da lei são duas coisas inteiramente diferentes.

Segundo, a santificação continua até que uma pessoa morra e entre no céu. Aí, então, ela é santa. Por conseguinte, não existe nenhuma santificação no céu. Todavia, a única ocupação dos santos no céu é fazer aquilo que é bom. Portanto a santificação é um assunto por si só, não consiste do fazer boas obras, mas deve ser um fato consumado antes que uma única boa obra possa ser feita.

Uma vez que o homem profanou-se a si mesmo, ele é chamado por Deus para re santificar-se. Assim é que a demanda da santificação não contém nem mesmo a sombra de um mistério. Não tem nada a ver com os mistérios, portanto não é nenhum dogma. É o veredicto mais simples e mais natural, do direito de Deus, na consciência. Que falemos de falta de santidade, de impiedade, implica que estamos convencidos de que devemos ser santos.

Existe contradição, então, quando dizemos, primeiro, que a santificação por si só é um mistério, e que pode ser confessada somente no dogma; segundo, que a demanda da santificação não tem nada a ver com o dogma?

Nem um pouco. Pecadores de quem Deus demanda que se santifiquem são, individual e coletivamente, totalmente incapazes de satisfazer àquela demanda. Até certo ponto eles podem retirar-se do pecado e do mundanismo, e muitas vezes o fazem. Muitas pessoas não convertidas têm feito muitas obras dignas de louvor. Em muitos casos, vidas têm sido reformadas, todo o tom da existência tem sido melhorado a partir de um mero impulso, sem um traço de conversão real. E, visualizando que a santificação consista no praticar menos o mal e mais o bem, e isto a partir de um motivo melhorado, imaginou-se que o homem ímpio, embora incapaz de satisfazer perfeitamente esta demanda divina, podia satisfaze-la até certo ponto. Mas tudo isto não tem nada em comum com a santificação, e pode ser inteiramente alcançado sem ela. Com toda sua 'auto melhoria' ele, o homem não pode efetuar, não pode executar a menor parte dela; embora mil vezes dito para santificar-se a si mesmo, ele é ambos, incapaz e não desejoso de fazê-lo.

Daí o questionamento: Como, então, a santificação é alcançada? E desde que a pergunta nunca recebeu uma resposta de qualquer dos sábios, mas somente de Deus através da Sua Palavra, portanto não a demanda, mas os meios de santificação, são para nós incompreensíveis e misteriosos. Por isso o caráter da santificação deve ser enfatizado como um mistério.

E qual é a razão, o motivo para negar que a santificação é um mistério, i.e., o conteúdo de um dogma? A suposição de que ela seja de origem humana, de que o homem não seja totalmente incapaz, e que a santificação seja a melhoria de caráter e de vida. Assim é que é equivalente a (1) uma desvalorização da santidade, para o ponto de vista humano; (2) uma oposição à santificação, como uma obra de Deus. E isto é um assunto muito sério. Deveríamos novamente tornarmo-nos claramente conscientes do fato de que a santidade sem a qual nenhum homem verá a Deus não é alcançada pelo desviar-se de algum mal e pelo fazer habitual de algum bem.

A demanda da santificação pertence ao Pacto de Obras; a santificação em si ao Pacto da Graça. Isto faz com que a diferença seja bem óbvia. Não como se o Pacto de Obras ordenasse ao homem que se santificasse; dado a homens santos, ele excluiu a santificação.

Mas Deus deu o Pacto da Graça aos homens não santos. E a única conexão entre a demanda pela santificação e o Pacto de Obras é que este sempre persegue os homens caídos com esta demanda, e com o terror de Horebe. E a santidade destrói as fundações do Pacto de Obras e torna impossível a conformidade com suas condições. Daí a contradição absoluta entre ela e a vida pessoal do pecador. Uma tem de dar lugar à outra; elas não podem existir juntas.

Neste doloroso conflito nós muitas vezes somos tentados a perguntar se Deus não é injusto em Sua lei a demandar de nós o impossível, e jogar nEle a culpa; pois não foi Ele quem nos fez? E desta dificuldade o Arminiano nos nossos próprios corações tenta escapar, seja por negar que jamais houvera um Pacto de Obras; ou por substituir o cumprimento, a observância da lei pela santificação.

Razão pela qual é nosso objetivo, principalmente com referência a esta doutrina, escapar desta perigosa confusão de idéias, e chegar a uma correta compreensão e pureza de expressão. A pregação não deve acrescentar ao caos, mas levar-nos a uma clara compreensão e discernimento.

Ao invés de nos acalentarmos docemente na Palavra, devemos seriamente esforçar-nos por compreendê-la. Na igreja da cidade tanto quanto na do campo, a Palavra deve ser pregada persistentemente, e com pureza sempre crescente, até que, convictos da sua falta de santidade pessoal, os homens comecem a enxergar que através de uma absoluta santificação, não uma mera auto melhoria; eles devem restaurar a Deus o Seu direito; até que, sentindo sua incapacidade, com corações quebrantados eles tornem-se para Deus para receberem o Mistério da Santificação dos tesouros do Pacto da Graça.

III. Santificação E Justificação.

“...oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação” — Romanos 6:19

Santificação deve permanecer santificação. Ela não pode ser arbitrariamente roubada de sua significância, nem ser trocada por alguma outra coisa. Ela deve sempre significar o fazer santo o que não é santo ou que é menos santo.

Cuidado deve ser tomado para não confundir santificação com justificação; um erro comum, freqüentemente feito por leitores descuidados das Escrituras. Daí a importância de uma compreensão completa desta diferença. Sendo negligenciada, ela pode levar a uma pregação confusa, a qual causa parcialidade; e homens ativos e de pensamento profundo, invariavelmente sistematizam sua parcialidade.

Qual, então, é a diferença? De acordo com os nossos teólogos do passado, ela tem quatro aspectos:

1. A justificação opera pelo homem; a santificação, no homem.
2. A justificação remove a culpa; a santificação, a mancha.
3. A justificação atribui a nós uma justiça que para nós é externa; a santificação, opera uma justiça inerente como nossa própria.
4. A justificação é completada de uma vez; a santificação, aumenta gradativamente; por conseguinte permanece imperfeita.

A resposta está correta no principal, porém insuficiente para contestar o erro presente. Ela é pouco profunda, é externa e incompleta; faz muito do fazer justo e do fazer santo, enquanto não considera justiça e santidade, uma idéia correta das quais é absolutamente necessária para a correta compreensão de justificação e santificação.

Examinemos estas idéias fundamentais, primeiro, no Próprio Deus. Torna-se evidente imediatamente que as palavras “Nosso Deus é justo”, impressionam-nos diferentemente do que “Santo, santo, santo é o Senhor!”

A última frase nos impressiona com o sentimento de que, o nome de Jeová é infinitamente exaltado acima do baixo nível desta vida pecadora e impura; descobrimos uma distância entre Ele e nós mesmos a qual, na medida em que se expande em santidade ainda mais transcendente, atira-nos de volta a nós mesmos como criaturas impuras, enquanto faz com que o Seu Ser resplandeça na luz da qual não se pode aproximar. Se os anjos cobrem suas faces com suas asas enquanto O exaltam, quanto mais devemos nós, homens pecadores, considerarmos com face coberta e em temor reverente! A verdade “Os Senhor tem os olhos mais puros do que para notar o mal”, nos

impressiona com o profundo sentido da indizível sensibilidade de Deus, a qual é tão pungente que mesmo a menor sugestão de pecado ou impureza levanta nEle tão antipatia que Ele não pode suportar-lhe a visão.

Mas culpa está fora da questão. Na presença da santidade divina não nos sentimos culpados, mas somos sobrepujados pela consciência da nossa completa corrupção e maldade. Mesmo entre homens nós nem sempre nos sentimos bem satisfeitos conosco mesmos. O zelo e o amor mais cálidos do nosso irmão muitas vezes nos fazem sentir-nos envergonhados. Ainda assim o sentimento não equivale a auto aversão. Mas na presença da santidade de Deus nós sentimos de imediato a nossa impureza espiritual com Isaías, e somos inclinados a clamar por uma brasa viva do altar para santificar os nossos lábios; e a expressão “auto aversão” não é forte demais para expressar o nosso sentimento enquanto nos prostramos perante a santidade do Senhor Jeová.

Isto estabelece a antítese de uma vez. A santidade divina no seu aspecto mais exaltado nos afeta, não com medo de castigo, ou com agonia, porque nós somos devedores de um débito que não podemos pagar; mas, com dissatisfação para conosco mesmos, com horror e abominação da nossa sujidade, e despeito por nossas justiças as quais são como trapos imundos. Faz-nos sentir, não a nossa culpa, mas o nosso pecado; não a nossa condenação, mas a nossa infâmia sem esperança; não nos quebra sob o castigo da lei, mas nos faz sermos consumidos pela nossa impureza; não nos engolfa com justiça, com retidão, mas põe a descoberto a nossa falta de santidade, a nossa impiedade e corrupção interiores.

Mas a justiça divina nos afeta de modo completamente diferente. Ela não me impressiona com a transcendência do Seu nome exaltado do Pacto como a santidade divina; mas na mão de Deus ela me oprime, me persegue, não me dá descanso, me captura, e me quebra em pedaços sob o seu peso. Sua santidade faz com que a alma esteja sedenta por santidade, e com pesar nós vemos Sua majestade afastar-se. Mas a Sua justiça antagoniza a alma, a qual não a deseja, mas sim luta para escapar dela.

Algumas vezes parece ser diferente, mas somente aparentemente. Homens pios, tanto no Antigo como no Novo Pactos freqüentemente invocam a justiça divina. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?”[Gênesis 18:25] Este erguer do direito é a força, a certeza e a consolação do Seu povo oprimido: Isto é o porquê no artigo final da sua Confissão os nossos pais clamam pelo dia do julgamento, quando, como o reto Juiz, Ele destruirá todos os inimigos, Seus e nossos. Todavia a diferença é somente aparente. Neste caso, o direito divino é direcionado contra outros, não contra nós; mas o efeito é o mesmo. É a oração e a esperança do Seu povo, que o direito divino persiga aqueles inimigos, e lide consigo de acordo com os seus merecimentos.

Assim é que a justiça de Deus nos impressiona, primeiro, com o fato da Sua autoridade sobre nós, que não nós, mas Ele deve determinar o que é certo, e como nós devemos ser; que toda a nossa oposição é vã, pois o Seu poder imporá o direito; daí que devemos sofrer os efeitos daquela justiça.

Mas não é simplesmente o poder do direito que nos impressiona, nem tampouco a consciência de que somos tomados e julgados, mas muito mais, que somos tomados e julgados com justiça. E isto não arbitrariamente; ao contrário, sentimos intimamente que o poder divino é correto, e portanto pode e deve subjugar-nos.

Portanto a justiça divina inclui o reconhecimento da criatura: “A prerrogativa de determinar o direito não é minha, mas dEle”. E não somente isto, mas as nossas almas são profundamente conscientes de que as decisões de Deus não são somente corretas e boas, mas absolutamente justas e superlativamente boas.

A justiça divina nos traz face a face com um operar direto da soberania divina. Toda soberania terreal nada mais é do que um trêmulo reflexo da divina; mas suficientemente clara para mostrar-nos suas características fundamentais. Um soberano é considerado ser suficientemente sábio para enxergar como as coisas deveriam ser; e qualificado para determinar que assim elas o sejam; e poderoso para resistir a quem quer que ouse contrariá-lo. Isto também aplica-se ao Rei dos reis; ou, ainda, isto aplica-se não a Ele também, mas só a Ele.

Ele sozinho é a Sabedoria com a certeza absoluta para escolher, e de acordo com esta escolha enxergar como tudo deve ser para ser o melhor. Ele sozinho é O Qualificado, de acordo com isto, para determinar como tudo deve ser. E Ele é o único Poderoso para condenar e destruir o que quer que seja que ouse ser diferente.

E isto revela as características mais profundas do contraste. A santidade de Deus reporta-se ao Seu Ser; a justiça de Deus à Sua Soberania. Ou, a Sua justiça toca a Sua relação e posição para com a criatura: Sua santidade aponta ao Seu próprio Ser interior.

IV. Santificação E Justificação (Continuação).

“...e o santo continue a santificar-se”—Apocalipse 22:11

A Justiça divina, tendo referência à divina Soberania, num sentido não se manifesta até que Deus entre em relacionamento com as criaturas. Ele era glorioso em santidade desde toda eternidade, pois a criação do homem não modificou o Seu Ser; mas a Sua justiça não podia ser manifesta perante a criação, porque direito pressupõe dois seres sustentando a relação jurídica.

Um exilado numa ilha deserta não pode ser justo nem agir com justiça; ele nem mesmo pode conceber a relação jurídica enquanto não haja ninguém presente cujos direitos ele deva respeitar, ou quem possa negar os seus direitos. A chegada de outras pessoas, necessariamente criará a relação jurídica entre ele e os demais. Mas enquanto ele permanecer sozinho, ele pode ser santo ou ímpio, mas dele não pode ser dito que seja justo ou injusto. De maneira similar, pode ser dito de Deus que antes da criação Ele era santo, mas não poderia demonstrar a Sua justiça simplesmente porque não haviam criaturas a sustentar para com Ele a relação jurídica. Mas imediatamente após a criação, a demonstração de justiça tornou-se possível.

Ainda, a ilustração pode ser aplicada a Deus somente até uma certa proporção. Essencialmente, Deus não está sozinho, mas Triúno em Pessoas; daí existir entre o Pai e o Filho e o Espírito Santo uma relação mútua. Esta relação, sendo a mais elevada, delicada, e mais íntima, contém desde a eternidade a mais completa expressão de justiça. E mesmo com referência à criatura, a justiça divina não

originou-se até após a criação, mas encontra expressão perfeita no eterno conselho. Aquele conselho não somente determina cada possível relação jurídica entre as criaturas e o Criador, e entre as próprias criaturas; mas indica também os meios através dos quais esta relação deve ser restaurada quando quebrada ou desestabilizada.

Portanto a Sua justiça é tão eterna quanto o Seu Ser; todavia, para expressar claramente a diferença entre santidade e justiça, podemos dizer que como a Sua santidade era gloriosa desde a eternidade, assim é a Sua justiça demonstrada e exercida somente no tempo, i.e. desde que a criatura passou a existir. Ela não originou-se então, mas tornou-se, então, perceptível. O que quer que possa ser dito quanto a isto, a diferença fundamental permanece, de que Deus é Santo mesmo embora considerado sozinho em Si Mesmo; enquanto que a Sua justiça começa a irradiar-se quando Ele é considerado em relação às Suas criaturas.

Deus é essencialmente santo; antes que a menor impureza existisse, havia nEle pressão vital para repelir toda combinação estranha com o Seu Ser. Mas comente como Soberano podia Ele determinar o direito, manter o direito violado, e executar justiça no violador.

Em suas características fundamentais, isto aplica-se a nós como homens. Mesmo em nós a justiça é completamente diferente de santidade; aquela tem referência exclusiva à nossa relação e posição perante Deus, homem, e anjo; enquanto que santidade refere-se não a qualquer relação mas à qualidade do nosso ser interior. Falamos de justiça somente quando refere-se à nossa relação para com Deus ou homem. De Noé é dito haver sido um homem justo "...entre os seus contemporâneos..."[Gênesis 6:9], o que indica não a sua qualidade essencial, mas a sua relação para com outros.

Justiça implica em direito, o que é inimaginável senão como existente entre duas pessoas em conexão com a qualificação de qualquer uma delas ou de uma terceira, para determinar aquele direito. Assim é que a justiça do homem com relação a Deus tem um aspecto duplo:

Primeiro, implica no reconhecimento da qualificações soberanas de Deus para determinar a relação do homem para com Deus e homens.

Segundo, implica em reverência pelas leis e mandamentos divinos, instituídos com respeito às tarefas do homem para com Deus.

Um homem pode observar rigorosamente alguns desses mandamentos, não motivado pela reverência, mas porque ele é compelido a aceitá-los. Em alguns aspectos ele dá a Deus o que Lhe é devido; mas sua posição é errada. Ele falha em honrar a Deus como o seu Governador soberano, em reconhecer a Deus como Deus, e a curvar-se perante a Sua majestade.

Ou ele pode reverenciar a autoridade divina no abstrato, mas na prática ele constantemente rouba de Deus o Seu direito.

Portanto, justiça ‘original’, que refere-se à condição do homem perante Deus como uma criatura, e justiça ‘derivada’, que refere-se ao ato de honrar os mandamentos divinos, são duas coisas diferentes. Ambas são justiça — i.e., o ato de ocupar a posição divinamente ordenada. Mas a primeira refere-se ao nos encontrarmos pessoalmente na posição determinada por Deus; a segunda ao ato de conformarmos os nossos pensamentos, palavras e atos às suas divinas exigências.

É desnecessário falar particularmente de justiça com referência a homens. O que quer que façamos com relação a eles é justo ou injusto de acordo com a conformidade ou não conformidade para com o mandamento divino, e cada transgressão contra o próximo torna-se pecado somente por estar em não conformidade para com a justiça de Deus.

Brevemente, a justiça do homem consiste de duas partes:

Primeira, que a sua condição seja o que Deus tenha determinado.

Segunda, que os seus pensamentos, idéias, e atos sejam conformes para com as ordenanças divinas. Assim é que a nossa justiça não precisa ser o produto da labuta da nossa própria alma. À justiça original de Adão e Eva não faltava nada, embora eles pessoalmente, em conjunto, não houvessem feito nada para tanto.

Eles simplesmente permaneceram na posição correta perante Deus; posição não auto assumida, mas divinamente determinada. E assim pode o direito, após haver sido desestabilizado, ser restaurado independentemente do violador, por uma terceira pessoa. A questão não é como a relação de direito foi restaurada, mas se ela está novamente de acordo com a vontade soberana de Deus.

Aquele que livra um devedor da prisão pela quitação dos seus débitos restaura-o à sua correta relação para com os seus antigos credores, mesmo que o prisioneiro ele próprio não tenha pago um centavo sequer do débito. Porque a justiça tem referência a relações mútuas, o direito é satisfeito assim que a relação desequilibrada seja restaurada e a posição perdida, recuperada. Como tal foi conseguido, é imaterial.

Isto nos dá uma compreensão mais abrangente do profundo significado da cruz, e do porque é que a nossa justiça não pode ser aumentada ou diminuída, embora não afete o nosso caráter essencial.

Completamente diferente é a santidade da alma, a qual toca diretamente a qualidade de pessoa e de caráter; como os nossos antigos teólogos corretamente expressaram: “A justificação age pelo homem; a santificação é inerente ao homem”.

O ímpio é justificado, i.e. no exato momento em que ele crê; antes que a santificação tenha começado a operar nele; ele sabe que encontra-se perante Deus perfeitamente correto. Ele não está meramente começando a ser correto; parcialmente correto, a ser um pouquinho mais correto amanhã, e perfeitamente correto quando entrar no céu; mas perfeitamente correto agora, doravante, e para todo o sempre. Ele é restaurado não somente pelo presente e por toda a eternidade, mas também pelo passado. A ele é assegurado o comparecer perante Deus em irrefutável direito, como se ele nunca estivesse sido errado, nem nunca pudesse estar errado novamente.

Assim é que a consciência de ser justificado é instantânea e completa de uma vez, e não pode ser aumentada nem diminuída. E isto é possível porque esta justiça não tem nada a ver com o ser do justificado, mas tem referência exclusiva com a relação na qual ele se vê colocado. Esta relação era miserável e inteiramente injusta; mas um outro, fora dele próprio, restaurou aquela relação e a fez o que ela

deveria ser. Ele portanto encontra-se correto, justificado, sem qualquer referência que seja ao seu ser pessoal. Este é o profundo significado da confissão de que ele que é justificado é sempre uma pessoa pecadora.

Mas não é este o caso com relação à santidade do homem; que toca a sua pessoa e não pode ser concretizada fora do seu ser interior.

V. Vestimenta Santa, de Tecelagem Própria.

"...Habitó no alto e santo lugar..." - Isaías 57:15

A santidade existe no ser do homem.

Existe santidade externa, e.g., aquela da ordem Levítica, resultado da lavagem ou da borrifação com sangue sacrificial; ou santidade oficial, denotando separação para o serviço divino, sentido no qual os profetas e apóstolos são chamados santos, e membros da igreja são chamados santos e amados. Mas estes não têm nada a ver com a santificação ora em discussão.

Santificação como uma dádiva da graça refere-se à santidade pessoal do homem. Como a santidade divina é a exaltação de Deus acima, e o afastar-se irado de toda impureza e profanação, assim também a santidade humana disposição essencial, através da qual ele espontaneamente ama a pureza e odeia o sujo. Vitória sobre tentação após um longo e penoso conflito, no qual os nossos pés quase que escorregaram, não é santidade.

Santidade quer dizer uma disposição, uma qualidade inerente, ou, falando de outra forma, um tom de cor ou sombreado adotado pela alma, de forma que as manifestações maléficas do coração e os sussurros demoníacos de Satã nos encham positivamente de horror. Como o ouvido musicalmente treinado é dolorosamente afetado por uma dissonância à medida em que ela vibra ao longo do nervo auditivo que se contorce, enquanto que o ouvido não treinado nunca percebe a ofensa praticada contra a pureza do som, assim é a diferença entre o santificado e o não santificado. Quaisquer que sejam as dissonâncias morais do mundo, elas falham em afetar o ímpio, que até mesmo agrada-se da música; mas elas estressam o santo cuja alma deleita-se na harmonia de santos acordes.

Esta disposição, seja santa ou seja ímpia, inclui todo o nosso ser interior: ela existe na mente, na consciência, no entendimento, na vontade, nos sentimentos e inclinações. Discurso maléfico ou impuro proporciona prazer, ou dor, a todos estes.

Ainda assim este não é o último sinal de ser santo ou ímpio. Algo mais ainda é exigido. Muitos dos não regenerados não tremem convulsivamente contra muito do que é mal, e deleitam-se em muito do que é bom? Simpatia pelo bem pode ser chamada de santidade somente quando possuir a característica essencial, que queira o bem somente para o benefício de Deus. Deus sozinho é Santo. Não existe santidade a não ser a que descende dEle, a Fonte de todo o bem, por conseguinte de toda santidade. Mera santidade humana é uma fraude, um ataque contra a honra de Deus, de ser a única e única Fonte de todo o bem. ‘O esforço da criatura é ser um igual com Deus, e como tal pecado essencial’. Não, a santidade do homem deve ser a disposição divinamente implantada, excitando todo o seu ser para amar o que Deus ama, não do seu próprio gosto, mas pelo benefício do Seu Nome.

Sendo planejados à imagem divina, Adão e Eva possuíam esta santidade; daí que discórdia entre eles e o seu Criador era impossível. Sua santidade não estava meramente no germe, mas era completa, pois tudo neles encontrava-se em perfeito acordo com Deus. E os redimidos no céu são santos; eles na morte são completamente separados da fonte interna de pecado; eles estão essencialmente em cálida e completa simpatia com a santidade divina, cuja cada característica os atrai.

Mas o pecador perdeu a sua santidade. É sua a miséria que cada expressão do seu ser encontra-se naturalmente em rota de colisão com a vontade de Deus; cuja santidade não o atrai, mas sim repele. E a mera regeneração não santifica a sua inclinação e disposição; nem é capaz em si mesma de germinar a disposição santa. Mas ela requer o ato adicional e muito peculiar do Espírito Santo, através do qual a disposição do pecador convertido e regenerado é gradualmente trazida em harmonia com a vontade divina, e esta é a dádiva graciosa da santificação.

Mas isto não implica que um homem que morre imediatamente após a conversão entre no céu sem a santificação. Tal seria uma doutrina muito pouco confortadora, e não intencionalmente encorajaria o Antinomianismo. Um filho de Deus adentrando ao céu está completamente santificado; não nesta vida, mas após ela.

De acordo com a Bíblia, existe no céu uma diferença entre os espíritos dos redimidos; eles não se assemelham uns aos outros como o são duas gotas de água. Na parábola dos talentos, Cristo ensina claramente que no céu existe uma diferença na distribuição de talentos. Aquele que nega isto, rouba de si mesmo a promessa positiva que o “...Pai, que vê em secreto, te recompensará”[Mateus 6:6]. O estado celestial que pregamos não está baseado nos princípios da Revolução Francesa; ao contrário, na assembléia de homens justos feito perfeitos, nós nunca ascenderemos ao grau de apóstolo ou profeta, provavelmente nem mesmo ao de mártir. Não obstante, não existe nenhum santo no céu cuja santificação esteja incompleta. Neste aspecto são todos idênticos.

Mas haverá espaço para desenvolvimento. A santificação completa da minha personalidade, corpo e alma, não implica que a minha disposição santa esteja agora em contato real com toda a plenitude da santidade divina. Ao contrário, à medida em que eu ascendo de glória em glória, eu encontrarei nas profundezas infinitas do divino Ser o objeto eterno do mais rico deleite em medida sempre crescente. Neste aspecto os redimidos no céu são como Adão e Eva no Paraíso, que, embora perfeitamente santos, estavam destinados a entrar mais completamente na vida do amor divino, através de desenvolvimento sem fim.

Deveria portanto ser cabalmente compreendido que no momento da sua entrada no céu, nada falta à santificação dos redimidos. Não obstante, a sua santificação receberá a mais inteira consumação quando, levantados do túmulo, na glória da ressurreição do corpo, eles entrarem no Reino da Glória após o dia do julgamento. Até aquela hora eles estão num estado de separação do corpo, descansando em paz, esperando pela vinda do Senhor.

Desde que a santificação inclui corpo e alma, um tratamento exaustivo exige que chamemos a atenção para este ponto. Não como

se este estado intermediário fosse pecador, uma espécie de purgatório; pois a Bíblia ensina claramente que na morte nós somos separados do corpo. O fato de o corpo permanecer impuro até o dia da glorificação não afeta o estado sagrado do santo que parte. Estando livre do corpo, este não mais o afeta. E, quando no notável dia do Senhor, o corpo lhe for restaurado; este estará perfeitamente santo, puro, e glorificado.

Aquele que pertence a Jesus entra no céu perfeitamente santo. A menor falta indicaria algo pecaminoso internamente; aniquilaria a confissão gloriosa de que a fé é um morrer para todo pecado, assim como a declaração positiva da Escritura; de que nada que mancha, que corrompe, adentrará aos portões da cidade. Assim é a inalterável regra de santificação, que cada alma redimida que entrar no céu está perfeitamente santificada.

Isto aplica-se ao infante que, sendo regenerado no berço, é carregado dali para o túmulo, no qual, portanto, exercício consciente de santidade está fora de questão; e para cada pessoa convertida que falece repentinamente; e ao homem que, incorrigível durante toda a sua vida, na hora da morte arrepende-se perante Deus, e parte um dos redimidos do Senhor.

Os que apóiam a doutrina Arminiana regular, consideram impossível esta representação. Eles crêem que a santificação é um efeito do esforço, da diligência, do exercício, do conflito do próprio santo. É como uma linda vestimenta de linho fino, muito desejável, mas deve ter sido tecida pela própria pessoa que a usa. Este trabalho começou imediatamente após a conversão do santo. O tear está montado, e ele começa a tecer. Ele continua com a sua labuta espiritual com senão umas poucas interrupções. A peça de linho aumenta gradualmente de tamanho sob suas mãos, e assume forma e aparência. Se não for ceifado cedo na vida, ele espera termina-la mesmo antes da hora da sua partida.

O púlpito deve opor-se a esta teoria, a qual provém, não dos livros de Arminius, mas do coração ardiloso do homem. Pois não é somente destituída de conforto, mas também ímpia.

Esta teoria não tem qualquer conforto: pois, se verdadeira, então todos aqueles nossos preciosos pequeninos que morreram no

berço encontram-se perdidos, pois eles ainda não podiam costurar um ponto sequer, nesta vestimenta da sua glória; sem qualquer conforto: pois se o santo se encontrasse atrasado com o seu serviço de tecelagem e costura, ou se fosse levado na juventude dos seus dias, antes que pudesse chegar à metade do seu trabalho, certamente ele estaria perdido. Nem tem ela conforto maior para aquele cuja conversão no leito de morte é inútil por completo, pois ela chegou tarde demais para a tecelagem e a confecção desta vestimenta da santificação.

E esta teoria também é ímpia: pois então Cristo não é nenhum Salvador suficiente. Ele pode executar a nossa justificação e abrir os portões do Paraíso, mas a tecelagem e a confecção das nossas próprias vestes matrimoniais, Ele deixa a nosso encargo, sem assegurar-nos tempo suficiente para termina-las. Sim, ímpia de fato ela o é; pois isto faz da tecelagem e da confecção do linho fino a nossa obra, faz da santificação a realização do homem, e Deus não mais é o único Autor da nossa salvação. A salvação, então, não é mais graça, e a própria obra do homem está de novo, de pé.

Em assim subvertendo a própria fundação, o próprio alicerce das coisas santas; teólogos Éticos descuidados deveriam considerar a destruição que trazem por sobre a Igreja de Cristo. Nossos pais nunca acreditaram nesta doutrina, e sempre se opuseram a ela. “Não há nenhum Evangelho nisto”, disseram eles. É o despedaçar do Pacto da Graça; jogando sobre os santos de Deus o temor e o constrangimento do Pacto de Obras.

VI. Cristo, Nossa Santificação.

"...Cristo Jesus, o qual Se nos tornou, da parte de Deus . . . santificação..."-I Coríntios 1:30

A alma redimida possui tudo em Cristo. Ele é um Salvador completo. Nada Lhe falta. Tendo-O, estamos salvos ao máximo possível salvos; sem Ele, estamos inteiramente perdidos e anulados.

Devemos manter este ponto com toda seriedade, especialmente no que refere-se à nossa santificação; e repetir com clareza crescente que Cristo nos é dado de Deus não somente para sabedoria e justiça, mas também para santificação.

Lê-se, distintamente, que Cristo é a nossa justiça e santificação. Esta tradução é perfeitamente correta. No idioma Grego não se lê, "dikaiōsis", que significa justificação, mas sim "dikaiosúnē", que nunca refere-se ao ato de tornar justo, mas à condição de ser justo, portanto justiça. Assim também não se lê "hágios" ou "hagiosúnē", o que pode referir-se a santidade, mas lê-se distintamente, "hagiosmós", o que aponta para o ato de tornar santo.

O que o apóstolo distinguiu de forma tão clara, não deveria ser confundido.

São Paulo e a Igreja de Corinto são crentes. Eles já estão justificados em Cristo, de uma vez por todas; pois Cristo foi feito justiça para com eles. Mas este não é o caso com a santificação. "...Não, pois mesmo os mais santos deles conseguem apenas um pequeno início de obediência nesta vida. Entretanto, começam com o sério propósito de se conformarem não só com alguns, mas com todos os mandamentos de Deus." [Catecismo de Heideilberg, resposta à questão 114 — "Mas, podem os que se converteram a Deus guardar perfeitamente estes mandamentos?”]. Mas a obra somente começou. Comparado com tempos anteriores, existe neles um amor e espírito mais santos, mas eles são de forma alguma inteiramente santificados. Eles encontram-se sob o tratamento do Espírito Santo, o seu Santificador. Eles tornam-se mais e mais conforme à imagem de Deus [vide a resposta à questão 115 do Catecismo de Heidelberg ("Por que, então, quer Deus que os dez mandamentos sejam pregados tão rigorosamente, já que ninguém pode guardá-los nesta vida?") — "...para podermos ser mais e mais renovados segundo a imagem de Deus, até atingirmos o alvo da plena perfeição depois desta vida."]. Assim é que existem degraus de progresso em santidade. Naqueles convertidos senão recentemente, a santificação progrediu somente um pouco; em outros ela tem feito progresso glorioso. Pelo que há na Igreja pessoas santas, mais santas e mais santas ainda [vide um outro trecho da resposta à questão 114 do Catecismo de Heidelberg ("Mas, podem os que se converteram a Deus guardar perfeitamente estes mandamentos?") — "...pois mesmo os mais santos deles..."]].

Desde que a justificação do ímpio é completada de uma só vez; e a santificação do regenerado procede senão vagarosa e

gradualmente, São Paulo escreve aos Coríntios com precisão perfeita que Cristo é para ele e para eles não mais criador de justos, mas sim justiça; do contrário, Ele não teria Se tornado santidade para eles, mas somente criador de santos.

Isto estando bem compreendido, é impossível estar errado. Se a intenção do apóstolo tivesse sido enumerar no abstrato tudo o que um pecador perdido possui em Cristo, ele teria dito: “Criador de sábios, criador de justos e criador de santos”; pois um pecador perdido que ainda caminha em sua estultícia, ainda não foi feito justo, etc. Mas ele descreve a sua própria experiência, dizendo que, como uma estrela a sabedoria de Deus nasceu na sua alma escura; que pelo benefício de Cristo ele obteve perdão e satisfação, razão pela qual ele encontra-se perfeitamente justo perante Deus; e que agora ele está sendo feito santo e sendo redimido. Ele ainda não está redimido por completo; o termo em Grego “apolutrósis” denota aqui também uma ação continuada de ser livrado de miséria tanto interior como exterior.

O Catecismo de Heidelberg (questão 60) descreve o posicionamento justo da alma perante Deus da seguinte maneira contundente:

“Pergunta: Como és justo perante Deus?

“Resposta: Somente pela verdadeira fé em Jesus Cristo. Apesar das acusações de minha consciência de que tenho pecado gravemente contra todos os mandamentos de Deus e não ter observado nenhum deles, e ainda de eu ser sempre propenso a tudo que é mau, todavia Deus, sem nenhum mérito realmente meu, ele me concede, apenas por sua graça, os benefícios da perfeita expiação de Cristo, imputando-me sua justiça e santidade, como se eu nunca tivesse cometido um simples pecado ou jamais tivesse sido pecador, tendo cumprido, eu mesmo, toda a obediência que Cristo executou por mim, se somente aceito tal favor com um coração confiante.”

O fato de que esta resposta faz com que a justiça inclua a santidade tem levado homens menos pensadores a inferirem que santificação e justificação são a mesma coisa. Discutido no Sínodo de Dort, esta questão foi resolvida pela inserção no artigo 22 da Confissão a cláusula: “Mas Jesus Cristo, atribuindo-nos todos os seus

méritos e tantas obras santas, que fez por nós e em nosso lugar, é nossa justiça.”[Confissão Belga – art. 22 (“A Justificação Pela Fé Em Cristo”) Referências: Jr 23:6; Mt 20:28; Rm 8:33; 1Co 1:30,31; 2Co 5:21; 1Jo 4:10]. O que, então, a justificação inclui? Não a santificação de nossas pessoas, mas a soma total das obras santas as quais nós devemos a Deus, de acordo com a lei. A questão 60 do Catecismo de Heidelberg chama isto de “nossa santidade”.

A diferença entre os dois é vista claramente em Adão e Eva no Paraíso. Eles foram criados pessoalmente santos; não havia nada ímpio com relação a eles. Mas eles não tinham ainda observado, cumprido a lei. Eles não possuíam obras santas. Eles não haviam adquirido um tesouro de santidade. Pessoalmente, alguém pode ser santo sem contudo ter um grão de santidade alcançada ou adquirida; e, por outro lado, alguém pode ter uma lei perfeitamente observada, cumprida, sem contudo ter a menor função de santidade pessoal. Cristo na manjedoura era perfeitamente santo, mas Ele ainda não havia cumprido a lei, daí que Ele não havia ainda adquirido santidade para apresentar em nosso lugar. Mas na hora da justificação, o filho de Deus recebe (1) a remissão completa do seu castigo, baseado na expiação de Cristo; (2) a remissão completa do seu débito, baseado na satisfação de Cristo. E esta satisfação nada mais é do que um perfeito cumprimento, uma perfeita observância da lei; uma completa apresentação de todas as boas obras; por conseguinte uma perfeita manifestação de santidade. Não existe, portanto, entre as questões nºs 114 e 115 do Catecismo de Heidelberg, o menor conflito que seja.

Santificação e santidade são duas coisas diferentes. Santidade, na sexagésima questão do Catecismo de Heidelberg, tem referência não a disposições e desejos pessoais, mas à soma total de todas as obras santas exigidas pela lei. Santificação, ao contrário, refere-se não a qualquer obra da lei, mas exclusivamente à obra de criar santas disposições no coração.

Se alguém perguntar, ‘É Cristo a sua santidade tanto e no mesmo sentido quanto Ele é a sua justiça?’, respondemos: Sim, realmente, glórias ao Senhor; Ele é a minha santidade completa perante Deus, tanto quanto a minha perfeita justiça. Uma é simplesmente tão certa e absoluta quanto a outra. A execução de

todas as obras santas exigidas de cada ser humano pela lei, de acordo com o Pacto de Obras, é um ato vicário de Cristo no sentido mais completo da palavra. Razão pela qual nós confessarmos que as obras santas as quais Cristo fez por nós são também tão positivamente uma santidade imputada, tanto quanto nós comparecemos perante Deus por intermédio de uma justiça imputada. Nada pode ser acrescentado a isto. É fato integral, perfeito, e completo em cada aspecto.

E aquilo que por nós é feito em nosso lugar, não nos é exigido novamente, o que seria algo moralmente absurdo. De acordo com o Pacto de Obras, nem a lei nem o legislador tem o que quer que seja para demandar de nós. Trata-se de obra consumada. O castigo é sofrido, e a santidade exigida pela lei é apresentada. Encontramo-nos perfeitamente justos perante Deus e nossa própria consciência, considerando o fato de que recebemos este benefício indizível com um coração crente.

Mas tudo não tem nada a ver com a nossa santificação. Adicionalmente à justiça imputada e às obras santas, a nossa santificação vem em seguida, na sequência.

Do pecado procedem a culpa, o castigo, e a mancha. Desses três nós devemos ser livrados. Do castigo através da expiação de Cristo; da culpa através da Sua satisfação; e da mancha, por intermédio da santificação. Depois que Deus nos redimiou do castigo eterno, encontramos-nos ainda ímpios, oprimidos em nosso sangue impuro. A santa disposição e o desejo inerentes a Adão ainda não nos foram restaurados. Ao contrário, a mancha do pecado ainda está ali. Deleitamo-nos na lei de Deus no nosso homem interior, mas também encontramos o pecado presente, sempre e em todo lugar, nas manchas de pecado, no corpo e na alma. E a vontade de Deus é que isto não continue assim. Ele substituirá a mancha do pecado por uma disposição santa. Ele resolve nos reformar interiormente, renovar-nos conforme a imagem do Seu Filho amado, i.e., santificar-nos.

E é somente agora que Ele começa a fazer-nos pessoalmente santos. Como seus filhos, nós Lhe somos tão queridos como a menina dos Seus olhos; Ele tem nossos nomes gravados nas palmas de Suas mãos. Nós não prestamos atenção a coisas indiferentes, mas polimos a jóia preciosa. Uma roupa velha é jogada de lado, mas limpamos

caprichosamente e removemos a mancha daquele vestido caro de seda. A dona de casa adorna a propriedade que lhe é querida; e o jardineiro, remove as ervas daninhas dos seus canteiros. De maneira similar, compelido por Seu amor, Deus quer que o Seu filho, corpo e alma, brilhe até que a mancha do pecado seja completa e inteiramente removida.

Esta é a obra da santificação, direcionada exclusivamente à nossa santificação pessoal, para restaurar-nos a santidade que Adão tinha, antes que ele tivesse executado qualquer obra santa.

Em Adão, a santidade pessoal veio primeiro, em seguida a santidade consistindo do cumprimento, da observância da lei; mas para o filho de Deus, esta última, imputada a ele por Cristo, lhe é concedida primeiro, e então segue-se a sua santidade pessoal. Como Adão foi criado santo, assim também o regenerado é feito santo.

A santificação pessoal do pecador regenerado e convertido começa após o despertar da fé; continua mais ou menos ininterruptamente até que se acabem os dias da sua vida; é completada, tanto quanto refere-se à alma, na morte, e; com relação ao corpo, quando da vinda do Senhor. E desde que isto é operado por Cristo, através do Espírito Santo, a Bíblia confessa que Cristo não é somente a nossa Justiça, mas também a nossa Santificação.

VII. Aplicação de Santificação.

“...aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos” — Romanos 8:29

No Seu próprio tempo, e com graça irresistível, Deus translada os Seus eleitos desde a morte para a vida. Ele lhes dá a fé e a consciência de serem justificados em Cristo; e pela conversão ele põe os seus pés no caminho da vida. Assim eles são livres da culpa. Não há, para eles, condenação alguma. Nem o inferno nem o diabo, podem prevalecer contra eles. Daí o brado de vitória do apóstolo: “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós”[Romanos 8:33 – 34].

O filho de Deus tem prova formal da sua justificação, não somente na Palavra, mas também no Próprio Cristo, quem, continuamente, apresenta Seu sacrifício perante o Trono. Se ele tem ou não consciente alegria disso, é irrelevante. Enquanto dorme, ou em delírio febril, privado da razão devido a causas físicas, ele continua sendo filho de Deus. Independente de sensações, experiências e recordações da mente; sim, embora ele nunca tenha derramado uma lágrima sequer de arrependimento, ele possui seu tesouro sob todas circunstâncias. Até mesmo débeis mentais o possuem. Por que não deveria Deus ter nenhum filho entre eles? É claro, em circunstâncias normais a fé consciente é a regra; mas a salvação não depende da experiência real da alma. Quando você caminha num dia ensolarado, sua sombra é visível; mas a sua existência não depende da sua sombra.

Deveria ser enfatizado que a santificação não implica em esforços e perseveranças humanos para complementar a obra de Cristo: mas a graça adicional de criar, sobrenaturalmente, no santo, uma disposição santa.

O pecado causa poluição, i.e., não pode haver pecado sem que se gere mais pecado: o Pecado gera pecado; causa pecado, é sempre a mãe do pecado. Se este processo gerador de pecado não fosse paralisado nos nossos corações, a cadeia do pecado permaneceria inquebrada, elo após elo, e somente pecado seria o resultado.

Mas este não é o propósito divino. Deus quer que os homens vejam as nossas boas obras e glorifiquem o Pai que está no céu. Portanto, Deus preparou-nos boas obras para que andássemos nelas. Mas se fosse para a mancha do pecado continuar a agir em nós sem qualquer interrupção, nós não poderíamos caminhar naquelas boas obras. Nenhum de nós poderia jamais fazer uma boa obra que fosse. A luz jamais brilharia nos filhos da luz, e não haveria ocasião nenhuma para glorificar o Pai no céu. Boas obras operadas em nós pelo Espírito Santo independentemente de nós não podem oferecer tal oportunidade. As obras do Espírito Santo são sempre santas; nisto não há nada de surpreendente. Mas quando Ele faz com que boas obras procedam de nós de maneira tal que elas sejam verdadeiramente nossas, então existe a ocasião para louvor [“Assim

brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”— (Mateus 5:16)]. Os homens, então, perguntarão surpresos, “Quem operou estas coisas neles?” e elevando os olhos glorificarão o Pai. E então a continuidade de pecado, chamada de “mancha”, é quebrada; então a lei que rege que o pecado gera pecado, i.e., cultiva, a disposição pecadora; é substituída por uma outra lei, a qual introduz gradualmente a disposição santa.

Esta disposição santa não pode surgir do homem, nem tampouco de regeneração. Uma criança faminta não pode crescer, desenvolver-se; assim como também o filho de Deus não pode proceder à santificação, se deixado à sua própria sorte. Embora a santificação esteja organicamente conectada com a vida implantada, ainda assim ela não germina sem as chuvas constantes da graça. Razão pela qual ela é a dádiva gratuita do Pai de Luzes.

O Espírito que habita em nós é, na verdade, o Operador. Ele executa esta obra em todos os santos, não parcialmente, mas de maneira completa, tanto na vida como na morte, ou só na hora da morte. Esta última, aplica-se às crianças eleitas, a idiotas e pessoas insanas, e àqueles que se convertem no seu leito de morte. Em todos os outros Ele a executa durante sua vida na terra, e na hora da sua partida.

Mas existe uma diferença em pessoas diferentes. Em alguns o Espírito Santo começa a santificação já na infância; em outros, na idade madura. Em alguns, a santificação procede quase que sem qualquer interrupção; em outros, é obstruída por conflito ou apostasia. Mas em todos Ele age conforme Lhe apraz. A santificação é uma ornamentação artística operada na alma, a qual Ele assegura que estará terminada no momento apontado, na hora designada para a nossa entrada na Nova Jerusalém: mas a maneira e a medida do progresso dependem só e exclusivamente do Seu prazer e do Seu propósito.

Primeiro, a santificação está intimamente relacionada a Cristo, e é parte do Pacto da Graça o qual Ele assegura a nós como a nossa Certeza. Não se trata meramente de obra Sua, mas de uma graça inerente à Sua Pessoa, e de tal modo identificada conSigo, que o

apóstolo exclama: “...em Cristo Jesus, O qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação...”[I Coríntios 1:30]. Ela está relacionada com a “unio mystica”: Ele vitalmente em nós, e nós vitalmente nEle; Ele a Vide, e nós os ramos: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...”[Gálatas 2:20]; Ele a Cabeça, e nós os membros. Todos estes exemplos indicam a união vital entre o crente e o Mediador. O feto no ventre materno, pode ser dito que ele respira através da respiração da mãe, e que a mãe respira no filho. O mesmo é verdadeiro aqui, embora a comparação ilustre, sem contudo exaurir o assunto.

Assim é que o filho de Deus não pode existir, senão em Cristo. Não que ele seja sempre consciente disto. Ele muitas vezes sente como se Cristo se encontrasse longe dele, e, iludido por este pensamento, ele muitas vezes desvia-se para tão longe que o elo de união parece estar completamente dissolvido. Isto não é realmente assim, pois Cristo nunca perde o Seu controle sobre o filho; mas ao filho assim se parece. E esta é a causa da dificuldade. Nesta condição, só a sua natureza pecadora é nele deixada; todo o seu tesouro de graça encontra-se com e em Jesus. Por este motivo, a liturgia diz: “Fora de Cristo nos encontramos prostrados no meio da morte”. Quando, com Diná, deixamos a tenda patriarcal e enveredamo-nos no caminho para Siquém (N.T. Gênesis 33:18 — 34:31); fazemo-lo por nossa própria conta e risco, nada tendo conosco senão a herança de Adão, a saber, uma alma morta e uma natureza corrupta. Imaginar, então, que possuímos em nós qualquer coisa que seja aceitável a Deus é equivalente a uma negação de Emanuel. Com Köhlbrugge dizemos: “Considerados fora de Cristo, os convertidos e os não convertidos são exatamente o mesmo”.

Mas, muito embora nós O abandonemos, Ele nunca nos abandona; entre o convertido em mais profundo desvio e o não convertido, existe esta diferença imensurável, que a alma daquele encontra-se inseparavelmente ligada a Jesus; enquanto que a alma do segundo, não está.

Segundo, a santificação do santo é inimaginável sem Cristo, porque a implantação da disposição divina pelo Divino Espírito é: “...para podermos ser mais e mais renovados segundo a imagem de

Deus, até atingirmos o alvo da plena perfeição depois desta vida.”[Catecismo de Heidelberg, questão 115). E não é isto a imagem de Cristo?

Ser santificado, então, significa ter Cristo obtido estatura em nós. Não se trata de uns poucos sinais confusos de santidade, mas um todo orgânico de puro desejo e inclinação estampado na alma, envolvendo todos os poderes do espírito e da disposição humanos. Assim é, que o seu progresso não pode ser medido ou enumerado, dez degraus agora e outros quinze no próximo ano. Trata-se do reflexo da forma de Cristo na superfície do espelho da alma; primeiro em contornos difusos, gradualmente mais distintos, até que o olho experiente reconheça ali a forma de Jesus. Mas, mesmo nos mais avançados, não é mais do que uma imagem como que se num negativo fotográfico; a perfeita imagem de Emanuel será revelada em nós somente e através da morte.

A disposição santa é um “homem perfeito”, i.e., uma forma envolvendo a personalidade por completo; expressão da imagem completa de Cristo, e portanto cobrindo todo o nosso ser humano:

Quão tolo, então, é falar de santificação como um resultado do esforço humano. Quando a pessoa desaparece, será que a sua sombra vai consigo? Como, então, poderia a imagem, forma ou sombra de Cristo permanecer em nós quando em nossas perambulações, quando nos encontramos desviados, a nossa alma está separada dEle? O brilho desaparece com a luz. Não se pode reter uma sombra. É por isso que Emanuel é a nossa santificação, no sentido mais completo da palavra. Sua forma, refletindo-Se na alma e a alma retendo aquele reflexo, é do que se trata toda a obra da santificação.

Finalmente, quanto à questão, ‘Como a santificação pode implantar uma disposição santa, se ela depende do reflexo da forma de Jesus na alma, uma vez que uma negação ou apostasia temporária nos afasta dEle?’, respondemos: Pode uma disposição inerente não existir e continuar sem ser exercitada? Alguém pode ter adquirido a disposição (o hábito) de falar Inglês com fluência, mas não falar o idioma por um ano inteiro. Assim também pode a disposição ou o hábito do desejo santo penetrar na alma, mesmo embora a corrente de impiedade a cubra por um período. E a alma está inteiramente

consciente disto pelo ataque íntimo, da consciência. Se Jesus pudesse perder o Seu controle sobre nós, sim, então a disposição santa não perduraria. Mas, uma vez que em meio a mais profunda queda, a alma permanece inconscientemente em Sua mão, a objeção não tem nenhum peso.

VIII. Santificação em Companhia com Emanuel.

“...tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna” — Romanos 6:22

A terceira razão porque a nossa santificação está em Cristo é: que Ele a obteve, ela flui dEle, e Ele a garante.

Estando a sua mente completamente destituída da falsa idéia de que a santificação é fruto do seu próprio trabalho, sua criação própria; atendo-se firmemente à clara doutrina de que trata-se de uma dádiva da graça, esta terceira razão lhe apelará. Se a santificação é um dom, uma dádiva, um favor, surge a pergunta: Para que? Trata-se de uma recompensa pelo trabalho da sua alma? Fruto da sua oração? Encorajamento na jornada? É por conta da sua beleza, da sua piedade, da sua bondade? Será por qualquer coisa em você? Pois deve haver um motivo. Que Deus devesse conceder a dádiva preciosa e irrevogável da santificação a pessoas que, com ambas as mãos se opõem a ela, e com os seus dedos arranham a sua beleza, é inconcebível. O que foi, então, que moveu o Senhor Deus em seu favor? Você diz: “Seu insondável beneplácito, o qual é a mais profunda base de toda a nossa salvação”. Muito bem; mas o divino conselho não age como se, por mágica. Tudo aquilo que procede daquele conselho segue o seu curso, e mostra os elos que lhe dão consistência.

Por conseguinte a pergunta deve ser feita: “Quem é que obteve para você a dádiva graciosa da santificação?” E a resposta é: “O nosso Redentor; a santificação é o fruto, o resultado da Cruz.”

Não existe nenhuma divisão de trabalho na obra redentora. Cristo não obteve, na cruz, somente a nossa justiça; deixando que obtivéssemos a nossa santificação através de conflito e auto negação; mas há somente Um que labuta, os demais adentram ao Seu

descanso; Ele pisoteou sozinho o mosto no lagar, e do povo que estava ali, nenhum deles estava conSigo.

Deus ordenou a nossa santificação para fluir diretamente de Cristo. O Espírito Santo é o Operador, todavia o que quer que seja que Ele nos conceda, Ele o traz diretamente de Cristo. “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”[João 16:14]. Esta não é nenhuma frase vazia, mas a sóbria realidade.

O que uma alma redimida precisa, é de uma santidade humana. Um homem, não um anjo, deve ser santificado. O segundo não pode ser santificado. Uma vez caído, ele está para sempre perdido. Criado e caído como Adão; ele não pode ser restaurado como Adão. Nada sabendo acerca da redenção, os anjos desejam conhecer sobre ela. Por conseguinte quando, apesar do pecado, Deus traz uma companhia inumerável de homens e de anjos para a vida eterna, Ele assim o faz ao santificar os eleitos entre os homens ímpios; enquanto que os anjos eleitos não necessitam de santificação, pois eles nunca se tornaram ímpios. A santificação refere-se, portanto, exclusivamente a homens; proporciona uma santidade feita possível e ordenada somente para homens; cria uma disposição com forma e caráter humanos, calculada para as necessidades peculiares do coração humano.

O Espírito Santo encontra esta disposição santa na sua forma requerida, não no Pai, nem em Si Mesmo, mas em Emanuel, que como o filho de Deus e o Filho de homem, possui santidade naquela peculiar forma humana.

Cristo também garante a nós esta dádiva graciosa. A justificação sendo de imediato um fato consumado não o requer; mas a santificação é gradual.

A falta de tal garantia nos encheria de dúvida e incerteza com relação à nossa própria santificação, vendo que o seu começo é pequeno e que o seu progresso é lento; e com relação àquela santificação de crianças que falecem enquanto crianças e de pessoas convertidas muito tarde na vida. Tais dúvidas fariam com que temêssemos, e nos roubariam o conforto da obra terminada.

Cristo diz: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei”[Mateus 11:28]; todavia a experiência ensina que para muitos crentes a santidade inerente causa agitação constante, uma constante falta de sossego. Eles sabem que em Cristo eles são justos, ainda assim não estão confortados; pois Deus diz em Sua Palavra: “Sede santos, porque Eu sou santo”. Se pelo menos estivesse escrito: “Ajam de maneira santa”, os méritos de Cristo poderiam ser suficientes; mas está escrito: “Sede santos”, e isto quer dizer santidade inerente, disposições santas. Ou, se estivesse escrito: “Tornem-se santos”, a aproximação gradual até o ideal lhes inspiraria esperança. Mas, está inexoravelmente escrito: “Sede santos”, e isto faz sofrer as suas almas feridas.

Não é que cada crente seja atribulado desta forma. Pena que muitos raramente, e a grande maioria nunca, dá ao assunto qualquer consideração. Enquanto eles têm a reconciliação e a satisfação, incluindo a execução de boas obras, pregadas a eles, eles se satisfazem. Sua natureza carnal encontra-se bem contente com isto. Mas há outros, de pensamento mais aprofundado e de consciência mais ardente, que não aceitam “a porta larga e o caminho espaçoso” assim aberto às suas almas, mas que crêem na palavra: “... estreita é a porta, e apertado, o caminho”. Para eles, está escrito: “Sede santos”; e não pode haver descanso ou conforto para a consciência, até que estejam reconciliados com aquela palavra.

Daí dizermos que não é bastante que Cristo tenha obtido a santificação, que o Espírito Santo a conceda, mas também que Cristo a garanta para nós, não somente uma vez, mas para sempre; de modo que quando quer que seja que nos apresentemos diante dAquele que é Santo, nós possamos estar realmente santos em Cristo.

E este é o conforto abençoado da Palavra, que Cristo Ele mesmo é a nossa santificação. Como no Adão caído os seus descendentes têm a terrível certeza de que a sua natureza é totalmente impura, assim também no Cristo ressurreto, os Seus redimidos têm a garantia gloriosa de que nEle eles serão completamente santos.

Este é o mistério da Videira e os ramos, e a palavra profunda: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado”[João 15:3]. Como a nossa Certeza, Ele desta forma nos assegura: (1) que a

disposição santa uma vez criada em nós, embora temporariamente engolfada pelo pecado, nunca pode ser perdida; (2) que a forma de Cristo, da qual há somente um pequeno começo em nós, alcançará perfeição completa antes que adentremos à Nova Jerusalém; (3) que como a nossa Certeza, ele apresenta-se perante o Pai em nosso lugar, havendo depositado nos tesouros dos Seus méritos tudo aquilo que nos falta, em nosso nome. No conhecimento disto é que a alma atribulada encontra descanso.

Cuidemos para que o vaso precioso no qual Deus nos apresenta esta graça permaneça intacto, pois o pecador não pode satisfazer-se com nada menos.

Mas deveríamos também sermos cuidadosos para evitar o outro extremo, o qual, sob o apelo de que Cristo é a nossa santificação, nega a obra do Espírito Santo na alma. Aqueles que suportam este ponto de vista concedem que Cristo é a nossa santificação, que o Espírito Santo opera em nós, e que as boas obras são o resultado, mas, de maneira tal que a nossa própria pessoa, como tal, permanece tão ímpia e inútil como o fora até então. Ser ou não regenerado, crente ou não crente, é tudo o mesmo. A única diferença entre ambos é que, independentemente da nossa própria pessoa, e contra a nossa vontade, o Espírito Santo nos faz caminhar, inconscientemente, no caminho da vida.

Este ensinamento pernicioso opõe-se ao capítulo 7 da Epístola de São Paulo aos Romanos, e à Confissão das igrejas Reformadas. O apóstolo não diz que os seus desejos e inclinações são ainda ímpios, e que o Espírito Santo executa boas obras independentemente dele e ainda assim através dele; mas ele lamenta que, enquanto o seu desejo encontra-se em simpatia com a vontade divina e deseja o bem, o mal ainda encontra-se presente. Em sentido similar, o Catecismo ensina que o homem é inclinado para todo o mal, enquanto ele não nascer de novo, mas não após. Pois a vitalização do novo homem consiste em uma “Alegria de coração em Deus através de Cristo e um forte desejo de viver segundo a vontade de Deus em todas as boas obras.” [Catecismo de Heidelberg — questão 90 (“Que é o nascimento do homem novo?”)].

E a alma do não convertido não é assim tão disposta. Daí a diferença entre os dois ser tão grande que o golfo do céu e do inferno se abre entre eles.

Pode, portanto, ser proveitoso para os nossos leitores apresentarmos perante eles uma vez mais a Confissão dos teólogos Reformados das igrejas da Suíça, da Alemanha, da Inglaterra e dos Países Baixos, com relação a este ponto.

Eles confessaram que: “...pela operação eficaz do mesmo Espírito regenerador, Deus também penetra até os recantos mais íntimos do homem. Ele abre o coração fechado e enternece o que está duro, circuncida o que está incircunciso e introduz novas qualidades na vontade. Esta vontade estava morta, mas ele a faz reviver; era má, mas ele a torna boa; estava indisposta, mas ele a torna disposta; era rebelde, mas ele a faz obediente, ele move e fortalece esta vontade de tal forma que, como uma boa árvore, seja capaz de produzir frutos de boas obras (I Cor 2.14)”. [N.T. — Cânones de Dort: Artigo 11 — “Como Ocorre A Conversão” — 3º e 4º Capítulos da Doutrina: “A Corrupção do Homem, A Sua Conversão A Deus E Como Ela Ocorre”].

E esta obra gloriosa é, de acordo com a Confissão Unânime das igrejas Reformadas, executada da seguinte maneira: “...a graça divina da regeneração não age sobre os homens como se fossem máquinas ou robôs, e não destrói a vontade e as suas propriedades, ou a coage violentamente. Mas a graça a faz reviver espiritualmente, traz-lhe a cura, corrige-a e a dobra de forma agradável e ao mesmo tempo poderosa. Como resultado, onde dominava rebelião e resistência da carne, agora, pelo Espírito, começa a prevalecer uma pronta e sincera obediência. Esta é a verdadeira renovação espiritual e liberdade da vontade...”. [N.T. — Cânones de Dort: Artigo 16 — “A Vontade Do Homem Não É Eliminada Mas Vivificada” — 3º e 4º Capítulos da Doutrina: “A Corrupção do Homem, A Sua Conversão A Deus E Como Ela Ocorre”].

IX. Disposições Implantadas.

“...aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” — II Coríntios 7:1.

Negar que o Espírito Santo cria novas disposições na vontade é equivalente a um retorno ao erro Romano, muito embora os Romanos discutam o assunto numa maneira diferente.

Roma nega a corrupção total da vontade pelo pecado; que a disposição da vontade seja má por completo. Por conseguinte, a vontade do pecador não sendo inteiramente inútil, segue-se: (1) que o regenerado não necessita to implante de uma nova disposição; (2) que neste aspecto não há nenhuma diferença entre o regenerado e o não regenerado. Aqueles que introduzem nas igrejas Reformadas este ensino e outros ensinos similares, deveriam considerar que, em fazendo-o, danificam um dos alicerces da Reforma, e, conquanto não intencionalmente, levam-nos de volta a Roma.

A principal questão nesta controvérsia é: se o homem é alguma coisa ou se ele é nada.

Se o homem for absolutamente nada, como alguns gostam de proclamar; então Deus não pode operar nele; pois Ele não pode agir em nada. No nada, ninguém pode fazer nada. No nada, nada pode ser implantado. Nada pode penetrar no nada. O nada não pode ser um canal para coisa alguma. Se o homem é nada, não pode haver nem pecado nem justificação, pois o pecado de nada é nada; e o nada não é nenhum pecado. Nada pode nascer de novo, ou ser convertido, ou compartilhar a glória dos filhos de Deus. E se não há pecado, não há a necessidade de um Salvador para expiar o pecado; pois expiar nada não é nenhuma expiação. Então não há a necessidade de discutir a santificação. Isto mostra que a idéia de que o homem é nada não pode ser considerada no sentido absoluto. Uma vez que o homem é um ser, ele deve ser alguma coisa; e aqueles que mantêm que ele é nada mostram, com suas ações, que eles consideram a si próprios como muito longe de serem nada.

Mas se colocarmos que: “O homem é nada perante Deus”, a expressão torna-se imediatamente inteligível. Então cada bom Cristão a ela subscreve incondicionalmente; ele lamenta somente que é tão difícil tornar-se nada perante Deus; e com todos os santos ele ora para que ele possa mais sinceramente negar-se a si mesmo, morrer para si mesmo, e conhecer a si próprio como nada perante Deus. Medido por Deus, o homem não tem valor algum. Todo o seu esforço para ser

alguma coisa perante Deus é um absurdo ridículo. Cada púlpito deveria derrubar, como se com troar de trompetes, cada montanha de orgulho, e humilhar o homem perante Deus, de modo que, sentindo-se como uma mera gota num tambor — sim, menos que nada — ele possa encontrar descanso na adoração da Majestade divina.

Perante Deus o homem não é coisa alguma, nem mesmo o homem regenerado; mas na Sua mão, por meio da Sua ordenança, e na Sua consideração, ele é tão grande que “Deus o coroa com honra e glória”, ama-o como Seu filho, faz dele um herdeiro do gozo celestial, e o convida para passar a eternidade com Ele.

Estes dois nunca podem ser confundidos; a absoluta insignificância do homem perante Deus nunca pode ser aplicada ao homem como um instrumento na mão de Deus. E a grandiosa significância do homem como instrumento de Deus não pode nunca tender a fazer dele o mais mero o que quer que seja perante Deus, como um ser.

Então, opomo-nos ao Misticismo panteísta e ao mortal Pelagianismo.

O erro essencial deste último é que ele dá ao homem como tal uma certa posição perante Deus, e recusa-se a reconhecer que mesmo o mais erudito e mais excelente, aquele cuja respiração está em suas narinas, “Sim, onde está ele, para ser considerado?”, é menos que nada perante Deus. E o falso Misticismo é aquela tendência injuriosa da mente humana que, em todas as épocas e entre todas as nações, pelo argumento de ser nada perante Deus, nega a significância do homem mesmo como um instrumento de Deus. Nos seus escritos é reiterado que perante Deus o homem nada é, que em Deus ele desaparece e se perde, que Deus o absorve. E este ser absorvido é tão empurrado que nada resta, ao que o pecado e a culpa possam ser atribuídos. E assim a consciência da responsabilidade e a concepção da imputabilidade se perderam. Homens Cristãos, levados pela fascinação de serem nada, têm cantado hinos e pregado sermões muito aceitáveis aos Budistas da Índia, mas completa e inteiramente fora do domínio do Cristianismo.

O homem como instrumento de Deus é, de fato, significante. Ao cria-lo do nada, Ele criou, não um nada, mas sim algo; e aquele

algo era tão importante que todas as criaturas feitas antes dele a ele apontavam; no Paraíso só ele era o portador da imagem divina. Domínio sobre toda a terra lhe foi dado; ele inclusive julgará os anjos. “O Filho assumiu a forma, não de anjos, mas de homem”.

Dizer que isto significa que o homem é somente um espelho refletindo a natureza divina é o esforço vão desde misticismo doentio, para reconciliar a significância do homem com as suas próprias teorias panteístas. A Bíblia ensina, não que Deus reflete algo em nós, mas que Ele concede este algo a nós. O amor de Deus através do Espírito Santo é irradiado abundantemente nos nossos corações. O Senhor faz de nós o Seu templo e entra nele. Uma semente divina é colocada na alma. Água pura é borrifada por sobre nós. A Escritura utiliza-se de muitas outras imagens para alertar-nos contra a falsa teoria que nega a disposição inerente na alma e que reduz o homem a um mero pedaço de vidro que reflete. O ramo não é um reflexo da vide, mas cresce a partir do tronco, do caule, portando folha e cacho. Um filho não é um mero espelho do pai, mas um ser, possuído de vida e qualidades. Um inimigo não é alguém que meramente falha em refletir corretamente, mas um ser dotado com existência real.

Fazer do homem, mesmo como um instrumento de Deus, um mero espelho é, em princípio, negar o pecado, destruir o sentido de responsabilidade, e transformar a vida real nas fantasias de um sonho.

A Bíblia ensina, neste ponto, que perante Deus o homem não é nada; que somente por Deus o homem é alguma coisa; e que toda a bondade inerente e adquirida provém somente da Fonte de todo o bem. E, seguindo os passos dos pais Reformados, nós devemos sustentar esta doutrina. Mas negar o ser real e peculiar do homem é inconsistente com a Escritura e com a Confissão.

Escapando assim do caos de um misticismo falso, e retornando à verdade ordenada e purificada, nós não mais encontramos dificuldade na santificação. É claro, se o filho de Deus não passar de um espelho polido, então estão corretos aqueles que negam a disposição inerente, santa; e tal disposição está fora de questão. Como um espelho, o homem encontra-se morto, e tudo o que pode ser visto nele nada mais é senão um reflexo fraco e passageiro da imagem de Deus. Mas se o homem, como instrumento de Deus, tiver

um ser de sua própria espécie, então é natural que além daquele ser, Deus também deu-lhe qualidades. Um ser sem qualidades é inimaginável. Existem qualidades em cada esfera: no mundo material, pois o homem come, bebe, caminha, e dorme; no mundo intelectual, pois ele pensa, julga, e decide; nas questões de gosto, pois ele considera coisas serem bonitas, feias, ou indiferentes; e no mundo moral, pois os seus desejos são justos ou injustos, nobres ou baixos, bons ou maus.

E estas qualidades diferem em diferentes homens. Um ama um tipo de comida que um outro detesta. O julgamento de um é confuso, e o de outro é claro. Um chama de bonito o que outro chama de não atraente; de bom, o que outro considera mau. Assim é que deve haver uma diferença nas condições essenciais dos homens, as quais podem surgir dos seus respectivos temperamentos, educação, ocupações, etc. Alguns homens têm essas diferenças em comum. Homens de um grupo não consideram pecaminoso o amaldiçoar, mas antes parecem divertir-se com isso; enquanto que aqueles de um outro grupo abominam e protestam contra isso. Isto prova que entre estes dois grupos deve haver uma diferença de algum tipo; pois sem uma causa diferente não pode haver efeitos diferentes. E esta diferença que faz com que alguns homens divirtam-se em proferir maldições e que outros abominem o costume, é chamada a disposição da personalidade do homem.

Ela pode ser santa ou ímpia, mas nunca indiferente. Sendo corrupta e ímpia na natureza não regenerada do homem, ela não pode ser santo nos regenerados, a não ser que Deus assim a crie neles. Aquilo que é nascido da carne é carne. Todo o nosso correr e competir, todo o nosso trabalho exaustivo e toda a nossa labuta quase que escrava, não podem criar em nós uma santa disposição. Só Deus é quem pode fazê-lo. Como Ele tem o poder, pela regeneração, de mudar a raiz da vida, assim Ele pode também, pela santificação, mudar a disposição das afeições. E Ele poderia haver feito isso de uma só vez, tal como na regeneração, fazendo a nossa natureza perfeita de imediato, em todas as suas disposições; mas não aprouve à Ele, Aquele que não dá conta de nenhum dos Seus assuntos, assim fazê-lo.

É claro, Ele livra o Seu filho imediatamente, da escravidão do pecado; mas como uma regra, a santificação das suas disposições é gradual, exceto no caso de crianças eleitas que falecem, e de homens convertidos no leito de morte. Em todos os demais o implantar das disposições santas progride passo a passo, algumas vezes até mesmo com um lapso temporal. Sem este aumento em Cristo, não pode haver nenhuma santificação; e a alma que se encontra sem a santificação, que bases tem ela para gloriar-se em sua eleição?

Of course, He delivers His child at once from the bondage of sin; but as a rule the sanctification of his dispositions is gradual except in deceased infants elect, and men converted on their deathbed. In all others the implanting of holy dispositions goes step by step, sometimes even with temporal relapse. Without this increase in Christ there can be no sanctification; and the soul that falls short of sanctification, what ground has it to glory in its election?

X. Perfeito em Partes, Imperfeito em Graus

“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” — I Tessalonissenses 5:23

A doutrina Bíblica de que a santificação é um processo gradual aperfeiçoado somente na morte deve ser mantida clara e sobriamente: primeiro, em oposição ao Perfeccionista, que diz que os santos podem ser “inteiramente santificados” nesta vida; segundo, àqueles que negam o implante de disposições santas e inerentes nos filhos de Deus.

Deve ser notado, portanto, que as Sagradas Escrituras distinguem a santificação, imperfeita em degraus, e a santificação, perfeita em partes. Um bebê normal, embora pequeno, é um ser humano perfeito. É claro que ele deve crescer, mas já tem todas as partes do corpo humano. As faculdades mentais não podem ser examinadas, mas os membros do corpo são obviamente perfeitos e completos. A cabeça pode não estar coberta com cabelo, muitos membros podem ainda estar incompletos, mas isto não diminui, não prejudica a sua perfeição: num pequeno começo as partes e membros

constituintes encontram-se presentes. Por conseguinte, a criança é chamada perfeita em partes.

Todavia, o bebê não é perfeito em degraus, i.e., ele ainda não atingiu o seu completo desenvolvimento e crescimento em cada aspecto. E este é um processo lento, um progresso imperceptível. Uma vestimenta que lhe sirva perfeitamente à noite, nunca será pequena demais ao amanhecer. O crescimento que ocorre durante uma noite é imperceptível. Ainda assim nós crescemos e nos desenvolvemos; e até a hora da morte o nosso corpo muda, constantemente. E este aumento, e a subsequente diminuição, quando da idade avançada, afeta todas as partes do corpo, igualmente. Nunca acontece de crescer o braço de uma criança, mas não sua perna; de o seu pescoço expandir, enquanto que a cabeça permanece pequena. Este aumento, este crescimento gradual é a força expansiva de um princípio vital inerente, permeando todos os membros e cada parte do corpo.

Isto aplica-se aos filhos de Deus no seu segundo nascimento, ainda mais poderosamente, pois no reino divino não existem deformidades; todos procedem da mão do seu Criador como criação perfeita. Esta perfeição está nas partes, i.e., elas têm o que essencialmente lhes pertence. E cada membro é interiormente animado e nele operado, a partir de um princípio vital, por intermédio do Espírito Santo, de forma tal que todas as partes são por tal princípio afetadas espontaneamente. Assim é que na santificação, inclinações e desejos santos devem surgir daquele princípio vital, interior, nas partes, e permear cada membro.

Neste sentido a santificação é uma obra perfeita; não exteriormente, mas na parte de Deus, naquilo em que Ele faz com que o princípio santificador venha a afetar cada membro. Ele não santifica primeiro a vontade, e depois o entendimento, ou primeiro a alma, e então o corpo; mas a Sua obra envolve, inclui o novo homem inteiramente, de uma só vez.

Mas a santificação é imperfeita no grau do seu desenvolvimento: Quando Deus já tenha operado, já tenha agido em nós por dez anos, o desejo santo deve ser muito mais forte do que era no começo. Este é o resultado do crescimento, de aumento gradual,

apesar de muitos altos e baixos, quase que imperceptível. Assim é que existem passos, ascendentes, de menos para mais, com referência ao novo homem; e descendentes, de mais para menos — no morrer do velho; mas em ambos uma mudança gradual, sempre mais distante de Satã e mais próxima de Deus.

“Perfeita em partes, imperfeita em graus”, como os nossos piedosos pais costumavam dizer, pelo que eles ilustravam o segundo nascimento em comparando-o com o primeiro; e nisto eles simplesmente seguiam a Escritura; que posiciona a perfeição da dádiva de Deus paralelamente à imperfeição do nosso crescimento, do nosso aumento gradual. O Catecismo expressa isto como se segue: “...mesmo os mais santos deles conseguem apenas um pequeno início de obediência nesta vida. Entretanto, começam com o sério propósito de se conformarem não só com alguns, mas com todos os mandamentos de Deus.”[Catecismo de Heidelberg — Parte III — “Gratidão” — Questão nº 114 — “Mas, podem os que se converteram a Deus, guardar perfeitamente estes mandamentos?”]. São Paulo diz que “...Ele mesmo (Cristo) concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.”[Efésios 4:11–13]. Na Segunda Epístola aos Coríntios (10:15) ele espera ser engrandecido entre eles quando a sua fé cresça. Aos Colossenses ele escreve: “a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus”[1:10]. Aos Tessalonissenses: “...pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando”[II Tessalonissenses 1:3]. O salmista canta que “O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano”[92:12]; e São Paulo escreve a Timóteo, seu filho em Cristo: “Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto”[I Timóteo 4:15]. A partir da sua própria experiência, o apóstolo testifica: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a

perfeição; mas prossigo para conquistar...”[Filipenses 3:12]. E, escrevendo aos Coríntios, ele traça um retrato do fruto da santificação, ao dizer: “...somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”[II Coríntios 3:18].

Mas não devemos cair no erro comum de aplicar à santificação o que a Bíblia ensina com relação aos “Filhos” e o “perfeito”. Isto causa confusão. Falando de classes diferentes de crentes, a Bíblia reconhece o fato de que existem diferentes degraus. Isto surge mais claramente da primeira epístola de São João (2:12 – 14), onde ele refere-se aos crentes como “jovens”, e como “pais”, evidentemente com referência à sua idade, pois ele coloca os últimos como mais maduros em experiência espiritual, acima dos primeiros. Em Hebreus 5:13, 14, São Paulo distingue o “adulto”, que alimenta-se de alimento sólido, e os “bebês” que dependem do leite. Aos Coríntios: “...irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis”[I Coríntios 3:1], i.e., àqueles que não suportam carne, mas que ainda precisam ser alimentados com leite. Que estas palavras estão relacionadas à santificação, é evidente do que se segue: “Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?”[versículo 3]. De si mesmo, ele testifica: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino”[I Coríntios 13:11]. Ele exorta os Efésios: “... não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina...”[4:14]; e entre os Filipenses ele distingue entre o perfeito e o mais perfeito, ao dizer: “Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento”[3:15].

Por conseguinte, o apóstolo distinguia, evidentemente, duas classes de crentes: aqueles cujas condições eram normais, e aqueles que ainda se encontravam em uma condição preliminar. A Bíblia designa aqueles primeiros como “perfeitos”, “adultos”, “homens” e “pais”, a quem pertence o alimento sólido; enquanto e os segundos como “bebês”, “crianças”, “jovens” que ainda usam o leite.

Agora surge a pergunta, se a transição de uma classe para a outra é a mesma, como o aumento gradual da santificação. Geralmente a resposta é afirmativa; mas a Bíblia responde negativamente, por razões tão claras como a luz do dia. Prova convincente nós encontramos em Filipenses 3:12–15. No versículo 12, São Paulo diz, “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição...”; e diretamente em seguida, vejamos o versículo 15, “Todos, pois, que somos perfeitos...”; e na mesma conexão, ele coloca-se bem distintamente entre os perfeitos; sim, oferecendo-se a si mesmo como sem exemplo.

É evidente que quando São Paulo, sob a liderança direta do Espírito Santo, declara no mesmo momento que ele não é ainda perfeito, e que ele é perfeito, sim, o exemplo do perfeito, a palavra “perfeito” não pode ser tomada no mesmo sentido em ambos casos; ela deve ter um significado diferente em um e em outro.

Aqueles que crêem em santificação gradual não devem apelar para esta passagem nem a outras similares, para corroborar sua doutrina. Tal aplicação errônea da Escritura é grão para o moinho dos Perfeccionistas, que com boa razão replicam: “Os apóstolos estavam evidentemente familiarizados com santos ‘inteiramente santificados’, como nós mesmos”.

E qual é a diferença?

Uma criança e um adulto não são o mesmo; o último é fisicamente desenvolvido por completo, o primeiro não. O último, havendo alcançado a maturidade, entra no novo processo de tornar-se mais nobre, mais refinado, mais forte interiormente. O carvalho continua a crescer até atingir a altura completa, processo o qual cobre anos a fio. Mas este não é o fim do seu desenvolvimento. Ao contrário, ele não começa a adquirir suas qualidades de aço até que esteja totalmente desenvolvido. A criança é enviada à escola, para o exercício dos seus poderes. Havendo passado por sucessivas instituições, e estando graduada do último ano, ela recebe o seu diploma que declara que a sua educação terminou e que já encontra-se pronta para entrar na carreira da sua vida; i.e., sua educação está completa tanto quanto refere-se à escola. Mas isto não implica que não haja mais nada a ser aprendido. Pelo contrário, somente agora é

que os seus olhos são abertos para enxergar a realidade e a condição real das coisas. A educação está concluída, todavia o aprendizado está somente começando.

E o mesmo aplica-se àqueles a quem a Bíblia chama de “perfeitos”. Um novo convertido deveria primeiro ir à escola, e não; após a prática do Metodismo (1), ser diretamente colocado a trabalhar para converter outros, como um crente perfeito. Ele é somente um bebê, diz o apóstolo, um a quem é dado leite; e de um bebê não pode se esperar que assista como uma parteira ou como uma enfermeira, no nascimento espiritual de outros bebês.

É o grande erro de muitas Escolas Dominicais, fazer cordeirinhos que mamam desempenharem o papel de ovelhas que amamentam; de negligenciarem a alimentar os bebês recém nascidos com conhecimento e disciplina espirituais. E a noção insana, que está cada vez ganhando mais e mais terreno, de que um jovem, a quem foi demonstrado senão um tênue reflexo da vida espiritual, deva ser promovido de imediato ao status, à condição do Cristão maduro, traz destruição por sobre a Igreja. É por isso que tão poucos buscam a verdade, ou lutam por enriquecerem-se com conhecimento espiritual; por isso que a vida espiritual parece consistir somente de corridas e disputas até que, espiritualmente exaustos e empobrecidos, os homens sentem-se no chão, amargamente desapontados. Isto faz Cristãos anêmicos, doentes e fracos espiritualmente, altos e magros, com olhar brilhante e bochechas vermelhas, mas sem virilidade, sem força nem pulso vigoroso. É claro, tais não conseguem resistir aos redemoinhos de ensinamentos estranhos sem serem levados a esmo, por qualquer vento de doutrina.

Nós, portanto, repetimos que um bebê recém nascido deve ser primeiro alimentado com leite; então ser enviado à escola, não para ensinar, mas sim para aprender. E os ministros da Palavra no púlpito, os pais nos lares, e os professores e mestres nas nossas escolas Cristãs deveriam examinar a si mesmos se eles compreendem a arte de alimentar os bebês com leite, se ao ensinar o pão não é muito pesado, se eles não se esqueceram que no rebanho ainda há cordeirinhos que ainda mamam.

É claro, o tempo virá quando aquele que ainda mama estará apto a digerir alimento sólido. O conhecimento se acumulará, e cedo a sua educação estará concluída. E então, seria tolice excessiva não ir à perfeição, e sim restringir o alimento sólido, e continuar a alimentar todos os membros da igreja igualmente, com leite. Tal curso de ação rapidamente esvaziaria a igreja. Homens dotados de dentes espirituais não podem viver com tal dieta. A pregação que mantém sempre os primeiros fundamentos mata a ambos, pregador e congregação.

Assim é que existe um tempo na vida do santo, quanto este primeiro processo de crescimento termina; quando crentes, havendo se tornado homens, tomam seus lugares entre os maduros e perfeitos. E neste sentido, nós ouvimos o apóstolo dizer: “Não pertenço ao grupo dos bebês no colo de suas mães, nem ao das crianças na escola, mas ao dos adultos e dos perfeitos, cuja educação está concluída. Mas, Oh irmãos, não pensem que eu sou perfeito interiormente, pois eu ainda não alcancei a perfeição; mas sigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus”.

Vemos a mesma diferença em plantas e animais, no nascimento natural e no espiritual. Primeiro há um crescimento para atingir-se a estatura completa, somente então começa o desenvolvimento real, o qual nos filhos de Deus é o desdobramento da disposição santa, na própria pessoa deles.

XI. O Pietista e o Perfeccionista.

“Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da Sua santidade”

— Hebrews 12:10

A santificação é uma obra graciosa de Deus, através da qual, num modo sobrenatural, Ele gradualmente despe do pecado as inclinações e disposições do regenerado, e as veste com santidade.

Encontramos aqui uma séria objeção, a qual merece nossa cuidadosa atenção. Para o observador superficial, a experiência espiritual dos filhos de Deus parece estar diametralmente oposta a esta professada dádiva de santificação. Alguém diz: “Pode ser isto, que por mais de dez anos eu tenha sido o objeto de uma operação divina, através da qual os meus desejos e inclinações foram despidos

de pecado e vestidos com santidade? Se este é o Evangelho, então eu não pertenço aos redimidos do Senhor; pois em mim mesmo eu dificilmente percebo qualquer progresso; eu somente sei que o meu primeiro amor se tornou frio e que a corrupção interior angustiante. Alguns sonham com progresso, mas eu raramente descubro em mim mesmo alguma coisa que não seja degeneração. Nenhum ganho mas perda, é o saldo da minha conta. Minha única esperança é Emanuel, minha Segurança”.

Enquanto a experiência de um coração quebrado descarrega desta forma sua profunda angústia, outros nos exortam a não encorajar o orgulho espiritual. Dizem eles: “Nós não devemos cultivar o orgulho espiritual nos filhos de Deus, pois eles já são assim inclinados por natureza. O que é mais favorável ao orgulho espiritual do que a idéia fantasiosa de uma sempre crescente santidade? Não é a santidade a realização mais elevada e mais gloriosa? Não é a nossa prece mais compreensiva sermos feitos participantes da Sua santidade? E faria você com que estas almas imaginassem que, desde que eles são convertidos já há um número de anos, eles já teriam alcançado um considerável degrau desta perfeição divina? Você daria licença a Cristãos mais velhos para se sentirem acima dos seus irmãos mais jovens? A santidade quer ser notada; daí você os incita a uma demonstração das suas boas obras. O que é isto, senão cultivar um espírito de Farisaísmo?”

Nós não podemos permitir-nos descanso, até que esta objeção da consciência sensitiva seja inteiramente removida.

Não que nós pudéssemos escapar de todos os perigos do Farisaísmo. Isto, silenciaria toda exortação a um viver santo. Luz sem sombras é impossível; as sombras desaparecem somente na escuridão absoluta. Nos dias dos antigos Fariseus, Jerusalém, comparada com Roma e com Atenas, era uma cidade temente a Deus. O Farisaísmo nunca mais foi tão presunçoso quanto nos dias de Jesus. E a história mostra que o perigo do Farisaísmo tem sido sempre o mínimo nas igrejas Romanas e sempre o máximo nas igrejas Reformadas; e dentre estas últimas, ele é muito mais forte onde o nome de Deus é mais exaltado. Religiosidade (espiritualidade, piedade, temor a Deus) é impossível sem a sombra do Farisaísmo. Quanto mais brilhante e

refulgente forem a luz e a glória daquelas, mais escura e sombria é a sombra deste. Para escapar ao Farisaísmo por completo, alguém deve descer até o mais baixo nível da sociedade, onde não existem bridões nas paixões dos homens.

E isto é natural. O Farisaísmo não é uma corrupção comum, mas o mofo do mais nobre fruto que a terra jamais viu, a saber, a religiosidade. Aos círculos que encontram-se livres do Farisaísmo, também falta o bem mais elevado; como, então, poderia ele deteriorá-los? E os círculos nos quais este perigo é maior são os próprios círculos onde o bem mais elevado é conhecido e exaltado.

Mas, fora dessa escaramuça inútil com o fantasma Farisaico, o escrúpulo acima mencionado tem a nossa mais profunda simpatia. Se fosse verdade que a santificação tanto impressionasse a alma ao ponto de incitá-la ao orgulho, a santificação não poderia ser o artigo verdadeiro; pois de toda a impiedade, o orgulho é o mais abominável. É a súplica doce e sincera de Davi: “Também da soberba guarda o Teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão”[Salmo 19:13]. A concepção fundamental de graça está tão intimamente ligada à idéia de tornar-se uma criança pequena, e a sua dádiva é tão fortemente condicionada a uma disposição humilde, que a dádiva que encoraja o orgulho espiritual não pode ser uma dádiva da graça.

Mas estamos confiantes de que a doutrina da santificação, como apresentada nestas páginas, de acordo com a Escritura Sagrada, não tem nada em comum com esta caricatura. Desde que, no Paraíso o pecado originou-se do primeiro incitamento satânico ao orgulho, e toda impiedade carnal e espiritual ainda cresce daquela raiz venenosa, é evidente que o primeiro efeito da disposição santa implantada, deva ser a humilhação deste orgulho, a derrubada desta fortaleza; e ao mesmo tempo o animar de um espírito humilde, submisso e inocente.

A idéia de que a santificação consista em inspirar o santo com horror a pecados ofensivos e contra o próximo, sem uma quebrantar do auto conceito, não é Bíblica e tem a oposição das igrejas Reformadas. A Bíblia ensina que o Espírito Santo nunca aplica a santificação ao crente sem atacar todos os seus pecados de uma vez. “...com o sério propósito de se conformarem não só com alguns, mas

com todos os mandamentos de Deus”[Catecismo de Heidelberg — questão 114 — “Mas, podem os que se converteram a Deus, guardar perfeitamente estes mandamentos?” = Parte III — “Gratidão”]

De todos os pecados, o orgulho é o mais abominável, pois, em todas as suas manifestações, trata-se da transgressão do primeiro mandamento. Assim é que é inconcebível uma santificação real e divinamente operada, sem destruir, antes de tudo, o orgulho, e criar uma disposição humilde, calma, não confiante em si mesma e cândida.

E isto sana toda a dificuldade. Aquele que teme que a santificação gradual levará ao orgulho e ao egoísmo, confunde a sua própria imitação humana com a obra real, divinamente operada. Razão pela qual, com esta objeção, ele deve atacar ao hipócrita, e não a nós.

No entanto, uma interpretação errônea do que a Bíblia chama de “carne” pode sugeri-lo. Se “carne” significar inclinações sensuais e apetites do corpo, e santificação consistir quase que inteiramente de guerra, de batalha contra estes pecados, a santificação assim entendida pode ser acompanhada por um aumento de orgulho espiritual: Mas por “carne” pecadora a Bíblia denota o homem por completo, corpo e alma, incluindo então pecados que são espirituais assim como sensuais; por conseguinte a santificação objetiva de vez à mudança das inclinações espirituais e sensuais do homem, e em primeiro lugar à sua tendência ao orgulho.

Dissemos anteriormente que a santificação incluía um aspecto descendente, tanto quanto um ascendente. Quando o Senhor nos eleva, nós também descendemos. Não existe nenhuma elevação do novo homem, sem uma morte do homem velho; e cada tentativa de ensinar santificação sem que se faça justiça completa a ambos, não é Bíblica.

Opomo-nos, portanto, às tentativas dos Pietistas e dos Perfeccionistas, que dizem que não têm nada mais a ver com o velho homem, que nada perdura neles para ser mortificado, e que tudo o que é exigido deles é apressar o crescimento do novo homem. E opomo-nos, igualmente, ao que do contrário, admite a morte do velho

homem, mas nega o crescimento do novo, e que a alma recebe tudo o que lhe falta.

Cada conversão verdadeira e duradoura, de acordo com o nosso Catecismo, deve manifestar-se nestas duas partes, a saber, uma mortificação do velho homem, e um erguer-se do novo, em proporções iguais.

E à questão, “O que é a morte do velho homem?”, o Catecismo de Heidelberg responde, “Um decréscimo gradual”, pois diz que a morte do velho homem é uma “Tristeza de coração pelos nossos pecados e crescente ódio a eles e fuga deles.”[Pergunta nº 89], enquanto que o nascimento do novo homem é expressado também tão positivamente: “Alegria de coração em Deus através de Cristo e um forte desejo de viver segundo a vontade de Deus em todas as boas obras.”[Pergunta nº 90], uma declaração que é repetida na resposta da pergunta nº 115, que assim descreve esta mortificação: “para nos tornarmos, durante toda a nossa vida, cada vez mais conscientes da nossa pecaminosidade”; e que fala do nascimento do novo homem como “para podermos, constante e diligentemente orar a Deus pela graça do Espírito Santo, para podermos ser mais e mais renovados segundo a imagem de Deus”[N.T.—trechos da resposta à pergunta 115: “Por que, então, quer Deus que os dez mandamentos sejam pregados tão rigorosamente, já que ninguém pode guardá-los nesta vida?”]

Assim é que existem duas partes, ou antes, dois aspectos, da mesma coisa: (1) o destruir do velho homem; (2) uma conformidade crescente à imagem divina.

Mortificar e despertar, matar e dar nova vida, mais e mais — esta é; de acordo com a confissão dos nossos pais, a obra do Deus Triúno na santificação.

Pecado não é meramente a “falta de justiça”. Assim que justiça, bondade e sabedoria desaparecem, a injustiça, o mal e a tolice tomo seu lugar. Como Deus implantou no homem os três primeiros mencionados, assim também o pecado não meramente rouba-os dele, mas também os substitui pelos três últimos. O pecado não somente matou em Adão o homem de Deus, mas também despertou nele o homem do pecado; daí que a santificação deve exercer em nós

exatamente o oposto. Ela deve mortificar o que o pecado havia despertado, e despertar o que o pecado havia mortificado.

E se esta regra for inteiramente compreendida, não pode mais haver confusão. Nossa idéia de santificação necessariamente corresponde à nossa idéia de pecado. Aqueles que consideram o pecado como um mero veneno, e negam a perda da justiça original, são Pietistas; eles ignoram a mortificação do homem velho, e sempre ocupam-se e adornar o novo homem. E aqueles que dizem que o pecado é a perda da justiça original, e negam seus efeitos com efeito maus, são inclinados ao Antinomianismo, e reduzem a santificação à uma emancipação fantasiada do velho homem, rejeitando o nascimento do novo homem.

É claro, isto toca a doutrina do velho homem, e do novo.

A representação de que a alma do convertido é uma arena onde os dois encontram-se engajados numa luta corpo a corpo é incorreta, e não tem nem um texto que a suporte satisfatoriamente. Rejeitamos as duas representações a seguir: aquela do Antinomiano, que diz: “O ego crente é o novo homem em Cristo Jesus; eu não sou responsável pelo velho homem, o ego pessoal, pecador; ele pode pecar o quanto lhe aprouver”; e a representação do Pietista, que considera-se ainda o velho homem, renovado parcialmente, e que está sempre ocupado em remodela-lo. Estas duas representações não pertencem à Igreja de Cristo.

A Bíblia ensina, não que o velho homem seja santificado ao ser transformado no novo; mas que o velho homem deve ser mortificado, deve morrer até que dele nada mais reste. Nem tampouco ensina a Bíblia que, na regeneração, somente uma pequena parte do velho homem seja renovada — o restante a ser ajustado, corrigido gradualmente — mas que um homem inteiramente novo é implantado.

Isto é da maior importância para o correto entendimento dessas coisas santas. O pecado operou em nós um homem velho, o corpo do pecado; não meramente uma parte, mas o inteiro, com tudo o quanto lhe pertence, corpo e alma. Assim é que o velho homem precisa morrer, e o Pietista, com todas as suas obras de piedade, não pode

nunca galvanizar um único músculo sequer, no seu corpo. Ele é completamente inútil, e deve perecer sob a sua justa condenação.

De maneira similar Deus regenera graciosamente em nós uma nova criatura, a qual é também um homem completo. Portanto não podemos considerar o novo homem como a restauração gradual do velho. Os dois não têm nada em comum, a não ser a base mútua da mesma personalidade. O novo homem não surge a partir do velho, mas o substitui, suplanta-o. Estando somente no germe, ele pode ser enterrado no recém regenerado; mas ele levantar-se-á e então a obra de Deus aparece gloriosamente. Deus é o seu Autor, Criador e Pai. Não o homem velho, mas sim o novo, brada alto: “Abba, Pai!”

Porém, o nosso ego está relacionado ao morrer do velho homem e ao erguer-se do novo homem. O ego de uma pessoa não eleita está identificado com o velho homem; eles são o mesmo. Mas na consumação da glória celeste, o ego dos filhos de Deus é identificado com o novo homem.

Mas, durante o dias da nossa vida terrena, não é assim. O novo homem, de uma pessoa ainda não regenerada, mas eleita, existe, em separado dele, mas oculto em Cristo. Ele ainda está desposado com o seu velho homem. Mas na regeneração e conversão, Deus dissolve este matrimônio ímpio, e Ele une o seu ego ao novo homem. Todavia, apesar de tudo isso, ele ainda não encontra-se livre do velho homem. Perante Deus e a lei, do ponto de vista da eternidade, ele pode ser assim considerado, mas não real e efetivamente.

E esta é a causa do conflito dentro e fora. Os laços do mal não são todos dissolvidos de uma só vez, e os laços santos não são todos unidos de uma só vez. Através da mística união com Cristo, o filho de Deus verdadeiramente possui todo o novo homem, mesmo que morresse amanhã; mas ele ainda não desfruta disso. Estando alienado, estando separado do novo homem perante Deus, ele deve ainda, através de um processo doloroso, morrer para o velho homem, e através da graça divina o novo homem deve nele renascer. E esta é a sua santificação: a morte do velho homem e o surgimento do novo, através do que Deus aumenta e nós diminuimos. Bendita manifestação de fé!

XII. O Velho e o Novo Homem.

“...nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça...” — I Pedro, 2:24

O Salmista canta: “Vão indo de força em força; cada um deles aparece diante de Deus em Sião”[Salmo 84:7]. Nós devemos manter este testemunho glorioso, embora a nossa própria experiência pareça contradizê-lo. Não a experiência, mas a Bíblia, nos ensina a verdade divina; nem tampouco é como se o procedimento da operação divina no nosso coração pudesse diferir do testemunho da Sagrada Escritura, mas que a nossa experiência muitas vezes interpreta de forma incorreta a nossa real condição espiritual.

O nosso conhecimento é muito pequeno. O tombo da nossa auto consciência raramente alcança abaixo da superfície, enquanto que o olho santo de Deus penetra até fundo das águas da alma. Nós somos ignorantes de muito do que acontece na alma, e o que percebemos disso muitas vezes se nos apresenta à nossa consciência de maneira diferente do que é na realidade. Se o nosso auto conhecimento fosse perfeito, o testemunho da nossa experiência espiritual seria tão confiável como o da Bíblia. Mas em não sendo assim, nem mesmo entre os filhos de Deus, a experiência espiritual, embora útil, não pode nunca enfraquecer a Palavra de Deus. Daí, mesmo que descubramos em nós mesmos uma fraqueza sempre crescente, o testemunho da Bíblia é ainda certo: “Eles vão indo de força em força”.

Mas, quem vai de força em força? Certamente não o velho homem. Não pode ser dito que a regeneração fizesse nele uma mudança a qual esteja constantemente aumentando, e que o capacite a fazer progresso tão admirável, que através de ajuda divina ele provavelmente alcance sucesso, no final. Não é assim. A Bíblia ensina que o velho homem está morto, condenado a morrer para sempre; que ele é incorrigível e não pode ser restaurado, salvo, ou reconciliado. Ele está irremediavelmente perdido. E ao invés de gradualmente tornar-se ele mesmo de novo—ele deve ser crucificado, massacrado, e enterrado. Ao invés de esperar dele qualquer coisa boa, deveria ser nossa glória morrer para ele e livrarmo-nos dele.

Nem tampouco é o novo homem quem vai de força em força. Ele não está sendo construído aos pouquinhos até poder ficar de pé em suas próprias pernas; mas, desde que devemos viver para sempre na nova criatura, deve ser um homem real nascido em nós. E como tal ele não pode nem aumentar nem diminuir; ele somente está latente no germe e deve surgir.

Mas a minha pessoa, já que pela fé eu me encontro em Cristo, deve ir de força em força. Aquela pessoa nasceu uma vez no homem velho, e portanto nascida em faltas e em pecados, e por natureza, como um filho da ira. E por si mesma, nunca haveria sido possível escapar do velho homem. Isto ele não poderia fazer. Ele era tão completamente identificado com o velho homem, que este era o seu próprio ego. Ele não tinha nenhuma outra vida ou existência. Mas, na regeneração, uma mudança aconteceu. Através deste ato divino, a nossa pessoa é, em princípio, desconectada, separada do seu ego anterior, no velho homem. A raiz foi cortada e, pela ação constante da tempestade e da gravidade, as partes separaram-se cada vez mais e mais. A nossa pessoa não mais é identificada com o velho homem, mas opõe-se a ele. Muito embora ele obtenha sucesso em seduzir-nos novamente ao pecado, mesmo ao rendermo-nos fazemos não o que queremos, mas o que odiamos. Ouça somente a voz de São Paulo ao dizer: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim”[Rm 7:19, 20].

Portanto o filho de Deus não deve ser identificado com o velho homem após a regeneração, pois isto é contrário ao ensinamento claro da Palavra. Ele não mais é o velho homem, mas batalha contra ele. Como filho de Deus ele tornou-se o novo homem — não parcial, mas completamente. “...as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”[II Coríntios 5:17]. Nisto, e em nada menos, é a razão do seu gloriar-se. Sua pessoa passou da morte para a vida. Ele é transladado do reino das trevas para o reino do Filho querido de Deus. Ele é tão completamente identificado com o novo homem que, enquanto ainda vivendo neste mundo, ele já encontra-se com Cristo no céu, onde está a sua cidadania, e onde a sua vida está protegida com Cristo, em Deus.

Se a palavra do Salmista não se refere ao velho homem nem ao novo, então a quem ela se refere? A Bíblia responde: a crentes, às suas pessoas, o seu ego, o qual, encontrando-se separado do velho homem e em oposição a ele, está identificado com o novo. Ele vão de força em força. É verdade que o uso do termo “ego” em ambos sentidos seja propício para confundir; ainda assim São Paulo faz o mesmo. Ele diz “eu” e “não eu”: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...”[Gálatas 2:20]. A mesma pessoa que caiu em Adão e que de Adão recebeu o velho homem com quem, por um tempo, foi identificado, está agora mudada, transladada e desperta com Cristo; de Cristo ele recebeu um novo homem, e com aquele novo homem ele está sendo mais e mais identificado. Por conseguinte, ele vai de força em força.

Esta identificação, da nossa pessoa com o novo homem, é, imediatamente após a regeneração, ainda muito tênue; enquanto nós estamos inteira e completamente unidos ao velho homem, quase que com todas as fibras do nosso ser, que parece como se nós ainda fôssemos nós mesmos. Mas pela operação do Espírito Santo nós morremos gradualmente para o velho homem, e ao mesmo tempo o novo homem é mais e mais despertado. E, desde que ambos, o morrer do velho homem e o gradual levantar-se do novo homem são aproveitáveis à nossa pessoa, o Espírito Santo testifica com relação à Sua própria obra, que nós, filhos de Deus, vamos de força em força até que cada um de nós em Sião apareça, perante Deus. Isto não somente se refere ao nosso crescimento no novo homem, mas em igual proporção ao nosso livramento da velho homem que morre. Em ambos casos é o mesmo operar; assim é que ambos proporcionam-nos crescimento e força.

Consideramos primeiro o morrer do velho homem, tanto quanto ele refere-se à nossa santificação.

Este morrer não tem nenhuma referência à nossa própria atividade, à qual o ofício do batismo faz alusão, “Que nós, bravamente lutemos e derrotemos o pecado e o diabo e todo o seu domínio”; ao contrário, refere-se ao fruto da cruz de Cristo. À questão, “Que outro benefício recebemos do sacrifício e da morte de Cristo na cruz?”, a Igreja Reformada responde, “Que pelo seu poder

nosso homem velho é com ele crucificado, morto e sepultado, de modo que as más paixões da carne não mais reinem em nós...” [Catecismo de Heideilberg, pergunta nº 43]. Portanto, o morrer do velho homem não é o fruto do nosso trabalho; mas Cristo o realiza em nós, pela virtude da Sua cruz, através do Espírito Santo.

De forma a realiza-lo em nós, o Espírito Santo desvia as nossas afeições, inclinações e disposições pessoais do velho homem, a quem até então elas haviam sido ardentemente ligadas, de modo que agora começamos a odiá-lo.

É possível morrer uma amizade. Nós podemos ter sido íntimos de uma pessoa, a quem nós mais tarde descobrimos ser um mau caráter. Então, não somente a amizade está quebrada, mas também cessa a afeição. Arrependemo-nos de nossa intimidade anterior e o abominamos, o mais cordialmente o quanto ele prove ser desonesto e malicioso. E isto aplica-se à nossa relação com o velho homem. Anteriormente nós éramos o mais íntimo possível dele. Compartilhávamos a sua vontade, suas simpatias e suas afeições. Vivíamos uma vida com ele. Sentíamos ligados e unidos a ele pelos laços mais afetuosos. Não podíamos ser felizes, a não ser em sua companhia. Mas então houve uma mudança. Nós adquirimos um gosto diferente. Tornamo-nos familiares com um homem diferente e melhor — a saber, o novo homem em Cristo Jesus — e tornamo-nos muito íntimos com Ele. E esta nobre interação trouxe-nos a descoberto a completa barbárie e corrupção do velho homem. Então o nosso amor cessou e nós passamos a odiá-lo profundamente.

É verdade que a nossa conexão anterior nos põe em contato freqüente com ele. Em tais ocasiões ele muitas vezes nos induz pelo seu maquiavelismo, mas não para a nossa satisfação; e em estando somente meio dispostas, nossas almas protestam; e assim que o pecado é cometido nós somos cheios com auto repugnância e contrição.

E este reverso das nossas afeições não é obra nossa, mas sim do Espírito Santo. Não que neguemos que Ele muitas vezes nos usa como instrumentos, ou nos mobilize para exercita-la nós mesmos, mas a mudança das nossas inclinações não é obra nossa, senão a operação direta de Deus o Espírito Santo.

Como ela é executada, podemos compreender somente em parte. Trata-se essencialmente de um mistério, tanto quanto o é a regeneração. Sendo Deus; o Espírito Santo tem acesso ao nosso coração, ele descobre a nossa personalidade, a natureza das nossas afeições, e de que modo a sua ação pode ser revertida. Mas a nossa incapacidade de compreender, de absorver este mistério não afeta ao mínimo a nossa fé no assunto.

Uma vez que o morrer do velho homem ocorre, não por nossas boas obras, mas pelo implantar de uma disposição e de uma inclinação repugnantes ao velho homem, nossa própria obra está inteiramente fora da questão; pois o nosso próprio coração nos é inacessível. Nós não temos nenhum poder sobre a nossa pessoa interior; falta-nos os meios para criar uma outra inclinação; e enganamo-nos quando o negamos. Só Deus o Criador é quem pode fazê-lo, e em fazendo-o Ele é irresistível. A repugnância contra o velho homem, uma vez havendo adentrado a alma, é um poder que simplesmente nos subjuga. Mesmo quando por ele induzidos; nada podemos fazer a não ser odiá-lo.

O sétimo capítulo da Epístola aos Romanos é muito instrutivo neste aspecto. São Paulo diz, “...no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus”[vv 22], i.e., no tocante às minhas afeições interiores. Há de fato uma outra lei nos seus membros, a qual o traz cativo à lei do pecado; mas ele não nutre por aquela lei o mínimo de amor ou simpatia, senão que com a lei da sua mente luta contra ela.

Nenhuma outra representação, proclamada pela boca do mais excelente dos apóstolos, sob o selo do Espírito Santo, contradiz a este testemunho positivo. Aquele que crê abraça o Filho, e não pode evitar receber impressões e ser convencido por influências que fazem com que suas afeições e inclinações venham a ser radicalmente mudadas. Um crente é operado em seu interior. Todas suas relações anteriores com o velho homem—orgulho, dureza de coração; falsidade, e sede por vingança—agora o enchem com horror; o que antigamente era para ele o orgulho da vida e a paixão dos olhos é agora vexação de espírito, na medida em que ele agora se dá conta do qual vergonhoso e abominável que é.

Então ele gradualmente morre para o velho homem, até que, na hora da morte, ele seja completamente liberto. O filho de Deus continua cavando a sepultura do velho homem até à hora da sua própria partida.

Não obstante o filho de Deus morra tão completamente para o velho homem que por fim ele perca toda a confiança nele, inteiramente convencido de que ele é, sem desculpa, um perdedor abominável, um réprobo, e um enganador, capaz de todo o mal. E quando ocasionalmente ele permite-se um sorriso de desdém ao orgulho e práticas do velho homem, não o faz vangloriando-se de sua própria obra ou da dos seus semelhantes, mas gloriando-se somente na obra graciosa do seu Deus.

XIII. A Obra de Deus em Nossa Obra.

“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”—I Tessalonissenses 5:23

A diferença entre santificação e boas obras deve ser bem compreendida.

Muitos confundem as duas, e crêem que santificação signifique viver uma vida honrável e virtuosa; e, uma vez que isto é o mesmo que boas obras, a santificação, sem a qual nenhum homem verá a Deus, é tomada no sentido de um sincero e diligente esforço para fazer boas obras.

Mas este raciocínio é falso. A uva não deve ser confundida com a vinha, o relâmpago com o trovão, o nascimento com a concepção, não mais do que santificação com boas obras. A santificação é o grão, a semente da qual germinarão o caule e folhas das boas obras; mas, isto não identifica o grão com o broto. Aquele encontra-se no solo e através de suas fibras se agarra às raízes internamente. O último dispara do solo, externamente e visivelmente. Assim, a santificação é o implantar do germe, da disposição e da inclinação, os quais produzirão a florada e o fruto de uma boa obra.

Santificação é obra de Deus em nós, através da qual Ele concede aos nossos membros uma disposição santa, enchendo-nos interiormente com regozijo na Sua lei e com repugnância ao pecado.

Mas boas obras são atos de homem, que brotam desta disposição santa. Por conseguinte, a santificação é a fonte de boas obras, a lâmpada que brilhará com a sua luz, o capital do qual elas são o dividendo.

Permitam que repitamos: “Santificação” é uma obra de Deus; “Boas obras” são de homens. “Santificação” opera internamente; “boas obras” são externas. “Santificação” concede algo ao homem; “boas obras” tiram algo dele. “Santificação” força a raiz no solo; praticar “boas obras” força o fruto para fora da árvore frutífera. Confundir estes dois leva o povo a direção errada.

O Pietista diz: “Santificação é obra do homem; não se pode insistir nisso com ênfase suficiente. Trata-se do nosso melhor esforço para sermos santos”. E o Místico mantém: “Nós não podemos fazer boas obras, e não podemos insistir nelas pois o homem é incapaz; só Deus pode operá-las nele, independentemente dele”.

É claro, ambos estão igualmente errados e não estão de acordo com a Escritura. O primeiro, ao reduzir a santificação a boas obras, tira-a das mãos de Deus a coloca sobre os homens, que nunca as podem executar; e o último, em fazendo as boas obras tomarem o lugar da santificação, libera o homem da tarefa que lhe foi designada e clama que Deus a executará. Ambos erros devem ser combatidos.

Tanto a santificação como as boas obras devem ser reconhecidas. Ministros da Palavra, e através deles o povo de Deus, devem entender que a santificação é um ato de Deus, que Ele executa no homem; e que Deus ordenou ao homem fazer boas obras para a glória do Seu nome. E isto terá efeito duplo: (1) O povo de Deus reconhecerá sua completa incapacidade para receber uma disposição santa que não seja como uma dádiva da graça livre, e então eles sinceramente orarão por esta graça. (2) Eles orarão para que os Seus eleitos, nos quais esta obra já foi operada, possam mostrá-la adiante, em obras que glorifiquem a Deus: “assim como nos escolheu nEle (Jesus Cristo), antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor”[Efésios 1:4].

Embora esta distinção seja bem clara, duas coisas podem causar confusão:

Primeira, o fato de que a santidade pode ser atribuída às próprias boas obras. Alguém pode ser santo, mas também fazer boas obras. A Confissão, falando de Jesus Cristo, diz das “tantas obras santas, que fez por nós e em nosso lugar”[Confissão de Fé Belga — Artigo 22 — “A Justificação Pela Fé Em Cristo”]. Assim é que a santidade pode ser externa e interna.

A passagem seguinte refere-se não a santificação, mas a boas obras: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento...”[II Pedro 3:11]. “...segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento”[I Pedro 1:15]. “de conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, O adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os nossos dias”[Lucas 1:74, 75].

Vemos que a palavra “santo” é utilizada em ambos, na nossa disposição interior e dos resultados dela, a vida exterior. Pode ser dito tanto da fonte como da água, que contém ferro; tanto da árvore como do fruto, que são bons; tanto da vela como da luz, que são claras. E, uma vez que santidade pode ser atribuída a ambas, a disposição interior e a vida exterior, santificação pode ser entendida como referindo-se à santificação da nossa vida. Isto pode levar à suposição que uma vida exterior impecável é a mesma coisa que santificação. E se for assim, então santificação nada mais é senão uma tarefa imposta, e não um dom concedido. Deveria ser, portanto, cuidadosamente notado que a santificação da mente, das afeições e disposições não é obra nossa, mas sim de Deus; e que a vida santa a qual surge a partir daí é nossa.

Segunda, a outra causa de confusão são as muitas passagens da Bíblia que exortam e encorajam-nos a santificar, a purificar e a aperfeiçoar as nossas vidas, sim, mesmo a “aperfeiçoar a nossa santidade” (II Coríntios 7:1); a “oferecermo-nos como servos para santificação” (Romanos 6:19); e a sermos “isentos de culpa” (I Tessalonissenses 3:13), etc. E não devemos enfraquecer estas passagens, como os Místicos o fazem; que dizem que estes textos significam, não que devêssemos oferecer os nossos membros, mas que Deus Ele Próprio tomará cuidado especial para que eles sejam

assim oferecidos. Esses são truques que levam homens a brincar com a Palavra de Deus: É um abuso da Escritura, em benefício de introduzir as teorias próprias de alguém, sob a cobertura de autoridade divina. Os pregadores que, por medo de imporem responsabilidades sobre homens se abstêm da exortação, e cegam o fio dos mandamentos divinos por representa-los como promessas, tomam sobre si mesmos uma pesada responsabilidade.

Pois embora saibamos que nenhum homem jamais executou uma única boa obra sem Deus, Quem nele operou ambos, o querer e o executar; embora sinceramente concordemos com a Confissão, “...Antes, somos devedores a Deus pelas boas obras que fazemos e não Ele a nós...”[Confissão de Fé Belga—Artigo 24—“A Santificação”—Referências Bíblicas: 1Co 1:30; 1Co 4:7; Ef 2:10]; e regozijamo-nos com o apóstolo no fato, “Pois somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”[Efésios 2:10]; ainda assim isto não nos absolve da tarefa de exortarmos os irmãos.

É um fato que apraz a Deus usar o homem como um instrumento, e pelo estímulo de sua própria capacidade e responsabilidade, incitá-lo à atividade. Um soldado da cavalaria, no campo de batalha, é bem ciente do quanto ele depende dos bons serviços do seu cavalo; e também de que o animal não pode correr a não ser que Deus o capacite. Sendo um homem reverente a Deus, ele ora antes de montar para que o Senhor capacite seu cavalo para trazer-lhe vitória; mas após haver montado, ele usa os joelhos e as esporas, relho e voz, ele usa toda sua força para fazer com que o cavalo faça o que deve fazer. E o mesmo é verdade na santificação. A menos que o sopro do Senhor mova-se no jardim da alma, nem uma folha pode mexer-se. Só o Senhor executa a obra, desde o início ao fim. Mas Ele a executa, parcialmente através de meios; e o instrumento escolhido muitas vezes é o próprio homem, que coopera com Deus. E a esta instrumentalidade humana a Bíblia se refere quando, com relação à santificação, ela nos admoesta a fazermos boas obras.

Como na natureza Deus dá a semente e as forças e nutrientes no solo e na chuva e na luz do sol para o completo desenvolvimento

natural do fruto da terra, enquanto que ao mesmo tempo Ele usa o agricultor para executar a Sua obra, assim também na santificação: Deus faz com que ela opera efetivamente, mas Ele usa o instrumento humano para cooperar conSigo, assim como o serrote trabalha em conjunto com aquele que o maneja.

No entanto, isto não deveria ser entendido como se na santificação Deus Se houvesse feito absolutamente dependente do instrumento humano. Isto é impossível; por sua própria natureza o homem pode realmente danificar a santificação, mas nunca, jamais adicionalmente a ela. Por sua natureza ele a odeia e opõe-se a ela. Ademais, ele é absolutamente incapaz de produzir a partir da sua própria e corrupta natureza qualquer coisa que seja para o seu próprio crescimento em santificação. A cooperação instrumental do homem não deve, portanto, ser inapropriadamente tomada, por atribuir-se ao homem um poder para o bem, ou por obscurecer-se a obra de Deus.

É necessário uma cuidadosa discriminação. Aquele que implanta a disposição santa é o Senhor. Os esforços combinados de todos estes instrumentos não poderiam implantar uma única característica da mente santa, não mais do que todas as ferramentas juntas de um carpinteiro não podem produzir o rascunho do molde de um painel. O artista pinta sobre a tela; mas com todos os seus esforços, o seu cavalete, seus pincéis e sua caixa de tintas não podem nunca rascunhar uma única figura. O escultor molda a imagem; mas por si mesmos o seu cinzel, sua marreta e seu tamborete não podem nunca destacar uma única lasca do mármore rude. Gravar as características de santidade no pecador é uma obra do mais elevado sentido artístico, indizivelmente divina. E o Artista que a executa é o Senhor, como São Paulo O chama, O Artista e O Arquiteto da Cidade que tem fundamentos [Hebreus 11:10]. O fato de que apraz ao Senhor utilizar-se de instrumentos para algumas partes da obra não concede aos instrumentos qualquer valor que seja, muito menos capacidade para alcançar qualquer coisa por si mesmos, sem o Artista. Ele é O único Operador.

Mas como Artista, Ele usa três instrumentos diferentes, a saber, a Palavra, Suas relações providenciais, e a própria pessoa regenerada.

1. A Palavra é um poder vital na Igreja, que penetra até ao ponto de dividir as juntas e tutano, e, como tal, é um instrumento divinamente decretado para criar impressões numa pessoa; e estas impressões são os meios pelos quais as inclinações santas são implantadas em seu coração.

2. Experiências de vida também nos causam impressões mais ou menos duradouras; e Deus usa estas também como instrumentos para criar disposições santas.

3. O terceiro instrumento refere-se ao efeito do hábito, do costume. Atos pecaminosos repetitivos fazem audacioso o pecador e criam hábitos pecaminosos; desta forma ele coopera para tornar-se um pecador ainda maior. Numa maneira similar o santo coopera para com a sua própria salvação, ao permitir que a disposição santa irradie-se em boas obras. O ato freqüente de fazer o bem cria o hábito. O hábito gradualmente torna-se uma segunda natureza. E é esta poderosa influência do hábito, do costume, que Deus usa para ensinar-nos a santidade. Desta forma Deus pode fazer de um santo o instrumental na santificação de outro.

Um arquiteto constrói um palácio o qual o faz famoso, como um artista. É verdade que o contratante, uma pessoa importante no lugar, é quem erigiu a estrutura; mas o seu nome raramente é mencionado; toda a honra só é reservada para o arquiteto. Na santificação não é a Palavra por Si só que é efetiva, mas aquela Palavra manejada pelo Espírito Santo. Nem é só a experiência de vida, mas aquela experiência usada pelo Artista Santo. E nem tampouco é a pessoa regenerada que serve de exemplo e capataz, mas o Deus Triúno, glorioso, ao serviço de quem ele trabalha.

XIV. A Pessoa Santificada.

“...no despojamento do corpo da carne”—Colossenses 2:11

Santificação envolve o homem por inteiro, corpo e alma, com todas as partes, membros e funções que pertencem a cada um respectivamente. Ela envolve a sua pessoa e, tudo o que é da sua pessoa. É por isso que a santificação progride desde o momento da regeneração e através de toda a vida, e pode somente ser completada através da morte.

São Paulo prega à igreja de Tessalônica: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”[I Tessalonicenses 5:23]. Santificação é essencialmente uma obra de uma peça só, simplesmente porque a nossa pessoa não trata-se de algo cujas partes são ‘costuradas’, mas é organicamente uma em todas as suas partes.

A santidade ou a não santidade do pecador envolve todo o seu ser. Ele é um pecador não somente em seu corpo, mas em sua alma, e ainda mais assim em sua alma, não somente porque sua vontade não é santa, mas também porque o seu entendimento, sua compreensão não é santa, e ainda mais assim. A memória, a imaginação, e tudo aquilo que pertence a ele como um homem são radicalmente poluídos, violentamente profanados, e corrompidos pelo pecado. Ele encontra-se no meio da morte. Mesmo numa criança pequena, cada parte sua está afetada. Ela aprende uma música mundana sem o menor esforço, ao passo que parece ser quase impossível decorar uma estrofe de um salmo.

Se santificação tem referência à mancha herdada, assim como a justificação tem referência à culpa herdada, segue-se que a santificação deve estender-se à mesma extensão que a mancha herdada. Se a pessoa do homem como um todo estiver coberta com a peçonha da mancha, ela deve coberta muito mais abundantemente pela santificação.

O pecado é o distúrbio, o desarranjo, a discórdia, a animosidade e o clima de guerra no lar e no coração, e não é completamente derrotado até que seja substituído por uma paz santa. Esta é a razão pela qual São Paulo chama o Deus da santificação de o Deus da paz; e assim ele ora pela Igreja para que o Deus da paz os santifique inteiramente, ou literalmente, “em tudo”, de forma que o objetivo da santificação possa ser perfeitamente alcançado neles. (1)

O ponto de partida, porém, desta graça encontra-se não no corpo, mas na alma. O pecado começou na alma, não no corpo, daí que a mortificação do pecado deve também começar na alma.

Está direcionada, antes de tudo, à consciência e às suas faculdades de cognição, contemplação, reflexão e julgamento. A

santificação procede, não da vontade, mas da consciência. Santificação é fazer-se conformável à vontade de Deus, e isto exige, em primeiro lugar, que a Sua boa e perfeita e aceitável vontade venha a tornar-se uma realidade viva e consciente à consciência, à convicção. As coisas às quais uma pessoa é ignorante não a afetam; mas a ignorância da vontade divina é pecado, e isto deve ser derrotado, antes de tudo.

Mas como? Por memoriza-la? Por aprender-se o Catecismo? De forma nenhuma. A santificação da consciência consiste no ato de Deus escrever a Sua lei nos nossos corações. Verdade, existem ainda uns poucos traços daquela lei escritos no coração do pecador, como o apóstolo escreve que os Gentios que estão sem a lei servem de lei para si mesmos (Romanos 2:14); mas isto é no máximo a fermentação de um princípio mais elevado num pecador, o qual não pode sustentar-se. Os Nulistas e Comunistas do dia mostram até que ponto o coração pode perder o sentido dos primeiros princípios do certo e da justiça. Mas quando a Bíblia promete que o Senhor escreverá a lei em seus corações, e que eles não mais doutrinarão seus próximos, ao dizer “...Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles...”[Jeremias 31:34], Ela nos oferece algo inteiramente diferente e muito, muito mais glorioso. E isto é conseguido, não por estudo exterior, mas por apreensão interior; não por um exercício da memória, mas por uma renovação da mente, como São Paulo escreve: “...não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”[Rm 12:2].

Ezequiel profetizou deste renovar da mente quando ele disse: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo...”[36:26]. Instrução anteriormente recebida pode ser utilizada como um meio para aquele fim; mas a instrução a qual o espírito humano recebe na santificação não é humana, e sim divina. Daí ser dito: “...instruído no caminho do Senhor...”, “...Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim”; “...Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei...”.

Uma vez que os livros de Moisés enfatizam o fato de que as tábuas da lei foram escritas, não pelo próprio Moisés, Aoliabe, ou Bezalel, mas diretamente pelo próprio dedo de Deus, segue-se da natureza do caso que a Bíblia deseja preservar este escrito nas tábuas do coração, não como a obra de homem, mas como a obra direta de Deus. A santificação da consciência humana é operada em nós por Deus numa maneira divina, insondável e irresistível; mas não independentemente da Palavra, pelo que a própria Palavra é divina, e a pregação da Palavra é divinamente ordenada e instituída. Mas, desde que a Palavra e a pregação podem somente apresentar o tema à consciência, é o Espírito Santo quem faz com que o coração a compreenda; quem declara-a à consciência, opera a convicção e faz a consciência aquiescer, e assim capacita-a a sentir a pressão que procede daquilo que encontra-se escrito no coração.

Por conseguinte a santificação da consciência consiste, não somente no receber conhecimento novo e em ser impressionado com concepções estimuladas, mas também em ter a razão qualificada para o exercício de funções inteiramente diferentes. Pois o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus; e sim o homem espiritual, i.e., aquele cuja consciência está regenerada, santificada e iluminada discerne todas as coisas; pois tal homem, diz São Paulo, tem a mente de Cristo.

Contudo, a santificação da nossa consciência não completa a santificação da nossa pessoa. Ao contrário, pois embora a vontade seja absolutamente dependente da consciência, todavia mesmo a própria vontade é corrompida pelo pecado. Ela não perdeu sua operação funcional; mas, como no pecador o julgamento ainda julga e o sentimento ainda sente, assim também é a vontade ainda capaz de querer. Mas a sua capacidade de expandir-se em cada direção está perdida; e a calamidade nos acometeu, que por natureza não podemos querer o que Deus quer.

E esta dureza e esta resistência que previnem a livre ação da vontade nesse aspecto deve ser eliminada. A Bíblia chama a isto de remoção do coração de pedra e da doação de um coração de carne, o qual não mais é duro e insensível. Onde o pecado dobrou a vontade ao incliná-la na direção do mal, desta forma privando-a do poder de

dobrar-se na direção oposta, i.e., na direção de Deus, a dádiva graciosa da santificação agora vem para aliviá-la daquele dobrar-se na direção do inferno, e para dar-lhe poder para inclinar-se para Deus.

Antigamente o nosso conhecimento e convicção da obrigação das coisas não ajudava; pois eles deixavam a nossa vontade tão impotente quanto uma roda travada, incapaz de virar-se na direção certa. Mas não somente a consciência teve idéia melhor e vislumbre mais claro da necessidade das coisas, e nós assentimos a isto, mas a vontade foi também inclinada por discernimento correto a escolher o bem; então a obra de Deus alcançou o seu objetivo, atingiu seu propósito, e mudou o homem por completo.

E assim o homem também ganha novamente o controle das suas paixões. Cada homem tem paixões e propensões, as quais o pecado tornou indisciplinadas e incontrolláveis. Na verdade, o homem é seu brinquedo, elas podem usá-lo como queiram. É verdade que os não convertidos algumas vezes tiveram sucesso em controlar e reprimir uma paixão, mas sempre por tornarem-se mais indefensavelmente escravos de uma outra. Degeneração é conquistada somente pelo excitamento da avareza; sensualidade pelo acalantar do orgulho próprio; a ira pelo alimentar a sede por vingança. Quemos é expulso somente para dar lugar a Moloque; o vento norte para de soprar somente para ser seguido por uma ventania do leste.

Mas as paixões do santo são controladas numa forma diferente. A santificação lhes dá uma outra direção. Ele sente seu açoit e espora, mas elas são para ele a violência de um poder estranho. Razão pela qual São Paulo declara, "...já não sou eu, mas o pecado que habita em mim"[Romanos 7:17]. E nenhuma paixão pode assaltar aquele que, no poder de Deus, não possa controla-la e dominá-la.

Santificação envolve, em segundo lugar, o corpo. Ambos, o pecado e a santidade afetam o corpo não como se este fosse o assento do pecado, o que é a heresia do Maniqueísmo, mas no sentido no qual a Bíblia desaprova o ato de profanação de um cadáver. O corpo é o instrumento da alma; daí que seus membros podem ser usados para propósitos santos ou profanos, e tanto oferecem sua cooperação ou

resistência a tais propósitos. Quem não sabe que um excesso de sangue inflama o mal humor e excita à ira; que nervos irritadiços tornam alguém impaciente; e que grande energia muscular incita à imprudência? Muitas são as ligações entre as operações de corpo e alma; e, na medida em que o Espírito Santo traz os membros em sujeição ao reino da nova vida, a santificação afeta de fato a vida do corpo. Isto fica claro do fato de que o corpo é chamado de o templo do Espírito Santo. São Paulo chama a isto de o “despojamento do corpo na carne”[Colossenses 2:11]; e novamente ele diz: “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões”[Romanos 6:12].

Por conseguinte o velho homem é tão mal e torna-se ainda pior; mas existe ao mesmo tempo um enfraquecimento gradual — e assim morre para as suas paixões más, enquanto que o novo homem continua não santo e intacto, mas gradualmente nos domina e nos capacita a apresentar nossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o nosso culto racional (Romanos 12:1).

Tudo isto é operado pelo Espírito Santo que habita em nossos corações, o Confortador, Guia e Mestre do desolado. Cristo está longe de nós, assentado à direita de Deus. Mas o Espírito Santo é derramado. Ele habita na Igreja na terra. Ele habita conosco como o nosso Confortador.

Portanto não devemos imaginar que sejamos uma embarcação toda equipada, bem provisionada que, a seu próprio risco e sem um piloto, rapidamente nos leve para o céu de descanso; pois sem vento e sem maré nós não podemos sequer mover o nosso barco. O coração do santo é uma Betel; quando ele acorda-se de sonhos abençoados ele sempre se surpreende ao ver que Deus está ali e ele não o sabia. Quando somos chamados a falar, a agir, ou a lutar, nós fazemos tudo isso como se o fizéssemos nós mesmos, não percebendo que é Outro quem opera em nós ambos, o querer e o executar. Mas assim que terminamos a missão, com sucesso e de forma agradável à vontade de Deus, como homens de fé nós nos prostramos perante Ele e clamamos, “Senhor, a obra era Tua”.

E isto vai contra o velho homem. Antes que a obra seja executada, muito facilmente ele teme e se sente mal; mas assim que

esteja completa, ele enche-se de vanglória, e o incenso do louvor humano é doce perfume às suas narinas. Mas o filho de Deus trabalha em simplicidade e espontaneamente, trás o sacrifício do seu trabalho, esperando com pouca razão, com toda diligência do talento que Deus lhe deu. Mas finda a labuta, ele se pergunta como conseguiu terminá-la, e encontra a única resposta, única solução no fato de que existe Um que poderosamente opera nele e através dele.

(1) Aqui não é o lugar para discutir a opinião de muitos, de que a passagem em II Tessalonicenses 5:23 ensina a tricotomia, i.e. a divisão tripla do ser humano. Observe-se somente, que não está escrito, “Ehdpopovs”, “em todas as suas partes”, seguido pela menção dessas partes, espírito, alma e corpo; mas está sim, escrita a expressão “O2.OTEXEGS”, a qual refere-se não às partes, mas ao objetivo final, “TEXOS”. Ademais, deve ser notado que naquelas passagens que opõem o espiritual ao natural — i.e. pó pneuma ao físico, como em I Coríntios 2:14, 15—a palavra “rvevpa” indica o novo princípio de vida, do qual nunca pode se dizer que seja preservado livre de culpa. Por isto “rvevjua” É sem pecado por natureza. Calvino explica “espírito” e “alma” ao fazê-los referirem-se à nossa existência racional e moral como seres dotados de razão e discernimento, ambos características da existência da alma.

XV. Boas Obras.

“Pois somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.”—Efésios 2:10

Boas obras são o fruto maduro da árvore a qual Deus plantou na santificação.

Existe vida no santo; obras procedem daquela vida; e estas obras são ou boas ou más. Daí que boas obras não são acrescentadas à santificação por um mero efeito, mas pertencem a ela: A discussão da santificação não é completa sem a discussão de Boas Obras.

O que quer que possam ser, obras sempre procedem dele; e desde que obras jamais são neutras, mas conformam-se ou não conformam-se à lei divina, segue-se que as obras de cada homem são ou boas ou más, pecados reais (“Peccata actualia”) ou boas obras. Na

verdade, cada vida tem sua própria energização. Sem ela não seria vida. Falando propriamente, a vida no santo não procede da santificação, mas a santificação empresta a ela o tom, a cor, e o caráter.

Num jardim onde as condições sejam iguais, e exista o mesmo solo, o mesmo fertilizante, etc., diferentes tipos de árvores frutíferas são plantados. Evidentemente, o operar que faz com que as árvores cresçam é do solo; pois se forem plantadas no sótão, não crescerão. Mas a causa que produz pêras em uma árvore e uvas em outra não está no solo, e sim nas árvores. Assim é que devemos distinguir o próprio operar da sombra, do tom, do caráter, da propriedade peculiar a qual aquele operar assume. O mesmo vento que produz a mais suave melodia da harpa eólica, ao soprar por uma vidraça quebrada produz sons deprimentes. É uma operação, porém com efeitos diferentes: Na campina, próximo ao delicado trevo, cresce também a erva venenosa. Ainda assim ambos erguem-se do mesmo solo e sorvem do mesmo ar, da mesma luz, da mesma chuva. Embora a energia vital seja a mesma, a diferença na semente causa a diferença nas plantas, e resultados opostos.

O mesmo aplica-se ao jardim da alma, onde a vida humana encontra-se em completa atividade. Mas aquela mesma vida humana produz hoje um ato mais degradante, e um ato heróico amanhã. Há somente um operar, mas as cores variam, elas podem ser pretas ou brancas, escuridão ou luz.

E isto encontramos, que no jardim da alma todo crescimento espontâneo é um crescimento de ervas daninhas; enquanto que a semente que Deus plantou produz frutos preciosos. Os efeitos da santificação são evidentes. Fazem com que águas doces fluam de uma fonte amarga. Empresta a cada operação a sua própria qualidade e propriedade, e lhe dá uma direção que opera para o bem. E assim, boas obras procedem do homem perdido em si mesmo.

É claro que na raiz, este operar aparentemente idêntico é duplo. Uma surge, cresce, desenvolve-se da natureza velha, o outro da nova; um do natural, o outro do sobrenatural. Mas uma vez que esta discussão já foi levada a efeito em muito no capítulo sobre a

Regeneração, tratamo-la agora simplesmente a partir da unidade da pessoa:

Embora nós sinceramente concordemos com a Confissão: “Agora, aqueles que nasceram de novo têm duas vidas diferentes². Uma é corporal e temporária: eles a trouxeram de seu primeiro nascimento e todos os homens a tem. A outra é espiritual e celestial: ela lhes é dada no segundo nascimento que se realiza pela palavra do Evangelho³, na comunhão com o corpo de Cristo. Esta vida apenas os eleitos de Deus possuem”[(Referências Bíblicas: 2-- João 3:5,6 ; 3-- Jo 5:25) — (Confissão de Fé Belga: Artigo 35 — “A Santa Ceia”)]; ainda assim isto não afeta a unidade da pessoa, nem altera o fato de que as operações de ambas, a velha e a nova vida são minhas operações. Se eu dividir a minha pessoa, e tomar a natural e a sobrenatural, cada uma por si mesma, então não há santificação nenhuma; pois a vida corrupta da minha natureza velha não está santificada, mas crucificada, morta e enterrada; e a minha vida regenerada, celeste, espiritual não pode ser santificada na medida em que ela nunca foi pecadora nem jamais pode ser. Assim é que na santificação nós temos de considerar a vida a partir do ponto de vista da unidade e da indivisibilidade da pessoa. O homem que primeiro estava ligado, unido à natureza corrupta, e que agora encontra-se ligado, unido ao novo homem, era então mau e agora deve tornar-se bom; razão pela qual sua vida deve receber o desejo, a inclinação e a disposição santos. E somente então é possível a ela produzir boas obras.

Uma obra é boa quando é correspondente à lei divina.

1. O primeiro ponto é que só Deus possui o direito de determinar o que é bom ou mau.

O homem também pode adquirir este discernimento, porém somente ao ser ensinado por Deus. Mas assim que ele presume a si mesmo determinar a diferença entre mal e bem, ele viola a divina majestade e o direito inalienável de Deus ser Deus. Homem nenhum, nem muitos homens e anjos juntos podem fazê-lo. Isto não lhes pertence. Esta é a prerrogativa eterna do Criador Onipotente do céu e da terra. Só ele determina bem e mal, para cada criatura, no tempo e na eternidade.

Aquilo o que Ele demanda de cada vida será a lei daquela vida, tudo o que pertence a ela, e sob todas circunstâncias; uma lei a qual compreende todos os mandamentos divinos. Sua lei, mesmo que os princípios da mesma estejam brevemente compreendidos nos Dez Mandamentos, ergue-se destas dez hastes em galhos e ramos largos, amplos e densos, e forma, em sua unidade um telhado imensurável de folhas que sombreia e abriga toda a família humana em todas as suas diversificações.

Portanto não existe aqui a mais remota chance de abrir mão. A vontade e a lei de Deus são absolutas; regem sobre tudo, são obrigatórias em cada domínio, em cada setor, e nunca podem ser revogadas. E, onde, no delicado funcionamento de um relógio, a variação de uma milésima parte de um milímetro é permitida para um eixo, na lei divina tal variação é impensável. A lei de Deus não tolera nem mesmo o desvio da largura de um fio de cabelo, nem de qualquer fração infinitesimal a partir dali.

Assim é que uma boa obra não significa uma obra meramente não má; nem uma obra que contenha algum bem, ou simplesmente passável; nem uma obra cuja boa intenção seja evidente. Mas uma boa obra é nada mais nada menos que uma boa obra. E ela não é boa a não ser que seja absolutamente boa, i.e., em todas suas partes igualmente correspondente à vontade e à lei divinas. Uma pêra não é metade pêra e metade uva, mas absolutamente uma pêra; assim uma boa obra não é meramente passável, parcialmente bem intencionada, senão absolutamente correspondente ao que Deus tenha determinado para ser bom, com relação àquela obra.

É prontamente visto que a menos que a santificação fosse adaptada para capacitar o homem para executar obra tal, ele nunca a teria alcançado. Como é o hábito peculiar de uma pereira, através da sua vida ascendente, dotar a fruta com o sabor da pêra, e da videira dar aos seus frutos o sabor da uva, assim é a qualidade peculiar da alma santificada em princípio, de dotar os seus frutos o sabor da lei. Santificação não meramente inspira a alma com um desejo por algo mais elevado, mas sim dota a alma com tal disposição, tom, matiz, sabor e caráter, que ela renda-se à lei divina. E a lei imprime-se na alma. A aspiração da alma não é mais um ideal vago, mas ela tem um

prazer positivo nos mandamentos de Deus, e por todos eles nutre um desejo e amor. E, uma vez que a santificação grava a lei na alma, é possível que o operar que se segue seja correspondente à lei.

Dizemos “possível”, pois a partir de sua própria experiência triste, o filho de Deus sabe que é também possível ser o contrário, e que muitos verões venham e vão sem que obtenha dos seus galhos nenhuma colheita visível para a glória de Deus.

2. Isto nos traz ao segundo ponto. Uma boa obra deve ser de fé.

A santificação em si não é de fé. Não tem nada a ver com fé. É operada pelo Próprio Deus. O que, então, poderia a fé executar, neste aspecto?

Mas é diferente, com referência a boas obras; pois elas devem ser nossas boas obras. O homem é e deve ser passivo em todos os demais aspectos, mas não no seu agir. A obra é o fim da condição passiva de alguém. Agir e ser passivo são opostos. Imaginar que, agir possa ser passivo ou ativamente passivo é como imaginar que um círculo é quadrado, que tinta de caneta seja transparente, que água seja seca. Por essa razão é que o Catecismo de Heidelberg corretamente questiona: “...por que devemos praticar boas obras?”[final da pergunta nº 86 — Parte III “Gratidão”]

Assim é que não pode haver nenhuma a menos que ela seja operada por nós mesmos. E cada representação como se o homem não fizesse boas obras, mas que o Espírito Santo as executasse nele e em seu lugar, é subverter o Evangelho e torcer, corromper a Bíblia.

A obra de Cristo é vicária, a do Espírito Santo não o é: Ele opera no homem, mas não no lugar dele. E conquanto extensiva a sua obra possa ser em nós, sendo operada independentemente de nós, ela nunca pode ser contada como nossa própria. Cristo morreu e ressurgiu dos mortos por nós e independentemente de nós. Mas o Espírito Santo não pode apanhar fruto da árvore, exceto se o nosso ego executar a obra.

Mas — e isto deve ser enfatizado — o nosso ego não pode executar a obra exceto se “a obra for em nós operada com poder”. A vida interior, mais elevada, não age como o viço na vinha, pois este entra na vinha naturalmente. Mas o operar da vida santa é diferente. Embora uma disposição santa seja implantada, o filho de Deus não

produz qualquer bom fruto de si mesmo. Embora bem provido e bem equipado, se deixado à sua própria conta ele produz nada; nem mesmo uma única boa obra, conquanto pequena.

O mais habilidoso polidor de diamante, embora provido com o melhor ferramental, não pode produzir a menor jóia de diamante, exceto se o proprietário do estabelecimento lhe der o diamante, a energia necessária às suas ferramentas, e mesmo a luz sobre sua bancada. De maneira similar é impossível aos mais excelentes dentre os filhos de Deus, embora com suas almas muito bem equipadas, produzir uma única boa obra, exceto se o Proprietário do estabelecimento da santa arte lhes der o material, o poder, e a luz.

Portanto o conteúdo e toda a forma de cada boa obra não são do homem, mas do Espírito Santo, de forma que quando a obra é feita nós devemos graças a Deus, e não Ele a nós. Em cada homem que executa uma boa obra Ele opera ambos, o querer e o executar.

Mas quando o Espírito Santo providenciou tudo o quanto seja necessário, então ainda falta uma coisa, a saber, que o santo opere e faça a sua própria obra. E este é o maravilhoso ato de fé.

Não existe sequer uma boa obra, a qual Deus não tenha preparado de antemão, que devêssemos nela caminhar; e este é o porque ela não é operada até que caminhemos nela. O Senhor diz a Ezequiel, "...farei que andeis nos meus estatutos..."[36:27], mas o Senhor não faz com que andemos neles até que nós realmente caminhemos neles. Nós não seremos a eles carregados nem tampouco a eles levados com rodas. Isto não teria valor algum perante a Majestade divina; isto não seria arte alguma. Até mesmo nós podemos levar o deficiente em sua cadeira de rodas; mas a arte de fazê-lo andar, sim, mesmo uns pulinhos como os de um cervo, não é humana, mas digna só de Deus. E não nos é permitido tomar isso dEle através de um misticismo doentio, e assim roubar de Deus esta glória.

Dizer, como muitos o fazem, que o Senhor carrega Seus filhos imperceptivelmente até veredas boas, e que nisto constituem suas boas obras, é desprezar coisas santas. Ninguém deve tocar a honra do nosso Deus; e não podemos descansar até que a pura doutrina arda

novamente no castiçal: que o poder de Deus seja manifesto no fato de que Ele faz com que o aleijado ande, corra, e salte como um cervo.

E este é o ato de fé, i.e., aquela maravilhosa ação da alma de atirar-se no vazio, sabendo que cairá nos sempiternos braços de misericórdia, embora lhe seja completamente impossível enxerga-los. Fé neste aspecto é concordar com a vontade divina; aceitar a boa obra que Deus tem preparado para nós, como nossa própria; apropriar-nos do que Deus nos dá.

Um estudante desajeitado tem de fazer um discurso perante uma audiência estranha. É uma tarefa difícil, e ele nem mesmo sabe como começar. Todos seus esforços são inúteis. Então seu pai o chama e lhe diz: “Se você discursar este pequeno discurso que eu preparei, e pronunciar-lo sem faltar uma palavra, será um sucesso”. E o garoto obedece. Não há nada de si mesmo — foi tudo obra de seu pai; ele meramente crê que o que o seu pai preparou-se é bom. E nesta confiança ele comparece perante a estranha audiência, comunica-lhes o que seu pai compôs, e obtém sucesso. No entanto, a redação do discurso não finalizou o assunto, e não poderia finalizá-lo até que o garoto fizesse a sua parte. Quando Deus preparou a boa obra para nós, o assunto não está acabado até que façamos o que Deus preparou para nós.

Voltando para casa o garoto não pede, orgulhosamente, por uma recompensa, mas com gratidão ele abraça seu pai por seu amor e fidelidade. Havendo obtido sucesso, os filhos de Deus são profundamente gratos pela excelente ajuda de seu Pai; e reconhecem que devem tudo a Ele. E se aprouver a Ele dar-lhes uma recompensa, não é porque eles a mereceram; pois se fosse uma questão de mérito, os filhos dariam tudo para o Pai! Mas é simplesmente uma recompensa de amor, pelo futuro sustento da sua fé.

XVI. Auto Negação.

“Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me” — Mateus 16:24

Boas obras não são a santificação do santo, não mais do que gotas de água são a fonte; mas elas brotam como gotas de cristal da fonte de santificação. Elas são boas, não quando a intenção do santo é

que sejam boas, mas quando correspondem à lei divina e procedem de uma fé verdadeira. Ainda que a intenção seja de grande importância; a Igreja tem sempre ensinado que uma obra não pode ser chamada boa a menos que esteja direcionada para a glória de Deus.

Este é um ponto vital o qual deve animar e dar direção a todo o assunto: somente para a glória de Deus. Qualquer outra intenção faz a boa obra tornar-se má. Mesmo o esforço para fazer boas obras é impossível sem o “Soli Deo Gloria”.

Esta é a razão porque tantos esforços bem intencionados visando a assim chamada santificação tornam-se pecaminosos. Pois o homem que aplica-se séria e diligentemente em fazer boas obras somente para atingir um status, uma condição mais santa e assim tornar-se alguém mais santo, já perdeu sua recompensa. Seu objetivo em vista não é Deus, mas ele próprio; e enquanto cada boa obra humilha uma pessoa e santificação real leva ao quebrantar-se e ao derrubar do ego, esta santificação erroneamente planejada causa a auto-exaltação e o orgulho espiritual.

Pensar que através da auto-santificação Deus é honrado e Sua glória exaltada, é auto indução. A honra e majestade divinas são tão santas e tão exaltadas que a Sua glória deve ser o objetivo direto em vista. Trabalhar, agir diretamente para uma auto santificação, e indiretamente para a Sua honra, é indigno da Sua santidade.

O objetivo e finalidade de todas as coisas devem ser só o Senhor Deus. Deve haver justiça na terra, não somente para preservar a ordem, mas para remover a iniquidade de perante a presença do Senhor. A causa missionária deve ser suportada não somente para converter almas, mas para intimar as nações a comparecerem em Sião perante Deus. Oração deve ser oferecida não somente para obter o bem que é concedido sem oração, mas porque cada criatura, ao raiar e ao findar o dia, deve prostrar-se no pó clamando, “Santo, Santo, Santo é o Senhor!” fazendo toda a terra encher-se com a Sua glória. E assim é que cada criatura deve fazer boas obras, e todos os filhos de Deus podem fazer boas obras; não de forma que eles possam tornar-se um pouquinho mais santos, mas que a gloria de santidade possa brilhar para o louvor do nosso Deus.

3. Este terceiro ponto não deveria, portanto, nunca ser omitido. Embora as nossas obras sejam de acordo com a lei, e da fé, mas não direcionados para a glória de Deus, elas não podem agrada-LO. Não se aproveita nada, embora o arco esteja fortemente retesado e a corda seja do melhor material, se a flecha não estiver voltada para a direção certa.

A doutrina das Boas Obras toca o mais delicado e mais sensível ponto das nossas emoções interiores, a saber, a auto negação.

Mentes superficiais, pobres em graça e em espiritualidade, falam só raramente de auto negação, e então, sem qualquer compreensão do seu significado. Pensam tratar-se de abrir espaço para outros; no argumento de serem os últimos; renunciar prazer ou lucro por um propósito mais elevado; preocupar-se com os semelhantes, não por si mesmos. Certamente que este é um fruto precioso; a ser ardentemente desejado; e se fosse encontrado mais abundantemente entre os filhos de Deus, nós deveríamos agradecer a Ele por isso. Mas, ai de mim! existe tanta pobreza de alma mesmo entre os mais sérios e cuidadosos, tanto egoísmo, ambição, ira, confiança na criatura, que qualquer manifestação de impulso mais nobre tem um efeito mais renovador.

Mas a questão que ora se nos apresenta é esta, se tal fazer espaço para outros, se tal auto-sacrifício, merece o nome de auto negação. E a resposta deve ser um mais enfático “Não!”. A auto negação do santo tem referência não a homem, mas a Deus, e por esta razão ela é superlativamente elevada e santa, difícil e quase impossível.

É claro que o filho de Deus ama o seu Pai celeste, mas não com um amor inalterável. Apesar do seu amor, o filho de Deus é, algumas vezes, muito desagradável e destituído de qualquer amor. Ainda, quando a pergunta ecoa através de sua alma, “Simão, filho de João, tu me amas?” e ele sente-se tentado por auto-acusação a dizer, “Não, Senhor”, então a resposta relampeja do fundo de sua alma contra qualquer contradição: “Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo”.

Portanto nada pareceria mais natural do que encontrar prazer em negar-se em favor de Deus. E este é realmente o caso. Ele passa seus momentos mais felizes em sincera auto-negação; pois então, ele

nunca está só, mas sempre com Jesus, a Quem ele segue. Ele então se dá conta da santidade e da glória transcendente do apelo: “Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me”[Mateus 16:24].

Mas enquanto a bem-aventurança de suas auto-negações anteriores está ainda fresca em sua memória, quando chamado para um novo ato da mesma natureza, ele encolhe-se e acha algo quase impossível. Auto-negação estende-se tão longe. Suas profundezas não podem ser sondadas. Quando o prumo já desceu todo o comprimento da linha, abaixo ainda há profundidade tão cavernosa que na realidade o fundo nunca é tocado. Auto-negação refere-se não a umas poucas coisas, mas a todas as coisas. Ela envolve toda a nossa vida e existência, com tudo o que está em nós, tudo o que é de nós, e tudo o que está ao nosso redor; todo o nosso meio ambiente, reputação, posição, influência, e posses; ela inclui todos os laços de sangue e de afeição que nos une a esposa e filhos, a pais e a irmãos, a amigos e a associados; todo o nosso passado, nosso presente e nosso futuro, todos os nossos dons, talentos e faculdades; todas as ramificações e extensões da nossa vida exterior e da nossa vida interior; a rica vida da alma e das mais suaves emoções dos nossos mais santos impulsos; nosso conflito e nossa disputa; nossa fé, nossa esperança e nosso amor — sim, a nossa herança no Filho, o nosso lugar nas mansões acima, e a coroa a qual o justo Juiz nos dará um dia; e como tal, em todo aquele escopo de vida, devemos negar-nos a nós mesmos perante Deus.

Nós somos, para usar uma ilustração, em toda a nossa vida e existência, como uma árvore frutífera, amplamente enraizada, totalmente desenvolvida, plantada em solo fértil, adornada com uma coroa de muitos galhos e um glorioso telhado de folhas; e como aquela árvore, com suas raízes longas e profundas na terra, e seus ramos altos e abertos no ar, nós estamos profundamente enraizados, possuindo uma existência obtida por meios de dinheiro, reputação, propriedade e descendência, fé, esperança, amor, e as promessas de Deus. E para aquela árvore como um todo, para aquela unidade inteira, desde a mais profunda raiz até a folha mais alta, a qual como o nosso “eu”, cheia de força e majestade, encontra-se perante a nossa

consciência e em nossa vida, em tudo isso deve descer o machado; de tudo isto a alma que se nega a si mesma deve dizer: “Deus é tudo e eu sou nada”.

Muitos dizem, “Isto é certo e é exatamente a minha idéia”, e o dizem com muita freqüência; pois quando essas palavras muito excelentes e difíceis passam vez após vez pelos lábios como meros sons vazios, ociosos, elas golpeiam uma desarmonia à alma fervorosa, sensível. Mas quando agarramos o pensamento como um fato real, descobrimos então que esta negação de toda o nosso ser e existência encontra-se quase que totalmente além do nosso alcance. O “eu” pode reduzir-se de tal forma que nós realmente pensamos estar negado e acabado, enquanto que ao mesmo tempo ele encontra-se às nossas costas, mostrando os dentes com exultação satânica. Não é difícil negar o “eu” grande e inflado. Desta forma o não convertido comparece perante Deus, mas não o santo. Isto lhe foi tirado. Tal não é mais o impulso do seu desejo. Mas o “eu” encolhido, reduzido, parcialmente despido, escondido por trás de emoções pias e montes de boas obras, é extremamente perigoso. Pois o que mais ainda há para ser negado? Não resta quase que mais nada. Ele não mais busca o mundo, nem sua própria glória; seu único objetivo em vista é a glória de Deus. Ao menos, assim ele pensa. Mas ele está errado. O “eu” ainda está lá. É como uma mola fortemente retraída, por um tempo; mas somente para esticar-se, com força acumulada. E o que era chamado de auto-negação, na realidade nada mais é do que auto cuidado de si mesmo. E isto é o pior de tudo, o “eu” é tão perigosamente esperto. O coração do homem é “enganoso mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá”[Jeremias 17:9]

Quando somos inclinados a pecar, o “eu” deixa seu esconderijo e labuta duro, com todo o seu poder, com toda a sua força, para fazer-nos pecar. Mas quando o Espírito Santo nos incomoda e nos constrange, evitando que pequemos, então, furtivamente num canto, ele se esconde, enganando-nos na ilusão de que deixou de existir. É então que, com satisfação evidente, a religiosidade iludida pergunta se a negação do “eu” não está completa.

Mas o verdadeiro santo por isto é conhecido: enquanto o alguém auto-iludido está satisfeito com esta trapaça espiritual, ele não está. Ele descobre o truque. Ele então se repreende. Ele tira o “eu” do seu lugar de esconderijo. Ele censura e amaldiçoa aquele ser maléfico que posiciona-se entre ele e o seu Deus. E com gemidos ele suplica, “Gracioso, Todo-Poderoso e Misericordioso Deus, tenha misericórdia de mim”.

Auto-negação não é um ato exterior, mas uma viravolta íntima do nosso ser. Como o navio é virado pelo leme, o qual é movimentado através de uma roda, assim também existe dentro do nosso ser um leme, ou o que quer que você possa chamá-lo, o qual é girado por intermédio de uma pequena roda, e na medida em que nós viramos toda a embarcação seja a sotavento ou a barlavento, nós negamos ou ao “eu” ou a Deus. No seu sentido mais profundo, nós sempre negamos ou um ou o outro. Quando bem nos posicionamos, nós negamos o “eu”; em todos os demais casos, nós negamos a Deus. E a pequena roda com a qual nós viramos toda a embarcação do nosso ego é a nossa intenção. O leme determina o curso do navio; não o seu cordame ou a sua carga; nem o caráter da tripulação, mas a direção do barco, o destino da viagem, o seu porto final. Assim é que, quando vemos a nossa embarcação afastando-se de Deus, nós giramos o leme ao contrário e a compelimos a virar na direção de Deus.

Note a expressão ‘cordame e carga’. O primeiro pode ser impressionante: talento excelente, mente superior, um rico estado de graça. O segundo pode ser muito precioso: um tesouro de conhecimento, de poder moral, de amor consagrado, de religiosidade adoradora e enternecedora. E mesmo com aquele cordame excelente e com aquela carga preciosa, nós podemos virar nossa embarcação para longe de Deus, na direção do “eu”. Então somente existe a auto-negação quando, sem qualquer respeito para com o cordame ou a carga, o homem faça com que sua embarcação rume diretamente para a glória de Deus.

A intenção é tudo. E é esta mesma intenção que pode tão amargamente nos desgarrar. Aquela pequenina roda da nossa intenção é tão excessivamente sensível que um simples toque do

dedo pode inverter a sua ação. Este é o porque de crermos tão prontamente na beleza e na bondade das nossas intenções.

Daí a necessidade de um profundo, correto e íntimo conhecimento do “eu”. E quem o possui? E desde que através da Sua luz o Espírito Santo constantemente refina e purifica o nosso auto-conhecimento, não é perfeitamente natural que; enquanto hoje nos imaginamos estar bem avançados em matéria de auto-negação, somente na próxima semana descobrimos o qual amargamente estamos errados?

Buscar e procurar pelo mais elevado bem e pela salvação eterna, não em cada criatura, mas sim em Deus; usar os dons materiais e espirituais não em nosso próprio benefício, mas para a Sua glória; considerar todas as coisas perecíveis como de nenhuma valia comparadas com as eternas; não desejando ser o senhor de si mesmo, mas como servo de Deus adentrar ao Seu serviço; não mais possuir qualquer coisa preciosa, como dinheiro ou riqueza, nem mesmo os filhos, como seus próprios, mas conhecer-se como o mordomo apontado do Senhor; não mais ter qualquer cuidado ou pensamento ansioso; mas renunciando a toda confiança no homem, no capital em receita fixa, ou em qualquer outra criatura, confiar única e exclusivamente no Deus fiel; harmonizar sua vida à vontade de Deus; e, finalmente, direcionar todas intenções e emoções para longe de si mesmo sob O Amado e Glorioso, — isto não está muito longe de ser alcançado? E o nosso próprio progresso com referência a isto, pode jamais satisfazer-nos?

E todavia, tal auto-negação é exigida para apresentar nossas obras como boas obras de fato, nas quais os anjos podem regozijar-se.

Assim as coisas que o Espírito Santo tomou de Cristo para dar-nos retornam à nossa Certeza; pois é evidente que nem uma sequer das nossas boas obras pode jamais ser completa no sentido de serem boas. Nossa auto-negação nunca é perfeita. Daí a triste queixa de que “nossas melhores obras são sempre poluídas perante Deus”; e a oração pela limpeza, purificação, mesmo das nossas boas obras.

E isto deve ser assim; foi divinamente ordenado que os filhos de Deus nunca deixarão a Cristo. Se eles realmente obtivessem

perfeição, eles perderiam de vista a sua Certeza; mas o fato de que mesmo o seu melhor esforço é poluído leva-os para Cristo para a expiação e a limpeza em Seu sangue. Auto-negação é um fruto da expiação feito perfeito somente através da expiação. E assim, no crescimento e amadurecimento do fruto espiritual, Deus usa nossos pensamentos, nossas palavras e nossos atos como instrumentos de santificação.

Pois o exercício da freqüente auto-negação e o subsequente apresentar do fruto da justiça, sob a graciosa operação do Espírito, não cria hábitos santos na alma? Não é desta forma o natural dobrar-se do coração transferido de Satã para Deus? E quando o Espírito Santo faz destes hábitos santos, deste dobrar do coração em direção à santidade, uma disposição permanente, então nós nos tornamos cooperadores com Deus na nossa própria santificação. Nem é como se Ele fizesse uma parte e nós outra, mas Ele, usando o nosso agir como um cinzel, na escultura da nossa própria alma.

E a partir deste motivo os fiéis ministros da Palavra deveriam persuadir, incitar e constranger os crentes a sempre serem abundantes no serviço do Senhor. A santificação deve ser pregada como com a boca da mais estrondosa trombeta. A Igreja de Cristo necessita disso imperativamente. A palavra que declara que Deus é um Deus que justifica o ímpio não pode ser separada daquela outra palavra: “Sede santos porque Eu sou santo”[Levítico 11:44-45; 19:2; I Pedro 1:16]. As operações da Palavra e do Espírito Santo fluem juntas. Portanto, cada jovem discípulo de Cristo deve não somente confessar o Seu nome e viver de acordo com os desejos do seu coração, mas fugir de luxúrias, de paixões mundanas e caminhar santa e sinceramente perante o Senhor.

Os ministros da Palavra devem ser cuidadosos para não ocultar a majestade do Senhor Jeová por detrás da cruz de Cristo. A responsabilidade deve ser atemorizante, se jamais transparecesse que a nossa pregação da cruz de Cristo, ao invés de estrangular o pecado, sufocasse o viver santo.

(1) Para o sentido no qual o autor toma o Metodismo, veja a seção 5 do Prefácio

VOLUME TRÊS

A Obra do Espírito Santo no Indivíduo

Capítulo Terceiro - Oração

A Essência da Oração.

“Com toda a oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica, por todos os santos”. – Efésios 6:18.

Em último lugar consideremos a obra do Espírito Santo na oração .

É mostrado a partir das Escrituras, mais do que tem sido enfatizado, que no santo ato de orar há uma manifestação do Espírito Santo operando tanto em nós como conosco. Porém, isto parece claramente a partir da palavra apostólica: “ o mesmo modo também o *Espírito* nos ajuda na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o *Espírito mesmo* intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito: que *Ele, segundo a vontade de Deus, intercede pelos santos* ”. (Romanos 8:26,27). Cristo expressa isto com igual transparência quando Ele ensinou a mulher de Samaria que “ Deus é Espírito, e é necessário que os que O adorem O adorem em espírito e em verdade ”; porque, assim Ele acrescentou, “ o Pai procura a tais que assim O adorem ”. Em um sentido quase similar São Paulo escreve aos Efésios: “ Com toda a oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica, por todos os santos ”.

Eles já possuíam a antiga promessa para Zacarias: “ Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de *súplicas* ” (Zacarias 12:10). E esta promessa foi cumprida quando o apóstolo pode testificar concernente a Cristo: “ Porque por ele ambos temos acesso ao Pai em *um mesmo Espírito* ” (Efésios 2:18). No “Aba, Pai” de nossas orações o Espírito Santo testifica com nossos espíritos que nós somos filhos de Deus

(Romanos 8:15). E em seu desejo pela vinda do Noivo, não somente a Noiva, mas o *Espírito* e a Noiva oram: “Vem, Senhor Jesus, vem rapidamente”. Sob uma análise mais cuidadosa, parece que a oração não pode ser separada da regra espiritual de que devemos orar: “ Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas sim o *Espírito que provém de Deus* , a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus ”; uma oração que então oferecemos é: “ as quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras *ensinadas pelo Espírito Santo* , comparando coisas espirituais com espirituais ” (1 Coríntios 2:12,13).

Portanto, não pode haver dúvida de que mesmo em nossas orações devemos reconhecer e honrar uma obra do Espírito Santo; e o especial tratamento deste delicado assunto pode produzir frutos no exercício de nossas próprias orações. Nós não propomos, contudo, tratar aqui todo o assunto da oração, o qual pertence à explanação do Catecismo de Heidelberg neste ponto; mas desejamos simplesmente enfatizar a significância da obra do Espírito Santo para as orações dos santos.

Em primeiro lugar devemos descobrir o fio de prata que, na natureza do caso, conecta a essência de nossa oração com a obra do Espírito Santo.

Porque todas as orações não são iguais. Há uma grande diferença entre a oração sacerdotal do Senhor Jesus e a oração do Espírito Santo com gemidos inexprimíveis. As súplicas dos santos na *terra* diferem da daqueles santos no *céu* , aqueles que regozijam *diante* do trono e aqueles que choram *sob* o altar. Até mesmo as orações dos santos da terra não são a mesma nas várias condições espirituais que eles oram. Há orações da *Noiva* , isto é, de *todos os santos* na terra como um todo, e orações das *assembléias locais* de crentes, súplicas de círculos de *irmãos* quando dois ou três estão reunidos no nome de Jesus; e súplicas de *crentes individuais* derramadas na *solidão* do quarto. E distintas na origem destas orações dos santos são as orações dos ainda *não convertidos* , regenerados ou não, os quais clamam a um Deus que desconhecem e ao Qual se opõem.

A questão é se o Espírito Santo é ativo em algumas ou em todas estas orações. Ele afeta nossas orações somente quando, em raros momentos de elevada vida espiritual, temos íntima comunhão com Deus? Ou Ele afeta somente as orações dos santos, excluindo aquelas dos *não convertidos* ? Ou Ele afeta todas orações e súplicas, seja ela de um santo ou de um pecador?

Antes de respondermos esta questão, é necessário definir acuradamente oração. Porque oração pode ocorrer em um sentido limitado, como um ato religioso requerendo algo de Deus, em cujo caso é meramente a expressão de um desejo brotado de um consciente desejo, vazio, ou necessidade que pedimos para Deus suprir; um apelo ao poder e providência divina, na pobreza para ser enriquecido, em perigo para ser protegido, em tentação para ser mantido de pé. Ou ela pode ser tomada em um amplo sentido e incluir *ação de graças* . No Serviço de Oração da Igreja Reformada sempre inclui o Serviço de Ação de Graças. Neste sentido o Catecismo de Heidelberg a trata, chamando a oração de a parte principal da ação de graças (q. ii6). De fato, quase que não podemos conceber a oração, em um alto sentido, ascendendo ao Trono da Graça sem ação de graças.

Demais, a oração também inclui louvor e todo derramar da alma. Oração sem louvor e ação de graças não é oração. Na súplica dos santos oração e adoração andam juntos. Oprimida com a multidão de pensamentos, a alma pode não ter nenhuma súplica definida, ou ação de graças, ou hino de louvor, todavia freqüentemente sente constrangida á derramar aqueles pensamentos diante do Senhor. Quando no Salmo 90, Moisés derramou sua oração, há: (1) uma súplica, “ Senhor!, até quando? Tem compaixão dos teus servos ”; (2) ação de graças, “ Senhor, tu tens sido o nosso refúgio de geração em geração ”; (3) louvor, “ Antes que nascessem os montes, ou que tivesses formado a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade tu és Deus ”. E além disto há (4) um derramamento dos pensamentos que enchiam sua alma: “ Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos conturbados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades, à luz do teu rosto os nossos pecados ocultos. Pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação; acabam-se os

nossos anos como um suspiro. A duração da nossa vida é de setenta anos; e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, a medida deles é cansada e enfada; pois passa rapidamente, e nós voamos”.

E assim encontramos na oração sacerdotal de Cristo: (1) uma súplica, “ Agora, pois, glorifica- me tu , ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse ”; ou, “ Pai santo, guarda-os no teu nome, o qual me deste, para que eles sejam um, assim como nós ”; (2) ação de graças, “ Assim como Me deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos aqueles que Me tens dado ”; (3) louvor, “ Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; conheceram que tu me enviaste ”; (4) e além disto um múltiplo derramar da alma, o qual não é nem oração, nem louvor, nem ação de graças, “ Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas ”; “ Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer ”; “ Por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade ”.

Não designamos um lugar especial para a confissão de culpa e pecado, porque esta está inclusa na súplica, para a qual ela guia e da qual ela é a causa movedora; visto que a confissão da condição perdida da alma e da tendência natural para a condenação necessariamente devem guiar ao derramamento da alma.

Portanto, falando compreensivamente, entendemos por oração: *cada ato religioso pelo qual começamos a falar diretamente com o Eterno Ser* .

A única dificuldade está no Hino de Louvor. Porque não pode ser negado que em vários salmos há um direto falar a Deus em hinos de louvor; e, portanto, a distinção entre o Louvor e o Hino de Louvor pode confundir-se.

Há quatro passos no Hino de Louvor: ele pode ser um cântico de louvor a Deus *diante de uma só alma* ; ou *diante os ouvidos dos irmãos* ; ou *diante do mundo e dos demônios* ; ou por último, *diante do próprio Senhor Deus* .

Quando a chama da santa alegria queima livremente no coração do santo, embora ele esteja sozinho ou algemado no calabouço, ele se sente constrangido, pela sua própria satisfação aparentemente, à cantar em voz alta um salmo de louvor a Deus.

Dessa forma que Davi cantou: “Amo ao Senhor porque Ele ouviu a minha voz e a minha súplica”. Diferente é o Hino de Louvor quando, com e para os irmãos, os santos cantam na companhia dele; porque então eles cantam, “ Bem-aventurado o povo que conhece o som festivo, que anda, ó Senhor, na luz da tua face” ; ou diretamente dirigido ao povo de Deus: “ Vós, descendência de Abraão, Seu servo, vós, filhos de Jacó, Seus escolhidos. Ele é o Senhor nosso Deus, os Seus juízos estão em toda a terra ”. E outra coisa é o Hino de Triunfo, que a Igreja canta aparentemente diante do mundo e dos demônios, então os santos cantam: “ Tu és a glória da nossa força; e em Teu favor nossos poder será exaltado; porque o Senhor é nossa defesa; o Santo de Israel é o nosso Rei ”.

Mas o Hino de Louvor sobe alto quando é dirigido ao Eterno; quando o santo não pensa em si mesmo, nem em seus irmãos, nem nos demônios, mas no Senhor Deus somente. Este é o louvor em seu mais solene aspecto. No cântico das sentenças de abertura do Salmo 51 ou Salmo 130, a diferença é imediatamente sentida:

“Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias”;

Ou:

“Das profundezas clamo a ti, ó Senhor. Senhor, escuta a minha voz, estejam os Teus ouvidos atentos à voz das minhas súplicas”.

Então, oração e canto se tornam realmente um: Para orar em voz alta, a Igreja deve cantar, embora mais pelo motivo da súplica do que do canto.

Tradução livre: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 19 de Março de 2003
